



VOYAGES EXTRAORDINAIRES  
PAR  
JULES VERNE



A  
JANGADA  
EDIÇÃO BILÍNGUE



COLLECTION HETZEL



## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



VOYAGES EXTRAORDINAIRES  
PAR  
JULES VERNE

A  
JANGADA  
EDIÇÃO BILÍNGUE

COLLECTIOS HETZEL



**JULES VERNE**

# **A JANGADA**

**800 léguas pelo Amazonas**

**Tradução de Maria Alice Araripe de Sampaio Dória**  
**Título original: LA JANGADA, Huit cent lieues sur l'Amazone**





*Ilustração de Léon Benett para a edição original  
(Pierre-Jules Hetzel, 1881)*

Em 1852, uma jangada gigantesca que só a imaginação de Jules Verne poderia construir deixa Iquitos, no Peru, rumo a Belém, no Brasil, com um duplo objetivo. Oficialmente, para o casamento da filha de um rico latifundiário, Joam Garra, que derruba uma floresta para reproduzir, na imensa embarcação, todos os confortos de sua propriedade. No íntimo, porém, ele espera conseguir a revisão de uma sentença que, injustamente, o condenou à morte vinte e seis anos antes por um crime que não cometeu.

## Primeira parte

---



*«Phyjslyddqfdz xgasgz zq qe hxgk fndrx ujugiocytdxvksbxhhuypo  
hdvryrmhuhpuydkjoxp h e toz sle t n p m v f f o v p d p a j x h y n o j y g g a y m e  
q y n f u q l n m v l y f g s u z m q i z t l b q g y u g s q e u b v n r c r e d g r u z b l r m x y u h q h p  
z d r r g c r o h e p q x u f i v v r p l p h o n t h v d d q f h q s n t z h h h n f e p m q k y u u e x k t o g  
z g k y u u m f i j d q d p z j q s y k r p l x h x q r y m v k l o h h h o t o z v d k s p p s u v j h d .*

O homem que segurava o documento, cujo último parágrafo era formado por essa estranha mistura de letras, ficou pensativo por alguns instantes depois de relê-lo atentamente.

O documento possuía uma centena dessas linhas, que não eram nem mesmo divididas por palavras. Parecia ter sido escrito há muitos anos e, na folha de papel grosso coberta pelos hieróglifos, o tempo já depositara sua pátina amarelada.

Porém, de acordo com que regra as letras haviam sido reunidas? Aquele homem era o único que poderia dizê-lo. Na verdade, as linguagens cifradas são como as fechaduras dos cofres-fortes modernos: elas são protegidas da mesma maneira. Há bilhões de combinações possíveis e toda a vida de um computador não seria suficiente para enumerá-las. Precisamos da "senha" para abrir um cofre de segurança; precisamos da "cifra" para ler um criptograma desse tipo. Por isso, é o que veremos, o documento resistira às tentativas mais engenhosas de decifrá-lo e nas circunstâncias da mais alta gravidade.

O homem que acabara de ler o documento não passava de um simples capitão-do-mato.

No Brasil, recebiam a denominação de "capitães-do-mato" os agentes empregados na busca dos negros fugitivos. Essa instituição data de 1722. Naquela época, as ideias anti-escravagistas só existiam no espírito de alguns filantropos. Foi preciso que se passasse mais de um século para que os povos civilizados aceitassem e adotassem essas ideias. No entanto, é o que parece, isso é um direito, o primeiro dos direitos naturais do homem-que e ser livre, dono de si mesmo e, todavia, milhares de anos transcorreram antes que surgisse em algumas nações o generoso pensamento de ousar proclamá-lo.

Em 1852 — ano em que se passa esta história — ainda havia escravos no Brasil e, conseqüentemente, capitães-do-mato para caçá-los. Algumas razões de economia política retardaram o momento da emancipação geral; mas o negro já tinha o direito de comprar sua alforria e os filhos que dele nasciam já nasciam livres.

Contudo, não estava longe o dia em que esse magnífico país, no qual poderiam caber três quartos da Europa, não teria um único escravo entre seus dez milhões de habitantes.

Na realidade, a função de capitão-do-mato estava destinada a desaparecer num período muito próximo e, na época desta história, os ganhos conseguidos com a captura dos fugitivos haviam diminuído sensivelmente. Ora, se durante o longo período em que os lucros dessa profissão eram bem compensadores, os capitães-do-mato constituíam um mundo de aventureiros, mais comumente formado de escravos libertos e desertores que mereciam pouca estima, é natural que, naquele momento, os caçadores de escravos pertencessem à escória da sociedade e, muito provavelmente, o homem do documento não denegaria a pouco recomendável milícia dos capitães-do-mato.

Esse Torres — assim ele se chamava — não era um mestiço, nem um índio, nem um negro, como a maioria dos seus companheiros: era um branco de origem brasileira, que recebera um pouco mais de instrução do que o necessário para a sua situação presente. Efetivamente, devemos vê-lo apenas como um desses desclassificados, igual a tantos outros encontrados nas longínquas regiões do Novo Mundo, e se, numa época em que a lei brasileira ainda excluía os mulatos e outros mestiços de alguns empregos, essa exclusão o atingira, não havia sido por causa da sua origem e sim devido à indignidade pessoal.

Aliás, Torres já não estava no Brasil. Recentemente atravessara a fronteira e havia alguns dias percorria as florestas do Peru, por onde avançava o curso do Alto Amazonas.

Torres era um homem de uns trinta anos, físico bem constituído, sobre o qual a fadiga de uma vida um tanto problemática não parecia ter efeito, graças a um temperamento excepcional e a uma saúde de ferro.

De estatura média, ombros largos, traços regulares, andar firme, rosto bronzeado pelo clima ardente dos trópicos, usava uma espessa barba preta. Os olhos, perdidos sob uma grossa sobrancelha, lançavam esse olhar vivo, mas seco, das naturezas impudentes. Mesmo na época em que o clima ainda não o havia bronzeado, seu rosto, em vez de enrubescer facilmente, devia antes se contrair sob a influência das paixões condenáveis.

Torres trajava-se de acordo com a moda rudimentar dos caçadores. Suas roupas davam mostras de um uso prolongado: na cabeça, usava um chapéu de couro de abas largas, colocado de través; da cintura para baixo, uma calça de lã grossa que se perdia no cano das pesadas botas, a parte mais resistente do vestuário; por cima de tudo, um "poncho" desbotado, amarelado, não deixava ver como era o casaco nem o que restava do colete que lhe cobriam o peito.

Mas se Torres era um capitão-do-mato, evidentemente já não exercia essa profissão, pelo menos nas condições atuais. Isso se via nos insuficientes meios de defesa e ataque para a perseguição dos negros. Nenhuma arma de fogo: nem

espingarda nem revólver. Na cintura, apenas um desses objetos que parecem mais um sabre do que uma faca de caça e que é chamado de "machete". Além disso, Torres estava munido de uma "enxada", usada particularmente na caça aos tatus e às cutias, que abundam nas florestas do Alto Amazonas, onde, geralmente, não há muito o que se temer dos animais selvagens.

Em todo o caso, naquele dia, de maio de 1852, o aventureiro devia estar totalmente absorvido na leitura do documento diante de seus olhos ou, então, acostumado a perambular pelos bosques da América do Sul, mostrava-se indiferente aos esplendores das florestas. De fato, nada poderia distraí-lo da sua ocupação: nem o berro prolongado dos macacos gritadores que, acertadamente, o senhor Saint-Hilaire comparou ao ruído da machadada do lenhador descendo sobre os galhos das árvores; nem o seco tilintar dos anéis do crótalo, serpente pouco agressiva, é verdade, mas altamente venenosa; nem a voz aguda do sapo-de-chifre, que leva o prêmio de feiúra na classe dos répteis; nem mesmo o coaxar ao mesmo tempo sonoro e grave da rã que muge, que, se não consegue ultrapassar o boi em Corpulência, iguala-o na intensidade dos mugidos.

Torres não ouvia nada de todos esses alaridos, que formam a complexa voz das florestas do Novo Mundo. Deitado ao pé de uma árvore magnífica, nem ao menos admirava a alta ramagem do "pau-ferro", de casca escura, cheio de bagos, duro como o metal, o qual substitui na arma e nos objetos do índio selvagem. Não! Abstraído nos seus pensamentos, o capitão-do-mato virava e revirava entre os dedos o singular documento. Com a cifra, cujo segredo possuía, dava a cada letra o verdadeiro sentido; lia, dominava o sentido das linhas incompreensíveis para qualquer outro que não ele e, então, abria um sorriso maldoso.

Depois, ele se deixou levar num murmúrio a meia-voz de algumas frases que ninguém poderia ouvir nesse lugar deserto da floresta peruana e que, aliás, ninguém compreenderia: — Sim — ele disse —, eis uma centena de linhas nitidamente escritas, que têm para alguém, que eu sei quem é, uma importância da qual nem desconfia! Esse alguém é rico! É uma questão de vida ou morte para ele e, em qualquer lugar, isso custa caro!

E, olhando o documento com avidez: — Apenas um conto de réis para cada palavra da última frase, é uma boa quantia! Essa frase tem seu preço! Ela resume todo o documento! Dá os verdadeiros nomes às verdadeiras pessoas!

Porém, antes que alguém tente compreendê-la, deveria começar por determinar o número de palavras que contém e, mesmo assim, o verdadeiro sentido ainda lhe escaparia!

Dito isso, Torres começou a contar mentalmente.

— Há cinquenta e sete palavras — gritou —, o que soma cinquenta e sete contos! Só com isso é possível viver no Brasil, na América, em qualquer lugar que se queira, e viver sem fazer nada! E o que seria, então, se todas as palavras

do documento me fossem pagas a esse preço!

— Seriam centenas de contos de réis! Ah! Mil diabos! Tenho aqui uma fortuna para receber ou serei o último dos idiotas!

Parecia que as mãos de Torres, apalpando a enorme soma, já se fechavam sobre os pacotes de ouro.

Bruscamente, seu pensamento tomou um novo curso.

— Finalmente — ele gritou — atingi meu objetivo e não lamento o cansaço da viagem que me levou das margens do Atlântico ao curso do Alto Amazonas! Esse homem poderia ter deixado a América, poderia estar além dos mares e, aí, como eu poderia chegar até ele? Mas não! Ele está aqui, e, se eu subir no topo de uma dessas árvores, poderei ver o telhado da casa onde mora com toda a família!

Em seguida, pegou o papel e agitou-o, febril: — Ainda hoje — disse — estarei diante dele! Ainda hoje saberá que sua honra e sua vida estão contidas nestas linhas! E quando quiser conhecer a cifra para poder lê-las, bom, terá de pagar por ela! Pagará, se eu quiser, com toda a sua fortuna, como também pagará com seu sangue! Ah! Mil diabos! O digno companheiro de milícia que me deu este documento precioso, que me deu o segredo, que me disse onde eu encontraria seu ex-colega e o nome sob o qual ele se esconde há tantos anos, esse digno companheiro nem suspeitava que fazia a minha fortuna!

Torres olhou uma última vez para o papel amarelado e, depois de dobrá-lo com cuidado, guardou-o num estojo de cobre, que também lhe servia de porta-moedas.

Na verdade, se toda a fortuna de Torres estava nesse estojo, do tamanho de um porta-charutos, em nenhum país do mundo ele passaria por rico. Ali havia um pouco de cada uma das moedas dos países vizinhos: dois condores de ouro dos Estados Unidos da Colômbia, cada um deles valendo em torno de dez pesos, bolívares venezuelanos que davam uma soma igual, soles peruanos que somavam o dobro, alguns escudos chilenos e outras moedas de baixo valor. Mas tudo isso não dava uma soma muito alta e, ainda por cima, Torres ficaria muito embaraçado para dizer onde e como a conseguira.

A única certeza é que, alguns meses antes, depois de abandonar bruscamente o trabalho de capitão-do-mato que exercia na província do Pará, Torres havia subido a bacia amazônica e atravessara a fronteira para entrar em território peruano.

Além do mais, para esse aventureiro, não seria preciso muito para viver. Quais as despesas necessárias? Nada para moradia, nada para roupas. A floresta dava-lhe o alimento que ele preparava sem gastos, à moda dos caçadores do mato. Bastavam-lhe alguns réis para o tabaco que comprava nas missões ou nos povoados, outro tanto para a aguardente do cantil. Com pouco, podia ir longe.

Depois de acondicionar o papel no estojo de metal, cuja tampa fechava

hermeticamente, em vez de guardá-lo de volta no bolso da japona coberta pelo poncho, achou melhor, por excesso de precaução, depositá-lo ao seu lado, no vão da raiz de uma árvore, em cujo pé estava deitado.

Uma imprudência que lhe custaria caro!

Fazia muito calor. O tempo estava carregado. Se a igreja da aldeia mais próxima possuísse um relógio, teria soado as duas horas da tarde e, com o vento que transporta o som, Torres teria escutado, porque não estava a mais de duas milhas de distância.

Mas, sem dúvida, a hora era-lhe indiferente. Habitado a guiar-se pela altura, mais ou menos calculada, do sol no horizonte, um aventureiro não saberia dar exatidão militar aos diferentes atos da vida. Ele almoça e janta quando lhe apraz ou quando pode.

Dorme onde e quando é tomado pelo sono. Se nem sempre a mesa está posta, a cama está sempre feita ao pé de uma árvore, na maciez de uma moita em plena floresta. Torres não era muito exigente em questões de conforto. A propósito, havia andado uma grande parte da manhã, acabara de comer um pouco e, agora, sentia que precisava dormir. Duas ou três horas de repouso iriam deixá-lo em condições de retomar a caminhada. Então, deitou-se na relva o mais confortavelmente que pôde, esperando o sono chegar.

No entanto, Torres não era dessas pessoas que dormem sem se preparar para essa operação com algumas preliminares. Ele tinha o hábito de, em primeiro lugar, tomar alguns goles de uma bebida forte, depois, fumava um cachimbo. A aguardente superexcita o cérebro e a fumaça do tabaco mistura-se à fumaça dos sonhos. Ao menos essa era a opinião dele.

Torres começou, então, por levar aos lábios o cantil, que trazia ao seu lado. Ele continha uma bebida conhecida geralmente pelo nome de "chica" no Peru e, mais particularmente, pelo de "caisuma" no Alto Amazonas. Ela é produzida com uma rápida destilação da raiz de mandioca doce, provocando-se sua fermentação, e à qual o capitão-do-mato, um homem de paladar meio embotado, achava que devia acrescentar uma boa dose de tafá.

Depois de tomar alguns goles dessa bebida, Torres agitou o cantil e constatou, não sem pesar, que estava quase vazio.

— A ser renovado! — disse, simplesmente.

Em seguida, tirando um cachimbo curto feito de raiz, ele o encheu com o tabaco acre e inferior do Brasil, cujas folhas pertenciam à petúnia, levada para a França por Nicot, a quem devemos a vulgarização da mais produtiva e mais divulgada das solanáceas.

O tabaco não tinha nada em comum com o scaferlati de alta qualidade produzido nas manufaturas francesas, mas Torres não era mais exigente nesse ponto do que em outros. Ele atritou o fuzil na pedra, pôs fogo num pouco dessa substância viscosa conhecida pelo nome de "isca de formiga", secretada por

alguns himenópteros, e acendeu o cachimbo.

Na segunda aspiração, seus olhos se fecharam, o cachimbo escapou-lhe dos dedos e adormeceu, ou melhor, caiu numa espécie de torpor que não era um sono de verdade.

## 2 ASSALTANTE E ASSALTADO

---

Torres dormia havia mais ou menos meia hora, quando um ruído se fez ouvir sob as árvores. Era um ruído de passos sorrateiros, como se alguém andasse descalço, tomando certas precauções para não ser ouvido. Ficar de sobreaviso contra qualquer aproximação suspeita teria sido o primeiro cuidado do aventureiro, se estivesse de olhos abertos naquele momento. Mas o barulho não fora suficiente para acordá-lo, e quem se aproximava pôde chegar perto dele, a dez passos da árvore, sem ser percebido.

Não era um homem, era um "guariba".

De todos os macacos de cauda preênsil encontrados nas florestas do Alto Amazonas, saguis de formas graciosas, sajum de chifre, monos de pêlo cinza, micos que parecem usar uma máscara no rosto careteiro, o guariba é, incontestavelmente, o mais original.

Sociável, menos selvagem, no que difere muito do "mucura", bravio e fétido, ele tende a se associar e, em geral, anda em grupos. Sua presença é assinalada de longe, por um concerto de vozes monótonas, que se parecem com as orações salmodiadas do clero.

Porém, mesmo que a natureza não o tenha feito agressivo, não se pode atacá-lo sem precauções. De qualquer forma, como vamos ver, um viajante adormecido não deixa de ficar exposto, quando um guariba o surpreende nessa situação, sem poder defender-se.

Esse macaco, que também é conhecido no Brasil pelo nome de "barbado", é bem grande. A agilidade e o vigor dos seus membros fazem dele um animal robusto, apto tanto a lutar no chão quanto a saltar de galho em galho, no topo das gigantescas árvores das florestas.

Mas o tal macaco avançava devagar, com prudência. Lançava olhares à direita e à esquerda, agitando rapidamente a cauda. Com esses representantes da raça dos símios, a natureza, que não se contentou em dar-lhes quatro mãos — tornando-os quadrúmanos —, mostrou-se mais generosa e, na verdade, eles têm cinco mãos, pois a extremidade de seu apêndice caudal possui uma perfeita capacidade de preensão.

O guariba aproximou-se sem fazer barulho, segurando um sólido pedaço de pau que, manejado por seu braço forte, podia tornar-se uma arma temível. Ele devia ter percebido o homem deitado ao pé da árvore havia alguns minutos, mas a imobilidade do dorminhoco, sem dúvida, incitou-o a vê-lo mais de perto. Então, avançou, não sem alguma hesitação, e parou, enfim, a três passos do homem.

O rosto barbudo esboçou uma careta que mostrava os dentes afiados, brancos como o marfim, e o bastão foi agitado de uma maneira pouco tranquilizadora para o capitão-do-mato.

Com certeza, a visão de Torres não inspirava ao guariba ideia s amigáveis. Será que ele tinha razões particulares para não gostar da amostra da raça humana que o acaso lhe entregava sem defesa? Talvez! Sabemos que alguns animais guardam na memória os maus-tratos recebidos, e era possível que esse tivesse alguma raiva de reserva contra o caçador.

Na verdade, sobretudo para os índios, o macaco era uma caça à qual se dava muito valor e, independentemente da espécie, eles o perseguiam com a determinação de um Nemrod, não somente pelo prazer de caçar, mas, também, pelo prazer de comê-lo.

Seja como for, se o guariba não parecia disposto a, dessa vez, inverter os papéis, se não chegava ao ponto de esquecer que a natureza fizera dele um simples herbívoro que pensava em devorar o capitão-do-mato, ele parecia, ao menos, decidido a destruir um de seus inimigos naturais.

Por isso, depois de olhá-lo por alguns instantes, o guariba começou a rodear a árvore. Andava lentamente, prendendo a respiração, aproximando-se mais e mais. Sua atitude era ameaçadora, sua cara, feroz. Não havia nada mais fácil do que matar, com um Só golpe, esse homem imóvel e, naquele momento, é certo que a vida de Torres estava por um fio.

O guariba parou uma segunda vez bem perto da árvore, postou-se de lado de modo a ficar por cima da cabeça do homem adormecido e levantou o pedaço de pau para atingi-lo.

Porem, se Torres havia sido imprudente ao depositar ao seu lado, no vão de uma raiz, o estojo com o documento e sua fortuna, essa imprudência salvou-lhe a vida.

Um raio de sol, esgueirando-se por entre os galhos, atingiu o estojo e o metal polido brilhou como um espelho. O macaco, com a frivolidade característica da espécie, imediatamente distraiu-se. Seu pensamento — se é que um animal pode ter pensamentos — tomou, na mesma hora, um outro rumo. Ele se abaixou, catou o estojo, recuou alguns passos e, levantando-o na altura dos olhos, olhou-o, não sem surpresa, fazendo-o cintilar.

Provavelmente ficou ainda mais confuso ao ouvir ressoar as moedas de ouro contidas no estojo. A música encantou-o. Era como um chocalho nas mãos de uma criança. Em seguida, levou-o à boca e seus dentes arranharam o metal, mas não tentaram cortá-lo.

Sem dúvida, o guariba devia acreditar que encontrara um novo tipo de fruta, uma espécie enorme de amêndoa brilhante, com um caroço que se movia livremente na casca. Mas logo percebeu o engano e, mesmo assim não achou que essa fosse uma razão para livrar-se do estojo. Ao contrário, apertou-o mais



na mão esquerda e largou o pedaço de pau que, ao cair, quebrou um galho seco.

Torres acordou com o barulho e, com a presteza das pessoas sempre alertas que passam do sono para o estado de vigília sem transição, ficou imediatamente de pé.

No mesmo instante, percebeu que tinha um problema. — Um guariba! — gritou.

Por isso, depois de olhá-lo por alguns instantes, o guariba começou a rodear a árvore. Andava lentamente, prendendo a respiração, aproximando-se mais e mais. Sua atitude era ameaçadora, sua cara, feroz. Não havia nada mais fácil do que matar, com um só golpe, esse homem imóvel e, naquele momento, é certo que a vida de Torres estava por um fio.

O guariba parou uma segunda vez bem perto da árvore, postou-se de lado de modo a ficar por cima da cabeça do homem adormecido e levantou o pedaço de pau para atingi-lo.

Porém, se Torres havia sido imprudente ao depositar ao seu lado, no vão de uma raiz, o estojo com o documento e sua fortuna, essa imprudência salvou-lhe a vida.

Um raio de sol, esgueirando-se por entre os galhos, atingiu o estojo e o metal polido brilhou como um espelho. O macaco, com a frivolidade característica da espécie, imediatamente distraiu-se. Seu pensamento — se é que um animal pode ter pensamentos — tomou, na mesma hora, um outro rumo. Ele se abaixou, catou o estojo, recuou alguns passos e, levantando-o na altura dos olhos, olhou-o, não sem surpresa, fazendo-o cintilar. Provavelmente ficou ainda mais confuso ao ouvir ressoar as moedas de ouro contidas no estojo. A música encantou-o. Era como um chocalho nas mãos de uma criança. Em seguida, levou-o à boca e seus dentes arranharam o metal, mas não tentaram cortá-lo.

Sem dúvida, o guariba devia acreditar que encontrara um novo tipo de fruta, uma espécie enorme de amêndoa brilhante, com um caroço que se movia livremente na casca. Mas logo percebeu o engano e, mesmo assim, não achou que essa fosse uma razão para livrar-se do estojo. Ao contrário, apertou-o mais na mão esquerda e largou o pedaço de pau que, ao cair, quebrou um galho seco.

Torres acordou com o barulho e, com a presteza das pessoas sempre alertas que passam do sono para o estado de vigília sem transição, ficou imediatamente de pé.

No mesmo instante, percebeu que tinha um problema.

— Um guariba! — gritou.

E pegando a machete que estava perto dele, pôs-se na defensiva.

O macaco, assustado, recuou de imediato e, menos valente diante de um homem acordado do que de um homem adormecido, deu uma rápida cambalhota e esgueirou-se por entre as árvores.

— Já não é sem tempo! — gritou Torres. — O patife ia me matar sem a menor cerimônia!

De repente, entre as mãos do macaco que parará a uns vinte passos e o olhava fazendo caretas como se quisesse desafiá-lo, ele percebeu o precioso estojo.

— Tratante! — gritou de novo. — Ele não me matou, mas fez pior! Roubou-me!

O pensamento de que o estojo continha o seu dinheiro não foi o que o preocupou de início. Mas o que o fez pular foi a lembrança de que o estojo guardava o documento, cuja perda, irreparável, arrastaria com ela todas as suas esperanças.

— Mil diabos! — gritou.

E, dessa vez, custasse o que custasse, querendo pegar seu estojo de volta, Torres lançou-se atrás do guariba.

Ele sabia muito bem que apanhar o ágil animal não seria fácil.

No chão, ele fugiria muito rápido; nos galhos, Torres não o alcançaria. Só um tiro de fuzil com uma boa pontaria conseguiria pará-lo na corrida ou no trajeto aéreo; mas Torres não possuía nenhuma arma de fogo. O sabre e a enxada poderiam vencer o guariba, desde que conseguisse golpeá-lo.

Logo ficou evidente que o macaco só poderia ser pego de surpresa. Daí a necessidade de Torres usar de artimanhas com o malicioso animal. Parar, esconder-se atrás de algum tronco de árvore, desaparecer embaixo de uma moita, incitar o guariba a parar, ou a voltar atrás, não havia outra coisa a tentar. E foi o que Torres fez, começando a perseguição nessas condições; porém, quando o capitão-do-mato desaparecia, o macaco esperava pacientemente que reaparecesse e, com essa manobra, Torres se cansava, sem resultado.

— Guariba danado! — berrou em seguida. — Eu nunca vou conseguir e, desse jeito, ele vai levar-me de volta à fronteira brasileira! Se ao menos deixasse cair o estojo! Mas, não! O tinido das moedas de ouro o diverte! Ah! Ladrão! Se eu conseguir pegá-lo!...

Torres recomeçou a perseguição e o macaco continuou escapulindo com mais rapidez!

Passou-se uma hora nessas condições, sem nenhum resultado. Era natural que Torres insistisse. Como, sem o documento, conseguiria fazer dinheiro?

A raiva tomou conta de Torres. Ele blasfemava, batia com o pé no chão, ameaçava o guariba. O impertinente animal respondia com um belo deboche que o deixava fora de si.

E, então, Torres voltava a persegui-lo. Corria até perder o fôlego, embarçando-se na relva alta, nos arbustos espinhosos, nos cipós entrelaçados, pelos quais o guariba passava como se fosse um saltador de obstáculos. Às vezes, grossas raízes ocultas sob a relva surgiam no seu caminho. Ele tropeçava e

levantava-se novamente. Por fim, surpreendeu-se a gritar: — Acudam! Acudam! Ladrão! — como se alguém pudesse ouvi-lo.

Em pouco tempo, no fim das forças, sem conseguir respirar, foi obrigado a parar.

— Mil diabos! — disse. — Quando eu perseguia os negros fugitivos dentro do matagal, eles me davam menos trabalho! Mas vou pegar esse maldito macaco; vou sim! Vou atrás dele enquanto as pernas me aguentarem, e aí veremos!...

O guariba ficara imóvel ao ver que o aventureiro deixara de perseguí-lo. Também descansava, embora estivesse longe do estado de esgotamento que impedia Torres de fazer qualquer movimento.

O animal permaneceu assim por uns dez minutos, roendo duas ou três rafas que acabara de arrancar à flor da terra e, de tempos em tempos, fazia tilintar o estojo na orelha.

Exasperado, Torres jogava-lhe pedras, que o atingiam, mas sem lhe causar grandes danos, devido à distância.

Era preciso tomar uma atitude. Por um lado, continuar a perseguir o macaco com tão pouca probabilidade de pegá-lo seria insensato; por outro, aceitar como definitiva essa objeção do acaso a todos os seus planos, ser não só vencido, mas frustrado e enganado por um animal idiota, era desesperador.

No entanto, Torres tinha de reconhecer que quando a noite chegasse, o assaltante desapareceria facilmente e ele, o assaltado, ficaria atrapalhado até para encontrar o caminho de volta na espessa floresta. Na verdade, a perseguição levava-o a várias milhas das margens do rio, e ele já teria dificuldade para voltar.

Torres hesitou, tratou de recapitular os pensamentos com sangue-frio e, depois de soltar uma última imprecação, já ia desistir totalmente da ideia de recuperar a posse do estojo, quando, contra sua própria vontade, pensou de novo no documento, em todo o futuro que projetara contando com o dinheiro, e disse a si mesmo que precisava fazer um último esforço.

Então, levantou-se.

O guariba também levantou-se.

Ele deu alguns passos à frente.

O macaco fez o mesmo para trás; porém, agora, em vez de se afundar na floresta, parou ao pé de um enorme ficus — árvore cujos exemplares variados são muito numerosos em toda a bacia do Alto Amazonas.

Segurar no tronco com as quatro mãos, trepar com a agilidade de um acrobata, como faz o macaco, pendurar-se com a cauda preênsil nos primeiros galhos horizontais, quarenta pés acima do solo, depois içar-se ao topo da árvore até o ponto em que os últimos ramos se dobram com seu peso, foi apenas uma brincadeira para o ágil guariba e levou alguns poucos minutos.

Ali, muito bem instalado, ele continuou a refeição interrompida colhendo os

frutos que estavam ao alcance da sua mão. É fato que Torres também sentia necessidade de beber e de comer, mas era impossível! Seu embornal estava murcho, seu cantil, vazio!

Entretanto, em vez de voltar, Torres caminhou na direção da árvore, embora a situação do macaco fosse ainda mais desfavorável para ele. Nem adiantava Torres pensar em trepar nos galhos do ficus, pois o ladrão logo trocaria essa árvore por outra.

E o inalcançável estojo continuava a ressoar no seu ouvido!

Por isso, na sua fúria, na sua loucura, Torres insultava o guariba. Dizer a série de palavras injuriosas com que gratificou o macaco seria impossível. Chegou a chamá-lo, não Só de mestiço, o que já era uma grave injúria na boca de um brasileiro de raça branca, como também de "curiboca", isto é, mestiço de branco com índio! Ora, de todos os insultos que um homem podia dirigir a outro, não havia nenhum mais cruel nessa latitude equatorial.

Contudo, o macaco, que não passava de um quadrúmано, estava pouco ligando para o que teria revoltado um representante da espécie humana.

Torres recomeçou a atirar-lhe pedras, pedaços de raízes, tudo o que pudesse servir de projétil. Será que esperava ferir gravemente o macaco? Não! Ele não sabia o que estava fazendo. Para dizer a verdade, a raiva pela sua impotência tirava-lhe todo o raciocínio.

Talvez esperasse pelo momento em que, num movimento do guariba ao passar de um galho para o outro, o estojo lhe cásse das mãos, e até mesmo que, para pagar na mesma moeda ao agressor, ele se atrevesse a jogá-lo na sua cabeça! Mas, não! O macaco fazia questão de continuar com o estojo, e mesmo segurando-o com uma das mãos, ainda lhe restavam três para movimentar-se.

Torres, desesperado, ia abandonar definitivamente a partida e voltar para o Amazonas, quando um ruído de vozes se fez ouvir.

Sim, um ruído de vozes humanas!

Alguém falava a uns vinte passos do lugar onde o capitão-do-mato estava parado.

O primeiro cuidado de Torres foi esconder-se num espesso arbusto. Como homem prudente que era, não queria mostrar-se sem saber, ao menos, quem iria encontrar.

Com o coração palpitando, muito intrigado, ouvidos bem abertos, ficou esperando, quando, de repente, ecoou a detonação de uma arma de fogo.

Seguiu-se um grito e o macaco, mortalmente atingido, caiu pesadamente ao solo, ainda segurando o estojo de Torres.

— Com os diabos! — ele gritou. — Eis uma bala que veio a calhar!

E, então, sem se preocupar em ser visto, saiu do arbusto no momento em que dois rapazes surgiam embaixo das árvores.

Eram brasileiros, vestidos como caçadores, botas de couro, um leve chapéu

de fibras de palmeira, um casaco, ou melhor, um jaquetão apertado por um cinto, mais cômodo do que o poncho nacional. Pelos seus traços, pelo tom de pele, podia-se reconhecer facilmente que eram de sangue português.

Ambos estavam armados com longos fuzis de fabricação espanhola, que lembram um pouco as armas árabes, fuzis de longo alcance, de mira certa, e que os assíduos frequentadores das florestas do Alto Amazonas manejavam com êxito.

O que acabara de acontecer era uma prova disso. A uma distância oblíqua de mais de oitenta passos, o quadrúmano havia sido atingido por uma bala bem na cabeça.

Além disso, os dois rapazes levavam na cintura uma espécie de punhal, que tem o nome de "foca" no Brasil, e que os caçadores não hesitam em usar para atacar uma onça e outras feras que, embora não sejam muito temíveis, são bem numerosas nessas florestas.

Evidentemente, Torres não tinha nada a temer desse encontro e continuou a correr na direção do corpo do macaco.

E os rapazes, que avançavam na mesma direção e tinham um caminho menor a percorrer, com apenas alguns passos encontraram-se diante de Torres.

Este já havia recuperado a presença de espírito.

— Muito obrigado, senhores! — disselhes alegremente, levantando a aba do chapéu. — Ao matar o perverso animal, prestaram-me um grande serviço!

Os caçadores olharam-se, não compreendendo por que recebiam os agradecimentos.

Torres, em algumas palavras, deixou-os a par da situação.

— Pensam ter matado um simples macaco — disselhes —, mas, na realidade, mataram um ladrão!

— Se lhe fomos úteis — respondeu o mais moço dos dois —, foi, certamente, sem saber; mas não deixamos de ficar muito felizes por termos ajudado em alguma coisa.

E, dando alguns passos para trás, inclinou-se sobre o guariba; em seguida, não sem esforço, retirou o estojo da mão ainda crispada.

— Aqui está — disse ele —, sem dúvida, é isto que lhe pertence, senhor.

— É isso mesmo — respondeu Torres, que pegou rapidamente o estojo e não pôde conter um suspiro de alívio.

— A quem devo agradecer, senhores — disse —, pelo serviço que me foi prestado?

Ao meu amigo, Manoel, médico-cirurgião assistente do exército brasileiro — respondeu o rapaz.

— Se fui eu quem matou o macaco — observou Manoel —, ele me foi mostrado por você, meu caro Benito.

— Nesse caso, senhores — replicou Torres —, é aos dois que devo o favor,

tanto ao senhor Manoel quanto ao senhor... ?

— Benito Garral — respondeu Manoel.

O capitão-do-mato precisou de um grande autocontrole para não estremecer ao ouvir esse nome, principalmente quando o rapaz acrescentou cortesmente:

— A fazenda do meu pai, Joam Garral, está apenas a três milhas<sup>1</sup> daqui. Se for do seu agrado, senhor...

— Torres — respondeu o aventureiro.

— Se for do seu agrado ir até lá, senhor Torres, será hospitaleiramente recebido.

— Não sei se posso — respondeu Torres, que, surpreso com o encontro totalmente inesperado, não conseguia tomar uma decisão. — Na verdade, temo não poder aceitar a sua oferta!... O

incidente que acabei de relatar fez-me perder tempo!... Preciso voltar imediatamente para o Amazonas... pois que pretendo descer até o Pará...

— Bom, senhor Torres — retomou Benito —, é provável que nos vejamos de novo durante o seu trajeto porque, antes de um mês, meu pai, com toda a nossa família, tomará o mesmo caminho que o senhor.

— Ah! — disse Torres com vivacidade. — Seu pai pensa em atravessar a fronteira brasileira?...

— Sim, para uma viagem de alguns meses — respondeu Benito. — Pelo menos é essa a decisão que esperamos que tome.

Não é, Manoel?

Manoel fez um sinal afirmativo com a cabeça. — Bem, senhores — respondeu Torres —, é possível, de fato, que nos encontremos pelo caminho. Mas não posso, apesar de lamentá-lo, aceitar sua oferta, no momento. Todavia, sou duplamente agradecido.

Dito isso, Torres saudou os rapazes, que lhe devolveram a saudação e retomaram o caminho da fazenda.

Quanto a Torres, ficou olhando-os afastarem-se. Em seguida, quando os perdeu de vista:

— Ah, ele vai atravessar a fronteira! — disse em voz baixa.

— Então, que a atravesse, pois ficará, mais ainda, à minha mercê!

Boa viagem, Joam Garral!

E, pronunciadas essas palavras, o capitão-do-mato, dirigindo-se para o sul de modo a voltar para a margem esquerda do rio pelo caminho mais curto, desapareceu na espessa floresta.

### 3 A FAMÍLIA GARRAL

---

O povoado de Iquitos está localizado próximo à margem esquerda do Amazonas, mais ou menos no meridiano 74, na parte do rio que ainda recebe o nome de Marañon, e cujo leito separa o Peru da República do Equador, cinquenta e cinco léguas a oeste da fronteira brasileira.

Iquitos foi fundada por missionários, como todas as outras aglomerações de choupanas, vilas e povoados que encontramos na bacia do Amazonas. Até o décimo sétimo ano deste século, os índios Iquitos, que, por algum tempo, formaram a única população do lugar, foram retornando para o interior da província, bem longe do rio. Porém, um dia, as fontes de suas terras secaram devido a uma erupção vulcânica, e eles precisaram mudar-se para a margem esquerda do Marañon. A raça não demorou a ser alterada em consequência das alianças contraídas com os índios ribeirinhos, ticunas e omáguas, e Iquitos passou a ter uma população mesclada, à qual convém acrescentar alguns espanhóis e duas ou três famílias de mestiços.

Um quarenta choupanas, cujo telhado de palha as tornava dignas apenas do nome de palhoças, era todo o povoado, aliás, pitorescamente agrupado numa esplanada que dominava, a uns sessenta pés de altura, as margens do rio. Uma escada de troncos transversais levava até a parte de cima, mas por ficar totalmente oculta aos olhos do viajante, este não a subia, pois lhe faltava o distanciamento para enxergá-la. Uma vez no alto, a pessoa se deparava com uma cerca, pouco defensiva, de arbustos variados e plantas arborescentes amarradas com cordões de liana, que ultrapassavam aqui e acolá os topos das bananeiras e das palmeiras da espécie mais elegante.

Naquela época — e, sem dúvida, a moda demoraria muito tempo para mudar-lhes a primitiva vestimenta — os índios de Iquitos andavam quase nus. Apenas os espanhóis e os mestiços, que desdenhavam seus conterrâneos indígenas, andavam vestidos com uma simples camisa, uma calça leve de algodão e um chapéu de palha na cabeça. Todos viviam miseravelmente nesse povoado, aliás, não tinham muita convivência uns com os outros e, se por acaso se reuniam, era somente quando o sino da missão os chamava para a choupana deteriorada que servia de igreja.

Porém, se a vida era quase rudimentar, não só no povoado de Iquitos como na maioria das vilas do Alto Amazonas, antes de se percorrer uma légua, descendo o rio, havia uma rica propriedade onde podiam ser encontrados todos os elementos para uma vida confortável.

Era a fazenda de Joam Garral, para onde se dirigiram os dois rapazes depois do encontro com o capitão-do-mato.

Ali, num cotovelo do rio, na confluência com o rio Nanay, de quinhentos pés de largura, muitos anos antes havia sido assentada a "fazenda", para usar a expressão do país, as terras regidas a meias, agora em plena prosperidade. Ao norte, a margem direita do Nanay passava por uma pequena milha, e numa igual distância, a leste, a fazenda beirava o grande rio. A oeste, pequenos cursos d'água, afluentes do Nanay, e algumas lagoas de medíocre extensão, separavam-na dos campos e das campinas, reservados para o pasto dos animais.

Ali, Joam Garral, em 1826 — vinte e seis anos antes da época em que começa essa história — havia sido acolhido pelo proprietário da fazenda.

O português, que se chamava Magalhães, tinha como única atividade explorar as florestas do país, e sua propriedade recentemente fundada não ocupava, então, mais do que meia milha da margem do rio.

Nesse lugar, Magalhães, hospitaleiro como todos os portugueses das antigas famílias, vivia com a filha Yaquita que, depois da morte da mãe, assumira a direção da casa. Magalhães era um bom trabalhador, resistente ao cansaço, mas a instrução lhe fazia falta. Embora se mostrasse apto a dirigir os poucos escravos que possuía e uma dúzia de índios cujos serviços alugava, mostrava-se menos capaz para as diversas operações do seu comércio externo. Por isso, por falta de conhecimento, a propriedade de Iquitos não prosperava e as transações comerciais do negociante português eram um pouco confusas.

Foi nessas circunstâncias que Joam Garral, então com vinte e dois anos, encontrou-se, um dia, diante de Magalhães. Ele conseguira chegar à região, mas no fim das forças e dos recursos.

Magalhães encontrara-o semimorto, de fome e de cansaço, na floresta vizinha. Tinha um bom coração, o português. Não perguntou ao desconhecido de onde ele vinha, e sim do que precisava. A fisionomia nobre e altiva de Joam Garral, apesar do esgotamento, sensibilizara-o. Ajudou-o a ficar de pé e, inicialmente, ofereceu-lhe por alguns dias uma hospitalidade que duraria a vida inteira.

Essa foi a situação que introduziu Joam Garral na fazenda de Iquitos.

Brasileiro de nascença, Joam Garral não tinha família, nem fortuna. Os sofrimentos, disse ele, forçaram-no a exilar-se, abandonando qualquer ideia de regresso. Pediu permissão ao seu anfitrião para não explicar as adversidades passadas — adversidades tão graves quanto imerecidas. O que buscava, o que queria, era uma vida nova, uma vida de trabalho. Havia saído sem destino certo, pensando em fixar-se em alguma fazenda do interior.

Era instruído, inteligente. Suas maneiras tinham aquele não sei o quê, anunciando um homem sincero, de alma pura e retilínea.

Completamente cativado, Magalhães ofereceu-lhe ficar na fazenda, onde



estava em condições de proporcionar o que faltava ao digno fazendeiro.

Joam Garral aceitou sem hesitar. Sua intenção inicial era fazer parte de um "seringal", da exploração de borracha, onde um bom empregado ganhava, na época, cinco ou seis piastras por dia e havia a possibilidade de se tornar patrão, por menos que a sorte o favorecesse; porém, Magalhães o fez ver que, embora o pagamento fosse alto, só se encontrava trabalho nos seringais por ocasião da coleta, ou seja, somente durante alguns meses por ano, o que não podia constituir uma posição estável, tal como o rapaz devia querer.

O português tinha razão. Joam Garral compreendeu e aceitou resolutamente o serviço da fazenda, decidido a consagrar-lhe todas as suas forças.

Magalhães não se arrependeu da boa ação. Os negócios foram recuperados. O comércio de madeira que, pelo Amazonas, estendia-se até o Pará, com o impulso de Joam Garral não demorou a se expandir consideravelmente. A fazenda começou a crescer na mesma proporção e foi ampliada na margem esquerda do rio até a desembocadura do Nanay. Da casa fizeram uma admirável morada, com mais um andar e cercada de varanda, meio escondida sob belas árvores como mimosas, sicômoros, figueiras, bauhinias e paulínias, cujo tronco desaparecia sob uma rede de passifloras, de bromélias com flores escarlates e lianas caprichosas.

Ao longe, atrás dos arbustos gigantes, sob os maciços de plantas arborescentes, ocultava-se o conjunto de construções onde moravam os empregados da fazenda, onde ficavam as dependências comuns, as cabanas dos negros, as malocas dos índios.

Portanto, da margem do rio, guarnecida de juncos e de plantas aquáticas, só se via a casa envolvida pela floresta.

Uma vasta campina laboriosamente arroteada, e que acompanhava as lagoas, oferecia excelentes pastagens. Ali, os animais abundavam. Era uma nova fonte de altas rendas nas ricas terras onde um rebanho duplicava em quatro anos, dando dez por cento de lucro apenas com a venda da carne e das peles dos animais, abatidos para o próprio consumo dos criadores. Alguns "sítios" ou plantações de mandioca e de café foram assentados em partes da floresta onde as árvores haviam sido cortadas. Campos de cana-de-açúcar logo exigiram a construção de um moinho para esmagamento das hastes sacaríferas destinadas à fabricação do melão, do tafiá e do rum. Em resumo, dez anos depois da chegada de Joam Garral à fazenda de Iquitos, o lugar tornara-se uma das mais ricas propriedades do Alto Amazonas. Graças à boa direção dada pelo jovem administrador aos trabalhos internos e aos negócios externos, a prosperidade aumentava dia a dia.

O português não esperou muito tempo para demonstrar seu reconhecimento a Joam Garral. Para recompensá-lo de acordo com o que

merecia, primeiro incluiu-o nos lucros da sua exploração; depois, quatro anos após a sua chegada, o português fez de Joam Garral um sócio com direitos iguais aos dele e as divisões passaram a ser feitas em partes iguais entre os dois.

Mas ele pensava em dar mais ainda. Yaquita, sua filha, também soubera reconhecer no rapaz silencioso, delicado com os outros, duro consigo mesmo, verdadeiras qualidades de coração e de alma. Ela o amava; contudo, mesmo que por seu lado Joam não fosse insensível aos méritos e à beleza dessa moça tão corajosa, às vezes altiva, às vezes reservada, não parecia pensar em pedi-la em casamento.

Um grave incidente apressou a solução.

Um dia, ao orientar o corte de árvores, Magalhães foi mortalmente ferido na queda de uma delas. Levado de volta para a fazenda, quase sem movimento e sentindo que corria perigo de vida, fez se erguer Yaquita, que chorava ao seu lado, tomou-lhe a mão e colocou-a na de Joam Garral, fazendo-o jurar que a tomaria como esposa.

— Você refez a minha fortuna — disse ele — e só morrerei tranquilo se, com essa união, eu sentir o futuro da minha filha assegurado!

— Posso ser um empregado devotado, um irmão, um protetor, sem ser esposo — respondeu, inicialmente Joam Garral. — Eu lhe devo tudo, Magalhães, nunca esquecerei disso e o preço que quer pagar por meus esforços ultrapassa o mérito!

O velho insistiu. A morte não lhe permitia esperar, exigiu uma promessa, que lhe foi feita.

Yaquita tinha vinte e dois anos na ocasião, Joam, vinte e seis.

Ambos se amavam e casaram-se algumas horas antes da morte de Magalhães, que ainda teve forças para abençoar a união.

Foi em consequência dessas circunstâncias que, em 1830, Joam Garral tornou-se o novo fazendeiro de Iquitos, para extrema satisfação de todos aqueles que faziam parte do pessoal da fazenda.

A prosperidade do lugar só poderia aumentar com as duas almas reunidas num único coração.

Um ano depois do casamento, Yaquita deu um filho ao marido, e dois anos depois, uma filha. Benito e Minha, como netos do velho português, deviam ser dignos do avô, como filhos, dignos de Joam e Yaquita.

A menina tornou-se encantadora. Nunca saiu da fazenda.

Criada naquele ambiente puro e saudável, no meio da bela natureza das regiões tropicais, a educação dada pela mãe, a instrução recebida do pai eram-lhe suficientes. O que teria para aprender a mais num convento de Manaus ou de Belém? Onde encontraria melhores exemplos de todas as virtudes pessoais? Sua mente e seu coração poderiam ser mais delicadamente formados longe da casa paterna? Se o destino não lhe reservasse suceder à mãe na administração da

fazenda, ela estaria à altura de qualquer situação vindoura.

Quanto a Benito, a coisa foi diferente. O pai quis, com razão, que recebesse uma educação tão sólida e tão completa como a que se dava nas grandes cidades do Brasil. O rico fazendeiro já não precisava negar nada ao filho. Benito possuía boas inclinações, mente aberta, viva inteligência, coração com qualidades iguais às do espírito. Com doze anos de idade foi enviado ao Pará, em Belém, e ali, sob a orientação de excelentes professores, encontrou os elementos de uma educação que, mais tarde, fariam dele um homem ímpar. Nada nas letras, nem nas ciências, nem nas artes, o deixava indiferente. Ele estudava como se a fortuna do pai não lhe permitisse ficar ocioso. Não era daqueles que acham que a riqueza dispensa o trabalho, e sim desses espíritos valorosos, determinados e íntegros, que acreditam que ninguém deve fugir dessa obrigação natural, se quiser ser digno de ser chamado de homem.

Nos primeiros anos da estada em Belém, Benito conheceu Manoel Valdez. Esse rapaz, filho de um negociante do Pará, fazia seus estudos na mesma instituição que Benito. A semelhança de caracteres, de gostos, não tardou a uní-los numa estreita amizade e eles se tornaram companheiros inseparáveis.

Manoel, nascido em 1832, era um ano mais velho do que Benito. Não tinha ninguém além da mãe, que vivia da modesta fortuna deixada pelo marido. Por isso, assim que terminou os primeiros estudos, Manoel seguiu o curso de medicina. Era apaixonado por essa nobre profissão e tinha intenção de entrar para o serviço militar, que o atraía.

No momento em que o encontramos com o amigo Benito, Manoel Valdez já havia obtido a primeira graduação e viera usufruir alguns meses de licença na fazenda, onde costumava passar as férias. O rapaz, de boa aparência, fisionomia marcante, uma certa altivez natural que lhe caía bem, era um filho a mais que Joam e Yaquita tinham na casa. Mas se a qualidade de filho fazia dele um irmão de Benito, esse título lhe pareceu insuficiente em relação a Minha e, em breve, deveria ligar-se à jovem por um laço mais estreito do que aquele que une um irmão a uma irmã.

No ano de 1852 — do qual quatro meses já haviam passado do início dessa história — Joam Garrai estava com quarenta e oito anos. Sob um clima devastador que consome rapidamente as pessoas, ele conseguira resistir, pela sua sobriedade, gostos austeros, vida honrada, toda dedicada ao trabalho, onde outros eram vencidos antes da hora. O cabelo, que usava curto, e a barba, que lhe cobria todo o rosto, já estavam grisalhos e davam-lhe o aspecto de um homem puritano. A honestidade proverbial dos negociantes e fazendeiros brasileiros estava desenhada na sua fisionomia, e a retidão era a característica que mais se destacava.

Embora de temperamento calmo, percebia-se nele um fogo interior que a vontade sabia dominar. A limpidez do olhar indicava uma força vivaz, para a

qual nunca apelava em vão, quando se tratava de um esforço pessoal.

E, no entanto, nesse homem calmo, de sangue forte, que parecia ter sucesso em tudo na vida, notava-se um fundo de tristeza, que nem a ternura de Yaquita conseguira vencer.

Por que esse homem justo, respeitado por todos, com todas as condições que garantem a felicidade, não era riosamente expansivo? Por que só parecia feliz pelos outros, não por si mesmo?

Devia-se atribuir esse estado de espírito a alguma dor secreta? Isso era motivo de constante preocupação para a sua mulher.

Yaquita tinha então quarenta e quatro anos. Nesse país tropical, onde suas semelhantes já eram velhas aos trinta, ela também soubera resistir às debilitantes influências climáticas. Seus traços, um pouco envelhecidos, mas ainda bonitos, conservavam a altiva determinação do tipo português, no qual a nobreza do rosto se une naturalmente à dignidade da alma.

Benito e Minha respondiam com uma afeição sem limites e a qualquer hora ao amor que os pais tinham por eles.

Benito, então com vinte e um anos, vivo, corajoso, simpático, muito expansivo, contrastava nesse aspecto com o amigo Manoel, mais sério, mais pensativo. Era uma grande alegria para Benito, depois de todo um ano passado em Belém, tão longe da fazenda, regressar com o jovem amigo para a casa paterna; rever o pai, a mãe, a irmã; voltar, como caçador determinado que era, para as magníficas florestas do Alto Amazonas, da qual, por muitos anos ainda, o homem não conheceria todos os segredos.

Minha, na época, estava com vinte anos. Era uma moça encantadora, morena com grandes olhos azuis, desses olhos que são a abertura da alma. De estatura média, bem-feita de corpo, uma graça exultante, ela lembrava o belo tipo físico de Yaquita. Um pouco mais séria do que o irmão, boa, caridosa, afável, era amada por todos. Sobre esse aspecto, podia-se interrogar sem receio os mais humildes servos da fazenda. Porém, não se devia perguntar ao amigo do irmão, Manoel Valdez, "o que achava dela"! Ele estava muito envolvido na questão e não responderia sem alguma parcialidade.

O desenho da família Garral não ficaria completo e faltariam alguns traços, se não se falasse dos numerosos empregados da fazenda.

No primeiro escalão, convém citar uma velha negra de sessenta anos, Cybele, livre por vontade do patrão, escrava pela afeição que sentia por ele e pela família, e que havia sido ama-deleite de Yaquita. Ela era da família. Tratava com intimidade a filha e a mãe. Essa boa criatura passara toda a vida nesses campos, no meio dessas florestas, na margem do rio que demarcava o horizonte da fazenda. Viera para Iquitos ainda criança, na época em que ainda se fazia o tráfico de negros, nunca saía desse povoado, ali se casara e, viúva muito cedo, tendo perdido o único filho, ficara a serviço dos Magalhães. Do

Amazonas, Só conhecia o trecho que corria diante de seus olhos.

Benito e Minha respondiam com uma afeição sem limites e a qualquer hora ao amor que os pais tinham por eles.

Benito, então com vinte e um anos, vivo, corajoso, simpático, muito expansivo, contrastava nesse aspecto com o amigo Manoel, mais sério, mais pensativo. Era uma grande alegria para Benito, depois de todo um ano passado em Belém, tão longe da fazenda, regressar com o jovem amigo para a casa paterna; rever o pai, a mãe, a irmã; voltar, como caçador determinado que era, para as magníficas florestas do Alto Amazonas, da qual, por muitos anos ainda, o homem não conheceria todos os segredos.

Minha, na época, estava com vinte anos. Era uma moça encantadora, morena com grandes olhos azuis, desses olhos que são a abertura da alma. De estatura média, bem-feita de corpo, uma graça exultante, ela lembrava o belo tipo físico de Yaquita. Um pouco mais séria do que o irmão, boa, caridosa, afável, era amada por todos. Sobre esse aspecto, podia-se interrogar sem receio os mais humildes servos da fazenda. Porém, não se devia perguntar ao amigo do irmão, Manoel Valdez, "o que achava dela"! Ele estava muito envolvido na questão e não responderia sem alguma parcialidade.

O desenho da família Garral não ficaria completo e faltariam alguns traços, se não se falasse dos numerosos empregados da fazenda.

No primeiro escalão, convém citar uma velha negra de sessenta anos, Cybele, livre por vontade do patrão, escrava pela afeição que sentia por ele e pela família, e que havia sido ama-deleite de Yaquita. Ela era da família. Tratava com intimidade a filha e a mãe. Essa boa criatura passara toda a vida nesses campos, no meio dessas florestas, na margem do rio que demarcava o horizonte da fazenda. Viera para Iquitos ainda criança, na época em que ainda se fazia o tráfico de negros, nunca saíra desse povoado, ali se casara e, viúva muito cedo, tendo perdido o único filho, ficara a serviço dos Magalhães. Do Amazonas, Só conhecia o trecho que corria diante de seus olhos.

Com ela, e mais especialmente ligada ao serviço de Minha, havia uma bonita e risonha mulata, da mesma idade da moça, e que lhe era totalmente devotada. Chamava-se Lina. Era uma dessas gentis criaturas, um pouco caprichosas, às quais permitimos uma grande familiaridade, mas que, em compensação, adoram as patroas. Cheia de vida, irrequieta, carinhosa, meiga, tudo lhe era permitido na casa.

Quanto aos outros serviçais, eles podiam ser divididos em dois tipos: os índios, em número de cem, que recebiam pagamento pelo trabalho na fazenda, e os negros, que somavam o dobro, e ainda não eram livres, mas cujos filhos não nasciam mais escravos.

João Garral precedera nessa conduta ao governo brasileiro. Nesse país, aliás, mais do que em qualquer outro, os negros trazidos de Benguela, do Congo,

da Costa do Ouro, sempre foram tratados com clemência e não seria ali, na fazenda de Iquitos, que se deveriam buscar os tristes exemplos de crueldade, tão frequentes nas plantações estrangeiras.

Manoel amava a irmã do amigo Benito, e a jovem correspondia à afeição. Ambos puderam fazer uma avaliação: eram verdadeiramente dignos um do outro.

Quando teve certeza dos sentimentos que experimentava por Minha, Manoel abriu-se, primeiro, com Benito.

— Amigo Manoel — respondeu imediatamente o rapaz entusiasmado —, está certo em querer desposar minha irmã! Deixe-me agir! Vou começar falando com minha mãe, e creio poder prometer-lhe que o consentimento dela não se fará esperar!

Meia hora depois, estava feito. Benito não precisara contar nada à mãe: a boa Yaquita lera, antes deles, o coração dos dois jovens.

Dez minutos depois, Benito estava diante de Minha. Temos de admitir que, com ela também, não precisou usar da sua eloquência.

Às primeiras palavras, a gentil criança apoiou a cabeça no ombro do irmão e esta confissão, "Como estou contente!", escapou do seu coração!

A resposta praticamente precedeu à pergunta: ela era clara.

Benito não perguntou mais nada.

Quanto ao consentimento de Joam Garral, não podia haver dúvidas. Mas se Yaquita e os filhos não lhe falaram imediatamente sobre o projeto da união, foi porque com o assunto do casamento queriam tratar ao mesmo tempo de uma questão que poderia ser mais difícil de resolver: o lugar onde seria celebrado.

Na verdade, onde seria realizado? Na modesta palhoça do povoado que servia de igreja? Por que não? Já que, ali, Joam e Yaquita haviam recebido a bênção nupcial do padre Passanha, que, então, era o vigário da paróquia de Iquitos. Naquela época, como atualmente, no Brasil, o ato civil era associado ao ato religioso, e os registros da missão eram suficientes para comprovar a regularidade de uma situação que nenhum oficial do registro civil havia sido encarregado de regularizar.

Provavelmente, o desejo de Joam Garral seria que o casamento fosse realizado no povoado de Iquitos, numa grande cerimônia, com a presença de todo o pessoal da fazenda; porém, se esse era o seu pensamento, ia sofrer um vigoroso ataque a esse respeito.

— Manoel — disse a jovem ao noivo —, se eu fosse consultada, não seria aqui e sim no Pará que nos casaríamos. A senhora Valdez está doente, não pode vir a Iquitos e eu não gostaria de tornar-me sua filha sem que ela me

conhecesse, e sem conhecê-la. Minha mãe pensa como eu a respeito disso tudo. Portanto, vamos convencer meu pai a levar-nos a Belém, para perto daquela cuja casa em breve será a minha! Concorda conosco?

À pergunta, Manoel respondeu apertando a mão de Minha.

Era, para ele também, o mais caro desejo que a mãe assistisse à cerimônia do casamento. Benito aprovara o projeto sem reservas e só faltava a decisão de Joam Garral.

E, naquele dia, os dois jovens foram caçar na floresta para deixar Yaquita a sós com o marido.

À tarde, estavam ambos na grande sala da casa.

Joam Garral, que acabara de voltar para casa, estava recostado no divã de bambu finamente trançado, quando Yaquita, um pouco emocionada, veio colocar-se ao seu lado.

Anunciar a Joam quais eram os sentimentos de Manoel por sua filha não era o que a preocupava. A felicidade de Minha Só podia estar garantida com esse casamento e Joam ficaria feliz em abrir os braços para o novo filho, cujas qualidades sérias conhecia e apreciava. Mas convencer o marido a sair da fazenda, Yaquita sentia que ia ser uma questão difícil.

Na verdade, desde que Joam Garral, ainda jovem, chegara à região, nunca se ausentara, nem mesmo um único dia. Apesar de a visão do Amazonas, com suas águas suavemente levadas para o leste, ser um convite para que se acompanhasse o seu curso, apesar de Joam enviar todos os anos um comboio de madeira a Manaus, a Belém, ao litoral do Pará, apesar de ter visto Benito partir todos os anos depois das férias, para voltar aos estudos, parece que nunca lhe veio à cabeça o pensamento de acompanhá-lo.

Os produtos da fazenda, os da floresta, bem como os da campina, o fazendeiro despachava-os sem sair de lá. Podia-se dizer que não queria ultrapassar, nem com o pensamento, nem com o olhar, o horizonte que delimitava o Éden onde se concentrava a sua vida.

Consequentemente, se havia vinte e cinco anos que Joam Garral não atravessava a fronteira brasileira, a mulher e a filha também nunca haviam posto os pés em solo brasileiro. E, no entanto, não lhes faltava o desejo de conhecer um pouco desse belo país, do qual Benito lhes falava sempre! Duas ou três vezes Yaquita sondara o marido em relação a isso. Mas ela vira que a ideia de deixar a fazenda, mesmo que fosse por algumas semanas, redobrava a tristeza de sua frente. Seus olhos enevoavam-se e, num tom de suave reprovação:

— Por que deixar nossa casa? Não somos felizes aqui? — ele respondia.

E Yaquita não ousava insistir diante desse homem, cuja bondade manifesta, cuja inalterável ternura a tornavam tão feliz.

Dessa vez, no entanto, havia uma séria razão como argumento. O



casamento de Minha era uma ocasião muito natural para levar a filha a Belém, onde iria morar com o marido.

Lá, como ela veria, iria aprender a gostar da mãe de Manoel Valdez. Como Joam Garral poderia hesitar diante de um desejo tão legítimo? Como, por outro lado, não compreenderia o desejo dela de também conhecer aquela que ia ser a segunda mãe da sua criança, e como ele não sentiria o mesmo?

Yaquita pegara a mão do marido, e com a voz carinhosa que fora toda a música da vida do rude trabalhador, disse: — Joam, quero falar-lhe de um projeto cuja realização desejamos ardentemente, e que também o deixará tão feliz quanto nós estamos, nossos filhos e eu.

— Do que se trata, Yaquita? — perguntou Joam.

— Manoel ama nossa filha e é amado por ela, e nessa união encontrarão a felicidade...

Às primeiras palavras de Yaquita, Joam Garral levantou-se, sem poder controlar o brusco movimento. Em seguida, abaixou os olhos, parecendo querer evitar o olhar da mulher.

— O que você tem, Joam? — ela perguntou.

— Minha?... Casar-se?... — Joam murmurou.

— Meu querido — retomou Yaquita, com o coração apertado —, tem alguma objeção a esse casamento? Você não percebeu, há muito tempo, os sentimentos de Manoel por nossa filha?

— Percebi!... E há mais de um ano!...

Em seguida, Joam voltou a sentar-se, sem completar o pensamento. Usando da sua força de vontade, conseguira dominar-se. A inexplicável sensação que tivera dissipara-se. Pouco a pouco, seus olhos voltaram a procurar os de Yaquita e ele ficou pensativo, olhando para ela.

Yaquita tomou-lhe a mão.

— Meu Joam — disse —, será que me enganei? Você não havia pensado que esse casamento se realizaria um dia e que ele traria para nossa filha todas as condições de felicidade?

— Sim... — respondeu Joam — todas!... Certamente!...

Entretanto, Yaquita, esse casamento... Esse casamento que está na cabeça de todos... Quando será celebrado?... Em breve?

— Será feito na época que você escolher, Joam.

— E será realizado aqui... Em Iquitos?

Essa pergunta levaria Yaquita a tratar da segunda questão que lhe atormentava o coração. Entretanto, ela não o fez sem uma hesitação bem compreensível.

— Joam — disse ela, depois de um instante de silêncio —, escute-me bem! A respeito da celebração desse casamento, tenho uma proposta a fazer que você deve aprovar, é o que espero. Duas ou três vezes, em vinte anos, propus que nos

levasse, a minha filha e a mim, até as províncias do Baixo Amazonas e do Pará, que nunca visitamos. As obrigações com a fazenda, os trabalhos que reclamavam sua presença aqui não permitiram que satisfizesse nosso desejo. Ausentar-se, mesmo que por alguns dias, poderia prejudicar seus negócios. Mas eles prosperaram além de tudo o que sonhamos e, se a hora do repouso ainda não chegou, você poderia, ao menos, afastar-se por algumas semanas do trabalho!

Joam Garral não respondeu; mas Yaquita sentiu a mão dele estremecer na sua, como se sofresse o choque de uma sensação dolorosa. Entretanto, um meio sorriso desenhou-se nos lábios do marido: era como um convite mudo para a mulher terminar o que tinha a dizer.

— Joam — ela retomou —, essa é uma ocasião que não se apresentará mais em toda a nossa vida. Minha vai casar-se longe, ela vai deixar-nos! É a primeira tristeza que nossa filha causará, e meu coração fica apertado quando penso nessa separação tão próxima! É claro, eu ficaria feliz em poder acompanhá-la a Belém!

Aliás, não lhe parece conveniente conhecermos a mãe do marido, aquela que vai substituir-me ao lado de Minha, aquela a quem vamos confiá-la? E devo acrescentar que Minha não deseja causar à senhora Valdez a tristeza de casar-se longe. Na época da nossa união, meu Joam, se sua mãe fosse viva, você não gostaria que pudesse assistir ao nosso casamento?

Com as últimas palavras de Yaquita, Joam Garral fez um movimento involuntário.

— Meu querido — voltou a falar Yaquita —, com Minha, com nossos dois filhos, Benito e Manoel, com você, ah, como eu gostaria de ver o nosso Brasil, de descer esse belo rio até o litoral, até as últimas províncias atravessadas por ele! Sinto que lá a separação seria menos cruel! De volta, em pensamento, eu poderia ver minha filha na casa onde é esperada pela segunda mãe! Eu não a buscarei no desconhecido! Acreditarei estar menos afastada dos atos da vida dela!

Dessa vez, Joam estava com os olhos fixos na mulher e olhou-a longamente, sem nada responder ainda.

— O que se passava com ele? Por que essa hesitação em satisfazer um pedido tão justo, em dizer o "sim" que daria um imenso prazer a toda a família? A obrigação com os negócios não era uma razão suficiente! Algumas semanas de ausência não os comprometeria em nada! Seu administrador, na verdade, poderia, sem prejuízo algum, substituí-lo na fazenda! E, mesmo assim, ele ainda hesitava!

Yaquita segurou a mão do marido nas suas, e apertou-a mais ternamente.

— Meu Joam — disse ela —, não é a um capricho que lhe peço para ceder. Não! Refleti muito tempo na proposta que acabei de fazer, e se você consentir

será a realização do mais caro dos meus desejos. Nossos filhos sabem do pedido que lhe faço neste momento. Minha, Benito e Manoel pedem a você que lhes dê a felicidade de nós dois os acompanharmos! E há mais, gostaríamos de celebrar o casamento em Belém e não em Iquitos. Seria bom para a nossa filha, para a adaptação dela, para a situação que deverá assumir em Belém, que chegasse com a família, pois parecerá menos estranha na cidade onde deverá passar a maior parte da sua vida!

Joam Garral apoiou-se nos cotovelos. Por um instante escondeu o rosto nas mãos, como um homem que sente necessidade de recolher-se antes de responder. Evidentemente, havia nele uma hesitação contra a qual queria reagir, e até mesmo uma perturbação, que a mulher sentia, mas não podia explicar. Uma luta secreta ocorria sob a fronte pensativa. Yaquita, preocupada, chegou ao ponto de censurar a si mesma por haver tocado no assunto. De qualquer modo, acataria o que Joam decidisse. Se a viagem lhe custasse muito, ela faria calar os seus desejos; nunca mais falaria em deixar a fazenda; nunca perguntaria a razão dessa recusa inexplicável.

Passaram-se alguns minutos. Joam Garral levantou-se. Foi até a porta, sem se voltar. Parecia lançar um último olhar sobre a bela natureza, sobre esse recanto do mundo onde conseguira encerrar toda a felicidade de sua vida, nos últimos vinte anos.

Em seguida, voltou a passos lentos na direção da mulher. Sua fisionomia assumira outra expressão, a de um homem que meditara sobre uma decisão suprema, e cujas dúvidas haviam terminado.

Joam Garral levantou-se.

— Você tem razão! — disse com voz firme a Yaquita. — Essa viagem é necessária! Quando quer partir?

— Ah! Joam, meu Joam! — exclamou Yaquita, entregue à alegria — Obrigada por mim!... Obrigada por eles!

E lágrimas enternecidas vieram-lhe aos olhos, enquanto o marido a apertava ao peito.

Nesse momento, vozes alegres foram ouvidas do lado de fora, na porta da casa.

Logo depois, Manoel e Benito apareceram na soleira, quase ao mesmo tempo que Minha, que acabava de sair do quarto.

— O pai de vocês consentiu, meus filhos! — gritou Yaquita.

— Iremos todos a Belém!

Joam Garral, com a fisionomia séria, sem pronunciar uma única palavra, recebeu o carinho do filho e os beijos da filha.

— E em que data, meu pai — perguntou Benito —, quer que o casamento seja celebrado?

— A data?... — respondeu Joam... A data?... Vamos ver!...

Vamos marcá-la em Belém!

— Como estou contente! Como estou contente! — repetia Minha, como no dia em que soubera do pedido de Manoel.

— Vamos ver o Amazonas, em toda a sua glória, em todo o seu percurso através das províncias brasileiras! Ah, pai, obrigada!

E a jovem entusiasmada, cuja imaginação já começava a voar, dirigiu-se ao irmão e a Manoel:

— Vamos à biblioteca! — disse ela. — Vamos pegar todos os livros, todos os mapas que possam ajudar-nos a conhecer esta magnífica bacia! Não vamos viajar às cegas! Quero ver tudo e saber tudo sobre o rei dos rios da terra!

— O Amazonas, o maior rio do mundo! — disse Benito no dia seguinte a Manoel Valdez.

Naquele momento, os dois, sentados na margem, no limite meridional da fazenda, olhavam passar lentamente as moléculas líquidas que, partindo da enorme cadeia dos Andes, iam perder-se a oitocentas léguas dali no oceano Atlântico.

— E é o rio que lança ao mar o maior volume de água! — respondeu Manoel.

— Um volume tão grande — acrescentou Benito — que, a uma grande distância da sua foz, a água do mar ainda não é salgada e a oitenta léguas da costa ainda leva os navios à deriva!

— Um rio com um curso longo que se estende por mais de trinta graus de latitude!

— E numa bacia que, do sul ao norte, não tem menos do que vinte e cinco graus!

— Uma bacia! — exclamou Benito. — Mas, o que é uma bacia senão a vasta planície através da qual corre o Amazonas, essa savana que se estende a perder de vista, sem uma colina para manter sua declividade, sem uma montanha para delimitar seu horizonte!

— E por toda a extensão — continuou Manoel —, como os mil tentáculos de um polvo gigantesco, duzentos afluentes, vindos do norte e do sul, eles próprios alimentados por subafluentes sem conta, e perto dos quais os grandes rios da Europa não passam de simples riachos!

— E um curso onde quinhentas e sessentas ilhas, sem contar as ilhotas, fixas ou à deriva, formam uma espécie de arquipélago e, sozinhas, fazem a riqueza de um reino!

— E nas laterais, canais, lagunas, lagoas e lagos, como não encontramos em toda a Suíça, na Lombardia, na Escócia e no Canadá juntos!

— Um rio que, engrossado por mil rios tributários, não joga no oceano Atlântico menos do que duzentos e cinquenta milhões de metros cúbicos de água por hora!

— Um rio cujo curso serve de fronteira para duas repúblicas e atravessa, majestosamente, o maior reino da América do Sul, como se, na verdade, fosse o próprio oceano Pacífico que, por um canal, se lançasse por inteiro no Atlântico!

— E que foz! Um braço de mar no qual uma ilha, Marajó, tem um

perímetro de mais de quinhentas léguas!

— E o oceano só consegue repelir suas águas ao levantar, numa luta fenomenal, uma corrente violenta, uma "pororoca", perto da qual os refluxos, as ressacas e os macaréus dos outros rios não passam de pequenas marolas levantadas pela brisa!

Um rio que três nomes mal conseguem designar e em cujo estuário os navios de alta tonelagem podem subir até cinco mil quilômetros sem sacrificar nada da carga!

Um rio que, por si só, ou por seus afluentes e subafluentes, abre uma via comercial e fluvial por todo o norte da América, passando de Magdalena a Ortequaza, de Ortequaza a Caqueta, de Caqueta a Putumayo, de Putumayo ao Amazonas! Quatro mil milhas de rotas fluviais, que precisariam apenas de alguns canais para que a rede navegável fosse completa!

— Enfim, o mais admirável e o mais amplo sistema hidrográfico do mundo!

Os dois jovens falavam do incomparável rio com uma espécie de paixão! Eles eram filhos desse Amazonas, cujos afluentes, dignos dele, formavam caminhos "que andavam" através da Bolívia, do Peru, do Equador, de Nova Granada, da Venezuela e das quatro Guianas, inglesa, francesa, holandesa e brasileira!

Quantos povos, quantas raças cujas origens se perdem em tempos longínquos! É claro, isso também acontece com os grandes rios do globo! Suas verdadeiras nascentes ainda não foram definidas pelas investigações. Vários países reclamam a honra de lhes dar origem! O Amazonas não poderia escapar dessa lei. O Peru, o Equador e a Colômbia disputaram por muito tempo a gloriosa paternidade.

Entretanto, agora, parece que não há mais dúvidas de que o Amazonas nasce no Peru, no distrito de Huaraco, zona territorial submetida à autoridade de Tarma, e que sua origem é no lago Lauricocha, situado, aproximadamente, entre onze e doze graus de latitude sul.

Aos que insistem em dizer que ele nasce na Bolívia, caindo pelas montanhas do Titicaca, caberia a obrigação de provar que o verdadeiro Amazonas é o Ucaiali, que se forma na junção do Paro e do Apurimac; mas, doravante, essa opinião deve ser rejeitada.

Ao sair do lago Lauricocha, o rio nascente vai na direção nordeste num percurso de quinhentas e sessenta milhas, e só se dirige, decididamente, para o leste depois de receber um importante afluente, o Pante. Ele se chama Maranon nos territórios colombiano e peruano, até a fronteira brasileira, ou melhor, Maranhão, porque Maranon é apenas o nome português afrancesado. Da fronteira do Brasil até Manaus, onde o magnífico rio Negro nele se perde, o nome muda para Solimaés ou Solimões, por causa do nome da tribo solimão, da qual ainda podemos encontrar alguns remanescentes nas províncias ribeirinhas. E,

por fim, de Manaus até o mar, ele passa a ser o Amazonas ou rio das Amazonas, nome dado pelos espanhóis, descendentes do aventureiro Orellana, cujos relatos, duvidosos mas entusiasmados, nos fizeram pensar que existia uma tribo de mulheres guerreiras instalada no rio Nhamunda, um dos afluentes médios do grande rio.

Desde o seu início já se pode prever que o Amazonas se transformará num magnífico curso d'água. Sem barragens nem obstáculos de qualquer tipo desde a nascente até o lugar em que seu curso, um pouco estreitado, corre entre duas diferentes, pitorescas e pequenas cadeias de montanhas. As quedas-d'água Só começam a interromper a corrente no ponto em que ele vira para o leste, enquanto atravessa a cadeia intermediária dos Andes. Ali existem alguns saltos, sem os quais ele certamente seria navegável desde a foz até a nascente. De qualquer modo, como observou Humboldt, ele é livre em cinco sextos do percurso.

E, desde o começo, não faltam afluentes, eles próprios alimentados por um grande número de subafluentes. Temos o Chincipé, que vem do nordeste, à esquerda. À direita, o Chachapuyas, que vem do sudeste. À esquerda, o Marona e o Pastuea, e o Guallaga, à direita, que nele se perde, próximo à missão da Laguna. Pela esquerda ainda chegam o Chambyra e o Tigre, vindos do nordeste; pela direita, o Huallaga, que aí se lança a duas mil e oitocentas milhas do Atlântico e cujo curso os barcos ainda podem subir por mais de duzentas milhas para penetrar até o coração do Peru. Finalmente, à direita, perto da missão de San-Joachim-d'Omaguas, depois de passear majestosamente suas águas pelos pampas de Sacramento, surge o magnífico Ucaiali, no local onde termina a bacia superior do Amazonas, grande artéria engrossada por numerosos cursos d'água, derramados pelo lago Chucuito, no nordeste de Arica.

Esses são os principais afluentes acima do povoado de Iquitos. Descendo, os tributários são tão grandes, que os leitos dos rios europeus certamente seriam estreitos para contê-los. E, desses afluentes, Joam Garral e sua família iam conhecer a desembocadura durante a descida do Amazonas.

Às belezas desse rio sem rival, que rega o mais belo país do globo, mantendo-se quase constantemente alguns graus abaixo da linha 57 equatorial, convém acrescentar uma qualidade que nem o Nilo, nem o Mississipi, nem o Livingstone, antigo Congo-Zaire-Loualaba, possuem. É que, aparte o que possam dizer os viajantes evidentemente mal informados, o Amazonas corre através de toda uma parte salubre da América meridional. Sua bacia é constantemente varrida por ventos generosos do oeste. Não é um vale encaixado em altas montanhas que contém o seu curso, e sim uma grande planície que mede trezentos e cinquenta léguas de norte a sul, intumescida apenas por algumas colinas e percorrida livremente pelas correntes atmosféricas.

O professor Agassiz protesta, com razão, contra a pretensa insalubridade do

clima de um país, sem dúvida, destinado a tornar-se o centro mais ativo de produção comercial. Segundo ele, "sente-se todo o tempo uma brisa leve e agradável que produz evaporação, graças à qual a temperatura cai e o solo não é indefinidamente aquecido. A constância dessa brisa refrescante torna o clima do rio das Amazonas agradável e até mesmo um dos mais deliciosos".

O abade Durand, ex-missionário no Brasil, também constatou que, se a temperatura nunca fica abaixo de vinte e cinco graus centígrados, ela nunca sobe acima de trinta e três graus — o que dá uma média anual de vinte e oito graus a vinte e nove graus, com um desvio de oito graus, apenas.

Depois de tais constatações, podemos afirmar que a bacia do Amazonas não tem nada dos calores tórridos das regiões da Ásia e da África atravessadas pelos mesmos paralelos.

A vasta planície que lhe serve de vale é inteiramente varrida por generosas brisas enviadas do oceano Atlântico.

Por isso, as províncias às quais o rio deu o nome têm um direito incontestável de se considerar as mais salubres de um país que já é um dos mais belos da terra.

E que ninguém pense que o sistema hidrográfico do Amazonas não é conhecido!

No século XVI, Orellana, tenente de um dos irmãos Pizarro, desceu o rio Negro, desembocou no grande rio em 1540, aventurou-se sem guia através dessas regiões e, após dezoito meses de navegação, da qual fez um maravilhoso relato, atingiu a sua foz.

Em 1636 e 1637, o português Pedro Texeira subiu o Amazonas até o Napo, com uma flotilha de quarenta e sete pirogas.

Em 1743, La Condamine, depois de medir o arco do meridiano ao Equador, separou-se dos companheiros, Bouguer e Godin des Odonais, seguiu pelo Chincipé, descendo-o até a confluência com o Maranon, atingiu a desembocadura do Napo em 31 de julho, a tempo de observar a emergência do primeiro satélite de Júpiter — o que permitiu a esse "Humboldt do século XVIII" estabelecer a longitude e a latitude exata desse ponto —, visitou os povoados das duas margens e, em 6 de setembro, chegou diante do forte do Pará.

A longa viagem teve resultados consideráveis: não só o curso do Amazonas foi estabelecido de forma científica, mas também parecia quase certo que ele se comunicava com o Orenoco.

Cinquenta e cinco anos depois, Humboldt e Bonpland completaram o precioso trabalho de La Condamine levantando o mapa do Maranon até o rio Napo.

É claro, depois dessa época, não mais cessaram as visitas ao próprio Amazonas e a todos os seus principais afluentes.

Em 1827, Lister-Maw; em 1834 e 1835, o inglês Smyth; em 1844, o tenente



francês que comandava o Boulonnaise; o brasileiro Valdez em 1840; o francês Paul Marcoy de 1848 a 1860; o por demais fantasioso pintor Briard em 1859; o professor Agassiz de 1865 a 1866; em 1867, o engenheiro brasileiro Franz Keller-Linzenger; e, finalmente, em 1879, o doutor Crevaux; todos eles exploraram o curso do rio, subiram por vários de seus afluentes e verificaram a navegabilidade dos principais tributários.

Contudo, o fato mais considerável, honra seja feita ao governo brasileiro, foi o seguinte:

No dia 31 de julho de 1857, depois de inúmeras contestações de fronteira entre a França e o Brasil sobre o limite da Guiana, o curso do Amazonas, declarado livre, foi aberto a todas as bandeiras e, para pôr a prática no nível da teoria, o Brasil assinou um tratado com os países limítrofes para a exploração de todas as vias fluviais da bacia do Amazonas.

Então, as linhas de barcos a vapor, confortavelmente instalados, em correspondência direta com Liverpool, passaram a servir o rio, da foz até Manaus; outros subiam até Iquitos; outros, enfim, pelo Tapajós, pelo Madeira, pelo rio Negro e pelo Purus, penetravam até o interior do Peru e da Bolívia.

É fácil imaginar o avanço que terá, um dia, o comércio em toda essa imensa e rica bacia, sem rival no mundo.

Todavia, para essa medalha do futuro existe o reverso. O progresso só se faz em detrimento das raças indígenas.

Sim, no Alto Amazonas, muitas raças de índios já desapareceram, entre outras os curicurus e os solimãos. No Putumayo, embora ainda possam ser encontrados alguns yuris, os yahuas abandonaram-no para refugiar-se em afluentes longínquos, e os maos, já em pequeno número, deixaram as margens para andar sem rumo pelas florestas do Japurá!

Sim, o rio dos Tocantins está quase despovoado e há apenas umas poucas famílias de índios nômades na desembocadura do Juruá. O Tefé está praticamente abandonado, e restam apenas alguns vestígios da grande nação umaua, próximo à nascente do Japurá. O Coari foi abandonado. Existem poucos índios muras nas margens do Purus. Dos antigos manaos só restam famílias nômades. À beira do rio Negro, só podem ser citados mestiços de portugueses e índios, onde já foram contadas até vinte e quatro nações indígenas diferentes.

É a lei do progresso. Os índios desaparecerão. Diante da raça anglo-saxã, australianos e tasmanianos desapareceram. Diante dos conquistadores do Extremo Oeste extinguiram-se os índios da América do Norte. Algum dia, provavelmente, os árabes serão dizimados diante da colonização francesa.

Mas precisamos voltar à data de 1852. Os meios de comunicação, tão ampliados agora, ainda não existiam e a viagem de Joam Garral não exigiria menos do que quatro meses, sobretudo nas condições em que ia ser feita.

Daí, essa reflexão de Benito, enquanto os dois amigos olhavam as águas do

rio correr lentamente a seus pés: — Amigo Manoel, uma vez que logo depois de nossa chegada a Belém será o momento de nossa separação, ela vai parecer-lhe bem curta!

— Sim, Benito — respondeu Manoel —, mas também muito comprida, pois Minha Só será minha mulher no fim da viagem!

A família de Joam Garral estava feliz. O magnífico trajeto pelo Amazonas seria realizado em condições bem agradáveis. Não só o fazendeiro e a família partiriam para uma viagem de alguns meses, mas, como veremos, seriam acompanhados de uma parte dos empregados da fazenda.

Sem dúvida, ao ver todo o mundo feliz a sua volta, Joam Garral esqueceu-se das preocupações que pareciam perturbar a sua vida. A partir daquele dia, a decisão tendo sido firmemente tomada, passou a ser um outro homem, e quando precisou cuidar dos preparativos da viagem, retomou a atividade de outrora. Foi uma grande satisfação para a família vê-lo em ação. O ser moral reagiu contra o ser físico e Joam Garral voltou a ser o que era nos primeiros anos, vigoroso e sólido. Ele voltou a ser o homem que sempre vivera ao ar livre, na vivificante atmosfera das florestas, dos campos, das águas correntes.

Além do mais, as poucas semanas que precederiam a partida iam ser bem cheias.

Como foi dito anteriormente, nessa época, as águas do Amazonas ainda não eram sulcadas pelos inúmeros barcos a vapor, que as companhias já pensavam em lançar no rio e nos seus principais afluentes. O transporte fluvial só era feito por particulares, por conta deles e, no mais das vezes, as embarcações só eram usadas a serviço das fazendas ribeirinhas.

Essas embarcações eram as "ubás", uma espécie de piroga feita de um tronco cavado a fogo e com o machado, pontudas e leves na frente, pesadas e arredondadas atrás, podendo levar de um a doze remadores e carregar até três ou quatro toneladas de mercadorias; as "égariteias", grosseiramente construídas, largamente fabricadas, com uma parte coberta no meio por um teto de folhagens, que deixava livre uma coxia na lateral da embarcação, onde se posicionavam os remadores; as "jangadas", impulsionadas por uma vela triangular e que comportavam uma cabana de palha, que servia de casa flutuante para o índio e sua família.

Essas três espécies de embarcações constituíam a pequena flotilha do Amazonas e ofereciam um transporte não mais do que medíocre para pessoas e itens comerciais.

Havia outras que eram maiores, as "vigilinas", que tinham capacidade para oito a dez toneladas, com três mastros equipados de velas vermelhas, e impelidas, em tempos de calmaria, por quatro longos e pesados remos, para lutar contra a corrente; as "cobertas", que tinham capacidade para vinte toneladas, uma espécie de junco com uma tolda atrás, uma cabine interna, dois

mastros com velas quadradas e desiguais, e que compensavam um vento insuficiente ou um vento contrário com o uso de dez longos remos, que os índios manejavam do alto do castelo de proa.

Mas esses diversos meios de transporte não convinham a Joam Garral. Quando resolveu descer o Amazonas, ele pensou em aproveitar a viagem para transportar um enorme comboio de mercadorias que precisava entregar no Pará. No que se referia à entrega, pouco importava se a descida do rio fosse realizada num prazo curto ou não. E foi essa decisão que ele tomou — uma decisão que contou com todos os sufrágios, salvo, talvez, o de Manoel. Sem dúvida, o rapaz preferiria um rápido barco a vapor, e com razão.

Todavia, por mais rudimentar, por mais primitivo que fosse o meio de transporte imaginado por Joam Garral, ele permitiria embarcar um grande número de criados e se deixar levar pela corrente do rio em excepcionais condições de conforto e segurança.

Na verdade, seria como se uma parte da fazenda de Iquitos se soltasse da margem e descesse o Amazonas, com tudo o que faz parte de uma família de fazendeiros, patrões e criados, suas casas, suas malocas, suas cabanas.

A fazenda de Iquitos tinha em suas terras algumas das magníficas florestas que são, pode-se dizer, inesgotáveis nessa parte central da América do Sul.

Joam Garral entendia perfeitamente do corte desses bosques, ricos das espécies mais preciosas e mais variadas, próprias para a carpintaria, para a marcenaria, para o mastreamento e para a construção, e com elas tirava, anualmente, lucros consideráveis.

Na verdade, o rio não estava lá para transportar os produtos da floresta amazônica com mais segurança e mais economia do que uma via férrea? Por isso, todos os anos, Joam Garral, ao derrubar algumas centenas de árvores da sua reserva, organizava uma dessas imensas jangadas com grande quantidade de madeira, transportadas pelo rio, carregadas de pranchões, de vigas e de troncos apenas desbastados, que eram levadas ao Pará, conduzidas por hábeis pilotos que conheciam bem a profundidade do rio e a direção das correntes.

Naquele ano, Joam Garral agiria da mesma maneira que nos anos precedentes. Contudo, depois de preparado o carregamento de madeira, pensava em deixar para Benito todos os detalhes da grande negociação comercial. Mas ele não tinha tempo a perder. Na verdade, o começo de junho era a época favorável para a partida, pois as águas, elevadas pelas cheias da parte alta do rio, começavam a baixar, pouco a pouco, até o mês de outubro.

Os primeiros trabalhos deviam ser iniciados sem demora, porque o comboio de madeira tomaria proporções inusitadas. Dessa vez, abateriam meia milha quadrada da floresta situada na confluência do Nanay com o Amazonas, ou seja, todo um ângulo da parte ribeirinha da fazenda, e fariam uma enorme embarcação — igual a essas jangadas do rio, à qual se dariam as dimensões de

uma ilha.

Ora, nessa jangada, mais segura do que qualquer outra embarcação da região, mais ampla do que cem égariteias ou vigilingas engatadas umas nas outras, Joam Garral tinha a intenção de embarcar com a família, os criados e a carga.

— Excelente ideia ! — exclamou Minha, batendo palmas, ao saber do projeto do pai.

— Isso mesmo! — respondeu Yaquita. — E, nessas condições, chegaremos a Belém sem correr perigo e descansados!

— E, durante as paradas, poderemos caçar nas florestas das margens — acrescentou Benito.

— Talvez seja um pouco demorado! — observou Manoel. — Não seria mais conveniente escolher um modo de locomoção mais rápido para descer o Amazonas?

Evidentemente, seria demorada; mas a reclamação calculada do jovem médico não foi aceita por ninguém.

Então, Joam Garral mandou chamar um índio que era o principal administrador da fazenda.

— Dentro de um mês — ele disse — a jangada deve estar terminada e pronta para navegar.

— Hoje mesmo, senhor Garral, começaremos os trabalhos — respondeu o administrador.

Foi uma dura tarefa. Eles eram uma centena de índios e de negros que, durante a primeira quinzena do mês de maio, conseguiram um verdadeiro prodígio. Talvez algumas pessoas conscienciosas, pouco habituadas a esses grandes massacres de árvores, lamentassem ao ver esses gigantes, com muitos séculos de vida, caírem em duas ou três horas sob o machado dos lenhadores; mas havia tantas e tantas nas margens, subindo o rio, nas ilhas, e descendo até os limites mais longínquos do horizonte das duas margens, que a derrubada dessa meia milha de floresta não deixaria nem mesmo um vazio perceptível.

O administrador e seus homens, depois de receberem as instruções de Joam Garral, começaram por limpar o solo dos cipós, dos arbustos, das relvas, das plantas arborescentes que o obstruíam. Antes de pegar a serra e o machado, eles se armaram com uma foice, uma ferramenta indispensável para qualquer um que quisesse embrenhar-se na floresta amazônica: ela é feita de uma lâmina grande, meio curva, comprida e chata, medindo de dois a três pés, solidamente encaixada no cabo, e que os índios manejavam com notável habilidade. Em poucas horas, com a ajuda das foices, eles roçaram o solo, eliminaram a vegetação mais baixa e abriram grandes clareiras até o fundo da mata.

E assim foi feito. O solo foi limpo pelos lenhadores da fazenda. Os velhos troncos despiram suas vestimentas de cipós, de cactos, de samambaias, de

musgos e de bromélias. Suas cascas ficaram nuas, e eles aguardavam a vez de serem esfolados vivos.

Em seguida, todo o bando de trabalhadores, diante dos quais fugiram várias legiões de macacos que não eram mais ágeis do que eles, subiu nas árvores, nos ramos superiores, serrando os fortes galhos bifurcados, desprendendo a ramagem que devia ser queimada no local. Em pouco tempo, só restaram da floresta condenada longos estipes envelhecidos, sem a coroa no topo, e, junto com o ar, o sol penetrou aos borbotões até o solo úmido que, talvez, nunca houvesse acariciado.

Não havia uma única dessas árvores que não pudesse ser usada em obras resistentes, vigamento ou marcenaria pesada. Ali cresciam, como colunas de marfim pintadas de marrom, algumas cerieiras, de cento e vinte pés de altura e quatro de largura na base, que forneciam uma madeira resistente; castanheiras com alburnos resistentes que produziam nozes tricornes; "muricis" procurados para a construção, "barrígudos" medindo duas toesas na intumescência que se acentuava alguns pés acima do chão, árvores de casca arruivada e brilhante, cheias de tubérculos cinza, cujas pontas em forma de fuso suportam um guarda-sol horizontal; bombacáceas de tronco branco, liso e reto, de altura grandiosa. Perto desses exemplares magníficos da flora amazônica também surgiam "quatibos", cuja abóbada cor-de-rosa dominava as árvores vizinhas, e que dão frutos semelhantes a pequenos vasos com fileiras de castanhas neles dispostas, e cuja madeira, de um violeta claro, era especialmente apreciada nas construções navais. Havia ainda paus-ferro, e especialmente a "ibirirataf", com uma polpa quase preta, tão cheia de granulações, que os índios fabricavam com ela suas machadinhas de combate; os "jacarandás", mais preciosos do que o acaju; as "coesalpinas", cuja espécie só pode ser encontrada nas antigas florestas que sobreviveram ao ataque dos lenhadores; as "sapucaias", com a altura de cinquenta pés, e com arcos naturais que, saindo a três metros da base, vão encontrar-se a trinta pés, enrolando-se em torno do tronco como roscas de uma coluna torcida, e cujo topo se abre num ramallete de artificios vegetais, que as plantas parasitas colorem de amarelo, de roxo e de um branco cor de neve.

Três semanas depois do início dos trabalhos, das árvores que cobriam o ângulo formado pelo encontro do Nanay com o Amazonas não restava mais nenhuma de pé. A derrubada havia sido completa.

Joam Garral nem precisava preocupar-se com a recuperação de uma floresta que vinte ou trinta anos bastariam para refazer.

Nenhuma baliza de árvore nova ou velha havia sido poupada para estabelecer a marca de um corte futuro, nenhuma dessas árvores de canto que marcam o limite do desflorestamento; foi uma "derrubada total", todos os troncos foram cortados rentes ao chão, aguardando o dia em que apareceriam as raízes, nas quais a primavera seguinte estenderia os ramos verdejantes.

Não, essa milha quadrada, banhada pelas águas do rio e seu afluente, estava destinada a ser arroteada, lavrada, plantada, semeada e, no ano seguinte, campos de mandiocas, de cafeiros, de inhames, de canas-de-açúcar, de ararutas, de milho, de amendoins cobririam o solo, até então sombreados pelas ricas plantas da floresta.

A última semana de maio ainda não havia chegado, e os troncos, separados de acordo com sua natureza e grau de fluatibilidade, já haviam sido arrumados simetricamente na margem do Amazonas. Era ali que se construiria a imensa jangada que, com as diversas habitações necessárias para o alojamento das equipes de manobra, seria uma verdadeira aldeia flutuante. Depois, na hora marcada, as águas do rio, aumentadas pela cheia, viriam levantá-la e arrastá-la por centenas de léguas até o litoral do Atlântico.

Durante todo o tempo, Joam Garral dedicou-se inteiramente aos trabalhos. Dirigiu-os pessoalmente, primeiro no local do corte, depois na beira do rio, numa grande área formada de cascalhos, onde foram dispostas as peças da jangada.

Yaquita e Cybele cuidavam dos preparativos para a partida, se bem que a velha negra não compreendesse porque queriam sair de onde estavam tão bem.

— Você verá coisas que nunca viu! — repetia sem cessar Yaquita.

— Será que valem tanto quanto as que estamos habituadas a ver? — respondia invariavelmente Cybele.

Enquanto isso, Minha e sua criada favorita pensavam exclusivamente no que lhes dizia respeito. Para elas não se tratava de uma simples viagem: era uma partida definitiva, eram mil detalhes da mudança para um outro país, onde a jovem mulata continuaria a viver perto da moça à qual estava ternamente ligada.

Minha estava meio triste, mas a alegre Lina não se preocupava por abandonar Iquitos. Com Minha Valdez, ela seria o que era com Minha Garral. Para apagar aquele sorriso seria preciso separá-la da patroa, o que nem havia sido cogitado.

Benito ajudava ativamente o pai nos trabalhos realizados.

Assim, aprendia a profissão de fazendeiro, que talvez fosse a sua algum dia, como iria aprender a de negociante, ao descer o rio.

Quanto a Manoel, ele se dividia tanto quanto possível entre a casa, onde Yaquita e a filha não perdiam nem um minuto, e o teatro da derrubada de árvores, onde Benito queria levá-lo mais do que Ele gostaria ir. Mas, no fim das contas, a divisão não foi nada igual, o que é bem compreensível.

Enquanto isso, num domingo, 26 de maio, os rapazes resolveram procurar alguma distração. O tempo estava magnífico, o ar, impregnado de brisas frescas vindas da cordilheira, o que suavizava a temperatura. Tudo convidava a uma excursão pelo campo.

Benito e Manoel, então, convidaram a jovem para acompanhá-los através dos grandes bosques que debruavam a margem direita do Amazonas, do lado oposto da fazenda.

Era uma forma de despedir-se dos encantadores arredores de Iquitos. Os dois rapazes iam caçar, mas iriam como caçadores que não largam as companheiras para correr atrás da caça, e quanto a isso podiam confiar em Manoel — e as duas jovens, já que Lina não se separava da patroa, iriam simplesmente passear, numa excursão de duas ou três léguas, o que não era de assustar.

Nem Joam Garral, nem Yaquita tinham tempo para se juntar a eles. Por um lado, a obra da jangada não estava terminada, e a construção não podia sofrer o menor atraso. Por outro, Yaquita e Cybele, apesar de auxiliadas por todo o pessoal feminino da fazenda, não tinham nem um minuto a perder.

Minha aceitou o oferecimento com grande prazer. Então, naquele dia, por volta de onze horas, depois do almoço, os dois rapazes e as duas moças foram para a margem, no ângulo formado pela confluência dos dois cursos d'água. Um dos negros os acompanhava. Todos embarcaram numa das ubás destinadas ao serviço da fazenda e, depois de passarem entre as ilhas Iquitos e Parianta, atingiram a margem direita do Amazonas.

A embarcação acostou junto a um berço de magníficas samambaias arborescentes, coroadas, a trinta pés de altura, por uma espécie de auréola feita de delicados galhos de veludo verde com folhas enfeitadas por uma fina renda vegetal.

— E agora, Manoel — disse a jovem —, cabe a mim fazer-lhe as honras da floresta, pois você não passa de um estrangeiro nessas regiões do Alto Amazonas! — Aqui estamos em casa, e vai deixar-me cumprir os deveres de dona de casa!

— Querida Minha — respondeu o rapaz —, não será menos dona de casa na nossa cidade de Belém do que na fazenda de Iquitos e, tanto lá quanto aqui...

— Ora essa! Manoel e você, minha irmã — exclamou Benito —, não vieram aqui para trocar temas intenções, imagino!...



Esqueçam por algumas horas que estão noivos!...

— Nem por uma hora, nem por um instante! — replicou Manoel.

— E se Minha ordenar?

— Minha não vai ordenar!

— Quem sabe? — disse Lina, rindo.

— Lina tem razão! — respondeu Minha, estendendo a mão para Manoel. — Vamos tentar esquecer!... Esquecer!... Meu irmão exige!... Está tudo acabado, tudo! Enquanto durar o passeio, não estamos noivos! Eu não sou a irmã de Benito! Você não é o amigo dele!...

— Essa é boa! — exclamou Benito.

— Bravo! Bravo! Somos todos estranhos aqui! — replicou a jovem mulata, batendo palmas.

— Estranhos que se vêem pela primeira vez — acrescentou à jovem —, que se encontram, se cumprimentam...

— Senhorita... — disse Manoel, inclinando-se diante de Minha.

— Com quem tenho a honra de falar, senhor? — perguntou a jovem com a maior seriedade.

— Com Manoel Valdez, que ficaria feliz se seu irmão quisesse apresentá-lo...

— Ah! Ao diabo com esse modo de agir! — exclamou Benito.

— Má ideia a que eu tive!... Sejam noivos, meus caros! Sejam o quanto quiserem! Sejam sempre!

— Sempre! — disse Minha, a quem a palavra escapou tão naturalmente que as risadas de Lina dobraram.

Um olhar reconhecido de Manoel recompensou a jovem pela imprudência da sua língua.

— Se andássemos, falaríamos menos! Em marcha! — reclamou Benito, para tirar a irmã do embaraço.

Porém, Minha não estava com pressa.

— Um instante, irmão — disse ela. — Você viu! Eu ia obedecer! Você queria obrigar Manoel e a mim a esquecermos um do outro para não estragar o seu passeio! Pois bem, agora é a minha vez de pedir-lhe um sacrifício para não estragar o meu! Você, se quiser fazer-me o favor, ou mesmo se não quiser, vai pro meter-me, Benito, pessoalmente, que vai esquecer...

— Esquecer?...

— Esquecer que é caçador, senhor meu irmão!

— O quê? Você me proíbe?

— Proíbo-o de atirar em todos esses pássaros encantadores, nos papagaios, nos periquitos, nos caciques, nesses cucos que voam tão felizes pela floresta! Mesma proibição para a caça pequena, pois não teremos o que fazer com ela hoje! Se alguma onça, jaguar ou qualquer outra espécie desse tipo de animal

aproximar-se demais de nós, pode ser!

— Mas... — objetou Benito.

— Senão, pego o braço de Manoel e vamos embora, nós nos perderemos e será obrigado a procurar-nos.

— Hein? Você bem que gostaria que eu me recusasse a obedecer! — exclamou Benito, olhando para o amigo Manoel.

— É o que eu quero! — respondeu o rapaz.

— É claro que não! — falou Benito. — Eu não me recuso!

Obedecerei só para contrariá-lo. A caminho!

E eis que os quatro, seguidos do negro, se embrenharam por baixo das belas árvores, cujas espessas folhagens impediam os raios de sol de atingir o chão.

Não havia nada mais maravilhoso do que essa parte da margem direita do Amazonas. Ali, numa pitoresca confusão, cresciam tantas árvores diferentes que, num quarto de légua quadrada, seria possível contar até cem variedades dessas maravilhas vegetais. Além do mais, um silvícola perceberia facilmente que nunca um lenhador passara por ali com seu machado ou sua acha. Mesmo depois de muitos séculos da derrubada, a ferida ainda seria visível. As novas árvores, até com cem anos de vida, não teriam esse aspecto dos primeiros dias, sobretudo porque a singularidade das espécies da liana e de outras plantas parasitas estaria modificada. Esse é um sintoma curioso que não deixaria nenhum índio se enganar.

O alegre bando embrenhou-se por entre a alta vegetação, pelo meio das moitas, por baixo das árvores menores, conversando e rindo. Na frente, manejando a foice, o negro abria caminho quando um dos arbustos era muito espesso, pondo em fuga milhares de passarinhos.

Minha tivera razão ao interceder por todo o pequeno mundo alado que esvoaçava sobre as altas folhagens. Ali havia os mais belos representantes da ornitologia tropical. Os papagaios verdes e os periquitos gritadores pareciam ser uma consequência natural das gigantescas espécies. Os colibris, com todas as suas variedades, os barbas-azuis, os rubis-topázios, os "tesouras", de rabo longo em forma de tesoura, pareciam flores soltas que o vento levava de um galho para outro. Os melros de plumagem alaranjada debruada de marrom, os papafigos, dourados nas extremidades das penas, e os "sabiás" pretos como corvos reuniam-se num concerto de trinados ensurdecedores. O grande bico do tucano destruía os cachos dourados dos "guiriris". Os pica-paus, ou picanços do Brasil, sacudiam suas cabecinhas salpicadas de pontos púrpuras. Um encantamento para os olhos.

Porém, todo esse mundo se calava, se escondia quando, no topo das árvores, rangia a ventoinha enferrujada da "alma-de-gato", um tipo de falcão fulvo-claro. Embora planasse orgulhosamente, estendendo as longas penas brancas do rabo, escondia-se covardemente quando, mais acima, aparecia o

"gavião", uma grande águia de cabeça branca, terror de toda a nação alada das florestas.

Minha fazia Manoel admirar essas maravilhas que, nas províncias mais civilizadas do leste, ele não encontraria nessa simplicidade primitiva. Manoel escutava a jovem mais com os olhos do que com os ouvidos. Aliás, os gritos, os cantos dos milhões de passarinhos eram às vezes tão penetrantes, que ele não conseguia ouvi-la. Apenas a gargalhada de Lina tinha acuidade suficiente para dominar com sua nota de alegria os cacarejos, os pios, os ululos, os trinados e os arrulhos de todos os tipos.

Após uma hora, não tinham atravessado mais do que uma pequena milha. Ao se afastarem da margem, as árvores tomavam um outro aspecto. A vida animal já não se manifestava no chão e sim a sessenta ou oitenta pés de altura, com a passagem de bandos de macacos que seguiam uns aos outros nos altos galhos. Aqui e ali, alguns cones de raios de sol penetravam até a vegetação mais baixa. Na verdade, nas florestas tropicais, a luz não parece ser um agente indispensável para a existência da vegetação. O ar é suficiente para o desenvolvimento dos vegetais, grandes ou pequenos, árvores ou plantas, e todo o calor de que precisam para a expansão da seiva, não extraem da atmosfera ambiente e sim do próprio solo, onde ele está armazenado como se fosse um enorme aquecedor.

E, em cima das bromélias, das serpentinas, das orquídeas, dos cactos, enfim, de todas as parasitas que formavam uma pequena floresta embaixo da floresta maior, eram muitos os insetos maravilhosos que se queria colher, como se fossem verdadeiras flores: nestores de asas azuis, feitas de um brilho cintilante; borboletas "leilus" com reflexos dourados, zebradas de listras verdes; falenas agripinas com dez polegadas de comprimento e asas semelhantes a folhas; abelhas "maribundas", parecendo esmeraldas vivas engastadas numa armadura de ouro; depois, legiões de coleópteros lampírios ou pyrophorus, vagalumes com um corpete de bronze e élitros verdes, cujos olhos projetavam uma luz amarelada e que, quando vinha a noite, iluminavam a floresta com suas cintilações multicores!

— Quantas maravilhas! — repetia entusiasmada a jovem.

— Você está em casa, Minha, ou pelo menos foi o que disse — exclamou Benito —, e olhe Só como fala das suas riquezas!

— Pode caçoar, irmãozinho! — respondeu Minha. — Tenho o direito de elogiar coisas tão bonitas, não é, Manoel? Elas foram feitas pela mão de Deus e pertencem a todo o mundo!

— Deixe Benito rir à vontade! — disse Manoel. — Ele disfarça, mas tem suas horas de poeta e admira tanto quanto nós todas essas belezas naturais! Só que, quando carrega um fuzil embaixo do braço, adeus poesia!

— Seja poeta, irmão! — respondeu a jovem.

— Eu sou poeta! — replicou Benito. — Oh, natureza encantadora.

Entretanto, convenhamos que, ao proibir ao irmão o uso do fuzil de caçador, Minha impusera-lhe uma verdadeira privação. A caça não faltava na floresta e ele teve sérias razões para lamentar alguns bons tiros.

Nas partes menos arborizadas, onde se abriam grandes clareiras, apareceram alguns casais de avestruz, da espécie dos "naudus", medindo de quatro a cinco pés. Eles andavam acompanhados das inseparáveis "seriemas", uma espécie de peru, mas infinitamente melhor, do ponto de vista comestível, que as grandes voadoras que as acompanhavam.

— Olha o quanto me custa a maldita promessa! — reclamou Benito, que, com um gesto da irmã, pôs embaixo do braço o fuzil que instintivamente levava ao ombro.

— É preciso respeitar as seriemas — respondeu Manoel —, porque são grandes destruidoras de serpentes.

— Do mesmo modo que devemos respeitar as serpentes — replicou Benito — porque comem os insetos nocivos, e estes porque vivem dos pulgões, ainda mais nocivos! Desse jeito, é preciso respeitar tudo!

Mas o instinto do jovem caçador ia ser posto a uma dura prova. A caça estava ficando abundante na floresta. Veados rápidos e elegantes cabritos escapuliam por baixo da vegetação e, certamente, uma bala bem assestada teria interrompido a fuga.

Depois, aqui e ali, apareciam perus de penas café-com-leite, peccaris, uma espécie de porco selvagem, muito apreciado pelos amantes de veação, agutis, similares aos coelhos e às lebres na América meridional, tatus com a carapaça escamosa desenhada em mosaicos, que pertencem à ordem dos desdentados.

E, na verdade, Benito mostrava mais do que virtude, um verdadeiro heroísmo, quando percebia algum tapir, daqueles chamados de "antas" no Brasil, esses diminutos elefantes, já quase desaparecidos das margens do Alto Amazonas e de seus afluentes, paquidermes tão procurados pelos caçadores devido a sua raridade, muito apreciados pelos gourmets por sua carne, superior à do boi e, sobretudo, pela protuberância na nuca, que é um belo petisco!

Sim, o fuzil queimava os dedos do rapaz; porém, fiel ao juramento, ele o deixava em repouso.

— Ah! Porém — e ele preveniu a irmã — o tiro partiria, ainda que ele não quisesse, se ficasse ao alcance de um "tamanduá-açu", uma espécie de grande formicívoro, muito curioso, e que pode ser considerado como um tiro de mestre nos anais cinegéticos.

Mas, felizmente, o grande formicívoro não apareceu, e nem as panteras, os leopardos, os jaguares, os guepardos, os pumas, indiferentemente designados por onças na América do Sul, e que não devemos deixar que se aproximem demais.

— Afinal — disse Benito, que parou por um instante —, passear é muito

bom, mas passear sem um objetivo...

— Sem objetivo! — protestou a moça. — Mas nosso objetivo é ver, é admirar, é visitar pela última vez essas florestas da América Central, que não encontraremos no Pará, é dar-lhes um último adeus!

— Ah! Tenho uma ideia .

Foi Lina quem falou.

— Uma ideia de Lina Só pode ser uma ideia louca! — respondeu Benito, meneando a cabeça.

— Meu irmão — disse a jovem —, não é certo zombar de Lina, quando precisamente ela tenta dar ao nosso passeio o objetivo que você lamenta que não tenha!

— Ainda mais, senhor Benito, porque tenho certeza de que minha ideia vai agradá-lo — respondeu a jovem mulata.

— Qual é a sua ideia ? — perguntou Minha.

— Está vendo essa liana?

E Lina mostrou uma dessas lianas da espécie dos "cipós", enrolada numa gigantesca mimosa sensitiva, cujas folhas, leves como plumas, se fechavam ao menor ruído.

— E daí? — disse Benito.

— Proponho — continuou Lina — seguirmos essa liana até a sua extremidade!...

— É uma boa ideia , é um objetivo, de fato! — disse Benito. — Seguir esse cipó quaisquer que sejam os obstáculos, os arbustos, as árvores, os rochedos, os riachos, as torrentes, não ser impedido por nada, passar de qualquer jeito...

— Decididamente você tinha razão, irmão! — disse Minha, rindo. — Lina é meio louca!

Ora, vamos! — respondeu o irmão. — Você está dizendo que Lina é louca, para não dizer que Benito é louco, pois eu aprovo!

— Na realidade, sejamos loucos, se isso os agrada! — respondeu Minha. — Vamos seguir o cipó!

— Vocês não têm medo... — observou Manoel.

— Mais objeções! — retrucou Benito. — Ah! Manoel, você não falaria assim e já estaria a caminho se Minha o esperasse na outra ponta.

— Vou calar-me — respondeu Manoel. — Não falo mais nada, só obedeço! Vamos seguir o cipó!

E eles saíram, felizes como crianças em férias!

Esse filamento vegetal poderia levá-los longe se teimassem em segui-lo até a ponta, como um fio de Ariadne — com a diferença de que o fio da herdeira de Minos ajudava a sair do labirinto e o cipó Só podia arrastá-los mais para o fundo da floresta.

Na verdade, era uma liana da família das salsas, um desses cipós conhecidos

pelo nome de "japecanga" vermelha, cujo comprimento chega a medir várias léguas. Mas, no final das contas, a honra não estava em jogo.

O cipó passava de árvore em árvore, sem interrupção da continuidade, ora enrolado nos troncos, ora enlaçando os galhos, aqui saltando de um dragoeiro para uma palissandra, ali, de um gigantesco castanheiro, o "bertholletia excelsa", para uma dessas palmeiras da qual se faz um tipo de vinho, essas "bacabas" cujos galhos foram, com exatidão, comparados por Agassiz a longas varas de coral salpicadas de verde. Em seguida, as "tucumãs", os fícus, caprichosamente contornados como oliveiras centenárias e que se podem contar não menos do que quarenta variedades no Brasil; as espécies de euforbiáceas que produzem a borracha; as "gualtes", belas palmeiras de tronco liso, fino, elegante; os cacaueiros que crescem espontaneamente nas margens do Amazonas e dos afluentes; melastomas variados, uns de flores cor-de-rosa, outros enfeitados de pânículas de bagas esbranquiçadas.

Mas quantas paradas, quantos gritos de decepção quando o alegre bando pensava ter perdido o fio condutor! Era preciso encontrá-lo, desembaraçá-lo do pelotão das plantas parasitas.

— Ali! Ali! — dizia Lina. — Estou vendo!

— Está enganada — respondia Minha. — Não é ele, é um cipó de outra espécie!

— Não! Lina tem razão — dizia Benito.

— Não! Lina está errada — respondia com naturalidade Manoel.

Daí surgiam sérias discussões, muito demoradas, nas quais ninguém queria ceder.

Então, o negro de um lado, Benito do outro, trepavam nas árvores, subindo nos galhos envolvidos pelo cipó, para restabelecer a verdadeira direção.

Ora, com certeza isso não era nada fácil, no emaranhamento de tufo entre os quais serpenteava o cipó, no meio das bromélias "karatas", armadas de espinhos agudos, das orquídeas de flores cor-de-rosa e labelos violetas, tão grandes como uma luva, os "oncídios" mais embaraçados do que uma meada de lã entre as patas de um gatinho!

E depois, quando o cipó descia até o chão, que dificuldade para recuperá-lo nos matozinhos de licopódios, de helicônias com grandes folhas, de caliandras com borlas cor-de-rosa, de ripsálides que o envolviam como a armadura de um fio de bobina elétrica, entre os nós das grandes ipomeias brancas, sob as hastes carnudas das baunilhas, no meio de todas as passifloras, vergõntes, videiras selvagens e sarmentos!

Quando encontravam o cipó, quantos gritos de alegria, e recomeçavam o passeio, interrompido por alguns instantes!

Havia uma hora que os rapazes e as moças caminhavam e nada indicava que estivessem perto de atingir o célebre objetivo.

Sacudiam vigorosamente o cipó, mas ele não cedia, e os passarinhos saíam voando às centenas, os macacos pulavam de árvore em árvore, como se quisessem mostrar o caminho.

Um arbusto barrava o caminho? A foice fazia uma abertura e todo o bando passava por ela. Ou então, podia ser uma alta rocha, atapetada de relva, onde o cipó evoluía como uma cobra. Eles subiam e passavam pela rocha.

Uma clareira abriu-se. Ali, naquele espaço mais livre, necessário como a luz, estava a árvore dos trópicos por excelência, aquela que, segundo a observação de Humboldt, "havia acompanhado o homem desde a infância da civilização", a grande nutriz do habitante das zonas tórridas, a bananeira, aparecia isolada. A longa grinalda de cipó, enrolada nos seus altos galhos, prendia-se de uma extremidade a outra da clareira e introduzia-se novamente na floresta.

— Vamos parar, finalmente? — perguntou Manoel.

— Não, mil vezes não! — gritou Benito. — Não antes de atingir o fim do cipó!

— Todavia — observou Minha — já é tempo de se pensar em voltar!

— Oh, querida patroa, mais um pouco, mais um pouco! — manifestou-se Lina.

— Até o fim, até o fim! — acrescentou Benito.

E atormentou-os para entrar mais para o fundo da floresta que, mais desafiada, permitia-lhes avançar mais depressa.

Além do mais, o cipó enviesava-se para o norte e tendia a voltar na direção do rio. Portanto, havia menos inconvenientes em segui-lo, pois os jovens se aproximavam da margem direita, que seria fácil de subir depois.

Um quarto de hora mais tarde, no fundo de um barranco, diante de um pequeno afluente do Amazonas, todos precisaram parar. Uma ponte de lianas, feita de "bejucos" ligados entre si por uma rede de ramagens, atravessava o riacho. O cipó, que se dividia em dois filamentos, servia de corrimão e passava assim para a outra margem.

Benito, sempre na frente, já avançara pelo tabuleiro vacilante da passarela de vegetação.

Manoel quis segurar a jovem.

— Fique, fique, Minha! — declarou ele. — Benito irá mais longe, se quiser, mas nós vamos esperá-lo aqui!

— Não! Venha, venha querida patroa, venha! — disse Lina. — Não tenha medo! O cipó está ficando mais fino. Estamos com uma boa vantagem e vamos descobrir sua extremidade!

E, sem hesitar, a jovem mulata aventurou-se corajosamente atrás de Benito.

— São umas crianças! — respondeu Minha. — Venha, meu querido Manoel!

Precisamos segui-los!

E todos atravessaram a ponte, que oscilava acima da ravina como um balanço, mergulhando novamente sob a abóbada das grandes árvores.

Não haviam andado nem dez minutos, seguindo o interminável cipó na direção do rio, quando todos pararam e, dessa vez, com razão.

— Será que, finalmente, chegamos ao fim do cipó? — perguntou a jovem.

— Não — respondeu Benito —, mas será bom avançarmos com prudência. Olhe!...

E Benito mostrou o cipó que, perdido entre os galhos de um alto ficus, era agitado por violentos sacolejos.

— Quem será que está fazendo isso? — perguntou Manoel.

— Talvez algum animal, do qual nós devemos aproximar com prudência!

Benito, carregando o fuzil, fez sinal para que não interferissem, e deu dez passos à frente.

Manoel, as duas moças e o negro ficaram imóveis no lugar.

De repente, Benito deu um grito, e viram-no correr para uma árvore. Todos se precipitaram para o mesmo lado.

Um espetáculo inesperado e que não era de agradar aos olhos!

Um homem, pendurado pelo pescoço, debatia-se na ponta de um cipó leve como uma corda, no qual fizera um nó corrediço, e os sacolejos eram provocados pelos bruscos movimentos que o agitavam nas últimas convulsões da agonia.

Benito jogou-se sobre o infeliz e, com um golpe da faca de caça, cortou o cipó.

O enforcado escorregou para o chão. Manoel inclinou-se sobre ele para ajudá-lo e trazê-lo de volta à vida, se não fosse tarde demais.

— Pobre homem! — murmurou Minha.

— Senhor Manoel, senhor Manoel — gritou Lina —, ele ainda respira! O coração está batendo! É preciso salvá-lo!

— Essa é a minha intenção — respondeu Manoel —, e acho que chegamos na hora certa!

O enforcado era um homem de uns trinta anos, branco, bem mal vestido, muito magro, e que parecia haver sofrido muito.

Aos seus pés estavam um cantil vazio jogado no chão e um bilboquê de madeira de palmeira, ao qual a bola, feita com a cabeça de uma tartaruga, estava presa por um fio.

— Enforcar-se, enforcar-se — repetia Lina —, e tão moço!

O que será que o levou a isso?

Mas os cuidados de Manoel logo trouxeram o pobre-diabo de volta à vida, ele abriu os olhos e soltou um "hum!" tão forte, tão inesperado, que Lina, assustada, respondeu ao grito dele com outro.



— Quem é o senhor, amigo? — perguntou Benito.

— Um ex-enforcado, pelo que vejo!

— E seu nome?...

— Espere, preciso lembrar — disse ele, passando a mão na testa! — Ah, eu me chamo Fragoso, para servi-lo, se eu ainda for capaz, para penteá-lo, barbeá-lo, prepará-lo segundo as regras da minha arte! Sou um barbeiro ou, melhor dizendo, o mais desesperado dos Fígaros!...

— E como pôde pensar em... ?

— E o que queria, caro senhor! — Fragoso respondeu sorrindo. — Foi um momento de desespero, do qual eu me arrependeria, se houvesse arrependimentos no outro mundo!

Oitocentas léguas do país para atravessar e nenhuma pataca no bolso, não é nada reconfortante! Evidentemente, perdi a coragem!

O tal Fragoso tinha, em suma, uma cara boa e agradável. À medida que se refazia, via-se que devia ter um caráter alegre. Ele era um dos barbeiros nômades que corriam as margens do Alto Amazonas, indo de povoado em povoado, pondo os recursos da sua profissão a serviço dos negros, das negras, dos índios e das índias, que muito o apreciavam.

O pobre Fígaro, muito abandonado, muito miserável, sem comer havia quarenta e oito horas, desorientado nessa floresta, perdera a cabeça por alguns instantes... e o resto já se sabe.

— Meu amigo — disse-lhe Benito —, o senhor vai voltar conosco para a fazenda de Iquitos.

— Como? Mas com prazer! — respondeu Fragoso — Tirou-me da forca, eu lhe pertença! Não devia ter-me soltado!

— Viu, querida patroa, fizemos bem em continuar o passeio! — disse Lina.

— Também acho! — respondeu a jovem.

— Seja o que for — disse Benito —, nunca pensei que acabaríamos encontrando um homem na ponta do nosso cipó!

— Principalmente um barbeiro numa situação embaraçosa, a fim de se enforcar! — respondeu Fragoso.

O pobre-diabo, de volta à vida, foi posto a par do que acontecera. Ele agradeceu calorosamente a Lina pela boa ideia de seguir o cipó, e todos retomaram o caminho da fazenda, onde Fragoso foi acolhido de modo a não ter mais vontade, nem necessidade, de repetir a triste obra!

Meia milha quadrada de floresta havia sido abatida. Agora, cabia aos carpinteiros o trabalho de transformar em jangada as árvores de muitos séculos que jaziam no cascalho.

Tarefa fácil, na verdade! Sob a direção de Joam Garral, os índios agregados à fazenda mostrariam sua incomparável habilidade. Indubitavelmente, tanto numa obra de alvenaria, quanto numa construção naval, os índios eram operários surpreendentes.

Com um machado e uma serra apenas, trabalhavam madeiras tão duras que a lâmina acabava se quebrando. Mesmo assim, os troncos a serem aparelhados, os estipes a serem transformados em vigotas, as pranchas finas e grossas a serem cortadas sem o auxílio da serra elétrica era um trabalho feito por mãos destras, pacientes, dotadas de uma prodigiosa e natural habilidade.

Os cadáveres das árvores não seriam imediatamente lançados no leito do Amazonas. Joam Garral procedia de um modo diferente. Por isso, o amontoado de troncos foi simetricamente arrumado na área plana que ele mandara rebaixar e forrar de cascalhos, na confluência do Nanay com o grande rio. Era ali que a jangada seria construída; era dali que o Amazonas a faria flutuar quando chegasse o momento de conduzi-la ao destino.

Uma palavra explicativa sobre a situação geográfica desse imenso curso d'água, único no mundo, e a propósito de um singular fenômeno constatado pelos moradores das zonas ribeirinhas.

Os dois rios, provavelmente mais extensos do que a artéria brasileira, o Nilo e o Missouri-Mississipi, correm, um deles, do sul para o norte no continente africano, e o outro, do norte para o sul através da América setentrional. Portanto, atravessam territórios de latitudes variadas e, conseqüentemente, sofrem a ação de climas bem diferentes.

O Amazonas, pelo menos depois que se volta inteiramente para o leste na fronteira do Equador e do Peru, está inteiramente situado entre o quarto e o segundo paralelo sul. Por isso, a imensa bacia sofre a influência das mesmas condições climáticas em toda a extensão do percurso.

São duas estações distintas, durante as quais as chuvas ocorrem com um intervalo de seis meses. No norte do Brasil, o período chuvoso começa em setembro. No sul, começa em março.

Por conseguinte, as águas dos afluentes da direita e da esquerda atingem seu maior volume de seis em seis meses. O resultado dessa alternância é que o Amazonas, após atingir o seu nível máximo em junho, decresce gradativamente

até outubro.

Joam Garral sabia disso por experiência, e pretendia aproveitar esse fenômeno para pôr a jangada na água, depois de construí-la comodamente à margem do rio. De fato, a altura máxima do Amazonas, acima do nível médio, podia chegar a quarenta pés e a mínima podia baixar até trinta. Essa variação facilitava o trabalho do fazendeiro.

A construção começou sem demora. Na enorme margem de cascalho os troncos foram colocados de acordo com a grossura e o grau de flutuabilidade que era preciso levar em conta. No meio dessas madeiras pesadas e duras, havia algumas cuja densidade específica era quase igual à densidade da água.

A primeira camada não devia ser feita de troncos justapostos.

Havia um pequeno intervalo entre esses troncos, unidos por vigotas atravessadas, responsáveis pela solidez da embarcação. Cabos de "piaçaba" uniam os troncos com tanta firmeza quanto um cabo de cânhamo. Esse material, que é feito dos pecíolos de uma certa palmeira, muito abundante nas margens do rio, era usado em todo o país. A piaçaba flutua, é resistente à imersão e sua fabricação é barata. Essas são as razões que fizeram dela um artigo precioso, já comercializado no Velho Mundo.

Em cima dessas duas fileiras de troncos e de vigotas foram colocados pranchões e tábuas que formariam o piso da jangada, trinta polegadas acima da linha de flutuação. Desses pranchões e tábuas havia uma quantidade considerável, o que é fácil de estimar corretamente se levarmos em conta que a jangada de madeira media mil pés de comprimento por sessenta de largura, ou seja, uma superfície de sessenta mil pés quadrados. Na realidade, toda uma floresta seria levada pela corrente do Amazonas.

Esse trabalho de construção foi realizado sob a direção de Joam Garral. Mas, depois de terminado, quando chegou o momento da divisão do espaço, a questão foi discutida por todos e até o valente Fragoso foi convidado a participar.

Apenas algumas palavras para explicar a nova situação do rapaz na fazenda.

O barbeiro nunca havia sido tão feliz como era agora, depois de ser recolhido pela hospitaleira família. Joam Garral ofereceu-se para levá-lo ao Pará, aonde Fragoso se dirigia quando o cipó "o prendera pelo pescoço e o detivera bruscamente!", como ele dizia.

Fragoso havia aceitado e agradecera de todo o coração. E, desde então, para mostrar reconhecimento, procurava ser útil de mil maneiras. Aliás, era um rapaz muito inteligente, uma pessoa de quem se podia dizer que "possuía duas mãos direitas", ou seja, podia fazer de tudo, e fazer de tudo bem feito. Tão alegre quanto Lina, sempre cantando, sempre com uma resposta alegre, não demorou muito para que todos gostassem dele.

Porém, Fragoso achava que sua dívida maior era para com a jovem mulata.

Foi uma ideia fabulosa, senhorita Lina — ele repetia sem parar — a de brincar de "cipó condutor"! Ah! É mesmo um jogo ótimo, se bem que nem sempre se encontra um coitado de um barbeiro na ponta!

— Foi por acaso, senhor Frágoso — respondia Lina, rindo — e eu lhe asseguro que não me deve nada!

— Como, nada! Eu lhe devo a vida, e rogo que seja prolongada por mais uns cem anos para que minha gratidão dure mais tempo! Sabe, eu não tinha inclinação para enforcar-me! Se tentei, foi por necessidade! Depois de pesar tudo muito bem, preferi isso a morrer de fome e servir de alimento para os animais selvagens, antes de estar totalmente morto! Por isso, essa liana é um elo entre nós e nem adianta dizer...

Em geral, a conversa continuava num tom alegre. No fundo, Frágoso estava muito grato à jovem mulata pela iniciativa do seu salvamento, e Lina não ficava insensível às declarações do corajoso rapaz, tão espontâneo, tão sincero, de cara alegre, exatamente como ela. A amizade deles não deixava de provocar alguns divertidos "Ah! Ah!" por parte de Benito, da velha Cybele e de muitos outros da casa.

Assim, voltando à jangada, depois da discussão ficou decidido que suas instalações seriam as mais completas e confortáveis possíveis, pois a viagem duraria vários meses. Faziam parte da família Garral o pai, a mãe, a jovem Minha, Benito, Manoel e mais as empregadas, Cybele e Lina, que deviam ocupar um alojamento à parte. A essa pequena multidão, acrescentavam-se quarenta índios, quarenta negros, Frágoso e o piloto, a quem seria entregue a direção da jangada.

Tantos empregados eram apenas suficientes para o serviço de bordo. Na verdade, navegariam no meio de remoinhos, por entre centenas de ilhas e ilhotas que atrapalhariam a passagem. Embora a corrente do Amazonas servisse de motor, ela não fixava a direção.

Por isso, esses cento e sessenta braços eram necessários para manobrar os croques, destinados a manter a enorme jangada numa mesma distância das duas margens.

Primeiro, trataram de construir a casa do patrão, no fundo da jangada. Ela foi construída de modo a ter cinco quartos e uma ampla sala de jantar. Um dos quartos seria de Joam Garral e da mulher, outro de Lina e Cybele, próximo das patroas, e um terceiro para Benito e Manoel. Minha disporia de um quarto a mais, que não seria dos menos confortáveis.

Esse alojamento principal foi cuidadosamente feito de tábuas imbricadas, bem impregnadas de resina fervente, o que as tornava impermeáveis e perfeitamente vedadas. Janelas laterais e frontais deixavam os aposentos alegremente iluminados. Na frente, abria-se a porta de entrada que dava acesso à sala comum. Uma pequena varanda, que protegia a parte da frente contra a

ação direta dos raios solares, estava apoiada em delicados bambus. Toda a obra foi pintada com uma tinta ocre recém-preparada que refletia o calor em vez de absorvê-lo, o que garantia à parte interna uma temperatura agradável.

Porém, quando a "grande obra" ficou pronta, de acordo com os planos de Joam Garral, Minha resolveu dar sua opinião.

— Pai — disse ela —, agora que, com seus cuidados, já temos um abrigo, você vai permitir que decoremos a casa de acordo com a nossa imaginação. A parte externa é sua, mas o interior é nosso.

Minha mãe e eu queremos que dê a impressão de que a casa da fazenda está viajando conosco, assim você pensará que não saiu de Iquitos!

— Faça como quiser, Minha — respondeu Joam Garral, com seu triste e quase habitual sorriso.

— Vai ficar encantadora!

— Confio no seu bom gosto, querida filha!

— Isso vai mostrar nossa dignidade, pai! — respondeu Minha.

— É preciso mostrar dignidade a esse belo país que vamos atravessar, esse país que é nosso, e para onde você vai voltar depois de tantos anos de ausência!

— Tem razão, Minha! Tem razão — respondeu Joam Garral. — É como se voltássemos do exílio... de um exílio voluntário! Faça o melhor que puder, minha filha! Aprovo, antecipadamente, tudo o que fizer!

À jovem e à Lina, às quais se juntaram Manoel de um lado e Fragoso do outro, cabia o trabalho de decorar o interior do alojamento. Com um pouco de imaginação e de sensibilidade artística, conseguiriam fazer muitas coisas.

No interior, os móveis mais bonitos da fazenda encontraram um lugar adequado. Só haveria o inconveniente, depois da chegada ao Pará, de mandá-los de volta por alguma egariteia do Amazonas: mesas, cadeiras de bambus, sofás de cana, aparadores de madeira esculpida, tudo o que constitui o agradável mobiliário de uma residência da zona tropical foi arrumado com gosto na casa flutuante. Visivelmente, além da colaboração dos dois jovens, eram mãos de mulheres que dirigiam toda essa arrumação. E que ninguém pense que as tábuas ficaram nuas! Não! As paredes desapareciam por baixo de encantadores revestimentos. Eram tapeçarias feitas de maravilhosas cascas de árvores, os "tuturis", que se realçavam em grossas pregas como os brocados e os adamascados dos mais leves e mais ricos tecidos dos móveis modernos. No piso dos quartos, peles de jaguar extraordinariamente tigradas, espessas peles de macacos ofereciam aos pés os pêlos aveludados. Algumas cortinas leves de seda arruivada, produzida pela "sumaúma", pendiam das janelas. Quanto às camas, elas foram envolvidas pelos mosquiteiros, com travesseiros, colchões e almofadas cheios da elástica e fresca substância que dá o bômbax, na alta bacia do Amazonas.

Espalhados por todo o lado, nos aparadores, nos consoles, esses belos

enfeites trazidos do Rio de Janeiro ou de Belém, e ainda mais preciosos para a jovem porque foram dados por Manoel.

Não há nada mais agradável aos olhos do que esses bibelôs, dados por uma mão amiga, que falam sem nada dizer!

Em alguns dias o interior foi totalmente decorado e parecia a própria casa da fazenda. Era ideal até para uma residência fixa, debaixo de um belo buquê de árvores, à beira de uma água corrente. Ao descer por entre as margens do grande rio, ela não desmereceria em nada os sítios pitorescos que desfilariam ao seu lado.

É preciso acrescentar que essa moradia encantava os olhos tanto do lado de fora quanto do lado de dentro.

No exterior os jovens haviam competido no gosto e na imaginação.

A casa estava literalmente coberta de folhagens, desde a base até os mais altos arabescos do telhado. Era uma mistura de orquídeas, bromélias, trepadeiras, todas em flor, que colhiam o alimento em caixas cheias de boa terra vegetal, enfiadas sob maciços de folhas verdes. Os troncos de uma mimosa ou de um ficus não poderiam estar enfeitados de uma forma mais "tropicalmente" pomposa! Quantos ramos volúveis, quantas rubias vermelhas, quantos pâmpanos amarelo-ouro, quantos cachos multicores, quantos sarmentos enroscados não só nos modilhões que sustentavam a ponta da cumeeira, mas também nos arcos do telhado e nos someiros das portas! Para conseguir tudo isso, bastou pegar a mãos-cheias nas florestas vizinhas à fazenda. Um gigantesco cipó unia todos esses parasitas; ele dava várias voltas na casa, prendia-se em todas as arestas, enguirlandava-se em todas as saliências, bifurcava-se, formava tufos, espalhava para todos os lados suas excêntricas radículas, não deixava ver nada da casa, que parecia afundada num enorme arbusto florido.

Como toque de delicadeza, cujo autor se reconheceria facilmente, a extremidade do cipó desabrochava na janela da jovem mulata. Parecia um buquê de flores sempre frescas que esse longo braço lhe entregava através da persiana.

Em resumo, tudo era encantador. Se Yaquita, sua filha e Lina estivessem satisfeitas, nem adiantava opinar.

— Se vocês quiserem — disse Benito — plantaremos árvores na jangada!

— Oh! Árvores! — falou Minha.

— Por que não? — respondeu Manoel. — Se forem transplantadas com terra boa para essa sólida plataforma, tenho certeza de que crescerão, ainda mais porque não há que temer uma mudança de clima, já que o Amazonas corre invariavelmente no mesmo paralelo.

— Aliás — respondeu Benito —, as águas não carregam diariamente as ilhotas de vegetação arrancadas das margens das ilhas e do rio? Elas não passam com suas árvores, seus bosques, seus arbustos, seus rochedos, suas campinas e, a

oitocentas léguas daqui, se perdem no Atlântico? Por que nossa jangada não pode transformar-se num jardim flutuante?

— Quer uma floresta, senhorita Lina? — perguntou Fragoso, que estava pronto para qualquer coisa.

— Quero! Uma floresta! — exclamou a jovem mulata. — Uma floresta com pássaros, macacos...

— Cobras, onças-pintadas... — replicou Benito.

— Índios, tribos nômades... — disse Manoel.

— E até antropófagos!

— Mas aonde vai, Fragoso? — falou Minha, ao ver o ágil barbeiro subir pela margem.

— Buscar a floresta! — respondeu Fragoso.

— Que bobagem, meu amigo — respondeu Minha, sorrindo.

— Manoel deu-me um buquê e estou contente com ele! Se bem que — ela acrescentou mostrando a casa oculta pelas flores —, se bem que escondeu nossa casa no buquê de noivado!

Enquanto a casa principal estava sendo construída, Joam Garral também cuidou da construção das "dependências de serviço", que compreendiam a cozinha e as despensas, nas quais ficariam armazenados todos os tipos de provisão.

Em primeiro lugar, havia um grande estoque de mandiocas, que são raízes de um arbusto que tem de seis a dez pés de altura, e que é o principal alimento dos habitantes das regiões intertropicais.

Essa raiz, parecida com um grande rabanete escuro, dá em tufos, igual à batata. Nas regiões africanas ela não é tóxica, porém, na América do Sul, contém um suco dos mais venenosos, que se extrai antecipadamente por pressão. Depois disso, a raiz é transformada numa farinha, que se prepara de diversos modos, inclusive em forma de tapioca, de acordo com o gosto dos índios.

Por isso, a bordo da jangada, havia um verdadeiro silo desse produto tão útil, reservado para a alimentação de todos.

Além de todo um rebanho de carneiros alimentados num estábulo especial e abatidos antecipadamente, as conservas de carne consistiam numa boa quantidade de presuntos da região, de excelente qualidade; também contavam com o fuzil dos rapazes e de alguns índios, bons caçadores, para os quais haveria muita caça — e eles as matariam — nas ilhas ou nas florestas à beira do Amazonas.

Além do mais, o rio forneceria alimento para o consumo diário: camarões, que se poderia chamar de lagostins; "tambaquis", o melhor peixe de toda a bacia, de gosto mais requintado do que o salmão, ao qual já foi comparado; "pirarucus", de escamas vermelhas, grandes como os esturjões e que, salgados, são despachados em grandes quantidades para todo o Brasil; "candirus", perigosos de pegar, mas bons de comer; "piranhas", ou peixes-diabos, rajadas de faixas vermelhas e com trinta polegadas de comprimento; tartarugas grandes e pequenas, encontradas aos milhares e que fazem parte da alimentação dos índios; sem faltar nenhum deles, todos esses produtos do rio estariam presentes na mesa dos patrões e dos empregados.

Em breve, se possível, a caça e a pesca seriam praticadas regularmente.

Quanto às bebidas, havia uma boa provisão de tudo o que o país produzia de melhor: "caisuma" ou "machacha" do Alto e do Baixo Amazonas, líquido agradável, de sabor acidulado, que se destila fervendo a raiz da mandioca-doce;



"beiju" do Brasil, uma espécie de aguardente nacional; "chicha" do Peru, esse "mazato" de Ucaiali, extraído dos frutos fervidos, espremidos e fermentados da bananeira; "guaraná", uma espécie de pasta feita com a semente da "Paulínia", que, pela cor, parece um verdadeiro tablete de chocolate e, transformada num pó fino, é adicionada à água, resultando numa excelente bebida.

E isso não é tudo. Nessa região há uma espécie de vinho violeta escuro que é extraído do suco das palmeiras "açais", cujo gosto forte e aromático é apreciado pelos brasileiros. Também havia a bordo um número respeitável de frascos de vinho que, sem dúvida, estariam vazios quando chegassem ao Pará.

E, além disso, a adega especial da jangada era digna de Benito, que elegera a si mesmo como organizador-chefe. Algumas centenas de garrafas de Xerez, de Setúbal, de Porto lembravam os nomes caros aos primeiros conquistadores da América do Sul. E o jovem sommelier também guardara na adega alguns garraões empalhados cheios do excelente tafiá, que é uma aguardente de cana-de-açúcar com o gosto um pouco mais acentuado do que o beiju nacional.

Quanto ao tabaco, não era essa planta de qualidade inferior com a qual os índios da bacia amazônica se contentavam. Ele vinha em linha direta de Villa-Bella da Imperatriz, isto é, da região onde se recolhe o tabaco mais apreciado da América Central.

Então, na parte de trás da jangada ficava o alojamento principal com seus anexos, a cozinha, a despensa, a adega, que era a parte reservada para a família Garral e os empregados pessoais.

Na parte central, ao longo da embarcação, foram montadas as barracas destinadas ao alojamento dos índios e dos negros. Os empregados deviam usufruir das mesmas condições que na fazenda de Iquitos, e ficar num lugar onde pudessem fazer as manobras, sob a orientação do piloto.

Para alojar todos os empregados seria preciso um grande número de habitações, e a jangada daria a impressão de um pequeno povoado à deriva. Na verdade, ela teria mais casas e mais habitantes do que muitas aldeias do Alto Amazonas.

Para os índios, Joam Garral reservara verdadeiras malocas, uma espécie de cabana sem paredes, cujo telhado de folhagens era apoiado em delicados espeques. O ar circulava livremente por dentro dessas construções abertas e balançava as redes penduradas do lado de dentro. Nelas, os índios, entre os quais havia três ou quatro famílias completas, com mulheres e crianças, ficariam alojados como se estivessem em terra firme.

Os negros encontraram no comboio flutuante as cabanas habituais. Elas eram diferentes dos carbetos porque eram hermeticamente fechadas nos quatro lados, e só um dava acesso ao interior. Os índios, acostumados a viver ao ar livre, em plena liberdade, não se habituariam a ficar aprisionados numa cabana, mais conveniente para os negros.

Por fim, na frente, erguiam-se verdadeiros armazéns que guardavam as cargas que Joam Garral transportaria para Belém, junto com os produtos das florestas.

Nesses amplos depósitos, sob a direção de Benito, a rica mercadoria estava tão organizada que parecia ter sido cuidadosamente arrumada no porão de um navio.

Em primeiro lugar, as mil arrobas de borracha eram a parte mais preciosa da carga, pois a libra desse produto valia de três a quatro francos. A jangada levava também cinquenta quintais de salsaparrilha, essa esmilacéa que constituía um ramo importante do comércio de exportação em toda a bacia amazônica, e que foi ficando cada vez mais rara nas margens do rio porque os índios eram pouco cuidadosos e não respeitavam os caules quando a colhiam. Favas-da-índia, conhecidas no Brasil pelo nome de "cumarus", e que serviam para fazer certos óleos essenciais, sassafrás, das quais se extraía um bálsamo importante contra as feridas, fardos de plantas tintoriais, caixas de diversas gomas e uma certa quantidade de madeira preciosa completavam a carga de venda lucrativa e fácil nas províncias do Pará.

Talvez cause uma certa surpresa o fato de os índios e os negros embarcados terem sido limitados aos exigidos para a manobra da jangada. Não teria sido mais sensato levar um número maior de empregados, prevendo um possível ataque das tribos ribeirinhas do Amazonas?

Inútil. Não se tinha nada a temer dos índios da América Central; longe ia o tempo em que era preciso precaver-se contra essas agressões. Os índios que habitavam as margens pertenciam a tribos pacíficas, e os mais ferozes já se haviam retirado com a chegada da civilização, que foi se espalhando ao longo do rio e de seus afluentes. Os negros evadidos, os que haviam escapado das colônias penitenciárias do Brasil, da Inglaterra, da Holanda e da França, eram os únicos a quem se devia temer. Mas esses fugitivos eram em pequeno número e perambulavam em grupos isolados pelas florestas e cerrados, e a jangada estava equipada para repelir qualquer ataque desses seres errantes da mata.

Além do mais, havia vários postos, cidades, povoados, e um grande número de missões no Amazonas. Não era um deserto que o imenso curso d'água atravessava, e sim uma bacia que se colonizava dia a dia. Portanto, esse tipo de perigo não se devia levar em conta. Nenhuma agressão estava prevista.

Para terminar a descrição da jangada, só falta falar de duas ou três construções de natureza bem diferente, que lhe davam um aspecto bem pitoresco.

Na frente, erguia-se o assento do piloto. Na frente, e não atrás, onde habitualmente é o lugar do timoneiro. Nesse tipo de navegação, não se faz uso do leme. Longos remos não teriam nenhuma ação sobre uma embarcação desse comprimento, mesmo que fossem manobrados por cem braços vigorosos. Era

lateralmente, por meio de longos croques ou escoras, apoiados no fundo do leito do rio, que se mantinha a jangada na corrente, ou que se corrigia sua direção quando ela se afastava. Esse era o meio usado para se aproximar das margens, quando se queria fazer uma parada por um motivo qualquer. Três ou quatro ubás e duas pirogas com suas aparelhagens estavam a bordo e permitiam uma comunicação fácil com as margens. O papel do piloto se resumia a reconhecer as passagens do rio, os desvios da corrente, os remoinhos que se deviam evitar, as enseadas ou angras que apresentavam uma ancoragem favorável, e, para isso, seu lugar era e devia ser na frente.

Se o piloto era o orientador material dessa imensa máquina — não se pode usar, com acerto, essa expressão? —, um outro personagem ia ser o orientador espiritual: o padre Passanha, encarregado da missão de Iquitos.

Uma família tão religiosa quanto a família de Joam Garral aproveitou prontamente a ocasião de levar consigo o velho padre venerado.

O padre Passanha, então com setenta anos, era um homem de bem, cheio de fervor evangélico, uma pessoa caridosa e boa e, nessas regiões onde os representantes da religião nem sempre davam o exemplo da virtude, ele era o maior exemplo dos grandes missionários, que tanto fizeram pela civilização no meio das regiões mais selvagens do mundo.

Havia cinquenta anos, o padre Passanha vivia em Iquitos, na missão onde era o chefe. Merecidamente, era amado por todos. A família Garral o tinha em grande estima. Ele havia casado a filha do fazendeiro Magalhães com o jovem comissionado abrigado na fazenda. Vira nascer os filhos do casal, ele os batizara e instruíra e esperava também dar-lhes a bênção nupcial.

A idade do padre Passanha já não lhe permitia exercer seu laborioso ministério. A hora da aposentadoria já soara para ele.

Havia sido substituído em Iquitos por um missionário mais jovem e resolvera voltar ao Pará, para ali acabar os seus dias, num desses conventos reservados aos velhos servos de Deus.

Que ocasião melhor poderia ser oferecida do que descer o rio com essa família, que era como se fosse a sua? Eles lhe haviam proposto, e ele aceitara, participar da viagem e, quando chegassem a Belém, casaria o jovem casal, Minha e Manoel.

Mesmo que durante a viagem o padre Passanha devesse sentar-se à mesa da família, Joam Garral quis construir para ele uma habitação à parte e Deus sabe o cuidado que Yaquita e a filha tiveram para torná-la confortável! Certamente, o bom e velho padre nunca ficara tão bem alojado no seu modesto presbitério.

Todavia, o presbitério não era suficiente para o padre Passanha. Ele precisava também de uma capela.

A capela foi construída no centro da jangada, encimada por um pequeno

campanário.

Era bem pequena, sem dúvida, e não caberia todo o pessoal que estava a bordo; mas era ricamente ornamentada e, se Joam Garral teria sua própria casa nesse comboio flutuante, o padre Passanha também não lamentaria sua pobre igreja de IQUITOS.

Essa era, então, a maravilhosa aparelhagem que ia descer o curso do Amazonas. Ela estava lá, em cima do cascalho, esperando que o rio viesse carregá-la. De acordo com os cálculos e com as observações da cheia, isso não ia demorar.

Tudo estava pronto para a data de junho.

O piloto, que chegara na véspera, era um homem de cinquenta anos, muito entendido das coisas da sua profissão, mas que gostava de beber um pouco. Mesmo assim, Joam Garral tinha muita consideração por ele e, por várias vezes, contratara-o para levar comboios de madeira para Belém, sem nunca se ter arrependido.

Aliás, é preciso acrescentar que Araújo — esse era o seu nome — via muito melhor quando alguns copos do rústico tafiá, extraído do suco da cana-de-açúcar, clareavam-lhe a visão. Por isso, nunca navegava sem um certo garrafão cheio dessa bebida, à qual fazia uma corte assídua.

A cheia do rio já se manifestava sensivelmente havia diversos dias. De minuto em minuto o nível da água subia e, durante as quarenta e oito horas que precederam o nível máximo, as águas subiram o suficiente para cobrir a área de cascalho da fazenda, mas ainda não o bastante para levar a jangada.

Se bem que o movimento da água fosse garantido, que não houvesse a possibilidade de erro sobre a altura que a cheia deveria atingir acima do nível mais baixo, a hora psicológica não deixava de dar alguma emoção a todos os envolvidos na viagem. Na verdade, se por uma causa inexplicável as águas do Amazonas não subissem o bastante para ocasionar a flutuação da jangada, todo esse enorme trabalho teria de ser refeito. E como a diminuição da cheia aconteceria rapidamente, muitos meses teriam de passar para condições idênticas serem encontradas.

Portanto, no diade junho, perto do fim da tarde, os futuros passageiros da jangada se reuniram numa plataforma que ficava uns cem pés acima do cascalho e todos aguardaram a hora com uma espécie de ansiedade bem compreensível.

Lá estavam Yaquita, sua filha, Manoel Valdez, o padre Passanha, Benito, Lina, Fragoço, Cybele e alguns dos empregados índios e negros da fazenda.

Fragoço não conseguia ficar parado; ele ia e vinha, descia até a margem, subia na plataforma, anotava os pontos de referência e soltava hurras quando a água os atingia.

— Ela vai flutuar, ela vai flutuar — gritava —, a jangada que vai nos levar a

Belém! Ela vai flutuar quando todas as cataratas do céu se abrirem para encher o Amazonas!

João Garral estava na jangada com o piloto e uma numerosa equipe. A ele cabia tomar todas as medidas necessárias no momento da operação. Além do mais, a jangada estava bem amarrada à margem por grossos cabos e não poderia ser arrastada pela corrente quando viesse a flutuar.

Toda uma tribo de cento e cinquenta a duzentos índios dos arredores de Iquitos e mais a população do povoado vieram assistir ao interessante espetáculo.

Todos olhavam, o silêncio era quase completo na multidão impressionada.

Por volta das cinco horas da tarde, a água havia atingido um nível superior ao da véspera — mais de um pé — e o cascalho já desaparecia por inteiro sob o lençol de água.

Um certo ruído propagou-se pelas tábuas da enorme armação, mas ainda faltavam algumas polegadas para que ela fosse inteiramente erguida e se soltasse do fundo.

Durante uma hora, os ruídos foram aumentando. Todos os pranchões estalavam. Um trabalho estava sendo feito, e ele arrancava os troncos, aos poucos, do seu leito de areia.

Por volta das seis e meia, gritos de alegria eclodiram.

Finalmente, a jangada flutuava e a corrente a levava para o meio do rio; mas chamada de volta pelas amarras, ela veio tranquilamente se colocar perto da margem, no instante em que o padre Passanha a benzina, como teria benzido uma embarcação de mar, que tem o seu destino nas mãos de Deus!

No dia seguinte, 6 de junho, Joam Garral e a família despediram-se do administrador e dos empregados, índios e negros, que ficariam na fazenda. Às seis horas da manhã, a jangada recebeu todos os seus passageiros — seria mais justo chamá-los de habitantes — e cada um tomou posse da sua cabine, ou, melhor dizendo, da sua casa.

O momento de partir havia chegado. O piloto Araújo tomou seu lugar na frente, e as pessoas da equipe, armadas com seus longos craques, se mantiveram nos postos de manobra.

Joam Garral, ajudado por Benito e Manoel, fiscalizava a operação da partida.

Ao comando do piloto, os cabos foram desamarrados, os craques se apoiaram na margem para desatracar a jangada, a corrente não demorou a pegá-la e, beirando a margem esquerda do rio, ela deixou para trás, na margem direita, as ilhas Iquitos e Parianta.

A viagem havia começado. Onde acabaria? No Pará, em Belém, a oitocentas léguas desse pequeno povoado peruano, se nada modificasse o itinerário escolhido! Como ela acabaria? Isso era um segredo do futuro.

O tempo estava magnífico. Um belo "pampeiro" temperava o calor do sol. Era um desses ventos de junho e julho, que vêm da cordilheira, a algumas centenas de léguas dali, depois de deslizar pela imensa planície de Sacramento. Se a jangada fosse equipada com mastros e velas teria sentido os efeitos da brisa e sua velocidade teria sido acelerada; mas com as sinuosidades do rio, os bruscos remoinhos que obrigariam a navegar com o maior cuidado possível, precisava-se renunciar aos benefícios de um motor como esse.

Numa bacia tão plana quanto a do Amazonas, que, para dizer a verdade, não passa de uma planície sem fim, o declive do leito do rio mal pode ser percebido. Foi calculado que, entre Tabatinga, na fronteira brasileira, e a nascente desse grande curso d'água, a diferença de nível não ultrapassaria um decímetro por légua. Não existe nenhuma artéria fluvial no mundo cuja inclinação seja tão pouco pronunciada.

A consequência disso é que a velocidade da corrente do Amazonas, em média, não deve ser estimada em mais de duas léguas a cada vinte e quatro horas, e, algumas vezes, essa estimativa é ainda menor na época da seca. Entretanto, no período da cheia, ela já chegou a aumentar para trinta e até quarenta quilômetros no mesmo período.

Felizmente, essas seriam as condições em que a jangada navegaria; mas

como era muito pesada, ela não poderia andar com a mesma rapidez da corrente que se deslocava mais rápido do que ela. E se levarmos em conta os atrasos ocasionados pelos cotovelos do rio, pelas inúmeras ilhas que precisariam ser contornadas, pelos baixios que deveriam ser evitados, pelas horas de parada que, necessariamente, seriam perdidas, pelas noites muito escuras que não permitiriam viajar em segurança, a estimativa não poderia ser de mais de vinte e cinco quilômetros de caminho percorrido, a cada vinte e quatro horas.

Aliás, a superfície do rio não era totalmente livre. Árvores ainda verdes, restos de vegetação e ilhotas de plantas constantemente arrancadas das margens formavam uma flotilha de destroços que a corrente carregava e que constituíam obstáculos para uma rápida navegação.

A desembocadura do Nanay logo foi ultrapassada e se perdeu atrás de uma ponta da margem esquerda, com seu tapete de gramíneas arruivadas, queimadas pelo sol, que formavam um tórrido primeiro plano das verdejantes florestas do horizonte.

A jangada não demorou a se firmar na corrente.

A jangada não demorou a se firmar na corrente entre as inúmeras e pitorescas ilhas, das quais contamos uma dúzia de Iquitos até Pucalppa.

Araújo, que não se esquecia de clarear a visão e a memória servindo-se do garraão, manobrou habilmente no meio desse arquipélago. Quando ele dava a ordem, cinquenta croques se levantavam simultaneamente de cada lado da jangada e caíam na água com um movimento automático. Era curioso de se ver.

Enquanto isso, Yaquita, ajudada por Lina e Cybele, acabava de pôr tudo em ordem, e a cozinheira índia cuidava do preparo do almoço.

Os dois jovens e Minha passeavam na companhia do padre Passanha e, de tempos em tempos, a jovem parava para regar as plantas dispostas ao pé da casa.

— E então, padre — disse Benito —, conhece uma maneira mais agradável de se viajar?

— Não, meu querido filho — respondeu o padre Passanha. — Na verdade, isso é viajar com a própria casa!

— E sem nenhum cansaço — acrescentou Manoel. — Poderíamos viajar assim centenas de milhas!

— Por isso — disse Minha — o senhor não vai se arrepender de viajar em nossa companhia. Não lhe parece que embarcamos numa ilha, e que essa ilha, separada do leito do rio, com suas campinas, suas árvores, vai tranquilamente à deriva? Só que...

— Só quê?... — repetiu o padre Passanha.

— Essa ilha, padre, fomos nós que fizemos com nossas próprias mãos, ela nos pertence, e é a minha preferida entre todas as ilhas do Amazonas! Tenho o

direito de me orgulhar dela!

— Tem, querida filha — respondeu o padre Passanha —, e eu a absolvo do sentimento de orgulho. Aliás, não me permitiria repreendê-la diante de Manoel!

— Ao contrário! — respondeu alegremente a jovem. — É preciso ensinar Manoel a me censurar quando eu merecer! Ele é indulgente demais com a minha pessoa, que tem lá os seus defeitos.

— Então, minha querida Minha — disse Manoel —, vou aproveitar a permissão para lembrá-la...

— De quê?

— De que frequentou muito a biblioteca da fazenda e que havia prometido tornar-me muito sábio em tudo o que se refere ao seu Alto Amazonas. Nós não o conhecemos bem no Pará, e eis que a jangada passa por várias ilhas sem que pense em me dizer o nome delas.

— E quem poderia fazê-lo? — exclamou a jovem.

— Sim! Quem poderia? — repetiu Benito depois dela. — Quem poderia guardar as centenas de nomes no idioma "tupi" com que são qualificadas todas essas ilhas? É impossível identificá-las! Os americanos foram mais práticos com suas ilhas do Mississipi, elas são numeradas...

— Como são numeradas as avenidas e as ruas das cidades deles! — respondeu Manoel. — Francamente, eu não gosto muito desse sistema de numerar. Isso não mexe com a imaginação, ilha sessenta e quatro, ilha sessenta e cinco, igual à sexta rua da terceira avenida! Não compartilha minha opinião, querida Minha?

— Sim, Manoel, independentemente do que possa pensar o meu irmão — respondeu a jovem. — Mas, embora não conheçamos os nomes, as ilhas do nosso grande rio são realmente belas! Veja-as passarem sob a sombra de gigantescas palmeiras com suas folhas pendentes! E esse cinturão de junco que as cerca, no meio dos quais uma estreita piroga mal conseguiria abrir passagem! E essas rizóforas, cujas raízes fantásticas vêm arquear-se nas margens como patas de monstruosos caranguejos. Sim, essas ilhas são bonitas, mas por mais bonitas que sejam, não podem deslocar-se como a nossa!

— A pequena Minha está bem entusiasmada hoje! — observou o padre Passanha.

— Ah, Padre! — exclamou a jovem. — Estou tão feliz por sentir todo o mundo feliz a minha volta!

Nesse momento, ouviu-se a voz de Yaquita, que chamava Minha para dentro da casa.

A jovem foi embora, correndo e sorrindo.

— Manoel, terá uma amável companheira — disse o padre Passanha ao rapaz. — É toda a alegria da família que vai embora com o senhor, meu amigo.

— Querida irmãzinha! — disse Benito. — Vamos sentir muito a falta dela, e



o padre tem razão! Na verdade, se você não se casasse com ela, Manoel!... Ainda é tempo! Ela ficaria conosco!

— Ela ficará com vocês, Benito — respondeu Manoel.

— Acredite em mim, o futuro, tenho esse pressentimento, reunirá todos nós!

O primeiro dia correu bem. Almoçar, jantar, sesta, passeios, tudo acontecia como se Joam Garral e a família ainda estivessem na confortável fazenda de Iquitos.

Nessas vinte e quatro horas, as desembocaduras dos rios Bacali, Chochio, Pucalppa, à esquerda do rio, e as dos rios Itinicari, Maniti, Moyoc, Tuyuca e as ilhas com o mesmo nome, à direita, foram transpostas sem incidentes. À noite, iluminada pela lua, permitiu economizar uma parada e a longa jangada deslizou tranquilamente pela superfície do Amazonas.

No dia seguinte, 7 de junho, a jangada passou pelas margens do povoado de Pucalppa, também chamado de Novo-Oran. O antigo Oran, situado quinze léguas abaixo, na mesma margem esquerda do rio, está agora abandonado. A população de Novo-Oran era composta de índios que pertenciam às tribos mayorunas e orejones.

Não havia nada mais pitoresco do que esse povoado com suas margens que pareciam pintadas com sanguina, a igreja inacabada, as palhoças com altas palmeiras que sombreavam os colmos e duas ou três ubás meio encalhadas nos barrancos.

Durante todo o dia 7 de junho, a jangada continuou a seguir a margem esquerda do rio, passando por alguns afluentes desconhecidos, sem importância. Por um instante, ela correu o risco de ficar presa na ponta de cima da ilha Sinicuro; mas o piloto, bem servido pela equipe, conseguiu evitar o perigo e se manteve na direção da corrente.

No fim da tarde, chegaram ao lado de uma ilha mais extensa, chamada Ilha Napo, com o mesmo nome do rio que, nesse lugar, corre para o noroeste, e mistura suas águas com as do Amazonas por uma foz que tem por volta de oitocentos metros de largura, depois de haver banhado os territórios dos índios cotos da tribo dos orejones.

Foi nessa manhã de 7 de junho que a jangada chegou na altura da pequena ilha Mango, que obriga o Napo a se dividir em dois braços antes de desaguar no Amazonas.

Alguns anos depois, um viajante francês, Paul Marcoy, identificou a cor das águas desse afluente, que ele comparou com muita propriedade à nuance de absinto da opala verde. Ao mesmo tempo, ele retificou algumas medidas indicadas por La Condamine.

Mas, naquela época, a desembocadura do Napo estava sensivelmente aumentada pela cheia e era com uma certa rapidez que seu curso, que se

origina na encosta oriental do Cotopaxi, vinha se misturar, borbulhando, às águas amareladas do Amazonas.

Alguns índios perambulavam na desembocadura desse curso d'água. Eles eram robustos, de estatura elevada, cabelos soltos, a narina transpassada por uma argola de palmeira, o lóbulo da orelha esticado até o ombro pelo peso de rodela feita de madeira preciosa. Estavam acompanhados de algumas mulheres. Nenhum deles manifestou a intenção de subir a bordo.

Dizem que esses indígenas eram antropófagos; mas dizem isso de tantas tribos ribeirinhas que, se o fato fosse verdade, teríamos testemunhos dos hábitos de canibalismo que, até hoje, não foram encontrados.

Algumas horas mais tarde, o povoado de Bela-Vista, assentado numa margem mais baixa, mostrou seu buquê de belas árvores, que dominavam algumas choupanas cobertas de palha, sobre as quais as bananeiras de altura média deixavam cair suas largas folhas, como a água de uma vasilha cheia demais.

Depois, o piloto, a fim de seguir uma corrente melhor que deveria afastá-lo dos barrancos, dirigiu o comboio para a margem direita do rio, da qual ele ainda não se havia aproximado. A manobra não foi feita sem uma certa dificuldade, que, felizmente, foi vencida depois de alguns abraços dados no garraão.

Isso permitiu, de passagem, ver as numerosas lagoas de águas escuras, semeadas ao longo do curso do Amazonas e que, em geral, não têm nenhuma comunicação com o rio. Uma delas, que tem o nome de lagoa de Oran, de tamanho medíocre, recebia as águas por uma larga passagem. No meio do leito do rio, perfilavam-se várias ilhas e duas ou três ilhotas, curiosamente agrupadas e, na margem oposta, Benito distinguiu o lugar da antiga Oran, da qual não se viam mais do que vestígios indistintos.

Durante dois dias, de acordo com as exigências da corrente, a jangada ia ora para a margem direita, ora para a margem esquerda, sem que o seu madeiramento tocasse algo suspeito.

Os passageiros já estavam acostumados à nova vida. Joam Garral, que deixara para o filho o cuidado de tudo o que se referia ao lado comercial da expedição, ficava quase todo o tempo no quarto, meditando e escrevendo. Sobre o que escrevia, ele não dizia nada, nem mesmo a Yaquita e, no entanto, isso já adquiria o tamanho de uma verdadeira memória.

Benito, de olho em tudo, conversava com o piloto e revezava na direção. Yaquita, a filha e Manoel formavam quase sempre um grupo à parte, ou se entretinham com projetos sobre o futuro ou passeavam como se estivessem no jardim da fazenda. Era verdadeiramente a mesma vida. Só não era para Benito, que ainda não tivera oportunidade de se entregar ao prazer da caça. Embora sentisse falta das florestas de Iquitos, com suas feras, cutias, queixadas e capivaras, havia os pássaros que voavam em bandos nas margens e nem mesmo

temiam pousar na jangada. Quando podiam figurar na mesa como caça, Benito atirava neles e sua irmã não se opunha, pois era para o interesse de todos; mas, quando se tratava da garça-real cinza ou amarela, do fbis rosa ou branco, que frequentavam as margens, eram poupados por consideração a Minha. Só uma única espécie de mergulhão, se bem que absolutamente não comestível, não era atraente aos olhos do jovem negociante: era o "caiarara", tão hábil para mergulhar quanto para nadar ou voar, um pássaro com um grito desagradável, mas cuja penugem é muito valorizada nos vários mercados da bacia amazônica.

Finalmente, depois de passar pelo povoado de Omáguas e pela desembocadura do Ambiacu, a jangada chegou a Pevas, na tarde do dia 11 de junho, e foi amarrada à margem.

Como ainda restavam algumas horas antes do anoitecer, Benito desembarcou, levando com ele o sempre pronto Fragoso, e os dois caçadores foram percorrer a cerrada floresta nos arredores do pequeno povoado. Uma cutia e uma capivara, sem falar de uma dúzia de perdizes, vieram enriquecer a cozinha depois dessa feliz excursão.

Em Pevas, com uma população de duzentos e sessenta habitantes, talvez Benito pudesse fazer algumas trocas com os irmãos leigos da missão, que também eram negociantes de atacado; mas eles haviam expedido recentemente alguns fardos de salsaparrilha e um bom número de arrobas de borracha para o Baixo Amazonas, e o depósito deles estava vazio.

A jangada partiu ao amanhecer e entrou pelo pequeno arquipélago formado pelas ilhas Iatio e Cochiquinas, depois de passar, à direita, pelo povoado que tem o mesmo nome. Várias desembocaduras de pequenos afluentes sem nome foram notadas na margem direita do rio, através dos intervalos que separam as ilhas.

Alguns indígenas de cabeça raspada, tatuados nas faces e na testa, usando argolas de metal nas asas nasais e embaixo do lábio inferior, apareceram por alguns instantes nas margens. Estavam armados de flechas e zarabatanas, mas não as usaram e nem mesmo tentaram entrar em comunicação com a jangada.

Durante os dias que se seguiram, a navegação não apresentou nenhum incidente. As noites eram tão bonitas que a longa jangada se deixou levar pela corrente, sem fazer nenhuma parada. As duas margens pitorescas do rio pareciam locomover-se lateralmente, como esses cenários de teatro que vão de um bastidor ao outro. Por uma espécie de ilusão de óptica que acontece inconscientemente com os olhos, parecia que a jangada estava imóvel entre duas bordas que se moviam.

Benito não pôde caçar nas margens pois não fizeram nenhuma parada; mas a caça foi vantajosamente substituída pelos produtos da pesca.

Na verdade, eles pegaram uma grande variedade de peixes excelentes, "pacus", "surubis", "gamitanas", de uma carne deliciosa, e algumas grandes raias, chamadas de "duridarís", de barriga rosa e costas pretas, armadas com um ferrão venenoso. Também recolheram, aos milhares, esses "candirus", uma espécie de pequenos siluros, sendo alguns microscópicos, que fizeram uma alfineteira das panturrilhas do banhista que imprudentemente se aventurou nas paragens deles.

Vários outros animais aquáticos, frequentadores das ricas águas do Amazonas, acompanhavam a jangada por várias horas.

Havia os gigantes "pirarucus", com dez a doze pés de comprimento, cobertos por grandes escamas com a beirada escarlate, mas cuja carne só era apreciada pelos índios. Também nem tentavam pescar os graciosos golfinhos que vinham brincar às centenas, batiam com o rabo nas vigotas da jangada, jogavam-se na frente e atrás da embarcação, animando as águas do rio com reflexos coloridos e com jatos d'água, que a luz refratada mudava em vários arco-íris.

No dia 16 de junho, depois de navegar próximo às margens devido aos baixios que, felizmente, conseguiram evitar, a jangada chegou perto da grande ilha de San-Pablo e no dia seguinte, à noite, parou no povoado de Moromoros, situado na margem esquerda do Amazonas. Vinte e quatro horas depois, passou pelas desembocaduras do Atacoari e do Cocha e, em seguida, pelo "furo", ou canal que se comunicava com o lago de Caballo-Cocha, na margem direita, e fez escala na altura da missão de Cocha.

Essa era a região dos índios marahuas, de longos cabelos soltos, que tinham em volta da boca uma espécie de leque de espinhos de palmeiras, com seis polegadas de comprimento, que os deixava com um aspecto felino, e isso — segundo a observação de Paul Marcoy — com a intenção de se parecerem com

o tigre, do qual eles admiravam, acima de tudo, a audácia, a força e a astúcia.

Algumas mulheres estavam com esses marahuas, e fumavam charutos, segurando-os entre os dentes, acesos. Todos eles, assim como o rei das florestas amazônicas, andavam quase nus.

A missão de Cocha era, na época, dirigida por um monge franciscano, que quis visitar o padre Passanha.

Joam Garral acolheu muito bem o religioso e até convidou-o a sentar-se à mesa da família.

Exatamente naquele dia, havia um jantar que exaltava a cozinha índia.

Um caldo tradicional com ervas aromáticas, um empadão que, na maioria das vezes, substituíra o pão no Brasil e que era composto de farinha de mandioca bem impregnada de caldo de carne e de uma massa de tomate, galinha com arroz nadando num molho picante de vinagre e "malagueta", um prato de verduras apimentadas e bolo frio salpicado de canela; tudo isso tentava um pobre monge, reduzido ao trivial da paróquia. Portanto, insistiram para que ele ficasse. Yaquita e a filha fizeram tudo o que puderam com esse propósito. Mas, naquela mesma noite, o franciscano devia visitar um índio doente em Cocha. Ele agradeceu à hospitaleira família e partiu, não sem levar alguns presentes que deveriam ser bem recebidos pelos neófitos da missão. Durante dois dias, o piloto Araújo teve muito trabalho. O leito do rio se alargava pouco a pouco; mas as ilhas eram mais numerosas e a corrente, atrapalhada por esses obstáculos, também aumentava.

Era preciso tomar grandes precauções para passar entre as ilhas Caballo-Cocha, Tarapote, Cacao, fazer paradas frequentes e, por várias vezes, os homens foram obrigados a desembarçar a jangada, que ameaçava encalhar. Todo o mundo foi obrigado a pôr mãos à manobra, e foi nessas condições bem difíceis que, no dia 20 de junho, à tarde, eles conheceram Nuestra-Senora-de-Loreto.

Loreto era a última cidade peruana situada na margem esquerda do rio, antes de se chegar à fronteira do Brasil. Ela não passava de um simples povoado, composto de umas vinte casas, agrupadas numa ribanceira ligeiramente acidentada, cujas elevações eram de uma terra de ocre e argila.

Essa missão havia sido fundada em 1770 por missionários jesuítas. Os índios ticunas, que habitavam esses territórios ao norte do rio, eram indígenas de pele avermelhada, cabelos grossos, com desenhos zebraados no rosto, como a laca de uma mesa chinesa; tanto os homens quanto as mulheres se vestiam com pequenas faixas de algodão que lhes circundavam o peito e a cintura. Eles não eram, então, mais do que duzentos, nas bordas do Atacoari, um resto ínfimo de uma nação que, outrora, havia sido poderosa sob o comando de grandes chefes.

Em Loreto também viviam alguns soldados peruanos e dois ou três negociantes portugueses que comerciavam algodão, peixe salgado e salsaparrilha.

Benito desembarcou para, se possível, comprar alguns fardos dessa emsilacéa, que era muito solicitada nos mercados do Amazonas. Joam Garral, sempre muito ocupado com um trabalho que absorvia todo o seu tempo, não pôs o pé em terra. Yaquita e a filha também ficaram a bordo da jangada com Manoel. Isso porque os mosquitos de Loreto tinham uma bem-feita reputação para afastar os visitantes, que não queriam dar um pouco do próprio sangue para esses temíveis dípteros.

Justamente, Manoel acabava de dizer algumas palavras sobre esses insetos, que não davam a menor vontade de enfrentar suas picadas.

— Dizem — ele acrescentou — que as nove espécies que infestam o Amazonas marcaram encontro no povoado de Loreto. Eu acredito nisso e não quero tirar a prova. Lá, querida Minha, poderia escolher entre o mosquito cinza, o peludo, o de pata branca, o anão, o tocador de fanfarra, o pequeno píparo, o urtiquis, o arlequim, o negro grande, o ruivo dos bosques, ou provavelmente todos a escolheriam como alvo e voltaria para cá irreconhecível! Eu acho, na verdade, que esses dípteros sanguinários guardam melhor a fronteira brasileira do que esses pobres diabos dos soldados, pálidos e magros, que vemos na margem!

— Mas se tudo serve para alguma coisa na natureza — perguntou a jovem —, para que servem os mosquitos?

— Para fazer a felicidade dos entomologistas — respondeu Manoel —, e eu ficaria confuso para lhe dar uma explicação melhor!

O que Manoel disse sobre os mosquitos de Loreto não era mais do que a verdade. A consequência foi que, terminadas as compras, quando Benito voltou a bordo, tinha o rosto e as mãos tatuados por um milhão de pontos vermelhos, sem falar nos bichos-de-pé que, apesar do couro dos sapatos, se haviam introduzidos sob seus dedos.

— Vamos partir, vamos partir, agora mesmo! — gritou Benito.

— Ou as malditas legiões de insetos vão invadir-nos e a jangada ficará inabitável!

— E nós os importariamos para o Pará — retrucou Manoel —, que já tem o suficiente para o seu próprio consumo.

— Então, para não passar a noite nessas margens, a jangada, desamarrada, retomou a corrente.

A partir de Loreto, o Amazonas se inclinava um pouco para sudoeste, entre as ilhas Arava, Cuyari e Urucutea. A jangada deslizava nas águas escuras do Cajuru, misturadas com as águas brancas do Amazonas. Depois de transpor esse afluente da margem esquerda, no fim da tarde de 23 de junho, ela ia à deriva, tranquilamente, ladeando a grande ilha de Jahuma.

O pôr do sol no horizonte, sem nenhuma nuvem, anunciava uma dessas belas noites dos trópicos, que as zonas temperadas não conhecem. Uma ligeira

brisa refrescava a atmosfera. A lua logo ia se levantar no fundo do céu cheio de constelações, e substituir por algumas horas o crepúsculo ausente das baixas latitudes. E nesse período ainda obscuro, as estrelas brilhavam com uma pureza incomparável. A imensa planície da bacia parecia prolongar-se até o infinito como um mar e, na extremidade dessa linha, que mede mais de duzentos mil bilhões de léguas, apareciam, ao norte, o diamante único da estrela polar e, ao sul, os quatro brilhantes do Cruzeiro do Sul.

As árvores da margem esquerda e da ilha Jahuma, meio embaçadas, destacavam-se em recortes negros. Só se podia identificar as indecisas silhuetas, os troncos, ou melhor, as colunas das copaíbas que se abriam em guarda-chuvas, os grupos de "sandis", da qual se extrai um leite espesso e açucarado que, dizem, dá a embriaguez do vinho, os "vinháticos" com a altura de oitenta pés, cuja copa tremelicava com a passagem de leves correntes de ar. "Que bela homília são as florestas do Amazonas!", poderíamos dizer. Sim! E podíamos acrescentar: "Que hino maravilhoso são as noites dos trópicos!".

Os pássaros soltavam suas últimas notas da noite: "bem-te-vis" que penduram seus ninhos nos juncos das margens; "nhambus", uma espécie de perdiz, cujo canto é composto de quatro notas num acorde perfeito e que repetiam os imitadores da raça dos voadores; "camixis", de melopeia tão lamurienta; Martins-pescadores, cujo grito responde, como um sinal, aos últimos gritos dos seus congêneres; "canindés", com clarins sonoros; e araras vermelhas que dobravam as asas nas folhagens dos "jequitibás", das quais a noite extinguiu as esplêndidas cores.

Na jangada todos os empregados estavam nos seus postos, numa atitude de repouso. Sozinho, o piloto, de pé, na frente, deixava ver sua alta estatura, apenas delineada nas primeiras sombras. A tripulação de guarda, com o longo croque no ombro, lembrava um acampamento de cavaleiros tártaros. A bandeira brasileira pendia na ponta do mastro, na frente da jangada, e a brisa já não tinha força para levantar-lhe a estamena.

Às oito horas, as três primeiras badaladas do ângelus evolaram-se do sino da pequena capela. As três badaladas do segundo e do terceiro verseto soaram na sua vez e a ave-maria terminou com a série de toques mais rápidos do pequeno sino.

Toda a família, depois desse dia do mês de junho, ficou sentada na varanda, para respirar o ar mais fresco do lado de fora.

Todas as noites transcorriam desse modo e enquanto Joam Garral, sempre silencioso, se contentava em escutar, os jovens conversavam alegremente até a hora de dormir.

— Ah, nosso lindo rio, nosso magnífico Amazonas! — exclamou a jovem, cujo entusiasmo por esse grande curso de água sul-americano não diminuía nunca.

— Incomparável, na verdade — respondeu Manoel —, e eu percebo todas as suas sublimes belezas! Agora, estamos descendo o rio, como Orellana, como La Condamine fizeram, há séculos, e não surpreende que tenham feito tão maravilhosas descrições!

— Um pouco fabulosas! — replicou Benito.

— Meu irmão — recomeçou gravemente a jovem —, não fale mal do nosso Amazonas!

— Não estou falando mal, Só por lembrar que ele tem suas lendas, irmãzinha!

— Sim, é verdade, ele tem lendas, e maravilhosas! — respondeu Minha.

— Que lendas? — perguntou Manoel. — Devo confessar que elas ainda não chegaram ao Pará, ou pelo menos da minha parte, eu não as conheço!

— Mas então, o que lhes ensinam nos colégios de Belém? — respondeu a jovem, rindo.

— Estou começando a perceber que não nos ensinam nada!

— falou Manoel.

— Como, senhor! — retomou Minha com uma voz séria, mas levando no brincadeira. — Ignora, entre outras fábulas, que um enorme réptil, chamado de Minhocão, às vezes, vem visitar o Amazonas, e que as águas aumentam ou diminuem conforme essa serpente mergulha ou sai do rio, tão gigantesca ela é?

— E já viram alguma vez esse Minhocão fenomenal? — perguntou Manoel.

— Felizmente, não! — respondeu Lina.

— Que pena! — Fragoso achou que devia acrescentar.

— E a "Mãe d'Água, retomou a jovem — essa maravilhosa e temível mulher, cujo olhar fascina e arrasta para o fundo do rio os imprudentes que a contemplam?

— Oh! Quanto à Mãe d'Água, ela existe! — exclamou a ingênua Lina. — Dizem até que ela, ainda por cima, passeia nas margens, e desaparece, como uma ondina, quando alguém se aproxima!

— Muito bem, Lina — respondeu Benito —, a primeira vez que você a vir, venha avisar-me.

— Para que ela o pegue e o leve para o fundo do rio? Nunca, senhor Benito!

— É nisso que ela acredita! — exclamou Minha.

— Há muita gente que acredita no tronco de Manaus! — disse, então, Fragoso, sempre pronto a intervir a favor de Lina.

— O tronco de Manaus? — perguntou Manoel. — O que é esse tronco de Manaus?

— Senhor Manoel — respondeu Fragoso com uma seriedade cômica —, parece que há, ou melhor, que houve, antigamente, um tronco de "turumã" que todos os anos, na mesma época, descia o rio Negro, detinha-se alguns dias em Manaus e ia em direção ao Pará, fazendo uma parada em todos os portos, onde



os índios o ornamentavam, devotadamente, com bandeirinhas. Quando chegava a Belém, ele parava, dava meia-volta, subia o Amazonas, depois o rio Negro, e retornava para a floresta de onde misteriosamente partira. Um dia, quiseram levá-lo para terra, mas o rio, encolerizado, se encheu e tiveram de desistir de pegá-lo. Um outro dia, o capitão de um navio arpoou o tronco e tentou rebocá-lo... Mais uma vez, o rio enfurecido arreventou a corda, e o tronco escapou miraculosamente!

— E o que aconteceu com ele? — perguntou a jovem mulata.

— Parece que na última viagem, senhorita Lina — respondeu Frago —, em vez de subir o rio Negro, ele errou o caminho e seguiu pelo Amazonas. Depois disso, ninguém mais o viu!

— Oh! Se pudéssemos encontrá-lo! — exclamou Lina.

— Se nós o encontrarmos — disse Benito —, poremos você em cima do tronco, Lina; ele vai levá-la para a floresta misteriosa e você passará a ser uma náide lendária.

— Por que não? — respondeu a jovem tresloucada.

— São muitas lendas — disse, então, Manoel — e confesso que o rio de vocês é digno delas. Mas há também algumas histórias muito interessantes. Eu conheço uma e, se não temesse entristecê-

los, porque ela é verdadeiramente lamentável, eu a contaria.

— Oh! Conte, senhor Manoel — exclamou Lina. — Gosto tanto de histórias que fazem chorar.

— Você chora, Lina? — disse Benito.

— Choro sim, senhor Benito, mas eu choro rindo!

— Vamos, conte logo, Manoel.

— É a história de uma francesa, cujas desgraças ilustraram essas margens, no século XVIII.

— Continue — falou Minha.

— Vou começar — retomou Manoel. — Em 1741, por ocasião da experiência de dois cientistas franceses, Bourguer e La Condamine, que foram enviados para medir um grau da Terra abaixo do Equador, a eles se juntou um astrônomo muito famoso, chamado Godin des Odonais.

"Então, Godin des Odonais partiu, mas não foi sozinho para o Novo Mundo: levou consigo a jovem esposa, os filhos, o sogro e o cunhado.

"Todos os viajantes chegaram a Quito saudáveis. E foi ali que começou uma série de desgraças para a senhora Odonais, porque em poucos meses ela perdeu vários de seus filhos.

"Quando Godin des Odonais terminou seu trabalho, por volta do fim do ano de 1759, ele teve de sair de Quito e ir para Caiena.

Assim que chegou à cidade, quis mandar vir a família; mas como a guerra havia sido declarada, foi obrigado a solicitar ao governo português uma

autorização que desse passagem livre para a senhora Odonais e os outros familiares.

"E dá para acreditar? Muitos anos se passaram sem que a autorização fosse concedida.

"Em 1765, Godin des Odonais, desesperado com esses atrasos, resolveu subir o Amazonas para buscar a mulher em Quito; mas quando ia partir, uma súbita doença impediu-o e não pôde executar o projeto.

"Entretanto, os pedidos não haviam sido inúteis e a senhora Odonais soube, finalmente, que o rei de Portugal lhe concedia autorização e mandara preparar uma embarcação para que pudesse descer o rio e ir ao encontro do marido. Ao mesmo tempo, uma escolta recebera ordens de esperá-la nas missões do Alto Amazonas.

"A senhora Odonais era uma mulher de grande coragem, como verão. Por isso, não hesitou e, apesar dos perigos de uma viagem como essa através do continente, ela partiu."

— Era o dever dela, de esposa, Manoel — disse Yaquita. — E eu teria agido da mesma forma.

— A senhora Odonais — retomou Manoel — foi até Rio Bamba, ao sul de Quito, levando com ela o irmão, os filhos e um médico francês. Eles precisavam chegar às missões da fronteira brasileira, onde deviam encontrar a embarcação e a escolta.

"No início, a viagem foi feliz; ela passava pelos afluentes do Amazonas, que se desciam de canoa. Entretanto, as dificuldades foram crescendo pouco a pouco, devido aos perigos e ao cansaço, num país dizimado pela varíola. Dos poucos guias que vieram oferecer seus serviços, a maioria desapareceu alguns dias depois e, um deles, o último que havia permanecido fiel aos viajantes, afogou-se ao socorrer o médico francês.

"A canoa, meio quebrada pelas rochas e pelos troncos à deriva, já não servia mais. Precisaram, então, desembarcar e, ali, na beira de uma impenetrável floresta, foram obrigados a construir umas cabanas de folhagens. O médico se ofereceu para ir na frente com um negro que nunca deixara a senhora Odonais. Os dois partiram. Eles foram esperados por vários dias... em vão! Nunca mais voltaram.

"Os vóveres estavam acabando. Os que haviam ficado tentaram, inutilmente, descer o Bobonasa numa jangada. Tiveram de voltar para a floresta e seguir a pé, no meio da vegetação cerrada, quase impraticável.

"Era demais para essas pobres pessoas! Elas foram morrendo uma a uma, apesar dos cuidados da valente francesa. Passados alguns dias, filhos, parentes, empregados, todos estavam mortos!"

— Oh, que mulher infeliz! — disse Lina.

— A senhora Odonais ficou sozinha — continuou Manoel. — Ela ainda

estava a mil léguas do oceano que precisava atingir. Já não era a mãe que continuava a andar na direção do rio!... A mãe havia perdido os filhos, enterrara-os com as próprias mãos! Era a mulher que queria rever o marido.

"Ela andou dia e noite e, finalmente, encontrou o curso do Bobonasa. Ali, foi recolhida por índios generosos que a conduziram às missões onde a escolta a esperava.

"Mas a senhora Odonais chegava Só, deixando atrás de si um caminho semeado de túmulos.

"A esposa de Odonais chegou a Loreto, onde estávamos há alguns dias. Desse povoado peruano, ela desceu o Amazonas, como nós nesse momento e, enfim, reencontrou o marido, depois de dezenove anos de separação!"

— Pobre mulher! — disse Minha.

— Pobre mãe, principalmente! — retrucou Yaquita.

Nesse momento, o piloto Araújo apareceu na parte de trás da jangada e disse:

— Joam Garral, estamos diante da ilha da Ronda. Vamos passar a fronteira!

— A fronteira! — respondeu Joam.

E, levantando-se, foi até a borda da jangada e olhou longamente para a ilha da Ronda, onde se quebrava a corrente do rio. Em seguida, pôs a mão na testa, como se quisesse expulsar uma lembrança.

— A fronteira! — murmurou, abaixando a cabeça num movimento involuntário.

Contudo, um minuto depois, a cabeça estava erguida, e seu rosto era o de um homem resolvido a cumprir o dever até o fim.

"Braza', ou brasa, é uma palavra que encontramos na língua espanhola desde o século XII. Ela serviu para formar a palavra "brazil", para designar certas madeiras que fornecem uma tinta vermelha. Daí vem o nome de Brasil dado à vasta extensão da América do Sul que é atravessada pela linha equinocial, e onde essa madeira era frequentemente encontrada. Ela foi, aliás, e numa boa hora, objeto de um grande comércio com os normandos.

Embora seja denominada "ibirapitanga" no lugar em que é produzida, foi o nome de "brazil" que ficou, e que passou a ser o nome do país, que parece uma imensa brasa, inflamado pelos raios do sol tropical.

Os portugueses foram os primeiros a ocupá-lo. No início do século XVI, Álvares Cabral tomou posse dessa terra. Embora, mais tarde, a França e a Holanda se tenham estabelecido numa parte do país, ele continuou sendo dos portugueses com todas as qualidades que distinguem esse pequeno povo valente. Considerado um dos maiores países da América meridional, teve no seu comando o rei artista e inteligente dom Pedro.

"Que direito você tem na tribo?", perguntou Montaigne a um índio que encontrou no Havre.

"O direito de ser o primeiro a ir para a guerra!", respondeu simplesmente o índio.

A guerra, é sabido, foi por muito tempo o mais infalível e o mais rápido veículo da civilização. Por isso, os brasileiros fizeram o que fazia esse índio: lutaram, defenderam sua conquista, ampliaram-na, e era na primeira fila que os víamos marchar na estrada da civilização.

Em 1824, seis anos depois da fundação do império luso-brasileiro, o Brasil proclamou sua independência pela voz de dom Juan, que os exércitos franceses haviam expulsado de Portugal.

Faltava acertar a questão das fronteiras entre o novo império e o Peru, seu vizinho.

A coisa não era fácil.

De um lado o Brasil queria estender suas terras até o rio Napo, a oeste, do outro, o Peru pretendia ampliar as suas até o lago Ega, isto é, mais oito graus a oeste.

Porém, nesse meio tempo, o Brasil precisou intervir para impedir um levante dos índios do Amazonas, a favor das missões hispano-brasileiras. O melhor meio encontrado para impedir esse tipo de tratado foi fortificar a ilha da Ronda, um pouco acima de Tabatinga, e ali estabelecer um posto.

Foi uma solução e, desde essa época, a fronteira dos dois países passa pelo meio da ilha.

Acima, o rio é peruano e se chama Maranon, como foi dito.

Abaixo, ele é brasileiro e tem o nome de rio das Amazonas.

No dia 25 de junho, à noite, a jangada parou diante de Tabatinga, a primeira cidade brasileira, situada na margem esquerda, na nascente do rio que lhe dá o nome, e que depende da paróquia de San-Pablo, estabelecida mais abaixo, na margem direita.

Joam Garral resolveu passar ali trinta e seis horas, para dar um descanso aos empregados. Portanto, a partida Só ocorreria no dia 27, pela manhã.

Dessa vez, Yaquita e os filhos, talvez menos ameaçados do que em Iquitos de servir de comida aos mosquitos indígenas, manifestaram a intenção de descer em terra e visitar a aldeia.

A população de Tabatinga era estimada em quatrocentos habitantes, quase todos índios, incluindo, sem dúvida, os nômades que iam de um lado para o outro e não se fixavam à beira do Amazonas, nem dos seus pequenos afluentes.

O posto da ilha da Ronda estava abandonado havia alguns anos e fora transportado para Tabatinga. Podia-se dizer que se tratava de uma cidade de guarnição; porém, a guarnição era composta apenas de nove soldados, quase todos índios, e de um sargento que era o verdadeiro comandante do lugar.

Uma ribanceira, de uns trinta pés de altura, na qual foram cortados os degraus de uma pequena escada não muito sólida, formava nesse lugar a cortina da esplanada onde estava o pequeno forte. A residência do comandante era composta de duas choupanas dispostas num ângulo reto, e os soldados ocupavam uma construção oblonga, erguida a cem passos dali, ao pé de uma grande árvore.

Esse conjunto de cabanas seria perfeitamente parecido com todos os povoados e vilarejos disseminados pelas margens do rio, se um mastro com uma bandeira, enfeitada com as cores brasileiras, não se elevasse em cima de uma guarita, sempre privada da sentinela, e se quatro pedreiros de bronze não estivessem ali para atirar, se necessário, em todas as embarcações que avançassem sem ordem.

Quanto ao povoado propriamente dito, estava situado mais abaixo, além do planalto. Um caminho, que não passava de uma ravina, sombreado de ficus e de miritis, levava até ele, em poucos minutos. Sobre uma escarpa de pedra argilosa, meio rachada, erguiam-se uma dúzia de casas cobertas de folhas de palmeira "boiaçu", dispostas em torno de uma praça central.

Tudo isso não era muito interessante, mas os arredores de Tabatinga eram encantadores, sobretudo na desembocadura do Javari, larga o suficiente para conter o arquipélago das ilhas Aramasa. Nesse lugar, estavam agrupadas belas árvores e, entre elas, um grande número de palmeiras, cujas fibras flexíveis,

empregadas na fabricação de redes de dormir e redes de pesca, faziam parte de um certo comércio. Em resumo, esse lugar era um dos mais pitorescos do Alto Amazonas.

Aliás, Tabatinga estava destinada a se tornar, em pouco tempo, um ponto de parada muito importante e, sem dúvida, a ter um rápido desenvolvimento. Ali deveriam parar os vapores brasileiros que subiam o rio, e os vapores peruanos que o desciam.

Ali seria feita a mudança de carga e de passageiros. Para uma aldeia inglesa ou americana, nem precisaria tanto para se tornar, em alguns anos, o centro de um movimento comercial dos mais consideráveis.

O rio era muito bonito nessa parte do seu curso.

Evidentemente, o efeito das marés não era sentido em Tabatinga, situada a mais de cem léguas do Atlântico. Mas era diferente com a "pororoca", essa espécie de macaréu que, durante três dias, nos grandes fluxos de sizígia, aumenta as águas do Amazonas e as empurra com uma velocidade de dezessete quilômetros por hora.

Diziam, realmente, que esse maremoto se propagava até a fronteira brasileira.

No dia seguinte, 26 de junho, antes do almoço, a família Garral preparou-se para desembarcar e visitar a cidade.

Embora Joam, Benito e Manoel já houvessem posto os pés em mais de uma cidade do império brasileiro, isso não havia acontecido com Yaquita e a filha. Seria, então, para elas, uma tomada de posse.

Imagina-se o valor que Yaquita e Minha deviam dar a essa visita.

Se, por um lado, Frágoso, na qualidade de barbeiro nômade, já havia corrido as diversas províncias da América Central, tanto Lina como sua patroa ainda não haviam pisado em solo brasileiro.

Porém, antes de deixar a jangada, Frágoso foi ao encontro de Joam Garral e teve uma conversa com ele, que segue abaixo: — Senhor Garral — disse ele —, desde o dia em que o senhor me recebeu na fazenda de Iquitos, me alojou, vestiu, alimentou, numa palavra, me acolheu tão hospitaleiramente, eu lhe devo...

— Não me deve absolutamente nada, meu amigo — respondeu Joam Garral. — Portanto, não insista...

— Oh! Tranquelize-se — exclamou Frágoso —, não estou à altura de saldar minha dívida com o senhor! E digo mais, o senhor me trouxe para bordo e possibilitou que eu descesse o rio. E eis que estamos aqui, no Brasil, que, segundo todas as probabilidades, nunca mais veria. Se não fosse o cipó...

— É para Lina, somente à Lina, que deve transferir seu reconhecimento — disse Joam Garral.

— Eu sei — respondeu Frágoso — e nunca esquecerei o que devo a ela, não

mais do que ao senhor.

— Está parecendo, Fragoso — voltou a falar Joam — que veio dizer adeus! Sua intenção é ficar em Tabatinga?

— De jeito nenhum, senhor Garral, pois o senhor me permitiu acompanhá-lo até Belém, onde poderei, ao menos é o que espero, retomar minha antiga profissão.

— Bom, então, se essa é a sua intenção, o que veio pedir, meu amigo?

— Vim perguntar se o senhor vê algum inconveniente em eu exercer, no caminho, essa profissão. Minha mão não pode enferrujar e, além do mais, alguns punhados de réis não fariam mal ao fundo do meu bolso, sobretudo se eu ganhá-los. Sabe, senhor Garral, um barbeiro que é, ao mesmo tempo, um pouco cabeleireiro, e não ousa dizer um pouco médico por respeito ao senhor Manoel, sempre acha alguns clientes nessas aldeias do Alto Amazonas.

— Principalmente entre os brasileiros — respondeu Joam Garral —, porque entre os indígenas..

— Desculpe-me — respondeu Fragoso —, principalmente entre os indígenas! Ah! Não há barba para fazer, pois a natureza se mostrou muito avara desse ornamento para com eles, mas há sempre um cabelo para arrumar de acordo com a última moda! Os selvagens gostam disso, sejam eles homens ou mulheres. Se eu me instalar na praça de Tabatinga, com o meu bilboquê na mão — é o bilboquê que os atrai inicialmente, e eu jogo muito bem —, antes de dez minutos um círculo de índios e índias estará formado a minha volta. Eles disputam meus favores! Se eu ficar um mês aqui, toda a tribo dos ticunas será penteada pelas minhas mãos. Não tardarão a saber que o "ferro que frisa" — é assim que me chamam — está de volta entre os muros de Tabatinga! Já passei aqui por duas vezes e minhas tesouras e pentes fizeram maravilhas! Ah, mas não se deve voltar constantemente à mesma freguesia. As senhoras índias não arrumam o cabelo todos os dias como as mulheres elegantes das cidades brasileiras! Não! Depois de penteadas, isso fica por um ano e, durante um ano, elas tomam todo o cuidado para não estragar a obra que eu fiz, com algum talento, modéstia à parte! Acontece que faz um ano que estive em Tabatinga. Portanto, vou encontrar todos os meus monumentos em ruínas e, se o senhor não se incomodar, senhor Garral, eu queria tornar-me, uma segunda vez, digno da reputação que adquiri nessa região. Antes de tudo é uma questão de dinheiro e não de amor-próprio, pode acreditar.

— Vá, então, meu amigo — respondeu Joam Garral, sorrindo —, mas vá depressa! Não devemos ficar mais do que um dia em Tabatinga e partiremos amanhã pela manhã.

— Não vou perder um minuto — disse Fragoso. — Só o tempo de pegar os utensílios da minha profissão e desembarco!

— Vá, Fragoso! — retomou Joam Garral. — Que chova dinheiro no seu

bolso!

— É o que espero, e é uma chuva benfazeja que nunca caiu em excesso sobre o seu servo!

Dito isso, Fragoso saiu rapidamente.

Alguns minutos depois, a família, exceto Joam Garral, estava em terra. A jangada pudera aproximar-se o suficiente da margem para que o desembarque se fizesse sem dificuldade. Uma escada em mau estado, cortada no barranco, permitiu que os visitantes chegassem ao alto do platô.

Yaquita e os seus foram recebidos pelo comandante do forte, um pobre-diabo que, no entanto, conhecia as leis da hospitalidade e convidou-os para almoçar na sua casa. Aqui e acolá iam e vinham alguns soldados do posto, enquanto, na entrada da caserna, surgiam suas mulheres, de sangue ticuna, com algumas crianças, produtos bastante medianos dessa mistura de raças.

Em vez de aceitar o almoço do sargento, Yaquita fez o contrário convidou-o e à mulher para partilhar de sua refeição a bordo da jangada.

O comandante não se fez de rogado e o encontro foi marcado para as onze horas.

Enquanto isso, Yaquita, a filha e a jovem mulata, acompanhadas de Manoel, foram passear pelos arredores do posto, deixando para Benito acertar com o comandante o pagamento pelo direito de passagem, porque esse sargento era chefe da alfândega e chefe militar, ao mesmo tempo.

Depois de fazer isso, como de hábito, Benito sairia para caçar nas matas vizinhas. Dessa vez, Manoel se recusou a acompanhá-lo.

E, por seu lado, Fragoso, que havia descido da jangada em vez de subir para o posto, dirigiu-se ao povoado, seguindo pela ravina que se abria à direita, no nível da margem. Ele contava mais, e com razão, com a clientela indígena de Tabatinga do que com a da guarnição. Sem dúvida, para as mulheres dos soldados não haveria nada melhor do que se entregar às suas hábeis mãos; mas os maridos não pensavam em despende alguns réis para satisfazer as fantasias das suas coquetes caras-metades.

Entre os indígenas seria diferente. Maridos e mulheres, o barbeiro sabia disso, iriam recebê-lo bem.

Então, subindo pelo caminho sombreado de ficus, eis que Fragoso chega ao centro de Tabatinga.

Assim que chegou, o famoso cabeleireiro foi notado, reconhecido, cercado.

Fragoso não tinha bumbo, nem tambor, nem cornetim para atrair os clientes, nem um carro com cobres brilhantes, faróis resplandecentes, painéis cobertos de vidros, nem um guarda-sol gigantesco, nada que pudesse provocar o interesse do público, como se faziam nas feiras da época. Não! Porém, Fragoso tinha o seu bilboquê, e como esse bilboquê era jogado em suas mãos! Com que destreza ele recebia a cabeça de tartaruga, que servia de bola, na ponta afilada



do cabo! Com que graça fazia a bola descrever essa curva difícil, da qual, provavelmente, os matemáticos ainda não haviam calculado o valor, embora já houvessem determinado a famosa curva "do cão que segue o dono!".

Todos os indígenas estavam lá, homens, mulheres, velhos, crianças, com suas vestimentas um pouco primitivas, olhando com todos os olhos, escutando com todos os ouvidos. O amável malabarista, metade em português, metade na língua ticuna, derramava sobre eles sua lengalenga habitual num tom dos mais alegres.

O que ele lhes dizia era o que dizem todos os charlatões que põem seus serviços à disposição do público, sejam eles Fígaros espanhóis ou cabeleiros franceses. No fundo, a mesma autoconfiança, os mesmos conhecimentos das fraquezas humanas, o mesmo gênero de brincadeiras repetidas, a mesma simpática habilidade, o mesmo assombro, a mesma curiosidade, a mesma credulidade dos basbaques do mundo civilizado.

A consequência foi que, dez minutos mais tarde, o público estava entusiasmado e se apertava próximo a Frágoso, instalado numa "loja" da praça, que servia de taberna.

A loja pertencia a um brasileiro domiciliado em Tabatinga.

Nesse lugar, por alguns vinténs, que são os soles do país e valem vinte réis, os índios podiam comprar bebidas fabricadas ali mesmo, especialmente o açá. Trata-se de uma bebida meio sólida, meio líquida, feita dos frutos de uma palmeira, tomada numa "cuia", ou meia cabaça, a qual, em geral, se usa na bacia do Amazonas.

E então, homens e mulheres — eles com menos pressa do que elas — sentaram-se no escabelo do barbeiro. Provavelmente, a tesoura de Frágoso não ia ter muito uso, pois não se tratava de cortar as opulentas cabeleiras, quase todas extraordinárias pela fineza e qualidade; mas que emprego ele ia fazer do pente e dos ferros, que esquentavam no canto, num braseiro!

E o artista encorajava as pessoas!

— Vejam, vejam — ele dizia — como isso permanecerá, meus amigos, se vocês não dormirem em cima! Até por um ano, e essa é a nova moda de Belém e do Rio de Janeiro! As damas de honra da rainha não são penteadas com tanta habilidade, e notem que eu não economizo na pomada!

— Não! Ele não economizava! É verdade que não passava de um pouco de gordura, à qual misturava o sumo de algumas flores, mas emplastava como cimento.

Por isso, seria possível dar o nome de edifícios capilares aos monumentos construídos pelas mãos de Frágoso, que comportavam todo tipo de arquitetura. Anéis, cachos, caracóis, tranças enroladas no alto da cabeça, tranças soltas, encrespamentos, enrolados, encaracolados, papelotes, todos tinham o seu lugar. Nada falso, por exemplo, nada de fitas em volta da cabeça, nem coques, nada

posição. Os cabelos dos indígenas não eram como árvores pequenas enfraquecidas pelos cortes, afinadas pelas quedas, e sim florestas em toda a sua virgindade nativa! Entretanto, ele não deixava de acrescentar algumas flores naturais, duas ou três longas espinhas de peixe, finos enfeites de ossos ou de cobre, que lhe traziam as elegantes do lugar. Com certeza, as mulheres requintadas do Diretório<sup>3</sup> teriam invejado o arranjo desses penteados de grande imaginação, de três e quatro andares, e o grande Léonard, em pessoa, ter-se-ia inclinado diante do rival de além-mar!

— E então, os vinténs, os punhados de réis — única moeda pela qual os indígenas do Amazonas trocavam suas mercadorias — choveram no bolso de Frágoso, que os guardava com evidente satisfação. Mas, certamente, a noite chegaria antes que pudesse satisfazer à demanda de uma clientela incessantemente renovada.

Não era Só a população de Tabatinga que se espremia na porta da loja. A notícia da chegada de Frágoso não demorara a se espalhar.

Os índios vinham de todos os lados: ticunas da margem esquerda do rio, mayorunas da margem direita, assim como os que moravam à beira do Cajuru, além dos que residiam nas aldeias do Javari.

Por isso, uma longa fila de impacientes se delineava na praça central. Os felizardos e felizardas que saíam das mãos de Frágoso iam orgulhosamente de uma casa à outra, como crianças grandes que eram, se pavoneando e sem ousar se mexer demais.

O que ocorreu foi que o meio-dia chegou e o ocupado cabeleireiro não teve tempo de voltar a bordo para almoçar, e teve de se contentar com um pouco de açaí, farinha de mandioca e dois ovos de tartaruga, que engoliu rapidamente, entre duas enroladas com o ferro.

E era também uma boa colheita para o taberneiro, porque todas essas operações não se realizavam sem uma grande consumação de bebidas da adega da loja. Na verdade, era um grande evento para a cidade de Tabatinga a passagem do célebre Frágoso, cabeleireiro extraordinário e habitual das tribos do Alto Amazonas!

---

Às cinco horas da tarde, Fragoso ainda estava lá, não aguentando mais e se perguntando se seria obrigado a passar a noite no local para satisfazer a multidão que ainda esperava.

Nesse momento, um forasteiro chegou na praça e, ao ver a reunião de indígenas, encaminhou-se para a taberna.

Por alguns minutos, o estranho observou Fragoso atentamente, com uma certa circunspeção. Sem dúvida, o exame o deixou satisfeito, porque ele entrou na loja.

Era um homem de uns trinta e cinco anos, mais ou menos.

Usava um traje elegante de viagem, que valorizava a sua pessoa.

Mas a grande barba negra, que havia muito tempo não era aparada com tesoura, e o cabelo, um pouco comprido, reclamavam imperiosamente o bom trabalho de um cabeleireiro.

— Boa tarde, amigo, boa tarde! — ele disse, batendo ligeira mente no ombro de Fragoso.

Fragoso voltou-se quando ouviu as palavras pronunciadas em puro brasileiro, e não no idioma misturado dos índios.

— Um compatriota? — perguntou, sem parar de torcer um cacho rebelde da cabeça de uma mayoruna.

— Sim — respondeu o forasteiro —, um compatriota que precisa dos seus serviços.

— Como não! Num instante — disse Fragoso. — Assim que terminar a senhora!

— E isso foi feito com duas enroladas do ferro quente.

Embora não tivesse direito ao lugar vago, o recém-chegado se sentou no escabelo, sem que isso provocasse alguma reclamação da parte dos indígenas, que teriam a vez atrasada.

Fragoso trocou os ferros de enrolar pela tesoura de cabeleireiro e, segundo o hábito dos colegas de profissão: — O que deseja, senhor? — perguntou.

— Cortar a barba e o cabelo — respondeu o estranho.

— Como queira! — disse Fragoso, introduzindo o pente na espessa cabeleira do cliente.

E imediatamente a tesoura começou o seu trabalho.

— O senhor vem de longe? — perguntou Fragoso, que não conseguia trabalhar sem uma grande abundância de palavras.

— Venho dos arredores de Iquitos.

— Veja Só, como eu! — exclamou Frago. — Desci o Amazonas de Iquitos a Tabatinga! E posso perguntar seu nome?

— Sem nenhum inconveniente — respondeu o forasteiro. — Eu me chamo Torres.

Quando o cabelo do cliente já estava cortado "na última moda", Frago começou a cortar a barba, mas, nesse instante, como o olhava diretamente no rosto, parou, retomou o trabalho e, enfim:

— Ei, senhor Torres — disse —, será que...? Acho que o conheço!... Será que já não nos encontramos em algum lugar?

— Acho que não! — respondeu Torres, animado.

— Então, estou enganado! — disse Frago. E se preparou para terminar o trabalho.

Pouco depois, Torres retomou a conversa, que a pergunta de Frago havia interrompido:

— Como veio de Iquitos? — perguntou.

— De Iquitos para Tabatinga?

— Sim.

— A bordo de uma jangada, na qual me trouxe como passageiro um digno fazendeiro que desce o Amazonas com toda a família.

— Ah! Verdade, amigo? É uma sorte, se o fazendeiro quisesse levar-me...

— Também tem a intenção de descer o rio?

— Exatamente.

— Até o Pará?

— Não, Só até Manaus, onde tenho negócios.

— Bom, meu anfitrião é um homem que gosta de ajudar, e acho que lhe prestará esse serviço de boa vontade.

— Acha?

— Diria até que tenho certeza.

— E como se chama o fazendeiro? — perguntou Torres displicentemente.

— Joam Garral — respondeu Frago.

Nesse momento, murmurou para si mesmo: "Tenho certeza de que já vi esse homem em algum lugar!".

Torres não era homem de deixar terminar uma conversa que parecia interessá-lo, e dessa vez com mais razão.

— Então — disse ele —, acha que Joam Garral consentiria em levar-me como passageiro?

— Repito que não tenho dúvidas — respondeu Frago. — O que ele faz para um pobre-diabo como eu, não recusará a fazer pelo senhor, um compatriota!

— Está sozinho a bordo da jangada?

— Não — replicou Frago. — Acabei de dizer que viaja com toda a

família, uma família de pessoas ótimas, e está acompanhado de uma equipe de índios e de negros, que fazem parte dos empregados da fazenda.

— É rico esse fazendeiro?

— É sim, muito rico — respondeu Fragoso —, muito rico. Só as madeiras flutuantes que formam a jangada e a carga que ela transporta constituem uma fortuna!

— Então Joam Garral passou pela fronteira brasileira com toda a família? — retomou Torres.

— Sim — respondeu Fragoso —, a mulher, o filho, a filha e o noivo da senhorita Minha.

— Ah! Ele tem uma filha? — disse Torres.

— Uma filha encantadora.

— E vai casar-se?...

— Vai, com um rapaz formidável — respondeu Fragoso —, um médico militar da guarnição de Belém, que se casará com ela assim que chegarmos ao fim da viagem.

— Bom! — disse Torres, sorrindo. — Então é o que podemos chamar de uma viagem de noivado!

— Uma viagem de noivado, de prazer e de negócios! — respondeu Fragoso. — A senhora Yaquita e a filha nunca haviam posto os pés em território brasileiro, e quanto a Joam Garral, é a primeira vez que atravessa a fronteira, desde que entrou na fazenda do velho Magalhães.

— Suponho também — perguntou Torres — que a família esteja acompanhada de alguns empregados?

— Certamente — retorquiu Fragoso —, da velha Cybele, há cinquenta anos na fazenda, e uma bonita mulata, senhorita Lina, que é mais uma companheira do que uma criada da jovem patroa.

Ah! Que natureza gentil! Que coração e que olhos! E tem ideias próprias sobre todas as coisas, sobretudo sobre cipós...

Ao entrar por esse caminho, sem dúvida Fragoso não conseguiria parar, e Lina seria objeto de declarações entusiastas se Torres não tivesse saído do escabelo para dar lugar a um outro cliente.

— Quanto lhe devo? — perguntou ao barbeiro.

— Nada — respondeu Fragoso. — Entre compatriotas que se encontram na fronteira não há nada disso!

— Entretanto — retorquiu Torres —, eu queria...

— Bom, resolveremos mais tarde, a bordo da jangada.

— Mas — retrucou Torres — não sei se terei coragem de pedir a Joam Garral que permita...

— Não hesite! — exclamou Fragoso. — Se preferir, falarei com ele, que ficará feliz em poder ser-lhe útil nessas circunstâncias.

Nesse momento, Manoel e Benito, que vieram à cidade depois do jantar, apareceram na porta da loja, desejosos de ver Frágoso no exercício da sua profissão.

Torres voltou-se para eles: — Ei, os dois rapazes que conheço, ou melhor, que reconheço! — exclamou.

— O senhor os conhece? — perguntou Frágoso, um tanto surpreso.

— Sim, sem dúvida! Há um mês, na floresta de Iquitos, tiraram-me de um grande embaraço!

— Mas são exatamente Benito Garral e Manoel Valdez.

— Eu sei! Eles me disseram seus nomes, mas não esperava encontrá-los aqui!

Torres foi em direção aos dois jovens, que o olhavam sem reconhecê-lo: — Não se lembram de mim, senhores? — perguntou.

— Espere — respondeu Benito. — Senhor Torres, se a memória não me falha, não foi o senhor que, na floresta de Iquitos, teve alguma dificuldade com um guariba?...

— Eu mesmo, senhores! — confirmou Torres. — Há seis semanas que continuo a descer o Amazonas e passei a fronteira ao mesmo tempo que vocês!

— Encantado em revê-lo — disse Benito. — Mas esqueceu de que eu o convidei para ir até a fazenda do meu pai?

— Não esqueci! — respondeu Torres.

— E teria feito bem em aceitar minha oferta, senhor! Poderia aguardar nossa partida descansando e, depois, descer conosco até a fronteira! Quantos dias de marcha seriam poupados!

— É verdade — anuiu Torres.

— Nosso compatriota não vai parar na fronteira — disse, então, Frágoso. — Ele vai até Manaus.

— Bom — propôs Benito —, se quiser ir a bordo da jangada, será bem recebido, e tenho certeza de que meu pai irá considerar um dever levá-lo como passageiro.

— Com prazer! — respondeu Torres. — E permita que lhe agradeça antecipadamente!

Manoel não tomou parte da conversa. Deixou que o amável Benito fizesse as gentilezas e ficou observando Torres atentamente, de quem não conseguia lembrar-se. Havia, realmente, uma falta absoluta de sinceridade na expressão desse homem, cujo olhar se desviava todo o tempo, como se temesse olhar de frente; mas Manoel guardou essa impressão para si mesmo, pois não queria prejudicar um compatriota a quem se devia agradar.

— Senhores — disse Torres —, se quiserem, estou pronto para segui-los até o porto.

— Venha! — respondeu Benito.

Um quarto de hora depois, Torres estava a bordo da jangada.

Benito apresentou-o a Joam Garral, explicando as circunstâncias em que se haviam conhecido, e pedindo que Torres fosse como passageiro até Manaus.

— Fico feliz, senhor, de poder prestar-lhe esse serviço — respondeu Joam Garral.

— Eu lhe agradeço — retorquiu Torres, que no momento de estender a mão ao anfitrião, pareceu fazê-lo contra a vontade.

— Partimos amanhã ao raiar do dia — acrescentou Joam Garral. — Já pode, portanto, instalar-se a bordo...

— Oh! A instalação não será demorada! — respondeu Torres. — É só a minha pessoa e nada mais.

— A casa é sua — completou Joam Garral.

Na mesma noite, Torres tomava posse de uma cabine próxima à do barbeiro.

Somente às oito horas, Fragoso, de volta à jangada, relatava à jovem mulata os seus feitos, e repetia-lhe, não sem um pouco de amor-próprio, que a fama do ilustre Fragoso havia aumentado ainda mais na bacia do Alto Amazonas.

No dia seguinte de manhã, 27 de junho, assim que clareou o dia, as amarras foram soltas e a jangada continuou a derivar na corrente do rio.

Uma pessoa a mais estava a bordo. Na realidade, de onde vinha esse Torres? Não se sabia ao certo. Aonde ia? A Manaus, ele havia dito. Além do mais, Torres procurou não deixar transparecer nada da sua vida passada, nem da profissão que ainda exercia fazia dois meses, e ninguém podia imaginar que a jangada havia dado asilo a um ex-capitão-do-mato. Joam Garral não queria estragar com perguntas muito insistentes o favor que lhe prestaria.

Ao deixá-lo subir a bordo, o fazendeiro havia obedecido a um sentimento de humanidade. No meio do vasto deserto amazônico, sobretudo naquela época em que os barcos a vapor ainda não singravam as águas do rio, era muito difícil encontrar meios de transporte seguros e rápidos. As embarcações não prestavam um serviço regular e, quase todo o tempo, o viajante era obrigado a caminhar através das florestas. Assim Torres fizera e assim continuaria a fazer e, para ele, havia sido uma sorte inesperada ser aceito como passageiro a bordo da jangada.

Depois que Benito contou em que condições havia encontrado Torres, a apresentação estava feita, e ele podia considerar-se um passageiro a bordo de um transatlântico, que era livre para participar da vida em comum, se lhe conviesse, e livre para se manter afastado, se fosse anti-social.

Era visível, pelo menos nos primeiros dias, que Torres não procurava entrar na intimidade da família Garral. Ele se mantinha reservado, respondendo quando lhe dirigiam a palavra, mas não fazia perguntas.

Se, excepcionalmente, parecia mais expansivo com alguém, esse alguém era Fragoso. Não devia ao alegre companheiro a ideia de ser levado como passageiro na jangada? Às vezes, perguntava sobre a situação da família Garral em Iquitos, sobre os sentimentos da jovem para com Manoel Valdez, e mesmo assim com uma certa discrição. Na maior parte do tempo, quando não passeava sozinho na frente da jangada, ficava na cabine.

Os almoços e jantares, ele partilhava com Joam Garral e a família, mas participava muito pouco da conversa, e se retirava assim que a refeição terminava.

De manhã, a jangada passou pelo pitoresco grupo de ilhas situadas no amplo estuário do Javari. Esse importante afluente do Amazonas mostrava, na direção do sudoeste, um curso que, da nascente até a desembocadura, não parecia obstruído por nenhuma ilha, nem por nenhuma corredeira. A desembocadura



media por volta de três mil pés de largura, e abria-se a algumas milhas do local ocupado anteriormente pela cidade de mesmo nome, cuja posse espanhóis e portugueses disputaram por muito tempo.

Até o dia 30 de junho de manhã não houve nada especial a assinalar na viagem. Às vezes encontravam algumas embarcações que deslizavam ao longo das margens, presas umas às outras, de tal modo que um único índio bastava para conduzi-las. "Navegar de bobina", assim diziam as pessoas do país para designar esse tipo de navegação, ou seja, navegar com confiança.

Logo foram transpostos a ilha Araria, o arquipélago das ilhas Calderon, a ilha de Capiatu e muitas outras, cujos nomes ainda não haviam chegado ao conhecimento dos geógrafos. No dia 30 de junho, o piloto assinalou à direita do rio a pequena aldeia Jurupari-Tapera, onde fizeram uma parada de duas ou três horas.

Manoel e Benito foram caçar nas redondezas e trouxeram alguns animais de penas, que foram bem recebidos na cozinha. Ao mesmo tempo, os dois jovens fizeram a captura de um animal a que um naturalista teria dado mais importância do que a cozinheira da jangada.

Era um quadrúpede de cor escura, que se assemelhava um pouco a um grande terra-nova.

— Um tamanduá-bandeira! — gritou Benito, jogando-o no convés da jangada.

— É um espécime magnífico que não desprestigiaria a coleção de um museu! — completou Manoel.

— Foi difícil pegar esse curioso animal? — perguntou Minha.

— Mas claro, irmãzinha — respondeu Benito —, e você não estava lá para pedir misericórdia. Ah! Esses cães são difíceis de morrer, e foram necessárias mais de três balas no flanco para fazer dormir este aqui!

O tamanduá era magnífico, com um longo rabo, cheio de pêlos acinzentados; o focinho em ponta que ele mergulha nos formigueiros, cujo principal alimento são os insetos; as patas compridas e magras, armadas de unhas pontudas, que medem cinco polegadas e que podem fechar-se como os dedos da mão.

Mas que mão a do tamanduá! Quando segura alguma coisa, é preciso cortá-la para fazê-la soltar. Foi sobre esse fato que o viajante Emile Carrey se referiu quando disse que "até o tigre morre nesse abraço".

No dia 2 de julho, pela manhã, a jangada chegou perto de San-Pablo-d'Oliveira, depois de deslizar no meio de várias ilhas que, em qualquer estação, são cobertas de verde e sombreadas por árvores magníficas, cujos nomes principais eram Jurupari, Rita, Maracanatená e Cururu-Sapo. Por muitas vezes também, ela havia passado ao lado de aberturas de igarapés ou de pequenos afluentes de águas escuras.

A coloração dessas águas é um fenômeno muito curioso, e é própria de alguns afluentes do Amazonas, independentemente da sua importância.

Manoel fez com que notassem como essa nuança era de uma cor carregada, pois era possível distingui-la nitidamente na superfície das águas esbranquiçadas do rio.

Tentaram explicar essa coloração de diversas maneiras — ele disse — e não creio que os estudiosos o tenham feito de maneira satisfatória.

— As águas são realmente pretas com um magnífico reflexo dourado — respondeu a jovem, mostrando um pequeno lençol d'água castanho-dourado que chegava à jangada.

— São — respondeu Manoel —, e Humboldt já havia observado, como a senhorita, querida Minha, esse reflexo tão curioso. Porém, se olhar mais atentamente, verá que é a cor sépia que domina em toda a coloração.

— Bom! — exclamou Benito. — Mais um fenômeno sobre o qual os estudiosos não estão de acordo!

— Talvez possamos perguntar aos jacarés, aos golfinhos e aos peixes-boi sobre esse assunto — observou Fragoso —, porque, certamente, eles têm uma preferência por essas águas para brincar.

— É verdade que elas atraem mais especialmente esses animais — acrescentou Manoel. — Mas por quê? Ficaríamos atrapalhados para dizer! Na verdade, essa coloração se deve à quantidade que essas águas contêm em dissolução de hidrogênio carbonado, ou então, porque correm em leitos de turfa, por entre camadas de hulha e de antracito; ou será que não devemos atribuir à enorme quantidade de minúsculas plantas que carregam? Não há nenhuma certeza em relação ao assunto.<sup>4</sup>

Em todo o caso, são excelentes para beber, de um frescor invejável neste clima, sem nenhum amargor e totalmente inócuas. Tome um pouco dessa água, cara Minha, beba, não há inconveniente.

A água era límpida e fresca, de fato. Ela poderia substituir, com vantagens, as águas que vão às mesas, na Europa.

Já foi dito que na data de 2 de julho, de manhã, a jangada havia chegado a San-Pablo-d'Oliveira, onde são fabricados, aos milhares, longos terços, cujas contas são feitas da casca do "coco de piaçaba". Eles são objeto de um comércio muito concorrido. Pode parecer estranho que os antigos donos do país, os tupinambás, os tupiniquins, tenham chegado a ter como principal atividade objetos do culto católico. Mas, afinal, por que não? Esses índios não eram como os índios de outrora. Em vez de se vestirem com o traje nacional, um cocar de penas de arara, arco e zarabatana, não adotaram as roupas sul-americanas, calça branca e poncho de algodão tecido pelas mulheres, que se tornaram hábeis em confeccioná-los?

San-Pablo-d'Oliveira, cidade bem importante, não tinha menos de dois mil

habitantes, vindos de todas as tribos vizinhas. Na ocasião, capital do Alto Amazonas, ela começou como uma simples missão, fundada por frades carmelitas portugueses, por volta de 1692, que foram sucedidos pelos jesuítas.

Inicialmente, essa era a região dos omáguas, cujo nome significa "cabeças chatas". Esse nome teve origem no bárbaro costume das mães indígenas de apertar entre duas pequenas tábuas a cabeça dos recém-nascidos, de modo a ficarem com um crânio oblongo, que estava muito na moda. Mas como todas as modas, essa também mudou; as cabeças passaram a ter a forma natural, e não se encontra mais nenhum vestígio de deformação na cabeça desses fabricantes de terços.

Toda a família, exceto Joam Garral, desembarcou. Torres também preferiu ficar a bordo, e não manifestou nenhuma vontade de visitar San-Pablo-d'Oliveira que, no entanto, não parecia conhecer.

Decididamente, se esse aventureiro era taciturno, é preciso reconhecer que também não era curioso.

Benito conseguiu fazer trocas com facilidade, de modo a completar a carga da jangada. A família e ele foram muito bem recebidos pelas principais autoridades da cidade, o comandante em serviço e o chefe da alfândega, cujas funções não lhes impediam de se entregarem ao comércio. Até confiaram diversos produtos da região, destinados a serem vendidos para eles pelo jovem negociante, tanto em Manaus como em Belém.

A cidade era formada de umas sessenta casas, dispostas num platô que, nesse lugar, terminava numa ribanceira do rio. Algumas das choupanas eram cobertas de telhas, o que era muito raro nessas regiões; mas, em contrapartida, a modesta igreja, dedicada a São Pedro e São Paulo, era protegida por um telhado de palha, que ficaria mais conveniente no estábulo de Belém do que numa obra dedicada ao culto, num dos países mais católicos do mundo.

O comandante, o tenente e o chefe de polícia aceitaram jantar a mesa da família e foram recebidos por Joam Garral, com a deferência devida aos cargos que ocupavam.

Durante o jantar, Torres não se mostrou mais falante do que de costume. Contou algumas de suas excursões pelo interior do Brasil, como um homem que parecia conhecer o país.

Ao falar de suas viagens, Torres não deixou de perguntar ao comandante se ele conhecia Manaus, se o seu colega estaria lá naquela época, se o juiz de direito, o primeiro magistrado da província, tinha o hábito de se ausentar nessa época da estação quente. Parecia que ao fazer essa série de perguntas, Torres olhava para Joam Garral de uma forma dissimulada. Isso ficou tão evidente que Benito notou, não sem alguma surpresa, que o pai escutava atentamente as perguntas um tanto estranhas feitas por Torres.

O comandante de San-Pablo-d'Oliveira garantiu ao aventureiro que as

autoridades não estavam ausentes de Manaus nessa época, e até encarregou Joam Garral de lhes apresentar seus cumprimentos. Segundo as probabilidades, a jangada chegaria a essa cidade em sete semanas, o mais tardar, entre 20 e 25 de agosto.

Os visitantes do fazendeiro despediram-se da família Garral à noite e, no dia seguinte pela manhã, de julho, a jangada recomeçou a descer o curso do rio.

Ao meio-dia, deixaram, à esquerda, a desembocadura do Yacurupa. Esse afluente, para falar a verdade, não passava de um canal, pois jogava suas águas no Iça, que é, ele sim, um afluente esquerdo do Amazonas. Um fenômeno estranho é que, em certos lugares, o próprio rio alimenta seus afluentes.

Por volta das três horas da tarde, a jangada transpôs a desembocadura do Jandiatuba, que traz do sudoeste suas magníficas águas negras e as joga na grande artéria por uma boca de quatrocentos metros, depois de banhar os territórios dos índios culinos.

Passaram ao lado de inúmeras ilhas como Pimaticaira, Catirua, Chico e Motachina; algumas habitadas e outras desertas, mas todas cobertas de uma suntuosa vegetação, formando uma espécie de guirlanda verde, ininterrupta, de uma ponta a outra do Amazonas.

Era o dia 5 de julho. A atmosfera, pesada desde a véspera, prometia tempestades bem próximas. Grandes morcegos de cor arruivada davam vôos rasantes na corrente do Amazonas, com um longo bater de asas. Entre eles, distinguíam-se os "cachorros voadores", de um marrom escuro e barrigas claras, pelos quais Minha e, principalmente, a jovem mulata sentiam uma repulsa instintiva.

De fato, eram os horríveis vampiros que chupavam o sangue dos animais e atacavam até mesmo o homem que, imprudentemente, dormisse nos campos.

Oh! Que animais feios! — exclamou Lina, tapando os olhos.

— Eles me causam horror!

— E, além do mais, são perigosos — acrescentou a jovem. — Não é verdade, Manoel?

— Muito perigosos, de fato — respondeu o rapaz. — Esses vampiros têm um instinto particular, que os leva a chupar o sangue nos lugares onde ele corre mais facilmente, principalmente atrás da orelha. Durante a operação, continuam a bater as asas e, assim, provocam um agradável frescor, o que torna o sono de quem dorme ainda mais profundo. Há casos de pessoas submetidas inconscientemente a uma hemorragia de várias horas, que nunca mais acordaram!

— Não continue a contar essas histórias, Manoel — disse Yaquita —, senão Minha e Lina não conseguirão dormir à noite!

— Não há perigo — respondeu Manoel. — Se for preciso velaremos seu sono!

— Silêncio! — disse Benito.

— O que houve? — perguntou Manoel.

— Não estão ouvindo um ruído diferente deste lado? — retomou Benito, mostrando a margem direita.

— De fato — respondeu Yaquita.

— De onde vem esse barulho? — perguntou a jovem. — Parecem cascalhos rolando nas praias das ilhas!

— Ora, já sei o que é — respondeu Benito. — Amanhã, ao alvorecer, haverá um banquete para aqueles que gostam de ovos de tartaruga e das pequenas tartarugas bem frescas!

Não havia possibilidade de engano. O ruído era produzido por vários quelônios de todos os tamanhos que a operação da postura levava às ilhas.

Na areia das margens, esses anfíbios escolhiam o lugar mais conveniente

para depositar os ovos. A postura, que começava ao pôr do sol, terminava ao amanhecer.

Naquele momento, a tartaruga-chefe já havia saído do leito do rio para escolher o local mais favorável. As outras, reunidas aos milhares, ocupavam-se em cavar com as patas anteriores uma vala de seiscentos pés de comprimento, doze de largura e seis de profundidade; depois de enterrar os ovos, só lhes faltava cobri-los com uma camada de areia, que amassavam com as carapaças para comprimi-la.

A operação de postura era um grande negócio para os índios ribeirinhos do Amazonas e afluentes. Eles ficavam de tocaia, esperando a chegada dos quelônios, procediam à extração dos ovos ao som dos tambores, e da coleta, que era dividida em três partes, uma ficava para os vigias, outra, para os índios e a terceira, para o governo, representado pelos capitães da praia que, ao mesmo tempo que a polícia, faziam o recebimento dos seus direitos. A certas margens, que o declínio das águas deixa a descoberto e que têm o privilégio de atrair um grande número de tartarugas, foi dado o nome de "praias reais". Quando a coleta terminava era uma festa para os índios, que se entregavam aos jogos, à dança e às libações — e um banquete para os jacarés do rio, que faziam uma comilança dos restos desses anfíbios.

Tanto as tartarugas quanto os seus ovos eram, portanto, objeto de um grande comércio em toda a bacia do Amazonas.

Alguns quelônios eram "virados", isto é, postos de costas quando voltavam da postura, e mantidos vivos em cercados, como os viveiros de peixes, ou eram amarrados a estacas por uma corda bem longa para que pudessem ir e vir para a terra e para a água.

Desse modo, era possível ter sempre a carne fresca desses animais.

Com as tartaruguinhas que acabavam de sair da casca, o procedimento era diferente. Não havia necessidade de colocá-las em viveiros, nem de amarrá-las. O casco ainda era mole, a carne extremamente macia, e eram comidas inteiras, como as ostras, depois de cozidas. Desse jeito, eram consumidas em quantidades consideráveis.

Entretanto, não era costume geral nas províncias do Amazonas e do Pará preparar ovos de quelônios. A fabricação da "manteiga de tartaruga", que podia ser comparada aos melhores produtos da Normandia e da Bretanha, não consumia menos do que duzentos e cinquenta a trezentos milhões de ovos por ano. Mas as tartarugas eram incontáveis nos cursos de água da bacia, e eram quantidades incalculáveis de ovos que elas punham na areia das praias.

Entretanto, devido ao consumo que delas faziam não apenas os índios, mas também as aves peraltas da região costeira, os urubus voadores, os jacarés do rio, o número de tartarugas diminuiu muito e cada pequeno exemplar passou a custar uma pataca brasileira.

No dia seguinte, ao alvorecer, Benito, Fragoso e alguns índios pegaram uma das pirogas e foram à praia de uma das grandes ilhas que haviam margeado à noite. Não era preciso que a jangada parasse. Eles a alcançariam.

Na praia, viam-se pequenas tumefações que indicavam o local onde, naquela noite, cada postura havia sido depositada na vala, contando de cento e sessenta a cento e noventa ovos. Estas, nem se pensava extrair. Porém, uma postura anterior havia sido feita dois meses antes, os ovos já haviam eclodido sob a ação do calor armazenado na areia e alguns milhares de tartaruguinhas já corriam pela praia.

Os caçadores fizeram uma boa caça. Eles encheram a piroga desses interessantes anfíbios, que chegaram a tempo de serem preparados para a hora do almoço. O achado foi dividido entre os passageiros e os empregados da jangada e se sobrasse para o jantar não seria muito.

No dia 7 de julho de manhã, estavam diante de San-José-de-Matura, uma aldeia situada próximo a um pequeno rio com uma vegetação alta, em cujas margens, a lenda dizia, viveram os índios de rabo.

No dia 8 de julho, de manhã cedo, avistaram o povoado de San Antonio, duas ou três casinhas perdidas entre as árvores e, em seguida, a desembocadura do Iça ou Putumayo, que media novecentos metros de largura.

O Putumayo é um dos mais importantes afluentes do Amazonas. Nesse lugar, no século XVI, missões inglesas e fundadas por espanhóis foram destruídas pelos portugueses, e delas não sobrara nenhum vestígio. O que ainda se podiam encontrar eram os representantes das diversas tribos de índios, facilmente reconhecíveis pela diversidade das tatuagens.

O Iça é um curso d'água enviado para leste pelas montanhas de Pasto, a nordeste de Quito, através de belas florestas de cacauzeiros selvagens. Navegável por uma extensão de cento e quarenta léguas pelos barcos a vapor que não tinham mais de seis pés de calado, ele seria algum dia uma das principais vias fluviais no oeste da América.

O mau tempo chegou. Não era feito de chuvas contínuas; mas frequentes tempestades já perturbavam a atmosfera. Esses meteoros não atrapalhavam a marcha da jangada, que não se expunha muito ao vento; seu comprimento tornava-a até insensível ao marulho do Amazonas; porém, durante os torrenciais aguaceiros, a família Garral precisava manter-se dentro da casa. Era preciso preencher as horas de ócio. Então, eles conversavam, trocavam impressões e as línguas não tinham descanso.

Foi nessa situação que Torres começou, aos poucos, a participar mais ativamente da conversa. As particularidades das suas diversas viagens por todo o norte do Brasil forneciam-lhe vários temas de conversa. Certamente, esse homem vira muitas coisas; mas suas observações eram as de um cético e, na maioria das vezes, chocavam as pessoas boas que o ouviam. É preciso dizer que

ele se mostrava mais dedicado a Minha. Contudo, embora sua frequente presença desagradasse a Manoel, ela não era tão marcante para que o rapaz achasse necessário intervir. Aliás, a jovem sentia por Torres uma instintiva repulsa, que não procurava ocultar.

No dia 9 de julho, a desembocadura do Tocantins apareceu na margem esquerda do rio, formando um estuário de quatrocentos pés, pelo qual o afluente derramava suas águas escuras, vindas do oeste-noroeste, depois de irrigar os territórios dos índios cacenas.

Nesse lugar, o curso do Amazonas tinha um aspecto verdadeiramente grandioso, mas seu leito era mais do que nunca obstruído por ilhas e ilhotas. Era preciso toda a destreza do piloto para dirigir através desse arquipélago, indo de uma margem para outra, evitando os baixios, fugindo dos remoinhos, mantendo sua imperturbável direção.

Talvez ele pudesse ter seguido pelo Ahuaty-Paraná, uma espécie de canal natural, que saía do rio um pouco abaixo da desembocadura do Tocantins e permitia voltar para o curso d'água principal cento e vinte milhas mais à frente, pelo rio Japurá; contudo, embora a parte mais larga desse "furo" medisse cento e cinquenta pés, a mais estreita tinha apenas sessenta e a jangada teria dificuldade para passar.

Em suma, depois de atingir, no dia 13 de julho, a ilha Capuro, depois de passar pela boca do Jutahy que, vindo do leste-sudoeste, jogava suas águas escuras por uma abertura de mil e quinhentos pés, depois de admirar legiões de belos macacos de cor branca amarelada, cara vermelho cinabre, insaciáveis apreciadores das nozes produzidas pelas palmeiras às quais o rio deve o nome, os viajantes chegaram, no dia 18 de julho, à pequena cidade de Fonteboa.

Nesse lugar, a jangada fez uma parada de doze horas, para dar um descanso à tripulação.

Fonteboa, como a maioria das aldeias-missões do Amazonas, não escapou ao capricho da lei que as fazia mudar, por um longo período, de um lugar para outro. No entanto, era provável que essa vila houvesse deixado a vida nômade e se transformado, definitivamente, em sedentária. Melhor ainda, porque era encantador vê-la com umas trinta casas, cobertas de folhagens e a igreja dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, Virgem Negra do México. Fonteboa possuía mil habitantes, abastecidos pelos índios das duas margens que criavam animais nas opulentas campinas dos arredores. A ocupação desses índios não se limitava à criação: eram, também, intrépidos caçadores ou, se preferirmos, intrépidos pescadores de peixes-boi.

Por isso, na mesma noite da chegada, os jovens puderam assistir a uma interessante expedição desse tipo.

Dois desses cetáceos herbívoros haviam sido percebidos nas águas escuras do rio Cayaratu, que deságua em Fonteboa. Viam-se seis pontos marrons



moverem-se na superfície. Eram os dois focinhos pontudos e as quatro nadadeiras dos peixes-boi.

À primeira vista, pescadores pouco experientes poderiam tomar esses pontos móveis por destroços à deriva, mas os índios de Fonteboa não se enganavam. Aliás, logo os sopros ruidosos indicaram que animais com orifícios respiratórios expulsavam com força o ar que se tornara impróprio às suas necessidades de respiração.

Duas ubás, cada uma com três pescadores, saíram da margem e se aproximaram dos peixes-boi, que imediatamente fugiram. Primeiro, o pontos negros traçaram uma longa esteira na superfície da água, depois desapareceram ao mesmo tempo.

Os pescadores continuaram a avançar prudentemente. Um deles, armado com um arpão bem primitivo — um grande prego na ponta de um bastão — mantinha-se de pé na piroga, enquanto os outros dois remavam sem barulho. Eles aguardavam que os peixes-boi ficassem ao seu alcance quando sentissem necessidade de respirar. Dez minutos no máximo, e os animais certamente reapareceriam num círculo mais ou menos restrito.

De fato, decorrido esse tempo, os pontos negros emergiram a pouca distância, e dois jatos de ar, misturado com vapor, foram ruidosamente lançados.

As ubás aproximaram-se; os arpões foram arremessados ao mesmo tempo; um deles não acertou o alvo, mas o outro atingiu um dos cetáceos na altura da vértebra caudal.

Isso bastou para atordoar o animal, que não conseguiu defender-se ao ser atingido pelo ferro do arpão. A corda trouxe-o aos poucos para perto da ubá e ele foi rebocado até a margem, ao pé do povoado.

Não passava de um peixe-boi de tamanho pequeno, porque media apenas três pés de comprimento. Os pobres cetáceos foram tão perseguidos que se tornaram raros nas águas do Amazonas e dos seus afluentes, e como mal tinham tempo de crescer, os gigantes da espécie não ultrapassavam sete pés. O que são eles se comparados aos peixes-boi de doze e de quinze pés que ainda abundam nos rios e lagos da África?

Mas seria bem difícil impedir essa destruição. Na verdade, a carne do peixe-boi é excelente, até mesmo superior à do porco, e o óleo fornecido pela sua gordura, com três polegadas de espessura, um produto de grande valor. Essa carne, quando defumada, conservava-se por muito tempo e fornecia um alimento saudável. Se a isso acrescentarmos que o animal era relativamente fácil de ser capturado, ninguém se surpreenderia de que a tendência da espécie fosse ser totalmente destruída.

Hoje, um peixe-boi adulto, que "rendia" dois potes de óleo pesando cento e oitenta libras, não dá mais do que quatro arrobas espanholas, equivalente a um

quintal.

No dia 19 de julho, ao raiar do sol, a jangada saiu de Fonteboa e deixou-se levar por entre as duas margens do rio absolutamente desertas, ao longo das ilhas sombreadas de florestas de cacauzeiros que causam grande impressão. O céu ainda estava carregado de grossos cúmulos eletrizados, que faziam presentir novas tempestades.

O rio Juruá, vindo do sudeste, destacou-se na margem esquerda. Subindo por ele, uma embarcação poderia chegar ao Peru sem encontrar nenhum obstáculo intransponível, percorrendo suas águas claras alimentadas por um grande número de subafluentes.

— Talvez fosse conveniente — disse Manoel — procurar nesses territórios as descendentes das mulheres guerreiras que tanto maravilharam Orellana. Mas é preciso dizer que, a exemplo das antepassadas, elas não formam uma tribo à parte. São, simplesmente, mulheres que acompanham os maridos na luta, e que, entre os juruás, têm reputação de uma grande valentia. A jangada continuou a descer; porém, que Dédalo o Amazonas apresentava! O rio Japurá, cuja desembocadura abria-se oitenta milhas a frente, e que é dos seus grandes afluentes, corria quase paralelamente ao rio.

Entre eles havia canais, igarapés, lagunas, lagos temporários, uma rede inextricável que tornava bem difícil a hidrografia dessa região.

Contudo, embora não tivesse um mapa para guiar-se, a experiência de Araújo deixava-o totalmente seguro e era maravilhoso vê-lo virar-se nesse caos sem nunca se afastar do grande rio.

Em suma, ele se saiu tão bem que em 25 de julho, à tarde, depois de passar pelo povoado de Parani-Tapera, a jangada pôde ancorar na entrada do lago de Ega ou Teffé, no qual era inútil entrar, pois seria preciso sair dele para pegar o Amazonas.

Mas a cidade de Ega era bem importante. Merecia que se fizesse uma parada para visitá-la. Ficou então combinado que a jangada permaneceria ali até 27 de julho, e que, no dia seguinte, 28, a grande piroga transportaria toda a família para Ega.

Isso daria um descanso, bem merecido, à laboriosa tripulação do comboio.

A noite foi passada na amarração, perto de uma margem elevada, sem que nada perturbasse sua tranquilidade. Alguns relâmpagos tropicais inflamaram o horizonte, mas eles vinham de uma tempestade ao longe, que não chegou à entrada do lago.

---

No dia 28 de julho, às seis horas da manhã, Yaquita, Minha, Lina e os dois jovens se preparavam para deixar a jangada.

Joam Garral, que não havia manifestado a intenção de desembarcar, decidiu dessa vez, por insistência da mulher e da filha, abandonar o absorvente trabalho cotidiano e acompanhá-las na excursão.

Torres não se mostrou interessado em visitar Ega, para grande satisfação de Manoel, que tomara aversão por esse homem e só aguardava a ocasião para demonstrá-la.

Quanto a Fragoso, não podia ter, para ir a Ega, os mesmos interesses financeiros que o haviam levado a Tabatinga, vilarejo de pouca importância ao lado dessa pequena cidade.

Isso porque, ao contrário, Ega é uma sede administrativa de mil e quinhentos habitantes, onde residem todas as autoridades que a administração de uma cidade de tamanho considerável exige — considerável para o país —, ou seja, comandante militar, chefe de polícia, juiz de paz, juiz de direito, professor primário e milícia sob as ordens de oficiais de todas as patentes.

Ora, quando uma cidade é habitada por tantos funcionários, com suas mulheres e filhos, supõe-se que não haja falta de barbeiros-cabeleireiros. Era isso o que ocorria ali e Fragoso não ganharia o seu dinheiro.

Sem dúvida, o amável rapaz, embora não tivesse negócios em Ega, contava, no entanto, fazer parte do grupo, uma vez que Lina acompanhava a jovem patroa; porém, quando iam deixar a jangada, ele se resignou em ficar, a pedido de Lina.

— Senhor Fragoso? — disse ela, depois de afastá-lo do grupo.

— Sim, senhorita Lina — respondeu Fragoso.

— Não creio que seu amigo Torre tenha a intenção de nos acompanhar a Ega.

— De fato, ele deve ficar a bordo, senhorita Lina, mas ficaria agradecido de não chamá-lo de meu amigo!

— No entanto, o senhor lhe deu a ideia de pedir que fosse nosso passageiro, antes que manifestasse qualquer intenção.

— Sim, naquele dia, se posso dizer o que penso, creio ter feito uma asneira!

— Bom, se posso dizer o que penso, esse homem não me agrada nem um pouco, senhor Fragoso.

— A mim também não, senhorita Lina, e continuo com a sensação de que já o vi em algum lugar. Mas a vaga lembrança que me deixou Só é exata num

ponto: é que a impressão estava longe de ser boa.

— Em que lugar, em que época, poderia ter encontrado esse Torres? Não pode lembrar-se? Talvez fosse bom saber quem ele é e, sobretudo, quem ele foi!

— Não... Eu tento... Foi há muito tempo? Em que país, em que circunstâncias?... E não consigo.

— Senhor Fragoso?

— Sim, senhorita Lina?

— Devia ficar a bordo, para vigiar Torres na nossa ausência!

— O quê? — exclamou Fragoso. — Não acompanhá-la a Ega e ficar todo um dia sem vê-la?

— Eu lhe peço!

— É uma ordem?...

— É uma súplica.

— Eu ficarei.

— Senhor Fragoso?

— Sim, senhorita Lina.

— Eu lhe agradeço.

— Agradeça-me dando um bom aperto de mão — respondeu Fragoso. — Aí valeria a pena!

Lina estendeu a mão ao bom rapaz, que a reteve por alguns minutos, olhando o rosto encantador da jovem. Eis porque Fragoso não entrou na piroga, e ficou, sem deixar transparecer, vigiando Torres. Será que esse homem percebia os sentimentos de repulsa que inspirava a todos? Talvez; mas sem dúvida, tinha razões para não levá-los em conta.

Uma distância de quatro léguas separava o ancoradouro da cidade de Ega. Oito léguas, ida e volta, numa piroga com seis pessoas, mais dois negros como remadores, era um trajeto que levava algumas horas, sem falar do cansaço provocado pela alta temperatura, embora o céu estivesse coberto por algumas nuvens.

Felizmente, soprava uma deliciosa brisa de nordeste e, se ela continuasse a vir desse lado, a navegação no lago Teffé seria facilitada. Possibilitaria ir a Ega e voltar rapidamente, em linha reta.

A vela latina foi, então, içada no mastro da piroga. Benito tomou o leme e saíram, depois de um gesto de Lina para recomendar a Fragoso que fosse um bom vigia.

Bastava seguir o litoral sul do lago para chegar a Ega. Duas horas depois, a piroga chegava ao porto dessa antiga missão, fundada, outrora, por carmelitas, que se transformou numa cidade em 1759, e que o general Gama fez passar definitivamente para o domínio brasileiro.

Os passageiros desembarcaram na margem plana de cascalho, perto de onde ficavam não só as embarcações da região, mas também algumas das

pequenas goletas que faziam a cabotagem no litoral do Atlântico.

Para as duas jovens foi um deslumbramento quando entraram em Ega.

— Ah! A cidade grande! — exclamou Minha.

— Quantas casas! Quanta gente! — replicou Lina, cujos olhos se abriam ainda mais para ver melhor.

— É mesmo — respondeu Benito, rindo —, mais de mil e quinhentos habitantes, pelo menos duzentas casas, algumas com mais de um andar, e duas ou três ruas, ruas verdadeiras, que as separam!

— Querido Manoel — disse Minha —, defenda-nos do meu irmão! Ele está rindo de nós, porque já visitou as mais belas cidades da província do Amazonas e do Pará!

— Bom, ele estará zombando também da mãe — acrescentou Yaquita —, porque confesso que nunca vi nada parecido!

— Então, tomem cuidado, minha mãe e minha irmã — replicou Benito —, porque entrarão em êxtase quando estiverem em Manaus e vão desmaiar quando chegarem a Belém!

— Não tema nada disso! — respondeu, sorrindo, Manoel. — As damas serão preparadas aos poucos para essas grandes surpresas, ao visitarem as primeiras cidades do Alto Amazonas.

— Como? O senhor também, Manoel? — disse Minha. — Fala como meu irmão? Está zombando?...

— Não, Minha! Eu juro...

— Vamos deixar esses senhores rindo — completou Lina — e olhar bem, cara patroa, porque isso é muito bonito!

Muito bonito! Uma aglomeração de casas, construídas de barro ou pintadas com cal, a maioria coberta de palha ou com folhas de palmeiras, algumas, é verdade, construídas com pedras ou madeira, com varandas, portas, janelas pintadas de um verde natural, no meio de um pequeno pomar, com laranjeiras em flor. E havia duas ou três construções públicas, uma caserna e uma igreja dedicada a Santa Terezinha, que parecia uma catedral perto da modesta capela de IQUITOS.

Depois, virando-se na direção do lago, via-se um belo panorama cercado por uma moldura de coqueiros e de açais, que terminava nas águas vizinhas do líquido lençol e, mais além, a três léguas, no extremo oposto, a pitoresca aldeia de Nogueira mostrava suas casinhas perdidas no tufo de velhas oliveiras da margem de cascalhos.

Contudo, para as duas jovens, havia um outro motivo de encantamento — aliás, um encantamento bem feminino: as roupas das elegantes de Ega não eram os trajes ainda primitivos de indígenas do belo sexo, omaas, ou muras, convertidas, mas a moda da verdadeira brasileira! Sim, as mulheres, as filhas dos funcionários públicos ou dos principais negociantes da cidade usavam

pretensiosamente toaletes parisienses, relativamente ultrapassadas, e isso a quinhentas léguas do Pará, que também está a milhares de milhas de Paris.

— Mas veja, olhe Só patroa, estas belas senhoras nos seus belos trajes!

— Lina vai enlouquecer! — exclamou Benito.

— Estas toaletes, se fossem adequadas — respondeu Minha —, talvez não fossem tão ridículas!

— Querida Minha — disse Manoel —, com o seu simples vestido de algodão e o chapéu de palha, acredite, está mais bem vestida do que todas estas brasileiras, com toucados na cabeça, saias drapeadas e babados, que são de outro país e de outra raça.

— Se eu lhe agradeço assim — respondeu a jovem —, não tenho nada a invejar de ninguém!

No entanto, estavam ali para ver. Passearam pelas ruas, que tinham mais tendas do que lojas; andaram sem destino pela praça, lugar de encontro dos elegantes e das elegantes, que sufocavam nos trajes europeus; almoçaram num hotel — que era apenas um albergue — cuja cozinha era sensivelmente pior do que o excelente trivial da jangada.

Depois do jantar, no qual Só figurou tartaruga preparada de diversas maneiras, a família Garral foi, uma última vez, admirar a beira do lago, que o sol poente dourava com seus raios; em seguida, voltou para a piroga, um pouco desiludida talvez com as magnificências de uma cidade que apenas uma hora fora suficiente para visitar e, também, um pouco cansada do passeio pelas ruas quentes, que não se podia comparar aos caminhos sombreados de Iquitos. E isso ocorreu até com a curiosa Lina, cujo entusiasmo havia diminuído um pouco.

Todos tomaram seus lugares na piroga. O vento se mantinha a nordeste e refrescava o fim de tarde. A vela foi içada. Fizeram de volta a mesma trajetória da manhã, no lago alimentado pelo rio Teffé, de águas negras que, de acordo com os índios, para o sudoeste, era navegável no tempo equivalente a quarenta dias de marcha. Às oito horas da noite, a piroga já estava próxima ao ancoradouro e encostava na jangada. Assim que pôde, Lina chamou Fragoso à parte:

— Viu alguma coisa de suspeita, senhor Fragoso? — perguntou.

— Nada, senhorita Lina — respondeu Fragoso. Nada, senhorita Lina — respondeu Fragoso. — Torres não saiu da cabine, onde leu e escreveu.

— Ele não entrou na casa, na sala de jantar, como eu temia?

— Não, todo o tempo que ficou fora da cabine, passeou na parte da frente da jangada.

— O que fazia?

— Parecia consultar atentamente um velho papel que tinha na mão e resmungava umas palavras incompreensíveis.

— Tudo isso não pode ser tão inofensivo quanto imagina, senhor Fragoso!

Essas leituras, essas escritas, esses velhos papéis devem ter algum interesse! Esse leitor e escritor não é nenhum professor, nem um homem da lei!

— A senhorita tem toda a razão!

— Vamos continuar vigiando, senhor Frágoso.

— Vamos, sempre, senhorita Lina — respondeu Frágoso.

No dia seguinte, 29 de julho, assim que amanheceu o dia, Benito deu ao piloto o sinal para partir.

Pelo meio das duas ilhas que emergiam da baía de Arenapo, a desembocadura do Japurá, com seis mil e seiscentos pés de largura, ficou logo visível. Esse grande afluente desaguava por oito bocas no Amazonas, como se desembocasse num oceano ou num golfo. Mas suas águas vinham de longe e eram as montanhas da república do Equador que as enviava, num curso que Só era obstruído por quedas d'água a trezentas léguas do seu afluente.

Levaram o dia inteiro para descer até a ilha de Yapura e, depois, com o rio menos obstruído, a navegação ficou mais fácil. A corrente, mais lenta, permitia evitar mais facilmente as ilhotas, e não houve nenhum choque, nem encalhe.

No dia seguinte, a jangada passou ao lado de amplas margens de cascalho e areia grossa, formadas de altas dunas muito acidentadas, que serviam de barragem a pastos enormes, nos quais se poderia criar e alimentar o gado de toda a Europa. Essas margens eram consideradas como as que tinham um maior número de tartarugas, na bacia do Alto Amazonas.

No dia 30 de julho, no fim da tarde, a jangada foi solidamente amarrada à ilha de Catua para passar a noite, que ameaçava ser muito escura.

Nessa ilha, enquanto o sol ainda estava no horizonte, surgiu um bando de índios muras, remanescentes da antiga e poderosa tribo que, outrora, entre o Tefé e o Madeira, havia ocupado mais de cem léguas à beira do rio.

Esses índios, que iam e vinham, observaram o comboio flutuante, agora imóvel. Eles eram uma centena, armados de zarabatanas confeccionadas com um junco característico daquelas paragens e reforçada exteriormente por uma cápsula feita da haste de uma palmeira anã, da qual se tirava o miolo.

João Garral deixou por um instante o trabalho que tomava todo o seu tempo para recomendar que vigiassem bem e não provocassem os índios. Na verdade, a partida não seria igual. Os muras tinham uma notável destreza para lançar, com as zarabatanas, a uma distância de trezentos passos, flechas que provocam feridas incuráveis.

Essas flechas, tiradas da folha de uma palmeira "coucourite", com penas de algodão e nove a dez polegadas de comprimento, pontudas como uma agulha, eram envenenadas com "curare".

O curare ou "wourah", uma substância que "mata tudo o que é baixo", como diziam os índios, era preparado com o suco de uma espécie de eufórbia e o suco de uma *strychnos bulbosa*, sem contar a pasta de formigas venenosas e as

presas de serpentes, também venenosas, que nela eram misturadas.

— É mesmo um veneno terrível — disse Manoel. — Ele ataca diretamente o sistema nervoso relacionado aos movimentos voluntários. Mas o coração não é atingido e não pára de bater até a extinção das funções vitais. E, entretanto, contra esse envenenamento, que começa com o entorpecimento dos membros, não se conhece um antídoto!

Felizmente, os muras não fizeram demonstrações hostis, embora tivessem pelos brancos um ódio pronunciado. Eles não tinham mais, é verdade, o valor dos seus ancestrais!

Ao cair da noite, uma flauta de cinco orifícios, atrás das árvores da ilha, fez soar alguns cantos num arranjo em tom menor.

Outra flauta respondeu. Essa troca de frases musicais durou dois ou três minutos, e os muras desapareceram.

Fragoso, num momento de bom humor, tentou responder-lhes com uma canção ao seu modo; mas Lina estava presente, bem a propósito, para meter a mão na boca do cantor e impedi-lo de demonstrar seus pequenos talentos, que ele prodigalizava com a maior boa vontade.

No dia 2 de agosto, às três horas da tarde, a jangada chegou, a vinte léguas dali, à entrada do lago Apoara, que alimenta com suas águas negras o rio do mesmo nome, e dois dias depois, por volta das cinco horas, ela parou na entrada do lago Coari.

Esse lago, dentre os que se comunicam com o Amazonas, era um dos maiores e servia de reservatório para diferentes rios. Cinco ou seis afluentes se lançavam no lago, aí eram armazenados, se misturavam e, por uma passagem, desaguavam na artéria principal.

Depois de ver a alta vila de Tahua-Miri, montada sobre pilotis, como pernas de pau, para escapar das inundações causadas pelas cheias que, em geral, invadiam as margens baixas, a jangada foi amarrada para ali passar a noite.

A parada foi feita diante do povoado de Coary, uma dúzia de casas bem deterioradas, construídas no meio de um espesso ajuntamento de laranjeiras e cabaçais. Nada mais mutável do que o aspecto dessa vila, porque de acordo com a elevação ou o rebaixamento das águas, o lago apresentava uma vasta extensão líquida, ou se reduzia a um estreito canal, que não tinha a profundidade necessária nem para se comunicar com o Amazonas.

No dia seguinte de manhã, de agosto, partiram ao amanhecer, passaram diante do canal de Yucura, que pertence ao embaralhado sistema de lagos e passagens do rio Zapura, e, no dia 6 de agosto pela manhã, chegaram à entrada do lago Miana.

Nenhum novo incidente ocorreu na vida a bordo, que transcorria com uma regularidade quase metódica.

Fragoso, sempre estimulado por Lina, vigiava Torres todo o tempo. Por



várias vezes, Fragoso tentou fazê-lo falar sobre a vida passada; mas o aventureiro se esquivava de qualquer conversa sobre o assunto e acabou mantendo uma certa reserva com o barbeiro.

Seu relacionamento com a família Garral continuava o mesmo. Embora falasse pouco com Joam Garral, dirigia-se, com naturalidade, a Yaquita e à filha, parecendo não notar a evidente frieza que o acolhia. Aliás, as duas diziam que, depois da chegada a Manaus, Torres iria deixá-los e nunca mais ouviriam falar dele.

Yaquita seguia os conselhos do padre Passanha, que a estimulava a ter paciência; mas o bom padre tinha um pouco mais de dificuldade com Manoel, seriamente disposto a pôr o intruso, tão desastrosamente embarcado na jangada, no seu devido lugar.

O único fato que ocorreu nessa noite foi o seguinte: Uma piroga que descia o rio encostou na jangada depois do convite que lhe foi feito por Joam Garral.

— Vai a Manaus? — ele perguntou ao índio que subia na jangada e dirigia a piroga.

— Vou — respondeu o índio.

— Vai chegar lá...

— Em oito dias.

— Então, chegará bem antes de nós. Pode encarregar-se de entregar uma carta num certo endereço?

— Naturalmente.

— Pegue então essa carta, meu amigo, e leve-a a Manaus.

O índio pegou a carta que Joam Garral lhe apresentava, e um punhado de réis foi o preço da encomenda que se comprometeu a entregar.

Nenhum dos membros da família, na ocasião recolhidos dentro de casa, tomou conhecimento do fato. Apenas Torres o presenciou. Ele chegou até a ouvir algumas das palavras trocadas entre Joam Garral e o índio e, pela sua fisionomia agora sombria, era fácil ver que o envio dessa carta não deixava de surpreendê-lo.

No entanto, embora não dissesse nada para não provocar nenhuma cena violenta a bordo, no dia seguinte Manoel pensou em conversar com Benito sobre Torres.

— Benito — disse ele, depois de levá-lo para a frente da jangada — preciso falar com você.

— Normalmente muito sorridente, Benito parou olhando Manoel e seu rosto anuviou-se.

— Sei o porquê — replicou. — Trata-se de Torres?

— Sim, Benito!

— Bom, eu também quero falar com você sobre ele, Manoel.

— Você notou como se faz presente ao lado de Minha! — disse Manoel, empalidecendo.

— Ah! Será que não é um sentimento de ciúme que o põe contra um homem como esse? — disse Benito, vivaz.

— Não, de jeito nenhum! — respondeu Manoel. — Deus me livre de fazer uma tal injúria à jovem que será minha mulher! Não, Benito! Ela tem horror ao aventureiro! Não tem nada a ver com isso, contudo, fico repugnado ao ver esse homem se impor continuamente, pela sua presença, pela sua insistência, a sua mãe e sua irmã, e procurar entrar na intimidade da sua família, que já é a minha!

— Manoel — respondeu seriamente Benito —, partilho da sua repulsa por essa pessoa duvidosa, e se eu ouvisse somente meus sentimentos, já haveria expulsado Torres da jangada! Mas não ousei!

— Você não ousou? — replicou Manoel, pegando a mão do amigo. — Você não ousou!...

— Ouça, Manoel — retomou Benito. — Você observou bem Torres, não é? Notou a solicitude dele para com a minha irmã! Nada mais verdadeiro! Porém, enquanto você via isso, não percebeu que esse homem inquietante não tira os olhos do meu pai, tanto de perto quanto de longe, e que ele parece ter algum pensamento odioso preconcebido, ao olhá-lo com essa obstinação inexplicável!

— O que está dizendo, Benito? Você tem razões para pensar que Torres não gosta de Joam Garral?

— Nenhuma... Não penso nada! — respondeu Benito. — É apenas um pressentimento! Mas observe bem Torres, estude com cuidado sua fisionomia e verá o sorriso maldoso quando seu olhar alcança meu pai!

— Bom — retrucou Manoel —, se é assim, Benito, uma razão a mais para

expulsá-lo!

— Razão a mais... Ou razão a menos... — respondeu o rapaz.

— Manoel... tenho medo... de quê?... Não sei... Mas obrigar meu pai a pôr Torres para fora... Pode ser uma imprudência! Eu repito...

Tenho medo, sem que nenhum fato positivo permita explicar a mim mesmo esse medo!

Benito teve uma espécie de estremecimento de raiva, enquanto falava.

— Então — disse Manoel —, você acha que é preciso esperar?

— Acho... esperar antes de tomar uma atitude, mas, sobretudo, ficarmos atentos!

— Afinal — voltou a falar Manoel —, dentro de uns vinte dias chegaremos a Manaus. É lá que Torres vai ficar. É lá que nos deixará e ficaremos livres dessa presença para sempre! Até lá, olho nele!

— Você me entende, Manoel — respondeu Benito.

— Eu o entendo, meu amigo, meu irmão! — replicou Manoel.

— Embora não concorde, embora não partilhe do seu medo!

Que vínculo poderia existir entre seu pai e o aventureiro?

Evidentemente, seu pai nunca o viu!

— Não digo que meu pai conheça Torres — falou Benito. — Mas sim!... A mim me parece que Torres conhece o meu pai!... O que fazia esse homem nos arredores da fazenda, quando o encontramos na floresta de Iquitos? Por que, na ocasião, recusou a hospitalidade que lhe oferecemos, para dar um jeito de, quase obrigatoriamente, ser nosso companheiro de viagem? Chegamos a Tabatinga e parecia que ele nos esperava! O acaso é o único responsável por todos esses encontros ou seria o resultado de um plano preconcebido? Diante do olhar fugidivo e ao mesmo tempo obstinado de Torres, tudo isso me vem à mente!... Não sei... Estou perdido no meio dessas coisas inexplicáveis! Ah! Por que tive a ideia de oferecer para ele embarcar na jangada!

— Acalme-se, Benito, eu lhe peço!

— Manoel — exclamou Benito, que parecia não se conter —, acha que se o caso fosse Só comigo, eu hesitaria em pôr para fora da jangada esse homem que Só nos inspira repulsa e antipatia?

Mas, de fato, se se trata do meu pai, tenho medo de que, ao seguir minhas impressões, eu piore tudo! Alguma coisa me diz que, com esse homem tortuoso, pode ser perigoso agir antes que um fato nos tenha dado esse direito... O direito e o dever!... Em suma, na jangada, nós o temos à mão e se nós dois montarmos uma boa guarda ao lado do meu pai, acabaremos forçando, qualquer que seja o jogo dele, a se desmascarar, a se trair! Portanto, vamos esperar mais um pouco!

A chegada de Torres na parte da frente da jangada interrompeu a conversa dos dois rapazes. Torres olhou-os de soslaio, mas não lhes dirigiu a palavra.

Benito não se enganara ao dizer que os olhos do aventureiro ficavam

pregados na pessoa de Joam Garral, todas as vezes em que não se sentia observado.

Não! Ele não estava errado ao dizer que a fisionomia de Torres ficava sinistra ao olhar o seu pai!

Que misterioso vínculo entre esses dois homens, um deles a nobreza em pessoa, poderia ligar — sem o saber, era evidente — um ao outro?

Diante da situação, seria difícil que Torres, agora vigiado pelos dois rapazes e, ao mesmo tempo, por Fragoso e Lina, pudesse fazer algum movimento sem ser imediatamente reprimido. Talvez ele soubesse. Em todo o caso, nada demonstrava e não mudara em nada a maneira de ser.

Satisfeitos com a conversa que tiveram, Manoel e Benito prometeram, um ao outro, manter Torres sob vigia, sem fazer nada para chamar a atenção.

Nos dias seguintes, a jaganda passou pela entrada dos furos Câmara, Aru, Yuripari, da margem direita, cujas águas, em vez de caírem no Amazonas, iam para o sul, alimentar o rio Purus e, por ele, voltavam ao rio. No dia 10 de agosto, às cinco horas da tarde, foi feita uma escala na ilha dos Cocos.

Lá havia a fazenda de um seringueiro. Esse é o nome do produtor de borracha, decorrente da "seringueira", árvore cujo nome científico é "siphonia elástica".

Diziam que, por negligência ou exploração inadequada, o número dessas árvores diminuía na bacia Amazônica; mas as florestas de seringueiras ainda eram consideráveis à beira do Madeira, do Purus e de outros afluentes do rio.

Uns vinte índios coletavam e manipulavam a borracha, operação que era feita principalmente nos meses de maio, junho e julho.

Depois de verificar se as árvores estavam em boas condições para a coleta, bem preparadas pela cheia do rio que inundara os troncos numa altura que chegava em torno de quatro pés, os índios começavam o trabalho.

Nas incisões feitas no alburno das seringueiras, eles prendiam pequenos potes embaixo dos cortes, que vinte e quatro horas eram suficientes para encher com uma substância leitosa, que também podia ser recolhida com um bambu oco e um recipiente ao pé da árvore.

Depois de coletada a substância, para impedir o isolamento de suas partículas resinosas, os índios submetiam-na a uma fumigação sobre um fogo feito com madeira de palmeira açaf. Ao espalhar essa substância leitosa sobre uma pá de madeira que era agitada na fumaça, produzia-se, instantaneamente, sua coagulação; ela mudava para uma cor cinza amarelada e se solidificava. As camadas que se formavam sucessivamente eram, então, tiradas da pá e expostas ao sol para endurecerem mais e tomavam a cor marrom que se conhece. Depois disso, a fabricação estava terminada.

Aproveitando a excelente ocasião, Benito comprou dos índios toda a borracha armazenada nas cabanas erguidas sobre pilotis. O preço que ele lhes

pagou foi suficientemente lucrativo e os índios se mostraram muito satisfeitos.

Quatro dias depois, 14 de agosto, a jangada passou na boca do Purus.

Esse ainda é um dos grandes afluentes à direita do Amazonas e parece oferecer mais de quinhentas léguas de curso navegável, mesmo para grandes embarcações. Ele desaparece para sudoeste e mede quase quatro mil pés na desembocadura. Depois de correr embaixo da sombra de ficus, tamariz, palmeiras "nipas", cecrópias, é, realmente, por cinco braços que deságua no Amazonas.<sup>5</sup> Nesse lugar, o piloto conseguia manobrar com mais facilidade. O curso do rio era menos obstruído por ilhas e, além disso, a largura, de uma margem a outra, podia ser estimada em duas léguas, no mínimo.

E, também, a corrente levava a jangada com tanta regularidade que, no dia 18 de agosto, ela parava diante do povoado de Pesquero, para ali passar a noite.

O sol já estava bem baixo no horizonte e, com a rapidez especial das baixas latitudes, ia desaparecer quase perpendicularmente, como um enorme bólido. A noite sucederia ao dia, quase sem crepúsculo, como as noites nos teatros, que se consegue imitar abaixando bruscamente a ribalta.

Joam Garral e a mulher, Lina e a velha Cybele estavam na frente da casa.

Depois de ficar rodeando Joam Garral, como se quisesse falar-lhe em particular, constrangido pela chegada do padre Passanha que viera desejar boa-noite à família, Torres entrara finalmente na cabine.

Os índios e os negros, estendidos ao longo da beirada, se mantinham nos postos de manobra. Araújo, sentado na frente, estudava a corrente, cujo fio se alongava numa linha retilínea.

Manoel e Benito, de olho vivo, mas conversando e fumando com um ar indiferente, passeavam pela parte central da jangada, aguardando a hora de dormir.

De repente, Manoel segurou Benito, detendo-o e disse: — Que odor diferente! Será que estou enganado? Não está sentindo? ... Parece mesmo...

— Parece almíscar começando a decompor-se! — respondeu Benito. — Deve haver jacarés adormecidos na margem vizinha!

— Bom, a natureza agiu sabiamente ao permitir que eles se traíssem desse modo!

— Sim — disse Benito —, isso é uma sorte, porque são animais que se devem temer.

Na maioria das vezes, ao cair da noite, esses sáurios gostavam de deitar-se na areia das margens, onde se instalavam mais comodamente para passar a noite. Ali, encolhidos num buraco no qual entravam de costas, dormiam de boca aberta e com o maxilar superior aberto na vertical, a não ser que esperassem ou espreitassem alguma presa. Precipitar-se para pegar a presa, seja nadando sob as águas usando a cauda como único motor, seja correndo nas margens de areia e cascalho com uma rapidez que o homem não conseguia igualar, não passava

de uma brincadeira para esses anfíbios.

Era ali, nas vastas margens, que os jacarés nasciam, viviam e morriam, não sem dar exemplos de uma extraordinária longevidade. Os mais velhos, centenários, podiam ser reconhecidos não só pelo musgo esverdeado e as proeminências que recobriam suas carapaças, como também pela ferocidade natural que aumentava com a idade. Como disse Benito, esses animais podiam ser terríveis e convinha montar guarda contra seus ataques.

De repente, gritos foram ouvidos da parte da frente: — jacarés! jacarés!

Manoel e Benito se voltaram para olhar. Três grandes sáurios, com quinze a vinte pés de comprimento, haviam conseguido subir na plataforma da jangada.

— Aos fuzis! Aos fuzis! — gritou Benito, fazendo sinais aos índios e aos negros para chegar para trás.

— Para casa! — respondeu Manoel. — É mais rápido!

De fato, como não se podia lutar contra eles, o melhor era, primeiro, procurar abrigo.

Isso foi feito num minuto. A família Garral se refugiou dentro de casa, onde os dois rapazes se juntaram a ela. Os índios e o negros havia voltado para suas malocas e cabanas.

A porta da casa já ia ser fechada:

— E Minha? — perguntou Manoel.

— Não está aqui! — respondeu Lina, que acabava de voltar do quarto da patroa.

— Meu Deus! Onde ela está? — gritou a mãe. E todos gritaram ao mesmo tempo: — Minha! Minha!

Nenhuma resposta.

— Será que está na frente da jangada? — disse Benito.

— Minha! — gritou Manoel.

Os dois rapazes, Frágoso e Joam Garral, sem pensar no perigo, saíram da casa, armados de fuzis.

Mal puseram os pés do lado de fora, dois jacarés, dando meia-volta, correram em direção a eles.

Uma bala de chumbo grosso na cabeça, perto do olho, atirada por Benito, interceptou um dos monstros, que, mortalmente ferido, se debateu em violentas convulsões e caiu de lado.

Mas o segundo já estava lá, correndo para a frente, e não havia mais jeito de impedi-lo.

O enorme jacaré correu na direção de Joam Garral e, depois de derrubá-lo com um movimento do rabo, vinha para cima dele, com os maxilares abertos.

Nesse momento, saindo da cabine com um machado na mão, Torres deu um golpe tão feliz, que a lâmina entrou no maxilar do jacaré e aí ficou enfiada, sem que ele conseguisse se livrar dela.

Sem poder enxergar por causa do sangue, o animal se jogou para o lado e, voluntariamente ou não, caiu e desapareceu no rio.

— Minha! Minha! — continuou gritando Manoel, desatinado, chegando à frente da jangada.

Subitamente, a jovem apareceu. Ela se refugiara na cabana de Araújo; mas a cabana havia sido derrubada com o possante ataque do terceiro jacaré e Minha fugia para trás, perseguida pelo monstro, que não estava nem a seis pés de distância.

Minha caiu.

Uma segunda bala, atirada por Benito, não conseguiu parar o jacaré! Apenas bateu na couraça do animal e algumas escamas voaram estilhaçadas, sem penetrá-lo.

Manoel atirou-se na direção da jovem para levantá-la, carregá-la, arrancá-la da morte!... Um golpe com a cauda, lançado pelo animal, derrubou-o.

Minha, desmaiada, estava perdida e a boca do jacaré já se abria para triturá-la!...

Foi então que Fragoso, pulando sobre o animal, enfiou-lhe uma faca no fundo na garganta, com o risco de ter o braço cortado pelos dois maxilares, no caso de se fecharem bruscamente.

Fragoso pôde retirar o braço a tempo; mas não conseguiu evitar o choque do jacaré e foi arrastado para o rio, cujas águas ficaram vermelhas por um longo tempo.

— Fragoso! Fragoso! — gritava Lina, ajoelhando-se na beira da jangada.

Um minuto depois, Fragoso reapareceu à superfície do Amazonas... Estava são e salvo.

Pondo a vida em perigo, ele salvara a jovem que já voltara a si, e como de todas as mãos que lhe estendiam Manoel, Yaquita, Minha e Lina, Fragoso não sabia qual delas pegar, acabou segurando a da jovem mulata.

No entanto, se Fragoso havia salvado Minha, era certamente à intervenção de Torres que Joam Garral devia a sua salvação.

Portanto, não era a vida do fazendeiro que queria o aventureiro. Diante desse fato evidente, era preciso admiti-lo.

Manoel mostrou isso a Benito, em voz baixa.

— É verdade! — respondeu Benito, embaraçado. — Você tem razão e, nesse sentido, é uma preocupação a menos! No entanto, Manoel, minhas suspeitas ainda permanecem! É possível ser o pior inimigo de um homem sem querer a morte dele!

Nesse meio tempo, Joam Garral se havia aproximado de Torres.

— Obrigado, Torres — ele disse estendendo a mão.

O aventureiro deu alguns passos para trás, sem responder.

— Torres — retomou Joam Garral —, lamento que esteja chegando ao fim

de sua viagem e que devamos separar-nos em alguns dias! Eu lhe devo...

— Joam Garral — respondeu Torres —, não me deve nada!

Sua vida me é a mais preciosa de todas! E, se permitir... Eu pensei bem...  
Em vez de parar em Manaus, descerei em Belém. Pode levar-me até lá?

Joam Garral respondeu com um sinal afirmativo.

Ao ouvir o pedido, num movimento espontâneo, Benito ia intervir; porém Manoel impediu-o, e o rapaz se conteve, não sem um enorme esforço.



No dia seguinte, depois de uma noite que servira para acalmar tantas emoções, desatracaram da praia dos jacarés e continuaram a viagem. Antes de cinco dias, se nada atrapalhasse o seu curso, a jangada deveria chegar ao porto de Manaus.

A jovem estava totalmente refeita do susto; seus olhos e seu sorriso agradeciam, ao mesmo tempo, a todos aqueles que haviam arriscado a vida por ela.

Lina estava muito reconhecida ao corajoso Fragoso, como se fosse ela que houvesse sido salva!

— Eu lhe retribuirei mais cedo ou mais tarde, senhor Fragoso — ela disse, sorrindo.

— E como, senhorita Lina?

— Oh! O senhor sabe muito bem!

— Então, se eu sei, que seja mais cedo e não mais tarde! — respondeu o amável rapaz.

E, a partir daquele dia, ficou estabelecido que a encantadora Lina estava noiva de Fragoso, que o casamento deles seria realizado ao mesmo tempo que o de Minha e Manoel, e que o novo casal ficaria em Belém, perto dos recém casados.

— Está tudo bem — repetia Fragoso, todo o tempo —, mas nunca pensei que o Pará ficasse tão longe!

Quanto a Manoel e Benito, eles tiveram uma longa conversa sobre o que havia ocorrido. Estava fora de cogitação conseguir que Joam Garral expulsasse quem o havia salvado.

"Sua vida me é a mais preciosa de todas", dissera Torres.

Benito ouvira e guardara essa resposta, hiperbólica e, ao mesmo tempo enigmática, que havia escapado do aventureiro.

Por enquanto, os dois jovens não podiam fazer nada. Mais do que nunca, tinham de esperar — esperar não quatro ou cinco dias, mas sete ou oito semanas ainda, isto é, todo o tempo que a jangada levaria para descer até Belém.

— Em tudo isso há um mistério que não consigo compreender! — disse Benito.

— Sim, mas podemos ficar tranquilos num ponto — respondeu Manoel. — Está claro, Benito, que Torres não pretende tirar a vida do seu pai. De resto, continuaremos vigilantes!

Aliás, parecia que a partir daquele dia Torres se mostrava mais reservado. Ele não procurou, de forma alguma, se impor à família e foi menos assíduo ao lado de Minha. Portanto, houve uma pausa nessa situação, da qual todos, exceto, talvez, Joam Garral, sentiam a gravidade.

Na noite do mesmo dia, deixaram para trás, à direita do rio, a ilha Baroso, formada por um furo com esse nome, e o lago Manaoari, alimentado por uma série confusa de pequenos afluentes.

A noite passou sem incidentes, mas Joam Garral recomendara que vigiassem com muita atenção.

No dia seguinte, 20 de agosto, o piloto, que fazia questão de acompanhar de perto a margem direita por causa dos imprevistos remoinhos da esquerda, resolveu passar entre a margem e as ilhas.

Além da margem, a região era semeada de lagos grandes e pequenos, como o Calderon, o Huarandeina e alguns outros menores, de águas escuras. Esse sistema hidrográfico marcava a aproximação do rio Negro, o mais importante de todos os afluentes do Amazonas. Na realidade, o grande rio ainda era denominado Solimões; porém, depois da desembocadura do rio Negro, ele tomava o nome que o tornou o mais famoso de todos os cursos d'água do mundo.

Nesse dia, a jangada teve de navegar em condições bem singulares. O braço de rio, seguido pelo piloto, entre a ilha Calderon e a terra, era muito estreito, embora parecesse bem largo. Isso se devia ao fato de uma grande parte da ilha, pouco acima do nível médio, ainda estar coberta pelas águas da cheia.

De cada lado, se amontoavam florestas de árvores gigantes, cujos topos ficavam cinquenta pés acima do solo e, ao se unirem de uma margem à outra, formavam uma imensa abóbada.

À esquerda, nada mais pitoresco do que a floresta inundada, que parecia plantada no meio de um lago. O tronco das árvores saía de uma água tranquila e pura, na qual os entrelaçamentos dos galhos se refletiam com incomparável nitidez. Se fossem colocados sobre um imenso espelho, como essas plantas em miniatura de alguns centros de mesa, não teriam um reflexo mais perfeito. Com a altura duplicada, terminados tanto em cima como embaixo por um vasto guarda-sol de vegetação, eles como que formavam dois hemisférios, e a jangada parecia seguir por dentro de um dos grandes círculos.

De fato, havia sido necessário deixar a jangada aventurar-se sob esses arcos nos quais se quebrava a grácil corrente do rio.

Impossível recuar. Consequentemente, era-se obrigado a manobrar com extrema precisão, para se evitar as colisões à direita e à esquerda.

Foi aí que se mostrou toda a habilidade do piloto Araújo, que, aliás, foi perfeitamente secundado por sua equipe. As árvores da floresta forneciam sólidos pontos de apoio para os longos croques e a direção foi mantida. A menor colisão, que poderia fazer a jangada ficar de través, teria provocado a destruição

completa da enorme estrutura e causado a perda, se não do pessoal, ao menos da carga que ela transportava.

— Na verdade, é muito bonito — disse Minha —, e seria muito agradável viajar sempre assim, nessas águas calmas, protegidos dos raios de sol!

— Seria agradável e ao mesmo tempo perigoso, querida Minha — respondeu Manoel. — Numa piroga, não haveria nada a temer se navegássemos assim; mas para uma grande jangada, é melhor o curso livre e desimpedido de um rio.

— Antes de duas horas, teremos atravessado toda a floresta — disse o piloto.

— Então, vamos olhar bem! — exclamou Lina. — Todas essas coisas belas passam tão depressa! Ah, cara patroa, veja os bandos de macacos que brincam nos altos galhos das árvores e os pássaros que se olham na água límpida!

— E as flores que se entreabrem na superfície — respondeu Minha — e que a corrente embala como uma brisa!

— E os longos cipós, caprichosamente estendidos de uma árvore a outra — acrescentou a jovem mulata.

— E nenhum Fragoso na ponta! — disse o noivo de Lina. — No entanto, foi uma bela flor que a senhorita colheu na floresta de Iquitos!

— Vejam só, uma flor única no mundo! — respondeu Lina, zombando. — Ah, patroa, olhe essas plantas magníficas!

E Lina mostrava as ninfeias de folhas colossais, cujas flores produziam botões tão grandes como as nozes-da-índia. Em seguida, no lugar em que se desenhavam as margens imersas, havia feixes de junco "mucumucu" de folhas largas, cujas hastes elásticas afastavam-se para dar passagem a uma piroga e se fechavam atrás dela. A região era uma tentação para os caçadores, porque um mundo de pássaros aquáticos voejava entre os altos tufos agitados pela corrente.

Íbis pousados, numa atitude epigráfica, em algum tronco velho meio emborcado, garças-cinzentas, imóveis num único pé, sérios flamingos que, de longe, pareciam sombrinhas rosas abertas na folhagem e muitos outros fenicoptérides de todas as cores animavam esse pântano temporário.

Mas à flor da água, também deslizavam enormes e rápidas cobras e, talvez, alguns desses temíveis gimnotos, cujas repetidas descargas elétricas, uma após outra, paralisavam um homem ou o animal mais robusto e acabavam por matá-lo.

Era preciso tomar cuidado com eles e, talvez, mais ainda, com as serpentes "scurijus", que, enroscadas no estipe de alguma árvore, se desenrolam, se esticam, pegam a presa e espremem-na com seus anéis, que, de tão potentes, podem esmagar um boi. Não foram encontrados, na floresta amazônica, esses répteis com trinta a trinta e cinco pés de comprimento? E, segundo M. Carrey, existem alguns cujo comprimento atinge quarenta e sete pés e que são tão

grossos quanto uma barreira!

Na verdade, uma dessas sucurijus lançadas na jangada seria tão aterrorizante quanto um jacaré!

Felizmente, os passageiros não precisaram lutar contra gimnotos, nem contra serpentes, e a passagem através da floresta inundada, que durou por volta de duas horas, terminou sem incidentes.

Três dias se passaram. Aproximavam-se de Manaus. Mais vinte e quatro horas e a jangada estaria da desembocadura do rio Negro, diante da capital da província do Amazonas.

Efetivamente, no dia 23 de agosto, às cinco horas da tarde, ela chegou à ponta setentrional da ilha Muras, na margem direita do rio. Bastava atravessá-lo obliquamente, numa distância de algumas milhas, para chegar ao porto.

Contudo, o piloto não quis, e com razão, arriscar-se naquele dia, com a noite se aproximando. As três milhas que faltavam percorrer exigiriam três horas de navegação e, para cortar o curso do rio, o mais importante era poder ver claramente.

Naquela noite, o jantar, que deveria ser o último dessa primeira parte da viagem, foi servido com uma certa cerimônia.

Vencida a metade do curso do Amazonas nessas condições, valia a pena que se fizesse um jantar festivo. Ficou combinado que beberiam "à saúde do rio Amazonas" alguns copos do generoso licor destilado pelas vertentes do Porto ou de Setúbal.

Além disso, seria o jantar de noivado de Fragoso e da encantadora Lina. O de Manoel e de Minha havia sido realizado na fazenda de IQUITOS, algumas semanas antes. Depois do jovem patrão e da jovem patroa, era a vez do fiel casal ao qual estavam presos por laços de gratidão!

Por isso, no meio dessa honesta família, Lina, que continuaria a serviço da sua patroa, e Fragoso, que começaria a trabalhar para Manoel Valdez, sentaram-se à mesa comum, no lugar de honra que lhes fora reservado.

Naturalmente, Torres participava do jantar, digno da despensa e da cozinha da jangada.

O aventureiro, sentado em frente a Joam Garral, sempre taciturno, ouvia o que se dizia mais do que tomava parte da conversa. Benito, sem deixar transparecer, o observava atentamente. O olhar de Torres, constantemente fixado em seu pai, tinha um brilho estranho. Parecia o olhar de um animal selvagem, procurando hipnotizar a presa antes de atacá-la.

Manoel conversava quase todo o tempo com Minha. Nos intervalos, seus olhos também se dirigiam a Torres; mas, em suma, ele achava que se essa situação não terminasse em Manaus, certamente terminaria em Belém.

O jantar foi bem alegre. Lina animou-o com o seu bom humor, Fragoso com suas réplicas joviais. O padre Passanha olhava feliz esse pequeno mundo que

tanto prezava, e os dois jovens casais que, em breve, sua mão benzeria nas águas do Pará.

— Coma bastante, padre — disse Benito, que acabou se envolvendo na conversa em geral —, faça jus a essa refeição de noivado! Precisarás de forças para celebrar tantos matrimônios ao mesmo tempo!

— Sim! Minha querida criança — respondeu o padre Passanha —, encontre uma bela e honrada jovem que se prenda a você, e verá se não consigo casar os dois também!

— Bem respondido, padre! — exclamou Manoel. — Vamos beber ao casamento tão próximo de Benito!

— Encontraremos uma jovem e bela noiva em Belém — disse Minha — e ele deverá fazer como todo o mundo.

— Ao casamento de Benito! — disse Fragoso, que gostaria que o mundo inteiro casasse ao mesmo tempo que ele.

— Eles têm razão, meu filho — expôs Yaquita. — Eu também vou beber ao seu casamento, que você possa ser feliz como o serão Minha e Manoel, e como eu fui ao lado de seu pai!

— Como continuará sendo, é o que esperamos — disse, então, Torres, bebendo um copo de Porto, sem se justificar com ninguém. — Todos aqui temos a felicidade nas mãos!

Não seria possível dizer o porquê, mas esses votos, vindos do aventureiro, causaram uma impressão desagradável.

Manoel sentiu isso e quis reagir contra esse sentimento: — Vejamos, padre, enquanto estamos aqui, será que não há mais alguns casais para casar na jangada?

— Acho que não — respondeu o padre Passanha — a menos que Torres... o senhor não é casado, é?

— Não, sou e sempre fui solteiro!

Benito e Manoel pensaram ver que, ao falar assim, o olhar de Torres buscara o da jovem.

— E quem impedirá que se case? — retomou o padre Passanha. — Em Belém, poderá encontrar uma mulher que tenha uma idade semelhante à sua, e talvez seja possível se fixar na cidade. Seria melhor do que essa vida errante da qual, até agora, não tirou muita vantagem.

— Tem razão, padre — respondeu Torres. — Não digo que não! Aliás, o exemplo é contagioso. Ao ver todos esses jovens noivos, dá vontade de casar! Mas sou totalmente estranho em Belém e, a não ser por circunstâncias especiais, isso pode tornar mais difícil que me estabeleça na cidade.

— De onde é? — perguntou Fragoso, que continuava com a impressão de já haver encontrado Torres em algum lugar.

— Da província de Minas Gerais.

— E nasceu?...

— Na própria capital do arraial diamantinense, em Tijuco.

Quem olhasse para Joam Garral naquele momento, ficaria horrorizado com a fixidez do seu olhar, que cruzava com o de Torres.

E a conversa continuou com Fragoso, que quase imediatamente a retomou nos seguintes termos: — O quê? O senhor é de Tijuco, da capital do distrito dos diamantes?

— Sou — respondeu Torres. — Será que também é originário dessa província?

— Não! Sou das províncias do litoral do Atlântico, do norte do Brasil — respondeu Fragoso.

— Não conhece a região dos diamantes, senhor Manoel? — perguntou Torres.

Um sinal negativo do rapaz foi a única resposta.

— E o senhor Benito — continuou Torres dirigindo-se ao jovem Garral que, evidentemente, queria envolver na conversa —, nunca teve a curiosidade de visitar o arraial diamantinense?

— Nunca — respondeu secamente Benito.

— Ah! Eu gostaria de ver essa região — exclamou Fragoso, que inconscientemente fazia o jogo de Torres. — Acho que acabaria encontrando algum diamante de grande valor!

— E o que teria feito com esse diamante de grande valor, Fragoso? — indagou Lina.

— Eu o teria vendido!

— Nesse caso, agora seria rico?

— Muito rico!

— Bom, se você fosse rico há três meses, nunca teria tido a ideia de... do cipó?

— E se eu não a houvesse tido — exclamou Fragoso —, não haveria uma encantadora mulherzinha que... Vamos, decididamente, Deus sabe o que faz!

— É isso mesmo, Fragoso — interveio Minha —, pois o está casando com minha pequena Lina! Diamante por diamante, não saiu perdendo na troca!

— Mas como, senhorita Minha — admirou-se galantemente Fragoso —, eu saí ganhando!

Sem dúvida, Torres não queria mudar de assunto, porque retomou a palavra:

— Na verdade — disse ele —, em Tijuco apareceram fortunas repentinas, que devem ter virado muitas cabeças! Não ouviram falar do famoso diamante do Abaeté, cujo valor foi estimado em mais de dois milhões de contos de reis?<sup>6</sup>

Bom, foram as minas do Brasil que o produziram e essa pedra pesava uma onça! Foram três condenados — sim, três condenados ao exílio perpétuo — que o encontraram, por acaso, no rio Abaeté, a noventa léguas do Serro do Frio.

— De repente, ficaram ricos? — perguntou Fragoso.

— Não! — respondeu Torres. — O diamante foi entregue ao governador geral das minas. Tendo sido reconhecido o valor da pedra, o rei João VI de Portugal mandou furá-la e a usava no pescoço nas grandes cerimônias. Quanto aos condenados, eles obtiveram o perdão, mas foi tudo. Pessoas mais hábeis teriam conseguido uma boa renda com ele.

— O senhor, sem dúvida — disse secamente Benito.

— Sim... eu!... Por que não? — respondeu Torres. — Nunca visitou o distrito diamantinense? — ele acrescentou, dirigindo-se, dessa vez, a Joam Garral.

— Nunca — respondeu Joam, olhando para Torres.

— Isso é lamentável — continuou este —, deveria algum dia fazer essa viagem. É muito interessante, eu garanto! O distrito dos diamantes é um enclave no vasto império do Brasil, algo como um parque de doze léguas de circunferência, e que, pela natureza do solo, a vegetação, os terrenos arenosos limitados por um círculo de altas montanhas, é bem diferente da província circunvizinha. Mas como eu disse, é o lugar mais rico do mundo, pois, de 1807 a 1817, a produção anual foi em torno de dezoito mil quilates.<sup>7</sup> Ah! Quantos golpes eram dados, não só pelos garimpeiros que procuravam pedras preciosas até no cume das montanhas, como também pelos contrabandistas que as repassavam de forma fraudulenta! Agora, a exploração está mais difícil, e os dois mil negros empregados no trabalho das minas pelo governo são obrigados a desviar os cursos d'água para deles extrair a areia diamantina. Antigamente, era mais cômodo!

— É verdade — opinou Fragoso —, os bons tempos já passaram!

— O que continuou fácil é conseguir o diamante à maneira dos malfeitores, quero dizer, pelo roubo. E vejam só, por volta de 1826 — eu tinha oito anos na época — ocorreu em Tijuco um drama terrível, que mostra como os criminosos não recuam diante de nada, quando querem ganhar uma fortuna com um golpe audacioso! Mas, sem dúvida, isso não os interessa...

— Ao contrário, Torres, continue — respondeu Joam Garral, com uma voz estranhamente calma.

— Que seja — continuou Torres. — Dessa vez, tratava-se de roubar diamantes, e um punhado dessas belas pedras equivalia a um milhão, algumas vezes a dois!

E Torres, cujo rosto exprimia os mais vis sentimentos de cupidez, fez, quase inconscientemente, o gesto de abrir e fechar a mão.

— Eis o que se passou — ele retomou. — Em Tijuco, era costume expedir



numa única vez os diamantes recolhidos durante o ano. Eles eram divididos em dois lotes, de acordo com o tamanho, depois de separados por doze crivos com buracos diferentes. Esses lotes eram colocados em sacos fechados e enviados para o Rio de Janeiro. Porém, como valiam vários milhões, podem imaginar que eram bem acompanhados. Um empregado, escolhido pelo intendente, quatro soldados a cavalo do regimento da província e dez homens a pé formavam o comboio. Primeiro iam para Vila Rica, onde o general comandante punha a sua chancela nos sacos, e o comboio retomava o caminho para o Rio de Janeiro. Devo acrescentar que, por precaução, a partida era sempre mantida em segredo. Acontece que em 1826 um jovem empregado chamado Dacosta, de vinte e dois a vinte e três anos, no máximo, que havia alguns anos trabalhado em Tijuco nos escritórios do governador geral, combinou esse golpe. Ele se entendeu com um grupo de contrabandistas e contou-lhes o dia da partida do comboio. Os malfeitores, numerosos e bem armados, tomaram certas providências. Depois de Vila Rica, na noite de 22 de janeiro, o bando atacou repentinamente os soldados que escoltavam os diamantes.

Eles se defenderam corajosamente; porém, foram massacrados, exceto um que, embora gravemente ferido, conseguiu escapar e relatou a notícia do terrível atentado. O empregado que os acompanhava não havia sido poupado, assim como os guardas da escolta. Morto sob os golpes dos malfeitores deve ter sido arrastado e, sem dúvida, jogado de algum precipício, porque o seu corpo nunca foi encontrado.

— E esse tal Dacosta? — perguntou Joam Garral.

— Muito bem, o resultado do crime não foi bom para ele. Por diversas circunstâncias, as suspeitas não tardaram a recair sobre ele, acusado de chefiar o golpe. Ele alegou inocência, em vão.

Graças ao cargo que ocupava tinha a possibilidade de saber o dia em que a partida do comboio seria efetuada. Era o único que poderia prevenir o bando de malfeitores. Foi acusado, preso, julgado e condenado à morte. Acontece que uma condenação desse tipo era executada nas vinte e quatro horas seguintes.

— O infeliz foi executado? — perguntou Fragoso.

— Não — respondeu Torres. — Ele havia sido encarcerado na prisão de Vila Rica e, durante a noite, apenas algumas horas antes da execução, agindo sozinho, ou ajudado pelos cúmplices, conseguiu escapar.

— Depois nunca mais se ouviu falar desse homem? — perguntou Joam Garral.

— Nunca mais! — respondeu Torres. — Deve ter deixado o Brasil e agora, sem dúvida, leva uma vida feliz em algum país longínquo, com o produto do roubo que conseguiu realizar.

— Ao contrário, ele pode ter levado uma vida miserável! — retrucou Joam Garral.

— E possa Deus ter feito com que sentisse remorso pelo crime! — acrescentou o padre Passanha.

Nesse momento, os convivas se levantaram da mesa e, terminado o jantar, todos saíram para respirar o ar puro do fim da tarde. O sol já descia no horizonte, mas ainda faltava uma hora para que a noite chegasse.

— Essas histórias não são nada alegres — julgou Fragoso — e nosso jantar de noivado havia começado melhor!

— Mas a culpa é sua, senhor Fragoso — retrucou Lina.

— Como, minha culpa?

— É! Foi o senhor quem continuou a falar desse distrito e dos diamantes, e não podíamos fazer nada!

— Culpa minha, é verdade! — respondeu Fragoso. — Mas eu não imaginava que acabaria desse jeito!

— O senhor é o primeiro culpado!

— E o primeiro a ser punido, senhorita Lina, pois não a ouvi rir durante a sobremesa!

Toda a família se dirigiu, então, para a frente da jangada.

Manoel e Benito andavam lado a lado sem falar. Yaquita e a filha os seguiam, também em silêncio, e todos sentiam uma inexplicável sensação de tristeza, como se pressentissem um grave acontecimento.

Caminhando de cabeça baixa, Joam Garral parecia profundamente imerso nas suas reflexões, quando Torres, que se mantinha ao lado dele, pôs a mão no seu ombro: — Joam Garral — ele disse —, poderíamos conversar por uns quinze minutos?

Joam Garral olhou para Torres.

— Aqui? — perguntou.

— Não! Em particular!

— Então venha.

Os dois voltaram para a casa, entraram, e a porta foi fechada atrás deles.

Seria difícil descrever o que todos sentiram, quando Joam Garral e Torres saíram. O que poderia haver em comum entre o aventureiro e o honesto fazendeiro de Iquitos? Parecia que uma grande desgraça pairava sobre aquela família, mas ninguém ousava se perguntar.

— Manoel — disse Benito, pegando o braço do amigo e puxando-o —, o que quer que aconteça, esse homem desembarcará em Manaus!

— Sim!... É preciso!... — respondeu Manoel.

— E se por causa dele... Sim! Por causa dele, ocorrer alguma desgraça com o meu pai... Eu o matarei!

Depois de alguns minutos sozinhos no quarto onde ninguém podia ouvi-los, nem vê-los, Joam Garral e Torres se olhavam, sem pronunciar uma única palavra. Então, o aventureiro hesitava falar?

Será que havia percebido que Joam Garral só responderia com um silêncio desdenhoso às perguntas que lhe seriam feitas?

Sim, sem dúvida! Por isso, Torres não perguntou. No início da conversa foi afirmativo, assumindo o papel de acusador.

— Joam — ele disse —, seu sobrenome não é Garral, e sim Dacosta.

Ao ouvir o nome criminoso que Torres lhe dava, Joam Garral não pôde impedir um ligeiro estremeamento, mas não respondeu.

— O senhor é Joam Dacosta — recomeçou Torres —, empregado, há vinte e três anos, nos escritórios do governador-geral de Tijuco, e foi o condenado naquele caso de roubo e assassinato!

Nenhuma resposta de Joam Garral, cuja estranha calma surpreendeu o aventureiro. Será que estaria enganado ao acusar o seu anfitrião? Não! Pois Joam Garral não reagia diante das terríveis acusações. Sem dúvida, perguntava-se onde Torres queria chegar.

— Joam Dacosta — ele continuou —, vou repetir, o senhor foi perseguido no caso dos diamantes, foi culpado pelo crime e condenado à morte, e escapou da prisão de Vila Rica algumas horas antes da execução! Vai responder?

Um longo silêncio seguiu-se à pergunta direta que Torres acabara de fazer. Joam Garral, sempre calmo, sentara-se. Com o braço apoiado numa pequena mesa, olhava fixamente para o acusador, de cabeça erguida.

— Vai responder? — repetiu Torres.

— Que resposta espera que eu dê? — disse simplesmente Joam Garral.

— Uma resposta — replicou Torres lentamente — que me impeça de procurar o chefe de polícia de Manaus e dizer-lhe: lá está um homem cuja identidade será fácil de estabelecer, que será reconhecido mesmo depois de vinte e três anos de ausência e esse homem é o instigador do roubo de diamantes de Tijuco, é o cúmplice dos assassinos dos soldados da escolta, é o condenado que fugiu ao suplício, ele é Joam Garral, cujo nome verdadeiro é Joam Dacosta.

— Então — disse Joam Garral — não terei nada a temer, Torres, se eu der a resposta que está esperando?

— Nada, porque, nesse caso, nem o senhor, nem eu, temos interesse em falar desse caso.

— Nem o senhor, nem eu? — respondeu Joam Garral. — Então não é com dinheiro que devo comprar o seu silêncio?

— Não, qualquer que seja a soma que me oferecer!

— O que quer então?

— Joam Garral — respondeu Torres —, eis a minha proposta.

Não se apresse em respondê-la com uma recusa formal, e lembre-se de que está em meu poder.

— Qual é a proposta? — perguntou Joam Garral.

Torres refletiu por um minuto. A atitude do culpado, cuja vida estava em suas mãos, surpreendia-o. Ele esperava por um violento debate, por súplicas, por lágrimas... Na sua frente estava um homem culpado dos piores crimes, e esse homem não contestava.

Por fim, ele cruzou os braços:

— O senhor tem uma filha — disse. — Essa filha me agrada e quero casar-me com ela.

Sem dúvida, Joam Garral esperava tudo da parte de um homem como aquele, e o pedido não o fez perder a calma.

— Então — ele disse — o honorável Torres quer entrar para a família de um assassino e de um ladrão?

— Sou o único juiz do que me convém fazer — respondeu Torres. — Quero ser o genro de Joam Garral e o serei.

— No entanto, Torres, não ignora que minha filha vai casar-se com Manoel Valdez.

— O senhor conseguirá justificar-se diante de Manoel Valdez.

— E se minha filha se recusar?

— O senhor lhe contará tudo e, eu a conheço, ela consentirá — respondeu Torres, sem nenhum pudor.

— Tudo?

— Tudo, se for preciso. Entre os próprios sentimentos, a honra da família e a vida de seu pai, ela não hesitará.

— O senhor é um grande miserável, senhor Torres! — disse tranquilamente Joam Garral, cujo sangue-frio não o abandonava.

— Um miserável e um assassino foram feitos para se entender!

Ao ouvir essas palavras, Joam Garral levantou-se e foi em direção ao aventureiro, que olhou bem nos olhos: — Torres — ele disse —, se pede para entrar na família de Joam Dacosta, é que sabe que Joam Dacosta é inocente do crime pelo qual foi condenado!

— É verdade!

— E digo mais — voltou a falar Joam Garral —, tem a prova de sua inocência, e essa inocência, deixará para proclamá-la no dia em que se casar com a sua filha!

— Vamos ser francos, Joam Garral — respondeu Torres abaixando a voz — e quando ouvir o que tenho a dizer, veremos se ousará me recusar sua filha!

— Pode falar, Torres.

— Muito bem, sim — disse o aventureiro reprimindo as palavras, como se lamentasse deixá-las escapar pelos lábios —, sim, o senhor é inocente! Eu sei porque conheci o verdadeiro culpado e sou capaz de provar a sua inocência!

— E o miserável que cometeu o crime?...

— Está morto.

— Morto! — exclamou Joam Garral, que essa palavra fez empalidecer, contra a sua vontade, como se lhe houvessem tirado toda a possibilidade de se reabilitar.

— Morto — respondeu Torres. — Mas esse homem, que conheci muito tempo depois do crime, e sem saber que era um criminoso, havia escrito, com a própria mão, o relato do caso dos diamantes, para lembrar-se dos menores detalhes. Sentindo que o fim se aproximava, foi tomado de remorsos. Ele sabia onde Joam Dacosta se havia refugiado, com que nome o inocente refizera a vida. Sabia que era rico, numa família feliz, mas também sabia que lhe devia faltar a felicidade! Bom, essa felicidade, ele quis devolvê-la com a honra a que ele tinha direito!... Mas a morte estava chegando... e ele me encarregou, a mim, seu companheiro, de fazer o que não teria tempo!... Entregou-me as provas da inocência de Dacosta, para que eu fizesse chegar às suas mãos, e morreu.

— O nome desse homem! — exclamou Joam Garral, com um tom de voz que não conseguiu controlar.

— Saberá quando eu for da sua família!

— E o que foi escrito?...

Joam Garral estava a ponto de se atirar sobre Torres, para revistá-lo, para lhe arrancar a prova da sua inocência.

— Esse escrito está em lugar seguro — respondeu Torres — e Só o terá depois que sua filha se tornar minha esposa. Agora, ainda recusa?

— Sim — respondeu Joam Garral. — Mas em troca desse escrito, a metade da minha fortuna é sua!

— A metade da sua fortuna! — exclamou Torres. — Aceito, desde que venha com Minha no casamento!

— E é assim que respeita a vontade de um moribundo, de um criminoso atingido pelo remorso, e que o encarregou de reparar, enquanto estava consciente, o mal que havia feito!

— É assim.

— Volto a dizer, Torres — enfatizou Joam Garral — o senhor é um grande miserável!

— Que seja.

— E como não sou um criminoso, não podemos entender-nos!

— Então, se recusa?...

— Eu me recuso!

— O senhor sai perdendo, Joam Garral. Tudo o acusa na instrução que foi feita! Foi condenado à morte e, como sabe, nas condenações por crimes desse tipo, o governo não tem o direito de comutar a pena. Denunciado, será preso! Preso, será executado... E eu vou denunciá-lo!

Por mais senhor de si que fosse, Joam Garral não conseguia mais se controlar. Ele ia atirar-se sobre Torres...

Um gesto do trapaceiro fez sua raiva desaparecer.

— Tome cuidado — disse Torres. — Sua mulher não sabe que é mulher de Joam Dacosta, seus filhos não sabem que são filhos de Joam Dacosta, e vai fazer com que fiquem sabendo!

Joam Garral parou. Ele recuperou o autocontrole e suas feições demonstraram a calma habitual.

— Essa discussão já durou demais — disse ele, caminhando para a porta —, e sei o que me resta a fazer!

— Tome cuidado, Joam Garral — disse Torres mais uma vez, que não conseguia acreditar que seu ignóbil procedimento de chantagem fosse falhar.

Joam Garral não respondeu. Empurrou a porta que se abria para a varanda, fez sinal a Torres para que o seguisse e os dois foram para o centro da jangada, onde a família estava reunida.

Benito, Manoel, todos, tomados de profunda ansiedade, se levantaram. Eles podiam ver que a atitude de Torres ainda era ameaçadora e que o fogo da raiva brilhava nos seus olhos.

Num extraordinário contraste, Joam Garral mostrava-se senhor de si, quase sorridente.

Ambos pararam diante de Yaquita e dos outros familiares.

Ninguém ousava dirigir-lhes a palavra.

— Pela última vez, Joam Garral — disse Torres —, quero uma resposta!

— Eis a minha resposta.

E se dirigiu à mulher:

— Yaquita — disse —, circunstâncias especiais me obrigam a mudar o que havíamos decidido anteriormente sobre o casamento de Minha e de Manoel.

— Finalmente! — exclamou Torres.

Joam Garral, sem responder, lançou sobre o aventureiro um olhar com o mais profundo desprezo.

Porém, com essas palavras, Manoel sentiu que seu coração havia disparado. A jovem levantara-se, pálida, como se procurasse um apoio na mãe. Yaquita abriu os braços para protegê-la, para defendê-la!

— Meu pai! — disse Benito em voz alta, que se colocara entre Joam Garral e Torres. — O que quer dizer?

— Quero dizer — respondeu Joam Garral elevando a voz — que esperar a chegada ao Pará para casar Minha e Manoel é esperar demais! O casamento será realizado aqui mesmo, amanhã, na jangada, aos cuidados do padre Passanha, se, depois de uma conversa que vou ter com Manoel, convier a ele, como a mim, não adiar mais!

— Ah! Meu pai, meu pai!... — exclamou o rapaz.

— Espere para me chamar assim, Manoel — respondeu Joam Garral, com um tom de indizível sofrimento.

— Nesse momento, Torres, que havia cruzado os braços, lançou sobre a família um olhar de inigualável insolência.

— Então, essa é sua última palavra — disse ele, estendendo a mão para Joam Garral.

— Não, não é minha última palavra.

— Qual é então?

— É essa, Torres. Quem manda aqui sou eu! O senhor vai, de boa vontade ou de má vontade, deixar a jangada agora!

— Sim, agora — disse Benito —, ou vou jogá-lo na água!

Torres deu de ombros.

— Nada de ameaças — disse —, elas são inúteis! A mim convém desembarcar e sem demora. Mas vai lembrar-se de mim, Joam Garral! Não ficaremos muito tempo sem nos ver!

— Se depender de mim — respondeu Joam Garral —, nós nos veremos talvez mais cedo do que o senhor gostaria! Amanhã irei ver o juiz de direito Ribeiro, primeiro magistrado da província, a quem avisei da minha chegada a Manaus. Se tiver coragem, vá encontrar-me!

— O juiz Ribeiro!... — respondeu Torres, evidentemente confuso.

— O juiz Ribeiro — respondeu Joam Garral.

Mostrando a piroga para Torres, com um gesto de extremo desprezo, Joam Garral encarregou quatro de seus empregados de deixá-lo, sem demora, no ponto mais próximo da ilha.

O miserável, enfim, desapareceu.

A família, ainda trêmula, respeitou o silêncio do chefe. Mas Fragoso, não percebendo totalmente a gravidade da situação e levado pela sua habitual desenvoltura, aproximou-se de Joam Garral.

Se o casamento da senhorita Minha e do senhor Manoel for realizado amanhã, na jangada...

— O seu será realizado ao mesmo tempo, meu amigo — respondeu amavelmente Joam Garral.

E fazendo um sinal para Manoel, retirou-se para o quarto com ele.

A conversa de Joam Garral e de Manoel já durava mais de meia hora, o que parecia um século para a família, quando a porta do quarto, finalmente, foi

aberta.

Manoel saiu sozinho.

Uma nobre resolução brilhava no seu olhar.

Indo até Yaquita, disse, "Minha mãe!", e a Minha, disse, "Minha mulher", a Benito, disse, "Meu irmão", e se virando para Lina e Frágoso, disse a todos, "Até amanhã!".

Estava a par de tudo o que ocorrera entre Joam Garral e Torres. Sabia que, contando com o apoio do juiz Ribeiro depois de uma correspondência que mantinha com ele havia mais de um ano, sem contar para a família, Joam Garral, enfim, conseguira esclarecê-lo e convencê-lo da sua inocência. Ele sabia que Joam Garral fizera essa viagem com o único objetivo de conseguir uma revisão do odioso processo de que havia sido vítima, e para não deixar cair sobre o genro e a filha o peso da terrível situação que tivera, por muito tempo, de aceitar para si mesmo!

Sim, Manoel sabia de tudo isso, mas também sabia que Joam Garral, ou melhor, Joam Dacosta, era inocente e que sua infelicidade acabava de o tornar ainda mais querido e respeitado!

O que não sabia era que a prova material da inocência do fazendeiro existia, e que essa prova estava nas mãos de Torres.

Joam Garral quisera reservar para o juiz o uso dessa prova, que deveria inocentá-lo, se é que o aventureiro dizia a verdade.

Manoel limitou-se a anunciar que ia ao quarto do padre Passanha, para pedir-lhe que preparasse tudo para os dois casamentos.

No dia seguinte, de agosto, apenas uma hora antes da cerimônia ser realizada, uma grande piroga, que saía da margem esquerda do rio, encostou na jangada.

Uma dúzia de remadores a trouxera, rapidamente, de Manaus, e, com alguns guardas, conduzia o chefe de polícia, que se deu a conhecer e subiu a bordo.

Nesse momento, Joam Garral e a família, já vestidos para a festa, saíam da casa.

— Joam Garral? — perguntou o chefe de polícia.

— Sou eu — respondeu Joam Garral.

— Joam Garral — voltou a dizer o chefe de polícia — o senhor também foi Joam Dacosta! Esses dois nomes foram usados por um mesmo homem! O senhor está preso.

Ao ouvir essas palavras, Yaquita e Minha, atônitas, ficaram paradas, sem conseguir sair do lugar.

— Meu pai, um assassino! — exclamou Benito, que ia dirigir-se a Joam Garral.

Com um gesto, o pai lhe impôs silêncio.



— Quero sua permissão apenas para uma pergunta — disse Joam Garral, com voz firme, dirigindo-se ao chefe de polícia. — O mandado em virtude do qual estou sendo preso foi enviado pelo juiz de direito de Manaus, pelo juiz Ribeiro?

— Não — respondeu o chefe de polícia —, ele me foi entregue, com a ordem de executá-lo imediatamente, pelo substituto. O juiz Ribeiro, atacado de apoplexia ontem à tarde, morreu essa noite mesmo, às duas horas, sem voltar a si.

— Morto! — falou Joam Garral, por instantes aterrado com a notícia — Morto... morto!

Porém, erguendo a cabeça, dirigiu-se à mulher e aos filhos: — O juiz Ribeiro — disse — era o único a saber que eu era inocente, meus queridos! A morte desse juiz talvez me seja fatal, mas não é uma razão para eu ficar desesperado!

E virando-se para Manoel:

— Com a graça de Deus — ele disse — agora veremos se a verdade pode descer do céu sobre a terra!

O chefe de polícia fez um sinal aos guardas, que avançaram para pegar Joam Garral.

— Mas fale, meu pai! — gritou Benito, louco de desespero. — Diga uma palavra, e nós terminaremos, nem que seja pela força, com esse horrível equívoco de que o senhor é vítima!

— Não há nenhum equívoco, meu filho — respondeu Joam Garral. — Joam Dacosta e Joam Garral são a mesma pessoa. Eu sou, na verdade, Joam Dacosta! Sou o homem honesto que um erro judiciário condenou injustamente à morte, há vinte e três anos, no lugar do verdadeiro culpado. A minha completa inocência, meus filhos, de uma vez por todas, eu juro diante de Deus, pela vida de vocês e da sua mãe!

— Qualquer comunicação com a sua família é proibida — disse então o chefe de polícia. — O senhor é meu prisioneiro, Joam Garral, e executarei o mandado rigorosamente.

Joam Garral conteve com um gesto os filhos e os empregados consternados:

— Que seja feita a justiça dos homens — disse —, enquanto se espera a justiça de Deus!

E, de cabeça erguida, embarcou na piroga.

Na verdade, parecia que, de todos os presentes, Joam Garral havia sido o único a não ser atingido pelo terrível raio, que tão inopinadamente caíra sobre a sua cabeça.

## Segunda parte

---

## 1 MANAUS

---

A cidade de Manaus está situada exatamente a 3°8 '4" de latitude austral e 67°27' de longitude a oeste do meridiano de Paris.

Quatrocentas e vinte léguas quilométricas a separam de Belém, e somente dez quilômetros da foz do rio Negro.

Manaus não foi construída à beira do rio Amazonas. Na margem esquerda do rio Negro — o mais importante, o maior dos afluentes da grande artéria brasileira — havia sido erguida a capital da província, que dominava toda a campina circunvizinha ao pitoresco conjunto de casas particulares e edifícios públicos.

O rio Negro, descoberto em 1645 pelo espanhol Favella, tem a sua nascente na encosta das montanhas situadas a noroeste, entre o Brasil e Nova Granada, no coração da província de Popayan, e se comunica com o Orenoco, isto é, com as Guianas, por dois afluentes, o Pimichim e o Cassiquiário.

Depois de um magnífico curso de mil e setecentos quilômetros, o rio Negro derrama, por uma foz de mil e cem toesas, suas águas escuras no Amazonas, mas sem que elas se misturem por uma distância de várias milhas, tão forte e ativo é esse escoadouro. Nesse lugar, as pontas das duas margens se abrem formando uma ampla baía, com a profundidade de quinze léguas, que se estende até as ilhas Anavilhanas.

Ali, numa estreita chanfradura, se agitava o porto de Manaus.

Era onde se dava o encontro de inúmeras embarcações, algumas paradas no meio do rio aguardando um vento favorável, outras sendo reparadas nos numerosos igarapés ou canais que sulcavam a cidade de uma forma surpreendente, dando-lhe um aspecto meio holandês.

Com a escala dos barcos a vapor que não tardaria a se estabelecer próximo à junção dos dois rios, o comércio de Manaus deveria crescer sensivelmente. De fato, madeira para construção e marcenaria, cacau, borracha, café, salsaparrilha, cana-de-açúcar, índigo, noz-moscada, peixe salgado, manteiga de tartaruga, todos esses objetos tinham vários cursos d'água para transportá-los em todas as direções: o rio Negro ao norte e a oeste, o Madeira ao sul e a oeste e, finalmente, o Amazonas, que se desdobra até o litoral do Atlântico. A situação dessa cidade era, portanto, privilegiada em relação a todas as outras, o que contribuía muito para a sua prosperidade.

Manaus chamava-se, antigamente, Moura, depois foi chamada de Barra de Rio Negro. De 1757 a 1804, a cidade apenas fez parte da capitania que tinha o nome do grande afluente cuja foz era por ela ocupada. Porém, em 1826, ao ser

transformada na capital da extensa província do Amazonas, tirou seu novo nome de uma tribo de índios que outrora havia habitado os territórios centrais da América.

Por várias vezes, viajantes mal informados confundiram essa cidade com a famosa Manoa, uma espécie de cidade fantástica, erguida, segundo diziam, perto do lendário lago de Parima, que era apenas o Branco superior, ou seja, um simples afluente do rio Negro. Lá ficava o império de El Dorado, em que todas as manhãs, se podemos acreditar nas fábulas do país, o soberano era coberto de ouro em pó, tão abundante era esse precioso metal, que se podia catá-lo com uma pá nessas terras privilegiadas. Mas, feitas as verificações, as pretensões diminuíram, pois toda essa pretendida riqueza aurífera foi reduzida à presença de inúmeros minerais micáceos sem valor, que haviam enganado os olhares ávidos dos garimpeiros.

Em suma, Manaus não tinha nada dos fabulosos esplendores da mitológica capital de El Dorado. Não passava de uma cidade de uns cinco mil habitantes, dos quais pelo menos três mil eram empregados do governo. Consequentemente, havia um certo número de prédios públicos para uso desses funcionários: a câmara legislativa, o palácio da presidência, a tesouraria geral, os correios e a aduana, sem contar um colégio fundado em 1848 e um hospital inaugurado em 1851. Se acrescentarmos um cemitério, que ocupava a vertente oriental da colina onde, em 1669, havia sido erguida uma fortaleza, agora em ruínas, contra os piratas do Amazonas, saberemos como avaliar a importância dos estabelecimentos públicos da cidade.

Quanto às construções religiosas, seria difícil nomear mais de duas: a pequena igreja da Conceição e a capela de Nossa Senhora dos Remédios, construída quase em campo raso, numa pequena elevação que dominava Manaus.

O que é muito pouco para uma cidade de origem espanhola. A esses dois monumentos convém acrescentar ainda um convento de carmelitas, incendiado em 1850, do qual só restaram ruínas.

A população de Manaus não passava do número indicado acima e, além dos funcionários, empregados do governo e soldados, era composta sobretudo de negociantes portugueses e de índios que pertenciam às diversas tribos do rio Negro.

Três ruas principais, bem irregulares, eram as responsáveis pela comunicação da cidade; tinham nomes significativos para o país e que davam bem sua cor: a rua Deus Pai, a rua Deus Filho e a rua Deus Espírito Santo. Além delas, na direção do poente, estendia-se uma magnífica avenida de laranjeiras centenárias, religiosamente respeitada pelos arquitetos, que fizeram a nova cidade sem destruir a antiga.

Em torno das ruas principais entrecruzava-se uma rede de ruelas não

pavimentadas, cortadas sucessivamente por quatro canais transpostos por passarelas de madeira. Em alguns lugares, os igarapés passeavam suas águas escuras em grandes terrenos baldios, cobertos de mato e de flores de cores cintilantes: eram jardins naturais, sombreados de árvores magníficas, entre as quais dominava a "sumaumeira", uma árvore gigantesca, revestida de uma casca branca, e cujo enorme domo se arredondava como um guarda-sol, acima de uma ramagem nodosa.

Quanto às diversas casas particulares, devia-se procurá-las entre algumas centenas de moradias bem rudimentares, algumas cobertas de telhas, outras de folhas de palmeira justapostas, com as saliências de seus mirantes e as sacadas das boticas que, na maioria, pertenciam a negociantes portugueses.

E que tipo de pessoas se via sair na hora do passeio, tanto dos prédios públicos como das casas particulares?

Homens de aspecto distinto, com sobrecasaca preta, chapéu de seda, sapatos de verniz, luvas de cores suaves, diamantes no nó da gravata; mulheres com toaletes volumosas e espalhafatasas, vestidos com falbalás, chapéus na última moda; finalmente, os índios, que também se europeizavam e acabavam com tudo o que poderia permanecer da cor local, nessa parte média da bacia dos Amazonas.

Assim era Manaus, que foi preciso dar a conhecer ao leitor, embora superficialmente, para entender a história. Ali, a viagem da jangada, tão tragicamente interrompida, acabava de ser suspensa no meio do longo percurso que deveria realizar; ali, em pouco tempo, ocorreriam as peripécias desse misterioso caso.

## 2 OS PRIMEIROS MOMENTOS

---

A piroga que levava Joam Garral, ou melhor, Joam Dacosta — convém lhe restituir esse nome —, nem bem havia desaparecido quando Benito dirigiu-se a Manoel.

— O que sabe você? — perguntou.

— Sei que seu pai é inocente! Sim! Inocente! — repetiu Manoel. — E que uma condenação capital lhe foi aplicada, há vinte e três anos, por um crime que não cometeu!

— Ele lhe contou tudo, Manoel?

— Tudo, Benito! — respondeu o rapaz. — O honesto fazendeiro não queria que nada do seu passado fosse omitido para aquele que ia se tornar seu segundo filho, ao se casar com a sua filha!

— E a prova da sua inocência, meu pai pode, enfim, mostrá-la abertamente?

— Essa prova, Benito, está nos vinte e três anos de uma vida honorável e honrada, na atitude de Joam Dacosta que disse à justiça: "Estou aqui! Não quero mais essa vida falsa! Não quero mais me esconder sob um nome que não é meu nome verdadeiro! Vocês condenaram um inocente! Reabilitem-no!"

— E meu pai... Enquanto ele falava... você não duvidou nem por um instante? — indagou Benito.

— Nem por um instante, irmão! — respondeu Manoel.

As mãos dos dois rapazes se confundiram num mesmo e cordial aperto.

Em seguida, Benito dirigiu-se ao padre Passanha: — Padre — ele disse —, leve minha mãe e minha irmã para os seus quartos! Não as deixe durante todo o dia! Ninguém aqui duvida da inocência de meu pai, ninguém... O senhor sabe!

Amanhã, minha mãe e eu iremos procurar o chefe de polícia. Não nos recusarão uma autorização para entrar na prisão. Não! Seria cruel demais! Vamos ver meu pai e decidiremos que atitude tomar para conseguir obter sua reabilitação!

Yaquita estava praticamente inerte; mas essa mulher valente, a princípio arrasada por esse súbito golpe, logo se recuperaria.

Yaquita Dacosta seria o que havia sido Yaquita Garral. Ela não duvidava da inocência do marido. Nem lhe vinha ao pensamento que Joam Dacosta poderia ser censurado por desposá-la com um nome que não era o seu. Ela só pensava na vida de felicidade que lhe havia dado esse homem honesto, injustamente acusado! Sim!

No dia seguinte estaria na porta da prisão e não sairia de lá enquanto não a

encontrasse aberta!

O padre Passanha levou-a com a filha, que não conseguia conter as lágrimas, e os três se fecharam na casa.

Os dois rapazes ficaram sozinhos.

— E agora — disse Benito — é preciso que eu saiba tudo o que meu pai lhe disse, Manoel.

— Não tenho nada a lhe esconder, Benito.

— O que Torres veio fazer a bordo da jangada?

— Vender a Dacosta o segredo do seu passado.

— Então, quando encontramos Torres nas florestas de Iquitos, ele já nutria a intenção de entrar em contato com meu pai?

— Não há dúvida — respondeu Manoel. — O miserável dirigia-se para a fazenda com a ideia de fazer uma ignóbil operação de chantagem, preparada de longa data.

— E quando nós lhe dissemos — continuou Benito — que meu pai e toda a família se preparavam para passar a fronteira, mudou subitamente o plano de conduta?...

— Sim, Benito, porque uma vez em território brasileiro, Joam Dacosta ficaria mais à mercê dele do que além, na fronteira peruana. Foi por isso que encontramos Torres em Tabatinga, onde aguardava, ou espreitava, a nossa chegada.

— E eu que ofereci para que embarcasse na jangada! — exclamou Benito, com um movimento de desespero.

— Irmão — disse Manoel —, não se recrimine por nada! Torres teria se juntado a nós, mais cedo ou mais tarde! Ele não é homem de desistir de uma pista como essa! Se nos deixasse escapar em Tabatinga, nós o encontraríamos em Manaus!

— É, Manoel. Tem razão! Mas agora não tratemos mais do passado... vamos tratar do presente!... Nada de recriminações inúteis! Vejamos!...

E ao falar assim, Benito passava a mão na testa, procurando relembrar todos os detalhes do triste caso.

— Vejamos — ele indagou —, como Torres ficou sabendo que meu pai havia sido condenado, há vinte e três anos, por esse abominável crime de Tijuco?

— Não sei — respondeu Manoel — e tudo me leva a crer que seu pai também ignora.

— Mas Torres tinha conhecimento do sobrenome Garral, sob o qual se escondia Joam Dacosta?

— Evidentemente.

— E ele sabia que era no Peru, em Iquitos, que, depois de tantos anos, meu pai se havia refugiado?

— Sabia — respondeu Manoel. — Mas como ficou sabendo, não posso

compreender!

— Uma última pergunta — disse Benito. — Que proposta Torres fez ao meu pai na curta conversa que precedeu a sua expulsão?

— Ele ameaçou denunciar Joam Garral como sendo Joam Dacosta, se ele se recusasse a comprar o seu silêncio.

— E qual o preço?...

— O preço da mão da sua filha! — respondeu Manoel, sem hesitar, mas branco de raiva.

— Como esse miserável pôde ousar?... — falou Benito em voz alta.

— A esse infame pedido, Benito, você já viu qual a resposta do seu pai!

— Sim, Manoel, sim!... A resposta de um homem honesto indignado! Ele expulsou Torres! Mas a expulsão não foi suficiente!

Não! Não foi suficiente! Foi com a denúncia de Torres que vieram prender meu pai, não é verdade?

— É! Com a denúncia dele!

— Bom — exclamou Benito, cujo braço ameaçador se dirigiu para a margem esquerda do rio — preciso encontrar Torres! Preciso saber como ficou de posse do segredo!... Ele tem de me dizer se tomou conhecimento do caso pelo verdadeiro autor do crime! Ele vai falar!... Ou, se se recusar a falar... Sei o que me resta a fazer!

— O que resta a fazer... Tanto a mim quanto a você! — acrescentou mais friamente Manoel, mas não menos resolutamente.

— Não... Manoel... Não! Só a mim.

— Somos irmãos, Benito — respondeu Manoel —, essa vingança cabe a nós dois!

Benito não replicou. Sobre esse assunto, evidentemente, sua resolução já havia sido irrevogavelmente tomada.

Nesse momento, o piloto Araújo, que observara a situação do rio, aproximou-se dos dois rapazes.

— Já decidiram — perguntou — se a jangada vai ficar ancorada na ilha Muras ou irá até o porto de Manaus?

Era uma questão que devia ser resolvida antes do anoitecer, e devia ser cuidadosamente examinada.

Na verdade, a notícia da prisão de Joam Dacosta já se devia ter espalhado pela cidade. Que ela fosse capaz de despertar a curiosidade da população de Manaus, não havia dúvida. Mas será que não provocaria mais do que curiosidade em relação ao condenado, em relação ao principal autor do crime de Tijuco, que naquela época tivera tanta repercussão? Será que não deveriam temer um movimento popular a propósito desse atentado, que nem mesmo havia sido expiado? Diante dessa hipótese, não seria melhor deixar a jangada amarrada perto da ilha Muras, na margem direita do rio, a algumas milhas de Manaus?



Os prós e os contras da questão foram pesados.

— Não! — gritou Benito. — Ficar aqui poderia parecer que abandonamos meu pai e duvidamos da sua inocência! Pareceria que tememos envolver-nos na causa dele. Precisamos ir para Manaus e sem demora!

— Tem razão, Benito — respondeu Manoel. — Vamos!

Araújo, aprovando com um sinal de cabeça, tomou as medidas necessárias para deixar a ilha. A manobra pedia algum cuidado. Teriam de pegar obliquamente a corrente do Amazonas, engrossada pela do Negro, e se dirigir para a foz desse afluente, que se abria doze milhas abaixo, na margem esquerda.

As amarras foram soltas da ilha. A jangada, de volta ao leito do rio, começou a se desviar em diagonal. Araújo, aproveitando habilmente os desvios da corrente pelas pontas das margens, conseguiu lançar a imensa embarcação na direção desejada, sendo ajudado pelos imensos croques da sua equipe.

Duas horas depois, a jangada estava na outra margem do Amazonas, um pouco acima da foz do rio Negro, e a corrente encarregou-se de conduzi-la para a margem inferior da extensa baía aberta na margem esquerda do afluente.

Finalmente, às cinco horas da tarde, a jangada estava fortemente amarrada ao longo dessa margem, não no porto de Manaus, que ela não poderia atingir sem ter de navegar contra uma corrente bem rápida, mesmo que fosse por uma pequena milha a montante.

A embarcação repousava, então, nas águas escuras do rio Negro, perto de uma ribanceira, coberta de cecrópias com botões castanho-dourados e estaqueadas com esses juncos de hastes duras, conhecidos pelo nome de "froxas", dos quais os índios faziam armas ofensivas.

Alguns cidadãos passeavam pela margem. Não havia dúvida de que eram levados pela curiosidade até o local onde a jangada estava ancorada. A notícia da prisão de Joam Dacosta não demorara a espalhar-se; mas a curiosidade dos manauenses não chegava à indiscrição e eles se mantinham reservados.

A intenção de Benito era descer à terra naquela mesma tarde.

Manoel o dissuadiu.

— Espere até amanhã — ele disse. — A noite vai chegar e não devemos sair da jangada.

— Que seja! Até amanhã — respondeu Benito.

Nesse momento, Yaquita, seguida da filha e do padre Passanha, saía da casa. Minha ainda estava em lágrimas, mas o rosto da mãe estava seco, toda ela se mostrava enérgica e resoluta.

Sentia-se que a mulher estava preparada para tudo, não só para cumprir o seu dever, mas para fazer valer os seus direitos.

Yaquita foi lentamente na direção de Manoel: — Manoel — ela disse —, ouça o que vou lhe dizer, porque é assim que me ordena a consciência.

— Sou todo ouvidos! — respondeu Manoel.

Yaquita virou-se para olhá-lo bem de frente.

— Ontem — ela retomou —, depois da conversa que teve com Joam Dacosta, meu marido, o senhor veio até mim e disse: minha mãe! Pegou a mão de Minha e disse: minha mulher! Já sabia de tudo e o passado de Joam Dacosta lhe havia sido revelado.

— Sim — respondeu Manoel — e que Deus me castigue se, da minha parte, houve alguma hesitação!...

— Que seja, Manoel — voltou a falar Yaquita —, mas naquele momento Joam Dacosta ainda não havia sido preso. Agora a situação mudou. Por mais inocente que seja, meu marido está nas mãos da justiça; seu passado foi revelado publicamente; Minha é filha de um condenado à pena capital..

— Minha Dacosta ou Minha Garral, pouco importa! — exclamou Manoel, que não pôde se conter por mais tempo.

— Manoel! — murmurou a jovem.

E, certamente, ela teria caído, se os braços de Lina não estivessem lá para sustentá-la.

— Minha mãe, se não quiser matá-la — disse Manoel —, trate-me por filho!

— Meu filho! Minha criança!

Foi tudo o que Yaquita conseguiu responder, pois as lágrimas, que até então reprimira com dificuldade, jorraram de seus olhos.

Todos entraram na casa. Mas nem uma hora de sono tornaria essa longa noite mais curta para a honesta família que passava por tão cruéis provações!

### 3 VOLTANDO AO PASSADO

---

Havia sido uma fatalidade a morte do juiz Ribeiro, com quem Joam Dacosta tinha certeza de poder contar totalmente!

Antes de ser juiz de direito em Manaus, isto é, primeiro magistrado da província, Ribeiro conhecera Joam Dacosta na época em que o jovem funcionário fora processado pelo crime do arraial diamantinense. Ribeiro era, então, advogado em Vila Rica. Ele se encarregou de defender o acusado no Tribunal Criminal. Dedicou-se à causa, empenhando-se intensamente. Do exame dos documentos do processo, dos detalhes do inquérito, ele adquiriu não apenas uma simples convicção profissional, mas a certeza de que seu cliente estava sendo incriminado sem razão porque não tivera nenhuma participação no assassinato dos soldados da escolta e no roubo dos diamantes, de que a instrução estava totalmente errada, em resumo, de que Joam Dacosta era inocente.

Porém, independentemente do seu talento e do seu zelo, o advogado Ribeiro não conseguiu fazer com que a sua convicção entrasse na mente do júri. Para quem poderia desviar a presunção do crime? Se não havia sido Joam Dacosta, que tinha todas as condições requeridas para informar os malfeitores da partida secreta do comboio, quem poderia ser? O funcionário que acompanhava a escolta havia morrido com a maioria dos soldados, e as suspeitas não podiam recair sobre ele. Tudo concorria para fazer de Joam Dacosta o único e verdadeiro autor do crime.

Ribeiro defendeu-o com extremo ardor! Ele foi de uma dedicação total!... Mas não conseguiu salvá-lo. O veredicto do júri havia sido afirmativo em todas as perguntas. Joam Dacosta, condenado por assassinato com a agravação de premeditação, não obteve o benefício de circunstâncias atenuantes e ouviu a sua condenação à morte.

Nenhuma esperança poderia ter o acusado. Nenhuma comutação da pena era possível, pois tratava-se de um crime que tinha relação com o arraial diamantinense. O condenado estava perdido... Porém, durante a noite que precedeu a execução, quando o patíbulo já estava montado, Joam Dacosta conseguiu fugir da prisão de Vila Rica... O resto, já sabemos.

Vinte anos depois, o advogado Ribeiro foi nomeado juiz de direito em Manaus. Do fundo do seu retiro, o fazendeiro de Iquitos soube dessa mudança e viu aí uma circunstância que poderia levar à revisão do seu processo, com alguma possibilidade de êxito.

Sabia que as antigas convicções do advogado a seu respeito deviam continuar intactas na mente do juiz. Ele resolveu que tentaria de tudo para

conseguir a reabilitação. Sem a nomeação de Ribeiro para a função de magistrado supremo na província do Amazonas, talvez houvesse hesitado, porque não havia nenhuma nova prova material da sua inocência a ser incluída. Mesmo que esse homem honesto sofresse terrivelmente por ser obrigado a se esconder num exílio em Iquitos, talvez esperasse o tempo apagar a lembrança desse caso terrível, mas uma circunstância o fez agir sem demora.

Na verdade, bem antes que Yaquita lhe falasse, Joam Dacosta já havia percebido que Manoel amava a sua filha. A união do jovem médico militar e da jovem lhe convinha em todos os aspectos. Era evidente que um pedido de casamento seria feito mais cedo ou mais tarde e Joam não quis ser pego desprevenido.

Mas, então, o pensamento de que precisaria casar a filha com um nome que não lhe pertencia, que Manoel Valdez, ao pensar que entrava na família Garral, entraria na família Dacosta, cujo chefe não passava de um fugitivo, ainda sob o impacto de uma condenação capital, era-lhe intolerável. Não! Esse casamento não seria feito nas condições em que o seu próprio casamento fora realizado! Não!

Jamais!

Lembramos do que se passou na época. Quatro anos depois que o jovem empregado, já sócio de Magalhães, chegou à fazenda de Iquitos, o velho português foi levado de volta para a fazenda mortalmente ferido. Só lhe restavam alguns dias de vida. Ele ficou apavorado com a ideia de que sua filha ficaria sozinha, sem apoio; sabendo que Joam e Yaquita se amavam, quis que a união se realizasse sem demora.

A princípio, Joam recusou. Ele se ofereceu para ser o protetor, o servo de Yaquita, sem se tornar seu marido... A insistência de um Magalhães moribundo foi tanta que lhe resistir passou a ser impossível. Yaquita pôs a sua mão na mão de Joam e Joam não a retirou.

Sim! Foi um erro grave! Sim! Joam Dacosta deveria ter contado tudo ou fugido para sempre dessa casa na qual havia sido tão hospitaleiramente recebido, dessa fazenda cuja prosperidade ele conseguira! Sim! Seria melhor ter contado tudo do que dar à filha de seu benfeitor um nome que não era seu, o nome de um condenado à morte por crime de assassinato, por mais inocente que fosse diante de Deus!

Mas a situação pedia urgência, o velho fazendeiro ia morrer e ele estendeu as mãos para os jovens! Joam Dacosta ficou calado, o casamento foi realizado e toda a vida do jovem fazendeiro foi consagrada à felicidade daquela que se tornara sua mulher.

— No dia em que eu confessar tudo — repetia Joam —, Yaquita irá perdoar-me. Ela não duvidará de mim um só momento!

Mas se precisei enganá-la, não enganarei o homem honesto que quer entrar

para a família ao desposar Minha! Não! Seria melhor entregar-me e acabar com essa vida!

Certamente, cem vezes Joam Dacosta pensara em dizer à mulher o que havia sido seu passado! Sim! A confissão estava nos seus lábios, sobretudo quando ela pedia que a levasse ao Brasil, que a levasse e à filha para descer o belo rio Amazonas! Ele já conhecia Yaquita o suficiente para ter certeza de que não sentiria diminuir a afeição que sentia por ele!... A coragem lhe faltou!

Quem não o compreenderia, diante de toda essa felicidade da família a seu redor, que era obra sua e que poderia ser destruída, sem possibilidade de volta?

Essa foi a sua vida por longos anos, essa foi a origem sempre renascente de seus terríveis sofrimentos cujo segredo guardava, essa foi, enfim, a vida desse homem, que não tinha uma única má ação a esconder, mas que a suprema injustiça obrigava a se esconder!

Finalmente, no dia em que não pôde mais duvidar do amor de Manoel por Minha, no dia em que calculou que não passaria um ano sem que fosse necessário dar o seu consentimento para o matrimônio, ele já não hesitou e resolveu agir rapidamente.

Uma carta sua, dirigida ao juiz Ribeiro, informou ao magistrado o segredo da vida de Joam Dacosta, o nome sob o qual ele se escondia, o lugar em que vivia com a família e, ao mesmo tempo, a intenção formal de se entregar à justiça do seu país e de requerer a revisão de um processo que significaria a reabilitação ou a execução do iníquo julgamento realizado em Vila Rica.

Que sentimentos brotaram no coração do honesto magistrado? É fácil adivinhar. Não era ao advogado que o acusado se dirigia, era ao juiz supremo da província que um condenado apelava. Joam Dacosta se entregava inteiramente a ele e nem mesmo lhe pedia segredo.

O juiz Ribeiro, a princípio chocado com a revelação inesperada, logo se recuperou e pesou escrupulosamente os deveres que a situação lhe impunha. A ele cabia o trabalho de perseguir os criminosos e eis que um criminoso deixava tudo em suas mãos. É verdade que havia defendido esse criminoso; não duvidava de que ele havia sido injustamente condenado; ficara imensamente feliz ao vê-lo fugir do suplício final; se fosse necessário, teria provocado, teria facilitado a evasão!... Porém, o que o advogado teria feito naquela época, o magistrado poderia fazer agora?

— Bom, sim! — disse a si mesmo o juiz. — Minha consciência ordena que eu não abandone esse homem justo! A atitude que está tendo agora é uma nova prova da sua não-culpabilidade, uma prova moral, já que ele não tem outras, mas que, talvez, seja a mais convincente de todas! Não! Não irei abandoná-lo!

A partir daquele dia, uma correspondência secreta foi estabelecida entre o magistrado e Joam Dacosta. Primeiramente, Ribeiro aconselhou ao cliente que não se comprometesse com um ato imprudente. Ele queria retomar o caso,

rever o processo, revisar a informação. Precisava saber se nada de novo ocorrera no arraial diamantinense que tivesse relação com essa causa tão séria. Será que algum cúmplice dos contrabandistas que haviam atacado o comboio não havia sido preso depois do atentado? Confissões, meias confissões não haviam sido feitas? Joam Dacosta havia sido preso e sempre alegara inocência! Porém, isso não era suficiente e o juiz Ribeiro queria encontrar nos próprios fundamentos do caso a quem cabia, realmente, a culpa.

Joam Dacosta devia, portanto, ser prudente. Ele prometeu que seria. Mas foi um enorme consolo para todas as suas provações encontrar em seu antigo advogado, que se tornara juiz supremo, a total convicção de que não era culpado. Sim! Joam Dacosta, apesar da condenação, era uma vítima, um mártir, um homem honesto a quem a sociedade devia uma notória reparação! E quando o magistrado tomou conhecimento do passado do fazendeiro de Iquitos desde a condenação, da situação atual da sua família, de toda essa vida de dedicação, de trabalho, consagrada, sem descanso, a garantir a felicidade de todos, ele ficou não apenas mais convencido, como também mais emocionado, e jurou a si mesmo que faria tudo para conseguir a reabilitação do condenado de Tijucu.

Durante seis meses houve uma troca de correspondência entre os dois homens.

Um dia, finalmente, sob a pressão das circunstâncias, Joam Dacosta escreveu ao juiz Ribeiro: "Dentro de dois meses estarei ao seu lado, à disposição do primeiro magistrado da província!". "Pois que venha!", respondeu Ribeiro.

A jangada estava pronta para descer o rio, Joam Dacosta embarcou com toda a família, mulher, filhos, empregados. Sabemos que durante a viagem, para grande espanto da mulher e dos filhos, raramente ele desembarcava. Na maioria das vezes ficava fechado no quarto, escrevendo, trabalhando, não nos seus negócios, e sim, sem nada dizer, numa espécie de memória que chamou de: "História da minha vida", e que deveria ser usada na revisão do processo.

Oito dias antes da nova detenção, devido à denúncia de Torres, que iria antecipar e talvez destruir seus projetos, ele confiou a um índio do Amazonas uma carta na qual prevenia o juiz Ribeiro da sua chegada iminente.

A carta partiu, foi entregue ao destinatário e o magistrado Só aguardava Joam Dacosta para iniciar esse caso grave que tinha a esperança de encerrar com sucesso.

Na noite que precedeu a chegada da jangada a Manaus, o juiz Ribeiro sofreu um ataque de apoplexia. Porém, a denúncia de Torres, cuja chantagem fracassara diante da nobre indignação da vítima, surtira efeito. Joam Dacosta havia sido preso diante da família, e seu velho advogado não estaria lá para defendê-lo!

Sim! Realmente, era um golpe terrível! De qualquer forma, a sorte estava lançada; não havia como voltar atrás.

Joam Dacosta resolveu enfrentar a desgraça que o atingia tão inopinadamente. Não era apenas a sua honra que estava em jogo, era a honra de toda a sua família.

O mandado de prisão contra Joam Dacosta, conhecido como Joam Garral, havia sido expedido pelo suplente do juiz Ribeiro, que deveria exercer as funções desse magistrado na província do Amazonas até a nomeação de um sucessor.

O suplente se chamava Vicente Jarriquez. Era um homenzinho extremamente rabugento, que quarenta anos de exercício da profissão e de processos criminais não haviam contribuído para tornar mais benévolo para com os acusados. Ele havia instruído tantos casos desse tipo, julgado e condenado tantos malfetores, que a inocência de um réu, independente de quem fosse, lhe parecia a priori inadmissível. Certamente não julgava contra a sua consciência que, profundamente endurecida, não se deixava abalar facilmente pelos incidentes de um interrogatório ou pelos argumentos da defesa. Como muitos presidentes de tribunais criminais, ele reagia, habitualmente, contra a indulgência do júri, e quando, depois de passar pelo crivo da inquirição, da informação e da instrução, um acusado comparecia diante dele, todas as presunções eram, aos seus olhos, de que o acusado fosse dez vezes culpado.

No entanto, Jarriquez não era absolutamente um homem mau. Nervoso, irrequieto, loquaz, hábil, sutil, era interessante de se observar, com uma cabeça grande sobre um corpo pequeno, cabelo desgrenhado, que não era piorado pelo barrete dos tempos antigos, olhos pequenos e penetrantes com um olhar de surpreendente acuidade, nariz proeminente, com o qual certamente ele gesticularia se tivesse uma pequena mobilidade, orelhas de abano para ouvir melhor tudo o que se dizia, mesmo que estivesse fora do alcance de um aparelho auditivo normal, os dedos tamborilando todo o tempo sobre a mesa do tribunal, como se fosse um pianista se exercitando num piano mudo, um busto comprido demais para as pernas muito curtas e os pés que cruzava e descruzava todo o tempo, quando tronava na cadeira de magistrado.

Na vida particular, o juiz Jarriquez, celibatário inveterado, só deixava os livros de direito criminal pela boa mesa que não desdenhava, pelo uísque de que gostava muito, pelo xadrez no qual era especialmente competente e, sobretudo, pelos jogos de quebra-cabeças chineses, pelos enigmas, charadas, rébus, anagramas, logogrifos e outros mais, dos quais, como alguns magistrados europeus — verdadeiras esfinges por gosto e por profissão —, fazia seu passatempo principal.

Ele era uma pessoa original, como se vê, e também se vê o quanto Joam Dacosta perdia com a morte do juiz Ribeiro, pois sua causa iria cair nas mãos desse pouco indulgente magistrado.



Nesse caso, aliás, a missão de Jarriquez seria muito simplificada. Ele não teria de fazer o trabalho de inquiridor, nem o de instrutor, nem dirigir as arguições, nem incitar a um veredicto e aplicar os artigos do Código Penal, nem, enfim, pronunciar uma condenação. Infelizmente para o fazendeiro de Iquitos, essas formalidades não eram necessárias. Joam Dacosta havia sido preso, julgado e condenado, vinte e três anos antes, pelo crime de Tijuco, a prescrição ainda não alcançara a sua condenação, nenhum pedido de comutação da pena poderia ser introduzido, nenhuma apelação de indulto poderia ser acolhida. Em resumo, bastava estabelecer sua identidade e, com a ordem de execução que chegaria do Rio de Janeiro, a justiça não teria mais nada a fazer, a não ser seguir o seu curso.

Porém, sem dúvida, Joam Dacosta alegaria inocência, diria ter sido condenado injustamente. O dever do magistrado, qualquer que fosse sua opinião a esse respeito, seria ouvi-lo. Toda a questão seria saber que provas o condenado daria das suas asserções. E se ele não pudesse entregá-las ao comparecer diante dos primeiros juízes, seria capaz de dá-las agora?

Aí estaria todo o interesse do interrogatório.

Entretanto, é preciso confessar que o fato de um homem feliz e contumaz, em segurança no exterior, deixar tudo, espontaneamente, para enfrentar a justiça que o passado lhe ensinara a temer, era um caso diferente, raro, que devia despertar o interesse até de um magistrado indiferente às peripécias de um debate judicial. Seria, da parte do condenado de Tijuco, cansado da vida, uma ousada tolice ou o arroubo de uma consciência que queria a qualquer preço vencer uma iniquidade? Convenhamos, o problema era estranho.

No dia seguinte da prisão de Joam Dacosta, o juiz Jarriquez foi à prisão da rua Deus Filho, onde o prisioneiro estava encarcerado.

A prisão era um antigo convento de missionários, construído à beira de um dos principais igarapés da cidade. Aos voluntariamente enclausurados de outrora haviam sucedido, nesse prédio pouco apropriado para a sua nova destinação, os prisioneiros de agora, mesmo contra a vontade. O quarto ocupado por Joam Dacosta não era uma dessas celas tristes do sistema penitenciário moderno. Era um antigo quarto de monge, com janela, sem clarabóia, mas com grades, que se abria para um terreno baldio, com um banco num dos cantos, uma espécie de catre no outro, alguns utensílios grosseiros e nada mais.

Foi desse quarto que, no dia 25 de agosto, Joam Dacosta foi retirado por volta das onze horas da manhã e levado ao gabinete de interrogatórios, preparado na antiga sala comum do convento.

O juiz Jarriquez estava lá, atrás da mesa, empoleirado na sua cadeira alta, com as costas voltadas para a janela, para que sua pessoa ficasse na sombra, enquanto a do prisioneiro ficaria em plena luz. O escrivão estava sentado na ponta da mesa, com a pena atrás da orelha e a indiferença que caracteriza as

pessoas da justiça, pronto para anotar perguntas e respostas.

Joam Dacosta foi introduzido no gabinete e, a um sinal do magistrado, os guardas que o haviam trazido se retiraram.

O juiz Jarriguez olhou longamente para o acusado. Este se havia inclinado diante dele e, em seguida, mantinha uma atitude conveniente, nem impudente, nem humilde, aguardando com dignidade que as perguntas lhe fossem feitas para respondê-las.

— Seu nome? — disse o juiz Jarriguez.

— Joam Dacosta.

— Sua idade?

— Cinquenta e dois anos.

— O senhor mora?...

— No Peru, no povoado de Iquitos.

— Que sobrenome usa?

— O sobrenome Garral, que é o da minha mãe.

— E porque usa esse sobrenome?

— Por que, durante vinte e três anos, quis escapar da perseguição da justiça brasileira.

As respostas eram tão precisas, pareciam indicar tão bem que Joam Dacosta estava resolvido a confessar tudo sobre o seu passado e o seu presente, que o juiz Jarriguez, pouco acostumado com esse procedimento, tomou uma atitude ainda mais desafiadora do que de hábito.

— E por que — ele continuou — a justiça brasileira o perseguia?

— Porque fui condenado à pena capital, em 1826, no caso dos diamantes de Tijuco.

— Confessa, então, que é Joam Dacosta?

— Eu sou Joam Dacosta.

Todas essas perguntas haviam sido respondidas com muita calma, da forma mais simples do mundo. Por isso, os olhos pequenos do juiz Jarriguez, dissimulados sob as pálpebras, pareciam dizer: "Eis um caso que vai caminhar sozinho!".

Só que era chegado o momento em que seria feita a invariável pergunta que levaria à invariável resposta dos acusados de qualquer categoria, protestando a sua inocência.

Os dedos do juiz Jarriguez começaram a dedilhar um rápido trilo na mesa.  
— Joam Dacosta — ele perguntou —, o que faz em Iquitos?

— Sou fazendeiro e dirijo um considerável estabelecimento agrícola.

— Ele é próspero?

— Muito próspero.

— E quando deixou a fazenda?

— Há umas dezenove semanas.

— Por quê?

— Para isso, senhor — respondeu Joam Dacosta —, aleguei um pretexto, mas na realidade havia um bom motivo.

— Qual foi o pretexto?

— O trabalho de levar ao Pará, pelo rio, um comboio de madeira e uma carga de diversos produtos da Amazônia.

— Ah! — fez o juiz. — E qual foi o verdadeiro motivo da sua viagem?

Ao fazer essa pergunta, ele disse a si mesmo: "Finalmente, vamos entrar na trilha das negações e das mentiras!".

— O verdadeiro motivo — respondeu com voz firme Joam Dacosta — foi a resolução que havia tomado de me entregar à justiça do meu país!

— Entregar-se! — gritou o juiz, levantando-se da cadeira. — Entregar-se... espontaneamente?

— Espontaneamente!

— E por quê?

— Porque eu já estava cansado, estava farto dessa vida de mentiras, da obrigação de viver com um falso nome; da impossibilidade de poder devolver à minha mulher e aos meus filhos o que lhes pertencia, enfim, senhor, porque...

— Por quê?

— Sou inocente!

"Era isso o que eu esperava!", disse a si mesmo o juiz Jarriguez. Enquanto seus dedos batucavam uma marcha mais acentuada, ele fez um sinal com a cabeça para Joam Dacosta, que significava claramente: "Vamos! Conte a sua história! Eu já conheço, mas não quero impedi-lo de narrá-la do seu jeito!".

Joam Dacosta, que não se deixou enganar por essa pouco encorajador disposição de espírito do magistrado, fingiu não percebê-la. E, então, contou a história inteira da sua vida, falando sobriamente, sem perder a calma que se havia imposto, sem omitir nenhuma das circunstâncias que haviam precedido ou seguido a sua condenação. Ele não insistiu absolutamente na vida honrada e honorável que levava desde a fuga, nem sobre os deveres de chefe de família, de marido e de pai, que tão dignamente cumprira. Só enfatizou uma circunstância — a que o levava a Manaus para demandar a revisão do processo e conseguir a sua reabilitação, e isso sem que nada o obrigasse.

O juiz Jarriguez, com uma natural prevenção contra qualquer acusado, não o interrompeu. Ele se limitava a fechar e abrir sucessivamente os olhos, como um homem que ouve a mesma história pela centésima vez; e quando Joam Dacosta pôs sobre a mesa a memória que havia escrito, não fez nenhum movimento para pegá-la.

— Terminou? — disse ele.

— Sim, senhor.

— E persiste em afirmar que só deixou Iquitos para pedir a revisão do

juízo?

— Não tenho outro motivo.

— E quem prova isso? Quem prova que sem a denúncia que levou à sua prisão, o senhor teria se entregado?

— Em primeiro lugar, essas memórias — respondeu Joam Dacosta.

— Essas memórias estavam com o senhor e nada atesta que se não tivesse sido preso, teria feito delas o uso que está alegando.

Há, senhor, ao menos um documento que já não está comigo e cuja autenticidade não pode ser posta em dúvida.

— Qual?

— A carta que escrevi ao seu antecessor, o juiz Ribeiro, carta que o prevenia da minha chegada.

— Ah! O senhor havia escrito?...

— Sim, e essa carta, que deve ter chegado ao endereço dele, não deve demorar a lhe ser entregue!

— Realmente? — falou o juiz Jarriquez, com um tom um pouco incrédulo.

— O senhor havia escrito ao juiz Ribeiro?...

— Antes de ser juiz de direito desta província — respondeu Joam Dacosta —, o juiz Ribeiro havia sido advogado em Vila Rica.

Ele me defendeu no processo criminal de Tijucu. Não duvidava da justiça da minha causa. Fez tudo para me salvar. Vinte anos depois, quando se tornou o chefe da justiça de Manaus, eu lhe contei quem era, onde estava e o que queria fazer. Sua convicção em relação a mim não havia mudado, e foi a seu conselho que deixei a fazenda para vir, pessoalmente, demandar minha reabilitação. Mas ele foi inopinadamente atingido pela morte e, talvez, eu esteja perdido, senhor, se no juiz Jarriquez não encontrar o juiz Ribeiro!

O magistrado, diretamente interpelado, esteve a ponto de reagir, a despeito do hábito da magistratura criminal; mas conseguiu se conter e limitou-se a murmurar essas palavras: — Confiante demais, na verdade, confiante demais!

Evidentemente, o juiz Jarriquez já estava calejado e nada mais conseguia surpreendê-lo.

Nesse momento, um guarda entrou no gabinete e entregou uma carta lacrada, com o endereço do magistrado.

Ele rompeu o lacre e tirou uma carta do envelope. Abriu-a e leu-a, não sem uma certa contração da sobrancelha, e disse: — Não tenho nenhum motivo, Joam Dacosta, para esconder que essa é a carta de que havia falado, dirigida pelo senhor ao juiz Ribeiro, e que me foi entregue. Não há, portanto, nenhuma razão para duvidar do que havia dito quanto a isso.

— Não Só quanto a isso — respondeu Joam Dacosta — como também quanto a todas as circunstâncias da minha vida que acabei de lhe contar e de que não se pode duvidar!

— Muito bem, Joam Dacosta — respondeu energicamente o juiz Jarriguez —, o senhor alega inocência, mas todos os acusados fazem a mesma coisa! No fim das contas, só apresenta presunções morais! Tem alguma prova material?

— Talvez, senhor — respondeu Joam Dacosta.

Diante dessas palavras, o juiz Jarriguez levantou-se da cadeira. Foi mais forte do que ele, e foi preciso dar duas ou três voltas na sala para se acalmar.

## 5 PROVAS MATERIAIS

---

Quando o magistrado voltou ao lugar, como um homem que acreditava estar totalmente senhor de si, ele se jogou na cadeira, com a cabeça para cima, olhos voltados para o teto, e num tom de perfeita indiferença, sem nem mesmo olhar para o acusado, disse: — Fale.

Joam Dacosta ficou em silêncio por um minuto, como se hesitasse entrar nesse assunto, e respondeu nos seguintes termos: — Até aqui, senhor, só lhe dei da minha inocência presunções morais, baseadas na dignidade, na decência, na honestidade da minha vida inteira. Achei que essas provas eram bastante dignas de serem entregues à justiça...

O juiz Jarriquez não pôde reprimir um movimento de ombros, indicando que essa não era a sua opinião.

— Já que não são suficientes, eis as provas materiais que, talvez, eu tenha condições de fornecer — voltou a falar Joam Dacosta. — Eu digo "talvez", porque ainda não sei qual o crédito que devemos dar a elas. Por esse motivo, senhor, não falei sobre isso com minha mulher, nem com meus filhos, pois não queria lhes dar uma esperança que poderia ser decepcionante.

— De fato — respondeu o juiz Jarriquez.

— Tudo me leva a crer, senhor, que minha prisão, na véspera da chegada da jangada a Manaus, tenha sido motivada por uma denúncia dirigida ao chefe de polícia.

— Não está enganado, Joam Dacosta, mas devo lhe dizer que foi uma denúncia anônima.

— Pouco importa, pois sei que Só pode ter vindo de um miserável chamado Torres.

— E com que direito — perguntou o juiz Jarriquez — o senhor trata assim esse... Denunciante?

— É um miserável, sim, senhor! — respondeu enfaticamente Joam Dacosta. — Esse homem, que acolhi hospitaleiramente, Só veio até mim para propor que eu comprasse o silêncio dele, para me oferecer um pacto odioso, que nunca lamentarei ter recusado, quaisquer que sejam as consequências da sua denúncia!

"Sempre o mesmo sistema, pensou o juiz Jarriquez: acusar os outros para se eximir da culpa!"

Mas ele não deixou de escutar com extrema atenção o relato que lhe fez Joam Dacosta das suas relações com o aventureiro, até o momento em que Torres lhe disse que conhecia o verdadeiro autor do atentado de Tijucu e que estava apto a revelar seu nome.

E qual o nome do culpado? — perguntou o juiz Jarriquez, abalado na sua indiferença.

— Não sei — respondeu Joam Dacosta. — Torres não me disse.

— O culpado está vivo?

— Ele morreu.

Os dedos do juiz Jarriquez tamborilavam mais rapidamente e ele não pôde deixar de dizer:

— O homem que pode entregar a prova da inocência de um acusado sempre está morto!

— Embora o verdadeiro culpado esteja morto, senhor — respondeu Joam Dacosta —, Torres, pelo menos, está vivo, e dessa prova inteiramente escrita pelo autor do crime, afirmou ter a posse!

E quis vendê-la!

— Ora, Joam Dacosta — afirmou o juiz Jarriquez —, não seria nada caro pagá-la com toda a sua fortuna!

— Se Torres Só houvesse pedido a minha fortuna, eu a teria entregue, e ninguém da família teria protestado. Sim, o senhor tem razão, nunca se paga caro o resgate da própria honra! Mas o miserável, sabendo que eu estava a sua mercê, exigiu mais do que minha fortuna!

— O quê?

— A mão da minha filha deveria ser o preço desse pacto! Eu não aceitei, ele me denunciou e eis por que estou agora diante do senhor!

— E se Torres não o houvesse denunciado — perguntou o juiz Jarriquez —, se Torres não houvesse ido ao seu encontro, o que teria feito ao saber, na chegada, da morte do juiz Ribeiro? O senhor teria se entregado à justiça?...

— Sem nenhuma hesitação, senhor — respondeu Joam Dacosta, com voz firme —, pois, repito, não tinha outro objetivo ao sair de Iquitos para vir a Manaus.

Essas palavras foram ditas com tal entonação de verdade, que o juiz Jarriquez sentiu uma espécie de emoção penetrar naquele recesso do coração onde as convicções se formam; mas Só que ele não se deu conta.

E não é de surpreender. Magistrado, procedendo a um interrogatório, não sabia nada do que sabemos, nós que acompanhamos Torres desde o começo dessa história. Não podemos ter dúvidas de que Torres tinha em suas mãos a prova material da inocência de Joam Dacosta. Temos certeza de que o documento existe, que contém essa atestação, e talvez sejamos levados a pensar que o juiz Jarriquez dava mostras de uma impiedosa incredulidade. Mas devemos pensar o seguinte: a situação do juiz Jarriquez era diferente; ele estava acostumado com esses invariáveis protestos dos indiciados que a justiça lhe enviava; Joam Dacosta invocava um documento que não havia conseguido; não sabia nem mesmo se realmente existia e, no fim das contas, o juiz estava diante

de um homem cuja culpa tinha para ele a força de causa julgada.

Entretanto, quis, por curiosidade talvez, deixar que Joam Dacosta fosse até o fim da sua defesa.

— Então — ele disse — toda sua esperança repousa agora na declaração que lhe fez esse Torres?

— Sim, senhor — respondeu Joam Dacosta —, já que toda a minha vida não serve como defesa!

— Onde acha que Torres está agora?

— Acho que deve estar em Manaus.

— E espera que fale, que consinta em lhe entregar de boa vontade esse documento, cujo preço o senhor se recusou a pagar?

— É o que espero, senhor — respondeu Joam Dacosta.

— Agora a situação de Torres é outra. Ele me denunciou e, conseqüente mente, não pode mais ter esperança alguma de retomar a negociação nas condições em que desejava concluí-la.

Mas esse documento ainda pode valer uma fortuna para ele e, se eu for libertado, ou condenado, ela pode escapar-lhe para sempre. Ora, já que seu interesse é vender-me esse documento, sem que isso possa prejudicá-lo de forma alguma, penso que agirá de acordo com o próprio interesse.

O raciocínio de Joam Dacosta não admitia réplica. O juiz Jarriguez percebeu bem. E só fez a única objeção possível: — Que seja — disse. — O interesse de Torres é, sem dúvida, vender-lhe esse documento... Se é que ele existe!

— Se não existir, senhor — retrucou Joam Dacosta com uma voz penetrante —, Só poderei contar com a justiça dos homens, enquanto aguardo a justiça de Deus!

Com essas palavras o juiz Jarriguez se levantou e, então, disse num tom menos indiferente:

— Joam Dacosta, ao interrogá-lo aqui, ao deixar que contasse as particularidades da sua vida e alegasse inocência, fui mais longe do que pedia o meu mandado. Uma informação já foi feita sobre esse caso e o senhor compareceu diante do júri de Vila Rica, cujo veredicto foi dado por unanimidade de votos, sem circunstâncias atenuantes. O senhor foi condenado por instigação e cumplicidade no assassinato dos soldados e no roubo dos diamantes de Tijuco, a pena capital foi pronunciada e Só devido à evasão o senhor escapou do suplício. Mas, quer tenha vindo entregar-se ou não à justiça, depois de vinte e três anos, foi preso novamente. Pela última vez, reconhece que é Joam Dacosta, o condenado no caso do arraial diamantinense?

— Eu sou Joam Dacosta.

— Está pronto para assinar essa declaração?

— Estou.

E com uma mão que não tremia, Joam Dacosta assinou seu nome embaixo



da narração circunstanciada e do relatório que o juiz mandara o escrivão redigir.

— O relatório, dirigido ao Ministério da Justiça, vai para o Rio de Janeiro — disse o magistrado. — Só depois de muitos dias receberemos a ordem para executar o julgamento que o condena.

Se, então, como diz, esse Torres possui a prova da sua inocência, por sua própria conta, com a sua família, faça de tudo para que a entregue em tempo hábil!

— Quando chegar a ordem, nenhum sursis será mais possível e a justiça seguirá o seu curso!

Joam Dacosta se inclinou.

— Tenho permissão para ver minha mulher e meus filhos? — perguntou.

— Hoje mesmo, se quiser — respondeu o juiz Jarriguez. — O senhor não está incomunicável e eles serão levados para vê-lo assim que se apresentarem.

O magistrado tocou a sineta. Os guardas entraram no gabinete e levaram Joam Dacosta.

O juiz Jarriguez olhou-o partir, sacudindo a cabeça.

— É! O caso é realmente mais estranho do que pensei! — ele murmurou.

Enquanto Joam Dacosta passava pelo interrogatório, Yaquita, por um pedido feito por Manoel, ficou sabendo que os filhos e ela seriam admitidos para ver o prisioneiro, no mesmo dia, por volta das quatro horas da tarde.

Desde a véspera, Yaquita não saíra do quarto. Minha e Lina haviam ficado ao lado dela, aguardando o momento em que teria permissão para ver o marido. Fosse ela Yaquita Garral ou Yaquita Dacosta, ele continuaria a encontrar a mulher devotada, a valente companheira de toda a vida.

Naquele dia, em torno das onze horas, Benito foi ao encontro de Manoel e Fragoso, que conversavam na dianteira da jangada.

— Manoel — ele disse —, tenho um trabalho a lhe pedir.

— Qual?

— Para o senhor também, senhor Fragoso.

— Estou às ordens, senhor Benito — respondeu o barbeiro.

— De que se trata? — perguntou Manoel, observando o amigo, cuja atitude era a de um homem que tomou uma resolução inabalável.

— Continuam acreditando na inocência de meu pai, não é? — disse Benito.

— Ah! — exclamou Fragoso. — Seria mais fácil acreditar que fui eu que cometi o crime!

— Muito bem, hoje mesmo vamos executar um projeto que idealizei ontem.

— Encontrar Torres? — perguntou Manoel.

— Sim, e saber dele como descobriu a condenação de meu pai! Em tudo isso há coisas inexplicáveis! Será que já o conhecia?

Não posso compreender como, pois meu pai não saía de Iquitos havia vinte anos e o miserável tem apenas trinta! Mas o dia não vai terminar antes que eu saiba isso, ou pobre do Torres!

A resolução de Benito não admitia nenhuma discussão. Por isso, nem Manoel, nem Fragoso pensaram em fazê-lo desistir do projeto.

— Peça, portanto — continuou Benito —, que os dois me acompanhem. Vamos partir neste instante. Não devemos esperar que Torres saia de Manaus. Ele já não pode mais vender o seu silêncio, e essa hipótese pode lhe ocorrer. Vamos!

Os três desembarcaram na margem do rio Negro e se dirigiram para a cidade.

Manaus não era tão grande que não pudesse ser revistada em algumas

horas. Se fosse preciso iriam de casa em casa para procurar Torres; mas seria melhor falarem primeiro com os donos dos albergues e das tabernas, onde o aventureiro poderia ter-se refugiado. Sem dúvida, o ex-capitão-do-mato não daria seu nome e talvez tivesse razões pessoais para evitar qualquer contato com a justiça. No entanto, se não houvesse saído de Manaus, ele não escaparia da busca dos rapazes. Em todo o caso, estava fora de cogitação dirigir-se à polícia, porque era bem provável — e foi, efetivamente, como sabemos — que a denúncia houvesse sido anônima.

Durante uma hora, Benito, Manoel e Fragoso percorreram as ruas principais da cidade, interrogando os comerciantes nas lojas, os taberneiros nos seus botequins e os próprios transeuntes, sem que ninguém pudesse identificar o indivíduo cujas características eles descreviam com extrema precisão.

Será que Torres havia saído de Manaus? Deveriam perder as esperanças de achá-lo?

Manoel tentava, em vão, acalmar Benito, que estava exaltado. Custasse o que custasse, ele acharia Torres!

O acaso iria ajudá-los e foi Fragoso que encontrou a verdadeira pista.

Num albergue da rua Deus Espírito Santo, ao descrever as características do aventureiro, responderam-lhe que o indivíduo em questão havia ido, na véspera, até a taberna.

— Ele dormiu no albergue? — perguntou Fragoso.

— Dormiu — respondeu o dono do albergue.

— Está aqui, agora?

— Não, ele saiu.

— Mas pagou a conta como um homem que se dispõe a ir embora?

— De jeito nenhum. Ele saiu do quarto depois de uma hora e, sem duvida, voltará para o jantar.

— Sabe que caminho tomou ao sair?

— Ele foi visto se dirigindo ao Amazonas, descendo para a cidade baixa, e é provável que seja encontrado por já.

Fragoso não precisou perguntar mais. Alguns minutos depois, ele se encontrava com os dois rapazes e dizia: — Achei a pista de Torres.

— Ele está lá! — exclamou Benito.

Não, acabou de sair e viram-no se dirigir para o Amazonas, passando pelo campo.

— Vamos! — disse Benito.

Seria preciso descer em direção ao rio, e o caminho mais curto seria pegar a margem esquerda do rio Negro até a foz.

Benito e os companheiros logo deixaram para trás as últimas casas da cidade e seguiram pela margem, mas fizeram um desvio para não passar diante da jangada.

A planície estava deserta àquela hora. O Olhar podia alcançar ao Jorge, através da campina, onde as terras cultivadas haviam substituído as florestas de outrora.

Benito não falava: não conseguiria pronunciar uma única palavra. Manoel e Fragoso respeitavam esse silêncio. Iam assim os três, percorrendo a distância entre a margem do rio Negro e a margem do Amazonas. Três quartos de hora depois de saírem de Manaus ainda não haviam percebido nada.

Uma ou duas vezes, encontraram os índios que trabalhavam na terra; Manoel interrogou-os e um deles, finalmente, lhe disse que um homem, parecido com o que descrevia, havia acabado de passar e se dirigira para o ângulo formado pela confluência dos dois cursos d'água.

Sem mais perguntas, Benito, inconscientemente, começou a andar rápido e os dois companheiros tiveram de se apressar para não se distanciarem demais.

A margem esquerda do Amazonas aparecia a menos de um quarto de milha. Uma espécie de escarpa se desenhava, ocultando uma parte do horizonte e limitando o alcance da vista num raio de algumas centenas de passos.

Benito, acelerando a corrida, logo desapareceu atrás de uma das elevações de areia.

— Mais rápido! Mais rápido! — disse Manoel a Fragoso. — Não podemos deixá-lo sozinho um único instante!

Os dois correram nessa direção e, de repente, ouviram um grito.

Será que Benito havia visto Torres? Será que este o havia visto? Benito e Torres já estavam juntos?

Manoel e Fragoso, que estavam cinquenta passos atrás, depois de passarem rapidamente por uma das pontas da margem viram dois homens parados frente a frente.

Eram Benito e Torres.

Num minuto, Manoel e Fragoso estavam ao lado deles.

Acreditavam que, exaltado como estava, Benito não conseguiria controlar-se quando estivesse na presença do aventureiro.

Não foi isso o que ocorreu.

Assim que o rapaz se viu diante de Torres, quando teve certeza de que ele não poderia escapar, sua atitude mudou completamente, ficou mais aliviado, recuperou o sangue-frio, voltou a ser senhor de si.

Os dois homens se olhavam havia alguns minutos sem pronunciar uma só palavra.

Torres foi o primeiro a romper o silêncio, e com seu habitual tom atrevido, disse:

— Ah! Senhor Benito Garral?

— Não! Benito Dacosta — respondeu o rapaz.

— De fato — continuou Torres —, senhor Benito Dacosta, acompanhado do

senhor Manoel Valdez e do meu amigo Fragoso!

Diante dessa qualificação ultrajante que lhe dava o aventureiro, Fragoso, resolvido a se vingar, ia avançar para cima dele quando Benito, sempre impassível, o reteve: — O que há com o senhor, meu rapaz? — exclamou Torres, recuando alguns passos. — Ei! Acredito que seria melhor eu ficar de sobreaviso!

E, enquanto falava, tirou do poncho uma machete, essa arma ofensiva ou defensiva — como queira — que um brasileiro nunca abandona. Em seguida, meio curvado, esperou, sem recuar.

— Eu vim procurá-lo, Torres — disse, então, Benito, que não havia se mexido diante da atitude provocadora.

— Procurar-me? — respondeu o aventureiro. — Não sou difícil de encontrar! E por que estava me procurando?

— Para ouvir da sua boca o que demonstra saber do passado do meu pai!

— É mesmo?

— É! Espero que me diga como o reconheceu, por que estava rondando nossa fazenda na floresta de Iquitos, por que esperava em Tabatinga...

— Bom, parece que não há nada mais claro! — respondeu Torres caçoando. — Eu o esperava para embarcar na sua jangada e embarquei com a intenção de fazer uma proposta muito simples..

Que provavelmente ele errou ao rejeitar!

A essas palavras Manoel não conseguiu se conter. Com o rosto pálido, o olhar em fogo, avançou para cima de Torres.

Benito, querendo usar todos os meios de conciliação, interpôs-se entre o aventureiro e ele.

— Controle-se, Manoel — ele disse. — Eu estou controlado!

Em seguida, voltando ao assunto:

— Na verdade, Torres, sei quais foram as razões que o fizeram embarcar na jangada. Possuidor de um segredo que, sem dúvida, lhe foi entregue, quis fazer chantagem! Mas não é disso que se trata agora.

— E do que se trata?

— Quero saber como reconheceu Joam Dacosta no fazendeiro de Iquitos!

— Como pude reconhecê-lo — retrucou Torres — é assunto meu, isso não preciso contar-lhe. O importante é que não me enganei, quando vi nele o verdadeiro autor do crime de Tijucu!

— Não me diga!... — gritou Benito, que começava a perder o controle.

— Não vou dizer nada! — respondeu Torres. — Ah! Joam Dacosta rejeitou minhas propostas! Ele se recusou a me admitir na família! Bom, agora que o segredo já é conhecido, que está preso, sou eu quem se recusará a entrar na família, na família de um ladrão, de um assassino, de um condenado que o patíbulo aguarda!

— Miserável! — exclamou Benito, que, por sua vez, tirou uma machete do cinto e se pôs na ofensiva.

Manoel e Fragoso, num movimento idêntico, também se armaram rapidamente.

— Três contra um! — disse Torres.

— Não! Um contra um! — respondeu Benito.

— Não diga! Eu já estava imaginando um assassinato por parte do filho de um assassino!

— Torres! — gritou Benito. — Defenda-se, ou vou matá-lo como a um cão enraivecido!

— Enraivecido, que seja! — respondeu Torres. — Mas eu mordo, Benito Dacosta, e cuidado com as mordidas!

Em seguida, trazendo para perto a machete, ele se pôs em guarda, preparado para se atirar sobre o adversário. Benito recuou alguns passos.

— Senhor Torres — ele disse recuperando o sangue-frio que perdera por alguns instantes —, o senhor foi hóspede de meu pai, o senhor o ameaçou, o traiu, o denunciou, acusou um inocente e, com a ajuda de Deus, vou matá-lo!

Um sorriso insolente foi esboçado nos lábios de Torres. Talvez o miserável pensasse, nesse momento, como impedir a luta entre Benito e ele, e podia fazê-lo, de fato. Torres havia compreendido que Joam Dacosta nada dissera do documento que continha a prova material da sua inocência.

Ora, ao revelar a Benito que ele, Torres, possuía essa prova, conseguiria desarmá-lo no mesmo instante. Porém, não somente queria esperar o último minuto, sem dúvida para conseguir um melhor preço pelo documento, como a lembrança das palavras insultantes do rapaz, o ódio que sentia por toda a família, fizeram-no esquecer seus interesses.

Além do mais, muito acostumado ao manejo da machete, da qual tivera muitas ocasiões para se servir, o aventureiro era robusto, ligeiro e hábil. Portanto, contra um adversário de apenas vinte anos, que não podia ter a sua força nem a sua destreza, tinha maiores chances de vencer.

Num último esforço, Manoel insistiu para lutar no lugar de Benito.

— Não, Manoel — respondeu friamente o rapaz —, cabe a mim, e só a mim, vingar o meu pai e, como tudo aqui deve ser dentro das regras, você será minha testemunha!

— Benito!...

Quanto ao senhor Fragoso, recusaria se pedisse para servir de testemunha para esse homem?

— Que seja — respondeu Fragoso —, embora não haja nenhuma honra nisso! Se fosse eu, sem tantas cerimônias — acrescentou —, iria matá-lo como um animal selvagem!

O lugar onde o combate seria realizado era uma margem plana, que media

uns quarenta passos de largura e que ficava uns quinze pés acima do Amazonas. Ela era cortada na vertical, portanto, muito escarpada. Embaixo dela, o rio corria lentamente, banhando os feixes de junco que guarneciam a sua base.

Portanto, havia pouco espaço nessa margem, no sentido da largura e, dos dois adversários, o que fraquejasse primeiro teria atrás de si um abismo.

Ao sinal dado por Manoel, Torres e Benito caminharam na direção um do outro.

Benito estava totalmente controlado. Defensor de uma santa causa, seu sangue-frio prevalecia, e muito, sobre o de Torres, cuja consciência, por mais insensível, por mais implacável que fosse, devia, nesse momento, atrapalhar a sua visão.

Quando os dois ficaram próximos, o primeiro golpe foi dado por Benito. Torres evitou-o. Os dois adversários recuaram; mas quase imediatamente, avançaram um para cima do outro, e se agarraram com a mão esquerda pelo ombro... Não mais se soltaram.

Torres, mais forte, deu um golpe lateral com a machete, que Benito não conseguiu evitar totalmente. Seu lado direito foi atingido e o tecido do poncho ficou vermelho de sangue. Mas ele respondeu energicamente e feriu Torres levemente na mão.

Diversos golpes foram trocados sem que nenhum fosse decisivo. O olhar de Benito, sempre em silêncio, mergulhava nos olhos de Torres como um lâmina que penetra até o coração.

Visivelmente, o miserável começava a fraquejar. Ele recuou então um pouco, empurrado pelo implacável justiceiro que estava mais decidido a tirar a vida do denunciante do seu pai do que defender a sua. Acertá-lo era tudo o que Benito queria, enquanto o outro, agora, só procurava aparar os golpes.

Não demorou muito e Torres se viu acuado na beirada da margem, num lugar onde, levemente escavada, ela se projetava sobre o rio. Ele compreendeu que corria perigo, quis retomar a ofensiva e recuperar o terreno perdido... Seu atordoamento aumentava, o olhar lívido se apagava sob as pálpebras...

Finalmente, teve de se curvar sob o braço que o ameaçava.

— Morra! — gritou Benito.

O golpe foi dado no meio do peito, mas a ponta da machete acertou um objeto duro, oculto sob o poncho de Torres.

Benito voltou a atacar. Torres, cuja resposta não chegou a atingir o adversário, sentiu-se perdido. Ele foi obrigado a recuar mais. Queria gritar... Gritar que a vida de Joam Dacosta estava presa à sua!... Mas não teve tempo.

Um segundo golpe da machete penetrou, dessa vez, até o coração do aventureiro. Ele foi para trás e, como de repente lhe faltasse o chão, caiu da margem. Uma última vez suas mãos se agarraram convulsivamente num tufo

de junco, mas não conseguiram segurá-lo... E ele desapareceu nas águas do rio.

Benito estava apoiado no ombro de Manoel; Fragoso lhe apertava as mãos. Ele não quis perder tempo para deixar os companheiros tratarem da sua ferida, que era superficial.

— Para a jangada — disse —, para a jangada!

Manoel e Fragoso, dominados por profunda emoção, seguiram-no sem dizer uma palavra.

Um quarto de hora depois, os três chegavam perto da margem onde a jangada estava amarrada. Benito e Manoel precipitaram-se para o quarto de Yaquita e de Minha, e puseram as duas a par do que havia acabado de acontecer.

— Meu filho! Meu irmão!

Os gritos saíram ao mesmo tempo.

— Para a prisão! — disse Benito.

— Sim!... Vamos!... Vamos! — falou Yaquita.

Benito, seguido de Manoel, conduziu a mãe. Os três desembarcaram, se dirigiram para Manaus e, meia hora depois, chegavam à prisão da cidade.

De acordo com a ordem dada previamente pelo juiz Jarriquez, foram imediatamente introduzidos e conduzidos ao quarto ocupado pelo prisioneiro.

A porta foi aberta.

Joam Dacosta viu entrar a mulher, o filho e Manoel.

— Ah! Joam, meu Joam! — exclamou Yaquita.

— Yaquita! Minha mulher! Meus filhos! — respondeu o prisioneiro, que lhes abriu os braços e apertou-os ao peito.

— Meu Joam inocente!

— Inocente e vingado! — exclamou Benito.

— Vingado? O que quer dizer?

— Torres está morto, meu pai, e morto por mim!

— Morto!... Torres!... Morto!... — falou em voz alta Joam Dacosta. — Ah! Meu filho!... Você causou a minha desgraça!



## 7 RESOLUÇÕES

---

Algumas horas mais tarde, toda a família, já de volta à jangada, estava reunida na sala comum. Todos estavam lá — menos o homem íntegro que havia sido atingido por mais um golpe!

Benito, arrasado, acusava-se de haver causado a desgraça do pai. Sem as súplicas de Yaquita, da irmã, do padre Passanha e de Manoel, talvez o infeliz rapaz tivesse cometido, nos primeiros momentos de seu desespero, algum ato extremo. Mas ninguém o perdeu de vista nem o deixou sozinho. No entanto, que nobre conduta havia sido a sua! Não fora uma vingança legítima contra o denunciante do seu pai?

Ah! Por que Joam Dacosta não havia dito tudo antes de deixar a jangada! Por que quis reservar para o juiz essa prova da sua não-culpabilidade? Por que, na sua conversa com Manoel, depois da expulsão de Torres, ele se calou sobre esse documento que o aventureiro dizia ter em mãos? E, no fim das contas, que crédito se devia dar ao que Torres lhe havia dito? Poderia ter certeza de que esse documento estivesse na posse do miserável?

De qualquer modo, agora a família sabia de tudo e da própria boca de Joam Dacosta. Sabia que, segundo Torres, a prova da inocência do condenado de Tijuco existia realmente; que esse documento havia sido escrito pela própria mão do autor do crime; que esse criminoso, tomado de remorsos na hora da morte, entregara-o ao companheiro Torres e que este, em vez de executar a vontade do moribundo, fizera da entrega desse documento um meio de chantagem!... Mas a família também sabia que Torres havia morrido no duelo, que seu corpo fora engolido pelas águas do Amazonas e que morrera sem dizer o nome do verdadeiro culpado!

A não ser por um milagre, agora, Joam Dacosta podia ser considerado irremissivelmente perdido. De um lado, a morte do juiz Ribeiro, do outro, a morte de Torres, era um golpe duplo do qual ele não conseguiria se reerguer!

Convém dizer aqui que a opinião pública de Manaus, injustamente exaltada como sempre, estava contra o prisioneiro. A prisão tão inesperada de Joam Dacosta fazia voltar à memória o horrível atentado de Tijuco, esquecido havia vinte e três anos. O processo do jovem funcionário das minas do arraial diamantinense, sua condenação à pena capital, sua evasão, algumas horas antes do suplício, tudo foi relembrado, explorado, comentado. Um artigo publicado em O Diário d'o Grand Pará, o jornal de maior penetração nessa região, depois de relatar todas as circunstâncias do crime, era manifestamente hostil ao

prisioneiro. Por que se acreditaria na inocência de Joam Dacosta, quando se ignorava tudo que os membros da família sabiam — tudo que Só eles sabiam?

Por isso, a população de Manaus não demorou a ficar encolerizada. A turba de índios e negros, com fúria cega, começou a afluir ao local da prisão, soltando gritos de morte. Nesse país das duas Américas, das quais uma vê, mais constantemente, serem aplicadas as odiosas execuções da lei de Lynch, a multidão se deixou levar por seus instintos cruéis, e temia-se que numa ocasião como essa quisesse fazer justiça com as próprias mãos!

Que noite triste para os passageiros da jangada! Patrões e empregados haviam sido atingidos por esse golpe! Todo o pessoal da jangada não era membro de uma mesma família? Todos, aliás, quiseram velar pela segurança de Yaquita e de seus familiares. Na margem do rio Negro, havia um incessante ir e vir de índios, evidentemente exaltados com a prisão de Joam Dacosta, e quem iria saber a que excessos poderiam se deixar levar essas pessoas meio bárbaras!

No entanto, a noite passou sem nenhuma manifestação contra a jangada.

No dia seguinte, 26 de agosto, ao nascer do sol, Manoel e Fragoso, que não haviam deixado Benito nem por um minuto durante essa noite de angústia, tentaram arrancá-lo do desespero.

Eles o chamaram à parte e fizeram-no compreender que não havia tempo a perder, que era preciso tomar uma decisão e agir.

— Benito — disse Manoel —, recupere seu autocontrole, volte a ser um homem, volte a ser um filho!

— Meu pai — exclamou Benito —, eu o matei!

— Não — respondeu Manoel —, e com a ajuda dos céus, é possível que nem tudo esteja perdido!

— Ouça-nos, senhor Benito — disse Fragoso.

O rapaz, passando a mão nos olhos, fez um enorme esforço.

— Benito — continuou Manoel —, Torres nunca disse nada que nos pudesse pôr na pista do seu passado. Portanto, não podemos saber quem é o autor do crime de Tijuco, nem em que condições ele o cometeu. Procurar desse lado seria perda de tempo!

— E o tempo urge! — acrescentou Fragoso.

— Além disso — disse Manoel —, mesmo que conseguíssemos descobrir quem foi esse companheiro de Torres, ele está morto e não poderia dar testemunho da inocência de Joam Dacosta. Mas não deixa de haver uma certeza de que a prova da inocência existe, não há motivo para duvidar da existência de um documento, pois Torres fez dele um objeto de negociação. Ele mesmo disse isso. Esse documento é uma confissão que o acusado escreveu inteiramente de próprio punho, no qual relata o atentado nos mínimos detalhes e que reabilita nosso pai! Sim! Cem vezes, sim! Esse documento existe!

No entanto, Torres não existe mais — exclamou Benito — e o documento

desapareceu com esse miserável!

— Calma e não se desespere ainda! — falou Manoel.

— Você se lembra em que condições conhecemos Torres? Foi no meio da floresta de Iquitos. Ele perseguia um macaco que lhe havia roubado um estojo de metal, que ele queria muito, e a perseguição já durava duas horas quando o macaco morreu sob nossas balas. Bom, você acha que foi por algumas moedas de ouro guardadas nesse estojo que Torres fazia tanta questão de reavê-lo, e não se lembra da extraordinária satisfação que deixou transparecer quando lhe entregou o estojo arrancado das mãos do macaco?

— Lembro!...Lembro! — respondeu Benito. — O estojo que segurei e que lhe devolvi!... É provável que o documento estivesse lá dentro!

— É mais do que provável! É quase certo!... — disse Manoel.

— E digo mais — acrescentou Fragozo —, porque isso me vem agora à memória. Durante a visita que vocês fizeram a Ega, eu fiquei a bordo, a conselho de Lina, para vigiar Torres, e o vi... sim... eu o vi ler e releer um velho papel todo amarelado... murmurando palavras que não consegui compreender!

— Era o documento! — exclamou Benito, que se prendia a essa esperança. — O único que lhe restava! Mas será que não pôs esse documento num lugar seguro?

— Não — respondeu Manoel —, não!... Era muito precioso para que Torres pensasse em se separar dele! Devia trazê-lo sempre consigo e, sem dúvida, nesse estojo!...

— Espere... espere... Manoel — gritou Benito. — Eu me lembro! Sim! Eu me lembro!... Durante o duelo, o primeiro golpe que dei em Torres bem no peito, a machete bateu num objeto duro embaixo do poncho... Como uma placa de metal...

— Era o estojo! — exclamou Fragozo.

— Sim! — respondeu Manoel. — Sem sombra de dúvida! Esse estojo estava num bolso da sua japona.

— Mas e o cadáver de Torres?...

— Vamos achá-lo!

— Mas o papel! A água deve tê-lo molhado, talvez destruído, tornando-o indecifrável!

— Como — retrucou Manoel —, se esse estojo de metal era hermeticamente fechado?

— Manoel — disse Benito, que não queria deixar de lado essa esperança —, você tem razão! É preciso achar o cadáver de Torres!

Se for necessário, revistaremos toda essa parte do rio, mas vamos achá-lo!

O piloto Araújo foi imediatamente chamado e posto a par do que iam fazer.

— Bom — respondeu Araújo. — Conheço os remoinhos e as correntes do rio Negro e do Amazonas e é possível conseguir encontrar o cadáver de Torres.

Vamos pegar as duas pirogas, os dois ubás, uma dúzia dos nossos índios e embarcar.

O padre Passanha saía do quarto de Yaquita. Benito foi até ele e contou, em algumas palavras, o que iam tentar para conseguir a posse do documento.

— Não diga nada ainda à minha mãe, nem à minha irmã! — acrescentou.

— Essa última esperança, se for decepcionante, vai matá-las!

— Vá, minha criança, vá — falou o padre Passanha —, e que Deus o ajude nas buscas!

Cinco minutos depois, as quatro embarcações foram desatracadas da jangada; em seguida, depois de descerem o rio Negro, elas chegaram perto da margem do Amazonas, no mesmo lugar em que Torres mortalmente atingido, havia desaparecido nas águas do rio.

As buscas deveriam começar sem demora, e por duas razões bem sérias: A primeira — questão de vida ou morte — era que a prova da inocência de Joam Dacosta precisava ser exibida antes que chegasse alguma ordem do Rio de Janeiro. Na verdade, depois de estabelecida a identidade do condenado, essa ordem Só poderia ser uma ordem de execução.

A segunda, era que o corpo de Torres devia ficar na água o mínimo tempo possível, para que encontrassem intacto o estojo e o que ele poderia conter.

Nesse caso, Araújo deu provas não Só de zelo e inteligência, como também de um perfeito conhecimento do rio, na confluência com o rio Negro.

— Se Torres — disse ele aos rapazes — foi levado imediatamente pela corrente, será preciso dragar o rio numa longa distância, porque esperar que o corpo reapareça na superfície por efeito da decomposição demandaria vários dias.

— Não podemos esperar — respondeu Manoel —, precisamos resolver isso ainda hoje!

— Se, ao contrário — continuou o piloto —, o corpo ficou preso na vegetação e nos juncos, embaixo da margem, antes de uma hora nós o teremos achado.

— Então, mãos à obra! — afirmou Benito.

Não havia outra maneira de trabalhar. As embarcações se aproximaram da margem, e os índios, munidos de longos croques, começaram a sondar todas as partes do rio, verticalmente àquela margem cujo platô servira de lugar para o combate.

Aliás, o local podia ser facilmente reconhecível. Um rastro de sangue manchava o talude na sua parte gredosa, que descia perpendicularmente até a superfície do rio. Ali, inúmeras gotículas espalhadas em cima do junco indicavam o lugar em que o cadáver havia desaparecido.

Uma ponta da margem, que se desenhava a uns cinquenta pés a jusante, mantinha a água imóvel, numa espécie de remanso, como uma grande bacia. Nenhuma corrente passava pela margem e, normalmente, o junco se mantinha numa rigidez absoluta.

Portanto, podia-se esperar que o corpo de Torres não houvesse sido arrastado para o meio da água. Aliás, se por acaso o leito do rio acusasse um declive suficiente, no máximo ele poderia ter descido a algumas toesas do talude, mas ali também não se sentia nem um fio de corrente.

As ubás e as pirogas, dividindo a tarefa, limitaram, então, o campo das

buscas ao perímetro extremo do remanso, e da circunferência até o centro, os longos croques da equipe não deixaram nenhum ponto inexplorado.

Porém, nenhuma das sondagens encontrou o corpo do aventureiro, nem na confusão dos juncos, nem no fundo do leito, cuja inclinação foi cuidadosamente esquadrinhada.

Duas horas depois do início do trabalho, tiveram de reconhecer que o corpo, tendo sem dúvida se chocado com o talude, devia ter caído obliquamente, e rolado para fora dos limites do remanso, onde a ação da corrente já se fazia sentir.

— Mas não é motivo para se desesperar — disse Manoel —, me nos ainda para desistir da busca!

— Será preciso — perguntou Benito — revistar o rio em toda a sua largura e em todo o seu comprimento?

— Em toda a sua largura, talvez — respondeu Araújo. — Em todo o seu comprimento, não!... Felizmente!

— E por quê? — perguntou Manoel.

— Porque o Amazonas, uma milha abaixo da confluência com o rio Negro, forma um cotovelo muito pronunciado, ao mesmo tempo em que o fundo do seu leito sobe bruscamente. Portanto, ali existe uma espécie de barragem natural, bem conhecida pelos marinheiros, com o nome de barragem de Frias, que Só os objetos que flutuam na superfície podem atravessar. Porém, se se tratam de objetos que a corrente leva um pouco mais no fundo, eles não conseguem ultrapassar o talude dessa depressão!

Essa era convenha, uma feliz circunstância, se Araújo não estivesse enganado. Contudo, em suma, era preciso acreditar nesse velho conhecedor do Amazonas. Havia trinta anos ele exercia a profissão de piloto e a passagem da barragem de Frias, onde a corrente se acentuava por causa do seu estreitamento, muitas vezes lhe causara problemas. A estreiteza do canal, a altura do fundo tornavam essa passagem muito difícil, e mais de uma jangada já passara por grandes dificuldades nesse lugar.

Portanto, Araújo tinha razão ao dizer que, se o corpo de Torres, pelo seu peso específico, ainda estivesse no fundo arenoso do leito, não poderia ser levado para além da barragem. É verdade que, mais tarde, quando, em consequência da expansão dos gases, ele subisse à superfície, ninguém duvidava que seguiria o fio da corrente e se perderia irremediavelmente a jusante, depois da passagem. Mas esse efeito puramente físico Só se produziria depois de alguns dias.

Não encontrariam um homem mais hábil e que conhecesse melhor essas paragens do que o piloto Araújo. Portanto, se ele afirmava que o corpo de Torres não podia ser arrastado para além do estreito canal, numa distância de uma milha ou duas, vasculhando toda essa porção do rio, necessariamente haveriam de encontrá-lo.

Além do mais, nenhuma ilha, nenhuma ilhota rasgava o curso do Amazonas nesse lugar. Consequentemente, quando as bases das duas margens do rio fossem examinadas até a barragem, seria no próprio leito, com quinhentos pés de largura, que se deveria proceder às mais minuciosas investigações.

E foi assim que trabalharam. Seguindo pela direita e pela esquerda do Amazonas, as embarcações acompanharam as duas margens. O junco e a vegetação foram vasculhados com golpes de croque. Nas menores saliências do rio, nas quais um corpo poderia ficar preso, nem um único ponto escapou à busca de Araújo e dos índios.

Porém, todo esse trabalho não produziu nenhum resultado e a metade do dia já havia transcorrido sem que o corpo desaparecido pudesse ser trazido à superfície do rio.

Uma hora de repouso foi concedida aos índios. Nesse meio-tempo eles comeram alguma coisa e, em seguida, voltaram ao trabalho.

Dessa vez, as quatro embarcações, dirigidas respectivamente pelo piloto, por Benito, por Frago e por Manoel, dividiram em quatro zonas o espaço compreendido entre a foz do rio Negro e a barragem de Frias. Iriam explorar o leito do rio. Acontece que em certos locais o uso dos croques não parecia suficiente para vasculhar o fundo. Por isso, uma espécie de draga, ou melhor, de rastelo, feito de pedra e de sucata dentro de uma grossa rede, foi instalado a bordo e, enquanto as embarcações eram empurradas perpendicularmente às margens, eram imergidos esses redenhos que deviam raspar o fundo do rio em todos os sentidos.

Nesse trabalho difícil foi que Benito e os companheiros se empenharam até o fim da tarde. As ubás e as pirogas, manobradas a remo, andaram pela superfície de todo esse trecho do rio terminado a jusante pela barragem de Frias.

Houve momentos de emoção nesse período de trabalho, quando os rastelos, presos a algum objeto no fundo, opunham resistência. Eles eram içados, mas em vez do corpo tão ansiosamente procurado, só traziam à tona algumas pedras grandes ou feixes de vegetação que arrancavam da camada de areia.

No entanto, ninguém pensava em abandonar a exploração começada. Todos esqueciam de si mesmos por essa obra de salvamento. Benito, Manoel e Araújo não precisavam incitar os índios, nem encorajá-los. Esses bravos homens sabiam que trabalhavam pela fazenda de Iquitos, para o homem que amavam, para o chefe dessa grande família, que compreendia em pé de igualdade patrões e empregados!

Sim! Se fosse preciso, sem pensar no cansaço, passariam a noite a sondar o fundo do rio. O valor de cada minuto perdido, todos eles sabiam muito bem.

Porém, um pouco antes de o sol desaparecer, achando inútil continuar a operação de busca na escuridão, Araújo deu o sinal para que as embarcações se reunissem, voltando para a confluência do rio Negro, a fim de voltar à jangada.

O trabalho, por mais minucioso e inteligentemente que tenha sido conduzido, não teve sucesso!

Manoel e Fragozo, ao voltar, não ousavam falar do fracasso diante de Benito. Temiam que o desânimo o levasse a cometer algum ato de desespero!

Mas nem a coragem, nem o sangue-frio haviam abandonado o rapaz. Ele estava decidido a ir até o fim nessa suprema luta para salvar a honra e a vida do pai, e foi ele quem interpelou os companheiros dizendo:

— Amanhã recomeçaremos em melhores condições, se for possível!

— Sim — disse Manoel —, tem razão Benito. Há mais trabalho a fazer! Não podemos ter a pretensão de haver explorado totalmente essa bacia, por baixo das ribanceiras e em toda a extensão do fundo!

— Não! Não podemos ter essa pretensão — afirmou Araújo — e mantenho o que disse. O corpo de Torres está lá, está lá porque não pode ter sido arrastado, porque não poderia passar pela barragem de Frias, porque são necessários vários dias para que suba à superfície e seja levado rio abaixo! Sim, ele está ali, e que nunca mais um garrafão de tafiá se aproxime dos meus lábios se eu não o encontrar!

Essa afirmação, na boca do piloto, tinha um grande valor, e era capaz de dar esperanças.

Entretanto, como não se contentava com palavras e preferia ver as coisas tais como elas eram, Benito achou que devia dizer: — Sim, Araújo, o corpo de Torres ainda está nessa bacia e nós o acharemos se...

— Se? — interrompeu o piloto.

— Se ele não se tornou uma presa para os jacarés!

Manoel e Fragozo aguardavam, não sem emoção, a resposta que Araújo daria.

O piloto ficou calado por alguns instantes. Percebia-se que queria refletir antes de responder.

— Senhor Benito — disse finalmente —, não tenho o hábito de falar irrefletidamente. Também tive o mesmo pensamento que o senhor, mas escute bem. Durante essas dez horas de busca que acabaram de passar, percebeu um único jacaré nas águas do rio?

— Nenhum — respondeu Fragozo.

— Se não os viu — continuou o piloto — é porque não existem por aqui, e se não estão aqui, é porque esses animais não têm nenhum interesse em se aventurar nas águas claras, quando, a um quarto de milha, estão as grandes extensões de águas escuras que eles preferem! Quando a jangada foi atacada por alguns desses animais, foi porque naquele lugar não havia nenhum afluente do Amazonas onde pudessem se refugiar. Aqui, é diferente. Vá ao rio Negro e lá encontrará vintenas de jacarés! Se o corpo de Torres houvesse caído nesse afluente, provavelmente não haveria nenhuma esperança de achá-lo! Mas foi no



Amazonas que ele se perdeu e o Amazonas vai devolvê-lo!

Aliviado, Benito pegou a mão do piloto, apertou-a e contentou-se em dizer:  
— Até amanhã, amigos!

Dez minutos depois, todos estavam a bordo da jangada.

Durante o dia, Yaquita havia passado algumas horas ao lado do marido. Antes de desembarcar, quando não viu o piloto, nem Manoel, nem Benito, nem as embarcações, compreendeu o tipo de busca que iam fazer. No entanto, não quis contar nada a Joam Dacosta, esperando que, no dia seguinte, pudesse revelar-lhe o êxito da investigação.

Porém, assim que Benito pôs os pés na jangada, percebeu que a busca havia fracassado.

Mesmo assim, dirigiu-se a ele.

— Nada? — indagou.

— Nada — respondeu Benito —, mas amanhã será o nosso dia!

Todos os membros da família se retiraram para o quarto e não se falou sobre o que havia ocorrido.

Manoel queria obrigar Benito a deitar, para que tivesse, ao menos, uma ou duas horas de descanso.

— De que adiantaria? — perguntou Benito. — Acha que eu conseguiria dormir?

No dia seguinte, 27 de agosto, antes do nascer do sol, Benito puxou Manoel de lado e disse:

A busca que fizemos ontem foi em vão. Se começarmos hoje nas mesmas condições, provavelmente não seremos mais felizes!

— Entretanto, é preciso recomeçar — afirmou Manoel.

— Sim — continuou Benito —, mas no caso de o corpo de Torres não ser encontrado, pode dizer-me qual o tempo necessário para que venha à tona?

— Se Torres houvesse caído vivo na água — respondeu Manoel — e não em consequência de uma morte violenta, seriam necessários de cinco a seis dias. Mas como Só desapareceu depois de haver sido mortalmente ferido, talvez dois ou três dias sejam suficientes para que reapareça.

A resposta de Manoel, que estava absolutamente certa, pede uma explicação.

Todo ser humano que cai na água pode flutuar, desde que possa ser estabelecido um equilíbrio entre a densidade do corpo e a da camada líquida. Estamos nos referindo, obviamente, a uma pessoa que não saiba nadar. Nessas condições, se ela se deixar afundar por inteiro, mantendo só a boca e o nariz fora da água, flutuará. Mas, em geral, não é isso o que ocorre. O primeiro movimento de um homem que está se afogando é procurar manter a maior parte do corpo fora da água; ele estica a cabeça e levanta os braços, e essas partes do corpo, não estando mais sustentadas pelo líquido, não perdem a quantidade de peso que perderiam se estivessem completamente submersas. Daí decorre um excesso de peso e, finalmente, uma imersão completa. Efetivamente, a água entra, pela boca, nos pulmões, e o arrasta para o fundo.

Ao contrário, se um homem que cai na água já está morto, as condições são diferentes e mais favoráveis para a flutuação, pois ele não é capaz de fazer os movimentos de que falamos acima e, se afundar, como o líquido não penetrou com tanta abundância nos pulmões, uma vez que não tentou respirar, reaparece na superfície mais rapidamente.

Portanto, Manoel tinha razão ao estabelecer uma diferença entre o caso de um homem ainda vivo e o caso de um homem já morto que cai na água. No primeiro caso, a volta à superfície é necessariamente mais demorada do que no segundo.

O reaparecimento de um corpo, depois de uma imersão mais ou menos prolongada, é determinado unicamente pelos gases que, gerados pela decomposição, levam à distensão dos tecidos celulares; o volume torna-se maior

sem que haja aumento de peso e, então, menos pesado do que água que ele desloca, o corpo volta a subir, adquirindo as condições requeridas para a flutuabilidade.

— Assim — continuou Manoel —, embora as circunstâncias sejam favoráveis, pois Torres já não estava vivo quando caiu no rio, a não ser que a decomposição seja modificada por condições que não podemos prever, ele não deve reaparecer antes de três dias!

— Nós não temos três dias! — disse Benito. — Não podemos esperar, você sabe! Portanto, temos de fazer novas buscas, mas de maneira diferente.

— O que pretende fazer? — perguntou Manoel.

— Mergulhar no fundo do rio — respondeu Benito. — Procurar com os meus olhos, buscar com as minhas mãos..

— Mergulhar cem vezes, mil vezes! — exclamou Manoel. — Que seja! Penso, como você, que hoje precisamos agir de um modo mais direto, e não cegamente, com dragas e croques, que Só trabalham tateando no escuro! Também acho que não podemos esperar três dias! Mas mergulhar, subir, voltar a descer, Só vai permitir curtos períodos de exploração. Não! É pouco, seria inútil, e correríamos o risco de fracassar uma segunda vez!

— Tem algum outro jeito para propor, Manoel? — indagou Benito, que devorava o amigo com o olhar.

— Ouça. Uma circunstância, por assim dizer providencial, pode nos ajudar.

— Fale, vamos! Fale!

— Ontem, quando atravessamos Manaus, notei que faziam um trabalho de restauração de um cais, na margem do rio Negro. Acontece que esses trabalhos submarinos eram feitos com um escafandro. Vamos pedir emprestado, alugar, comprar por qualquer preço esse equipamento e será possível recomençar a busca em condições mais favoráveis!

— Avise Araújo, Fragoso, nossos homens e vamos! — respondeu imediatamente Benito.

O piloto e o barbeiro foram postos a par das decisões tomadas, conforme o projeto de Manoel. Ficou combinado que os dois iriam com os índios e com as quatro embarcações para a bacia de Frias e lá ficariam aguardando os dois rapazes.

Manoel e Benito desembarcaram sem perda de tempo, e foram ao cais de Manaus. Eles ofereceram uma soma tão alta para o empreiteiro dos trabalhos do cais, que este se apressou a pôr o equipamento à sua disposição pelo dia inteiro.

— Querem um dos meus homens para ajudá-los? — perguntou.

— O seu contramestre e alguns colegas para operar a bomba de ar — respondeu Manoel.

— Mas quem usará o escafandro?

- Eu — respondeu Benito.  
— Benito, você? — exclamou Manoel.  
— É o que eu quero!  
Seria inútil insistir.

Uma hora depois, levando a bomba e todos os equipamentos necessários ao trabalho, a jangada se deslocou próximo à barragem, onde os aguardavam as embarcações.

Sabemos no que consiste o aparelho de escafandro, que permite descer debaixo d'água e ali ficar por algum tempo, sem que o funcionamento dos pulmões seja prejudicado. O mergulhador veste uma roupa impermeável de borracha, que no pé é terminada com uma sola de chumbo, para garantir uma posição vertical no meio líquido. Na gola da roupa, na altura do pescoço, há um colar de cobre, no qual é aparafusado um globo de metal, cuja parede anterior é feita de vidro. Nesse globo fica a cabeça do mergulhador, que pode movimentar-se à vontade. A esse globo são presos dois tubos: um deles é usado para a saída do ar expirado, impróprio para os pulmões; o outro fica em comunicação com uma bomba manobrada na jangada, que envia o ar renovado necessário à respiração. Quando o mergulhador trabalhar no mesmo lugar, a jangada permanece imóvel acima dele; quando o mergulhador precisa movimentar-se no fundo do leito, a jangada segue os seus movimentos, ou ele segue os da jangada, conforme o que é combinado entre ele e a equipe.

Esses escafandros, muito aperfeiçoados, oferecem menos perigo do que antigamente. O homem, mergulhado num meio líquido, se acostuma facilmente com o excesso de pressão que tem de suportar. Se, no caso, uma eventualidade desagradável se podia temer, era o encontro com algum jacaré nas profundezas do rio.

Porém, como havia observado Araújo, nenhum desses anfíbios havia sido visto na véspera e sabemos que eles preferiam as águas escuras dos afluentes do Amazonas. Aliás, em caso de um perigo qualquer, o mergulhador tem sempre à mão o cordão de uma sineta colocada na jangada e, ao menor tinido, é possível içá-lo rapidamente para a superfície.

Benito, sempre muito calmo, pois que, depois de tomar a resolução, ia pô-la em prática, vestiu o escafandro; a cabeça desapareceu na esfera metálica; ele pegou um chuço de ferro, próprio para esquadrihar a vegetação ou os detritos acumulados no leito do rio e, a um sinal seu, desceram-no para o fundo.

Os homens da jangada, habituados a esse trabalho, logo começaram a acionar a bomba de ar, enquanto quatro índios, sob as ordens de Araújo, começaram a empurrá-la lentamente, com os longos croques, na direção combinada.

As duas pirogas, conduzidas, uma por Frágoso, outra por Manoel e mais dois remadores, escoltavam a jangada e se mantinham prontas para, rapidamente,

navegar mais para frente ou mais para trás, se Benito, ao encontrar finalmente o corpo de Torres, o trouxesse para a superfície do Amazonas.

Benito submergiu, então, no extenso lençol d'água que ainda ocultava o cadáver do aventureiro. Ah! Se ele tivesse o poder de desviar, de evaporar, de esgotar as águas do grande rio, se pudesse secar a bacia de Frias, desde a barragem à jusante até a confluência com o rio Negro, sem dúvida o estojo escondido na roupa de Torres já estaria em suas mãos! A inocência de seu pai já teria sido reconhecida! Joam Dacosta estaria livre, teria recomeçado com a família a descida do rio, e quantas terríveis provações teriam sido evitadas!

Benito pisara no fundo do rio. As solas pesadas faziam estalar o cascalho do leito. Ele havia descido por volta de dez a quinze pés, verticalmente à margem, que era muito escarpada, no lugar exato em que Torres havia desaparecido.

Ali se amontoava uma rede inextricável de juncos, de junças e de plantas aquáticas e, certamente, na busca da véspera nenhum dos croques conseguira penetrar nesse entrelaçamento. Portanto, seria possível que o corpo, preso nesses arbustos submarinos, estivesse no mesmo ponto em que havia caído.

Nesse lugar, graças ao remanso produzido pelo alongamento de uma das pontas da margem, a corrente era absolutamente nula.

Portanto, Benito Só obedecia aos movimentos da jangada, que os croques dos índios deslocavam acima da sua cabeça.

A luz penetrava até o fundo das águas claras, nas quais um sol magnífico que brilhava num céu sem nuvens dardejava quase normalmente seus raios. Em condições habituais de visibilidade sob uma camada líquida, a profundidade de vinte pés é suficiente para que a visão fique extremamente limitada; mas, ali, a água parecia impregnada pelo fluido luminoso e Benito podia descer ainda mais, sem que a escuridão lhe ocultasse o fundo do rio.

O rapaz seguiu lentamente a margem escarpada. Seu bastão esquadrinhava a vegetação e os detritos acumulados na base.

"Bandos" de peixes, se assim podemos dizer, fugiam como bandos de pássaros de um espesso arbusto. Pareciam milhares de pedaços de um espelho quebrado que se agitavam na água. Ao mesmo tempo, algumas centenas de crustáceos corriam pela areia amarelada, semelhantes a grandes formigas expulsas do formigueiro.

No entanto, embora Benito não deixasse nenhum ponto do rio inexplorado, o objeto da sua busca ainda não havia aparecido. Ele notou, então, que o declive do leito era bem pronunciado e concluiu que o corpo de Torres poderia ter rolado para além do remanso, para o meio do rio. Se assim fosse, talvez ainda

estivesse lá, pois a corrente não podia atingi-lo numa profundidade já bem grande e que devia aumentar sensivelmente.

Benito resolveu que investigaria desse lado, assim que acabasse de sondar a confusa vegetação. Por isso, continuou a avançar nessa direção, seguido pela jangada durante um quarto de hora, conforme havia sido antecipadamente combinado.

Passado um quarto de hora, Benito ainda não encontrara nada. Ele sentiu necessidade de subir à superfície, para recuperar as condições fisiológicas e recobrar as forças. Em alguns lugares em que a profundidade do rio era mais acentuada ele precisara descer a mais ou menos trinta pés. Portanto, suportara uma pressão quase equivalente à de uma atmosfera — causa de cansaço físico e de perturbações mentais para quem não está acostumado a esse tipo de exercício.

Benito puxou, então, o cordão da sineta, e os homens da jangada começaram a içá-lo; mas eles o faziam bem devagar, levando um minuto para subir dois ou três pés, para que não se produzissem nos órgãos internos os funestos efeitos da descompressão.

Assim que o rapaz pôs os pés na jangada e a esfera metálica do escafandro foi retirada, ele respirou profundamente e sentou-se para descansar um pouco.

As pirogas se aproximaram imediatamente. Manoel, Fragoso e Araújo estavam ali, ao lado dele, aguardando que pudesse falar.

— E então? — perguntou Manoel.

— Nada, ainda! ... Nada!

— Não percebeu nenhum vestígio?

— Nenhum.

— Quer que eu faça as buscas agora?

— Não, Manoel — respondeu Benito. — Eu já comecei... Sei aonde quero ir... Deixe comigo!

Benito explicou, então, ao piloto que sua intenção era percorrer a parte inferior da margem até a barragem de Frias, onde a elevação do solo poderia prender o corpo de Torres, sobretudo se o corpo, suspenso numa altura intermediária, houvesse sofrido, por menos que fosse, a ação da corrente; mas, antes, queria afastar-se lateralmente à margem escarpada e explorar com cuidado essa espécie de depressão, formada pelo declive do leito, cujo fundo, evidentemente os croques não puderam alcançar.

Araújo aprovou o projeto e se dispôs a tomar as medidas adequadas.

Manoel achou que devia dar alguns conselhos a Benito.

— Já que você quer continuar a busca desse lado — ele disse — a jangada vai virar nessa direção, mas seja prudente, Benito. É mais fundo do que já foi até agora, talvez cinquenta ou sessenta pés e, nesse caso, você suportará uma pressão de duas atmosferas.

Então, aventure-se com extrema lentidão, ou a lucidez poderá abandoná-lo. Você não saberá onde está, nem o que foi fazer lá. Se sentir uma pressão na cabeça, como se ela estivesse num torno, se os ouvidos zumbirem continuamente, não hesite em dar o sinal e nós o traremos para a superfície. Depois você recomeçará se for preciso, no entanto, ao menos, estará mais acostumado a se movimentar nas camadas profundas do rio.

Benito prometeu a Manoel que levaria em conta suas recomendações, que ele compreendia serem importantes. Ficara, sobretudo, abalado com o fato de que a lucidez pudesse faltar-lhe no momento em que talvez fosse mais necessária.

Benito apertou a mão de Manoel; a esfera do escafandro foi novamente aparafusada no seu pescoço, em seguida a bomba recomeçou a funcionar, e o mergulhador logo desapareceu debaixo d'água.

A jangada afastou-se uns quarenta pés da margem esquerda; porém, à medida que avançava para o meio do rio, a corrente poderia levá-la mais rápido do que era preciso, por isso as ubás foram amarradas a ela e os remadores a seguraram contra a deriva, de modo a que se deslocasse com extrema lentidão.

Benito foi descido muito devagar e voltou a pisar em solo firme. Quando as pesadas solas alcançaram a areia do fundo, podia-se julgar, pelo comprimento da corda de sirgagem, que ele estava numa profundidade de sessenta e cinco a setenta pés.

Havia, portanto, um buraco considerável, bem abaixo do nível normal.

O meio líquido estava mais escuro, mas a limpidez dessas águas transparentes ainda deixava penetrar bastante luz para que Benito pudesse distinguir o suficiente os objetos esparsos no fundo do rio e caminhar com alguma segurança. Aliás, a areia, semeada de mica, parecia formar uma espécie de refletor, e seria possível contar os grãos que cintilavam como uma poeira luminosa.

Benito andava, olhava, sondava as menores cavidades com seu chuço. Ele continuava a afundar lentamente. A corda era arriada conforme a necessidade, e como os tubos usados para a aspiração e para a expiração do ar não haviam ficado esticados em excesso, as condições de funcionamento da bomba eram boas.

Então, Benito se afastou, de modo a atingir o meio do leito do Amazonas, onde estava a depressão mais profunda.

Às vezes, uma forte escuridão se adensava a sua volta e ele não conseguia ver mais nada, mesmo num raio muito restrito.

Tratava-se de um fenômeno puramente passageiro: ao se deslocar acima da sua cabeça, a jangada interceptava completamente os raios de sol e o dia virava noite. Porém, um minuto depois, a grande sombra se dissipava e o reflexo da areia voltava a se destacar.



Benito continuou descendo. Ele o sentia, sobretudo, pelo aumento da pressão que a massa líquida impunha ao seu corpo. A respiração já não era tão fácil, a retratibilidade dos seus órgãos não era feita como ele queria, com tanta facilidade quanto num meio atmosférico convenientemente equilibrado. Nessas condições, encontrava-se sob a ação de efeitos fisiológicos aos quais não estava acostumado. O zumbido nos ouvidos se acentuava; mas como seu pensamento ainda estava lúcido, como sentia que o raciocínio era perfeitamente nítido no cérebro — até um pouco além do natural —, não quis dar o sinal para o içamento e continuou a descer mais fundo.

Em certo momento, na penumbra em que estava, uma massa confusa atraiu sua atenção. Parecia a forma de um corpo preso num feixe de plantas aquáticas.

Uma viva emoção tomou conta dele. Benito avançou nessa direção. Com o bastão, mexeu na massa disforme.

Era o cadáver de um enorme jacaré, já reduzido a esqueleto, e que a corrente do rio Negro havia arrastado até o leito do Amazonas.

Benito recuou e, a despeito das asserções do piloto, achou que algum jacaré vivo bem que poderia se aventurar nas camadas profundas da bacia de Frias!...

Entretanto, repeliu essa ideia e continuou a andar, de modo a atingir o fundo da depressão.

Devia estar numa profundidade de noventa a cem pés e, conseqüentemente, submetido a uma pressão de três atmosferas.

Se, então, a cavidade se acentuasse ainda mais, ele seria obrigado a interromper a busca.

A experiência já demonstrou, efetivamente, que profundidades próximas a cento e vinte ou cento e trinta pés são o limite extremo, perigoso de ser ultrapassado numa excursão submarina: não só o organismo humano deixa de funcionar de maneira conveniente sob tais pressões, como os aparelhos não fornecem o ar respirável com a necessária regularidade.

Entretanto, Benito estava resolvido a continuar enquanto a força moral e a energia física não lhe faltassem. Por um inexplicável pressentimento, sentia-se atraído por esse abismo; achava que o corpo devia ter rolado até o fundo da cavidade, e que talvez, se estivesse carregado de objetos pesados, como um cinto com dinheiro, ouro ou armas, Torres pudesse se manter em grandes profundidades.

De repente, numa sombra da depressão, percebeu um cadáver! Sim! Um cadáver, ainda vestido, esticado como se fosse um homem adormecido, braços dobrados sob a cabeça.

Seria Torres? Na escuridão, bem opaca, tinha dificuldade para reconhecê-lo; mas era realmente um corpo humano que jazia ali, a menos de dez passos, absolutamente imóvel!

Subitamente, uma sacudidela, tão violenta quanto inesperada, fez vibrar todo o seu corpo! Uma espécie de chicote comprido o envolvia e, apesar da roupa grossa de escafandro, sentiu uma chicotada mais forte!

— Um gimnotídeo — disse a si mesmo.

Foi a única palavra que saiu dos seus lábios.

E, de fato, um "puraquê", nome que os brasileiros dão ao gimnotídeo ou cobra-elétrica, havia se jogado sobre ele.

Ninguém ignora o que são essas espécies de enguias de pele escura e pegajosa, que têm ao longo das costas e da cauda um dispositivo que, composto de lâminas unidas por pequenas lamelas verticais, é acionado por nervos de grande potência. Esse dispositivo, dotado de singulares propriedades elétricas, pode produzir choques terríveis. Alguns desses gimnotídeos têm apenas o tamanho de uma cobra, outros medem até três metros de comprimento; outros, ainda mais raros, ultrapassam de quatro a seis metros com uma largura de 20 a 25 centímetros.

Os gimnotídeos eram bem numerosos, tanto no Amazonas quanto nos seus afluentes, e uma dessas "bobinas" vivas, com uns três metros de comprimento, depois de se esticar como um arco, havia se jogado em cima do mergulhador.

Benito compreendeu o quanto devia recear o ataque desse temível animal. A roupa não era suficiente para protegê-lo. As descargas do gimnotídeo, a princípio mais fracas, se tornaram cada vez mais violentas e assim seria até o momento em que, esgotado pelo consumo do fluido, ele ficaria reduzido à impotência.

Não podendo resistir a esses choques, Benito ficou caído na areia. Os membros, aos poucos, ficavam paralisados devido às efluências elétricas do gimnotídeo, que se colava lentamente no seu corpo e o enlaçava com suas sinuosidades. Já não conseguia levantar os braços. O bastão caiu da sua mão e não teve forças para pegar o cordão da sineta e dar o aviso.

Benito sentiu-se perdido. Nem Manoel, nem seus companheiros podiam imaginar que horrível combate era travado embaixo deles, entre um temívelapuraquê e o infeliz mergulhador, que se debatia com dificuldade, sem poder defender-se.

E isso, bem no momento em que um corpo — o corpo de Torres, sem dúvida — acabava de ser descoberto!

Num supremo instinto de conservação, Benito quis gritar!...

Sua voz morria na caixa metálica que não deixava escapar nenhum som!

Nesse momento, oapuraquê redobrou os ataques; lançava descargas que faziam Benito estremecer na areia, como os pedaços de uma minhoca cortada, e seus músculos se retorciam sob a chicotada do animal.

Benito sentiu que a lucidez o abandonava completamente. A visão escurecia aos poucos, os membros endureciam!...

Porém, antes de perder a faculdade de ver e a faculdade de raciocinar, um fenômeno inesperado, inexplicável, estranho, ocorreu na sua frente.

Uma detonação surda se propagou pelo lençol líquido.

Parecia um trovão, cujo ribombar corria pelas camadas submarinas, agitadas pelas sacudidas do gimnotídeo. Benito se sentiu envolvido por uma espécie de estrondoso barulho, que ecoava até as profundezas do rio.

E, de repente, um grito supremo lhe escapou!... Uma assustadora visão espectral aparecia diante de seus olhos.

O corpo do afogado, até então estendido no fundo do rio, acabara de se levantar!... As ondulações da água mexiam seus braços, como se fossem agitados por uma vida estranha!...

Sobressaltos convulsivos tornavam o movimento do cadáver apavorante!

Era mesmo o cadáver de Torres! Um raio de sol havia penetrado pela massa líquida até o corpo e Benito reconheceu o rosto intumescido e esverdeado do miserável, morto por suas mãos, cujo último suspiro havia sido abafado pela água!

E, enquanto Benito não podia fazer um único movimento com os membros paralisados, enquanto os pesados sapatos o seguravam como se estivesse pregado no leito de areia, o cadáver se ergueu, mexeu a cabeça e o corpo de alto a baixo e, desprendendo-se do buraco no qual ficara preso na confusão de plantas aquáticas, subiu em linha reta, numa visão assustadora, até os altos lençóis de água do Amazonas!

O que havia ocorrido? Um fenômeno puramente físico, cuja explicação é a seguinte: a canhoneira do governo, Santa-Ana, que se dirigia a Manaus, subindo o curso do Amazonas, acabava de atravessar a passagem de Frias. Um pouco antes de chegar à desembocadura do rio Negro, ela havia içado suas cores e saudado com um tiro de canhão o pavilhão brasileiro. Com essa detonação, um efeito de vibração foi produzido na superfície da água que, se propagando até o fundo do rio, ergueu o corpo de Torres, já mais leve por um começo de decomposição, que facilitava a distensão do sistema celular. O corpo do afogado subiu naturalmente à superfície do Amazonas.

Esse fenômeno, bem conhecido, explicava o reaparecimento do cadáver, e, convenhamos, foi uma coincidência feliz a chegada do Santa-Ana ao cenário das buscas.

A um grito de Manoel, repetido pelos companheiros, uma das pirogas se dirigiu imediatamente para o corpo, enquanto o mergulhador era trazido de volta para a jangada.

Porém, foi indescritível a emoção de Manoel quando Benito, içado até a plataforma, foi deitado num estado de total inércia, sem que, nele, a vida se manifestasse por um único movimento aparente.

Seria um segundo cadáver que as águas do Amazonas devolviam?

A roupa de escafandro foi retirada do mergulhador o mais rapidamente possível.

Benito havia perdido completamente a consciência com as violentas descargas do gimnotídeo.

Manoel, desatinado, chamou-o, insuflando-lhe a própria respiração, tentando sentir os batimentos do coração.

— Ele bate! Ele bate! — gritou.

Sim! O coração de Benito ainda batia e, em alguns minutos, os cuidados de Manoel o trouxeram de volta à vida.

— O corpo! O corpo!

Essas foram as primeiras palavras, as únicas a saírem da boca de Benito.

— Está aqui! — respondeu Frágoso, mostrando a piroga que chegava perto da jangada com o cadáver de Torres.

— Mas você, Benito, o que aconteceu? — perguntou Manoel.

— Foi falta de ar?...

— Não! — disse Benito. — Um puraquê se jogou em cima de mim!... E esse barulho?... E essa detonação?

— Um tiro de canhão! — respondeu Manoel. — Foi um tiro de canhão que trouxe o cadáver para a superfície do rio!

Nesse momento, a piroga havia acabado de encostar na jangada. O corpo de Torres, recolhido pelos índios, estava no fundo da embarcação. O tempo que passara na água ainda não o havia desfigurado. Era fácil reconhecê-lo. Em relação a isso não havia nenhuma dúvida possível.

Fragoso, ajoelhado na piroga, já começara a rasgar as roupas do afogado, que eram transformadas em trapos.

Nesse momento, o braço direito de Torres, posto a descoberto, atraiu a atenção de Fragoso. Nesse braço, aparecia distintamente a cicatriz de uma antiga ferida, que devia ter sido feita por uma facada.

— Essa cicatriz! — exclamou Fragoso. — Mas... é isso mesmo! ... Agora eu me lembro...

— O quê? — perguntou Manoel.

— Uma briga!... Foi! Uma briga que testemunhei na província do Madeira... há três anos! Como pude esquecer?... Esse Torres pertencia, então, à milícia dos capitães-do-mato. Ah! Eu sabia que já o havia visto, esse miserável!

— Pouco importa, agora — disse Benito. — O estojo! O estojo! ... Ainda está com ele?

E Benito foi rasgar o que restava das roupas do cadáver para revistá-las...

Manoel impediu-o.

— Um instante, Benito — disse ele.

Em seguida, virando-se para os homens da jangada que não faziam parte dos empregados da família e cujo testemunho não poderia levantar suspeitas mais tarde, ele disse: — Prestem atenção, meus amigos, em tudo o que fazemos aqui, para que possam repetir diante dos magistrados como as coisas se passaram.

Os homens se aproximaram da piroga.

Fragoso desenrolou o cinto que apertava o corpo de Torres sob o poncho rasgado e, tateando o bolso da japona, exclamou: — O estojo!

Um grito de alegria escapou da boca de Benito. Ele foi pegar o estojo para abri-lo, para verificar o que continha...

— Não — disse mais uma vez Manoel, que não perdia o sangue-frio. — Não pode ficar nenhuma dúvida na mente dos magistrados! Convém que testemunhas não envolvidas possam afirmar que o estojo estava mesmo no corpo de Torres!

— Tem razão — afirmou Benito.

— Meu amigo — continuou Manoel dirigindo-se ao contramestre da jangada —, reviste o senhor mesmo o bolso da japona.

O contramestre obedeceu. Retirou um estojo de metal, cuja tampa estava hermeticamente aparafusada e que não parecia haver sofrido a ação da água.

— O papel... O papel ainda está dentro dele? — perguntou Benito, que não conseguia se conter.

— Cabe ao magistrado abrir o estojo — afirmou Manoel. — Cabe a ele verificar se há aí algum documento!

— Sim... Sim... Você continua com a razão, Manoel! — disse Benito. — Para Manaus, meus amigos, para Manaus!

Benito, Manoel, Fragoso e o contramestre, que segurava o estojo, embarcaram imediatamente numa das pirogas, e já começavam a se afastar, quando Fragoso disse: — E o corpo de Torres?

A piroga parou.

Na verdade, os índios já haviam jogado o cadáver do aventureiro de volta na água, e ele derivava na superfície do rio.

— Torres não passava de um miserável — disse Benito. — Se lealmente arrisquei minha vida contra a dele, Deus o matou pelas minhas mãos, mas seu corpo não deve ficar sem sepultura!

Foi dada uma ordem para que a segunda piroga fosse buscar o cadáver de Torres, e o transportasse para a margem onde seria enterrado.

Porém, naquele momento, um bando de aves de rapina, que planava acima do rio, precipitou-se sobre o corpo que boiava. Eram urubus, uma espécie de pequenos abutres, de pescoço pelado, longas patas, pretos como os corvos, e que são de uma voracidade sem igual. O corpo retalhado pelos bicos deixou escapar os gases que o inchavam; com o aumento da densidade, ele foi afundando lentamente e, pela última vez, o que restava de Torres desapareceu sob as águas do Amazonas.

Dez minutos depois, a piroga, rapidamente conduzida, chegava ao porto de Manaus. Benito e os companheiros desembarcaram e se lançaram pelas ruas da cidade.

Em poucos minutos chegaram à casa do juiz Jarriguez e pediram a um dos empregados que perguntasse ao juiz se poderia fazer o favor de recebê-los imediatamente.

O magistrado deu ordem para que fossem introduzidos no seu gabinete.

Então, Manoel narrou tudo o que havia ocorrido, desde o momento em que Torres fora mortalmente atingido por Benito, num encontro leal, até o momento em que o estojo havia sido encontrado no cadáver e que o contramestre o tirara do bolso da japona.

Embora esse relato corroborasse tudo o que lhe havia dito Joam Dacosta a respeito de Torres e da proposta que este lhe fizera, o juiz Jarriguez não pôde conter um sorriso de incredulidade.

— Eis o estojo, senhor — disse Manoel. — Nem por um minuto ele ficou em nossas mãos e o homem que o entrega é o mesmo que o encontrou no corpo de Torres!

O magistrado pegou o estojo, examinou-o com cuidado, virando-o e revirando-o como teria feito com um objeto precioso. Em seguida, agitou-o, e algumas moedas que estavam no interior produziram um som metálico.

Será que o estojo não continha o documento tão procurado, o papel escrito pelo verdadeiro autor do crime e que Torres quisera vender por um preço indigno a Joam Dacosta? Será que a prova material da inocência do condenado estava irremediavelmente perdida?

É fácil adivinhar a violenta emoção que havia tomado conta dos espectadores da cena. Benito mal conseguia proferir uma palavra, sentindo que o coração ia estourar.

— Abra, senhor, abra esse estojo! — ele exclamou com a voz entrecortada.

O juiz Jarriguez começou a desatarraxar a tampa; depois, quando a tampa foi retirada, virou o estojo, de onde saíram, rolando sobre a mesa, algumas moedas de ouro.

— Mas, e o papel? ... O papel?... — exclamou mais uma vez Benito, que se segurava na mesa para não cair.

O magistrado introduziu os dedos no estojo e dele retirou, não sem alguma dificuldade, um papel amarelado, dobrado cuidadosamente, e que a água parecia haver respeitado.

— O documento! É o documento! — exclamou Frágoso.

— É! É esse mesmo o papel que vi nas mãos de Torres!

O juiz Jarriguez desdobrou o papel, deu uma olhada, depois virou-o de maneira a poder olhar frente e verso, cobertos com uma letra grosseira.

— Um documento, de fato — ele disse. — Não há o que duvidar. É mesmo um documento!

— Sim — replicou Benito —, e esse documento, é o que atesta a inocência do meu pai!

— Não sei — retrucou o juiz Jarriguez —, e temo que seja difícil de saber!

— Por quê?... — exclamou Benito, que ficou pálido como um morto.

— Porque esse documento está escrito numa linguagem criptografada — respondeu o juiz Jarriguez —, e dessa linguagem...

— E então?

— Nós não temos a chave!

De fato, era uma circunstância muito séria, que nem Joam Dacosta, nem os seus familiares previam. Na verdade — aqueles que não se esqueceram da primeira cena dessa história sabem disso — o documento estava escrito numa forma indecifrável, tirada de um dos inúmeros sistemas usados na criptologia.

Mas qual?

Para descobri-lo, toda a engenhosidade de que pode dar provas um cérebro humano precisaria ser empregada.

Antes de se despedir de Benito e dos companheiros, o juiz Jarríquez mandou fazer uma cópia exata do documento, cujo original ele queria guardar, e entregou a cópia, devidamente cotejada com o original, aos dois rapazes, para que pudessem entregá-la ao prisioneiro.

Em seguida, marcado um encontro para o dia seguinte, eles se retiraram e, não querendo atrasar nem um minuto para ver Joam Dacosta, foram imediatamente à prisão.

Lá, numa rápida conversa que tiveram com o prisioneiro, contaram tudo o que havia ocorrido.

Joam Dacosta pegou o documento e examinou-o atentamente. Em seguida, sacudindo a cabeça, entregou-o de volta ao filho.

— Talvez — disse ele — nesse papel esteja a prova que eu nunca consegui! Mas se essa prova foge das minhas mãos, se toda a honestidade da minha vida passada não advoga a meu favor, não tenho mais nada a esperar da justiça dos homens e meu destino está nas mãos de Deus!

Todos sabiam muito bem! Se o documento permanecesse indecifrável, a situação do condenado seria das piores!

— Nós descobriremos, meu pai! — exclamou Benito. — Não há nenhum documento dessa espécie que resista a um exame!

Tenha confiança... Sim, confiança! O Céu, miraculosamente, por assim dizer, entregou-nos esse documento que nos absolve e, depois de guiar nossas mãos para encontrá-lo, não se recusará a guiar nossa mente para lê-lo!

Joam Dacosta apertou a mão de Benito e de Manoel; e os dois rapazes, muito emocionados, se retiraram para voltar diretamente para a jangada, onde Yaquita os aguardava.

Lá chegando, Yaquita foi imediatamente posta a par dos incidentes que haviam ocorrido desde a véspera, o reaparecimento do corpo de Torres, a descoberta do documento e a estranha forma na qual o verdadeiro culpado do atentado, companheiro do aventureiro, acreditara ter de escrevê-lo — sem



dúvida para que não o compromettesse, caso caísse em mãos estranhas.

Naturalmente, Lina também foi instruída sobre a inesperada complicação e sobre a descoberta que Fragoso havia feito, de que Torres era um ex-capitão-do-mato, pertencente à milícia que operava no entorno da foz do Madeira.

— Mas em que circunstâncias o senhor o encontrou? — perguntou a jovem mulata.

— Durante uma das minhas peregrinações pela província do Amazonas — respondeu Fragoso —, quando eu ia de povoado em povoado para exercer minha profissão.

— E a cicatriz?...

— Eis o que aconteceu: um dia, eu chegava à missão de Aranas, no momento em que Torres, que eu nunca vira, brigava com um dos seus companheiros, desse mundo vilão, e a dita briga terminou com uma facada, que atravessou o braço do capitão-do-mato. Acontece que, na falta de um médico, fui encarregado de fazer o curativo, e foi assim que o conheci.

— No fim das contas — replicou a jovem — de nada adianta saber quem foi Torres! Não foi ele o autor do crime e isso não vai fazer as coisas caminharem!

— Não, sem dúvida — respondeu Fragoso —, mas acabaremos lendo esse documento, diabos! E a inocência de Joam Dacosta eclodirá aos olhos de todos!

Era isso também o que esperavam Yaquita, Benito, Manoel e Minha. Então, os três, fechados na sala comum da casa, passaram longas horas tentando decifrar a biografia resumida.

— Se essa era a esperança deles — é importante insistir nesse ponto —, também era, no mínimo, a do juiz Jarriquez.

Depois de redigir o relatório que, em consequência do interrogatório, estabelecia a identidade de Joam Dacosta, o magistrado o despachara para a chancelaria e pensara que, no que lhe dizia respeito, o caso estava encerrado. Mas não seria assim.

Na verdade, há que se dizer, desde a descoberta do documento, o juiz Jarriquez havia sido transportado para a sua especialidade. O pesquisador de combinações numéricas, aquele que resolvia problemas recreativos, o decifrador de charadas, de rébus, de logógrafos e outros mais, estavam, evidentemente, no seu verdadeiro elemento.

Ora, ao pensar que talvez esse documento encerrasse a justificação de Joam Dacosta, ele sentiu despertar todos os seus instintos de analista! E eis que tinha diante de si um criptograma!

Por isso, só pensava em encontrar o sentido desse documento.

Quem o conhecia não tinha dúvidas de que ele trabalharia nisso, totalmente absorvido.

Depois da partida dos rapazes, o juiz Jarriquez instalou-se no seu gabinete. A porta, que ninguém podia atravessar, garantia algumas horas de perfeita solidão.

Os óculos estavam no nariz, a tabaqueira na mesa. Ele tomou uma posição confortável, a fim de desenvolver melhor as finezas e sagacidades do cérebro, pegou o documento e ficou absorvido numa meditação que logo deveria materializar-se sob a forma de monólogo. O digno magistrado era um desses homens bem francos, que pensam mais naturalmente em voz alta do que em voz baixa.

— Vamos proceder com método — disse a si mesmo. — Sem método, não há lógica. Sem lógica, não há possibilidade de sucesso.

Em seguida, pegando o documento, leu-o de ponta a ponta sem nada compreender.

O documento incluía uma centena de linhas, divididas em seis parágrafos.

— Hum! — fez o juiz Jarriguez, depois de refletir. — Querer entender cada parágrafo, um depois do outro, será perder inutilmente um tempo precioso. É preciso escolher uma única alínea, e escolher aquela que deve despertar maior interesse. Ora, qual delas tem essas condições, a não ser a última, em que deve estar necessariamente resumido o relato de todo o caso? Os nomes próprios podem me indicar o caminho, entre outros o de Joam Dacosta, e se ele está em alguma parte desse documento, não pode, evidentemente, faltar no último parágrafo.

O raciocínio do magistrado era lógico. Certamente tinha razão em querer, primeiro, usar todos os recursos da sua mente de criptólogo no último parágrafo.

Eis o parágrafo — porque é necessário pô-lo novamente diante do leitor, para mostrar como um analista usou suas faculdades para descobrir a verdade:

*Szgxedhhkxpdzqxqxeqvrxcgpgsvfubpepvjthhrcytdxvks-  
bxsgaytrpgcipvuygjtsovfxdqretneslqhppixkipqqnuhh-  
hynoxihftjvhhlfohmuqifpmoquurghpvpvizksuhivgntqer-  
gopdaqgchpvvydkskyxxcrfqyhetogiqcipdqrtzfvsygapp-  
mvgxbziohaofmrpfsfsgcfepmqkyuuefcterhluzslyrinbe-  
qvnohrvgvvhevunorspgaorqhtjbosuvjhd.*

Primeiramente, o juiz Jarriguez observou que as linhas do documento não eram divididas nem por palavras, nem por frases e que não havia pontuação. Essa circunstância só podia tornar a leitura bem mais difícil.

— Entretanto, vejamos — disse a si mesmo —, se algumas letras reunidas podem formar palavras... Entendo como palavras aquelas cujo número de consoantes em relação às vogais permite que sejam pronunciadas!... Para começar, vejo a palavra *luz*... Mais além a palavra *uno*... Nossa!... *vuyg*... Não seria uma cidade africana à beira do Tanganica? O que tem uma cidade a ver com tudo isso?... Mais além, a palavra *pi*. Será que é grego?

Depois, vem *pix*... *nur*... *nes*... *cip*... *sygap*... *evunor*... *zio*... E, também, no... *if*... Bom! Aí são duas palavras em inglês!... Depois, *nuh*... *oxi*... Ora! Mais a palavra *kyx*...depois, a palavra *eto*!...

O juiz Jarriquez deixou cair o documento e se pôs a refletir por alguns instantes.

— Todas as palavras que distingui nessa leitura, feita sumariamente, são estranhas! — disse a si mesmo. — Na verdade nada indica a proveniência delas! Algumas parecem grego, outras têm aspecto de holandesas, estas aqui, um jeito de inglês, aquelas lá não parecem nada — sem contar que há uma série de consoantes que escapam a qualquer pronúncia humana! Decididamente não será fácil estabelecer a chave desse criptograma!

Os dedos do magistrado começaram a batucar na mesa uma espécie de toque de alvorada, como se quisesse acordar suas faculdades adormecidas.

— Primeiro — disse —, vamos ver quantas letras há nesse parágrafo.

Ele contou, com o lápis na mão.

— Duzentas e setenta e seis! — disse. — Bom, agora preciso determinar em que proporção as diversas letras estão unidas, umas em relação às outras.

Essa conta foi um pouco mais difícil de fazer. O juiz Jarriquez havia pegado o documento; depois, com o lápis em mãos, anotou sucessivamente cada letra de acordo com a ordem alfabética. Um quarto de hora depois, havia obtido o seguinte quadro: — Ah! Ah! — fez o juiz Jarriquez. — Uma primeira observação me chama a atenção: é que neste parágrafo, todas as letras do alfabeto foram usadas! É bem estranho! Efetivamente, se pegarmos ao acaso, num livro, as linhas necessárias para conter duzentas e setenta e seis letras, é muito raro que todas as letras do alfabeto estejam aí presentes! Enfim, pode ser um simples efeito do acaso.

Em seguida, passando para outra ordem de ideia s: — A questão mais importante é ver se as vogais têm uma proporção normal em relação às consoantes.

O magistrado pegou o lápis, deduziu as vogais e obteve o seguinte cálculo:

a = vezes

e = 13

i = 10

o = 12

U = 10  
Total  
48 vogais

— Então — ele disse —, feita a subtração, há nesta alínea quarenta e oito vogais, contra duzentos e vinte e sete consoantes!

Bom, mas é a proporção normal, isto é, quase em torno de um quinto, como no alfabeto, em que contamos seis vogais em vinte e cinco letras. Então, é possível que esse documento tenha sido escrito na língua do nosso país, mas que o significado de cada letra tenha sido mudado. Ora, se ele foi modificado com regularidade, se um *b* é sempre representado por um *l*, por exemplo, um *o* por um *v*, um *g* por um *k*, um *u* por um *r* etc., quero perder meu lugar de juiz em Manaus se não conseguir ler este documento! E o que tenho a fazer a não ser proceder de acordo com o método desse grande gênio analítico chamado Edgar Poe?

O juiz Jarriquez fazia alusão ao conto do famoso romancista americano, que é uma obra-prima. Quem não leu o "Escaravelho de ouro"?

Nessa história, um criptograma, composto ao mesmo tempo por números, letras, sinais algébricos, asteriscos e ponto-e-vírgulas, é submetido a um verdadeiro método matemático e é decifrado em condições extraordinárias, que os admiradores dessa mente singular não podem ter esquecido.

É verdade que da leitura do documento americano só dependia a descoberta de um tesouro, enquanto no caso presente se tratava da vida e da honra de um homem! Havia, portanto, um interesse muito maior em adivinhar a cifra.

O magistrado, que havia lido e relido muitas vezes o "Escaravelho de ouro", conhecia bem o processo de análise minuciosamente empregado por Edgar Poe e resolveu usá-lo nessa ocasião. Ao usá-lo, ele estava certo, como havia dito, que se o valor ou o significado de cada letra fosse constante, conseguiria, num tempo mais ou menos longo, ler o documento relacionado a Joam Dacosta.

— O que fez Edgar Poe? — ele repetia para si mesmo. — Antes de tudo, começou procurando qual era o signo, aqui só há letras, digamos então, a letra que é reproduzida mais vezes no criptograma. Ora, eu vejo que é a letra *h*, pois ela é encontrada vinte e duas vezes. Só essa enorme proporção basta para dar a entender que a priori o *h* não significa *h*, e sim, ao contrário, o *h* deve representar a letra que encontramos mais frequentemente na nossa língua, pois é de se supor que o documento tenha sido escrito em português. Em inglês, em francês, seria *e*, sem dúvida; em italiano seria *i* ou *a*; em português é *a* ou *o*. Portanto, vamos admitir, salvo modificações posteriores, que o *h* signifique a ou *o*. Feito isso, o juiz Jarriquez procurou qual era a letra que, depois do *h*, figurava um maior número de vezes no documento. Então, ele foi levado a formar o

seguinte quadro:

$h = 22$  vezes

$p = 20$  "

$q = 18$  "

$Pg = 3$  "

$gc = 3$  "

— Então, a letra *a* é encontrada somente três vezes — exclamou o magistrado —, ela que devia ser encontrada mais constantemente! Ah! Isso prova largamente que o seu significado foi mudado! Agora, depois do *a* ou do *o*, quais são as letras que figuram mais frequentemente na nossa língua? Vamos procurar.

E o juiz Jarriguez, com uma sagacidade verdadeiramente notável, que mostrava ter ele uma mente observadora, lançou-se nessa nova pesquisa. Nisso, ele só fazia imitar o romancista americano que, por simples indução ou comparação, como grande analista que era, pôde reconstituir um alfabeto correspondente aos sinais do criptograma e, em seguida, conseguir ler correntemente o documento.

Assim fez o magistrado, e podemos afirmar que não se mostrou inferior ao ilustre mestre. De tanto "trabalhar" com logógrafos, palavras quadradas, palavras retangulares e outros enigmas, que repousam numa disposição arbitrária das letras, e de estar habituado, seja de cabeça, seja por escrito, a encontrar a solução, ele já era um perito em charadas.

Nessa ocasião, não teve dificuldade para estabelecer a ordem na qual as letras se reproduziam mais vezes, primeiro as vogais, depois as consoantes. Três horas depois de começado o trabalho, tinha debaixo dos olhos um alfabeto que, se o seu procedimento estivesse certo, deveria dar o verdadeiro significado das letras usadas no documento.

Só precisava aplicar sucessivamente as letras desse alfabeto às da carta.

Porém, antes de aplicá-las, o juiz Jarriguez ficou um pouco emocionado. Estava tomado por esse gozo intelectual — bem maior do que se pensa — do homem que, depois de várias horas de trabalho obstinado, verá aparecer o sentido tão impacientemente procurado de um logógrifo.

— Vamos tentar — ele disse. — Na verdade, ficaria muito surpreso se não conseguisse dominar a palavra-chave do enigma!

O juiz Jarriguez retirou os óculos, limpou as lentes, embaçadas pelo vapor dos olhos, e colocou-os de volta no nariz; depois, curvou-se novamente sobre a mesa.

Com o seu alfabeto especial numa mão e o documento na outra, começou a escrever, embaixo da primeira linha do parágrafo, as letras verdadeiras que,

segundo ele, deviam corresponder exatamente a cada letra criptografada.

Depois da primeira linha, ele fez o mesmo com a segunda, depois com a terceira, depois com a quarta e, assim, chegou ao fim da alínea.

Incrível! Ele nem mesmo quis ver, enquanto escrevia, se essa reunião de letras formava palavras compreensíveis. Não! Durante esse primeiro trabalho, sua mente se recusara a fazer qualquer verificação desse tipo. O que ele queria era dar a si mesmo o prazer de ler de uma só vez e de um só fôlego.

Ficou pronto:

— Vamos ler! — exclamou.

E leu.

— Que cacofonia, meu Deus! As linhas que havia formado com as letras do seu alfabeto não tinham mais sentido do que as do documento! Era uma outra série de letras, e só. Não formavam nenhuma palavra, não tinham nenhum valor! Em resumo, era igualmente hieroglífica!

— Com todos os diabos! — exclamou o juiz Jarriguez.

Eram sete horas da noite. O juiz Jarriguez, ainda absorvido nesse trabalho de quebra-cabeças — sem ter conseguido nenhum avanço — havia esquecido completamente da hora da refeição e da hora do repouso, quando bateram na porta do seu gabinete.

Já não era sem tempo. Uma hora a mais e toda a substância cerebral do exasperado magistrado certamente teria derretido com o intenso calor que se desprendia da sua cabeça!

À ordem para entrar, dada com uma voz impaciente, a porta se abriu e Manoel se apresentou.

O jovem médico havia deixado os amigos à bordo da jangada, às voltas com o indecifrável documento, e viera visitar o juiz Jarriguez. Queria saber se o juiz havia sido mais feliz na pesquisa.

Viera perguntar se, finalmente, havia descoberto o sistema no qual se baseava o criptograma.

O magistrado não ficou aborrecido ao ver Manoel chegar.

Estava naquele grau de superexcitação do cérebro que a solidão exaspera. Alguém com quem falar, era tudo de que precisava, sobretudo se o interlocutor se mostrasse tão desejoso quanto ele de descobrir o mistério. Manoel era, portanto, o seu homem.

— Senhor — disse Manoel ao entrar —, uma primeira pergunta. Teve mais sucesso do que nós?...

— Sente-se, primeiro! — exclamou o juiz Jarriguez, que se levantou e começou a percorrer o gabinete a passos largos. — Sente-se! Se ficássemos os dois de pé, o senhor andaria num sentido, eu no outro, e o gabinete seria muito pequeno para nós!

Manoel sentou-se e repetiu a pergunta.

— Não!... Não fui mais feliz! — respondeu o magistrado. — Não sei nada além sobre ele. Nada posso lhe dizer, a não ser que tenho uma certeza!

— Qual, senhor?

— Que o documento é baseado não em signos convencionais, mas no que chamamos de "cifra" em criptologia ou, melhor dizendo, num número!

— Bom, senhor — respondeu Manoel —, não se pode ler um documento desse tipo?

— Sim — disse o juiz Jarriguez —, sim, quando uma letra é invariavelmente representada pela mesma letra, quando um *a*, por exemplo, é

sempre um *p*, quando um *p* é sempre um *x*... Senão... não!

— E nesse documento?

— Nesse documento, o valor da letra muda de acordo com a cifra, tomada arbitrariamente, que o comanda! Assim, um *b*, que foi representado por um *k*, poderá ser mais tarde um *z*, mais tarde um *m*, ou um *n*, ou um *f*, ou outra letra completamente diferente!

— E nesse caso?

— Nesse caso, lamento dizer que o criptograma é absolutamente indecifrável!

— Indecifrável! — exclamou Manoel. — Não, senhor, acabaremos encontrando a chave desse documento do qual depende a vida de um homem!

Manoel levantou-se, tomado de uma agitação que não podia controlar. A resposta que acabara de receber era tão desesperadora que se recusava a aceitá-la como definitiva.

Entretanto, a um gesto do magistrado, ele voltou a sentar-se e perguntou com uma voz mais calma:

— Em primeiro lugar, senhor, o que o faz pensar que o código desse documento é uma cifra, ou, como o senhor mesmo disse, um número?

— Ouça, meu rapaz — respondeu o juiz Jarriguez —, e será obrigado a se render às evidências!

O magistrado pegou o documento e o pôs diante dos olhos de Manoel, ao lado do trabalho que havia feito.

— Eu comecei — ele disse — por tratar o documento como devia ser feito, ou seja, logicamente, não deixando nada ao acaso, o que quer dizer que, pela aplicação de um alfabeto baseado na proporcionalidade das letras mais usuais da nossa língua, procurei conseguir lê-lo de acordo com os preceitos do nosso imortal analista Edgar Poe!... Bom, o que o fez ter sucesso, fracassou comigo!...

— Fracassou! — exclamou Manoel.

— Sim, rapaz, e eu deveria ter percebido logo que o sucesso, tentado dessa maneira, não seria possível! Na verdade, uma outra pessoa mais treinada do que eu não se teria enganado!...

— Meu Deus! — disse Manoel. — Eu queria compreender e não posso...

— Pegue o documento — continuou o juiz Jarriguez —, só se preocupe em observar a disposição das letras, e releia-o por inteiro.

Manoel obedeceu.

— O senhor não vê nada estranho na união de certas letras? — perguntou o magistrado.

— Não vejo nada — respondeu Manoel, depois de percorrer com os olhos, pela centésima vez, as linhas do documento.

— Bom, limite-se a estudar o último parágrafo. Esse, o senhor compreende, deve ser o resumo de toda a carta. Não vê nada de anormal?



— Nada.

— No entanto, há um detalhe que prova da maneira mais absoluta que o documento é submetido à lei de um número.

— E qual é?... — perguntou Manoel.

— É, ou melhor, são dois *h* que vemos justapostos em três lugares diferentes!

O que o juiz dizia era verdade e era capaz de chamar a atenção. De um lado, a sétima e a oitava, a trigésima quinta e a trigésima sexta letras da alínea, do outro, a nonagésima sexta e a nonagésima sétima letras eram *h* colocados consecutivamente.

Essa era a particularidade que não havia chamado a atenção do magistrado logo de início.

— E o que isso prova?... — perguntou Manoel, sem adivinhar que dedução devia tirar dessa reunião.

— Isso prova simplesmente, rapaz, que o documento está baseado no código de um número! Isso demonstra a priori que cada letra é modificada em virtude do algarismo desse número e de acordo com o lugar que ocupa!

— E por quê?

— Porque em nenhuma linguagem há palavras que comportem a duplicidade da letra *h*.

Manoel percebeu o argumento, refletiu sobre ele e, em resumo, não achou nada para responder.

— E se eu houvesse observado isso antes — continuou o magistrado — teria poupado a mim mesmo bastante trabalho e um começo de enxaqueca que está pegando desde o sincipício até o occipício!

— Mas, afinal, senhor — perguntou Manoel, que sentia se esvaír a pouca esperança a que ainda tentava se prender —, o que entende por cifra?

— É melhor dizer um número!

— Um número, como queira.

— Eis um exemplo que o fará compreender melhor do que qualquer explicação! — O juiz Jarriquez sentou-se à mesa, pegou uma folha de papel, um lápis e disse: — Senhor Manoel, vamos escolher uma frase, ao acaso, a primeira que vier à cabeça, essa, por exemplo: — *Nosso juiz Jarriquez é dotado de uma mente engenhosa.*

— Vou escrever essa frase de modo a espaçar as letras e obter essa linha:

*Nossojuizjarriquezédotadodeumamenteengenhosa*

Feito isso, o magistrado — a quem, sem dúvida, essa frase parecia conter uma dessas proposições que não se pode contestar — olhou Manoel bem de frente, dizendo: — Suponhamos, agora, que eu pegue um número ao acaso, para

dar a essa sucessão natural de palavras uma forma criptográfica. Suponhamos também que esse número seja composto de três algarismos e que esses algarismos sejam 4, 2 e 3. Eu disponho o dito número 423 embaixo da linha acima, repetindo-o quantas vezes for necessário até chegar ao fim da frase, e de modo a que cada algarismo fique debaixo de cada letra. Eis o que resulta:

*Nossojuizjarriquezédotadodeumamenteengenhosa* 42 3423 423423423 423  
4234 234 234234 2342 342342

— Bom senhor Manoel, ao substituir cada letra pela letra que ela ocupa em ordem alfabética descendente segundo o valor do número, obtenho o seguinte:

*l* menos 4 igual a *p*

*o* - 2 = *g*

*j* - 3 = *v*

*u* - 4 = *z*

*g* - 2 = *i*

*e* - 3 = *h*

e assim por diante.

"Se, pelo valor dos algarismos que compõem o número em questão, eu chegar ao fim do alfabeto sem ter letras suficientes para deduzir, eu volto para o começo. É o que acontece com a última letra do meu sobrenome, o *z*, abaixo do qual foi colocado o algarismo 3. Ora, como depois do *z* o alfabeto não tem mais letras, eu recomenço a contar, retomando do *a*, e nesse caso: *z* menos 3 igual a *c*.

"Dito isso, quando levo até o fim o sistema criptográfico, comandado pelo número 423 — que foi escolhido arbitrariamente, não se esqueça! — a frase que o senhor viu é substituída por: rqvqx mzkc ncvkvtzgc i frycgs fh zod qgqyg hrihrjrc: "Ora, rapaz, examine bem essa frase, ela não tem exatamente o aspecto das frases do documento em questão? Bom, e o que resulta disso? É que se o significado da letra é dado pelo algarismo que o acaso colocou embaixo dela, a letra criptográfica que corresponde à verdadeira não pode ser sempre a mesma. Assim, nessa frase, o primeiro e está representado por um *g*, mas o segundo, por um *i*, o terceiro, por um *h*, o quarto, por um *g*; um *m* corresponde ao primeiro; e um *n*, ao segundo; quanto aos dois *r* do meu sobrenome, um deles é representado por um *u*, o segundo, por um *v*; a vogal da palavra que inicia a frase vira um *q*, e o primeiro o da palavra dotado passa a ser um *r*, sendo que o segundo é representado por um *s*. O senhor está vendo que se não conhecêssemos o número 423, nunca conseguiríamos ler essas linhas e que, como desconhecemos o número que serviu de código para o documento, ele continuará indecifrável!"

Ao ouvir o magistrado raciocinar com uma lógica tão rigorosa, inicialmente Manoel ficou abatido; mas erguendo a cabeça, disse: — Não, não senhor! Não vou perder a esperança de descobrir esse número!

— Talvez fosse possível — respondeu o juiz Jarriguez — se as linhas do documento fossem divididas em palavras!

— Por quê?

— Eis o meu raciocínio, rapaz. Podemos afirmar com toda a segurança, que o último parágrafo do documento deve resumir tudo o que foi escrito nos parágrafos anteriores. Portanto, tenho certeza de que o nome de Joam Dacosta está ali. Bom, se as linhas fossem divididas por palavras, fazendo uma tentativa em todas — eu digo as palavras compostas de sete letras como o sobrenome Dacosta — não seria impossível reconstituir o número que é a chave do documento.

— Queira explicar-me como proceder, senhor — pediu Manoel, que via talvez luzir uma última esperança.

— Nada mais simples — respondeu o juiz Jarriguez. — Vamos pegar, por exemplo, uma das palavras da frase que escrevi; meu nome, se quiser. Ele é representado no criptograma por essa estranha sucessão de letras: ncuvktzgc. Bom, se dispusermos essas letras numa coluna vertical, em seguida colocarmos em frente às letras do meu nome, e subirmos na ordem alfabética, terei a seguinte fórmula:

Entre n e j contamosletras.

c - a 2

u - r 3

v - r 4

k - i 2

t - q 3

z - u 4

g - e 2

c - z 3

— Ora, como é composta a coluna dos algarismos encontrados nessa simples operação? O senhor pode ver! Os algarismos 423423423 etc, ou seja, o número 423, várias vezes repetido.

— É! Isso mesmo! — respondeu Manoel.

— O senhor compreende então que, por esse método, subindo na ordem alfabética da falsa letra para a letra verdadeira, em vez de descer da verdadeira para a falsa, pude reconstituir facilmente o número e o número procurado é, de fato, 423, que foi escolhido como chave do meu criptograma!

— Bom, senhor! — exclamou Manoel —, se assim for, e se o nome Dacosta

estiver neste último parágrafo, ao pegar sucessivamente cada letra destas linhas, como a primeira das sete letras que compõem esse nome, poderemos chegar...

— Isso seria possível, de fato — respondeu o juiz Jarriguez, mas há uma condição!

— Qual?

— Que o primeiro algarismo do número caia exatamente na primeira letra da palavra Dacosta, e há de concordar comigo que não há a menor probabilidade!

— É verdade! — respondeu Manoel que, diante da improbabilidade, sentia a última chance escapar.

— Será preciso, portanto, basear-se apenas no acaso — continuou o juiz Jarriguez, sacudindo a cabeça —, e o acaso não deve intervir em pesquisas desse gênero!

— Mas, enfim — disse Manoel —, o acaso não poderia nos dar esse número?

— Esse número — exclamou o magistrado —, esse número! Mas de quantos algarismos ele é composto? De dois, de três, de quatro, de nove, de dez? Esse número é formado de algarismos diferentes ou de algarismos várias vezes repetidos? Sabe muito bem, rapaz, que com os dez algarismos, se usarmos todos, sem nenhuma repetição, podemos formar três milhões, duzentos e sessenta e oito mil e cem números diferentes, e que se vários algarismos fossem repetidos, esses milhões de combinações aumentariam ainda mais? E sabia que se usar apenas um minuto, dos quinhentos e vinte e cinco mil e seiscentos minutos que compõem o ano, para tentar cada um desses números, seriam necessários mais de seis anos, e que levaria mais de três séculos, se cada operação exigisse uma hora? Não! O senhor está querendo o impossível!

— O impossível, senhor — respondeu Manoel —, é que um justo seja condenado, é que Joam Dacosta perca a vida e a honra, quando o senhor tem nas mãos a prova material da inocência dele! Isso é que é impossível!

— Ah, meu rapaz! — exclamou o juiz Jarriguez —, quem lhe diz, no final das contas, que esse Torres não mentiu, que tinha realmente nas mãos um documento escrito pelo autor do crime, que esse papel é o documento, e que ele tem relação com Joam Dacosta?

— Quem me diz!... — repetiu Manoel.

E cobriu o rosto com as mãos.

Na verdade, nada provava com absoluta certeza que o documento tinha relação com o caso do arraial diamantinense. Nada dizia que tinha algum sentido, e que não havia sido criado pelo próprio Torres, bem mais capaz de querer vender um papel falso do que um verdadeiro!

— Pouco importa, senhor Manoel — voltou a falar o juiz Jarriguez,

levantando-se —, pouco importa! Qualquer que seja o caso ao qual este documento esteja relacionado, não vou desistir de descobrir a cifra! Afinal, isso equivale a um logogrifo ou a um rébus!

Depois dessas palavras, Manoel se levantou, saudou o magistrado e voltou para a jangada, mais desesperado na volta do que estava na ida.

Entretanto, uma reviravolta completa ocorreu na opinião pública a respeito do condenado Joam Dacosta. À fúria, sucedeu a comiseração. A população não ia mais à prisão de Manaus para dar gritos de morte contra o prisioneiro. Pelo contrário! Os mais implacáveis ao acusá-lo de ser o autor principal do crime de Tijuco agora proclamavam que não era o culpado e reclamavam a sua imediata libertação: assim caminham as multidões — de um exagero ao outro.

Essa reviravolta era compreensível.

Os acontecimentos dos dois últimos dias, o duelo entre Benito e Torres, a busca do cadáver que reapareceu em circunstâncias tão extraordinárias, a descoberta do documento, a "indecifrabildade", se assim podemos dizer, das linhas nele contidas, a certeza que se tinha, ou que se queria ter, de que a carta encerrava a prova material da não-culpabilidade de Joam Dacosta, uma vez que vinha do verdadeiro culpado, tudo isso havia contribuído para operar a mudança na opinião pública. O que se desejava, o que se pedia impacientemente quarenta e oito horas antes, agora se receava: a chegada das instruções que seriam expedidas do Rio de Janeiro.

No entanto, elas não tardariam.

Na verdade, Joam Dacosta havia sido preso no dia 24 de agosto e interrogado no dia seguinte. O relatório do juiz fora expedido no dia 26. Estávamos no dia 28. Em três ou quatro dias, no máximo, o ministro tomaria uma decisão em relação ao condenado, e era mais do que certo que "a justiça seguiria o seu curso"!

É! Todos tinham certeza de que assim seria! E, no entanto, que a prova da inocência de Joam Dacosta estivesse nesse documento, ninguém duvidava, nem a sua família, nem toda a volúvel população de Manaus, que seguia com paixão as fases desse caso dramático.

Porém, de fora, aos olhos de observadores desinteressados ou indiferentes que não estivessem sob a pressão dos acontecimentos, que valor poderia ter esse documento, e como afirmar que se referia ao atentado do arraial diamantinense? Que ele existia, era incontestável. Fora encontrado no cadáver de Torres.

Nada mais certo. Podia-se até garantir, ao compará-lo com a carta de Torres que denunciava Joam Dacosta, que o documento não havia sido escrito pelo aventureiro. No entanto, como dissera o juiz Jarriguez, por que esse miserável não poderia tê-lo mandado fazer objetivando uma chantagem? E podia ser isso mesmo, ainda mais porque Torres só pretendia entregá-lo após o

casamento com a filha de Joam Dacosta, isto é, quando não fosse mais possível voltar atrás depois de o fato consumado.

Todas essas teses podiam ser sustentadas de ambas as partes, e compreendemos por que esse caso devia despertar as maiores paixões. De qualquer forma, certamente, a situação de Joam Dacosta era das mais arriscadas. Enquanto o documento não fosse decifrado era como se não existisse, e se o seu segredo criptográfico não fosse miraculosamente descoberto ou revelado antes de três dias, antes de três dias o castigo supremo atingiria irremediavelmente o condenado de Tijuco.

Bem, esse milagre, um homem pretendia realizar! Esse homem era o juiz Jarriquez, e agora ele trabalhava mais no interesse de Joam Dacosta do que pela satisfação de seus talentos analíticos. Sim! Uma reviravolta ocorreria na sua cabeça. Esse homem que abandonara voluntariamente seu retiro em Iquitos, que viera, com o risco da própria vida, pedir a reabilitação à justiça brasileira, era um enigma que valia por muitos outros! Por isso, o magistrado não deixaria de lado o documento enquanto não descobrisse a cifra. E ele se empenhava! Não comia e não dormia mais. Passava todo o tempo combinando números, tentando forjar uma chave para abrir essa fechadura!

No fim do primeiro dia, essa ideia já virará uma obsessão na mente do juiz Jarriquez. Uma fúria, mal contida, fervia nele, permanentemente. Os empregados, pretos ou brancos, não ousavam lhe falar. Felizmente, era solteiro, senão uma senhora Jarriquez passaria algumas horas desagradáveis. Nunca um problema deixara esse homem original tão apaixonado, e estava decidido a continuar procurando a solução, enquanto sua cabeça não explodisse como uma caldeira quente demais por causa da tensão dos vapores.

Agora, o digno magistrado estava totalmente convencido de que a chave do documento era um número, composto de dois ou mais algarismos, mas que todas as deduções pareciam ineficazes para descobrir esse número. No entanto, foi isso que fez o juiz Jarriquez com verdadeiro furor, e foi nesse trabalho sobre-humano que, durante o dia 28 de agosto inteiro, ele aplicou toda a sua capacidade.

Procurar esse número ao acaso era, ele havia dito, querer perder-se em milhões de combinações que absorveriam mais do que toda uma vida de um calculador de primeira ordem. Porém, se absolutamente não se podia contar com o acaso, seria possível usar o raciocínio? Não, sem dúvida, e foi a "raciocinar até a irracionalidade" que o juiz Jarriquez se entregou inteiramente, depois de buscar, em vão, o descanso em algumas horas de sono.

Se alguém conseguisse chegar até ele naquele momento, após enfrentar as defesas formais que deviam proteger sua solidão, tê-lo-ia encontrado, como na véspera, no gabinete de trabalho, diante da mesa, os olhos no documento com seus milhares de letras embaralhadas que pareciam esvoaçar em torno da sua

cabeça.

— Ah! — exclamou. — Por que esse miserável que o escreveu, quem quer que seja, não separou as palavras deste parágrafo? Poderia... tentaria... Mas não! E no entanto, se este documento trata realmente do caso de assassinato e de roubo, não é possível que certas palavras não estejam aqui, palavras como arraial diamantes, Tijuco, Dacosta e outras, que eu saiba! E se eu as dispusesse diante de suas equivalentes criptológicas, poderia reconstituir o número! Mas nada! Nem uma única separação! Uma palavra, apenas uma!... Uma palavra de duzentas e setenta e seis letras!... Ah! Que seja duzentas e setenta e seis vezes maldito o patife que desgraçadamente complicou este sistema! Só por isso, merecia a força duzentas e setenta e seis vezes!

Um soco violento, dado no documento, acentuou esse desejo pouco caridoso.

— Mas, enfim — continuou o magistrado —, se não posso procurar uma dessas palavras em todo o corpo do documento, será que não poderia, ao menos, tentar descobri-la no começo ou no fim de cada parágrafo? Talvez haja uma possibilidade que não deve ser desprezada.

E deixando-se levar por essa dedução, o juiz Jarriquez tentou ver sucessivamente se as letras que começavam ou terminavam as diversas alíneas do documento poderiam corresponder às que formavam a palavra mais importante, aquela que, necessariamente, deveria estar em algum lugar — a palavra Dacosta.

Em vão.

Efetivamente, para falar Só do último parágrafo e das sete letras que o começavam, a fórmula foi a seguinte: S = D

z = a

g = c

x = o

e = s

d = t

h = a

Ora, desde a primeira letra, o juiz Jarriquez foi interrompido nos seus cálculos, pois a distância entre s e d na ordem alfabética era não de um algarismo, mas dois, ou seja, quinze, e, nesse tipo de criptograma, uma letra evidentemente Só pode ser modificada por um algarismo.

A mesma coisa ocorreu com as sete últimas letras do parágrafo osuvjhd, cuja série começava por o, que de forma alguma podia representar o d de Dacosta, pois eram separados por onze letras.

Portanto, esse nome não estava ali.

A mesma observação foi feita para as palavras arraial e Tijuco, que foram sucessivamente testadas e cuja formação também não correspondia à série das



letras criptográficas.

Depois desse trabalho, com a cabeça cansada, o juiz Jarriguez se levantou, percorreu o gabinete a passos largos, tomou ar na janela, soltou uma espécie de rugido, cujo ruído provocou uma revoada de colibris que chilreavam nas folhagens de uma mimosa, e voltou ao documento.

Tornou a pegá-lo, virou-o e revirou-o.

— Patife! Tratante! — resmungou o juiz Jarriguez. — Ele vai acabar me deixando louco! Mas, alto lá! Calma! Não vamos perder o controle! Este não é o momento!

Em seguida, depois de refrescar a cabeça com uma ablução de água fria, disse:

— Vamos tentar outra coisa e, já que não consegui deduzir o número da disposição destas malditas letras, vejamos que número o autor deste documento pode haver escolhido, admitindo que ele seja, também, o autor do crime de Tijuco!

Era outro método de dedução ao qual o magistrado ia entregar-se, e talvez tivesse razão, porque esse método não deixava de ter uma certa lógica.

— Primeiro — disse ele —, vamos tentar o milhar! Por que esse malfeitor não escolheria o milhar do ano em que Joam Dacosta nasceu, esse inocente que deixava ser condenado no seu lugar — nem que fosse para não esquecer um número tão importante para ele? Ora, Joam Dacosta nasceu em 1804. Vejamos o que acontece se pegarmos 1804 como número criptológico!

E o juiz Jarriguez, escrevendo as primeiras letras do parágrafo, pondo em cima o número 1804, que ele repetiu três vezes, obteve essa nova fórmula:

1804 1804 1804

szgx edhh xcpd

Em seguida, subindo na ordem alfabética tanto quanto comportava o valor do algarismo, obteve a série seguinte: Rqqs d.hd jop.

O que não significava nada! E ainda lhe faltavam duas letras que precisara substituir por um ponto, porque os algarismos oito e quatro, que comandavam as duas letras d, não tinham letras correspondentes ao subir na série alfabética.

— Ainda não é este! — exclamou o juiz Jarriguez. — Vamos tentar um outro número!

E ele se perguntou se, em vez desse milhar, o autor do documento não teria escolhido o milhar do ano no qual o crime fora cometido. Ora, havia sido em 1826. Portanto, procedendo como fizera acima, ele obteve a fórmula:

1826 1826 1826

szgx edhh xcpd

O que deu:

rqqq d.fb jon.

Uma mesma série sem significado, que não apresentava nenhum sentido,

várias letras faltando, como na fórmula precedente e por razões semelhantes.

— Maldito número! — exclamou o magistrado. — Também preciso desistir deste. Vamos a outro! Esse patife teria escolhido o número de contos de réis que representava o produto do roubo?

— Ora, o valor dos diamantes roubados havia sido estimado em oitocentos e trinta e quatro contos. A fórmula foi estabelecida:

834 834 834 834

szg xed hkh xpd

O que deu um resultado tão pouco satisfatório quanto os outros:

kvc ob..eg om.

— Ao diabo o documento e quem o imaginou! — exclamou o juiz Jarriguez jogando o papel, que voou até o outro lado do gabinete. — Até um santo perderia a paciência e seria amaldiçoado!

Porém, passado o momento de raiva, o magistrado, que não queria passar vergonha, voltou a pegar o documento. O que fizera com as primeiras letras dos diversos parágrafos, voltou a fazer com as últimas — inutilmente. Em seguida, tudo o que lhe fornecia a imaginação superexcitada, ele tentava. Sucessivamente foram tentados os números que representavam a idade de Joam Dacosta, que o autor do crime devia conhecer bem, a data da prisão, a data da condenação pronunciada pelo tribunal de Vila Rica, a data fixada para a execução *etc.* etc, até mesmo o número de vítimas do atentado de Tijuco!

Nada! Ainda nada!

O juiz Jarriguez estava num estado de exasperação tal, que se podia realmente temer pelo equilíbrio das suas faculdades mentais. Ele se agitava, se debatia, lutava como se enfrentasse um adversário no corpo-a-corpo! Depois, disse de repente: — Ao acaso, e que Deus me ajude, já que a lógica é ineficaz!

Ele pegou o cordão de uma campainha pendurado ao lado da sua mesa de trabalho. A campainha ressoou violentamente, e o magistrado foi até a porta e abriu-a: — Bobo! — ele gritou.

Alguns minutos se passaram.

Bobo, um negro alforriado que era o empregado preferido do juiz Jarriguez, não aparecia. Era evidente que Bobo não ousava entrar no gabinete do patrão.

Novo toque da campainha! Novo chamado a Bobo que, no próprio interesse, achava melhor se fazer de surdo num momento como esse!

Finalmente, no terceiro toque, a campainha desmontou e o cordão se rompeu. Dessa vez, Bobo apareceu.

— O que deseja de mim, meu patrão? — perguntou Bobo, se mantendo prudentemente no limiar da porta.

— Entre, sem dizer uma única palavra! — respondeu o magistrado, cujo olhar inflamado fez o negro tremer.

Bobo avançou.

— Bobo — disse o juiz Jarriguez —, preste bastante atenção no pedido que vou fazer e responda imediatamente, sem demorar para pensar, senão eu..

Bobo, embaraçado, com os olhos fixos, a boca aberta, juntou os pés na posição de soldado sem armas e esperou.

— Você entendeu? — perguntou o patrão.

— Entendi.

— Atenção! Diga, sem pensar, o primeiro número que lhe vier à cabeça!

— Setenta e seis mil, duzentos e vinte e três — respondeu Bobo, de uma só vez.

Sem dúvida, Bobo havia pensado que agradaria o patrão, respondendo com um número bem alto.

O juiz Jarriguez correu até a sua mesa e, com o lápis na mão, montara a fórmula com o número indicado por Bobo — que era apenas um intérprete do acaso, nessas circunstâncias.

Podemos compreender que seria totalmente impossível que o número setenta e seis mil, duzentos e vinte e três fosse exatamente aquele que servia de chave para o documento.

O único resultado que conseguiu foi levar aos lábios do juiz Jarriguez uma blasfêmia tão forte que Bobo se apressou a escapular o mais rápido possível.

---

Entretanto, o magistrado não era o único a se consumir em esforços estéreis. Benito, Manoel e Minha se haviam reunido num trabalho comum para tentar arrancar do documento o segredo do qual dependia a vida e a honra do seu pai. Do seu lado, Fragoso, ajudado por Lina, não quisera ficar para trás; mas com toda a engenhosidade não tiveram sucesso e o número ainda não havia sido descoberto.

— Encontre, vamos, Fragoso! — repetia sem parar a jovem mulata. — Encontre!

— Eu vou encontrar! — respondia Fragoso.

Mas não encontrava!

No entanto, é preciso dizer que Fragoso pensara em executar um projeto do qual não queria falar nem mesmo com Lina, projeto esse que passara pela sua cabeça também obcecada: ir em busca da milícia à qual pertencera o ex-capitão-do-mato e descobrir quem poderia ter sido o autor do documento cifrado, que havia confessado ser o culpado do atentado de Tijuco. Ora, a parte do Amazonas na qual atuava essa milícia, o lugar onde Fragoso a encontrara alguns anos antes, a circunscrição a que ela pertencia, não ficava muito longe de Manaus. Bastava descer o rio umas cinquenta milhas, em direção à foz do Madeira, afluente da margem direita, e lá, sem dúvida, encontraria os chefes dos "capitães-do-mato", que tivera Torres entre seus companheiros. Em dois dias, três dias no máximo, Fragoso poderia encontrar os ex-colegas do aventureiro.

— Sim, sem dúvida eu posso fazer isso — repetia a si mesmo —, mas e depois? Qual será o resultado do meu procedimento, admitindo que tenha sucesso? Quando tivermos certeza de que um dos companheiros de Torres morreu recentemente, isso provará que ele é o autor do crime? Isso pode demonstrar que entregou a Torres um documento no qual confessava o crime e inocentava Joam Dacosta? Isso daria, finalmente, a chave do documento? Não! Só dois homens conheciam a cifra! O culpado é Torres! E ambos os homens estão mortos!

Assim raciocinava Fragoso. Era evidente que sua atitude não levaria a nada. Mas, no entanto, esse pensamento era mais forte do que ele. Uma força irresistível incitava-o a partir, embora nem mesmo estivesse seguro de encontrar a milícia do Madeira! Na verdade, ela podia estar a serviço em alguma outra parte da província e, então, para encontrá-la, Fragoso precisaria de mais tempo do que poderia dispor! E para quê? Qual resultado conseguiria?

A verdade é que, no dia seguinte, 29 de agosto, antes do alvorecer, sem prevenir ninguém, Fragoso saiu furtivamente da jangada, foi a Manaus e embarcou numa das muitas igariteias que desciam diariamente o Amazonas.

Quando não foi visto a bordo, quando não apareceu durante o dia inteiro, todos ficaram surpresos. Ninguém, nem mesmo a jovem mulata, podia explicar a ausência do empregado tão dedicado numa circunstância tão séria!

Alguns chegaram até a se perguntar, não sem alguma razão, se o pobre rapaz, desesperado por haver contribuído pessoalmente para levar Torres para a jangada quando o encontrou na fronteira, não haveria cometido algum ato extremo!

Contudo, se Fragoso podia recriminar a si mesmo, o que dizer de Benito? Uma primeira vez, em Iquitos, ele havia convidado Torres para visitar a fazenda. Uma segunda vez, em Tabatinga, o havia levado a bordo da jangada como passageiro. Uma terceira vez, ao provocá-lo e matá-lo, destruíra a única testemunha cujo depoimento poderia ser usado a favor do condenado!

E agora Benito se acusava de tudo, da prisão do pai, das terríveis eventualidades que viriam como consequência!

Efetivamente, se Torres ainda estivesse vivo, Benito não podia pensar que, de um modo ou de outro, por comiseração ou por interesse, o aventureiro acabaria entregando o documento? Por causa de dinheiro, Torres, que nada poderia comprometer, não se teria decidido a falar? A prova tão procurada não teria sido posta diante dos olhos dos magistrados? Sim! Sem dúvida!... E o único homem que poderia dar esse testemunho havia sido morto pelas mãos de Benito!

Eis o que o infeliz rapaz repetia para a mãe, para Manoel, para si mesmo! Essas eram as cruéis responsabilidades cujo ônus a própria consciência lhe impunha!

Contudo, ao lado do marido, perto de quem ela passava as horas que lhe haviam sido permitidas, e do filho, presa de um desespero que causava tremores por ser fundamentado, a corajosa Yaquita não perdia a coragem.

Nela podia ser encontrada a corajosa filha de Magalhães, a digna companheira do fazendeiro de Iquitos.

Aliás, a atitude de Joam Dacosta era um apoio para a mulher nessa provação. Esse homem bom, um puritano rígido, um austero trabalhador, que toda a vida havia lutado, ainda não mostrara nenhum momento de fraqueza.

O golpe mais terrível que o atingira, sem abatê-lo, fora a morte do juiz Ribeiro, na mente de quem a sua inocência não deixava margem a dúvidas. Não havia sido com a ajuda do ex-defensor que tivera a esperança de lutar pela reabilitação? Em todo esse caso, ele encarava a intervenção de Torres como secundária. E, além do mais, não sabia da existência do documento quando se decidira a deixar Iquitos para se entregar à justiça do seu país. A única bagagem

que trazia eram provas morais. Uma prova material inopinadamente introduzida durante o caso, antes ou depois da sua prisão, certamente não era para ser desprezada; mas se, como consequência de circunstâncias lamentáveis, essa prova desaparecera, sua situação continuava a ser a mesma de quando havia atravessado a fronteira do Brasil, a de um homem que dissera: "Eis o meu passado, eis o meu presente, eis toda a minha vida honesta de trabalho e de devotamento que lhes entrego! Vocês fizeram um primeiro julgamento ínquo! Depois de vinte e três anos de exílio, venho entregar-me! Eis-me aqui! Julguem-me!".

A morte de Torres, a impossibilidade de ler o documento encontrado com ele, não haviam produzido em Joam Garral uma impressão tão forte quanto nos filhos, nos amigos e nos empregados, em todos aqueles que se interessavam por ele.

— Tenho fé na minha inocência — repetia para Yaquita —, como tenho fé em Deus! Se achar que a minha vida ainda é útil para a minha família e que é necessário um milagre para salvá-la, ele o fará, senão, morrerei! Só ele será meu juiz!

Entretanto, a emoção aumentava na cidade de Manaus com o passar do tempo. O caso era comentado com uma exaltação sem igual. No meio desse arrebatamento da opinião pública, que tudo o que é misterioso provoca, o documento era o único assunto das conversas. Ninguém, no fim desse quarto dia, duvidava que nele estivesse a justificação do condenado.

Aliás, é preciso dizer que todos procuraram decifrar o incompreensível conteúdo. O Diário d'o Grand Pará o reproduzira em fac-símile. Exemplos com a cópia do manuscrito haviam sido enviados em grande número, por insistência de Manoel, que não queria desprezar nada que pudesse trazer a compreensão desse mistério, até mesmo o acaso, esse "nome de guerra que, alguém havia dito, algumas vezes a Providência assume.

Além disso, uma recompensa que atingia o montante de cem contos havia sido prometida a quem descobrisse a cifra, procurada em vão, que permitisse ler o documento. Essa quantia era uma fortuna. Por isso, pessoas de todas as classes esqueciam-se de beber, de comer e de dormir, empenhados no ininteligível criptograma.

Até aquele momento, no entanto, tudo havia sido inútil, e é provável que o mais engenhoso dos analistas do mundo também perdesse suas horas de sono em vão.

O público havia sido avisado que todas as soluções deveriam ser enviadas sem demora ao juiz Jarriguez, em sua casa na rua Deus Filho; mas, no dia 29 de agosto, à noite, nada havia chegado e nada deveria chegar, sem dúvida!

Na verdade, de todos aqueles que se entregavam ao estudo desse quebra-cabeça, o juiz Jarriguez era um dos que mais lamentava. Como consequência de

uma natural associação de ideias, ele também partilhava da opinião de que o documento estava relacionado com o caso de Tijuco, que havia sido escrito pelo próprio culpado e que inocentava Joam Dacosta. Por isso, estava determinado a encontrar a chave. Não era mais só a arte pela arte que o guiava, era o sentimento de justiça, de piedade para com um homem atingido por uma injusta condenação. Se for verdade que se gasta uma certa quantidade de fósforo orgânico no trabalho do cérebro humano, não saberíamos dizer quantas miligramas o magistrado havia gasto para aquecer as redes do seu "sensorium" e, no fim das contas, não encontrar nada, nada!

Entretanto, o juiz Jarriguez não pensava em abandonar o trabalho. Embora só contasse com o acaso, precisava, queria que esse acaso viesse ajudá-lo! Tentava provocá-lo por todos os meios possíveis e impossíveis! Produzira-se nele um frenesi, uma raiva, e o que é pior, uma raiva impotente!

A quantidade de números diferentes que havia tentado na última parte do dia — números sempre escolhidos arbitrariamente — não se poderia imaginar! Ah! Se tivesse tempo, não hesitaria em se lançar aos milhões de combinações que os dez signos da numeração podiam formar! Teria consagrado toda a sua vida, com o risco de ficar louco antes de terminar o ano! Louco! E será que já não o estava?

Ele pensou, então, que o documento talvez devesse ser lido do avesso. Por isso, virou-o e, expondo-o à luz, continuou a tentar.

Nada! Os números já imaginados e que tentava dessa nova forma não deram nenhum resultado!

Talvez devesse ver o documento ao contrário e refazê-lo da última letra para a primeira — o que o autor poderia ter feito para tornar a leitura ainda mais difícil!

Nada! A nova combinação só forneceu uma série de letras totalmente enigmáticas!

Às oito horas da noite, o juiz Jarriguez, com a cabeça entre as mãos, alquebrado, esgotado intelectual e fisicamente, não tinha mais forças para se mexer, para falar, para pensar, para associar uma ideia à outra!

De repente, ouviu um ruído do lado de fora. Quase imediatamente, apesar das ordens formais, a porta do gabinete foi aberta bruscamente.

Benito e Manoel estavam diante dele, Benito assustador de se ver, era apoiado por Manoel, porque o desafortunado rapaz não tinha mais forças para se sustentar.

O magistrado levantou-se rapidamente. — O que aconteceu, senhores, o que desejam? — perguntou.

— A cifra!... A cifra!... — disse Benito, enlouquecido de dor. — A cifra do documento!

— Então já a conhecem? — exclamou o juiz Jarriguez.

— Não — replicou Manoel. — E o senhor?...

— Nada!... Nada!...

— Nada! — protestou Benito.

E, no paroxismo do desespero, tirando uma arma da cintura, quis atirar no próprio peito.

O magistrado e Manoel correram para cima dele e conseguiram, não sem dificuldade, desarmá-lo.

— Senhor Benito — disse o juiz Jarriquez, com uma voz que procurou manter serena —, uma vez que seu pai não pode mais escapar à expiação de um crime que não cometeu, o senhor tem mais o que fazer do que se matar!

— O quê? — exclamou Benito.

— Tem de tentar salvar-lhe a vida!

— E como?...

— Cabe ao senhor adivinhar — respondeu o magistrado —, não sou eu que vou lhe dizer!



No dia seguinte, 30 de agosto, Benito e Manoel tiveram uma conversa. Havia entendido a ideia que o juiz não quis formular diante deles. Agora, procuravam um meio de preparar a evasão do condenado, ameaçado do derradeiro suplício.

Só havia uma coisa a fazer.

Na verdade, era mais do que certo que, para as autoridades do Rio de Janeiro, o documento indecifrado não teria nenhum valor, seria letra morta, o primeiro julgamento que havia declarado Joam Dacosta culpado do atentado de Tijuco não seria mudado e, inevitavelmente, a ordem de execução chegaria, pois, nesse tipo de caso, nenhuma comutação de pena era possível.

Portanto, mais uma vez, Joam Dacosta não devia hesitar em se livrar, pela fuga, da prisão que o punia injustamente.

Entre os dois rapazes ficou combinado que o segredo do que iam fazer seria totalmente guardado; nem Yaquita, nem Minha seriam postas a par da tentativa. Isso poderia lhes dar uma esperança que, talvez, não se realizasse! Podia ser que, em consequência de circunstâncias imprevistas, a tentativa de evasão fracassasse miseravelmente!

A presença de Fragoso, sem dúvida, teria sido preciosa nessa ocasião. O moço, prudente e devotado, seria útil para ajudar os dois rapazes; mas Fragoso não havia aparecido. Interrogada a respeito, Lina não pudera dizer onde estava, nem por que havia deixado a jangada, sem nem mesmo avisá-la.

E, com certeza, se Fragoso pudesse prever que as coisas chegariam a esse ponto, não teria abandonado a família Dacosta para tentar uma ação que não parecia produzir qualquer resultado efetivo. Sim! Teria sido melhor ajudar na evasão do condenado do que sair atrás dos antigos companheiros de Torres!

Mas Fragoso não estava lá e, fatalmente, não poderiam contar com a sua ajuda.

Benito e Manoel, ao alvorecer, deixaram a jangada e se dirigiram para Manaus. Chegaram rapidamente à cidade e se embrenharam pelas estreitas ruas, ainda desertas àquela hora. Em poucos minutos, ambos estavam diante da prisão e percorriam em todos os sentidos o terreno abandonado, no qual se erguia o antigo convento, que servia de casa de detenção.

Convinha estudar cuidadosamente a disposição do lugar.

Num dos lados do prédio abria-se, vinte e cinco pés acima do chão, a janela da cela na qual Joam Dacosta estava encarcerado. A janela era protegida por

uma grade de ferro em mau estado, que seria fácil soltar ou serrar, se fosse possível subir até lá. As pedras da parede mal emparelhadas, deslocadas em muitos lugares, ofereciam inúmeras saliências que garantiriam ao pé um apoio sólido, se houvesse a possibilidade de subir por meio de uma corda.

Essa corda, se habilmente lançada, talvez passasse por uma das barras da grade, solta do alvéolo, e que formava um gancho do lado de fora. Feito isso, tirando uma ou duas barras de modo a dar passagem a um homem, Benito e Manoel só teriam de introduzir-se na cela do prisioneiro, e a evasão ocorreria, sem maiores dificuldades, pela corda presa à armação de ferro. À noite, que o estado do céu prometia deixar muito escura, nenhuma das manobras seria percebida, e Joam Dacosta, antes do amanhecer, já estaria em segurança.

Durante uma hora, Manoel e Benito, andando de um lado para o outro para não chamar a atenção, fizeram um levantamento com extrema precisão, tanto da situação da janela e da disposição da armação quanto do melhor lugar para lançar a corda.

— Então estamos combinados — disse Manoel. — Mas será que Joam Dacosta não deveria ser avisado?

— Não, Manoel, não vamos contar a ele mais do que contamos à minha mãe sobre o segredo de uma tentativa que pode fracassar!

— Nós conseguiremos, Benito! — respondeu Manoel.

— Entretanto, precisamos prever tudo e, no caso de chamarmos a atenção do chefe dos guardas da prisão, no momento da fuga...

— Teremos todo o ouro necessário para comprar esse homem!

— respondeu Benito.

— Está bem — respondeu Manoel. — Porém, uma vez fora da prisão, nosso pai não poderá ficar escondido na cidade, nem na jangada. Onde deverá procurar refúgio?

Essa era a segunda questão a ser resolvida, questão muito séria, e a decisão foi a seguinte:

A cem passos da prisão, o terreno baldio era atravessado por um desses canais que jogam suas águas no rio Negro, mais abaixo da cidade. Esse canal oferecia, portanto, uma via fácil para se chegar até o rio, desde que uma piroga estivesse esperando pelo fugitivo. Do pé da muralha até o canal haveria apenas cem passos a serem percorridos.

Benito e Manoel decidiram, então, que uma das pirogas da jangada desatracaria por volta das oito horas da noite, conduzida pelo piloto Araújo e dois robustos remadores. Ela subiria o rio Negro, entraria pelo canal, deslizaria através do terreno baldio e ali, escondida pela alta vegetação das margens, se manteria por toda a noite à disposição do prisioneiro.

No entanto, depois de embarcar, onde convinha a Joam Dacosta procurar refúgio?

Esse foi o assunto da última decisão tomada pelos dois rapazes, depois de os prós e contras serem minuciosamente pesados.

Voltar a Iquitos seria seguir uma rota difícil, cheia de perigos.

E, de qualquer modo, seria muito longa, tanto se o fugitivo fosse pelo campo como se subisse ou descesse o curso do Amazonas.

Nem o cavalo, nem a piroga poderiam pô-lo rapidamente fora do alcance. Além do mais, a fazenda já não lhe ofereceria um esconderijo seguro. Ao voltar para lá, não seria o fazendeiro Joam Garral, seria o condenado Joam Dacosta, sempre sob a ameaça de uma extradição, e não poderia nem pensar em retomar a vida de antigamente.

Fugir pelo rio Negro até o norte da província, ou mesmo sair das terras brasileiras, exigia mais tempo do que dispunha Joam Dacosta, e seu primeiro cuidado devia ser escapar das perseguições imediatas.

Descer o Amazonas? Os postos, os povoados e as cidades abundavam nas duas margens do rio. As características do condenado seriam enviadas a todos os chefes de polícia. Ele correria, então, o risco de ser preso muito antes de atingir o litoral do Atlântico. E se o atingisse, onde e como se esconder, enquanto esperava a ocasião de embarcar e pôr todo um mar entre si e a justiça?

Examinados os diversos projetos, Benito e Manoel reconheceram que nenhum deles era exequível. Apenas um oferecia alguma possibilidade de salvação.

Era o seguinte: ao sair da prisão, embarcar numa piroga, seguir o canal até o rio Negro, descer esse afluente sob a direção do piloto, atingir a confluência dos dois cursos d'água, depois se deixar levar pela corrente do Amazonas, acompanhando a margem direita por umas sessenta milhas, navegando à noite, parando de dia, e chegar, assim, à foz do Madeira.

Esse afluente, que desce da vertente da cordilheira, engrossado por uma centena de subafluentes, era uma verdadeira via fluvial, aberta até o coração da Bolívia. Uma piroga poderia nele se aventurar sem deixar nenhum vestígio da sua passagem e se refugiar em alguma localidade, aldeia ou vila situada do outro lado da fronteira brasileira.

Lá, Joam Dacosta ficaria relativamente em segurança; lá, ele poderia, por vários meses, se fosse preciso, aguardar uma ocasião para alcançar o litoral do Pacífico e embarcar num navio que partisse de um dos portos da costa. Se esse navio o levasse a uma das nações da América do Norte, estaria a salvo. Em seguida, veria a conveniência de vender todos os seus bens, se exilar definitivamente e procurar além-mar, no Velho Mundo, um último retiro para ali acabar a vida, tão cruelmente e tão injustamente abalada.

Para onde fosse, a família o seguiria sem hesitar, sem lamentos, e, em sua família, seria preciso incluir Manoel, ligado a ele por laços indissolúveis. Esse era um assunto que nem precisava ser discutido.

— Vamos — disse Benito. — É preciso que tudo esteja pronto antes do anoitecer e não temos um minuto a perder.

Os dois rapazes voltaram a bordo seguindo a margem do canal até o rio Negro. Eles se asseguraram de que a passagem para a piroga estaria completamente livre, que nenhum obstáculo, nenhuma represa ou navio no conserto poderia pará-la. Depois, descendo a margem esquerda do afluente, evitando as ruas agora já ocupadas da cidade, chegaram ao ancoradouro da jangada.

A primeira preocupação de Benito foi ver a mãe. Sentia-se bem controlado para não deixar transparecer as inquietações que o devoravam. Queria acalmá-la, dizer que a esperança não estava perdida, que o mistério do documento seria esclarecido, que, de qualquer forma, a opinião pública estava a favor de Joam Dacosta e que, diante do movimento feito em seu benefício, a justiça concederia todo o tempo necessário para que a prova material da sua inocência fosse, enfim, preparada.

— Sim, mãe! Sim! — ele acrescentou. — Sem dúvida, antes que o dia de amanhã acabe, não teremos mais nada a temer por nosso pai!

— Deus o ouça, meu filho! — respondeu Yaquita, cujo olhar era tão indagador que Benito mal conseguiu sustentá-lo.

Por sua vez, em comum acordo, Manoel tentara acalmar Minha, repetindo-lhe que o juiz Jarriquez, convencido da não-culpabilidade de Joam Dacosta, tentaria salvá-lo por todos os meios que estivessem ao seu alcance.

— Quero acreditar em você, Manoel! — havia respondido a jovem, que não pudera conter as lágrimas.

E Manoel saiu bruscamente de perto de Minha. As lágrimas também encheriam seus olhos e iriam contrariar as palavras de esperança que acabara de dizer!

Além do mais, era chegada a hora de fazer a visita cotidiana ao prisioneiro e Yaquita, acompanhada da filha, se dirigiu rapidamente para Manaus.

Durante uma hora, os dois rapazes conversaram com o piloto Araújo. Eles lhe contaram, com todos os detalhes, o plano que haviam combinado e também o consultaram tanto sobre a fuga projetada quanto sobre as medidas que deveriam tomar em seguida, para garantir a segurança do fugitivo.

Araújo aprovou tudo. Assim que desceu a noite, sem provocar nenhuma desconfiança, ele se encarregou de levar a piroga através do canal, cujo traçado conhecia perfeitamente, até o local onde deveria esperar a chegada de Joam Dacosta. Voltar, em seguida, para a foz do rio não oferecia nenhuma dificuldade, e a piroga passaria despercebida no meio dos destroços que desciam constantemente o seu curso.

Sobre o problema de seguir o Amazonas até a confluência com o Madeira, Araújo também não levantou nenhuma objeção.

Achava que era a melhor coisa a ser feita. Conhecia o curso do Madeira por uma distância de mais de cem milhas. No meio dessas províncias pouco frequentadas, se, por mais impossível que fosse, as perseguições se voltassem nessa direção, poderiam frustrá-la facilmente, mesmo que tivessem de entrar até o centro da Bolívia e, se Joam Dacosta persistisse em querer exilar-se, seu embarque seria feito com menos perigo no litoral do Pacífico do que do Atlântico.

A aprovação de Araújo serviu para tranquilizar os dois rapazes. Eles confiavam no bom senso prático do piloto, e com razão. Quanto à dedicação desse homem leal, nesse aspecto, não tinham nenhuma dúvida. Certamente ele era capaz de arriscar a liberdade ou a própria vida para salvar o fazendeiro de Iquitos.

Araújo cuidou, imediatamente, mas no maior segredo, dos preparativos que lhe cabiam nessa tentativa de fuga. Uma grande soma de ouro lhe foi entregue por Benito, para prevenir alguma eventualidade durante a viagem no Madeira. Em seguida, ele mandou preparar a piroga, anunciando sua intenção de ir à procura de Fragoso, que não havia aparecido, o que deixava todos os companheiros preocupados com a sua sorte.

Depois, ele mesmo pôs na embarcação provisões para vários dias e, além disso, as cordas e as ferramentas que os dois rapazes iriam buscar, quando ela chegasse na extremidade do canal, na hora e no lugar combinados.

Os preparativos não chamaram a atenção do pessoal da jangada. Os dois robustos negros que o piloto escolheu para remar não ficaram sabendo da tentativa de fuga. No entanto, podia se contar totalmente com eles. Quando soubessem da operação de salvamento de que iriam participar, quando Joam Dacosta, finalmente livre, fosse entregue aos seus cuidados, Araújo sabia bem que eram pessoas que arriscariam tudo, mesmo com o risco da própria vida, para salvar a vida do patrão.

À tarde, estava tudo pronto para a partida. Só precisavam esperar que anoitasse.

Porém, antes de agir, Manoel quis ver uma última vez o juiz Jarriguez. Talvez o magistrado tivesse algo de novo a lhe dizer sobre o documento.

Benito preferiu ficar na jangada, para esperar a volta da mãe e da irmã.

Manoel foi sozinho à casa do juiz Jarriguez e foi recebido imediatamente.

O magistrado, no gabinete de onde não saía mais, continuava superexcitado. O documento, amassado pelos seus dedos impacientes, ainda estava lá, em cima da mesa, embaixo dos seus olhos.

— Senhor — disse Manoel, cuja voz tremia ao formular a pergunta — recebeu do Rio de Janeiro?...

— Não... — respondeu o juiz Jarriguez —, a ordem não chegou.

— Mas de uma hora para a outra pode chegar!... E o documento?

— Nada! — exclamou o juiz Jarriguez. — Tudo o que a minha imaginação pôde sugerir... Eu tentei... E nada!

— Nada?

Entretanto, vi claramente uma palavra nesse documento... Só uma!..

— E essa palavra? — perguntou Manoel. — Senhor... Que palavra é essa?

Fugir!

Sem responder, Manoel apertou a mão que o juiz Jarriguez lhe estendia e voltou à jangada para aguardar o momento de agir.

A visita de Yaquita, acompanhada da filha, transcorreu como sempre nessas poucas horas que os dois esposos passavam juntos todos os dias. Na presença dessas duas pessoas tão ternamente amadas, o coração de Joam Dacosta quase se descontrolava. Mas o marido, o pai, se continha. Era ele quem reanimava as duas pobres mulheres, que lhes dava um pouco de esperança, da qual, no entanto, lhe restava tão pouco. As duas chegavam com a intenção de animar o moral do prisioneiro. Infelizmente, mais do que ele, precisavam ser amparadas; mas, ao vê-lo tão firme, de cabeça erguida no meio de tantas provações, elas recuperavam a esperança.

Naquele dia também, Joam lhes dissera palavras de encorajamento. Essa indomável energia, ele buscava não só no sentimento da sua inocência, mas também na fé desse Deus que havia posto uma parte da sua justiça nos corações dos homens.

Não! Joam Dacosta não podia ser punido pelo crime de Tijuco! Além do mais, ele quase nunca falava sobre o documento. Fosse apócrifo ou não, fosse escrito por Torres ou pelo real autor do atentado, incluísse ou não a justificativa tão esperada, Joam Dacosta não pretendia apoiar-se nessa duvidosa hipótese. Não! Ele via a si mesmo como o melhor argumento da sua causa, e era a toda uma vida de trabalho e de honestidade que ele queria confiar a missão de defendê-lo! Naquela tarde, mãe e filha, animadas por essas palavras fortes que as penetraram até o mais fundo do ser, se retiraram mais confiantes do que jamais haviam estado desde a prisão. O prisioneiro mais uma vez as abraçara com dupla ternura. Parecia ter o pressentimento de que o desenlace do caso estava próximo.

Depois que ficara sozinho, Joam Dacosta permanecera imóvel por um longo tempo. Os braços apoiados numa mesa pequena sustentavam sua cabeça.

O que se passava com ele? Teria adquirido a convicção de que a justiça humana, depois de falhar uma primeira vez, pronunciaria, enfim, sua absolvição?

Sim! Ele ainda tinha esperança! Com o relatório do juiz Jarriquez que estabelecia sua identidade, ele sabia que suas memórias justificativas, que escrevera com tanta convicção, deviam estar no Rio de Janeiro, nas mãos do chefe supremo da justiça.

Sabemos que essas memórias eram a história da sua vida desde que entrara para o escritório do arraial diamantino até o momento em que a jangada havia parado nas portas de Manaus.

Na mente de Joam Dacosta repassava toda a sua vida. Ele revivia o passado,

desde a época em que, órfão, havia chegado em Tijuco. Lá, por mérito próprio, subira na hierarquia do escritório do governador-geral, onde fora admitido ainda muito jovem. O futuro lhe sorria, deveria chegar a um alto cargo!... Depois, de repente, a catástrofe: o roubo do comboio de diamantes, o massacre dos soldados da escolta, as suspeitas que recaíam sobre ele como sendo o único funcionário que poderia ter divulgado o segredo da partida, a prisão, o comparecimento diante do júri, a condenação apesar dos esforços do advogado, as últimas horas na cela dos condenados à morte na prisão de Vila Rica, a evasão realizada em condições que denotavam uma coragem sobre-humana, a fuga através das províncias do norte, a chegada à fronteira peruana e a acolhida que dera ao fugitivo, sem nenhum recurso e morrendo de fome, o afável fazendeiro Magalhães!

O prisioneiro recordava todos esses acontecimentos que haviam tão brutalmente destruído sua vida! E, então, abstraído nos seus pensamentos, perdido nas lembranças, não ouviu um ruído diferente na parede externa do velho convento, nem as sacudidas de uma corda presa nas barras da janela, nem o rangido do aço que mordida o ferro, que teriam chamado a atenção de um homem menos absorto.

Não, Joam Dacosta continuava a viver os anos da sua juventude, desde a chegada à província peruana. Ele revia a si mesmo na fazenda, como empregado, depois como sócio do velho português, trabalhando para a prosperidade da fazenda de Iquitos.

Ah, por que, desde o começo, não havia dito tudo ao benfeitor? Ele nunca teria duvidado. Era o único erro que tinha a se recriminar! Por que não confessara de onde vinha, nem quem era — sobretudo quando Magalhães pusera a sua mão na mão da filha, que nunca teria desejado ver nele o autor desse pavoroso crime?

Nesse momento, o ruído do lado de fora foi forte o suficiente para chamar a atenção do prisioneiro.

Joam Dacosta levantou a cabeça por alguns instantes. Os olhos se dirigiram para a janela, mas com esse olhar vago que parece inconsciente e, logo depois, voltou a apoiar a fronte nas mãos. Seu pensamento voltava a Iquitos.

Lá, o velho fazendeiro estava morrendo. Antes de morrer, queria que o futuro da filha estivesse garantido, que seu sócio fosse o único dono da fazenda, que se tornara tão próspera sob a sua direção. Joam Dacosta devia falar?... Talvez!... Mas não teve coragem! Ele lembrou o feliz passado ao lado de Yaquita, o nascimento dos filhos, toda a felicidade dessa vida apenas perturbada pela lembrança de Tijuco e o remorso de não haver confessado o terrível segredo!

A sequência dos fatos se reproduzia no cérebro de Joam Dacosta com nitidez e vivacidade surpreendentes. Ele repassava, agora, o momento em que o



casamento da sua filha Minha com Manoel ia ser decidido! Poderia deixar essa união ser realizada sob um nome falso, sem dar a conhecer ao rapaz os mistérios da sua vida? Não! Por isso decidiu, seguindo a orientação do juiz Ribeiro, pedir a revisão do processo, promover a reabilitação que lhe era devida. Ele partira com toda a família e, então, houve a intervenção de Torres, a odiosa oferta proposta pelo miserável, a recusa indignada do pai em entregar a filha para salvar a honra e a própria vida, em seguida a denúncia, depois a prisão!...

Nesse momento, a janela, violentamente empurrada pelo lado de fora, se abriu bruscamente.

Joam Dacosta levantou-se; as recordações do passado se esvaneceram como uma sombra.

Benito havia pulado para dentro do quarto, estava diante do pai e, um minuto depois, Manoel atravessava a abertura, agora sem as barras, e aparecia ao lado dele.

Joam Dacosta ia soltar um grito de surpresa; Benito não lhe deu tempo.

— Meu pai — disse ele —, a grade da janela foi arrancada!... Há uma corda pendurada até o chão!... Uma piroga aguarda no canal, a cem passos daqui!... Araújo está lá e irá levá-la para longe de Manaus, para a outra margem do Amazonas, onde a sua pista não poderá ser encontrada!... Meu pai, é preciso fugir imediatamente!... O próprio juiz nos deu esse conselho!

— É preciso! — acrescentou Manoel.

— Fugir?... Eu?... Fugir pela segunda vez?... Fugir de novo?...

E, com os braços cruzados, cabeça erguida, Joam Dacosta recuou lentamente até o fundo do quarto. — Jamais! — disse ele, com uma voz tão firme que Benito e Manoel ficaram desconcertados.

Os dois rapazes não esperavam por essa resistência. Nunca poderiam imaginar que os obstáculos à fuga viriam do próprio prisioneiro.

Benito caminhou na direção do pai e, olhando-o de frente, tomou-lhe as duas mãos, não para arrastá-lo, mas para que o ouvisse e se deixasse convencer.

— Jamais, o senhor disse, meu pai?

— Jamais.

— Meu pai — disse, então, Manoel —, também tenho o direito de chamar-lhe assim; meu pai, escute! Se nós lhe dizemos que é preciso fugir sem perder um só minuto, é porque, se ficar, será culpado diante dos outros, diante de si mesmo!

— Ficar — continuou Benito — é esperar a morte, meu pai!

A ordem de execução pode chegar de um momento para o outro! Se acredita que a justiça dos homens voltará atrás num julgamento iníquo, se pensa que a justiça reabilitará aquele a quem condenou há vinte anos, está enganado! Não há mais esperanças! É preciso fugir!... Fuja!

Num movimento irrimediável, Benito havia agarrado o pai e o arrastava

para a janela.

Joam Dacosta se soltou das mãos do filho e recuou pela segunda vez.

— Fugir — ele respondeu com a voz de um homem cuja resolução era inabalável — é desonrar-me e desonrá-los, junto comigo! Seria uma confissão de culpa! Pois se eu vim livremente me pôr à disposição dos juízes do meu país, devo aguardar sua decisão, qualquer que seja, e eu esperarei!

— Mas as presunções nas quais o senhor se apóia não são suficientes — retomou Manoel — e, até agora, não temos a prova material da sua inocência! Se repetimos que é preciso fugir, é porque o próprio juiz Jarriguez nos disse! É a sua única chance de escapar da morte!

— Então, morrerei! — respondeu Joam Dacosta calmamente.

— Morrerei protestando contra o julgamento que me condena! Da primeira vez, algumas horas antes da execução, eu fugi! Sim! Eu era jovem então, tinha toda uma vida pela frente para combater a injustiça dos homens! Mas escapar agora, recomeçar essa vida miserável de culpado que se esconde sob um nome falso, que se esforça para despistar a polícia; voltar a essa vida de ansiedade que levei por vinte e três anos, obrigando-os a partilhá-la comigo; esperar todos os dias por uma denúncia que chegaria mais cedo ou mais tarde e por um pedido de extradição que me alcançaria num país estrangeiro! Isso seria viver? Não! Jamais!

— Meu pai — voltou a falar Benito, que estava a ponto de perder a cabeça diante dessa obstinação —, o senhor tem de fugir! Eu quero!...

E agarrando Joam Dacosta procurou, pela força, arrastá-lo para a janela.

— Não!... Não!...

— Quer deixar-me louco!

— Meu filho — exclamou Joam Dacosta —, solte-me!... Já fugi uma vez da prisão de Vila Rica, e acreditaram que eu escapava de uma condenação merecida! Sim! Devem ter acreditado nisso! Bem, pela honra do nome que usam, não o farei de novo!

Benito caiu de joelhos diante do pai! Estendeu-lhe as mãos...

Suplicou...

— Mas a ordem, meu pai — repetia —, essa ordem pode chegar hoje... daqui a pouco... e virá com a sentença de morte!

— A ordem pode chegar, mas minha decisão não mudará!

Não, meu filho! Um Joam Dacosta culpado poderia fugir! Um Joam Dacosta inocente não fugirá!

A cena que se seguiu a essas palavras foi pungente. Benito lutava contra o pai. Manoel, desatinado, mantinha-se perto da janela, preparado para arrebatar o prisioneiro, quando a porta da cela se abriu.

No limiar apareceu o chefe de polícia, acompanhado do chefe dos guardas da prisão e de alguns soldados.

O chefe percebeu que uma tentativa de evasão havia sido realizada, mas também compreendeu, pela atitude do prisioneiro, que havia sido ele que não quisera fugir! O chefe de polícia não disse nada. A mais profunda piedade se estampou no seu rosto. Será que ele, como o juiz Jarriquez, queria que Joam Dacosta escapasse da prisão?

Tarde demais!

O chefe de polícia, segurando um papel, dirigiu-se ao prisioneiro.

— Antes de tudo — disse Joam Dacosta —, deixe-me dizer, senhor, que a fuga só dependia da minha decisão, mas eu não quis!

O chefe de polícia abaixou por uns instantes a cabeça; depois, tentando, em vão, manter a voz firme, disse: — Joam Dacosta, a ordem do chefe supremo da justiça chegou do Rio de Janeiro.

— Ah! Meu Pai! — gritaram Manoel e Benito.

— Essa ordem — perguntou Joam Dacosta, que havia cruzado os braços sobre o peito —, essa ordem traz a execução da sentença?

— Sim!

— E será?...

— Amanhã!

Benito atirou-se em cima do pai. Ainda queria levá-lo para fora da cela... Foi preciso que os soldados arrancassem o prisioneiro, tirando-o dessa última tentativa.

Depois, a um sinal do chefe de polícia, Benito e Manoel foram levados para fora. Era preciso dar um fim a essa cena lamentável, que já havia durado demais.

— Senhor — disse então o condenado —, amanhã de manhã, antes da hora da execução, posso passar alguns momentos com o padre Passanha, a quem peço o favor de mandar avisar?

— Ele será avisado.

— Terei permissão para ver minha família, beijar pela última vez minha mulher e meus filhos?

— Poderá vê-los.

— Eu lhe agradeço, senhor — respondeu Joam Dacosta. — E, agora, mande vigiar a janela! Não quero ser arrastado daqui contra a minha vontade!

Dito isso, depois de se inclinar, o chefe de polícia se retirou com o guarda e os soldados.

O condenado, que agora só tinha algumas horas de vida, ficou sozinho.

Então, a ordem havia chegado e, como o juiz Jarriguez previra, era uma ordem de execução imediata da sentença pronunciada contra Joam Dacosta. Nenhuma prova fora introduzida.

A justiça devia seguir o seu curso.

No dia seguinte, 31 de agosto, às nove horas da manhã, o condenado morreria na forca.

No Brasil, em geral, a pena de morte era comutada, a menos que se tratasse de aplicá-la aos negros; mas, dessa vez, ela ia atingir um branco.

Essas eram as disposições penais em relação aos crimes do arraial diamantinense, para os quais, no interesse público, a lei não quis admitir nenhum pedido de indulto.

Portanto, nada podia salvar Joam Dacosta. Ele ia perder não apenas a vida, mas também a honra.

Acontece que, nesse 31 de agosto, de manhã, um homem a cavalo corria na direção de Manaus, a toda velocidade, e a corrida havia sido tão rápida que a meia milha da cidade o corajoso animal caiu, incapaz de seguir adiante.

O cavaleiro nem tentou levantar a montaria. Evidentemente, havia exigido, e conseguido, mais do que podia dar e, apesar do estado de esgotamento em que também estava, o homem se precipitou na direção da cidade.

Esse homem vinha das províncias do leste, acompanhando a margem esquerda do rio. Todas as suas economias haviam sido empregadas na compra do cavalo que, bem mais rápido do que uma piroga obrigada a subir a corrente do Amazonas, o trouxera a Manaus.

Era Fragoso.

Então, o corajoso rapaz tivera sucesso na operação sobre a qual não havia falado com ninguém? Encontrara a milícia a que pertencera Torres? Descobrira o segredo que ainda poderia salvar Joam Dacosta?

Ele não sabia muito bem; mas, em todo o caso, estava com extrema pressa em comunicar ao juiz Jarriguez o que ficara sabendo nessa breve excursão.

O que aconteceu foi o seguinte: Fragoso não havia se enganado ao reconhecer Torres como um dos capitães da milícia que atuava nas províncias ribeirinhas do Madeira.

Então ele partiu e, ao chegar na foz desse afluente, soube que o chefe desses "capitães-do-mato" estava nas redondezas.

Sem perder um minuto, Fragoso se pôs a procurá-lo e, não sem dificuldade, conseguiu encontrá-lo.

Às perguntas que Fragofo lhe fez, o chefe da milícia não hesitou em responder. Aliás, a propósito da simples pergunta que lhe foi feita, não tinha nenhum interesse em ficar calado.

E, de fato, as três únicas questões que Fragofo lhe fez foram as seguintes:

— O capitão-do-mato, Torres, não pertencia a sua milícia há alguns meses?

— Sim.

— Nessa época, não tinha ele como amigo íntimo um dos companheiros que morreu recentemente?

— É verdade.

— E esse homem, como se chamava?

— Ortega.

Isso foi tudo o que Fragofo ficou sabendo. Essas informações eram capazes de modificar a situação de Joam Dacosta? Na verdade, supostamente não.

Fragofo sabia disso e resolveu insistir com o chefe da milícia para saber se conhecia esse Ortega, se podia dizer de onde vinha e dar algumas informações sobre seu passado. Isso não deixava de ser muito importante, pois esse Ortega, segundo Torres, era o verdadeiro autor do crime de Tijuco.

Porém, infelizmente, o chefe da milícia não pôde dar nenhuma informação a esse respeito.

A única certeza era que esse Ortega havia muitos anos pertencia à milícia; que uma estreita camaradagem ligava Torres a ele, que eram vistos sempre juntos e que Torres estava a seu lado quando deu o último suspiro.

Era tudo o que sabia sobre esse sujeito o chefe da milícia, e não pôde dizer mais nada.

Fragofo precisou se contentar com esses detalhes insignificantes e resolveu voltar imediatamente.

Porém, se o devotado rapaz não levava a prova de que Ortega fosse o autor do crime de Tijuco, da atitude que havia tomado obtivera, ao menos, o seguinte resultado: Torres havia dito a verdade ao afirmar que um de seus companheiros da milícia morrera e que o assistira nos últimos momentos.

Quanto à hipótese de que Ortega lhe havia entregue o documento em questão, agora ela passava a ser admissível.

Também era muito provável que o documento tivesse relação com o atentado, que o autor fosse, realmente, Ortega, e que encerrasse a confissão da sua culpa, acompanhada de circunstâncias que não permitiriam pô-la em dúvida.

Assim, se o documento pudesse ser lido, se a chave fosse encontrada, se a cifra na qual se baseava o sistema fosse conhecida, ninguém duvidava que, finalmente, a verdade apareceria!

Mas, a cifra, Fragofo não a sabia! Algumas presunções a mais, a quase certeza de que o aventureiro não inventara nada, certas circunstâncias

pareciam mostrar que o segredo desse caso estava no documento, era tudo o que o corajoso rapaz trazia da visita ao chefe da milícia a que Torres pertencera.

No entanto, por menos que fosse, ele tinha pressa em contar tudo ao juiz Jarriguez. Sabia que não podia perder nem uma hora, e eis porque naquela manhã, por volta das oito horas, havia chegado, moído de cansaço, a meia milha de Manaus.

Fragoso percorreu em alguns minutos a distância que o separava da cidade. Uma espécie de pressentimento irresistível empurrava-o para a frente, e quase chegou a acreditar que a salvação de Joam Dacosta estava em suas mãos.

De repente Fragoso parou, como se, de uma forma implacável, seus pés houvessem criado raízes.

Ele estava na entrada da pequena praça, para onde se abria uma das portas da cidade.

Ali, no meio de uma multidão já compacta, uns vinte pés acima, estava o mourão da força, de onde pendia uma corda.

Fragoso sentiu as últimas forças o abandonarem. Ele caiu.

Seus olhos se fecharam involuntariamente. Não queria ver, e as palavras escaparam de seus lábios:

— Tarde demais! Tarde demais!

Porém, num esforço sobre-humano, ele se levantou. Não! Não era tarde demais! O corpo de Joam Dacosta não balançava na ponta da corda!

— O juiz Jarriguez! O juiz Jarriguez! — gritou Fragoso.

E, ofegante, alucinado, correu para a porta da cidade, subiu a rua principal de Manaus e caiu, semimorto, na porta da casa do magistrado.

A porta estava fechada. Fragoso ainda teve forças para bater nessa porta.

Um dos empregados do magistrado abriu. O patrão não queria receber ninguém.

Apesar da proibição, Fragoso empurrou o homem que lhe impedia de entrar na casa e, de um pulo, correu para o gabinete do juiz.

— Estou voltando da província onde Torres exercia seu trabalho de capitão-do-mato! — exclamou. — Senhor, Torres disse a verdade! Suspenda... suspenda a execução!

— Encontrou a milícia?

— Encontrei!

— E tem a cifra do documento?...

Fragoso não respondeu.

— Então, vá embora! Vá embora! — gritou o juiz Jarriguez, que, num verdadeiro acesso de raiva, pegou o documento para destruí-lo.

Fragoso tomou-o de suas mãos e o impediu.

— A verdade está aqui! — disse.

— Eu sei — respondeu o juiz Jarriguez. — Mas de que adianta uma verdade que não pode ser mostrada?

— Ela vai aparecer!... É preciso!... É preciso!

— Mais uma vez, o senhor tem a cifra?

— Não! — respondeu Fragoso — Mas repito, Torres não mentiu! ... Um de seus companheiros a quem era estreitamente ligado morreu há alguns meses e não resta dúvida de que esse homem lhe entregou o documento que ele veio vender a Joam Dacosta!

— Não! — respondeu o juiz Jarriguez. — Não!... Não há dúvidas. .. para nós, mas não parece tão evidente para aqueles que dispõem da vida do condenado!... Vá embora!

Expulso, Fragoso não queria sair do lugar. Ele se arrastava aos pés do magistrado.

— Joam Dacosta é inocente! — exclamou. — Não pode deixá-lo morrer! Não foi ele quem cometeu o crime de Tijuco! Foi o companheiro de Torres, o autor do documento! Foi Ortega!

Ao ouvir esse nome, o juiz Jarriguez teve um sobressalto. Em seguida, quando uma espécie de calma sucedeu à tempestade desencadeada na sua mente, tirou o documento da mão crispada, estendeu-o sobre a mesa, sentou-se e passou a mão nos olhos: — Esse nome!... — ele disse. — Ortega!... Vamos tentar!

E procedeu com esse novo nome, trazido por Fragoso, da mesma forma que havia procedido com os outros nomes próprios, inutilmente tentados por ele. Depois de arrumá-lo em cima das seis primeiras letras do parágrafo, obteve a seguinte fórmula: Ortega Szgxed

— Nada! — disse. — Não deu em nada!

De fato, o *g* colocado embaixo do *t* não podia ser expresso por um algarismo, pois na ordem alfabética, essa letra ocupa uma posição anterior à da letra *t*.

Só o *5*, o *z*, o *d* dispostos embaixo do *o*, do *r* e do *a* podiam receber os algarismos quatro, dois, três.

Quanto ao *x*, colocado na antepenúltima letra, como o intervalo que o separa do *e* é de dezoito letras, fica impossível exprimi-lo por um único algarismo. Portanto, ele não correspondia ao *e*.

Nesse momento, gritos aterradores ergueram-se na rua, gritos de desespero.

Fragoso precipitou-se para uma das janelas e abriu-a antes que o magistrado pudesse impedi-lo.

A multidão obstruía a rua. Havia chegado a hora em que o condenado sairia da prisão e um refluxo da multidão ia na direção da praça onde a força havia sido erguida.

O juiz Jarriguez, assustador de se ver, tão fixo era o seu olhar, devorava as linhas do documento.

— As últimas letras! — ele murmurou. — Vamos tentar de novo as últimas letras!

Era a derradeira esperança.

E, então, com um tremor na mão que quase o impedia de escrever, dispôs o nome de Ortega em cima das seis últimas letras do parágrafo, como havia feito com as seis primeiras.

Um primeiro grito escapou-lhe. Ele viu, para começar, que as seis últimas letras eram inferiores, na ordem alfabética, às que compunham o nome de Ortega, e que, conseqüentemente, poderiam ser cifradas e receber um número.

E, efetivamente, quando reduziu a fórmula, subindo da letra inferior do documento para a letra superior da palavra, obteve: Ortega 432513 Suvjhd

O número assim composto era 432513.

Mas seria esse número o que havia presidido a formação do documento? Não seria tão falso quanto os que haviam sido anteriormente tentados?

Nesse instante, os gritos foram redobrados, gritos de piedade que traíam a emoção simpática de toda a multidão. Alguns minutos mais era tudo o que restava de vida para o condenado!

Fragoso, enlouquecido de dor, saiu correndo do gabinete!

Queria ver pela última vez o seu benfeitor que ia morrer!... Queria jogar-se diante do fúnebre cortejo, pará-lo, e gritar: "Não matem esse homem justo! Não o matem!"

O juiz Jarriguez já havia posto o número obtido em cima das primeiras letras do parágrafo, repetindo-o tantas vezes quanto necessário, como se segue:

4325134325134325134325134

szgxedhhkxpdzxqxervrxgpgs

Depois, reconstituindo as verdadeira letras, ao subir da ordem alfabética, leu:

O verdadeiro autor do roubo do...

Um uivo de alegria lhe escapou! O número 432513 era o número procurado! O nome Ortega lhe permitira reconstituí-lo!

Enfim, tinha a chave do documento, que, incontestavelmente ia demonstrar a inocência de Joam Dacosta e, sem ler mais nada, correu para fora do gabinete, depois para a rua, gritando: — Parem! Parem!

Romper a multidão que se abriu diante dele, correr para a prisão que o condenado deixava naquele momento, enquanto a mulher e os filhos se agarravam a ele com a violência do desespero, não foi mais do que uma questão de minutos para o juiz Jarriguez.

Ao chegar diante de Joam Dacosta, ele não conseguia mais falar, a sua mão agitava o documento e, enfim, as palavras lhe escaparam dos lábios.



— Inocente! Inocente!

---

*Nota: É praticamente impossível acompanhar os cálculos do juiz porque o tradutor mudou inexplicavelmente as letras; talvez não tenha percebido que o autor se baseava no português, e não no francês.*

Com a chegada do juiz, o fúnebre cortejo havia parado. Um imenso eco repetiu depois dele, e ainda repetia, o grito que saía do peito de todos: — Inocente! Inocente!

Em seguida, foi feito um silêncio completo. Ninguém queria perder uma única palavra do que ia ser dito.

O juiz Jarriguez sentou-se num banco de pedra e, ali, enquanto Minha, Benito, Manoel e Fragozo o cercavam, enquanto Joam Dacosta permanecia abraçado a Yaquita, começou por reconstituir o último parágrafo do documento fazendo uso do número e, à medida que as palavras surgiam, nítidas, sob o algarismo que substituíra a letra criptológica pela letra verdadeira, ele as separava, pontuava e lia em voz alta.

E foi isso o que leu, em meio ao profundo silêncio: Assim que a leitura foi terminada, intermináveis hurras se elevaram no ar.

De fato, o que poderia ser mais concludente do que esse último parágrafo que resumia todo o documento, que proclamava tão incondicionalmente a inocência do fazendeiro de Iquitos, que arrebatava da força a vítima de um pavoroso erro judiciário?

Joam Dacosta, cercado pela mulher, pelos filhos, pelos amigos, não conseguia apertar todas as mãos que se estendiam para ele. Agora surgia a reação a toda a energia que havia demonstrado e lágrimas de alegria corriam dos seus olhos, ao mesmo tempo em que o coração, agradecido, se elevava para a Providência que acabara de salvá-lo tão miraculosamente, no momento em que ia sofrer a última expiação, para esse Deus que não deixara realizar-se o pior dos crimes, a morte de um justo!

Sim! A justificação de Joam Dacosta não podia levantar nenhuma dúvida! O verdadeiro autor do atentado de Tijuco confessava o crime e denunciava todas as circunstâncias nas quais ele havia sido realizado! O juiz Jarriguez, com o uso do número, reconstituía toda a carta criptografada.

Eis o que Ortega confessou: O miserável era colega de Joam Dacosta, empregado, como ele, em Tijuco, no escritório do governador do arraial diamantinense.

O jovem amanuense designado para acompanhar o comboio ao Rio de Janeiro havia sido ele. Não conseguindo resistir à horrível ideia de ficar rico com o assassinato e o roubo, avisou aos contrabandistas o dia exato em que o comboio deveria sair de Tijuco.

Durante o ataque dos malfeitores que aguardavam o comboio adiante de

Vila Rica, ele fingiu se defender com os soldados da escolta; depois, jogando-se entre os mortos, foi levado pelos cúmplices e, assim, o único soldado que sobreviveu ao massacre pôde afirmar que Ortega havia morrido na luta.

Mas o criminoso não saiu ganhando com o assalto, pois, em seguida, foi roubado por aqueles que o haviam ajudado a cometer o crime.

Sem recursos, não podendo regressar a Tijuco, Ortega fugiu para as províncias do norte do Brasil, para os distritos do Alto Amazonas, onde estava a milícia dos "capitães-do-mato". Precisava sobreviver. Ortega foi admitido nessa pouco honrada tropa. Ali, ninguém perguntaria quem era, nem de onde viera. Ortega passou a ser um capitão-do-mato e, por muitos anos, exerceu a profissão de caçador de homens.

Nesse ínterim, sem meios para sobreviver, Torres, o aventureiro, tornou-se seu companheiro. Ortega e ele ficaram íntimos. Porém, como Torres havia dito, aos poucos o remorso começou a perturbar a vida do miserável. A lembrança do crime lhe causava horror. Sabia que um outro havia sido condenado no seu lugar! Sabia que esse outro era o seu colega Joam Dacosta! E que havia sido condenado à pena capital!

O acaso fez com que, durante uma expedição da milícia, alguns meses antes, do outro lado da fronteira peruana, Ortega chegasse aos arredores de Iquitos e que lá descobrisse que Joam Garral, que não o havia reconhecido, era Joam Dacosta.

Foi então que decidiu reparar, na medida do possível, a injustiça da qual seu antigo colega havia sido vítima. Consignou num documento todos os fatos relativos ao atentado de Tijuco; mas o fez de forma misteriosa que sabemos, com a intenção de fazê-lo chegar às mãos do fazendeiro de Iquitos com a cifra que permitiria lê-lo.

A morte não deixou que concluísse a obra de reparação.

Ferido gravemente num encontro com os negros do Madeira, Ortega sentiu que ia morrer. O companheiro, Torres, estava ao seu lado. Ele achou que poderia confiar ao amigo o segredo que fora como um fardo durante toda a sua vida. Entregou-lhe o documento escrito por ele, fazendo-o jurar que o entregaria a Joam Dacosta, dando-lhe o nome e o endereço dele, e dos seus lábios, com o último suspiro, saiu o número 432513, sem o qual o documento permaneceria indecifrável.

Depois que Ortega morreu, sabemos como o indigno Torres cumpriu a missão, como resolveu usar em benefício próprio o segredo que possuía, como tentou fazer dele o objeto de uma odiosa chantagem.

Torres morreu violentamente antes de completar sua obra e levou o segredo consigo. Mas o nome Ortega, descoberto por Fragoso, e que era a assinatura do documento, permitiu, finalmente, reconstituí-lo, graças à sagacidade do juiz Jarriguez.

Sim! Aquela era a prova material tão procurada, era o incontestável testemunho da inocência de Joam Dacosta, de volta à vida e com a honra de volta!

Os hurras redobram quando o digno magistrado, em voz alta e para esclarecer a todos, leu no documento essa terrível história.

E, a partir daquele momento, possuindo a indubitável prova e em comum acordo com o chefe de polícia, o juiz Jarriguez não quis que Joam Dacosta, enquanto aguardava as novas instruções que seriam pedidas ao Rio de Janeiro, ficasse em outra prisão que não a sua casa.

Isso não provocaria nenhum impedimento e, no meio da população de Manaus e acompanhado pela família, Joam Dacosta se viu carregado em triunfo, e não apenas conduzido até a casa do magistrado.

Naquele momento, o honesto fazendeiro de Iquitos era recompensado por tudo o que havia sofrido nos longos anos de exílio e, se estava feliz com isso, mais por sua família do que por si mesmo, não deixava de ficar orgulhoso do seu país, porque a suprema injustiça não havia sido definitivamente consumada!

E, nisso tudo, o que sucedera a Fragoso?

Bom, o simpático rapaz estava sendo coberto de carinho!

Benito, Manoel e Minha o cumulavam de amabilidades e Lina não poupava carícias! Ele não sabia a quem ouvir e defendia-se da melhor maneira possível! Não merecia tanto! Havia sido obra do acaso! Eles lhe deviam um agradecimento por ter reconhecido em Torres um capitão-do-mato? Certamente não! Quanto à ideia que teve de ir procurar a milícia a que Torres havia pertencido, não parecia que pudesse melhorar a situação e, quanto ao nome Ortega, nem sabia que teria algum valor!

Devotado Fragoso! Quisesse ou não, havia salvo Joam Dacosta!

Mas, para tudo isso, uma sucessão de diversos acontecimentos havia contribuído para o mesmo fim: o salvamento de Fragoso, no momento em que ia morrer enforcado na floresta de Iquitos, a acolhida hospitaleira que recebera na fazenda, o encontro com Torres na fronteira brasileira, o embarque deste na jangada e, por fim, o fato de Fragoso já o ter visto em algum lugar!

— Bom, está bem! — acabou exclamando Fragoso —, mas não é a mim que deve ser atribuída toda essa felicidade, e sim à Lina!

— A mim? — perguntou a jovem mulata.

— É, sem dúvida! Sem o cipó, sem a ideia do cipó, será que eu poderia ter feito tantas pessoas felizes?

Fragoso e Lina foram tão festejados, tão mimados por toda a honesta família, pelos novos amigos que lhes deram tantas provas dessa amizade em Manaus, que é inútil insistir nisso.

Contudo, o juiz Jarriguez não tivera uma participação na reabilitação do inocente? Se, apesar de toda a excelência de seus talentos de analista, ele não

pudesse ler o documento, absolutamente indecifrável para quem não possuísse a chave, ao menos não havia reconhecido em que sistema criptográfico estava baseado? Sem ele, quem poderia, apenas com o nome Ortega, reconstituir o número que o autor do crime e Torres, ambos mortos, eram os únicos a conhecer?

Os agradecimentos também não lhe faltaram!

Nem é preciso dizer que, no mesmo dia, partiu para o Rio de Janeiro um relatório detalhado sobre todo o caso, ao qual estava anexado o documento original com a cifra que permitia lê-lo. Era preciso aguardar que novas instruções fossem enviadas pelo ministério ao juiz de direito, e não havia dúvidas de que ordenariam a soltura imediata do prisioneiro.

Ainda deviam passar alguns dias em Manaus; depois, Joam Dacosta e a família, livres de qualquer coação, sem nenhuma preocupação, iriam despedir-se do anfitrião, voltariam a embarcar e continuariam a descer o Amazonas até o Pará, onde a viagem deveria terminar com a dupla união de Minha e Manoel, de Lina e de Fragoso, conforme o programa estabelecido antes da partida.

Quatro dias depois, de setembro, chegava a ordem de soltura. O documento fora reconhecido como autêntico. A letra era mesmo a de Ortega, ex-funcionário do distrito diamantinense, e era certo que a confissão do crime, com os minuciosos detalhes que fornecia, havia sido escrita inteiramente por suas mãos.

A inocência do condenado de Vila Rica era, finalmente, admitida. A reabilitação de Joam Dacosta foi judicialmente reconhecida.

No mesmo dia, o juiz Jarriquez jantou com a família a bordo da jangada e, no fim da tarde, todas as mãos apertaram as suas. As despedidas foram tocantes e incluíram promessas de se reverem em Manaus, na volta, e mais tarde, na fazenda de Iquitos.

No dia seguinte, de setembro, ao alvorecer, o sinal de partida foi dado. Joam Dacosta, Yaquita, a filha, o filho, todos estavam no convés da enorme embarcação. A jangada, desamarrada, começou a tomar o curso da corrente e quando desapareceu na curva do rio Negro, os hurras de toda a população amontoada na margem ainda podiam ser ouvidos.

O que dizer agora dessa segunda partida da viagem que se realizava no curso do grande rio? Foi uma seqüência de dias felizes para a honesta família. Joam Dacosta adquiriu vida nova, que refletia em todos os seus.

A jangada navegava mais rapidamente agora, nas águas mais avolumadas pela cheia. Ela passou à esquerda pela pequena aldeia de Dom José de Maturi e, à direita, pela foz do rio Madeira, que deve seu nome à flotilha de restos de vegetais, às embarcações de troncos descascados ou esverdeados que traz do fundo da Bolívia.

Passou pelo meio do arquipélago de Caniny, cujas ilhotas são verdadeiras reservas de palmeiras, que, sucessivamente transportadas para a outra margem, onde ficava o povoado de Serpa, acabaram por assentar as casinhas na margem esquerda do rio, cujos umbrais repousavam no tapete amarelo da praia de cascalho e areia.

O povoado de Silves, construído à esquerda do Amazonas, a aldeia de Vila Bela, que é o grande mercado de guaraná de toda a província, logo foram deixados para trás pela comprida jangada.

Isso ocorreu também com o povoado de Faro e com o famoso rio Nhamundas, no qual, em 1539, Orellana disse ter sido atacado por mulheres guerreiras que nunca mais foram vistas desde então — essa lenda foi suficiente para justificar o nome imortal do rio das Amazonas.

Ali terminava a grande província do Rio Negro. Ali começava a jurisdição do Pará e nesse mesmo dia, 22 de setembro, a família, maravilhada com as magnificências de um vale sem igual, entrava nessa porção do império brasileiro, que a leste Só tem como limite o Atlântico.

— Como é magnífico! — dizia todo o tempo a jovem.

Como é longo! — murmurava Manoel.

— Como é bonito! — repetia Lina.

— Quando chegaremos? — dizia Frágoso.

Entendam-se de algum modo, por favor, com tal desacordo de pontos de vista! Mas, enfim, os dias passavam alegremente e Benito, nem paciente, nem impaciente, havia recuperado o bom humor de outrora.

Logo a jangada deslizou entre intermináveis plantações de cacauzeiros de um verde escuro, cortado pelo amarelo da palha ou pelo vermelho das telhas, que encimavam as choupanas dos exploradores das duas margens, desde Óbidos até a aldeia de Monte Alegre.

Em seguida, abriu-se a desembocadura do rio Trombetas, que banhava com

suas águas as casas de Óbidos, uma verdadeira cidadezinha, com largas ruas cercadas de belas casas, importante entreposto do produto dos cacauzeiros, que não ficava a mais de cento e oitenta grandes milhas de Belém.

Em seguida viram a confluência do Tapajós, de águas verde-acinzentadas, que desciam do sudoeste; depois Santarém, rico povoado, onde não havia mais do que cinco mil habitantes, índios na maioria, sendo que as casas que primeiro surgiam repousavam em enormes praias de areia branca.

Desde que partira de Manaus, a jangada não havia parado ao descer o curso menos obstruído do Amazonas. Navegava dia e noite sob o olhar vigilante do hábil piloto. Sem paradas nem para recreio dos passageiros, nem para necessidades comerciais. Continuavam a navegar, e o objetivo aproximava-se rapidamente.

A partir de Alem quer, situada na margem esquerda, um novo horizonte surgiu diante dos olhos. Em vez da cortina de florestas que os havia encoberto até então, em primeiro plano viam-se as colinas cujas suaves ondulações podiam ser acompanhadas pelos olhos e, depois delas, os cumes indecisos de verdadeiras montanhas se denteavam no fundo longínquo do céu.

Nem Yaquita, nem a filha, nem Lina, nem a velha Cybele tinham visto nada parecido.

Entretanto, na jurisdição do Pará, Manoel sentia-se em casa.

Ele podia dar o nome dessa dupla cadeia de montanhas que estreitava, pouco a pouco, o vale do grande rio.

— À direita — disse ele — é a serra de Paruacarta, arredondada em meios círculos em direção ao sul! À esquerda, é a serra de Curuva, cujos últimos contrafortes logo teremos ultrapassado!

— Então, estamos perto? — perguntou Fragoso.

— Estamos perto! — respondeu Manoel.

Sem dúvida, os dois noivos se entendiam, porque um mesmo pequeno meneio de cabeça, dos mais significativos, acompanhou a pergunta e a resposta.

Por fim, apesar da maré que desde Óbidos havia começado a surgir retardando um pouco a navegação da jangada, passaram pela aldeia de Monte Alegre, depois pela da Prainha do Onteiro, depois pela foz do rio Xingu, habitada pelos índios yurumas, que tinham como principal trabalho preparar as cabeças dos inimigos para as salas de história natural.

Que enorme largura adquiria, então, o Amazonas, e já se podia pressentir que o rei dos rios ia abrir-se como um mar! As plantas, com oito a dez pés de altura, marcavam as praias, debruando-as com uma floresta de juncos. Porto de Mos, Boa Vista, Gurupa, cuja prosperidade estava em decadência, não demoraram a ser deixadas para trás.

Ali, o rio se dividia em dois grandes braços, estendidos até o Atlântico: um corria a nordeste, o outro entrava para o leste, e, no meio deles, ficava a grande

ilha de Marajó. Essa ilha era toda uma província. Não media menos do que cento e oitenta léguas de circunferência. Cortada por vários pântanos e rios, com savanas a leste e florestas a oeste, oferecia enormes vantagens para a criação de animais, que se contavam aos milhares.

A imensa barragem de Marajó é um obstáculo natural que forçou o Amazonas a se dividir antes de jogar suas águas no mar.

Se seguisse pelo braço superior, depois de passar pelas ilhas Caviana e Mexiana, a jangada teria encontrado uma desembocadura com a largura de cinquenta léguas; mas teria encontrado, também, a barragem da "pororoca", esse terrível macaréu que, nos três dias que precedem a lua nova e a lua cheia, não leva mais do que dez minutos, em vez das seis horas, para fazer subir as águas do rio, doze a quinze pés acima da sua estiação.

Ocorre, então, um verdadeiro maremoto, o mais temível de todos. Felizmente, o braço inferior, conhecido pelo nome de canal de Breves, que é o braço natural do Pará, não está submetido às eventualidades do terrível fenômeno, e sim a marés mais regulares.

O piloto Araújo o conhecia perfeitamente. Ele seguiu por aí, no meio de florestas magníficas, costeando, aqui e acolá, algumas ilhas cobertas de grossas palmeiras muritis, e o tempo estava tão bonito que não precisavam temer as tempestades que às vezes varriam todo o canal de Breves.

Alguns dias depois, a jangada passou pelo povoado do mesmo nome, que, embora construído em terrenos inundados vários meses por ano, tornou-se, desde 1845, uma importante cidade de cem casas. Nessa região habitada pelos tapuias, esses índios do Baixo Amazonas se misturavam cada vez mais com as populações brancas, e a raça deles acabaria desaparecendo.

A jangada continuava descendo. Aqui passava rente, com o risco de ficar presa nas garras das rizóforas, cujas raízes se estendiam sobre as águas como patas de gigantes crustáceos; acolá, o tronco liso dos paletúvios com folhagens de um verde pálido servia de ponto de apoio aos longos croques da equipe, que a empurravam de volta para a corrente.

Em seguida, passaram pela desembocadura do Tocantins, cujas águas vindas dos diversos rios da província de Goiás se misturavam às do Amazonas por uma larga foz; depois o Moju, em seguida a aldeia de Santa Ana.

Todo esse panorama das duas margens passava majestosamente, sem parar, como se algum engenhoso mecanismo o obrigasse a se apresentar da foz para a nascente.

Numerosas embarcações que desciam o rio, ubás, igariteias, vigilingas, pirogas de todas as formas, pequenos e médios barcos de cabotagem das regiões inferiores do Amazonas e do litoral do Atlântico formavam um cortejo para a jangada, semelhante às chalupas de algum monstruoso navio de guerra.

Enfim, a esquerda, apareceu Santa Maria de Belém do Pará, a "cidade",



como se dizia no país, com as pitorescas fileiras de casas brancas de vários andares, os conventos enterrados sob as palmeiras, os campanários da catedral e de Nossa Senhora das Mercês, as flotilhas de escunas, brigs e navios de três mastros que a ligavam comercialmente ao Velho Mundo.

O coração dos passageiros da jangada batia forte. Enfim, chegavam ao término da viagem que acreditaram não poder concluir. Quando a prisão de Joam Dacosta ainda os prendia em Manaus, isto é, a meio caminho do itinerário traçado, podiam esperar ver algum dia a capital da província do Pará?

No dia 15 de outubro — quatro meses e meio depois de deixar a fazenda de Iquitos — Belém apareceu repentinamente numa curva do rio.

A chegada da jangada era esperada havia vários dias. Toda a cidade conhecia a história de Joam Dacosta. Aguardavam por esse homem honesto! Haviam preparado uma simpática acolhida para a família e para ele!

Centenas de embarcações vieram ao encontro do fazendeiro e a jangada foi invadida por todos aqueles que queriam festejar a volta do compatriota, depois de um tão longo exílio. Milhares de curiosos — seria mais justo dizer milhares de amigos — se amontoaram na aldeia flutuante, bem antes que atingisse o posto de amarração; mas ela era bem grande e bem sólida para levar toda essa população.

E entre aqueles que se apressavam, a senhora Valdez veio numa das primeiras pirogas. A mãe de Manoel podia, enfim, apertar nos braços a nova filha que o filho havia escolhido. Uma vez que a boa senhora não pudera ir a Iquitos, não era um pedaço da fazenda que o Amazonas trazia com a sua nova família?

Antes do entardecer, o piloto Araújo havia amarrado firmemente a jangada no fundo de uma enseada, atrás da ponta do arsenal. Ali seria o último ancoradouro, a última parada, depois de oitocentas léguas de navegação pela grande artéria brasileira. Os carbetos dos índios, as cabanas dos negros, os armazéns que guardavam uma carga preciosa seriam, pouco a pouco, demolidos; em seguida, seria a vez de a casa principal desaparecer, enterrada que estava sob a verdejante tapeçaria de folhagem e de flores; finalmente, iria a pequena capela, cujo sino modesto agora respondia aos barulhentos repiques das igrejas de Belém.

Porém, antes, uma cerimônia seria realizada na própria jangada: o casamento de Manoel e de Minha, o casamento de Lina e de Frágoso. Ao padre Passanha caberia celebrar a dupla união, que prometia ser muito feliz. Seria na pequena capela que os noivos receberiam das mãos dele a bênção nupcial.

Se, pequena demais, ela só podia conter os membros da família Dacosta, não estava a imensa jangada ali para receber todos os que quisessem assistir à cerimônia, e se ainda não fosse suficiente, tão grande deveria ser a afluência, não oferecia o rio os degraus da imensa margem à simpática multidão, desejosa de festejar aquele que uma notória reparação tornara o herói do dia?

No dia seguinte, 16 de outubro, os dois casamentos foram celebrados com grande pompa.

Desde as dez horas da manhã, num dia magnífico, a jangada já recebia a multidão de assistentes. Na margem, podia-se ver quase toda a população de Belém que se apertava na sua roupa de festa. Na superfície do rio, as embarcações, cheias de convidados, se mantinham próximas à enorme jangada, e as águas do Amazonas literalmente desapareciam sob essa frota até a margem esquerda do rio.

Quando o sino da capela soou a primeira badalada, foi como um sinal de alegria e felicidade para os ouvidos e para os olhos. No mesmo instante, as igrejas de Belém responderam ao campanário da jangada. Os prédios do porto se embandeiraram até a ponta dos mastros e as cores brasileiras foram saudadas pelos pavilhões nacionais dos outros países. Salvas de tiros dos mosquetes estrondaram de todos os lados e não era sem dificuldade que essas alegres detonações conseguiram rivalizar com os violentos hurras que corriam pelos ares!

A família Dacosta saiu da casa e se dirigiu, por entre a multidão, para a pequena capela.

Joam Dacosta foi acolhido por aplausos frenéticos. Ele dava o braço à senhora Valdez. Yaquita era conduzida pelo governador de Belém, que, acompanhado dos colegas do jovem médico militar, quisera honrar com sua presença a cerimônia do casamento.

Manoel ia ao lado de Minha, encantadora no seu traje de noiva; em seguida vinha Fragoso, segurando pela mão a radiante Lina; por fim, seguiam Benito, a velha Cybele, os empregados da honesta família, entre a fila dupla do pessoal da jangada.

O padre Passanha aguardava os dois casais na entrada da capela. A cerimônia foi realizada com simplicidade, e as mesmas mãos que já haviam benzido Joam e Yaquita se estenderam, mais uma vez, para dar a bênção nupcial aos seus filhos.

Tanta felicidade não devia ser perturbada pela tristeza das longas separações.

Manoel Valdez não tardou em pedir demissão para se juntar a toda a família em Iquitos, onde seria muito útil exercendo sua profissão como médico civil.

Naturalmente, o casal Fragoso não hesitou em seguir aqueles que eram mais amigos do que patrões.

A senhora Valdez não quis separar esse honesto e pequeno mundo; mas impôs uma condição: que viessem vê-la sempre em Belém.

Nada seria mais fácil. Não estava ali o grande rio como um elo que nunca mais se romperia entre Iquitos e Belém? Na verdade, em alguns dias, o primeiro

navio a vapor iniciaria um serviço regular e rápido e não demoraria mais do que uma semana para subir esse Amazonas que a jangada levava tantos meses para descer.

A grande operação comercial, bem conduzida por Benito, foi concluída nas melhores condições e, sem demora, do que havia sido a jangada — ou seja uma embarcação de madeira feita de toda uma floresta de Iquitos — não restava mais nada.

Um mês depois, o fazendeiro, a mulher, o filho, Manoel e Minha Valdez, Lina e Fragoso voltaram num dos navios a vapor do Amazonas para a extensa fazenda de Iquitos, cuja direção seria assumida por Benito.

Dessa vez, Joam Dacosta voltou de cabeça erguida, e foi uma família feliz que levou para além da fronteira brasileira!

Quanto a Fragoso, vinte vezes por dia ouviam-no repetir: — Hein, sem a liana!

E ele acabou dando esse bonito nome à jovem mulata, que o justificava com a sua ternura por esse corajoso rapaz.

— Com a diferença de apenas uma letra — ele dizia —, Lina, Liana, não é a mesma coisa?

Numa jangada feita de pedaços do *Chancellor*, um navio em parte destruído e posteriormente encalhado, onze homens e mulheres estão à deriva em total penúria. Quando se preparam para sacrificar um dos sobreviventes para ter o que comer, um deles cai ao mar. O náufrago bebe alguns goles d'água e percebe que se trata de água doce. A esperança renasce. Recolhidos em frente à ilha de Marajó, os aventureiros estão salvos:

*“Sim, a terra não é visível, mas ela está lá!, disse o capitão, estendendo a mão em direção ao oeste. Que terra?, perguntou o segundo contramestre. A terra da América, a terra onde corre o Amazonas, o único rio que tem uma corrente tão forte que consegue dessalgar o oceano até a vinte milhas da foz. [...] A terra está lá! Nós sentimos! O vento nos leva até lá!”*

Essas margens invisíveis constituem um polo de atração irresistível. Seria o vento? A corrente do Gulf Stream, como explica o narrador? A verdade é que, sete anos depois da publicação de *Chancellor* em folhetins, em 1874, o próprio Júlio Verne revisitou as águas amazonenses.

Entretanto, em *A Jangada*, a trajetória foi invertida. A embarcação, em escala gigante, é construída para uma pequena sociedade que se deixa levar pela corrente, partindo de uma próspera plantação situada acima de Iquitos, até Belém.

No romance, a viagem tem um duplo objetivo. Oficialmente, é o casamento de Minha com um colega do irmão. Mas, no íntimo, o pai deles, Joam Garral, espera conseguir a revisão de uma sentença que, injustamente, o condenou à morte, num processo de roubo de diamantes, vinte e seis anos antes. Na ocasião, ele trabalhava nas Minas Imperiais brasileiras, sob o nome verdadeiro, Joam Dacosta.

Depois de conseguir livrar-se da perseguição ao ultrapassar a fronteira peruana, e de ter feito fortuna graças aos seus talentos de empreendedor, o homem põe tudo em jogo, ao arriscar a vida para estabelecer a verdade e recuperar a inocência.

Muito além da trama da história, publicada em 1881, mas que, supostamente, se passa em 1852, a questão é saber o que de novo atraiu Júlio Verne ao Amazonas. Temos três pistas de explicação: o contexto político, a

missão pedagógica e a força do imaginário.

## O CONTEXTO POLÍTICO

---

Sem dúvida, no começo de tudo foi um encontro casual. Na primavera de 1878, Júlio Verne conheceu os netos do ex-rei dos franceses, Luís-Felipe, a nobilíssima família dos Orleans, por ocasião de uma estada em Le Tréport, a bordo do *Saint-Michel III*. A escuna a motor, de vinte e oito metros, que o escritor acabara de comprar, deve ter impressionado o futuro pretendente ao trono da França, Philippe d'Orléans, então conde de Paris. Ele viajava acompanhado de Gaston d'Orléans e sua mulher, aliás, o conde d'Eu e a princesa Isabel, filha e herdeira do imperador Dom Pedro II, com quem ele se casara em 1864. "Esses Orleans são gente boa, com a mente aberta. Eles me concedem a honra de gostar dos meus livros e um pouco da minha pessoa", teria, posteriormente, comentado Júlio Verne, envaidecido.

## INCENTIVOS ABOLICIONISTAS

---

Além da fascinação que exerceram sobre ele essas cabeças à espera de coroa, e independentemente do apoio que, mais tarde, Júlio Verne esperaria delas para a sua candidatura à Academia Francesa, o escritor foi seduzido pelas ideias "liberais" desses nobres. A continuação da escravidão no Brasil, a despeito das pressões britânicas para que fosse abolida, era chocante para um humanista conservador como Júlio Verne, ainda mais porque a França havia virado a página dos negreiros desde 1848. Várias vezes o assunto foi objeto de comentários indignados entre os viajantes: Victor Jacquemont, Jacques Arago etc. A escravidão havia sido energeticamente denunciada em "*Le Brésil et la colonisation*", de Élisée Reclus, publicado em Paris em 1862, na importante *Revue des Deux Mondes*. Verne, que admirava o geógrafo libertário, não pode ter deixado de ler essa síntese.

O próprio romancista, no começo do ano, havia publicado *Um capitão de quinze anos*, uma apologia antiescravagista.

Provavelmente evocado nas discussões em *Le Tréport*, o assunto excitava

cada vez mais as paixões brasileiras. Philippe d'Orléans havia lutado nas fileiras do Norte na Guerra Civil americana, da qual, posteriormente, foi historiador ao escrever a sua *Histoire de la Guerre civile en Amérique* (História da Guerra Civil na América). E os filhos do imperador brasileiro haviam, por sua vez, dado sinais favoráveis para a emancipação gradual dos negros. Sob o reinado interino da princesa Isabel havia sido aprovada a Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871. Ela própria às vezes organizava festas para recolher fundos em prol da alforria, muito antes de ser levada a assinar a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. Quanto ao conde d'Eu, ele havia posto um fim na escravidão do Paraguai, depois do conflito contra o ditador Francisco Solano Lopez, em 1870<sup>8</sup>, e havia dado o exemplo antecipando a liberdade de seus próprios escravos.

*8 Certamente, é preciso relativizar a audácia da medida: diferentemente do Brasil, os escravos representaram apenas uns 3% da população paraguaia. Além disso, o gesto humano é esobrecido pela crueldade demonstrada pelo conde durante a guerra.*

Ao dar um cenário brasileiro à intriga e, sobretudo, começando com a intervenção de um antipaticíssimo capitão-do-mato encarregado de capturar os negros fugitivos, Júlio Verne soube encontrar o pretexto certo para encorajamentos cheios de esperança em favor da emancipação:

*"Em 1852 [...] ainda havia escravos no Brasil [...] mas o negro já tinha o direito de comprar sua alforria e os filhos que dele já nasciam livres. Contudo, não estava longe o dia em que esse magnífico país, no qual poderiam caber três quartos da Europa, não teria um único escravo entre seus dez milhões de habitantes."*

É bem verdade que a informação é aproximativa pois, como vimos, a Lei do Ventre Livre é posterior a 1852, mas isso não tem importância. Essas afirmações, longe de constituir uma crítica ao regime em vigor, ofereciam um suporte oportuno aos moderados esforços da família real.

## PRUDÊNCIA DIPLOMÁTICA

---

Movido por igual benevolência, o escritor mantém uma especial reserva sobre duas outras questões polêmicas: a abertura do rio à navegação internacional e o traçado da fronteira que separava a Guiana Francesa do Brasil. O primeiro ponto, que já pertencia ao passado, havia sido habilmente resolvido no dia 7 de setembro de 1867. O imperador brasileiro havia, então, permitido

que as bandeiras estrangeiras circulassem pelo Amazonas, desde que seus países de origem houvessem resolvido os litígios relativos à fronteira com o Brasil. Júlio Verne escreve: *No dia 31 de julho de 1857, depois de inúmeras contestações de fronteira entre a França e o Brasil sobre o limite da Guiana, o curso do Amazonas, declarado livre, foi aberto a todas as bandeiras*".

Se o romancista cometeu um erro de data, provavelmente foi porque não soube cruzar duas de suas fontes: de um lado uma comunicação intitulada "Le Fleuve des Amazones et ses affluents" (O Rio das Amazonas e seus afluentes), enviada do Amazonas no dia 11 de dezembro de 1875 por Rafael Reyes ao *Bulletin de la Société de Géographie* (Boletim da Sociedade de Geografia), e que citava a data de 31 de julho de 1867, e do outro, um dos numerosos artigos do abade Édouard Joseph Durand, publicados no mesmo *Bulletin*, entre 1869 e 1875. As *Considérations générales sur l'Amazonie* (Considerações gerais sobre o Amazonas) desse ex-missionário no Brasil, posteriormente pároco da catedral de Notre-Dame, em Paris, indicam a data de 1857. Por força das circunstâncias, Júlio Verne só pôde reproduzir, e até agravar, as inúmeras inexatidões dos documentos dos quais dependiam suas informações.

O mais significativo, no entanto, não é o erro de data, mas o fato de que o escritor confunde a questão da navegação internacional no Amazonas com a do litígio da fronteira entre a França e o Brasil. Porém, não havia nenhuma ligação entre essas duas questões, a não ser a vontade do autor de evitar qualquer discussão nacionalista. Então, ele finge acreditar que o acordo de um dos processos levou à solução do outro, sendo que nada disso era evidente. Antes da intervenção da Suíça, em 1900, na arbitragem da questão guiano-brasileira, outros escritores não foram tão discretos quanto Verne. Seis anos depois de *A jangada*, Louis Bousсенard, entre outros, consagrou um capítulo inteiro da sua ficção *Les chasseurs de caoutchouc* (Os caçadores de borracha) à briga do "Contestado", atual Amapá.

Em termos veementes, Bousсенard acertou as contas com o Brasil, apoiou o explorador Henri Coudreau, que havia sido o centro de um incidente diplomático, e repreendeu os representantes da França que teriam abdicado rápido demais dos direitos do país nesse caso: *"O Brasil quer acabar com isso, mas com a condição de que percamos totalmente nossas posses e de nos relegar ao limite de Carsevenne, ou seja, quer ficar com nove décimos do objeto em litígio. No entanto, nossos direitos são inegáveis e não conseguiríamos agradecer suficientemente nossos homens de Estado que, no momento em que escrevemos essas linhas (março de 1886), ainda tentam obter condições compatíveis com os nossos interesses e, sobretudo, com a nossa dignidade."*

Diante dessas afirmações, podemos avaliar melhor a ponderação e o tato de Júlio Verne.

## EUFORIA COLONIZADORA

---

Júlio Verne participa da mentalidade da época, ao declarar uma fé cega e exaltada na ordem e no progresso que só a civilização ocidental podia oferecer. Assim sendo, ele não duvidava que na Amazônia estivesse o futuro do mundo. Nesse aspecto, aderiu ao discurso dominante na época, como o do ictiologista Louis Agassiz, ex-aluno de Spix, e que ficou no Brasil em 1865-1866: *"Quando me lembro de quantas pessoas paupérrimas vi na Suíça, [...] e quando penso na facilidade com que tudo aqui brota, numa terra em que tudo é de graça, pergunto-me por que estranha fatalidade uma metade do mundo está de tal forma repleta de habitantes que o pão não chega para todos, enquanto na outra metade a população é tão escassa que os braços não chegam para a colheita!"*

Antes dele, o grande cientista Alexandre de Humboldt, cuja obra *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent* (Viagem às regiões equinociais do Novo Continente) operou uma mudança decisiva no conhecimento científico sobre a região, já havia lançado uma profissão de fé semelhante, muitas vezes repetidas: "É ali que o comércio e a civilização do mundo deverão, um dia, se concentrar".

Ao contrário da nossa conscientização contemporânea de que os recursos naturais disponíveis podem esgotar-se diante de uma gestão predadora do meio ambiente, do massacre da biodiversidade ou, simplesmente, da fragilidade dos solos, Júlio Verne estava convencido de que as fabulosas riquezas da Amazônia se regenerariam à medida que fossem exploradas, como a terra desmatada pelos homens de Joam Garral, para construir a imensa jangada:

*[...] "foi uma 'derrubada total', todos os troncos foram cortados rentes ao chão, aguardando o dia em que seriam extraídas as raízes, nas quais a primavera seguinte estenderia os ramos verdejantes."*

A ação colonizadora não visava apenas valorizar, mas nivelar a diferença:

*[...] "essa milha quadrada, banhada pelas águas do rio e seu afluente, estava destinada a ser arroteada, lavrada, plantada, semeada e, no ano seguinte, campos de mandiocas, de cafeeiros, de inhames, de canas-de-açúcar, de ararutas, de milho, de amendoins cobririam o solo, até então sombreados pelas ricas plantas da floresta."*

A passagem de uma natureza selvagem para uma natureza cultivada, domesticada, era também a do "outro" ao "mesmo". A escala em Manaus do pequeno mundo de Joam Garral foi uma oportunidade para demonstrar o espanto diante da velocidade da aculturação:



*"E que tipo de pessoas se via sair na hora do passeio, tanto dos prédios públicos como das casas particulares?"*

*Homens de aspecto distinto, com sobrecasaca preta, chapéu de seda, sapatos de verniz, luvas de cores suaves, diamantes no nó da gravata; mulheres com toaletes volumosas e espalhafatosas, vestidos com falbalás, chapéus na última moda; finalmente, os índios, que também se europeizavam e acabavam com tudo o que poderia permanecer da cor local, nessa parte média da bacia dos Amazonas."*

Portanto, nas terras chamadas de "virgens", onde nada do que era "descoberto" tinha dono, tudo existia em estado de total disponibilidade, pronto para ser explorado ou para ser usado na experimentação do know-how dos brancos. Nada deveria resistir.

Quem iria chorar pelas "vítimas colaterais" e pela destruição do nativo que, inevitavelmente, o amplo e industrioso projeto capitalista trazia consigo, defendido em nome de toda a humanidade e para o bem dela? Júlio Verne virou as costas para a nostalgia romântica das primeiras épocas. Em A jangada, tanto a fauna, como a flora e as populações indígenas são tratadas como um acidente da paisagem:

*"Sim, no Alto Amazonas, muitas raças de índios já desapareceram, entre outras os curicurus e os sorimaos. [...] É a lei do progresso. Os índios desaparecerão. Diante da raça anglo-saxã, australianos e tasmanianos desapareceram. Diante dos conquistadores do Extremo Oeste extinguíram-se os índios da América do Norte. Algum dia, provavelmente, os árabes serão dizimados diante da colonização francesa."*

## RACISMO TEMPERADO

---

Hoje em dia estarrecedoras, essas afirmações, no entanto, não tinham nada de extraordinárias no contexto da época. O antiescravagismo de Júlio Verne combina perfeitamente com a fé que ele tinha na expansão colonizadora e até num certo racismo que, aliás, era relativamente moderado, por exemplo, ao lado das teorias desenvolvidas pelo conde de Gobineau. As teses variavam.

Alguns viam nos índios a versão original da humanidade, antes de se bifurcar para a degeneração (o negro africano) e para o seu mais belo florão (o branco caucasiano). Outros, como Francis de Castelnau, que havia percorrido o Brasil em meados do século XIX, consideravam os índios como um elo no progresso

das raças que levavam à candidez mais pura. Mas qualquer que fosse o caminhar histórico, a hierarquia era, notoriamente, a mesma para todos, colocando os europeus no alto da pirâmide. Podemos percebê-la claramente na organização social bem compartimentada da jangada: o espaço aberto da maloca para os índios, a clausura das "cabanas" "hermeticamente fechadas nos quatro lados" para os negros. Movimentando-se nas árvores com uma agilidade e uma força estereotipadas, os descendentes de africanos tiveram o aspecto simiesco acentuado pelas ilustrações de Bennett. Todos eles constituem o pano de fundo, a massa anônima dos empregados. Os papéis principais são representados pelos brancos.

Entretanto, exclui-se desse segregacionismo a figura da Lina, "uma bonita e risonha mulata", a cópia alegre e descabeçada de sua patroa, Minha.

As causas da debilidade dos índios fazem com que alguns, como o conde de Suzannet em 1840, desejem uma tutela francesa, achando que eles podiam se civilizar se não fossem dominados pelos bárbaros patrões portugueses e brasileiros: *"As missões estabelecidas nos limites da Guiana salvariam da destruição essa raça desafortunada; a Europa teria, finalmente, representantes dignos, nessa terra entregue à exploração conjunta da astúcia e da força."*

Menos de uma dezena de anos mais tarde, Francis de Castelnau reclama uma ação do Ministério do Exterior francês: o Amazonas, *"Apesar do estado de abandono, certamente está destinado a desempenhar um importante papel na história futura da raça humana. [...] Uma vez nossos navios no Amazonas, a civilização francesa, levada por nossos missionários e nossos comerciantes, começaria uma obra que depois terminaria, se nos aproveitássemos habilmente das comições políticas que, em breve e fatalmente, devem abalar o fraco governo do imenso território do Brasil."*

Imperialismo à parte, não estamos longe da tese de Gonçalves Dias, segundo a qual os tupis eram remanescentes de um povo civilizado que caíra em decadência. Apesar das ações nefastas dos primeiros colonos portugueses, o poeta romântico ainda esperava salvá-los e assimilá-los, desde que o governo brasileiro se dignasse a enviar-lhes missionários.

Sem questionar as "responsabilidades" da raça branca, Júlio Verne modula os discursos conquistadores, para não ferir a tempera brasileira. Porém, ao mesmo tempo, tranquiliza os eventuais viajantes ou os colonos em potencial em relação aos perigos existentes: nada de febres, nada de trajetos acidentados. Os únicos perigos são inerentes ao enredo, que precisava de recursos pitorescos: alguns crocodilos, um peixe elétrico etc.

---

De fato, o credo verniano se nutria sobretudo das promessas trazidas com o conhecimento científico. A ciência, geralmente a serviço do expansionismo ocidental e da vocação civilizadora de que esse expansionismo se paramentava, estava em pleno desenvolvimento. Na continuidade do projeto enciclopédico das Luzes, ela acumulava dados geográficos, botânicos, zoológicos, linguísticos, culturais *etc*. No diapásão da nova onda de colonialismo, da qual a França e a Inglaterra eram à força de ataque, as explorações esquadrihavam o mundo nos seus menores recantos, investigavam, mediam, recenseavam. Revestidas da universalidade da Razão e do Progresso destinados, num futuro próximo, a triunfar no mundo todo sobre a "barbárie", as explorações nomeavam, classificavam e etiquetavam o desconhecido, tanto na Amazônia quanto em qualquer outro lugar. Esperando ser beneficiado por essas viagens, o Brasil ambicionava controlar melhor um território subpovoado, enquanto as potências financiadoras esperavam tirar vantagens políticas, econômicas ou comerciais.

#### SEDE DE SABER, SEDE DE CONQUISTA

---

Da expedição Langsdorff (1825-1829) à espanhola Comissão Científica do Pacífico (1862-1866), dos austríacos Johan Baptist Von Spix e Friedrich Von Martius (1817-1820) ao príncipe Adalberto da Prússia (1842), passando pelo americano Daniel P. Kidder (1840), por Alcide d'Orbigny (1826-1843), por Alfred Russel Wallace (1847-1849), por Robert Avé-Lallemant (1859), por Jules Crevaux (1869-1882) e outros como Gustavo Dodt (1873), foram dezenas e dezenas de aventureiros que exploraram e reviraram a região de ponta a ponta. Júlio Verne se apoiou nesse trabalho de campo, ao qual teve acesso por meio das publicações. Isso porque, graças ao progresso considerável do mundo editorial, a multiplicação das explorações caminhava junto com uma explosão de publicações de revistas: científicas, oficiais, populares *etc*. Os depoimentos eram, em geral, de primeira mão, às vezes de segunda. Resumia-se, compilava-se, comentava-se e, assim, dava-se margem à transmissão, ou ao acréscimo de erros, à criação de mal-entendidos que nosso autor, inevitavelmente, passou para a frente.

Às vezes corrigindo suas fontes, separando aqui e ali o joio do trigo, Verne se

preocupou com a exatidão. Censurou o relato do pintor Auguste François Biard, "por demais fantasioso", arbitrou uma discussão de geógrafos sobre as origens do Amazonas, retificou algumas hipóteses de Humboldt, refutadas pelos sucessores...

Membro da Sociedade de Geografia de Paris desde 1865, amigo de cientistas famosos, ele teve a consciência de que contribuía, com suas obras, para a divulgação dos conhecimentos da sua época. Em 1872, um ano depois de mudar com a família para Amiens, ao norte de Paris, ele já era membro da Academia de Ciências, de Letras e Artes da cidade, instituição que presidiu em 1875. Em geral, seus contemporâneos estavam de acordo ao salientar a qualidade da informação de Júlio Verne, "ciência verdadeira, ciência de boa qualidade".

## INSTRUÇÃO PARA TODOS

---

Alem do mais, seus livros nunca sacrificaram a edificação científica aos encantos do romanesco. Esse sutil equilíbrio foi encorajado e perenizado pelo encontro com Pierre-Jules Hetzel, em 1862. Júlio Verne tinha, então, 34 anos. O editor havia sido chefe de gabinete do governo Lamartine, em 1848, durante a efêmera Segunda República. Proscrito depois do golpe de Estado de 1851, que instalou Napoleão III no comando do Segundo Império, Hetzel voltou do exílio em Bruxelas, graças à anistia de 1859, com o projeto de se especializar em edições para as famílias. Auxiliado por Jean Mace, outro militante republicano e ardente partidário da escola leiga, gratuita e obrigatória, ele queria formar o cidadão do amanhã, invadindo um campo até então dominado pela Igreja Católica: o livro para a juventude. A equipe, rapidamente acrescida de Júlio Verne, lançou, em 1864, o Magazine Éducation et de Récréation (Revista de Educação e Recreação). Foi nessa revista quinzenal de trinta e duas páginas que, inicialmente, foi publicada *A Jangada*, em folhetins. Ao todo, quarenta das sessenta e duas *Viagens extraordinárias* foram nela publicadas, de 1865 a 1912, antes de serem resgatadas nos volumes da "Bibliothèque d'Éducation et de Récréation" (Biblioteca de Educação e Recreação). Aproveitando a tradição do presente de ano-novo, era publicada no fim do ano uma edição mais luxuosa, ilustrada, com capa dura em vermelho e dourado, daquelas que, hoje em dia, fazem o deleite dos bibliófilos.

## IMPOSIÇÕES NARRATIVAS

---

Tanto para os romances quanto para as amplas obras encomendadas por Hetzel, uma *Géographie de la France* (Geografia da França) e uma *Histoire des Grands Voyages* (História das Grandes Viagens), Júlio Verne estabeleceu um método: "Antes de começar a escrever minhas histórias, eu tomava várias notas extraídas de todos os tipos de livros, de jornais, de revistas ou de resumos científicos". O escritor assinalava, com naturalidade, mas não sistematicamente, sua dívida, ao citar um cientista, um viajante.

Os nomes mais conhecidos davam crédito ao seu texto, os outros demonstravam seu esforço documentário. De resto, a liberdade do romance o dispensava de um total rigor, mesmo que a sua vocação didática exigisse que, a esse rigor, submetesse a sua narrativa. Foi preciso, por exemplo, que o narrador, eventualmente, delegasse aos personagens a missão de instruir "sem dor" ou de discutir pontos litigiosos. Isso implicava fazer de certos personagens pessoas letradas ou, então, sábios. Em *A Jangada*, esse foi o papel destinado a Benito Garral e a Manoel Valdez, jovens estudantes aptos a divulgar, mesmo que de uma forma pesada, a parte didática sobre o Amazonas, exposta no capítulo V.

Graças à similitude de certas fórmulas, à reprodução de grafias erradas, é possível identificar a maior parte das fontes usadas e constatar, assim, que certas passagens são inteiramente inspiradas dessas narrativas, sendo que, ao contrário, outras misturam diversas matrizes, apoiando-se sem dúvida nas fichas temáticas que agrupavam as notas. A reescrita fez cortes, aprimorou e harmonizou o estilo, eliminando os traços de montagem muito visíveis. Por exemplo, a viagem da família Garral segue fielmente o itinerário da *Voyage de L'océan Pacifique à L'océan Atlantique à travers L'Amérique du Sud* (Viagem do oceano Pacífico ao oceano Atlântico, através da América do Sul) (1848-1860) realizada pelo bordelês Paul Marcoy, ou seja, Monsieur de Saint-Cricq, cujo relato foi publicado em 1867, nos números de *Le Tour du Monde*.

Magnificamente ilustrados por gravuras de página inteira, esses fascículos destinados ao grande público continham relatos pitorescos que, em geral precediam uma edição em livro. Eles constituíram uma mina de informações para Júlio Verne. Ao confrontarmos os textos, etapa por etapa, vemos que ele escavou nas indicações fornecidas por Paul Marcoy os dados sobre a história de um povoado, sua topografia, sua população etc. Como a publicação das notas de viagem em *Le Tour du Monde* foi interrompida provisoriamente em Manaus, a intriga mais completa se desenvolveu acima dessa cidade, a capital amazonense

se impondo como teatro do desfecho.

Da mesma forma, não há dúvidas de que Ferdinand Denis inspirou não apenas a figura do capitão-do-mato — um capítulo foi consagrado a esse personagem na súmula publicada por ele em 1837, *Le Brésil* —, mas também a figura do barbeiro. Ao ilustrar sua apresentação das camadas inferiores da sociedade pelo exemplo dos "cabeleiros", o pai dos estudos brasileiros na França diferenciou os do Rio de Janeiro, cujos salões tinham um papel de socialização equivalente, ele dizia, daqueles dos cafés na França, e os [...] "barbeiros ambulantes que exercem a profissão ao ar livre, e que se encarregam, mediante um pagamento dos mais módicos, de dar provas de sua habilidade. Relegados, é verdade, ao último escalão da hierarquia dos barbeiros, esses Fígaros nômades sabem tornar sua profissão bem lucrativa, quando, ao manejar habilmente a navalha e as tesouras, se consagram ao serviço da vaidade dos negros, os dois sexos igualmente apaixonados pela elegância do corte do cabelo."

Imaginamos os olhos de Júlio Verne caindo sobre essas linhas em plena fase preparatória, quando justamente procurava um tipo de condição intermediária para colorir de vida e de generosa alegria a seriedade e a circunspeção da família Garral e, ao mesmo tempo, arranjar um par masculino para Lina. Frago nasceu. "Ele era um dos barbeiros nômades que corriam as margens do Alto Amazonas, indo de povoado em povoado, pondo os recursos da sua profissão a serviço dos negros, das negras, dos índios e das índias, que muito os apreciavam."<sup>9</sup>

*9 Para completar o estudo sobre os empréstimos feitos por Júlio Verne, o leitor pode ler nosso artigo "O rio palimpsesto — O Amazonas de Júlio Verne, das fontes à ficção", in Revista da USP, nº 13, São Paulo, março-maio de 1992, pp. 166-173, para referência aos textos, e Revista da USP, nº 15, São Paulo, setembro-novembro de 1992, p. 168, para as anotações.*

## FEBRE DEMIÚRGICA

---

Assim como para as variedades de pássaros, como também para as definições das árvores, para as espécies de [plantas etc, o léxico do penteado contribuiu para as enumerações entusiastas. Ao mesmo tempo que divertem e mantêm o suspense, esses acúmulos de substantivos traduzem uma avidez compulsiva pela nomenclatura. Esse frenesi taxonômico é um testemunho do poder do verbo: nomear, é devolver o caos para a ordem da linguagem, é

subjugar cada ser e possuí-lo. Pela sonoridade técnica, científica ou exótica, as palavras manifestam a superioridade humana, ao menos a ocidental, capaz de de apropriar de qualquer coisa e de qualquer cultura. Único material e último recurso do escritor, elas são a ferramenta do seu poder e do seu prazer.

## A FORÇA DO IMAGINÁRIO

---

Agora chegamos à última dimensão desse romance: sua faculdade de produzir o deleite. Coerente com o projeto pedagógico e seu horizonte político, essa virtude, no entanto, diz respeito a uma questão bem mais profunda e complexa: a do desejo que o levou à escrita e que acaba reaparecendo no leitor, independentemente da época em que ele vive. Essa questão nos faz voltar ao ponto de partida: o que chamou Júlio Verne para o Amazonas? Mas nosso olhar, agora, se move para ser, também, reflexivo: o que atraiu, e ainda atrai, gerações de leitores, jovens e velhos, adolescentes e adultos, leigos e universitários para esses romances? Embora ainda às vezes mantido à distância pela crítica, ele foi dos escritores franceses mais traduzidos no mundo. Se a nossa admiração não pode ser justificada por uma convivência moral ou ideológica, então como explicá-la?

## NOVAS MITOLOGIAS

---

Pelo universo interior de um homem, construído e expresso à sua revelia? Sem dúvida. Júlio Verne foi um daqueles que retocaram os antigos mitos. Daqueles que lhes acrescentaram alguma coisa nova. Sua volta ao mundo em oitenta dias, as viagens ao centro da Terra e à Lua, as vinte mil léguas submarinas, o Nautilus, a forte e secreta figura do capitão Nemo são alguns dos motivos que impulsionaram nossas fantasias inconscientes. A jangada reativa vários dos elementos desses mundos paralelos: a cidade flutuante, a ilha utópica, o criptograma, o erro judiciário, a descida de um rio... Essas imagens recorrentes são sinais de mecanismos literários profundamente significativos e ancorados na inteligência do criador.

É verdade que nem todas essas imagens são exclusividades de Júlio Verne. O erro judiciário, por exemplo, é um tema privilegiado na ficção anarquista. Mas, no caso da *Jangada*, cabe a um juiz exultante corrigir a Justiça, o que enfraquece uma eventual contestação dessa mesma instituição. Numa tarefa aprendida com Edgar Allan Poe e seu "Escaravelho de ouro", pouco a pouco as paisagens e aulas de geografia dão lugar à decifração do misterioso documento, colocado à testa do romance. Nas últimas páginas do livro, o Amazonas desaparece, para privilegiar, em oito capítulos, as linguagens codificadas, cuja chave final é uma verdadeira lição sobre as técnicas da cifra. Primeiro foi preciso passar da superfície do rio para as suas profundezas, para pescar o estojo perdido. À medida que ocorrem essas peripécias, se opera uma mudança dos nomes próprios: Garral passa a ser Dacosta, Suyjhd se lê Ortega, Minha se torna a senhora Valdez... Como se a navegação só tivesse um destino: fazer com que todos ganhassem acesso a uma nova verdade ou a uma verdade oculta de si próprio. "Todas as viagens transcorrem simultaneamente como um texto a ser escrito e como uma escrita a explorar", proclama a crítica Marie-Hélène Huet, a propósito das odisséias vernianas. Será que *A jangada* teria também como objeto decifrar o que nos escreve?

A viagem é estruturada como uma linguagem. Como Vicente Jarriguez, Júlio Verne se deleitava com os anagramas, palíndromos e outros enigmas. Antes de Saussure, Freud ou Lacan. Ele também parecia ter uma familiaridade involuntária com o lapso. Olivier Dumas apontou, nesse aspecto, a insistência das letras G e A: Jangada, GArral, FIGARo, FrAGoso, o povoado de EGA, OrteGA etc.

Ele vê aí uma olhada inconsciente para o nome da atriz à qual o seu filho se havia ligado recentemente: Thérèse DuGazon. Pode ser.

Com o mesmo propósito, poderíamos discutir a coincidência IQUITos e YaQUIta, sintomática de uma interrogação sobre identidades, sendo que o francês "qui" significa "quem". Em todo o caso, é intencionalmente que Júlio Verne usa a liana, que leva Lina a Fragoso e aos liames do matrimônio. Como nota o filósofo Michel Serres nas suas iluminadas *Jouvences sur Jules Verne* (*Juventudes em Júlio Verne*), o que se enumera num jogo de escrita, é transposto também em metáfora e metonímias. A liana, o fio de Ariane invertido, ornamento de uma forma delirante a casa principal da jangada, antes de encontrar correspondência no cordão umbilical do escafandro, nas figuras livres do "minhocão" e do "poraquê", de se desamarrar em "corda de enforcado" e de se amarrar com "corda no pescoço".

No registro do inconsciente, no quadro silvestre do capítulo VI não falta surpresa: todas as cores podem ser encontradas, exceto o verde. A narrativa toma um rumo inesperadamente erótico, com as cascas que ficaram "nuas", as árvores "esfoladas vivas", o sol que "acaricia" o solo, a "intumescência" dos "barrigudos", a "abóbada cor-de-rosa" dos quatibos, a ibiratea "carnosa" etc. O



auge é atingido com as fálicas sapucaias "cujo topo se abre num ramallete de artificios vegetais que as plantas parasitas colorem de amarelo, de roxo e de um branco cor de neve". Essa floresta carnal deixa entrever o que se pode simbolicamente explorar ao se deixar embalar pelas Amazonas. Talvez assim, a floresta de papel se vingue, de uma forma disfarçada, das boas aparências apregoadas pelo autor e do moralismo vendido pelo editor. Devia-se deixar essa literatura entre todas as mãos?

Um texto como *A jangada*, escreve ainda Michel Serres, pode ser avaliado em termos de estática, de dinâmica, de calor e de energia. Um escritor tem a sua disposição duas linguagens: a do fogo, das forças e da mecânica (os combates da *Ilíada*), a dos logógrafos, os textos lacunares, supercodificados, ilegíveis, que levam à aventura da tradução (os devaneios da *Odisseia*). Para um é destinado, como variante, a termodinâmica, para o outro, a teoria da informação. O primeiro guiou o *Chancellor*, o segundo, *A jangada*.

Isso explicaria por que o mesmo texto é escrito duas vezes, com duas jangadas que vão para a mesma foz, em busca do ponto de equilíbrio, do seu equador. Por querer ir pelo caminho mais curto, o primeiro relato só navega o fracasso. O outro segue pela vertente mais longa, marcada por choques e tensões. De uma entropia à outra, a imperturbável escrita joga suas descargas, suspende, codifica, reanima, libera o desejo. Na corrente do rio, elétrico curso da pena, gimnotídeo.

MICHEL RIAUDEL

Professor da Université de Poitiers, Faculté des Lettres et des Langues

Pesquisa: entre utros temas, Estudos Brasileiros

## JÚLIO VERNE CRIOU A MAIOR JANGADA DO MUNDO

---

ANTONIO CALLADO  
COLUNISTA DA FOLHA

O fértil inventor de tramas que foi Júlio Verne jamais terá tido idéia mais curiosa e -de um ponto de vista histórico- mais clarividente do que aquela em que montou seu romance "La Jangada".

A história básica do livro é que o fazendeiro João Garral, que tem enorme propriedade em Iquitos, no Peru, precisa ir, com a família, até Belém do Pará. Pois, para não sair dos seus confortos, Garral, em vez de alugar um navio, manda derrubar uma floresta, faz com os troncos uma jangada gigantesca e nela constrói, ou copia, a sede da sua fazenda, com a senzala, a capela local, armazéns e armarinhos.

João Garral, em suma, recusa-se a viajar no espaço, a se transferir, se deslocar como uma coisa qualquer. Ele irá, descerá o Amazonas até sua foz, já que precisa ir, mas dentro dos seus costumes, seus hábitos e suas manias.

Não se afasta do que tem, nem muda nada do que é. Viajará pelo mundo dos homens em geral, mas dentro de sua casa, cercado dos seus familiares e escravos, no centro do seu mundo patriarcal. Os incomodados que se mudem.

Só é pena que esse cenário de abertura de "La Jangada" não acabe na catástrofe que o leitor espera. Porque a idéia do jangadão de Júlio Verne esconde uma metáfora perturbadora do país: nosso eterno Brasil escravocrata tentando ignorar as próprias forças da natureza, simbolizadas na Amazônia. O jangadão devia realmente encalhar no meio da jurássica fauna inventada em "O Mundo Perdido" por Conan Doyle, o Júlio Verne inglês.

Não é o que acontece. Profeta mais calmo e, no caso, mais displicente do que poderíamos imaginar, Júlio Verne carrega seu castelo rural sem um solavanco até Belém do Pará.

Preferiu, em lugar de compor o romance quase que imposto pela imperiosa idéia da cidade flutuante, cuidar o tempo todo do drama pessoal de João Garral, acusado de um crime que não cometeu.

A confissão do verdadeiro culpado é esclarecedora e definitiva, mas consta de um documento cifrado. A luta é a busca da chave numérica que tornará o texto compreensível. O próprio Verne se refere a um conto de Edgar Allan Poe com trama parecida.

E, enquanto essa pobre novelinha policial se desenrola, casa grande e senzala vão descendo impávidos o Amazonas, a bordo do jangadão.

Agora pergunto eu: quem conhece "La Jangada", de Júlio Verne, no Brasil? Pela parte que me toca, só tomei conhecimento da sua existência há uns poucos anos.

Num livro italiano sobre literatura amazônica, esbarrei na referência ao livro de Júlio Verne, publicado em 1881. O título não tinha nada a ver com "radeau", que é a palavra francesa para jangada.

Júlio Verne tinha ido direto ao português, "La Jangada". Será que o livro foi traduzido? Eu li, como todo o mundo, "Vinte Mil Léguas Submarinas", "A Volta do Mundo em 80 Dias", ou "Miguel Strogoff". Mas "La Jangada"?

A Biblioteca Nacional informa que em 1966 a editora Matos Peixoto publicou tradução de "La Jangada". A biografia de Júlio Verne que consultei em dois dicionários enciclopédicos sequer menciona o romance.

E a obra clássica que temos no Brasil sobre o assunto jangada, o encantador "Jangada", de Luís da Câmara Cascudo, não diz absolutamente nada sobre o livro de Júlio Verne.

Cascudo não era um "scholar" superficial. No capítulo "Construção" do seu estudo, Cascudo começa do começíssimo, dizendo: "Em abril de 1500 Pero Vaz de Caminha ensinava que as jangadas 'somente são três traves, atadas entre si'. (...) É a primeira lição sobre com quantos paus se fazia a futura jangada, que ainda não tinha este nome".

A partir de Pero Vaz, Cascudo vai à jangada tal como a viram Jean de Léry, Magalhães Gandavo, Marcgraf e Nieuhof, Henry Koster, Tollenare, a mulher de Agassiz.

Não havia de faltar no livro de Cascudo, quando ele se ocupa de poetas e escritores contemporâneos, a história, talvez a melhor de todas, que é a contada por Rachel de Queiroz.

Ei-la: "Vinha um navio inglês em mar alto, quando de bordo se avistou uma jangada. Pensaram naturalmente que eram náufragos, agarrados àquela balsa rude. Pararam, atiraram uma linha, gritaram coisas em inglês. Os jangadeiros apanharam a corda, sem entender. 'Que será que eles querem, compadre?' Até que o mestre da jangada pensou, interpretou: 'Acho que eles estão querendo é reboque'."

Voltando agora ao assunto: como explicar que não haja na "Jangada" de Câmara Cascudo menção, sequer, à maior jangada jamais construída no mundo, e por ninguém menos que o fundador, ou um dos gênios fundadores da ficção científica?

Bom, a verdade talvez seja que "A Jangada" me desapontou porque o tempo todo em que o li o romance me trouxe à memória o esplêndido filme que é "Fitzcarraldo", de Werner Herzog.

Na inspiração que levou Júlio Verne a derrubar toda uma floresta para construir seu "Titanic" de paus roliços, havia o grão de loucura que levou Fitzcarraldo a carregar seu navio por cima das colinas amazônicas para maior glória da ópera italiana, que ele toca para os índios e as araras num vetusto gramofone.

Vejo num livrinho recente sobre Júlio Verne que um diretor espanhol, Gómez Muriel, teria filmado "A Jangada" em 1961, com o título de "800 Léguas por el Amazonas". Mas alguém ouviu falar nesse filme?

Que sortilégio, que mau olhado é esse que parece ocultar e dissolver na Amazônia, como uma esguia piroga, a maior jangada que a literatura inventou, a jangada que ninguém jamais saberá dizer com quantos paus se fez?

São Paulo, sábado, 7 de dezembro de 1996  
Folha Ilustrada

1- As medidas itinerárias no Brasil eram: a pequena milha, equivalente a 2.060 metros, e a léguacomum ou grande milha, equivalente a 6.180 metros. (N.T.)

2- A afirmação de Benito, verdadeira na época em que as novas descobertas ainda não haviam sido feitas, não pode ser considerada exata hoje em dia. O Nilo e o Mississipi-Missouri, segundo os últimos levantamentos, parecem ter um curso superior ao do Amazonas, em extensão. (N.T.)

3- Regime político da França, de 1795 a 1799, em que o poder executivo era composto por um conselho de cinco membros. (N.T.)

4- Inúmeras observações feitas por viajantes posteriores não concordam com as de Humboldt. (N.T.)

5- Seiscentas léguas desse rio foram estudadas por M. Bates, um geógrafo inglês. (N.T.)

6- Sete bilhões e quinhentos milhões de francos, de acordo com a avaliação, sem dúvida bem exagerada, de Romé de 1'Isle. (N.T.)

7- O quilate valia quatro grãos ou doze miligramas.

**JULES VERNE**

**LA JANGADA**

**Huit cent lieues sur l'Amazone**

**1881**



## PREMIER ÉPISODE



## CHAPITRE PREMIER – UN CAPITAINE DES BOIS

*« Phylslyddqfdzxcgasgzzqqehxgkfnrdxujugiocytdxvksbxxhuypo  
hdvyrymhuhpuydkjoxphetozslentpmvffovdpajxhyynojyggayme  
qynfuqlnmvlyfgsuzmqiztlbqgyugsqubvnrc redgruzblrmxyuhqhp  
zdrrocrohepqxufivrvrplphonthvddqfhsntzhhhnfepmqkyuuextog  
zgkyuumfvijddqdpzjqsykrplxhxqrymvklohphotozvdksppsuvjhd. »*

L'homme qui tenait à la main le document, dont ce bizarre assemblage de lettres formait le dernier alinéa, resta quelques instants pensif, après l'avoir attentivement relu.

Le document comptait une centaine de ces lignes, qui n'étaient pas même divisées par mots. Il semblait avoir été écrit depuis des années, et, sur la feuille d'épais papier que couvraient ces hiéroglyphes, le temps avait déjà mis sa patine jaunâtre.

Mais, suivant quelle loi ces lettres avaient-elles été réunies ? Seul, cet homme eût pu le dire. En effet, il en est de ces langages chiffrés comme des serrures des coffres-forts modernes : ils se défendent de la même façon. Les combinaisons qu'ils présentent se comptent par milliards, et la vie d'un calculateur ne suffirait pas à les énoncer. Il faut le « mot » pour ouvrir le coffre de sûreté ; il faut le « chiffre » pour lire un cryptogramme de ce genre. Aussi, on le verra, celui-ci devait résister aux tentatives les plus ingénieuses, et cela, dans des circonstances de la plus haute gravité.

L'homme qui venait de relire ce document n'était qu'un simple capitaine des bois.

Au Brésil, on désigne sous cette appellation « capitães do mato », les agents employés à la recherche des nègres marrons.

C'est une institution qui date de 1722. À cette époque, les idées anti-esclavagistes ne s'étaient fait jour que dans l'esprit de quelques philanthropes. Plus d'un siècle devait se passer encore avant que les peuples civilisés les eussent admises et appliquées. Il semble, cependant, que ce soit un droit, le premier des droits naturels pour l'homme, que celui d'être libre, de s'appartenir, et, pourtant, des milliers d'années s'étaient écoulées avant que la généreuse pensée vint à quelques nations d'oser le proclamer.

En 1852, – année dans laquelle va se dérouler cette histoire, – il y avait encore des esclaves au Brésil, et, conséquemment, des capitaines des bois pour leur donner la chasse. Certaines raisons d'économie politique avaient retardé l'heure de l'émancipation générale ; mais, déjà, le noir avait le droit de se racheter, déjà les enfants qui naissaient de lui naissaient libres. Le jour n'était donc plus éloigné où ce magnifique pays, dans lequel tiendraient les trois quarts de l'Europe, ne compterait plus un seul esclave parmi ses dix millions d'habitants.

En réalité, la fonction de capitaine des bois était destinée à disparaître dans un temps prochain, et, à cette époque, les bénéfices produits par la capture des fugitifs étaient sensiblement diminués. Or, si, pendant la longue période où les profits du métier furent assez rémunérateurs, les capitaines des bois formaient un monde d'aventuriers, le plus ordinairement composé d'affranchis, de déserteurs, qui méritaient peu d'estime, il va de soi qu'à l'heure actuelle ces chasseurs d'esclaves ne devaient plus appartenir qu'au rebut de la société, et, très probablement, l'homme au document ne déparait pas la peu recommandable milice des « capitães do mato » .

Ce Torrès, – ainsi se nommait-il, – n'était ni un métis, ni un Indien, ni un noir, comme la plupart de ses camarades : c'était un blanc d'origine brésilienne, ayant reçu un peu plus d'instruction que n'en comportait sa situation présente. En effet, il ne fallait voir en lui qu'un de ces déclassés, comme il s'en rencontre tant dans les lointaines contrées du Nouveau Monde, et, à une époque où la loi brésilienne excluait encore de certains emplois les mulâtres ou autres sang-mêlé, si cette exclusion l'eût atteint, ce n'eût pas été pour son origine, mais pour cause d'indignité personnelle.

En ce moment, d'ailleurs, Torrès n'était plus au Brésil.

Il avait tout récemment passé la frontière, et, depuis quelques jours, il errait dans ces forêts du Pérou, au milieu desquelles se développe le cours du Haut-Amazone.

Torrès était un homme de trente ans environ, bien constitué, sur qui les fatigues d'une existence assez problématique ne semblaient pas avoir eu prise, grâce à un tempérament exceptionnel, à une santé de fer.

De taille moyenne, large d'épaules, les traits réguliers, la démarche assurée, le visage très hâlé par l'air brûlant des tropiques, il portait une épaisse barbe noire. Ses yeux, perdus sous des sourcils rapprochés, jetaient ce regard vif, mais sec, des natures impudentes. Même au temps où le climat ne l'avait pas encore bronzée, sa face, loin de rougir facilement, devait plutôt se contracter sous

l'influence des passions mauvaises.

Torrès était vêtu à la mode fort rudimentaire du coureur des bois. Ses vêtements témoignaient d'un assez long usage : sur sa tête, il portait un chapeau de cuir à larges bords, posé de travers ; sur ses reins, une culotte de grosse laine, se perdant sous la tige d'épaisses bottes, qui formaient la partie la plus solide de ce costume ; un « puncho » déteint, jaunâtre, ne laissant voir ni ce qu'était la veste, ni ce qu'avait été le gilet, qui lui couvraient la poitrine.

Mais, si Torrès était un capitaine des bois, il était évident qu'il n'exerçait plus ce métier, du moins dans les conditions où il se trouvait actuellement. Cela se voyait à l'insuffisance de ses moyens de défense ou d'attaque pour la poursuite des noirs. Pas d'arme à feu : ni fusil, ni revolver. À la ceinture, seulement, un de ces engins qui tiennent plus du sabre que du couteau de chasse et qu'on appelle une « manchetta ». En outre, Torrès était muni d'une « enchada », sorte de houe, plus spécialement employée à la poursuite des tatous et des agoutis, qui abondent dans les forêts du Haut-Amazone, où les fauves sont généralement peu à craindre.

En tout cas, ce jour-là, 4 mai 1852, il fallait que cet aventurier fût singulièrement absorbé dans la lecture du document sur lequel ses yeux étaient fixés, ou que, très habitué à errer dans ces bois du Sud-Amérique, il fût bien indifférent à leurs splendeurs. En effet, rien ne pouvait le distraire de son occupation : ni ce cri prolongé des singes hurleurs, que M. Saint-Hilaire a justement comparé au bruit de la cognée du bûcheron, s'abattant sur les branches d'arbres ; – ni le tintement sec des anneaux du crotale, serpent peu agressif, il est vrai, mais excessivement venimeux ; – ni la voix criarde du crapaud cornu, auquel appartient le prix de laideur dans la classe des reptiles ; – ni même le coassement à la fois sonore et grave de la grenouille mugissante, qui, si elle ne peut prétendre à dépasser le bœuf en grosseur, l'égalé par l'éclat de ses beuglements.

Torrès n'entendait rien de tous ces vacarmes, qui sont comme la voix complexe des forêts du Nouveau Monde. Couché au pied d'un arbre magnifique, il n'en était même plus à admirer la haute ramure de ce « pao ferro » ou bois de fer, à sombre écorce, serré de grain, dur comme le métal qu'il remplace dans l'arme ou l'outil de l'Indien sauvage. Non ! Abstrait dans sa pensée, le capitaine des bois tournait et retournait entre ses doigts le singulier document. Avec le chiffre dont il avait le secret, il restituait à chaque lettre sa valeur véritable ; il lisait, il contrôlait le sens de ces lignes incompréhensibles pour tout autre que pour lui, et alors il souriait d'un mauvais sourire.

Puis, il se laissa aller à murmurer à mi-voix ces quelques phrases que personne ne pouvait entendre en cet endroit désert de la forêt péruvienne, et que personne n'aurait su comprendre, d'ailleurs :

« Oui, dit-il, voilà une centaine de lignes, bien nettement écrites, qui ont pour quelqu'un que je sais une importance dont il ne peut se douter ! Ce quelqu'un est riche ! C'est une question de vie ou de mort pour lui, et partout cela se paye cher ! »

Et regardant le document d'un œil avide :

« À un conto de reis seulement pour chacun des mots de cette dernière phrase, cela ferait une somme [f1](#) ! C'est qu'elle a son prix, cette phrase ! Elle résume le document tout entier ! Elle donne leurs vrais noms aux vrais personnages ! Mais, avant de s'essayer à la comprendre, il faudrait commencer par déterminer le nombre de mots qu'elle contient, et l'eût-on fait, son sens véritable échapperait encore ! »

Et, ce disant, Torrès se mit à compter mentalement.

« Il y a là cinquante-huit mots ! s'écria-t-il, ce qui ferait cinquante-huit contos [f2](#) ! Rien qu'avec cela on pourrait vivre au Brésil, en Amérique, partout où l'on voudrait, et même vivre à ne rien faire ! Et que serait-ce donc si tous les mots de ce document m'étaient payés à ce prix ! Il faudrait alors compter par centaines de contos ! Ah ! mille diables ! J'ai là toute une fortune à réaliser, ou je ne suis que le dernier des sots ! »

Il semblait que les mains de Torrès, palpant l'énorme somme, se refermaient déjà sur des rouleaux d'or.

Brusquement, sa pensée prit alors un nouveau cours.

« Enfin ! s'écria-t-il, je touche au but, et je ne regretterai pas les fatigues de ce voyage, qui m'a conduit des bords de l'Atlantique au cours du Haut-Amazone ! Cet homme pouvait avoir quitté l'Amérique, il pouvait être au-delà des mers, et alors, comment aurais-je pu l'atteindre ? Mais non ! Il est là, et, en montant à la cime de l'un de ces arbres, je pourrais apercevoir le toit de l'habitation où il demeure avec toute sa famille ! »

Puis, saisissant le papier et l'agitant avec un geste fébrile :

« Avant demain, dit-il, je serai en sa présence ! Avant demain, il saura que son honneur, sa vie sont renfermés dans ces lignes ! Et lorsqu'il voudra en

connaître le chiffre qui permette de les lire, eh bien, il le payera, ce chiffre ! Il le payera, si je veux, de toute sa fortune, comme il le payerait de tout son sang ! Ah ! mille diables ! Le digne compagnon de la milice qui m'a remis ce document précieux, qui m'en a donné le secret, qui m'a dit où je trouverais son ancien collègue et le nom sous lequel il se cache depuis tant d'années, ce digne compagnon ne se doutait guère qu'il faisait ma fortune ! »

Torrès regarda une dernière fois le papier jauni, et, après l'avoir plié avec soin, il le serra dans un solide étui de cuivre, qui lui servait aussi de porte-monnaie.

En vérité, si toute la fortune de Torrès était contenue dans cet étui, grand comme un porte-cigare, en aucun pays du monde il n'eût passé pour riche. Il avait bien là un peu de toutes les monnaies d'or des États environnants : deux doubles condors des États-Unis de Colombie, valant chacun cent francs environ, des bolivars vénézuéliens pour une somme égale, des sols péruviens pour le double, quelques escudos chiliens pour cinquante francs au plus, et d'autres minimes pièces. Mais tout cela ne faisait qu'une somme ronde de cinq cents francs, et encore Torrès eût-il été très embarrassé de dire où et comment il l'avait acquise.

Ce qui était certain, c'est que, depuis quelques mois, après avoir abandonné brusquement ce métier de capitaine des bois qu'il exerçait dans la province du Para, Torrès avait remonté le bassin de l'Amazone et passé la frontière pour entrer sur le territoire péruvien.

À cet aventurier, d'ailleurs, il n'avait fallu que peu de choses pour vivre. Quelles dépenses lui étaient nécessaires ? Rien pour son logement, rien pour son habillement. La forêt lui procurait sa nourriture qu'il préparait sans frais, à la mode des coureurs de bois. Il lui suffisait de quelques reïs pour son tabac qu'il achetait dans les missions ou dans les villages, autant pour l'eau-de-vie de sa gourde. Avec peu, il pouvait aller loin.

Lorsque le papier eut été serré dans l'étui de métal, dont le couvercle se fermait hermétiquement, Torrès, au lieu de le replacer dans la poche de la vareuse que recouvrait son poncho, crut mieux faire, par excès de précaution, en le déposant, près de lui, dans le creux d'une racine de l'arbre au pied duquel il était étendu.

C'était une imprudence qui faillit lui coûter cher !

Il faisait très chaud. Le temps était lourd. Si l'église de la bourgade la plus voisine eût possédé une horloge, cette horloge aurait alors sonné deux heures

après midi, et, avec le vent qui portait, Torrès l'eût entendue, car il n'en était pas à plus de deux milles.

Mais l'heure lui était indifférente, sans doute. Habitué à se guider sur la hauteur, plus ou moins bien calculée, du soleil au-dessus de l'horizon, un aventurier ne saurait apporter l'exactitude militaire dans les divers actes de la vie. Il déjeune ou dîne quand il lui plaît ou lorsqu'il le peut. Il dort où et quand le sommeil le prend. Si la table n'est pas toujours mise, le lit est toujours fait au pied d'un arbre, dans l'épaisseur d'un fourré, en pleine forêt.

Torrès n'était pas autrement difficile sur les questions de confort. D'ailleurs, s'il avait marché une grande partie de la matinée, il venait de manger quelque peu, et le besoin de dormir se faisait maintenant sentir. Or, deux ou trois heures de repos le mettraient en état de reprendre sa route. Il se coucha donc sur l'herbe le plus confortablement qu'il put, en attendant le sommeil.

Cependant Torrès n'était pas de ces gens qui s'endorment sans s'être préparés à cette opération par certains préliminaires. Il avait l'habitude d'abord d'avalier quelques gorgées de forte liqueur, puis, cela fait, de fumer une pipe. L'eau-de-vie surexcite le cerveau, et la fumée du tabac se mélange bien à la fumée des rêves. Du moins, c'était son opinion.

Torrès commença donc par appliquer à ses lèvres une gourde qu'il portait à son côté. Elle contenait cette liqueur connue généralement sous le nom de « chica » au Pérou, et plus particulièrement sous celui de « caysuma » sur le Haut-Amazone. C'est le produit d'une distillation légère de la racine de manioc doux, dont on a provoqué la fermentation, et à laquelle le capitaine des bois, en homme dont le palais est à demi blasé, croyait devoir ajouter une bonne dose de tafia.

Lorsque Torrès eut bu quelques gorgées de cette liqueur, il agita la gourde, et il constata, non sans regrets, qu'elle était à peu près vide.

« À renouveler ! » dit-il simplement.

Puis, tirant une courte pipe en racine, il la bourra de ce tabac âcre et grossier du Brésil, dont les feuilles appartenaient à cet antique « pétun » rapporté en France par Nicot, auquel on doit la vulgarisation de la plus productive et de la plus répandue des solanées.

Ce tabac n'avait rien de commun avec le scaferlati de premier choix que produisent les manufactures françaises, mais Torrès n'était pas plus difficile sur ce point que sur bien d'autres. Il battit le briquet, enflamma un peu de cette

substance visqueuse, connue sous le nom d' « amadou de fourmis », que sécrètent certains hyménoptères, et il alluma sa pipe.

À la dixième aspiration, ses yeux se fermaient, la pipe lui échappait des doigts, et il s'endormait, ou plutôt il tombait dans une sorte de torpeur qui n'était pas du vrai sommeil.

## CHAPITRE DEUXIÈME – VOLEUR ET VOLÉ

Torrès dormait depuis une demi-heure environ, lorsqu'un bruit se fit entendre sous les arbres. C'était un bruit de pas légers, comme si quelque visiteur eût marché pieds nus, en prenant certaines précautions pour ne pas être entendu. Se mettre en garde contre toute approche suspecte aurait été le premier soin de l'aventurier, si ses yeux eussent été ouverts en ce moment. Mais ce n'était pas là de quoi l'éveiller, et celui qui s'avançait put arriver en sa présence, à dix pas de l'arbre, sans avoir été aperçu.

Ce n'était point un homme, c'était un « guariba » .

De tous ces singes à queue prenante qui hantent les forêts du Haut-Amazone, sahuis aux formes gracieuses, saïous cornus, monos à poils gris, sagouins qui ont l'air de porter un masque sur leur face grimaçante, le guariba est sans contredit le plus original. D'humeur sociable, peu farouche, très différent en cela du « mucura » féroce et infect, il a le goût de l'association et marche le plus ordinairement en troupe. C'est lui dont la présence se signale au loin par ce concert de voix monotones, qui ressemble aux prières psalmodiées des chantres. Mais, si la nature ne l'a pas créé méchant, il ne faut pas qu'on l'attaque sans précaution. En tout cas, ainsi qu'on va le voir, un voyageur endormi ne laisse pas d'être exposé, lorsqu'un guariba le surprend dans cette situation et hors d'état de se défendre.

Ce singe, qui porte aussi le nom de « barbado » au Brésil, était de grande taille. La souplesse et la vigueur de ses membres devaient faire de lui un vigoureux animal, aussi apte à lutter sur le sol qu'à sauter de branche en branche à la cime des géants de la forêt.

Mais, alors, celui-ci s'avançait à petits pas, prudemment. Il jetait des regards à droite et à gauche, en agitant rapidement sa queue. À ces représentants de la race simienne, la nature ne s'est pas contentée de donner quatre mains, – ce qui en fait des quadrumanes –, elle s'est montrée plus généreuse, et ils en ont véritablement cinq, puisque l'extrémité de leur appendice caudal possède une parfaite faculté de préhension.

Le guariba s'approcha sans bruit, brandissant un solide bâton, qui, manœuvré par son bras vigoureux, pouvait devenir une arme redoutable. Depuis quelques minutes, il avait dû apercevoir l'homme couché au pied de l'arbre, mais



l'immobilité du dormeur l'engagea, sans doute, à venir le voir de plus près. Il s'avança donc, non sans quelque hésitation, et s'arrêta enfin à trois pas de lui.

Sur sa face barbue s'ébaucha une grimace qui découvrit ses dents acérées, d'une blancheur d'ivoire, et son bâton s'agita d'une façon peu rassurante pour le capitaine des bois.

Très certainement la vue de Torrès n'inspirait pas à ce guariba des idées bienveillantes. Avait-il donc des raisons particulières d'en vouloir à cet échantillon de la race humaine que le hasard lui livrait sans défense ? Peut-être ! On sait combien certains animaux gardent la mémoire des mauvais traitements qu'ils ont reçus, et il était possible que celui-ci eût quelque rancune en réserve contre les coureurs des bois.

En effet, pour les Indiens surtout, le singe est un gibier dont il convient de faire le plus grand cas, et, à quelque espèce qu'il appartienne, ils lui donnent la chasse avec toute l'ardeur d'un Nemrod, non seulement pour le plaisir de le chasser, mais aussi pour le plaisir de le manger.

Quoi qu'il en soit, si le guariba ne parut pas disposé à intervertir les rôles cette fois, s'il n'alla pas jusqu'à oublier que la nature n'a fait de lui qu'un simple herbivore en songeant à dévorer le capitaine des bois, il sembla du moins très décidé à détruire un de ses ennemis naturels.

Aussi, après l'avoir regardé pendant quelques instants, le guariba commença à faire le tour de l'arbre. Il marchait lentement, retenant son souffle, mais se rapprochant de plus en plus. Son attitude était menaçante, sa physionomie féroce. Assommer d'un seul coup cet homme immobile, rien ne devait lui être plus aisé, et, en ce moment, il est certain que la vie de Torrès ne tenait plus qu'à un fil.

En effet, le guariba s'arrêta une seconde fois tout près de l'arbre, il se plaça de côté, de manière à dominer la tête du dormeur, et il leva son bâton pour l'en frapper.

Mais, si Torrès avait été imprudent en déposant près de lui, dans le creux d'une racine, l'étui qui contenait son document et sa fortune, ce fut cette imprudence cependant qui lui sauva la vie.

Un rayon de soleil, se glissant entre les branches, vint frapper l'étui, dont le métal poli s'alluma comme un miroir. Le singe, avec cette frivolité particulière à son espèce, fut immédiatement distrait. Ses idées – si tant est qu'un animal puisse avoir des idées –, prirent aussitôt un autre cours. Il se baissa, ramassa l'étui,

recula de quelques pas, et, l'élevant à la hauteur de ses yeux, il le regarda, non sans surprise, en le faisant miroiter. Peut-être fut-il encore plus étonné, lorsqu'il entendit résonner les pièces d'or que cet étui contenait. Cette musique l'enchantait. Ce fut comme un hochet aux mains d'un enfant. Puis, il le porta à sa bouche, et ses dents grinçèrent sur le métal, mais ne cherchèrent point à l'entamer.

Sans doute, le guariba crut avoir trouvé là quelque fruit d'une nouvelle espèce, une sorte d'énorme amande toute brillante, avec un noyau qui jouait librement dans sa coque. Mais, s'il comprit bientôt son erreur, il ne pensa pas que ce fût une raison pour jeter cet étui. Au contraire, il le serra plus étroitement dans sa main gauche, et laissa choir son bâton, qui, en tombant, brisa une branche sèche.

À ce bruit, Torrès se réveilla, et, avec la prestesse des gens toujours aux aguets, chez lesquels le passage de l'état de sommeil à l'état de veille s'opère sans transition, il fut aussitôt debout.

En un instant, Torrès avait reconnu à qui il avait affaire.

« Un guariba ! » s'écria-t-il.

Et sa main saisissant la manchette déposée près de lui, il se mit en état de défense.

Le singe, effrayé, s'était aussitôt reculé, et, moins brave devant un homme éveillé que devant un homme endormi, après une rapide gambade, il se glissa sous les arbres.

« Il était temps ! s'écria Torrès. Le coquin m'aurait assommé sans plus de cérémonie ! »

Soudain, entre les mains du singe, qui s'était arrêté à vingt pas et le regardait avec force grimaces, comme s'il eût voulu le narguer, il aperçut son précieux étui.

« Le gueux ! s'écria-t-il encore. S'il ne m'a pas tué, il a presque fait pis ! Il m'a volé ! »

La pensée que l'étui contenait son argent ne fut cependant pas pour le préoccuper tout d'abord. Mais ce qui le fit bondir, c'est l'idée que l'étui renfermait ce document, dont la perte, irréparable pour lui, entraînerait celle de toutes ses espérances.

« Mille diables ! » s'écria-t-il.

Et cette fois, voulant, coûte que coûte, reprendre son étui, Torrès s'élança à la poursuite du guariba.

Il ne se dissimulait pas que d'atteindre cet agile animal ce n'était pas facile. Sur le sol, il s'enfuirait trop vite ; dans les branches, il s'enfuirait trop haut. Un coup de fusil bien ajusté aurait seul pu l'arrêter dans sa course ou dans son vol ; mais Torrès ne possédait aucune arme à feu. Son sabre-poignard et sa houe n'auraient eu raison du guariba qu'à la condition de pouvoir l'en frapper.

Il devint bientôt évident que le singe ne pourrait être atteint que par surprise. De là, nécessité pour Torrès de ruser avec le malicieux animal. S'arrêter, se cacher derrière quelque tronc d'arbre, disparaître sous un fourré, inciter le guariba, soit à s'arrêter, soit à revenir sur ses pas, il n'y avait pas autre chose à tenter. C'est ce que fit Torrès, et la poursuite commença dans ces conditions ; mais, lorsque le capitaine des bois disparaissait, le singe attendait patiemment qu'il reparût, et, à ce manège, Torrès se fatiguait sans résultat.

« Damné guariba ! s'écria-t-il bientôt. Je n'en viendrai jamais à bout, et il peut me reconduire ainsi jusqu'à la frontière brésilienne ! Si encore il lâchait mon étui ! Mais non ! Le tintement des pièces d'or l'amuse ! Ah ! voleur ! si je parviens à t'empoigner !... »

Et Torrès de reprendre sa poursuite, et le singe de détalier avec une nouvelle ardeur !

Une heure se passa dans ces conditions, sans amener aucun résultat. Torrès y mettait un entêtement bien naturel. Comment, sans ce document, pourrait-il battre monnaie ?

La colère prenait alors Torrès. Il jurait, il frappait la terre du pied, il menaçait le guariba. La taquine bête ne lui répondait que par un ricanement bien fait pour le mettre hors de lui.

Et alors Torrès se remettait à le poursuivre. Il courait à perdre haleine, s'embarrassant dans ces hautes herbes, ces épaisses broussailles, ces lianes entrelacées, à travers lesquelles le guariba passait comme un coureur de steeple-chase. De grosses racines cachées sous les herbes barraient parfois les sentiers. Il buttait, il se relevait. Enfin il se surprit à crier : « À moi ! à moi ! au voleur ! » comme s'il eût pu se faire entendre.

Bientôt, à bout de forces, et la respiration lui manquant, il fut obligé de

s'arrêter.

« Mille diables ! dit-il, quand je poursuivais les nègres marrons à travers les halliers, ils me donnaient moins de peine ! Mais je l'attraperai, ce singe maudit ; j'irai, oui ! j'irai, tant que mes jambes pourront me porter, et nous verrons !... »

Le guariba était resté immobile, en voyant que l'aventurier avait cessé de le poursuivre. Il se reposait, lui aussi, bien qu'il fût loin d'être arrivé à ce degré d'épuisement qui interdisait tout mouvement à Torrès.

Il resta ainsi pendant dix minutes, grignotant deux ou trois racines qu'il venait d'arracher à fleur de terre, et il faisait de temps en temps tinter l'étui à son oreille.

Torrès, exaspéré, lui jeta des pierres qui l'atteignirent, mais sans lui faire grand mal à cette distance.

Il fallait pourtant prendre un parti. D'une part, continuer à poursuivre le singe avec si peu de chances de pouvoir l'atteindre, cela devenait insensé ; de l'autre, accepter pour définitive cette réplique du hasard à toutes ses combinaisons, être non seulement vaincu, mais déçu et mystifié par un sot animal, c'était désespérant.

Et cependant, Torrès devait le reconnaître, lorsque la nuit serait venue, le voleur disparaîtrait sans peine, et lui, le volé, serait embarrassé même de retrouver son chemin à travers cette épaisse forêt. En effet, la poursuite l'avait entraîné à plusieurs milles des berges du fleuve, et il lui serait déjà malaisé d'y revenir.

Torrès hésita, il tâcha de résumer ses idées avec sang-froid, et, finalement, après avoir proféré une dernière imprécation, il allait abandonner toute idée de rentrer en possession de son étui, quand, songeant encore, en dépit de sa volonté, à ce document, à tout cet avenir échafaudé sur l'usage qu'il en comptait faire, il se dit qu'il se devait de tenter un dernier effort.

Il se releva donc.

Le guariba se releva aussi.

Il fit quelques pas en avant.

Le singe en fit autant en arrière ; mais, cette fois, au lieu de s'enfoncer

plus profondément dans la forêt, il s'arrêta au pied d'un énorme ficus, – cet arbre dont les échantillons variés sont si nombreux dans tout le bassin du Haut-Amazone.

Saisir le tronc de ses quatre mains, grimper avec l'agilité d'un clown qui serait un singe, s'accrocher avec sa queue prenante aux premières branches étendues horizontalement à quarante pieds au-dessus du sol, puis se hisser à la cime de l'arbre, jusqu'au point où ses derniers rameaux fléchissaient sous lui, ce ne fut qu'un jeu pour l'agile guariba et l'affaire de quelques instants.

Là, installé tout à son aise, il continua son repas interrompu en cueillant les fruits qui se trouvaient à la portée de sa main. Certes, Torrès aurait eu, lui aussi, grand besoin de boire et de manger, mais impossible ! Sa musette était plate, sa gourde était vide !

Cependant, au lieu de revenir sur ses pas, il se dirigea vers l'arbre, bien que la situation prise par le singe fût encore plus défavorable pour lui. Il ne pouvait songer un instant à grimper aux branches de ce ficus, que son voleur aurait eu vite fait d'abandonner pour un autre.

Et toujours l'insaisissable étui de résonner à son oreille !

Aussi, dans sa fureur, dans sa folie, Torrès apostropha-t-il le guariba. Dire de quelle série d'invectives il le gratifia, serait impossible. N'alla-t-il pas jusqu'à le traiter, non seulement de métis, ce qui est déjà une grave injure dans la bouche d'un Brésilien de race blanche, mais encore de « curiboca », c'est-à-dire de métis, de nègre et d'Indien ! Or, de toutes les insultes qu'un homme puisse adresser à un autre, il n'en est certainement pas de plus cruelle sous cette latitude équatoriale.

Mais le singe, qui n'était qu'un simple quadrumane, se moquait de tout ce qui eût révolté un représentant de l'espèce humaine.

Alors Torrès recommença à lui jeter des pierres, des morceaux de racines, tout ce qui pouvait lui servir de projectiles. Avait-il donc l'espoir de blesser grièvement le singe ? Non ! Il ne savait plus ce qu'il faisait. À vrai dire, la rage de son impuissance lui ôtait toute raison. Peut-être espéra-t-il un instant que, dans un mouvement que ferait le guariba pour passer d'une branche à une autre, l'étui lui échapperait, voire même que, pour ne pas demeurer en reste avec son agresseur, il s'aviserait de le lui lancer à la tête ! Mais non ! Le singe tenait à conserver l'étui, et tout en le serrant d'une main, il lui en restait encore trois pour se mouvoir.

Torrès, désespéré, allait définitivement abandonner la partie et revenir vers l'Amazone, lorsqu'un bruit de voix se fit entendre. Oui ! un bruit de voix humaines.

On parlait à une vingtaine de pas de l'endroit où s'était arrêté le capitaine des bois.

Le premier soin de Torrès fut de se cacher dans un épais fourré. En homme prudent, il ne voulait pas se montrer, sans savoir au moins à qui il pouvait avoir affaire.

Palpitant, très intrigué, l'oreille tendue, il attendait, lorsque tout à coup retentit la détonation d'une arme à feu.

Un cri lui succéda, et le singe, mortellement frappé tomba lourdement sur le sol, tenant toujours l'étui de Torrès.

« Par le diable ! s'écria celui-ci, voilà pourtant une balle qui est arrivée à propos ! »

Et cette fois, sans s'inquiéter d'être vu, il sortait du fourré, lorsque deux jeunes gens apparurent sous les arbres.

C'étaient des Brésiliens, vêtus en chasseurs, bottes de cuir, chapeau léger de fibres de palmier, veste ou plutôt vareuse, serrée à la ceinture et plus commode que le puncho national. À leurs traits, à leur teint, on eût facilement reconnu qu'ils étaient de sang portugais.

Chacun d'eux était armé d'un de ces longs fusils de fabrication espagnole, qui rappellent un peu les armes arabes, fusils à longue portée, d'une assez grande justesse, et que les habitués de ces forêts du Haut-Amazone manœuvrent avec succès.

Ce qui venait de se passer en était la preuve. À une distance oblique de plus de quatre-vingts pas, le quadrumane avait été frappé d'une balle en pleine tête.

En outre, les deux jeunes gens portaient à la ceinture une sorte de couteau-poignard, qui a nom « foca » au Brésil, et dont les chasseurs n'hésitent pas à se servir pour attaquer l'onça et autres fauves, sinon très redoutables, du moins assez nombreux dans ces forêts.

Évidemment Torrès n'avait rien à craindre de cette rencontre, et il

continua de courir vers le corps du singe.

Mais les jeunes gens, qui s'avançaient dans la même direction, avaient moins de chemin à faire, et, s'étant rapprochés de quelques pas, ils se trouvèrent en face de Torrès.

Celui-ci avait recouvré sa présence d'esprit.

« Grand merci messieurs, leur dit-il gaiement en soulevant le bord de son chapeau. Vous venez de me rendre, en tuant ce méchant animal, un grand service ! »

Les chasseurs se regardèrent d'abord, ne comprenant pas ce qui leur valait ces remerciements.

Torrès, en quelques mots, les mit au courant de la situation.

« Vous croyez n'avoir tué qu'un singe, leur dit-il, et, en réalité, vous avez tué un voleur !

– Si nous vous avons été utiles, répondit le plus jeune des deux, c'est, à coup sûr, sans nous en douter ; mais nous n'en sommes pas moins très heureux de vous avoir été bons à quelque chose. »

Et, ayant fait quelques pas en arrière, il se pencha sur le guariba ; puis, non sans effort, il retira l'étui de sa main encore crispée.

« Voilà sans doute, dit-il, ce qui vous appartient, monsieur ?

– C'est cela même », répondit Torrès, qui prit vivement l'étui, et ne put retenir un énorme soupir de soulagement.

« Qui dois-je remercier, messieurs, dit-il, pour le service qui vient de m'être rendu ?

– Mon ami Manoel, médecin aide-major dans l'armée brésilienne, répondit le jeune homme.

– Si c'est moi qui ai tiré ce singe, fit observer Manoel, c'est toi qui me l'as fait voir, mon cher Benito.

– Dans ce cas, messieurs, répliqua Torrès, c'est à vous deux que j'ai cette obligation, aussi bien à monsieur Manoel qu'à monsieur ... ?

Benito Garral » , répondit Manoel.

Il fallut au capitaine des bois une grande force sur lui-même pour ne pas tressaillir en entendant ce nom, et surtout lorsque le jeune homme ajouta obligeamment :

« La ferme de mon père, Joam Garral, n'est qu'à trois milles d'ici<sup>[3]</sup>. S'il vous plaît, monsieur... ?

Torrès, répondit l'aventurier.

– S'il vous plaît d'y venir, monsieur Torrès, vous y serez hospitalièrement reçu.

– Je ne sais si je le puis ! répondit Torrès, qui, surpris par cette rencontre très inattendue, hésitait à prendre un parti. Je crains en vérité de ne pouvoir accepter votre offre !... L'incident que je viens de vous raconter m'a fait perdre du temps !... Il faut que je retourne promptement vers l'Amazone... que je compte descendre jusqu'au Para...

– Eh bien, monsieur Torrès, reprit Benito, il est probable que nous nous reverrons sur son parcours, car, avant un mois, mon père et toute sa famille auront pris le même chemin que vous.

– Ah ! dit assez vivement Torrès, votre père songe à repasser la frontière brésilienne ?...

– Oui, pour un voyage de quelques mois, répondit Benito. Du moins, nous espérons l'y décider. – N'est-ce pas, Manoel ? »

Manoel fit un signe de tête affirmatif.

« Eh bien, messieurs, répondit Torrès, il est en effet possible que nous nous retrouvions en route. Mais je ne puis, malgré mon regret, accepter votre offre en ce moment. Je vous en remercie néanmoins et me considère comme deux fois votre obligé. »

Cela dit, Torrès salua les jeunes gens, qui lui rendirent son salut et reprirent le chemin de la ferme.

Quant à lui, il les regarda s'éloigner. Puis, lorsqu'il les eut perdus de vue :

« Ah ! il va repasser la frontière ! dit-il d'une voix sourde. Qu'il la repasse



donc, et il sera encore plus à ma merci ! Bon voyage, Joam Garral ! »

Et, ces paroles prononcées, le capitaine des bois, se dirigeant vers le sud, de manière à regagner la rive gauche du fleuve par le plus court, disparut dans l'épaisse forêt.

## CHAPITRE TROISIÈME – LA FAMILLE GARRAL

Le village d'Iquitos est situé près de la rive gauche de l'Amazone, à peu près sur le soixante-quatorzième méridien, dans cette partie du grand fleuve qui porte encore le nom de Marañon, et dont le lit sépare le Pérou de la République de l'Équateur, à cinquante-cinq lieues vers l'ouest de la frontière brésilienne.

Iquitos a été fondé par les missionnaires, comme toutes ces agglomérations de cases, hameaux ou bourgades, qui se rencontrent dans le bassin de l'Amazone. Jusqu'à la dix-septième année de ce siècle, les Indiens Iquitos, qui en formèrent un moment l'unique population, s'étaient reportés à l'intérieur de la province, assez loin du fleuve. Mais, un jour, les sources de leur territoire se tarissent sous l'influence d'une éruption volcanique, et ils sont dans la nécessité de venir se fixer sur la gauche du Marañon. La race s'altéra bientôt par suite des alliances qui furent contractées avec les Indiens riverains, Ticunas ou Omaguas, et, aujourd'hui, Iquitos ne compte plus qu'une population mélangée, à laquelle il convient d'ajouter quelques Espagnols et deux ou trois familles de métis.

Une quarantaine de huttes, assez misérables, que leur toit de chaume rend à peine dignes du nom de chaumières, voilà tout le village, très pittoresquement groupé, d'ailleurs, sur une esplanade qui domine d'une soixantaine de pieds les rives du fleuve. Un escalier, fait de troncs transversaux, y accède, et il se dérobe aux yeux du voyageur, tant que celui-ci n'a pas gravi cet escalier, car le recul lui manque. Mais une fois sur la hauteur, on se trouve devant une enceinte peu défensive d'arbustes variés et de plantes arborescentes, rattachées par des cordons de lianes, que dépassent çà et là des têtes de bananiers et de palmiers de la plus élégante espèce.

À cette époque, – et sans doute la mode tardera longtemps à modifier leur costume primitif –, les Indiens d'Iquitos allaient à peu près nus. Seuls les Espagnols et les métis, fort dédaigneux envers leurs co-citadins indigènes, s'habillaient d'une simple chemise, d'un léger pantalon de cotonnade, et se coiffaient d'un chapeau de paille. Tous vivaient assez misérablement dans ce village, d'ailleurs, frayant peu ensemble, et, s'ils se réunissaient parfois, ce n'était qu'aux heures où la cloche de la Mission les appelait à la case délabrée qui servait d'église.

Mais, si l'existence était à l'état presque rudimentaire au village d'Iquitos

comme dans la plupart des hameaux du Haut-Amazone, il n'aurait pas fallu faire une lieue, en descendant le fleuve, pour rencontrer sur la même rive un riche établissement où se trouvaient réunis tous les éléments d'une vie confortable.

C'était la ferme de Joam Garral, vers laquelle revenaient les deux jeunes gens, après leur rencontre avec le capitaine des bois.

Là, sur un coude du fleuve, au confluent du rio Nanay, large de cinq cents pieds, s'était fondée, il y a bien des années, cette ferme, cette métairie, ou, pour employer l'expression du pays, cette « fazenda », alors en pleine prospérité. Au nord, le Nanay la bordait de sa rive droite sur un espace d'un petit mille, et c'était sur une longueur égale, à l'est, qu'elle se faisait riveraine du grand fleuve. À l'ouest, de petits cours d'eau, tributaires du Nanay, et quelques lagunes de médiocre étendue la séparaient de la savane et des campines, réservées au pacage des bestiaux.

C'était là que Joam Garral, en 1826, – vingt-six ans avant l'époque à laquelle commence cette histoire –, fut accueilli par le propriétaire de la fazenda.

Ce Portugais, nommé Magalhaës, n'avait d'autre industrie que celle d'exploiter les bois du pays, et son établissement, récemment fondé, n'occupait alors qu'un demi-mille sur la rive du fleuve.

Là, Magalhaës, hospitalier comme tous ces Portugais de vieille race, vivait avec sa fille Yaquita, qui, depuis la mort, de sa mère, avait pris la direction du ménage. Magalhaës était un bon travailleur, dur à la fatigue, mais l'instruction lui faisait défaut. S'il s'entendait à conduire les quelques esclaves qu'il possédait et la douzaine d'Indiens dont il louait les services, il se montrait moins apte aux diverses opérations extérieures de son commerce. Aussi, faute de savoir, l'établissement d'Iquitos ne prospérait-il pas, et les affaires du négociant portugais étaient-elles quelque peu embarrassées.

Ce fut dans ces circonstances que Joam Garral, qui avait alors vingt-deux ans, se trouva un jour en présence de Magalhaës. Il était arrivé dans le pays à bout de forces et de ressources. Magalhaës l'avait trouvé à demi mort de faim et de fatigue dans la forêt voisine. C'était un brave cœur, ce Portugais. Il ne demanda pas à cet inconnu d'où il venait, mais ce dont il avait besoin. La mine noble et fière de Joam Garral, malgré son épuisement, l'avait touché. Il le recueillit, le remit sur pied et lui offrit, pour quelques jours d'abord, une hospitalité qui devait durer sa vie entière.

Voilà donc dans quelles conditions Joam Garral fut introduit à la ferme d'Iquitos.

Brésilien de naissance, Joam Garral était sans famille, sans fortune. Des chagrins, disait-il, l'avaient forcé à s'expatrier, en abandonnant tout esprit de retour. Il demanda à son hôte la permission de ne pas s'expliquer sur ses malheurs passés, – malheurs aussi graves qu'immérités. Ce qu'il cherchait, ce qu'il voulait, c'était une vie nouvelle, une vie de travail. Il allait un peu à l'aventure, avec la pensée de se fixer dans quelque fazenda de l'intérieur. Il était instruit, intelligent. Il y avait dans toute sa prestance cet on ne sait quoi qui annonce l'homme sincère, dont l'esprit est net et rectiligne. Magalhaës, tout à fait séduit, lui offrit de rester à la ferme, où il était en mesure d'apporter ce qui manquait au digne fermier.

Joam Garral accepta sans hésiter. Son intention avait été d'entrer tout d'abord dans un « seringal », exploitation de caoutchouc, où un bon ouvrier gagnait, à cette époque, cinq ou six piastres<sup>[4]</sup> par jour, et pouvait espérer devenir patron, pour peu que la chance le favorisât ; mais Magalhaës lui fit justement observer que, si la paye était forte, on ne trouvait de travail dans les seringals qu'au moment de la récolte, c'est-à-dire pendant quelques mois seulement, ce qui ne pouvait constituer une position stable, telle que le jeune homme devait la désirer.

Le Portugais avait raison. Joam Garral le comprit, et il entra résolument au service de la fazenda, décidé à lui consacrer toutes ses forces.

Magalhaës n'eut pas à se repentir de sa bonne action. Ses affaires se rétablirent. Son commerce de bois, qui, par l'Amazone, s'étendait jusqu'au Para, prit bientôt, sous l'impulsion de Joam Garral, une extension considérable. La fazenda ne tarda pas à grandir à proportion et se développa sur la rive du fleuve jusqu'à l'embouchure du Nanay. De l'habitation, on fit une demeure charmante, élevée d'un étage, entourée d'une véranda, à demi cachée sous de beaux arbres, des mimosas, des figuiers-sycomores, des bauhinias, des paullinias, dont le tronc disparaissait sous un réseau de granadilles, de bromélias à fleurs écarlates et de lianes capricieuses.

Au loin, derrière des buissons géants, sous des massifs de plantes arborescentes, se cachait tout l'ensemble des constructions où demeurait le personnel de la fazenda, les communs, les cases des noirs, les carbetts des Indiens. De la rive du fleuve, bordée de roseaux et de végétaux aquatiques, on ne voyait donc que la maison forestière.

Une vaste campagne, laborieusement défrichée le long des lagunes, offrit d'excellents pâturages. Les bestiaux y abondèrent. Ce fut une nouvelle source de gros bénéfices dans ces riches contrées, où un troupeau double en quatre ans, tout

en donnant dix pour cent d'intérêts, rien que par la vente de la chair et des peaux des bêtes abattues pour la consommation des éleveurs. Quelques « sitios » ou plantations de manioc et de café furent fondés sur des parties de bois mises en coupe. Des champs de cannes à sucre exigèrent bientôt la construction d'un moulin pour l'écrasement des tiges saccharifères, destinées à la fabrication de la mélasse, du tafia et du rhum. Bref, dix ans après l'arrivée de Joam Garral à la ferme d'Iquitos, la fazenda était devenue l'un des plus riches établissements du Haut-Amazone. Grâce à la bonne direction imprimée par le jeune commis aux travaux du dedans et aux affaires du dehors, sa prospérité s'accroissait de jour en jour.

Le Portugais n'avait pas attendu si longtemps pour reconnaître ce qu'il devait à Joam Garral. Afin de le récompenser suivant son mérite, il l'avait d'abord intéressé dans les bénéfices de son exploitation ; puis, quatre ans après son arrivée, il en avait fait son associé au même titre que lui-même et à parties égales entre eux deux.

Mais il rêvait mieux encore. Yaquita, sa fille, avait su comme lui reconnaître dans ce jeune homme silencieux, doux aux autres, dur à lui-même, de sérieuses qualités de cœur et d'esprit. Elle l'aimait ; mais, bien que de son côté Joam ne fût pas resté insensible aux mérites et à la beauté de cette vaillante fille, soit fierté, soit réserve, il ne semblait pas songer à la demander en mariage.

Un grave incident hâta la solution.

Magalhaës, un jour, en dirigeant une coupe, fut mortellement blessé par la chute d'un arbre. Rapporté presque sans mouvement à la ferme et se sentant perdu, il releva Yaquita qui pleurait à son côté, il lui prit la main, il la mit dans celle de Joam Garral en lui faisant jurer de la prendre pour femme.

« Tu as refait ma fortune, dit-il, et je ne mourrai tranquille que si, par cette union, je sens l'avenir de ma fille assuré !

Je puis rester son serviteur dévoué, son frère, son protecteur, sans être son époux, avait d'abord répondu Joam Garral. Je vous dois tout, Magalhaës, je ne l'oublierai jamais, et le prix dont vous voulez payer mes efforts dépasse leur mérite ! »

Le vieillard avait insisté. La mort ne lui permettait pas d'attendre, il exigea une promesse, qui lui fut faite.

Yaquita avait vingt-deux ans alors, Joam en avait vingt-six. Tous deux s'aimaient, et ils se marièrent quelques heures avant la mort de Magalhaës, qui

eut encore la force de bénir leur union.

Ce fut par suite de ces circonstances qu'en 1830 Joam Garral devint le nouveau fazender d'Iquitos, à l'extrême satisfaction de tous ceux qui composaient le personnel de la ferme.

La prospérité de l'établissement ne pouvait que s'accroître de ces deux intelligences réunies en un seul cœur. Un an après son mariage, Yaquita donna un fils à son mari, et deux ans après, une fille. Benito et Minha, les petits-enfants du vieux Portugais, devaient être dignes de leur grand-père, les enfants, dignes de Joam et Yaquita.

La jeune fille devint charmante. Elle ne quitta point la fazenda. Élevée dans ce milieu pur et sain, au milieu de cette belle nature des régions tropicales, l'éducation que lui donna sa mère, l'instruction qu'elle reçut de son père, lui suffirent. Qu'aurait-elle été apprendre de plus dans un couvent de Manao ou de Bélem ? Où aurait-elle trouvé de meilleurs exemples de toutes les vertus privées ? Son esprit et son cœur se seraient-ils plus délicatement formés loin de la maison paternelle ? Si la destinée ne lui réservait pas de succéder à sa mère dans l'administration de la fazenda, elle saurait être à la hauteur de n'importe quelle situation à venir.

Quant à Benito, ce fut autre chose. Son père voulut avec raison qu'il reçût une éducation aussi solide et aussi complète qu'on la donnait alors dans les grandes villes du Brésil. Déjà, le riche fazender n'avait rien à se refuser pour son fils. Benito possédait d'heureuses dispositions, un cerveau ouvert, une intelligence vive, des qualités de cœur égales à celles de son esprit. À l'âge de douze ans, il fut envoyé au Para, à Bélem, et là, sous la direction d'excellents professeurs, il trouva les éléments d'une éducation qui devait en faire plus tard un homme distingué. Rien dans les lettres, ni dans les sciences, ni dans les arts, ne lui fut étranger. Il s'instruisit comme si la fortune de son père ne lui eût pas permis de rester oisif. Il n'était pas de ceux qui s'imaginent que la richesse dispense du travail, mais de ces vaillants esprits, fermes et droits, qui croient que nul ne doit se soustraire à cette obligation naturelle, s'il veut être digne du nom d'homme.

Pendant les premières années de son séjour à Bélem, Benito avait fait la connaissance de Manoel Valdez. Ce jeune homme, fils d'un négociant du Para, faisait ses études dans la même institution que Benito. La conformité de leurs caractères, de leurs goûts, ne tarda pas à les unir d'une étroite amitié, et ils devinrent deux inséparables compagnons.

Manoel, né en 1832, était d'un an l'aîné de Benito. Il n'avait plus que sa

mère, qui vivait de la modeste fortune que lui avait laissée son mari. Aussi, Manoel, lorsque ses premières études furent achevées, suivit-il des cours de médecine. Il avait un goût passionné pour cette noble profession, et son intention était d'entrer dans le service militaire vers lequel il se sentait attiré.

À l'époque où l'on vient de le rencontrer avec son ami Benito, Manoel Valdez avait déjà obtenu son premier grade, et il était venu prendre quelques mois de congé à la fazenda, où il avait l'habitude de passer ses vacances. Ce jeune homme de bonne mine, à la physionomie distinguée, d'une certaine fierté native qui lui seyait bien, c'était un fils de plus que Joam et Yaquita comptaient dans la maison. Mais, si cette qualité de fils en faisait le frère de Benito, ce titre lui eût paru insuffisant près de Minha, et bientôt il devait s'attacher à la jeune fille par un lien plus étroit que celui qui unit un frère à une sœur.

En l'année 1852, – dont quatre mois étaient déjà écoulés au début de cette histoire, – Joam Garral était âgé de quarante-huit ans. Sous un climat dévorant qui use si vite, il avait su, par sa sobriété, la réserve de ses goûts, la convenance de sa vie, toute de travail, résister là où d'autres se courbent avant l'heure. Ses cheveux qu'il portait courts, sa barbe qu'il portait entière, grisonnaient déjà et lui donnaient l'aspect d'un puritain. L'honnêteté proverbiale des négociants et des fazenders brésiliens était peinte sur sa physionomie, dont la droiture était le caractère saillant. Bien que de tempérament calme, on sentait en lui comme un feu intérieur que la volonté savait dominer. La netteté de son regard indiquait une force vivace, à laquelle il ne devait jamais s'adresser en vain, lorsqu'il s'agissait de payer de sa personne.

Et cependant, chez cet homme calme, à circulation forte, auquel tout semblait avoir réussi dans la vie, on pouvait remarquer comme un fond de tristesse, que la tendresse même de Yaquita n'avait pu vaincre.

Pourquoi ce juste, respecté de tous, placé dans toutes les conditions qui doivent assurer le bonheur, n'en avait-il pas l'expansion rayonnante ? Pourquoi semblait-il ne pouvoir être heureux que par les autres, non par lui-même ? Fallait-il attribuer cette disposition à quelque secrète douleur ? C'était là un motif de constante préoccupation pour sa femme.

Yaquita avait alors quarante-quatre ans. Dans ce pays tropical, où ses pareilles sont déjà vieilles à trente, elle aussi avait su résister aux dissolvantes influences du climat. Ses traits, un peu durcis mais beaux encore, conservaient ce fier dessin du type portugais, dans lequel la noblesse du visage s'unit si naturellement à la dignité de l'âme.

Benito et Minha répondaient par une affection sans bornes et de toutes les heures à l'amour que leurs parents avaient pour eux.

Benito, âgé de vingt et un ans alors, vif, courageux, sympathique, tout en dehors, contrastait en cela avec son ami Manoel, plus sérieux, plus réfléchi. Ç'avait été une grande joie pour Benito, après toute une année passée à Bélem, si loin de la fazenda, d'être revenu avec son jeune ami dans la maison paternelle ; d'avoir revu son père, sa mère, sa sœur ; de s'être retrouvé, chasseur déterminé qu'il était, au milieu de ces forêts superbes du Haut-Amazone, dont l'homme, pendant de longs siècles encore, ne pénétrera pas tous les secrets.

Minha avait alors vingt ans. C'était une charmante jeune fille, brune avec de grands yeux bleus, de ces yeux qui s'ouvrent sur l'âme. De taille moyenne, bien faite, une grâce vivante, elle rappelait le beau type de Yaquita. Un peu plus sérieuse que son frère, bonne, charitable, bienveillante, elle était aimée de tous. À ce sujet, on pouvait interroger sans crainte les plus infimes serviteurs de la fazenda. Par exemple, il n'eût pas fallu demander à l'ami de son frère, à Manoel Valdez, « comment il la trouvait » ! Il était trop intéressé dans la question et n'aurait pas répondu sans quelque partialité.

Le dessin de la famille Garral ne serait pas achevé, il lui manqueraient quelques traits, s'il n'était parlé du nombreux personnel de la fazenda.

Au premier rang, il convient de nommer une vieille négresse de soixante ans, Cybèle, libre par la volonté de son maître, esclave par son affection pour lui et les siens, et qui avait été la nourrice de Yaquita. Elle était de la famille. Elle tutoyait la fille et la mère. Toute la vie de cette bonne créature s'était passée dans ces champs, au milieu de ces forêts, sur cette rive du fleuve, qui bornaient l'horizon de la ferme. Venue enfant à Iquitos, à l'époque où la traite des noirs se faisait encore, elle n'avait jamais quitté ce village, elle s'y était mariée, et, veuve de bonne heure, ayant perdu son unique fils, elle était restée au service de Magalhaës. De l'Amazone, elle ne connaissait que ce qui en coulait devant ses yeux.

Avec elle, et plus spécialement attachée au service de Minha, il y avait une jolie et rieuse mulâtresse, de l'âge de la jeune fille, et qui lui était toute dévouée. Elle se nommait Lina. C'était une de ces gentilles créatures, un peu gâtées, auxquelles on passe une grande familiarité, mais qui, en revanche, adorent leurs maîtresses. Vive, remuante, caressante, câline, tout lui était permis dans la maison.

Quant aux serviteurs, on en comptait de deux sortes : les Indiens, au



nombre d'une centaine, employés à gages pour les travaux de la fazenda, et les noirs, en nombre double, qui n'était pas libres encore, mais dont les enfants ne naissaient plus esclaves. Joam Garral avait précédé dans cette voie le gouvernement brésilien. En ce pays, d'ailleurs, plus qu'en tout autre, les nègres venus du Benguela, du Congo, de la Côte d'Or, ont toujours été traités avec douceur, et ce n'était pas à la fazenda d'Iquitos qu'il eût fallu chercher ces tristes exemples de cruauté, si fréquents sur les plantations étrangères.

## CHAPITRE QUATRIÈME – HÉSITATIONS

Manoel aimait la sœur de son ami Benito, et la jeune fille répondait à son affection. Tous deux avaient pu s'apprécier : ils étaient vraiment dignes l'un de l'autre.

Lorsqu'il ne lui fut plus permis de se tromper aux sentiments qu'il éprouvait pour Minha, Manoel s'en était tout d'abord ouvert à Benito.

« Ami Manoel, avait aussitôt répondu l'enthousiaste jeune homme, tu as joliment raison de vouloir épouser ma sœur ! Laisse-moi agir ! Je vais commencer par en parler à notre mère, et je crois pouvoir te promettre que son consentement ne se fera pas attendre ! »

Une demi-heure après, c'était fait. Benito n'avait rien eu à apprendre à sa mère : la bonne Yaquita avait lu avant eux dans le cœur des deux jeunes gens.

Dix minutes après, Benito était en face de Minha. Il faut en convenir, il n'eut pas là non plus à faire de grands frais d'éloquence. Aux premiers mots, la tête de l'aimable enfant se pencha sur l'épaule de son frère, et cet aveu « Que je suis contente ! » était sorti de son cœur.

La réponse précédait presque la question : elle était claire. Benito n'en demanda pas davantage.

Quant au consentement de Joam Garral, il ne pouvait être l'objet d'un doute. Mais, si Yaquita et ses enfants ne lui parlèrent pas aussitôt de ce projet d'union, c'est qu'avec l'affaire du mariage, ils voulaient traiter en même temps une question qui pouvait bien être plus difficile à résoudre : c'était celle de l'endroit où ce mariage serait célébré.

En effet, où se ferait-il ? Dans cette modeste chaumière du village, qui servait d'église ? Pourquoi pas ? puisque là, Joam et Yaquita avaient reçu la bénédiction nuptiale du padre Passanha, qui était alors le curé de la paroisse d'Iquitos. À cette époque, comme à l'époque actuelle, au Brésil, l'acte civil se confondait avec l'acte religieux, et les registres de la Mission suffisaient à constater la régularité d'une situation qu'aucun officier de l'état civil n'avait été chargé d'établir.

Ce serait très probablement le désir de Joam Garral, que le mariage se fit

au village d'Iquitos, en grande cérémonie, avec le concours de tout le personnel de la fazenda ; mais, si telle était sa pensée, il allait subir une vigoureuse attaque à ce sujet.

« Manoel, avait dit la jeune fille à son fiancé, si j'étais consultée, ce ne serait pas ici, c'est au Para que nous nous marierions. Madame Valdez est souffrante, elle ne peut se transporter à Iquitos, et je ne voudrais pas devenir sa fille sans être connue d'elle et sans la connaître. Ma mère pense comme moi sur tout cela. Aussi voudrions-nous décider mon père à nous conduire à Bélem, près de celle dont la maison doit être bientôt la mienne ! Nous approuvez-vous ? »

À cette proposition, Manoel avait répondu en pressant la main de Minha. C'était, à lui aussi, son plus cher désir que sa mère assistât à la cérémonie de son mariage. Benito avait approuvé ce projet sans réserve, et il ne s'agissait plus que de décider Joam Garral.

Et si, ce jour-là, les deux jeunes gens étaient allés chasser dans la forêt, c'était afin de laisser Yaquita seule avec son mari.

Tous deux, dans l'après-midi, se trouvaient donc dans la grande salle de l'habitation.

Joam Garral, qui venait de rentrer, était à demi étendu sur un divan de bambous finement tressés, lorsque Yaquita, un peu émue, vint se placer près de lui.

Apprendre à Joam quels étaient les sentiments de Manoel pour sa fille, ce n'était pas ce qui la préoccupait. Le bonheur de Minha ne pouvait qu'être assuré par ce mariage, et Joam serait heureux d'ouvrir ses bras à ce nouveau fils, dont il connaissait et appréciait les sérieuses qualités. Mais décider son mari à quitter la fazenda, Yaquita sentait bien que cela allait être une grosse question. En effet, depuis que Joam Garral, jeune encore, était arrivé dans ce pays, il ne s'en était jamais absenté, pas même un jour. Bien que la vue de l'Amazone, avec ses eaux doucement entraînées vers l'est, invitât à suivre son cours, bien que Joam envoyât chaque année des trains de bois à Manao, à Bélem, au littoral du Para, bien qu'il eût vu, tous les ans, Benito partir, après les vacances, pour retourner à ses études, jamais la pensée ne semblait lui être venue de l'accompagner.

Les produits de la ferme, ceux des forêts, aussi bien que ceux de la campine, le fazender les livrait sur place. On eût dit que l'horizon qui bornait cet Éden dans lequel se concentrait sa vie, il ne voulait le franchir ni de la pensée ni du regard.

Il suivait de là que si, depuis vingt-cinq ans, Joam Garral n'avait point passé la frontière brésilienne, sa femme et sa fille en étaient encore à mettre le pied sur le sol brésilien. Et pourtant, l'envie de connaître quelque peu ce beau pays, dont Benito leur parlait souvent, ne leur manquait pas ! Deux ou trois fois, Yaquita avait pressenti son mari à cet égard. Mais elle avait vu que la pensée de quitter la fazenda, ne fût-ce que pour quelques semaines, amenait sur son front un redoublement de tristesse. Ses yeux se voilaient alors, et, d'un ton de doux reproche : « Pourquoi quitter notre maison ? Ne sommes-nous pas heureux ici ? » répondait-il.

Et Yaquita, devant cet homme dont la bonté active, dont l'inaltérable tendresse la rendaient si heureuse, n'osait pas insister.

Cette fois, cependant, il y avait une raison sérieuse à faire valoir. Le mariage de Minha était une occasion toute naturelle de conduire la jeune fille à Bélem, où elle devait résider avec son mari.

Là, elle verrait, elle apprendrait à aimer la mère de Manoel Valdez. Comment Joam Garral pourrait-il hésiter devant un désir si légitime ? Comment, d'autre part, n'eût-il pas compris son désir, à elle aussi, de connaître celle qui allait être la seconde mère de son enfant, et comment ne le partagerait-il pas ?

Yaquita avait pris la main de son mari, et de cette voix caressante, qui avait été toute la musique de sa vie, à ce rude travailleur :

« Joam, dit-elle, je viens te parler d'un projet dont nous désirons ardemment la réalisation, et qui te rendra aussi heureux que nous le sommes, nos enfants et moi.

De quoi s'agit-il, Yaquita ? demanda Joam.

Manoel aime notre fille, il est aimé d'elle, et dans cette union ils trouveront le bonheur... »

Aux premiers mots de Yaquita, Joam Garral s'était levé, sans avoir pu maîtriser ce brusque mouvement. Ses yeux s'étaient baissés ensuite, et il semblait vouloir éviter le regard de sa femme.

« Qu'as-tu, Joam ? demanda-t-elle.

Minha ?... se marier ?... murmurait Joam.

Mon ami, reprit Yaquita, le cœur serré, as-tu donc quelque objection à

faire à ce mariage ? Depuis longtemps déjà, n'avais-tu pas remarqué les sentiments de Manoel pour notre fille ?

Oui !... Et depuis un an !...

Puis, Joam s'était rassis sans achever sa pensée. Par un effort de sa volonté, il était redevenu maître de lui-même. L'inexplicable impression qui s'était faite en lui s'était dissipée. Peu à peu, ses yeux revinrent chercher les yeux de Yaquita, et il resta pensif en la regardant.

Yaquita lui prit la main.

« Mon Joam, dit-elle, me serais-je donc trompée ? N'avais-tu pas la pensée que ce mariage se ferait un jour, et qu'il assurerait à notre fille toutes les conditions du bonheur ?

Oui... répondit Joam... toutes !... Assurément !... Cependant, Yaquita, ce mariage ... ce mariage dans notre idée à tous... quand se ferait-il ? ... Prochainement ?

– Il se ferait à l'époque que tu choisirais, Joam.

– Et il s'accomplirait ici... à Iquitos ? »

Cette demande allait amener Yaquita à traiter la seconde question qui lui tenait au cœur. Elle ne le fit pas, cependant, sans une hésitation bien compréhensible.

« Joam, dit-elle, après un instant de silence, écoute-moi bien ! J'ai, au sujet de la célébration de ce mariage, à te faire une proposition que tu approuveras, je l'espère. Deux ou trois fois déjà depuis vingt ans, je t'ai proposé de nous conduire, ma fille et moi, jusque dans ces provinces du Bas-Amazone et du Para, que nous n'avons jamais visitées. Les soins de la fazenda, les travaux qui réclamaient ta présence ici ne t'ont pas permis de satisfaire notre désir. T'absenter, ne fût-ce que quelques jours, cela pouvait alors nuire à tes affaires. Mais maintenant, elles ont réussi au-delà de tous nos rêves, et, si l'heure du repos n'est pas encore venue pour toi, tu pourrais du moins maintenant distraire quelques semaines de tes travaux ! »

Joam Garral ne répondit pas ; mais Yaquita sentit sa main frémir dans la sienne, comme sous le choc d'une impression douloureuse. Toutefois, un demi-sourire se dessina sur les lèvres de son mari : c'était comme une invitation muette à sa femme d'achever ce qu'elle avait à dire.

« Joam, reprit-elle, voici une occasion qui ne se représentera plus dans toute notre existence. Minha va se marier au loin, elle va nous quitter ! C'est le premier chagrin que notre fille nous aura causé, et mon cœur se serre, quand je songe à cette séparation si prochaine ! Eh bien, je serais contente de pouvoir l'accompagner jusqu'à Bélem ! Ne te paraît-il pas convenable, d'ailleurs, que nous connaissions la mère de son mari, celle qui va me remplacer auprès d'elle, celle à qui nous allons la confier ? J'ajoute que Minha ne voudrait pas causer à madame Valdez ce chagrin de se marier loin d'elle. À l'époque de notre union, mon Joam, si ta mère avait vécu, n'aurais-tu pas aimé à te marier sous ses yeux ! »

Joam Garral, à ces paroles de Yaquita, fit encore un mouvement qu'il ne put réprimer.

« Mon ami, reprit Yaquita, avec Minha, avec nos deux fils, Benito et Manoel, avec toi, ah ! que j'aimerais à voir notre Brésil, à descendre ce beau fleuve, jusqu'à ces dernières provinces du littoral qu'il traverse ! Il me semble que là-bas, la séparation serait ensuite moins cruelle ! Au retour, par la pensée, je pourrais revoir ma fille dans l'habitation où l'attend sa seconde mère ! Je ne la chercherais pas dans l'inconnu ! Je me croirais moins étrangère aux actes de sa vie ! »

Cette fois, Joam avait les yeux fixés sur sa femme, et il la regarda longuement, sans rien répondre encore.

Que se passait-il en lui ? Pourquoi cette hésitation à satisfaire une demande si juste en elle-même, à dire un « oui » qui paraissait devoir faire un si vif plaisir à tous les siens ? Le soin de ses affaires ne pouvait plus être une raison suffisante ! Quelques semaines d'absence ne les compromettraient en aucune façon ! Son intendant saurait, en effet, sans dommage, le remplacer à la fazenda ! Et cependant il hésitait toujours !

Yaquita avait pris dans ses deux mains la main de son mari, et elle la serrait plus tendrement.

« Mon Joam, dit-elle, ce n'est pas à un caprice que je te prie de céder. Non ! J'ai longtemps réfléchi à la proposition que je viens de te faire, et si tu consens, ce sera la réalisation de mon plus cher désir. Nos enfants connaissent la démarche que je fais près de toi en ce moment. Minha, Benito, Manoel te demandent ce bonheur, que nous les accompagnions tous les deux ! J'ajoute que nous aimerions à célébrer ce mariage à Bélem plutôt qu'à Iquitos. Cela serait utile à notre fille, à son établissement, à la situation qu'elle doit prendre à Bélem,

qu'on la vît arriver avec les siens, et elle paraîtrait moins étrangère dans cette ville où doit s'écouler la plus grande partie de son existence ! »

Joam Garral s'était accoudé. Il cacha un instant son visage dans ses mains, comme un homme qui sent le besoin de se recueillir avant de répondre. Il y avait évidemment en lui une hésitation contre laquelle il voulait réagir, un trouble même que sa femme sentait bien, mais qu'elle ne pouvait s'expliquer. Un combat secret se livrait sous ce front pensif. Yaquita, inquiète, se reprochait presque d'avoir touché cette question. En tout cas, elle se résignerait à ce que Joam déciderait. Si ce départ lui coûtait trop, elle ferait taire ses désirs ; elle ne parlerait plus jamais de quitter la fazenda ; jamais elle ne demanderait la raison de ce refus inexplicable.

Quelques minutes s'écoulèrent. Joam Garral s'était levé. Il était allé, sans se retourner, jusqu'à la porte. Là, il semblait jeter un dernier regard sur cette belle nature, sur ce coin du monde, où, tout le bonheur de sa vie, il avait su l'enfermer depuis vingt ans.

Puis, il revint à pas lents vers sa femme. Sa physionomie avait pris une nouvelle expression, celle d'un homme qui vient de s'arrêter à une décision suprême, et dont les irrésolutions ont cessé.

« Tu as raison ! dit-il d'une voix ferme à Yaquita. Ce voyage est nécessaire ! Quand veux-tu que nous partions ?

Ah ! Joam, mon Joam ! s'écria Yaquita, toute à sa joie, merci pour moi ! ... Merci pour eux ! » Et des larmes d'attendrissement lui vinrent aux yeux, pendant que son mari la pressait sur son cœur. En ce moment, des voix joyeuses se firent entendre au dehors, à la porte de l'habitation.

Manoel et Benito, un instant après, apparaissaient sur le seuil, presque en même temps que Minha, qui venait de quitter sa chambre.

« Votre père consent, mes enfants ! s'écria Yaquita. Nous partirons tous pour Bélem ! » Joam Garral, le visage grave, sans prononcer une parole, reçut les caresses de son fils, les baisers de sa fille. « Et à quelle date, mon père, demanda Benito, voulez-vous que se célèbre le mariage ?

– La date ?... répondit Joam... la date ? Nous verrons !... Nous la fixerons à Bélem !

– Que je suis contente ! que je suis contente ! répétait Minha, comme au jour où elle avait connu la demande de Manoel. Nous allons donc voir

l'Amazone, dans toute sa gloire, sur tout son parcours à travers les provinces brésiliennes ! Ah ! père, merci ! »

Et la jeune enthousiaste, dont l'imagination prenait déjà son vol, s'adressant à son frère et à Manoel :

« Allons à la bibliothèque, dit-elle ! Prenons tous les livres, toutes les cartes qui peuvent nous faire connaître ce bassin magnifique ! Il ne s'agit pas de voyager en aveugles ! Je veux tout voir et tout savoir de ce roi des fleuves de la terre ! »



## CHAPITRE CINQ UIÈME – L'AMAZONE

« Le plus grand fleuve du monde entier <sup>f5</sup> ! » disait le lendemain Benito à Manoel Valdez.

Et à ce moment, tous deux, assis sur la berge, à la limite méridionale de la fazenda, regardaient passer lentement ces molécules liquides qui, parties de l'énorme chaîne des Andes, allaient se perdre à huit cents lieues de là, dans l'océan Atlantique.

« Et le fleuve qui débite à la mer le volume d'eau le plus considérable ! répondit Manoel.

– Tellement considérable, ajouta Benito, qu'il la dessale à une grande distance de son embouchure, et, à quatre-vingts lieues de la côte, fait encore dériver les navires !

– Un fleuve dont le large cours se développe sur plus de trente degrés en latitude !

– Et dans un bassin qui, du sud au nord, ne comprend pas moins de vingt-cinq degrés !

– Un bassin ! s'écria Benito. Mais est-ce donc un bassin que cette vaste plaine à travers laquelle court l'Amazone, cette savane qui s'étend à perte de vue, sans une colline pour en maintenir la déclivité, sans une montagne pour en délimiter l'horizon !

– Et, sur toute son étendue, reprit Manoel, comme les mille tentacules de quelque gigantesque poulpe, deux cents affluents, venant du nord ou du sud, nourris eux-mêmes par des sous-affluents sans nombre, et près desquels les grands fleuves de l'Europe ne sont que de simples ruisseaux !

– Et un cours où cinq cent soixante îles, sans compter les îlots, fixes ou en dérive, forment une sorte d'archipel et font à elles seules la monnaie d'un royaume !

– Et sur ses flancs, des canaux, des lagunes, des lacs, des lacs, comme on n'en rencontrerait pas dans toute la Suisse, la Lombardie, l'Écosse et le Canada réunis !

– Un fleuve qui, grossi de ses mille tributaires, ne jette pas dans l’océan Atlantique moins de deux cent cinquante millions de mètres cubes d’eau à l’heure !

– Un fleuve dont le cours sert de frontière à deux républiques, et traverse majestueusement le plus grand royaume du Sud-Amérique, comme si, en vérité, c’était l’océan Pacifique lui-même qui, par son canal, se déversait tout entier dans l’Atlantique !

– Et par quelle embouchure ! Un bras de mer dans lequel une île, Marajo, présente un périmètre de plus de cinq cents lieues de tour !...

– Et dont l’Océan ne parvient à refouler les eaux qu’en soulevant, dans une lutte phénoménale, un raz de marée, une « pororoca », près desquels les reflux, les barres, les mascarets des autres fleuves ne sont que de petites rides soulevées par la brise !

– Un fleuve que trois noms suffisent à peine à dénommer, et que les navires de fort tonnage peuvent remonter jusqu’à cinq mille kilomètres de son estuaire, sans rien sacrifier de leur cargaison !

– Un fleuve qui, soit par lui-même, soit par ses affluents et sous-affluents, ouvre une voie commerciale et fluviale à travers tout le nord de l’Amérique, passant de la Magdalena à l’Ortequaza, de l’Ortequaza au Caqueta, du Caqueta au Putumayo, du Putumayo à l’Amazone ! Quatre mille milles de routes fluviales, qui ne nécessiteraient que quelques canaux, pour que le réseau navigable fût complet !

– Enfin le plus admirable et le plus vaste système hydrographique qui soit au monde ! »

Ils en parlaient avec une sorte de furie, ces deux jeunes gens, de l’incomparable fleuve ! Ils étaient bien les enfants de cet Amazone, dont les affluents, dignes de lui-même, forment des chemins « qui marchent » à travers la Bolivie, le Pérou, l’Équateur, la Nouvelle-Grenade, le Venezuela, les quatre Guyanes, anglaise, française, hollandaise et brésilienne !

Que de peuples, que de races, dont l’origine se perd dans les lointains du temps ! Eh bien, il en est ainsi des grands fleuves du globe ! Leur source véritable échappe encore aux investigations. Nombres d’États réclament l’honneur de leur donner naissance ! L’Amazone ne pouvait échapper à cette loi. Le Pérou, l’Équateur, la Colombie, se sont longtemps disputé cette glorieuse paternité.

Aujourd'hui, cependant, il paraît hors de doute que l'Amazone naît au Pérou, dans le district d'Huaraco, intendance de Tarma, et qu'il sort du lac Lauricocha, à peu près situé entre les onzième et douzième degrés de latitude sud.

À ceux qui voudraient le faire sourdre en Bolivie et tomber des montagnes de Titicaca, incomberait l'obligation de prouver que le véritable Amazone est l'Ucayali, qui se forme de la jonction du Paro et de l'Apurimac ; mais cette opinion doit être désormais repoussée.

À sa sortie du lac Lauricocha, le fleuve naissant s'élève vers le nord-est sur un parcours de cinq cent soixante milles, et il ne se dirige franchement vers l'est qu'après avoir reçu un important tributaire, le Pante. Il s'appelle Marañon sur les territoires colombien et péruvien, jusqu'à la frontière brésilienne, ou plutôt Maranhao, car Marañon n'est autre chose que le nom portugais francisé. De la frontière du Brésil à Manao, où le superbe rio Negro vient s'absorber en lui, il prend le nom de Solimaës ou Solimoens, du nom de la tribu indienne Solimao, dont on retrouve encore quelques débris dans les provinces riveraines. Et enfin, de Manao à la mer, c'est l'Amasenas ou fleuve des Amazones, nom dû aux Espagnols, à ces descendants de l'aventureux Orellana, dont les récits, douteux mais enthousiastes, donnèrent à penser qu'il existait une tribu de femmes guerrières, établies sur le rio Nhamunda, l'un des affluents moyens du grand fleuve.

Dès le principe, on peut déjà prévoir que l'Amazone deviendra un magnifique cours d'eau. Pas de barrages ni d'obstacles d'aucune sorte depuis sa source jusqu'à l'endroit où son cours, un peu rétréci, se développe entre deux pittoresques chaînons inégaux. Les chutes ne commencent à briser son courant qu'au point où il oblique vers l'est, pendant qu'il traverse le chaînon intermédiaire des Andes. Là existent quelques sauts, sans lesquels il serait certainement navigable depuis son embouchure jusqu'à sa source. Quoi qu'il en soit, ainsi que l'a fait observer Humboldt, il est libre sur les cinq sixièmes de son parcours.

Et, dès le début, les tributaires, nourris eux-mêmes par un grand nombre de leurs sous-affluents, ne lui manquent pas. C'est le Chinchipé, venu du nord-est, à gauche. À droite, c'est le Chachapuyas, venu du sud-est. C'est, à gauche, le Marona et le Pastuca, et le Guallaga, à droite, qui s'y perd près de la Mission de la Laguna. De gauche encore arrivent le Chambyra et le Tigré qu'envoie le nord-est ; de droite, le Huallaga, qui s'y jette à deux mille huit cents milles de l'Atlantique, et dont les bateaux peuvent encore remonter le cours sur une longueur de plus de deux cents milles pour s'enfoncer jusqu'au cœur du Pérou. À droite enfin, près des Missions de San-Joachim-d'Omaguas, après avoir promené majestueusement ses eaux à travers les pampas de Sacramento, apparaît le

magnifique Ucayali, à l'endroit où se termine le bassin supérieur de l'Amazone, grande artère grossie de nombreux cours d'eau qu'épanche le lac Chucuito dans le nord-est d'Arica.

Tels sont les principaux affluents au-dessus du village d'Iquitos. En aval, les tributaires deviennent si considérables, que des lits des fleuves européens seraient certainement trop étroits pour les contenir. Mais, ces affluents-là, Joam Garral et les siens allaient en reconnaître les embouchures pendant leur descente de l'Amazone.

Aux beautés de ce fleuve sans rival, qui arrose le plus beau pays du globe, en se tenant presque constamment à quelques degrés au-dessous de la ligne équatoriale, il convient d'ajouter encore une qualité que ne possèdent ni le Nil, ni le Mississipi, ni le Livingstone, cet ancien Congo-Zaire-Loualaba. C'est que, quoi qu'aient pu dire des voyageurs évidemment mal informés, l'Amazone coule à travers toute une partie salubre de l'Amérique méridionale. Son bassin est incessamment balayé par les vents généraux de l'ouest. Ce n'est point une vallée encaissée dans de hautes montagnes qui contient son cours, mais une large plaine, mesurant trois cent cinquante lieues du nord au sud, à peine tuméfiée de quelques collines, et que les courants atmosphériques peuvent librement parcourir.

Le professeur Agassiz s'élève avec raison contre cette prétendue insalubrité du climat d'un pays destiné, sans doute, à devenir le centre le plus actif de production commerciale. Suivant lui, « un souffle léger et doux se fait constamment sentir et produit une évaporation, grâce à laquelle la température baisse et le sol ne s'échauffe pas indéfiniment. La constance de ce souffle rafraîchissant rend le climat du fleuve des Amazones agréable et même des plus délicieux ».

Aussi l'abbé Durand, ancien missionnaire au Brésil, a-t-il pu constater que, si la température ne s'abaisse pas au-dessous de vingt-cinq degrés centigrades, elle ne s'élève presque jamais au-dessus de trente-trois, – ce qui donne, pour toute l'année, une moyenne de vingt-huit à vingt-neuf, avec un écart de huit degrés seulement.

Après de telles constatations, il est donc permis d'affirmer que le bassin de l'Amazone n'a rien des chaleurs torrides des contrées de l'Asie et de l'Afrique, traversées par les mêmes parallèles.

La vaste plaine qui lui sert de vallée est tout entière accessible aux larges brises que lui envoie l'océan Atlantique.

Aussi les provinces auxquelles le fleuve a donné son nom ont-elles

l'incontestable droit de se dire les plus salubres d'un pays qui est déjà l'un des plus beaux de la terre.

Et qu'on ne croie pas que le système hydrographique de l'Amazone ne soit pas connu !

Dès le XVI<sup>e</sup> siècle, Orellana, lieutenant de l'un des frères Pizarre, descendait le rio Negro, débouchait dans le grand fleuve en 1540, s'aventurait sans guide à travers ces régions, et, après dix-huit mois d'une navigation dont il a fait un récit merveilleux, il atteignait son embouchure.

En 1636 et 1637, le Portugais Pedro Texeira remontait l'Amazone jusqu'au Napo avec une flottille de quarante-sept pirogues.

En 1743, La Condamine, après avoir mesuré l'arc du méridien à l'Équateur, se séparait de ses compagnons, Bouguer et Godin des Odonais, s'embarquait sur le Chincipé, le descendait jusqu'à son confluent avec le Marafion, atteignait l'embouchure du Napo, le 31 juillet, à temps pour observer une émergence du premier satellite de Jupiter, – ce qui permit à ce « Humboldt du XVII<sup>e</sup> siècle » de fixer exactement la longitude et la latitude de ce point –, visitait les villages des deux rives, et, le 6 septembre, arrivait devant le fort de Para. Cet immense voyage devait avoir des résultats considérables : non seulement le cours de l'Amazone était établi d'une façon scientifique, mais il paraissait presque certain qu'il communiquait avec l'Orénoque.

Cinquante-cinq ans plus tard, Humboldt et Bonpland complétaient les précieux travaux de La Condamine en levant la carte du Marañon jusqu'au rio Napo.

Eh bien, depuis cette époque l'Amazone n'a pas cessé d'être visité en lui-même et dans tous ses principaux affluents.

En 1827 Lister-Maw, en 1834 et 1835 l'Anglais Smyth, en 1844 le lieutenant français commandant la *Boulonnaise*, le Brésilien Valdez en 1840, le Français Paul Marcoy de 1848 à 1860, le trop fantaisiste peintre Biard en 1859, le professeur Agassiz de 1865 à 1866, en 1867 l'ingénieur brésilien Franz Keller-Linzenger, et enfin en 1879 le docteur Crevaux, ont exploré le cours du fleuve, remonté divers de ses affluents et reconnu la navigabilité des principaux tributaires.

Mais le fait le plus considérable à l'honneur du gouvernement brésilien est celui-ci :

Le 31 juillet 1857, après de nombreuses contestations de frontière entre la France et le Brésil sur la limite de Guyane, le cours de l'Amazone, déclaré libre, fut ouvert à tous les pavillons, et, afin de mettre la pratique au niveau de la théorie, le Brésil traita avec les pays limitrophes pour l'exploitation de toutes les voies fluviales dans le bassin de l'Amazone.

Aujourd'hui, des lignes de bateaux à vapeur, confortablement installés, qui correspondent directement avec Liverpool, desservent le fleuve depuis son embouchure jusqu'à Manao ; d'autres remontent jusqu'à Iquitos ; d'autres enfin, par le Tapajoz, le Madeira, le rio Negro, le Purus, pénètrent jusqu'au cœur du Pérou et de la Bolivie.

On s'imagine aisément l'essor que prendra un jour le commerce dans tout cet immense et riche bassin, qui est sans rival au monde.

Mais, à cette médaille de l'avenir, il y a un revers. Les progrès ne s'accomplissent pas sans que ce soit au détriment des races indigènes.

Oui, sur le Haut-Amazone, bien des races d'Indiens ont déjà disparu, entre autres les Curicicurus et les Sorimaos. Sur le Putumayo, si l'on rencontre encore quelques Yuris, les Yahuas l'ont abandonné pour se réfugier vers des affluents lointains, et les Maoos ont quitté ses rives pour errer maintenant, en petit nombre, dans les forêts du Japura !

Oui, la rivière des Tunantins est à peu près dépeuplée, et il n'y a plus que quelques familles nomades d'Indiens à l'embouchure du Jurua. Le Teffé est presque délaissé, et il ne reste plus que des débris de la grande nation Umaüa, près des sources du Japura. Le Coari, déserté. Peu d'Indiens Muras sur les rives du Purus. Des anciens Manaos, on ne compte que des familles nomades. Sur les bords du rio Negro, on ne cite guère que des métis de Portugais et d'indigènes, là où l'on a dénombré jusqu'à vingt-quatre nations différentes.

C'est la loi du progrès. Les Indiens disparaîtront. Devant la race anglo-saxonne, Australiens et Tasmaniens se sont évanouis. Devant les conquérants du Far-West s'effacent les Indiens du Nord-Amérique. Un jour, peut-être, les Arabes se seront anéantis devant la colonisation française.

Mais il faut revenir à cette date de 1852. Alors les moyens de communication, si multipliés aujourd'hui, n'existaient pas, et le voyage de Joam Garral ne devait pas exiger moins de quatre mois, surtout dans les conditions où il allait se faire.

De là, cette réflexion de Benito, pendant que les deux amis regardaient les

eaux du fleuve couler lentement à leurs pieds :

« Ami Manoel, puisque notre arrivée à Bélem ne précédera que de peu le moment de notre séparation, cela te paraîtra bien court !

– Oui, Benito, répondit Manoel, mais bien long aussi, puisque Minha ne doit être ma femme qu'au terme du voyage ! »

## CHAPITRE SIXIÈME – TOUTE UNE FORÊT PAR TERRE

La famille de Joam Garral était donc en joie. Ce magnifique trajet sur l'Amazone allait s'accomplir dans des conditions charmantes. Non seulement le fazender et les siens partaient pour un voyage de quelques mois, mais, ainsi qu'on le verra, ils devaient être accompagnés d'une partie du personnel de la ferme.

Sans doute, en voyant tout le monde heureux autour de lui, Joam Garral oublia les préoccupations qui semblaient troubler sa vie. À partir de ce jour, sa résolution étant fermement arrêtée, il fut un autre homme, et, lorsqu'il eut à s'occuper des préparatifs du voyage, il reprit son activité d'autrefois. Ce fut une vive satisfaction pour les siens de le revoir à l'œuvre. L'être moral réagit contre l'être physique, et Joam Garral redevint ce qu'il était dans ses premières années, vigoureux, solide. Il se retrouva l'homme qui a toujours vécu au grand air, en cette vivifiante atmosphère des forêts, des champs, des eaux courantes.

Au surplus, les quelques semaines qui devaient précéder le départ allaient être bien remplies.

Ainsi qu'il a été dit plus haut, à cette époque, le cours de l'Amazone n'était pas encore sillonné par ces nombreux bateaux à vapeur que des compagnies songeaient déjà à lancer sur le fleuve et sur ses principaux affluents. Le service fluvial ne se faisait que par les particuliers, pour leur compte, et, le plus souvent, les embarcations ne s'employaient qu'au service des établissements littoraux.

Ces embarcations étaient des « ubas », sorte de pirogues faites d'un tronc creusé au feu et à la hache, pointues et légères de l'avant, lourdes et arrondies de l'arrière, pouvant porter de un à douze rameurs, et prendre jusqu'à trois ou quatre tonnes de marchandises ; des « égariteas », grossièrement construites, largement façonnées, recouvertes en partie dans leur milieu d'un toit de feuillage, qui laisse libre en abord une coursive sur laquelle se placent les payeurs ; des « jangadas », sorte de radeaux informes, actionnés par une voile triangulaire et supportant la cabane de paillis, qui sert de maison flottante à l'Indien et à sa famille.

Ces trois espèces d'embarcations constituent la petite flottille de l'Amazone, et elles ne peuvent servir qu'à un médiocre transport de gens et d'objets de commerce.



Il en existe bien qui sont plus grandes, des « vigilingas », jaugeant huit à dix tonneaux, surmontées de trois mâts, gréées de voiles rouges, et que poussent, en temps calme, quatre longues pagaies, lourdes à manœuvrer contre le courant ; des « cobertas », mesurant jusqu'à vingt tonneaux de jauge, sorte de jonques avec un roufle à l'arrière, une cabine intérieure, deux mâts à voiles carrées et inégales, et suppléant au vent insuffisant ou contraire par l'emploi de dix longs avirons que les Indiens manient du haut d'un gaillard d'avant.

Mais ces divers véhicules ne pouvaient convenir à Joam Garral. Du moment qu'il s'était résolu à descendre l'Amazone, il avait songé à utiliser ce voyage pour le transport d'un énorme convoi de marchandises qu'il devait livrer au Para. À ce point de vue, peu importait que la descente du fleuve s'opérât dans un bref délai. Voici donc le parti auquel il s'arrêta, – parti qui devait rallier tous les suffrages, sauf peut-être celui de Manoel. Le jeune homme eût préféré sans doute quelque rapide steam-boat, et pour cause.

Mais, si rudimentaire, si primitif que dût être le moyen de transport imaginé par Joam Garral, il allait permettre d'emmener un nombreux personnel, et de s'abandonner au courant du fleuve dans d'exceptionnelles conditions de confort et de sécurité.

Ce serait, en vérité, comme une partie de la fazenda d'Iquitos qui se détacherait de la rive et descendrait l'Amazone, avec tout ce qui constitue une famille de fazenders, maîtres et serviteurs, dans leurs habitations, dans leurs carbets, dans leurs cases.

L'établissement d'Iquitos comprenait, sur l'ensemble de son exploitation, quelques-unes de ces magnifiques forêts, qui sont, pour ainsi dire, inépuisables dans cette partie centrale du Sud-Amérique.

Joam Garral s'entendait parfaitement à l'aménagement de ces bois, riches des essences les plus précieuses et les plus variées, très propres aux ouvrages de menuiserie, d'ébénisterie, de mâturerie, de charpente, et il en tirait annuellement des bénéfices considérables.

En effet, le fleuve n'était-il pas là pour convoyer les produits des forêts amazoniennes, plus sûrement et plus économiquement que ne l'eût pu faire un railway ? Aussi, chaque année, Joam Garral, jetant à terre quelques centaines d'arbres de sa réserve, formait-il un de ces immenses trains de bois flotté, fait de madriers, poutrelles, troncs à peine équarris, qui se rendait au Para sous la conduite d'habiles pilotes, connaissant bien le brassage du fleuve et la direction des courants.

En cette année, Joam Garral allait donc agir comme il l'avait fait les années précédentes. Seulement, le train de bois établi, il comptait laisser à Benito tout le détail de cette grosse affaire commerciale. Mais il n'y avait pas de temps à perdre. En effet, le commencement de juin était l'époque favorable pour le départ, puisque les eaux, surélevées par les crues du haut bassin, allaient baisser peu à peu jusqu'au mois d'octobre.

Les premiers travaux devaient donc être entrepris sans retard, car le train de bois allait prendre des proportions inusitées. Il s'agissait, cette fois, d'abattre un demi-mille carré de forêt, située au confluent du Nanay et de l'Amazone, c'est-à-dire tout un angle du littoral de la fazenda, d'en former un énorme train, – tel que serait une de ces jangadas ou radeaux du fleuve, à laquelle on donnerait les dimensions d'un îlot.

Or, c'était sur cette jangada, plus sûre qu'aucune autre embarcation du pays, plus vaste que cent égariteas ou vigilindas accouplées, que Joam Garral se proposait de s'embarquer avec sa famille, son personnel et sa cargaison.

« Excellente idée ! s'était écriée Minha, en battant des mains, lorsqu'elle avait connu le projet de son père.

– Oui ! répondit Yaquita, et, dans ces conditions, nous atteindrons Bélem sans danger ni fatigue !

– Et, pendant les haltes, nous pourrions chasser dans les forêts de la rive, ajouta Benito.

– Ce sera peut-être un peu long ! fit observer Manoel, et ne conviendrait-il pas de choisir quelque mode de locomotion plus rapide pour descendre l'Amazone ? »

Ce serait long, évidemment ; mais la réclamation intéressée du jeune médecin ne fut admise par personne. Joam Garral fit venir alors un Indien, qui était le principal intendant de la fazenda. « Dans un mois, lui dit-il, il faut que la jangada soit en état et prête à dériver.

– Aujourd'hui même, monsieur Garral, nous serons à l'ouvrage », répondit l'intendant.

Ce fut une rude besogne. Ils étaient là une centaine d'Indiens et de noirs, qui, pendant cette première quinzaine du mois de mai, firent véritablement merveille. Peut-être quelques braves gens, peu habitués à ces grands massacres d'arbres, eussent-ils gémi en voyant des géants, qui comptaient plusieurs siècles

d'existence, tomber, en deux ou trois heures, sous le fer des bûcherons ; mais il y en avait tant et tant, sur les bords du fleuve, en amont, sur les îles, en aval, jusqu'aux limites les plus reculées de l'horizon des deux rives, que l'abatage de ce demi-mille de forêt ne devait pas même laisser un vide appréciable.

L'intendant et ses hommes, après avoir reçu les instructions de Joam Garral, avaient d'abord nettoyé le sol des lianes, des broussailles, des herbes, des plantes arborescentes qui l'obstruaient. Avant de prendre la scie et la hache, ils s'étaient armés du sabre d'abatis, cet indispensable outil de quiconque veut s'enfoncer dans les forêts amazoniennes : ce sont de grandes lames, un peu courbes, larges et plates, longues de deux à trois pieds, solidement emmanchées dans des fusées, et que les indigènes manœuvrent avec une remarquable adresse. En peu d'heures, le sabre aidant, ils ont essarté le sol, abattu les sous-bois et ouvert de larges trouées au plus profond des futaies.

Ainsi fut-il fait. Le sol se nettoya devant les bûcherons de la ferme. Les vieux troncs dépouillèrent leur vêtement de lianes, de cactus, de fougères, de mousses, de bromélias. Leur écorce se montra à nu, en attendant qu'ils fussent écorchés vifs à leur tour.

Puis, toute cette bande de travailleurs, devant lesquels fuyaient d'innombrables légions de singes qui ne les surpassaient pas en agilité, se hissa dans les branchages supérieurs, sciant les fortes fourches, dégageant la haute ramure qui devait être consommée sur place. Bientôt, il ne resta plus de la forêt condamnée que de longs stipes chenus, découronnés à leur cime, et avec l'air, le soleil pénétra à flots jusqu'à ce sol humide qu'il n'avait peut-être jamais caressé.

Il n'était pas un de ces arbres qui ne pût être employé à quelque ouvrage de force, charpente ou grosse menuiserie. Là, poussaient, comme des colonnes d'ivoire cerclées de brun, quelques-uns de ces palmiers à cire, hauts de cent vingt pieds, larges de quatre à leur base, et qui donnent un bois inaltérable ; là, des châtaigniers à aubier résistant, qui produisent des noix tricornes ; là, des « murichis », recherchés pour le bâtiment, des « barrigudos », mesurant deux toises à leur renflement qui s'accroît à quelques pieds au-dessus du sol, arbres à écorce roussâtre et luisante, boutonnée de tubercules gris, dont le fuseau aigu supporte un parasol horizontal ; là, des bombax au tronc blanc, lisse et droit, de taille superbe. Près de ces magnifiques échantillons de la flore amazonienne tombaient aussi des « quatibos », dont le dôme rose dominait tous les arbres voisins, qui donnent des fruits semblables à de petits vases, où sont disposées des rangées de châtaignes, et dont le bois, d'un violet clair, est spécialement demandé pour les constructions navales. C'étaient encore des bois de fer, et plus particulièrement l'« ibiriratea », d'une chair presque noire, si serrée de grain

que les Indiens en fabriquent leurs haches de combat ; des « jacarandas », plus précieux que l'acajou ; des « coesalpinas », dont on ne retrouve l'espèce qu'au fond de ces vieilles forêts qui ont échappé au bras des bûcherons ; des « sapucaias », hauts de cent cinquante pieds, arc-boutés d'arceaux naturels, qui, sortis d'eux à trois mètres de leur base, se rejoignent à une hauteur de trente pieds, s'enroulent autour de leur tronc comme les filetures d'une colonne torse, et dont la tête s'épanouit en un bouquet d'artifices végétaux, que les plantes parasites colorent de jaune, de pourpre et de blanc neigeux.

Trois semaines après le commencement des travaux, de ces arbres qui hérissaient l'angle du Nanay et de l'Amazone, il ne restait pas un seul debout. L'abattage avait été complet. Joam Garral n'avait pas même eu à se préoccuper de l'aménagement d'une forêt que vingt ou trente ans auraient suffi à refaire. Pas un baliveau de jeune ou de vieille écorce ne fut épargné pour établir les jalons d'une coupe future, pas un de ces corniers qui marquent la limite du déboisement ; c'était une « coupe blanche », tous les troncs ayant été recépés au ras du sol, en attendant le jour où seraient extraites leurs racines, sur lesquelles le printemps prochain étendrait encore ses verdoyantes brouilles.

Non, ce mille carré, baigné à sa lisière par les eaux du fleuve et de son affluent, était destiné à être défriché, labouré, planté, ensemencé, et, l'année suivante, des champs de manioc, de caféiers, d'inhame, de cannes à sucre, d'arrow-root, de maïs, d'arachides, couvriraient le sol qu'ombrageait jusqu'alors la riche plantation forestière.

La dernière semaine du mois de mai n'était pas arrivée, que tous les troncs, séparés suivant leur nature et leur degré de flottabilité, avaient été rangés symétriquement sur la rive de l'Amazone. C'était là que devait être construite l'immense jangada qui, avec les diverses habitations nécessaires au logement des équipes de manœuvre, deviendrait un véritable village flottant. Puis, à l'heure dite, les eaux du fleuve, gonflées par la crue, viendraient la soulever et l'emporteraient pendant des centaines de lieues jusqu'au littoral de l'Atlantique.

Pendant toute la durée de ces travaux, Joam Garral s'y était entièrement adonné. Il les avait dirigés lui-même, d'abord sur le lieu de défrichement, ensuite à la lisière de la fazenda, formée d'une large grève, sur laquelle furent disposées les pièces du radeau.

Yaquita, elle, s'occupait avec Cybèle de tous les préparatifs de départ, bien que la vieille négresse ne comprit pas qu'on voulût s'en aller de là où l'on se trouvait si bien.

« Mais tu verras des choses que tu n'as jamais vues ! lui répétait sans cesse Yaquita.

Vaudront-elles celles que nous sommes habituées à voir ? » répondait invariablement Cybèle.

De leur côté, Minha et sa favorite songeaient à ce qui les concernait plus particulièrement. Il ne s'agissait pas pour elles d'un simple voyage : c'était un départ définitif, c'étaient les mille détails d'une installation dans un autre pays, où la jeune mulâtresse devait continuer à vivre près de celle à laquelle elle était si tendrement attachée. Minha avait bien le cœur un peu gros, mais la joyeuse Lina ne prenait pas autrement souci d'abandonner Iquitos. Avec Minha Valdez, elle serait ce qu'elle était avec Minha Garral. Pour enrayer son rire, il aurait fallu la séparer de sa maîtresse, ce dont il n'avait jamais été question.

Benito, lui, avait activement secondé son père dans les travaux qui venaient de s'accomplir. Il faisait ainsi l'apprentissage de ce métier de fazender, qui serait peut-être le sien un jour, comme il allait faire celui de négociant en descendant le fleuve.

Quant à Manoel, il se partageait autant que possible entre l'habitation, où Yaquita et sa fille ne perdaient pas une heure, et le théâtre du défrichement, sur lequel Benito voulait l'entraîner plus qu'il ne lui convenait. Mais, en somme, le partage fut très inégal, et cela se comprend.

## CHAPITRE SEPTIÈME – EN SUIVANT UNE LIANE

Un dimanche, cependant, le 26 mai, les jeunes gens résolurent de prendre quelque distraction. Le temps était superbe, l'atmosphère s'imprégnait des fraîches brises venues de la Cordillère, qui adoucissaient la température. Tout invitait à faire une excursion dans la campagne.

Benito et Manoel offrirent donc à la jeune fille de les accompagner à travers les grands bois qui bordaient la rive droite de l'Amazone, à l'opposé de la fazenda.

C'était une façon de prendre congé des environs d'Iquitos, qui sont charmants. Les deux jeunes gens iraient en chasseurs, mais en chasseurs, qui ne quitteraient pas leurs compagnes pour courir après le gibier, on pouvait là-dessus s'en rapporter à Manoel, – et les jeunes filles, car Lina ne pouvait se séparer de sa maîtresse, iraient en simples promeneuses, qu'une excursion de deux à trois lieues n'était pas pour effrayer.

Ni Joam Garral ni Yaquita n'avaient le temps de se joindre à eux. D'une part, le plan de la jangada n'était pas encore achevé, et il ne fallait pas que sa construction subît le moindre retard. De l'autre, Yaquita et Cybèle, bien que secondées par tout le personnel féminin de la fazenda, n'avaient pas une heure à perdre.

Minha accepta l'offre avec grand plaisir. Aussi ce jour-là, vers onze heures, après le déjeuner, les deux jeunes gens et les deux jeunes filles se rendirent sur la berge, à l'angle du confluent des deux cours d'eau. Un des noirs les accompagnait. Tous s'embarquèrent dans une des ubas destinées au service de la ferme, et, après avoir passé entre les îles Iquitos et Parianta, ils atteignirent la rive droite de l'Amazone.

L'embarcation accosta au berceau de superbes fougères arborescentes, qui se couronnaient, à une hauteur de trente pieds, d'une sorte d'auréole, faite de légères branches de velours vert aux feuilles festonnées d'une fine dentelle végétale.

« Et maintenant, Manoel, dit la jeune fille, c'est à moi de vous faire les honneurs de la forêt, vous qui n'êtes qu'un étranger dans ces régions du Haut-Amazone ! Nous sommes ici chez nous, et vous me laisserez remplir mes devoirs

de maîtresse de maison !

– Chère Minha, répondit le jeune homme, vous ne serez pas moins maîtresse de maison dans notre ville de Bélem qu'à la fazenda d'IQUITOS, et, là-bas comme ici...

– Ah ça ! Manoel, et toi, ma sœur, s'écria Benito, vous n'êtes pas venus pour échanger de tendres propos, j'imagine !... Oubliez pour quelques heures que vous êtes fiancés !...

– Pas une heure ! pas un instant ! répliqua Manoel.

– Cependant, si Minha te l'ordonne !

– Minha ne me l'ordonnera pas !

– Qui sait ? dit Lina en riant.

– Lina a raison ! répondit Minha, qui tendit la main à Manoel. Essayons d'oublier !... Oublions !... Mon frère l'exige !... Tout est rompu, tout ! Tant que durera cette promenade, nous ne sommes pas fiancés ! Je ne suis plus la sœur de Benito ! Vous n'êtes plus son ami !...

– Par exemple ! s'écria Benito.

– Bravo ! bravo ! Il n'y a plus que des étrangers ici ! répliqua la jeune mulâtresse en battant des mains.

– Des étrangers qui se voient pour la première fois, ajouta la jeune fille, qui se rencontrent, se saluent...

– Mademoiselle... dit Manoel en s'inclinant devant Minha.

– À qui ai-je l'honneur de parler, monsieur ? demanda la jeune fille du plus grand sérieux.

– À Manoel Valdez, qui serait heureux que monsieur votre frère voulût bien le présenter...

– Ah ! au diable ces maudites façons ! s'écria Benito. Mauvaise idée que j'ai eue là !... Soyez fiancés, mes amis ! Soyez-le tant qu'il vous plaira ! Soyez-le toujours !

– Toujours ! » dit Minha, à qui ce mot échappa si naturellement que les

éclats de rire de Lina redoublèrent. Un regard reconnaissant de Manoel récompensa la jeune fille de l'imprudence de sa langue. « Si nous marchions, nous parlerions moins ! En route ! » cria Benito, pour tirer sa sœur d'embarras.

Mais Minha n'était pas pressée.

« Un instant, frère ! dit-elle, tu l'as vu ! j'allais t'obéir ! Tu voulais nous obliger à nous oublier, Manoel et moi, pour ne pas gâter ta promenade ! Eh bien, j'ai à mon tour un sacrifice à te demander pour ne pas gâter la mienne ! Tu vas, s'il te plaît, et même si cela ne te plaît pas, me promettre, toi, Benito, en personne, d'oublier...

– D'oublier ?...

– D'oublier que tu es chasseur, monsieur mon frère !

– Quoi ! tu me défends ?...

– Je te défends de tirer tous ces charmants oiseaux, ces perroquets, ces perruches, ces caciques, ces couroucous, qui volent si joyeusement à travers la forêt ! Même interdiction pour le menu gibier, dont nous n'avons que faire aujourd'hui ! Si quelque onça, jaguar ou autre, nous approche de trop près, soit !

– Mais... fit Benito.

– Sinon, je prends le bras de Manoel, et nous nous sauverons, nous nous perdrons, et tu seras obligé de courir après nous !

– Hein ! as-tu bonne envie que je refuse ? s'écria Benito, en regardant son ami Manoel.

– Je le crois bien ! répondit le jeune homme.

– Eh bien, non ! s'écria Benito. Je ne refuse pas ! J'obéirai pour que tu enrages ! En route ! »

Et les voilà tous les quatre, suivis du noir, qui s'enfoncent sous ces beaux arbres, dont l'épais feuillage empêchait les rayons du soleil d'arriver jusqu'au sol.

Rien de plus magnifique que cette partie de la rive droite de l'Amazone. Là, dans une confusion pittoresque, s'élevaient tant d'arbres divers que, sur l'espace d'un quart de lieue carré, on a pu compter jusqu'à cent variétés de ces merveilles végétales. En outre, un forestier eût aisément reconnu que jamais bûcheron n'y avait promené sa cognée ou sa hache. Même après plusieurs



siècles de défrichement, la blessure aurait encore été visible. Les nouveaux arbres eussent-ils eu cent ans d'existence, que l'aspect général n'aurait plus été celui des premiers jours, grâce à cette singularité, surtout, que l'espèce des lianes et autres plantes parasites se serait modifiée. C'est là un symptôme curieux, auquel un indigène n'aurait pu se méprendre.

La joyeuse bande se glissait donc dans les hautes herbes, à travers les fourrés, sous les taillis, causant et riant. En avant, le nègre, manœuvrant son sabre d'abatis, faisait le chemin, lorsque les broussailles étaient trop épaisses, et il mettait en fuite des milliers d'oiseaux.

Minha avait eu raison d'intercéder pour tout ce petit monde ailé, qui papillonnait dans le haut feuillage. Là se montraient les plus beaux représentants de l'ornithologie tropicale. Les perroquets verts, les perruches criardes semblaient être les fruits naturels de ces gigantesques essences. Les colibris et toutes leurs variétés, barbes-bleues, rubis-topaze, « tisauros » à longues queues en ciseau, étaient comme autant de fleurs détachées que le vent emportait d'une branche à l'autre. Des merles au plumage orangé, bordé d'un liséré brun, des becfigues dorés sur tranche, des « sabias » noirs comme des corbeaux, se réunissaient dans un assourdissant concert de sifflements. Le long bec du toucan déchiquetait les grappes d'or des « guiriris ». Les pique-arbres ou piverts du Brésil secouaient leur petite tête mouchetée de points pourpres. C'était l'enchantement des yeux.

Mais tout ce monde se taisait, se cachait, lorsque, dans la cime des arbres, grinçait la girouette rouillée de l'« alma de gato », l'âme du chat, sorte d'épervier fauve-clair. S'il planait fièrement en déployant les longues plumes blanches de sa queue, il s'enfuyait lâchement, à son tour, au moment où apparaissait dans les zones supérieures le « gaviaô », grand aigle à tête de neige, l'effroi de toute la gent ailée des forêts.

Minha faisait admirer à Manoel ces merveilles naturelles qu'il n'eût pas retrouvées dans leur simplicité primitive au milieu des provinces plus civilisées de l'est. Manoel écoutait la jeune fille plus des yeux que de l'oreille. D'ailleurs, les cris, les chants de ces milliers d'oiseaux, étaient si pénétrants parfois, qu'il n'eût pu l'entendre. Seul, le rire éclatant de Lina avait assez d'acuité pour dominer de sa joyeuse note les gloussements, pépiements, hululements, sifflements, roucoulements de toute espèce.

Au bout d'une heure, on n'avait pas franchi plus d'un petit mille. En s'éloignant des rives, les arbres prenaient un autre aspect. La vie animale ne se manifestait plus au ras du sol, mais à soixante ou quatre-vingts pieds au-dessus, par le passage des bandes de singes, qui se poursuivaient à travers les hautes

branches. Ça et là, quelques cônes de rayons solaires perçaient jusqu'au sous-bois. En vérité, la lumière, dans ces forêts tropicales, ne semble plus être un agent indispensable à leur existence. L'air suffit au développement de ces végétaux, grands ou petits, arbres ou plantes, et toute la chaleur nécessaire à l'expansion de leur sève, ils la puisent, non dans l'atmosphère ambiante, mais au sein même du sol, où elle s'emmagasine comme dans un énorme calorifère.

Et à la surface des bromélias, des serpentines, des orchidées, des cactus, de tous ces parasites enfin qui formaient une petite forêt sous la grande, que de merveilleux insectes on était tenté de cueillir comme s'ils eussent été de véritables fleurs, nestors aux ailes bleues, faites d'une moire chatoyante ; papillons « leilus » à reflets d'or, zébrés de franges vertes, phalènes agrippines, longues de dix pouces, avec des feuilles pour ailes ; abeilles « maribundas », sorte d'émeraudes vivantes, serties dans une armature d'or ; puis des légions de coléoptères lampyres ou pyriphores, des valagumes au corselet de bronze, aux élytres vertes, projetant une lumière jaunâtre par leurs yeux, et qui, la nuit venue, devaient illuminer la forêt de leurs scintillements multicolores !

« Que de merveilles ! répétait l'enthousiaste jeune fille.

– Tu es chez toi, Minha, ou du moins tu l'as dit, s'écria Benito, et voilà comment tu parles de tes richesses !

– Raille, petit frère ! répondit Minha. Il m'est bien permis de louer tant de belles choses, n'est-ce pas, Manoel ? Elles sont de la main de Dieu et appartiennent à tout le monde !

– Laissons rire Benito ! dit Manoel. Il s'en cache, mais il est poète à ses heures, et il admire autant que nous toutes ces beautés naturelles ! Seulement, lorsqu'il a un fusil sous le bras, adieu la poésie !

– Sois donc poète, frère ! répondit la jeune fille.

– Je suis poète ! répliqua Benito. Ô nature enchanteresse, etc. »

Il faut bien convenir, cependant, que Minha, en interdisant à son frère l'usage de son fusil de chasseur, lui avait imposé une véritable privation. Le gibier ne manquait pas dans la forêt, et il eut sérieusement lieu de regretter quelques beaux coups.

En effet, dans les parties moins boisées, où s'ouvraient d'assez larges clairières, apparaissaient quelques couples d'autruches, de l'espèce des « nandus », hautes de quatre à cinq pieds. Elles allaient accompagnées de leurs

inséparables « seriemas », sorte de dindons infiniment meilleurs, au point de vue comestible, que les grands volatiles qu'ils escortent.

« Voilà ce que me coûte ma maudite promesse ! s'écria Benito en remettant sous son bras, à un geste de sa sœur, le fusil qu'il venait instinctivement d'épauler.

– Il faut respecter ces seriemas, répondit Manoel, car ce sont de grands destructeurs de serpents.

– Comme il faut respecter les serpents, répliqua Benito, parce qu'ils mangent les insectes nuisibles, et ceux-ci parce qu'ils vivent de pucerons, plus nuisibles encore ! À ce compte-là, il faudrait tout respecter ! »

Mais l'instinct du jeune chasseur allait être mis à une plus rude épreuve. La forêt devenait tout à fait giboyeuse. Des cerfs rapides, d'élégants chevreuils détalèrent sous bois, et, certainement, une balle bien ajustée les eût arrêtés dans leur fuite. Puis, çà et là, apparaissaient des dindons au pelage café au lait, des pécaris, sorte de cochons sauvages, très appréciés des amateurs de venaison, des agoutis, qui sont les similaires des lapins et des lièvres dans l'Amérique méridionale, des tatous à test écaillé dessiné en mosaïque, qui appartiennent à l'ordre des édentés.

Et vraiment Benito ne montrait-il pas plus que de la vertu, un véritable héroïsme, lorsqu'il entrevoyait quelque tapir, de ceux qui sont appelés « antas » au Brésil, ces diminutifs d'éléphants, déjà presque introuvables sur les bords du Haut-Amazone et de ses affluents, pachydermes si recherchés des chasseurs pour leur rareté, si appréciés des gourmets pour leur chair, supérieure à celle du bœuf, et surtout pour la protubérance de leur nuque, qui est un morceau de roi !

Oui ! son fusil lui brûlait les doigts, à ce jeune homme ; mais, fidèle à son serment, il le laissait au repos.

Ah ! par exemple, – et il en prévint sa sœur –, le coup partirait malgré lui s'il se trouvait à bonne portée d'un « tamandõa assa », sorte de grand fourmilier très curieux, qui peut être considéré comme un coup de maître dans les annales cynégétiques.

Mais, heureusement, le grand fourmilier ne se montra pas, non plus que ces panthères, léopards, jaguars, guépars, couguars, indifféremment désignés sous le nom d'onças dans l'Amérique du Sud, et qu'il ne faut pas laisser approcher de trop près.

« Enfin, dit Benito qui s'arrêta un instant, se promener c'est très bien, mais se promener sans but...

Sans but ! s'écria la jeune fille ; mais notre but, c'est de voir, c'est d'admirer, c'est de visiter une dernière fois ces forêts de l'Amérique centrale, que nous ne retrouverons plus au Para, c'est de leur dire un dernier adieu !

Ah ! une idée ! »

C'était Lina qui parlait ainsi.

« Une idée de Lina ne peut être qu'une idée folle ! répondit Benito en secouant la tête.

– C'est mal, mon frère, dit la jeune fille, de te moquer de Lina, quand elle cherche précisément à donner à notre promenade le but que tu regrettes qu'elle n'ait pas !

– D'autant plus, monsieur Benito, que mon idée vous plaira, j'en suis sûre, répondit la jeune mulâtresse.

– Quelle est ton idée ? demanda Minha.

– Vous voyez bien cette liane ? »

Et Lina montrait une de ces lianes de l'espèce des « cipos », enroulée à un gigantesque mimosa-sensitive, dont les feuilles, légères comme des plumes, se referment au moindre bruit.

« Eh bien ? dit Benito.

– Je propose, répondit Lina, de nous mettre tous à suivre cette liane jusqu'à son extrémité !...

– C'est une idée, c'est un but, en effet ! s'écria Benito. Suivre cette liane, quels que soient les obstacles, fourrés, taillis, rochers, ruisseaux, torrents, ne se laisser arrêter par rien, passer quand même...

– Décidément, tu avais bien raison, frère ! dit en riant Minha. Lina est un peu folle !

– Allons, bon ! lui répondit son frère, tu dis que Lina est folle, pour ne pas dire que Benito est fou, puisqu'il l'approuve !

– Au fait, soyons fou, si cela vous amuse ! répondit Minha. Suivons la liane !

– Vous ne craignez pas... fit observer Manoel.

– Encore des objections ! s'écria Benito. Ah ! Manoel, tu ne parlerais pas ainsi et tu serais déjà en route, si Minha t'attendait au bout !

Je me tais, répondit Manoel. Je ne dis plus rien, j'obéis !

Suivons la liane ! »

Et les voilà partis, joyeux comme des enfants en vacances !

Il pouvait les mener loin, ce filament végétal, s'ils s'entêtaient à le suivre jusqu'à son extrémité comme un fil d'Ariane, – à cela près que le fil de l'héritière de Minos aidait à sortir du labyrinthe, et que celui-ci ne pouvait qu'y entraîner plus profondément.

C'était, en effet, une liane de la famille des salses, un de ces cipos connus sous le nom de « japicanga » rouge, et dont la longueur mesure quelquefois plusieurs lieues. Mais, après tout, l'honneur n'était pas engagé dans l'affaire.

Le cipo passait d'un arbre à l'autre, sans solution de continuité, tantôt enroulé aux troncs, tantôt enguirlandé aux branches, ici sautant d'un dragonnier à un palissandre, là d'un gigantesque châtaignier, le « bertholletia excelsa », à quelques-uns de ces palmiers à vin, ces « baccabas », dont les branches ont été justement comparées par Agassiz à de longues baguettes de corail mouchetées de vert. Puis, c'étaient des « tucumas », de ces ficus, capricieusement contournés comme des oliviers centenaires, et dont on ne compte pas moins de quarante-trois variétés au Brésil ; c'étaient de ces sortes d'euphorbiacées qui produisent le caoutchouc, des « gualtes », beaux palmiers au tronc lisse, fin, élégant, des cacaotiers qui croissent spontanément sur les rives de l'Amazone et de ses affluents, des mélastomes variés, les uns à fleurs roses, les autres agrémentés de panicules de baies blanchâtres.

Mais que de haltes, que de cris de déception, lorsque la joyeuse bande croyait avoir perdu le fil conducteur ! Il fallait alors le retrouver, le débrouiller, dans le peloton des plantes parasites.

« Là ! là ! disait Lina, je l'aperçois !

– Tu te trompes, répondait Minha, ce n'est pas lui, c'est une liane d'une

autre espèce !

– Mais non ! Lina a raison, disait Benito.

– Non ! Lina a tort », répondait naturellement Manoel. De là, discussions très sérieuses, très soutenues, dans lesquelles personne ne voulait céder.

Alors, le noir d'un côté, Benito de l'autre, s'élançaient sur les arbres, grimpaient aux branches enlacées par le cipo, afin d'en relever la véritable direction.

Or, rien de moins aisé, à coup sûr, dans cet emmêlement de touffes, entre lesquelles serpentait la liane, au milieu des bromelias « karatas », armées de leurs piquants aigus, des orchidées à fleurs roses et labelles violettes, larges comme un gant, des « oncidiums » plus embrouillés qu'un écheveau de laine entre les pattes d'un jeune chat !

Et puis, lorsque la liane redescendait vers le sol, quelle difficulté pour la reprendre sous les massifs des lycopodes, des heliconias à grandes feuilles, des calliandras à houppes roses, des rhipsales qui l'entouraient comme l'armature d'un fil de bobine électrique, entre les nœuds des grandes ipomées blanches, sous les tiges charnues des vanilles, au milieu de tout ce qui était grenadille, brindille, vigne folle et sarments !

Et quand on avait retrouvé le cipo, quels cris de joie, et comme on reprenait la promenade un instant interrompue !

Depuis une heure déjà, jeunes gens et jeunes filles allaient ainsi, et rien ne faisait prévoir qu'ils fussent près d'atteindre leur fameux but. On secouait vigoureusement la liane, mais elle ne cédait pas, et les oiseaux s'envolaient par centaines, et les singes s'enfuyaient d'un arbre à l'autre, comme pour montrer le chemin.

Un fourré barrait-il la route ? Le sabre d'abatis faisait une trouée, et toute la bande s'y introduisait. Ou bien, c'était une haute roche, tapissée de verdure, sur laquelle la liane se déroulait comme un serpent. On se hissait alors, et l'on passait la roche.

Une large clairière s'ouvrit bientôt. Là, dans cet air plus libre, qui lui est nécessaire comme la lumière du soleil, l'arbre des tropiques par excellence, celui qui, suivant l'observation de Humboldt, « a accompagné l'homme dans l'enfance de sa civilisation », le grand nourrisseur de l'habitant des zones torrides, un bananier, se montrait isolément. Le long feston du cipo, enroulé dans ses hautes

branches, se raccordait ainsi d'une extrémité à l'autre de la clairière et se glissait de nouveau dans la forêt.

« Nous arrêtons-nous, enfin ? demanda Manoel.

– Non, mille fois non ! s'écria Benito. Pas avant d'avoir atteint le bout de la liane !

– Cependant, fit observer Minha, il serait bientôt temps de songer au retour !

– Oh ! chère maîtresse, encore, encore ! répondit Lina.

– Toujours ! toujours ! » ajouta Benito.

Et les étourdis de s'enfoncer plus profondément dans la forêt, qui, plus dégagée alors, leur permettait d'avancer plus facilement.

En outre, le cipo obliquait vers le nord et tendait à revenir vers le fleuve. Il y avait donc moins d'inconvénient à la suivre, puisqu'on se rapprochait de la rive droite, qu'il serait aisé de remonter ensuite.

Un quart d'heure plus tard, au fond d'un ravin, devant un petit affluent de l'Amazone, tout le monde s'arrêtait. Mais un pont de lianes, fait de « bejucos » reliés entre eux par un lacs de branchages, traversait ce ruisseau. Le cipo, se divisant en deux filaments, lui servait de garde-fou et passait ainsi d'une berge à l'autre.

Benito, toujours en avant, s'était déjà élancé sur le tablier vacillant de cette passerelle végétale.

Manoel voulut retenir la jeune fille.

« Restez, restez, Minha ! dit-il. Benito ira plus loin, si cela lui plaît, mais nous l'attendrons ici !

Non ! Venez, venez, chère maîtresse, venez ! s'écria Lina. N'ayez pas peur ! La liane s'amincit ! Nous aurons raison d'elle, et nous découvrirons son extrémité ! »

Et sans hésiter, la jeune mulâtresse s'aventurait hardiment derrière Benito.

« Ce sont des enfants ! répondit Minha. Venez, mon cher Manoel ! Il faut bien les suivre ! »

Et les voilà tous franchissant le pont, qui se balançait au-dessus du ravin comme une escarpolette, et s'enfonçant de nouveau sous le dôme des grands arbres.

Mais ils n'avaient pas marché depuis dix minutes, en suivant l'interminable cipo dans la direction du fleuve, que tous s'arrêtaient, et, cette fois, non sans raison.

« Est-ce que nous sommes enfin au bout de cette liane ? demanda la jeune fille.

– Non, répondit Benito, mais nous ferons bien de n'avancer qu'avec prudence ! Voyez !... » Et Benito montrait le cipo qui, perdu dans les branches d'un haut ficus, était agité par de violentes secousses. « Qui donc produit cela ? demanda Manoel.

– Peut-être quelque animal, dont il convient de n'approcher qu'avec circonspection ! » Et Benito, armant son fusil, fit signe de le laisser aller, et se porta à dix pas en avant. Manoel, les deux jeunes filles et le noir étaient restés immobiles à la même place. Soudain, un cri fut poussé par Benito, et on put le voir s'élançer vers un arbre. Tous se précipitèrent de ce côté.

Spectacle inattendu et peu fait pour récréer les yeux !

Un homme, pendu par le cou, se débattait au bout de cette liane, souple comme une corde, à laquelle il avait fait un nœud coulant, et les secousses venaient des soubresauts qui l'agitaient encore dans les dernières convulsions de l'agonie.

Mais Benito s'était jeté sur le malheureux, et d'un coup de son couteau de chasse il avait tranché le cipo.

Le pendu glissa sur le sol. Manoel se pencha sur lui afin de lui donner des soins et le rappeler à la vie, s'il n'était pas trop tard.

« Le pauvre homme ! murmurait Minha.

– Monsieur Manoel, monsieur Manoel, s'écria Lina, il respire encore ! Son cœur bat ! Il faut le sauver !

– C'est ma foi vrai, répondit Manoel, mais je crois qu'il était temps d'arriver ! »

Le pendu était un homme d'une trentaine d'années, un blanc, assez mal



vêtu, très amaigri, et qui paraissait avoir beaucoup souffert.

À ses pieds étaient une gourde vide, jetée à terre, et un bilboquet en bois de palmier, auquel la boule, faite d'une tête de tortue, se rattachait par une fibre.

« Se pendre, se pendre, répétait Lina, et jeune encore ! Qu'est-ce qui a pu le pousser à cela ! »

Mais les soins de Manoel ne tardèrent pas à ramener à la vie le pauvre diable, qui ouvrit les yeux et poussa un « hum ! » vigoureux, si inattendu, que Lina, effrayée, répondit à son cri par un autre.

« Qui êtes-vous ? mon ami, lui demanda Benito.

– Un ex-pendu, à ce que je vois !

– Mais, votre nom ?...

– Attendez un peu que je me rappelle, dit-il en se passant la main sur le front. Ah ! je me nomme Fragoso pour vous servir, si j'en suis encore capable, pour vous coiffer, vous raser, vous accommoder suivant toutes les règles de mon art ! Je suis un barbier, ou, pour mieux dire, le plus désespéré des Figaros !...

– Et comment avez-vous pu songer ?...

– Eh ! que voulez-vous, mon brave monsieur ! répondit en souriant Fragoso. Un moment de désespoir, que j'aurais bien regretté, si les regrets sont de l'autre monde ! Mais huit cents lieues de pays à parcourir encore, et pas une pataque à la poche, cela n'est pas fait pour reconforter ! J'avais perdu courage, évidemment ! »

Ce Fragoso avait, en somme, une bonne et agréable figure. À mesure qu'il se remettait, on voyait que son caractère devait être gai. C'était un de ces barbiers nomades qui courent les rives du Haut-Amazone, allant de village en village, et mettant les ressources de leur métier au service des nègres, négresses, Indiens, Indiennes, qui les apprécient fort.

Mais le pauvre Figaro, bien abandonné, bien misérable, n'ayant pas mangé depuis quarante heures, égaré dans cette forêt, avait un instant perdu la tête... et on sait le reste.

« Mon ami, lui dit Benito, vous allez revenir avec nous à la fazenda d'Iquitos.

– Comment donc, mais avec plaisir ! répondit Fragoso. Vous m’avez dépendu, je vous appartiens ! Il ne fallait pas me dépendre !

– Hein ! chère maîtresse, avons-nous bien fait de continuer notre promenade ! dit Lina.

– Je le crois bien ! répondit la jeune fille.

– N’importe, dit Benito, je n’aurais jamais cru que nous finirions par trouver un homme au bout de notre cipo !

– Et surtout un barbier dans l’embarras, en train de se pendre ! » répondit Fragoso.

Le pauvre diable, redevenu alerte, fut mis au courant de ce qui s’était passé. Il remercia chaudement Lina de la bonne idée qu’elle avait eue de suivre cette liane, et tous reprirent le chemin de la fazenda, où Fragoso fut accueilli de manière à n’avoir plus ni l’envie ni le besoin de recommencer sa triste besogne !

## CHAPITRE HUITIÈME – LA JANGADA

Le demi-mille carré de forêt était abattu. Aux charpentiers revenait maintenant le soin de disposer sous forme de radeau les arbres plusieurs fois séculaires qui gisaient sur la grève.

Facile besogne, en vérité ! Sous la direction de Joam Garral, les Indiens attachés à la fazenda allaient déployer leur adresse, qui est incomparable. Qu'il s'agisse de bâtisse ou de construction maritime, ces indigènes sont, sans contredit, d'étonnants ouvriers. Ils n'ont qu'une hache et une scie, ils opèrent sur des bois tellement durs que le tranchant de leur outil s'y ébrèche, et pourtant, troncs qu'il faut équarrir, poutrelles à dégager de ces énormes stipes, planches et madriers, à débiter sans l'aide d'une scierie mécanique, tout cela s'accomplit aisément sous leur main adroite, patiente, douée d'une prodigieuse habileté naturelle.

Les cadavres d'arbres n'avaient pas été tout d'abord lancés dans le lit de l'Amazone. Joam Garral avait l'habitude de procéder autrement. Aussi, tout cet amas de troncs avait-il été symétriquement rangé sur une large grève plate, qu'il avait fait encore surbaïsser, au confluent du Nanay et du grand fleuve. C'était là que la jangada allait être construite ; c'était là que l'Amazone se chargerait de la mettre à flot, lorsque le moment serait venu de la conduire à destination.

Un mot explicatif sur la disposition géographique de cet immense cours d'eau, qui est unique entre tous, et à propos d'un singulier phénomène, que les riverains avaient pu constater *de visu*.

Les deux fleuves, qui sont peut-être plus étendus que la grande artère brésilienne, le Nil et le Missouri-Mississippi, coulent, l'un du sud au nord sur le continent africain, l'autre du nord au sud à travers l'Amérique septentrionale. Ils traversent donc des territoires très variés en latitude, et conséquemment ils sont soumis à des climats très différents.

L'Amazone, au contraire, est compris tout entier, au moins depuis le point où il oblique franchement à l'est sur la frontière de l'Équateur et du Pérou, entre les quatrième et deuxième parallèles sud. Aussi cet immense bassin est-il sous l'influence des mêmes conditions climatiques dans toute l'étendue de son parcours.

De là, deux saisons distinctes, pendant lesquelles les pluies tombent avec

un écart de six mois. Au nord du Brésil, c'est en septembre que se produit la période pluvieuse. Au sud, au contraire, c'est en mars. D'où cette conséquence que les affluents de droite et les affluents de gauche ne voient grossir leurs eaux qu'à une demi-année d'intervalle. Il résulte donc de cette alternance que le niveau de l'Amazone, après avoir atteint son maximum d'élévation, en juin, décroît successivement jusqu'en octobre.

C'est ce que Joam Garral savait par expérience, et c'est de ce phénomène qu'il entendait profiter pour la mise à l'eau de la jangada, après l'avoir commodément construite sur la rive du fleuve. En effet, au-dessous et au-dessus du niveau moyen de l'Amazone, le maximum peut monter jusqu'à quarante pieds, et le minimum descendre jusqu'à trente. Un tel écart donnait donc au fazender toute facilité pour agir.

La construction fut commencée sans retard. Sur la vaste grève les troncs vinrent prendre place par rang de grosseur, sans parler de leur degré de flottabilité, dont il fallait tenir compte. En effet, parmi ces bois lourds et durs, il s'en trouvait dont la densité spécifique égale, à peu de chose près, la densité de l'eau.

Toute cette première assise ne devait pas être faite de troncs juxtaposés. Un petit intervalle avait été laissé entre eux, et ils furent reliés par des poutrelles traversières qui assuraient la solidité de l'ensemble. Des câbles de « piaçaba » les rattachaient l'un à l'autre, et avec autant de solidité qu'un câble de chanvre. Cette matière, qui est faite des ramicules d'un certain palmier, très abondant sur les rives du fleuve, est universellement employée dans le pays. Le piaçaba flotte, résiste à l'immersion, se fabrique à bon marché, toutes raisons qui en ont fait un article précieux, entré déjà dans le commerce du vieux monde.

Sur ce double rang de troncs et de poutrelles vinrent se placer les madriers et les planches qui devaient former le parquet de la jangada, surélevé de trente pouces au-dessus de la flottaison. Il y en avait là pour une somme considérable, et on l'admettra sans peine, si l'on tient compte de ce que ce train de bois mesurait mille pieds de long sur soixante de large, soit une superficie de soixante mille pieds carrés. En réalité, c'était une forêt tout entière qui allait se livrer au courant de l'Amazone.

Ces travaux de construction s'étaient plus spécialement accomplis sous la direction de Joam Garral. Mais, lorsqu'ils furent terminés, la question de l'aménagement, mise à l'ordre du jour, fut soumise à la discussion de tous, à laquelle on convia même ce brave Fragozo.

Un mot seulement pour dire quelle était devenue sa nouvelle situation à la fazenda.

Du jour où il avait été recueilli par l'hospitalière famille, le barbier n'avait jamais été si heureux. Joam Garral lui avait offert de le conduire au Para, vers lequel il se dirigeait, lorsque cette liane « l'avait saisi par le cou, disait-il, et arrêté net » ! Fragoço avait accepté, remercié de tout son cœur, et, depuis lors, par reconnaissance, il cherchait à se rendre utile de mille façons. C'était, d'ailleurs, un garçon très intelligent, ce qu'on pourrait appeler un « droitier des deux mains », c'est-à-dire qu'il était apte à tout faire et à tout faire bien. Aussi gai que Lina, toujours chantant, fécond en reparties joyeuses, il n'avait pas tardé à être aimé de tous.

Mais c'était envers la jeune mulâtresse qu'il prétendait avoir contracté la plus grosse dette.

« Une fameuse idée que vous avez eue, mademoiselle Lina, répétait-il sans cesse, de jouer à la « liane conductrice » ! Ah ! vraiment, c'est un joli jeu, bien que, certainement, on ne trouve pas toujours un pauvre diable de barbier au bout !

– C'est le hasard, monsieur Fragoço, répondait Lina en riant, et je vous assure que vous ne me devez rien !

– Comment ! rien, mais je vous dois la vie, et je demande à la prolonger pendant une centaine d'années encore, pour que ma reconnaissance dure plus longtemps ! Voyez-vous, ce n'était pas ma vocation de me pendre ! Si j'ai essayé de le faire, c'était par nécessité ! Mais, tout bien examiné, j'aimais mieux cela que de mourir de faim et de servir, avant d'être mort tout à fait, de pâture à des bêtes ! Aussi cette liane, c'est un lien entre nous, et vous aurez beau dire... »

La conversation, en général, se continuait sur un ton plaisant. Au fond, Fragoço était très reconnaissant à la jeune mulâtresse d'avoir eu l'initiative de son sauvetage, et Lina n'était point insensible aux témoignages de ce brave garçon, très ouvert, très franc, de bonne mine, tout comme elle. Leur amitié ne laissait pas d'amener quelques plaisants « Ah ! ah ! » de la part de Benito, de la vieille Cybèle et de biens d'autres.

Donc, pour en revenir à la jangada, après discussion, il fut décidé que son installation serait aussi complète et aussi confortable que possible puisque le voyage devait durer plusieurs mois. La famille Garral comprenait le père, la mère, la jeune fille, Benito, Manoel, plus leurs serviteurs, Cybèle et Lina, qui devaient occuper une habitation à part. À ce petit monde, il fallait ajouter

quarante Indiens, quarante noirs, Frago et le pilote auquel serait confiée la direction de la jangada.

Un personnel aussi nombreux n'était que suffisant pour le service du bord. En effet, il s'agissait de naviguer au milieu des tournants du fleuve, entre ces centaines d'îles et d'ilots qui l'encombrent. Si le courant de l'Amazone fournissait le moteur, il n'imprimait pas la direction. De là, ces cent soixante bras nécessaires à la manœuvre des longues gaffes, destinées à maintenir l'énorme train de bois à égale distance des deux rives.

Tout d'abord, on s'occupa de construire la maison de maître à l'arrière de la jangada. Elle fut aménagée de manière à contenir cinq chambres et une vaste salle à manger. Une de ces chambres devait être commune à Joam Garral et à sa femme, une autre à Lina et à Cybèle, près de leurs maîtresses, une troisième à Benito et à Manoel. Minha aurait une chambre à part, qui ne serait pas la moins confortablement disposée.

Cette habitation principale fut soigneusement faite de planches imbriquées, bien imprégnées de résine bouillante, ce qui devait les rendre imperméables et parfaitement étanches. Des fenêtres latérales et des fenêtres de façade l'éclairaient gaiement. Sur le devant s'ouvrait la porte d'entrée, donnant accès dans la salle commune. Une légère véranda, qui en protégeait la partie antérieure contre l'action des rayons solaires, reposait sur de sveltes bambous. Le tout était peint d'une fraîche couleur d'ocre, qui réverbérait la chaleur au lieu de l'absorber, et assurait à l'intérieur une température moyenne.

Mais, quand « le gros œuvre », comme on dit, eut été élevé sur les plans de Joam Garral, Minha intervint.

« Père, dit-elle, maintenant que nous sommes clos et couverts par tes soins, tu nous permettras d'arranger cette demeure à notre fantaisie. Le dehors t'appartient, mais le dedans est à nous. Ma mère et moi, nous voulons que ce soit comme si notre maison de la fazenda nous suivait en voyage, afin que tu puisses croire que tu n'as pas quitté Iquitos !

– Fais à ta guise, Minha, répondit Joam Garral en souriant de ce triste sourire qui lui revenait quelquefois.

– Ce sera charmant !

– Je m'en rapporte à ton bon goût, ma chère fille !

– Et cela nous fera honneur, père ! répondit Minha. Il le faut pour ce beau

pays que nous allons traverser, ce pays qui est le nôtre, et dans lequel tu vas rentrer après tant d'années d'absence !

– Oui ! Minha, oui ! répondit Joam Garral. C'est un peu comme si nous revenions d'exil... un exil volontaire ! Fais donc de ton mieux, ma fille ! J'approuve d'avance tout ce que tu feras ! »

À la jeune fille, à Lina, auxquelles devaient se joindre volontiers Manoel d'une part, Fragoso de l'autre, revenait le soin d'orner l'habitation à l'intérieur. Avec un peu d'imagination et de sens artistique, ils devaient arriver à faire très bien les choses.

Au dedans, d'abord, les meubles les plus jolis de la fazenda trouvèrent naturellement leur place. On en serait quitte pour les renvoyer, après l'arrivée au Para, par quelque igaritea de l'Amazone : Tables, fauteuils de bambous, canapés de cannes, étagères de bois sculpté, tout ce qui constitue le riant mobilier d'une habitation de la zone tropicale, fut disposé avec goût dans la maison flottante. On sentait bien qu'en dehors de la collaboration des deux jeunes gens, des mains de femmes présidaient à cet arrangement. Qu'on ne s'imagine pas que la planche des murs fût restée à nu ! Non ! les parois disparaissaient sous des tentures du plus agréable aspect. Seulement ces tentures, faites de précieuses écorces d'arbres, c'étaient des « tuturis », qui se relevaient en gros plis comme le brocart et le damas des plus souples et des plus riches étoffes de l'ameublement moderne. Sur le parquet des chambres, des peaux de jaguar, remarquablement tigrées, d'épaisses fourrures de singes, offraient au pied leurs moelleuses toisons. Quelques légers rideaux de cette soie roussâtre, que produit le « suma-uma », pendaient aux fenêtres. Quant aux lits, enveloppés de leurs moustiquaires, oreillers, matelas, coussins, ils étaient remplis de cette élastique et fraîche substance que donne le bombax dans le haut bassin de l'Amazone.

Puis, partout, sur les étagères, sur les consoles, de ces jolis riens, rapportés de Rio-Janeiro ou de Bélem, d'autant plus précieux pour la jeune fille, qu'ils lui venaient de Manoel. Quoi de plus agréable aux yeux que ces bibelots, dons d'une main amie, qui parlent sans rien dire !

En quelques jours, cet intérieur fut entièrement disposé, et c'était à se croire dans la maison même de la fazenda. On n'en eût pas voulu d'autre pour demeure sédentaire, sous quelque beau bouquet d'arbres, au bord d'un courant d'eau vive. Pendant qu'elle descendrait entre les rives du grand fleuve, elle ne déparerait pas les sites pittoresques, qui se déplaceraient latéralement à elle.

Il faut encore ajouter que cette habitation ne charmait pas moins les yeux

au dehors qu'au dedans.

En effet, à l'extérieur, les jeunes gens avaient rivalisé de goût et d'imagination.

La maison était littéralement enfeuillée du soubassement jusqu'aux dernières arabesques de la toiture. C'était un fouillis d'orchidées, de bromélias, de plantes grimpantes, toutes en fleur, que nourrissaient des caisses de bonne terre végétale, enfouies sous des massifs de verdure. Le tronc d'un mimosa ou d'un ficus n'eût pas été habillé d'une parure plus « tropicalement » éclatante ! Que de capricieuses broutilles, que de rubellées rouges, de pampres jaune d'or, de grappes multicolores, de sarments enchevêtrés, sur les corbeaux supportant le bout du faitage, sur les arçons de la toiture, sur le sommier des portes ! Il avait suffi de prendre à pleines mains dans les forêts voisines de la fazenda. Une liane gigantesque reliait entre eux tous ces parasites ; elle faisait plusieurs fois le tour de la maison, elle s'accrochait à tous les angles, elle s'enguirlandait à toutes les saillies, elle se bifurquait, elle « touffait », elle jetait à tort et à travers ses fantaisistes ramicelles, elle ne laissait plus rien voir de l'habitation, qui semblait être enfouie sous un énorme buisson en fleur.

Attention délicate et dont on reconnaîtra aisément l'auteur, l'extrémité de ce cipo allait s'épanouir à la fenêtre même de la jeune mulâtresse. On eût dit d'un bouquet de fleurs toujours fraîches que ce long bras lui tendait à travers la persienne.

En somme, tout cela était charmant. Si Yaquita, sa fille et Lina furent contentes, il est inutile d'y insister.

« Pour peu que vous le vouliez, dit Benito, nous planterons des arbres sur la jangada !

Oh ! des arbres ! répondit Minha.

– Pourquoi pas ? reprit Manoel. Transportés avec de bonne terre sur cette solide plate-forme, je suis certain qu'ils prospéreraient, d'autant mieux qu'il n'y a pas de changements de climat à craindre pour eux, puisque l'Amazone court invariablement sous le même parallèle !

– D'ailleurs, répondit Benito, est-ce que le fleuve ne charrie pas chaque jour des îlots de verdure, arrachés aux berges des îles et du fleuve ? Ne passent-ils pas avec leurs arbres, leurs bosquets, leurs buissons, leurs rochers, leurs prairies, pour aller, à huit cents lieues d'ici, se perdre dans l'Atlantique ? Pourquoi donc notre jangada ne se transformerait-elle pas en un jardin flottant ?



– Voulez-vous une forêt, mademoiselle Lina ? dit Fragoso, qui ne doutait de rien.

– Oui ! une forêt ! s'écria la jeune mulâtresse, une forêt avec ses oiseaux, ses singes !...

– Ses serpents, ses jaguars !... répliqua Benito.

– Ses Indiens, ses tribus nomades !... dit Manoel.

– Et même ses anthropophages !

– Mais où allez-vous donc, Fragoso ? s'écria Minha, en voyant l'alerte barbier remonter la berge.

– Chercher la forêt ! répondit Fragoso.

– C'est inutile, mon ami, répondit Minha en souriant. Manoel m'a offert un bouquet et je m'en contente ! – Il est vrai, ajouta-t-elle en montrant l'habitation enfouie sous les fleurs, il est vrai qu'il a caché notre maison dans son bouquet de fiançailles ! »

## CHAPITRE NEUVIÈME – LE SOIR DU 5 JUIN

Pendant que se construisait la maison de maître, Joam Garral s'était occupé aussi de l'aménagement des « communs », qui comprenaient la cuisine et les offices, dans lesquels les provisions de toutes sortes allaient être emmagasinées.

Au premier rang, il y avait un important stock des racines de cet arbrisseau, haut de six à dix pieds, qui produit le manioc, dont les habitants des contrées intertropicales font leur principale nourriture. Cette racine, semblable à un long radis noir, vient par touffes, comme les pommes de terre. Si elle n'est pas toxique dans les régions africaines, il est certain que, dans l'Amérique du Sud, elle contient un suc des plus nuisibles, qu'il faut préalablement chasser par la pression. Ce résultat obtenu, on réduit ces racines en une farine qui s'utilise de différentes façons, même sous la forme de tapioca, suivant le caprice des indigènes.

Aussi, à bord de la jangada, existait-il un véritable silo de cette utile production, qui était réservée à l'alimentation générale.

Quant aux conserves de viande, sans oublier tout un troupeau de moutons, nourris dans une étable spéciale, bâtie à l'avant, elles consistaient surtout en une certaine quantité de ces jambons « presuntos » du pays, qui sont d'excellente qualité ; mais on comptait aussi sur le fusil des jeunes gens et de quelques Indiens, bons chasseurs, auxquels le gibier ne manquerait pas – et qui ne le manqueraient pas non plus – sur les îles ou dans les forêts riveraines de l'Amazone.

Le fleuve, d'ailleurs, devait largement fournir à la consommation quotidienne : crevettes, qu'on aurait le droit d'appeler écrevisses, « tambagus », le meilleur poisson de tout ce bassin, d'un goût plus fin que le saumon, auquel on l'a quelquefois comparé ; « pira-rucus », aux écailles rouges, grands comme des esturgeons, qui, sous forme de salaisons, s'expédient en quantités considérables dans tout le Brésil ; « candirus », dangereux à prendre, bons à manger ; « piranhas » ou poissons-diables rayés de bandes rouges et longs de trente pouces ; tortues grandes ou petites, qui se comptent par milliers et entrent pour une si grande part dans l'alimentation des indigènes, tous ces produits du fleuve devaient figurer tour à tour sur la table des maîtres et des serviteurs.

Donc, chaque jour, s'il se pouvait, chasse et pêche allaient être pratiquées d'une façon régulière.

Quant aux diverses boissons, il y avait une bonne provision de ce que le pays produisait de meilleur : « caysuma » ou « machachera » du Haut et du Bas-Amazone, liquide agréable, de saveur acidulée, que distille la racine bouillie de manioc doux ; « beiju » du Brésil, sorte d'eau-de-vie nationale, « chica » du Pérou, ce « mazato » de l'Ucayali, tirée des fruits bouillis, pressurés et fermentés du bananier ; « guarana », espèce de pâte faite avec la double amande du « paullinia-sorbilis », une vraie tablette de chocolat pour la couleur, que l'on réduit en fine poudre, et qui, additionnée d'eau, donne un breuvage excellent.

Et ce n'était pas tout. Il y a dans ces contrées une espèce de vin violet foncé qui se tire du suc des palmiers « assais », et dont les Brésiliens apprécient fort le goût aromatique. Aussi s'en trouvait-il à bord un nombre respectable de frasques<sup>16</sup>, qui seraient vides, sans doute, en arrivant au Para.

Et, en outre, le cellier spécial de la jangada faisait honneur à Benito, qui s'en était constitué l'ordonnateur en chef. Quelques centaines de bouteilles de Xérès, de Sétubal, de Porto, rappelaient des noms chers aux premiers conquérants de l'Amérique du Sud. De plus, le jeune sommelier avait encavé certaines dames-jeannes<sup>17</sup>, remplies de cet excellent tafia, qui est une eau-de-vie de sucre, un peu plus accentuée au goût que le beiju national.

Quant au tabac, ce n'était point cette plante grossière dont se contentent le plus habituellement les indigènes du bassin de l'Amazone. Il venait en droite ligne de Villa-Bella da Imperatriz, c'est-à-dire de la contrée où se récolte le tabac le plus estimé de toute l'Amérique centrale.

Ainsi était donc disposée à l'arrière de la jangada l'habitation principale avec ses annexes, cuisine, offices, celliers, le tout formant une partie réservée à la famille Garral et à leurs serviteurs personnels.

Vers la partie centrale, en abord, avaient été construits les baraquements destinés au logement des Indiens et des noirs. Ce personnel devait se trouver là dans les mêmes conditions qu'à la fazenda d'Iquitos, et de manière à pouvoir toujours manœuvrer sous la direction du pilote. Mais, pour loger tout ce personnel, il fallait un certain nombre d'habitations, qui allaient donner à la jangada l'aspect d'un petit village en dérive. Et, en vérité, il allait être plus bâti et plus habité que bien des hameaux du Haut-Amazone.

Aux Indiens, Joam Garral avait réservé de véritables carbeta, sortes de cahutes sans parois, dont le toit de feuillage était supporté par de légers baliveaux. L'air circulait librement à travers ces constructions ouvertes et balançait les

hamacs suspendus à l'intérieur. Là, ces indigènes, parmi lesquels on comptait trois ou quatre familles au complet avec femmes et enfants, seraient logés comme ils le sont à terre.

Les noirs, eux, avaient retrouvé sur le train flottant leurs ajoupas habituels. Ils différaient des carbet en ce qu'ils étaient hermétiquement fermés sur leurs quatre faces, dont une seule donnait accès à l'intérieur de la case. Les Indiens, accoutumés à vivre au grand air, en pleine liberté, n'auraient pu s'habituer à cette sorte d'emprisonnement de l'ajoupa, qui convenait mieux à la vie des noirs.

Enfin, sur l'avant, s'élevaient de véritables docks contenant les marchandises que Joam Garral transportait à Bélem en même temps que le produit de ses forêts.

Là, dans ces vastes magasins, sous la direction de Benito, la riche cargaison avait trouvé place avec autant d'ordre que si elle eût été soigneusement arrimée dans la cale d'un navire.

En premier lieu, sept mille arribes<sup>[8]</sup> de caoutchouc composaient la partie la plus précieuse de cette cargaison, puisque la livre de ce produit valait alors de trois à quatre francs. La jangada emportait aussi cinquante quintaux de salsepareille, cette smilacée qui forme une branche importante du commerce d'exportation dans tout le bassin de l'Amazone, et devient de plus en plus rare sur les rives du fleuve, tant les indigènes se montrent peu soigneux d'en respecter les tiges quand ils la récoltent. Fèves tonkins, connues au Brésil sous le nom de « cumarus », et servant à faire certaines huiles essentielles ; sassafras, dont on tire un baume précieux contre les blessures, ballots de plantes tinctoriales, caisses de diverses gommes, et une certaine quantité de bois précieux complétaient cette cargaison, d'une délicate lucrative et facile dans les provinces du Para.

Peut-être s'étonnera-t-on que le nombre des Indiens et des noirs embarqués eût été limité seulement à ce qu'exigeait la manœuvre de la jangada. N'y avait-il pas lieu d'en emmener un plus grand nombre, en prévision d'une attaque possible des tribus riveraines de l'Amazone ?

C'eût été inutile. Ces indigènes de l'Amérique centrale ne sont point à redouter, et les temps sont bien changés où il fallait sérieusement se prémunir contre leurs agressions. Les Indiens des rives appartiennent à des tribus paisibles, et les plus farouches se sont retirés devant la civilisation, qui se propage peu à peu le long du fleuve et de ses affluents. Des nègres déserteurs, des échappés des colonies pénitentiaires du Brésil, de l'Angleterre, de la Hollande ou de la France, seraient seuls à craindre. Mais ces fugitifs ne sont qu'un petit nombre ; ils n'errant

que par groupes isolés, à travers les forêts ou les savanes, et la jandaga était en mesure de repousser toute attaque de la part de ces coureurs de bois.

En outre, il y a de nombreux postes sur l'Amazone, des villes, des villages, des Missions en grand nombre. Ce n'est plus un désert que traverse l'immense cours d'eau, c'est un bassin qui se colonise de jour en jour. De cette sorte de danger il n'y avait donc pas à tenir compte. Aucune agression n'était à prévoir.

Pour achever de décrire la jangada, il ne reste plus à parler que de deux ou trois constructions de nature bien différente, qui achevaient de lui donner un très pittoresque aspect.

À l'avant s'élevait la case du pilote. On dit à l'avant, et non à l'arrière, où se trouve habituellement la place du timonier. En effet, dans ces conditions de navigation, il n'y avait pas à faire usage d'un gouvernail. De longs avirons n'auraient eu aucune action sur un train de cette longueur, quand même ils eussent été manœuvrés par cent bras vigoureux. C'était latéralement, au moyen de longues gaffes ou d'arc-boutants, appuyés sur le fond du lit, qu'on maintenait la jangada dans le courant, ou qu'on redressait sa direction, lorsqu'elle s'en écartait. Par ce moyen, elle pouvait s'approcher d'une rive ou de l'autre, quand il s'agissait de faire halte pour un motif quelconque. Trois ou quatre ubas, deux pirogues avec leur gréement, étaient à bord et permettaient de communiquer facilement avec les berges. Le rôle du pilote se bornait donc à reconnaître les passes du fleuve, les déviations du courant, les remous qu'il convenait d'éviter, les anses ou criques qui présentaient un mouillage favorable, et, pour ce faire, sa place était et devait être à l'avant.

Si le pilote était le directeur matériel de cette immense machine – ne peut-on justement employer cette expression ? – un autre personnage en allait être le directeur spirituel : c'était le padre Passanha, qui desservait la Mission d'Iquitos.

Une famille aussi religieuse que la famille Joam Garral avait dû saisir avec empressement cette occasion d'emmener avec elle un vieux prêtre qu'elle vénérât.

Le padre Passanha, âgé alors de soixante-dix ans, était un homme de bien, tout empreint de la ferveur évangélique, un être charitable et bon, et, au milieu de ces contrées où les représentants de la religion ne donnent pas toujours l'exemple des vertus, il apparaissait comme le type accompli de ces grands missionnaires, qui ont tant fait pour la civilisation au milieu des régions les plus sauvages du monde.

Depuis cinquante ans, le padre Passanha vivait à Iquitos, dans la Mission dont il était le chef. Il était aimé de tous et méritait de l'être. La famille Garral l'avait en grande estime. C'était lui qui avait marié la fille du fermier Magalhaës et le jeune commis recueilli à la fazenda. Il avait vu naître leurs enfants, il les avait baptisés, instruits, et il espérait bien leur donner, à eux aussi, la bénédiction nuptiale.

L'âge du padre Passanha ne lui permettait plus d'exercer son laborieux ministère. L'heure de la retraite avait sonné pour lui. Il venait d'être remplacé à Iquitos par un missionnaire plus jeune, et il se disposait à retourner au Para, pour y finir ses jours dans un de ces couvents qui sont réservés aux vieux serviteurs de Dieu.

Quelle occasion meilleure pouvait lui être offerte que de descendre le fleuve avec cette famille qui était comme la sienne ? On le lui avait proposé, il avait accepté d'être du voyage, et, arrivé à Bélem, c'était à lui qu'il serait réservé de marier ce jeune couple, Minha et Manoel.

Mais, si le padre Passanha, pendant le cours du voyage, devait s'asseoir à la table de la famille, Joam Garral avait voulu lui faire construire une habitation à part, et Dieu sait avec quel soin Yaquita et sa fille s'étaient ingénérées à la rendre confortable ! Certes, le bon vieux prêtre n'avait jamais été aussi bien logé dans son modeste presbytère.

Toutefois, le presbytère ne pouvait suffire au padre Passanha. Il lui fallait aussi la chapelle.

La chapelle avait donc été édifiée au centre même de la jangada, et un petit clocher la surmontait.

Elle était bien étroite, sans doute, et n'eût pu contenir tout le personnel du bord ; mais elle était richement ornée, et, si Joam Garral retrouvait sa propre habitation sur ce train flottant, le padre Passanha n'avait pas, non plus, à y regretter sa pauvre église d'Iquitos.

Tel était donc ce merveilleux appareil, qui allait descendre tout le cours de l'Amazone. Il était là, sur la grève attendant que le fleuve vînt lui-même le soulever. Or, d'après les calculs et observations de la crue, cela ne pouvait plus tarder.

Tout était prêt à la date du 5 juin.

Le pilote, arrivé de la veille, était un homme de cinquante ans, très

entendu aux choses de son métier, mais aimant quelque peu à boire. Quoi qu'il en soit, Joam Garral en faisait grand cas, et, à plusieurs reprises, il l'avait employé à conduire des trains de bois à Bélem, sans avoir jamais eu à s'en repentir.

Il faut d'ailleurs ajouter qu'Araujo, – c'était son nom –, n'y voyait jamais mieux que lorsque quelques verres de ce rude tafia, tiré du jus de la canne à sucre, lui éclaircissaient la vue. Aussi ne naviguait-il point sans une certaine dame-jeanne emplie de cette liqueur, à laquelle il faisait une cour assidue.

La crue du fleuve s'était manifestée sensiblement déjà depuis plusieurs jours. D'instant en instant, le niveau du fleuve s'élevait, et, pendant les quarante-huit heures qui précéderent le maximum, les eaux se gonflèrent suffisamment pour couvrir la grève de la fazenda, mais pas encore assez pour soulever le train de bois.

Bien que le mouvement fût assuré, qu'il n'y eût pas d'erreur possible sur la hauteur que la crue devait atteindre au-dessus de l'étiage, l'heure psychologique ne serait pas sans donner quelque émotion à tous les intéressés. En effet, que, par une cause inexplicable, les eaux de l'Amazone ne s'élevassent pas assez pour déterminer la flottaison de la jangada, et tout cet énorme travail eût été à refaire. Mais, comme la décroissance de la crue se serait rapidement prononcée, il aurait fallu de longs mois pour se retrouver dans des conditions identiques.

Donc, le 5 juin, vers le soir, les futurs passagers de la jangada étaient réunis sur un plateau, qui dominait la grève d'une centaine de pieds, et tous attendaient l'heure avec une sorte d'anxiété bien compréhensible. Là se trouvaient Yaquita, sa fille, Manoel Valdez, le padre Passanha, Benito, Lina, Fragoso, Cybèle et quelques-uns des serviteurs indiens ou noirs de la fazenda.

Fragoso ne pouvait tenir en place ; il allait, il venait, il descendait la berge, il remontait au plateau, il notait des points de repère et poussait des hurrahs, lorsque l'eau gonflée venait de les atteindre.

« Il flottera, il flottera, s'écria-t-il, le train qui doit nous emporter à Bélem ! Il flottera, quand toutes les cataractes du ciel devraient s'ouvrir pour gonfler l'Amazone ! »

Joam Garral, lui, était sur le radeau avec le pilote et une nombreuse équipe. À lui appartenait de prendre toutes les mesures nécessaires au moment de l'opération. La jangada, d'ailleurs, était bien amarrée à la rive avec de solides câbles, et elle ne pouvait être entraînée par le courant, quand elle viendrait à flotter.

Toute une tribu de cent cinquante à deux cents Indiens des environs d'Iquitos, sans compter la population du village, était venue assister à cet intéressant spectacle.

On regardait, et il se faisait un silence presque complet dans cette foule impressionnée.

Vers cinq heures du soir, l'eau avait atteint un niveau supérieur à celui de la veille, – plus d'un pied –, et la grève disparaissait déjà tout entière sous la nappe liquide.

Un certain frémissement se propagea à travers les ais de l'énorme charpente, mais il s'en fallait encore de quelques pouces qu'elle ne fût entièrement soulevée et détachée du fond.

Pendant une heure, ces frémissements s'accrurent. Les madriers craquaient de toutes parts. Un travail se faisait, qui arrachait peu à peu les troncs de leur lit de sable.

Vers six heures et demie, des cris de joie éclatèrent. La jangada flottait enfin, et le courant l'entraînait vers le milieu du fleuve ; mais, au rappel de ses amarres, elle vint tranquillement se ranger près de la rive, à l'instant où le padre Passanha la bénissait, comme il est béni un bâtiment de mer, dont les destinées sont entre les mains de Dieu !



## CHAPITRE DIXIÈME – D’IQUITOS À PEVAS

Le lendemain, 6 juin, Joam Garral et les siens faisaient leurs adieux à l’intendant et au personnel indien ou noir, qui restait à la fazenda. À six heures du matin, la jangada recevait tous ses passagers, – il serait plus juste de les appeler ses habitants –, et chacun prenait possession de sa cabine, ou, pour mieux dire, de sa maison.

Le moment de partir était venu. Le pilote Araujo alla se placer à l’avant, et les gens de l’équipe, armés de leurs longues gaffes, se tinrent à leur poste de manœuvre.

Joam Garral, aidé de Benito et de Manoel, surveillait l’opération du démarrage.

Au commandement du pilote, les câbles furent largués, les gaffes s’appuyèrent sur la berge pour déborder la jangada, le courant ne tarda pas à la saisir, et, longeant la rive gauche du fleuve, elle laissa sur la droite les îles Iquitos et Parianta.

Le voyage était commencé. Où finirait-il ? Au Para, à Bélem, à huit cents lieues de ce petit village péruvien, si rien ne modifiait l’itinéraire adopté ! Comment finirait-il ? C’était le secret de l’avenir.

Le temps était magnifique. Un joli « pampero » tempérant l’ardeur du soleil. C’était un de ces vents de juin et de juillet, qui viennent de la Cordillère, à quelques centaines de lieues de là, après avoir glissé à la surface de l’immense plaine de Sacramento. Si la jangada eût été pourvue de mâts et de voiles, elle eût ressenti les effets de la brise, et sa vitesse se fût accélérée ; mais, avec les sinuosités du fleuve, ses brusques tournants qui eussent obligé à prendre toutes les allures, il fallait renoncer aux bénéfices d’un pareil moteur.

Dans un bassin aussi plat que celui de l’Amazone qui n’est, à vrai dire, qu’une plaine sans fin, la déclivité du lit du fleuve ne peut être que peu accusée. Aussi a-t-on calculé que, entre Tabatinga, à la frontière brésilienne, et la source de ce grand cours d’eau, la différence de niveau ne dépasse pas un décimètre par lieue. Il n’est donc pas d’artère fluviale au monde dont l’inclinaison soit aussi faiblement prononcée.

Il suit de là que la rapidité du courant de l'Amazone, en eau moyenne, ne doit pas être estimée à plus de deux lieues par vingt-quatre heures, et, quelquefois, cette estime est moindre encore à l'époque des sécheresses. Cependant, dans la période des crues, on l'a vue se relever jusqu'à trente et quarante kilomètres.

Heureusement, c'était dans ces conditions que la jangada allait naviguer ; mais, lourde à se déplacer, elle ne pouvait avoir la vitesse du courant qui se dégageait plus vite qu'elle. Aussi, en tenant compte des retards occasionnés par les coudes du fleuve, les nombreuses îles qui demandaient à être tournées, les hauts-fonds qu'il fallait éviter, les heures de halte qui seraient nécessairement perdues, lorsque la nuit trop sombre ne permettrait pas de se diriger sûrement, ne devait-on pas estimer à plus de vingt-cinq kilomètres par vingt-quatre heures le chemin parcouru.

La surface des eaux du fleuve est loin d'être parfaitement libre, d'ailleurs. Arbres encore verts, débris de végétation, îlots d'herbes, constamment arrachés des rives, forment toute une flottille d'épaves, que le courant entraîne, et qui sont autant d'obstacles à une rapide navigation.

L'embouchure du Nanay fut bientôt dépassée et se perdit derrière une pointe de la rive gauche, avec son tapis de graminées roussâtres, rôties par le soleil, qui faisaient un premier plan très chaud aux verdoyantes forêts de l'horizon.

La jangada ne tarda pas à prendre le fil du courant entre les nombreuses et pittoresques îles, dont on compte une douzaine depuis Iquitos jusqu'à Pucallpa.

Araujo, qui n'oubliait pas d'éclairer sa vue et sa mémoire en puisant à la dame-jeanne, manœuvra très habilement au milieu de cet archipel. À son ordre, cinquante gaffes se levaient simultanément de chaque côté du train de bois et s'abattaient dans l'eau avec un mouvement automatique. Cela était curieux à voir.

Pendant ce temps, Yaquita, aidée de Lina et de Cybèle, achevait de mettre tout en ordre, tandis que la cuisinière indienne s'occupait des apprêts du déjeuner.

Quant aux deux jeunes gens et à Minha, ils se promenaient en compagnie du padre Passanha, et, de temps en temps, la jeune fille s'arrêtait pour arroser les plantes disposées au pied de l'habitation.

« Eh bien, padre, dit Benito, connaissez-vous une plus agréable manière de voyager ?

– Non, mon cher enfant, répondit le padre Passanha. C'est véritablement voyager avec tout son chez soi !

– Et sans aucune fatigue ! ajouta Manoel. On ferait ainsi des centaines de milles !

– Aussi, dit Minha, vous ne vous repentirez pas d'avoir pris passage en notre compagnie ! Ne vous semble-t-il pas que nous sommes embarqués sur une île, et que l'île, détachée du lit du fleuve, avec ses prairies, ses arbres, s'en va tranquillement à la dérive ? Seulement...

– Seulement ?... répéta le padre Passanha.

– Cette île-là, padre, c'est nous qui l'avons faite de nos propres mains, elle nous appartient, et je la préfère à toutes les îles de l'Amazonie ! J'ai bien le droit d'en être fier !

– Oui, ma chère fille, répondit le padre Passanha, et je t'absous de ton sentiment de fierté ! D'ailleurs, je ne me permettrais pas de te gronder devant Manoel.

– Mais si, au contraire ! répondit gaiement la jeune fille. Il faut apprendre à Manoel à me gronder quand je le mérite ! Il est beaucoup trop indulgent pour ma petite personne, qui a bien ses défauts.

– Alors, ma chère Minha, dit Manoel, je vais profiter de la permission pour vous rappeler...

– Quoi donc ?

– Que vous avez été très assidue à la bibliothèque de la fazenda, et que vous m'aviez promis de me rendre très savant en tout ce qui concerne votre Haut-Amazonie. Nous ne le connaissons que très imparfaitement au Para, et voici plusieurs îles que la jangada dépasse, sans que vous songiez à m'en dire le nom !

– Et qui le pourrait ? s'écria la jeune fille.

– Oui ! qui le pourrait ? répéta Benito après elle. Qui pourrait retenir les centaines de noms en idiome « tupi » dont sont affublées toutes ces îles ? C'est à ne pas s'y reconnaître ! Les Américains, eux, sont plus pratiques pour les îles de leur Mississippi, ils les numérotent...

– Comme ils numérotent les avenues et les rues de leurs villes ! répondit Manoel. Franchement, je n'aime pas beaucoup ce système numérique ! Cela ne

dit rien à l'imagination, l'île soixante-quatre, l'île soixante-cinq, pas plus que la sixième rue de la troisième avenue ! N'êtes-vous pas de mon avis, chère Minha ?

– Oui, Manoel, quoi qu'en puisse penser mon frère, répondit la jeune fille. Mais, bien que nous n'en connaissions pas les noms, les îles de notre grand fleuve sont vraiment belles ! Voyez-les se développer sous l'ombrage de ces gigantesques palmiers avec leurs feuilles retombantes ! Et cette ceinture de roseaux qui les entoure, au milieu desquels une étroite pirogue pourrait à peine se frayer passage ! Et ces mangliers, dont les racines fantasques viennent s'arc-bouter sur les rives comme les pattes de quelques monstrueux crabes ! Oui, ces îles sont belles, mais, si belles qu'elles soient, elles ne peuvent se déplacer ainsi que le fait la nôtre !

– Ma petite Minha est un peu enthousiaste aujourd'hui ! fit observer le padre Passanha.

– Ah ! padre, s'écria la jeune fille, je suis si heureuse de sentir tout le monde heureux autour de moi ! » En ce moment, on entendit la voix de Yaquita qui appelait Minha à l'intérieur de l'habitation.

La jeune fille s'en alla, courant et souriant.

« Vous aurez là, Manoel, une aimable compagne ! dit le padre Passanha au jeune homme. C'est toute la joie de la famille qui va s'enfuir avec vous, mon ami !

– Brave petit sœur ! dit Benito. Nous la regretterons bien, et le padre a raison ! Au fait, si tu ne l'épousais pas, Manoel !... Il est encore temps ! Elle nous resterait !

– Elle vous restera, Benito, répondit Manoel. Crois-moi, l'avenir, j'en ai le pressentiment, nous réunira tous ! »

Cette première journée se passa bien. Déjeuner, dîner, sieste, promenades, tout s'accomplit comme si Joam Garral et les siens eussent encore été dans la confortable fazenda d'Iquitos.

Pendant ces vingt-quatre heures, les embouchures des rios Bacali, Chochio, Pucalppa, sur la gauche du fleuve, celles des rios Itinicari, Maniti, Moyoc, Tuyuca et les îles de ce nom, sur la droite, furent dépassées sans accident. La nuit, éclairée par la lune, permit d'économiser une halte, et le long radeau glissa paisiblement à la surface de l'Amazone.

Le lendemain, 7 juin, la jangada longea les berges du village de Pucalppa, nommé aussi Nouvel-Oran. Le vieil Oran, qui est situé à quinze lieues en aval, sur la même rive gauche du fleuve, est maintenant abandonné pour celui-ci, dont la population se compose d'Indiens appartenant aux tribus Mayorunas et Orejones. Rien de plus pittoresque que ce village avec ses berges, que l'on dirait peintes à la sanguine, son église inachevée, ses cases, dont quelques hauts palmiers ombragent les chaumes, et les deux ou trois ubas à demi échouées sur ses rives.

Pendant toute la durée du 7 juin, la jangada continua à suivre la rive gauche du fleuve, passant devant quelques tributaires inconnus, sans importance. Un instant, elle risqua de s'accrocher à la pointe amont de l'île Sinicuro ; mais le pilote, bien servi par son équipe, parvint à parer le danger et se maintint dans le fil du courant.

Dans la soirée, on arriva le long d'une île plus étendue, appelée île Napo, du nom du fleuve qui, en cet endroit, s'enfonce vers le nord-nord-ouest, et vient mêler ses eaux à celles de l'Amazone par une embouchure large de huit cents mètres environ, après avoir arrosé des territoires d'Indiens Cotos de la tribu des Orejones.

Ce fut dans la matinée du 7 juin que la jangada se trouva par le travers de la petite île Mango, qui oblige le Napo à se diviser en deux bras avant de tomber dans l'Amazone.

Quelques années plus tard, un voyageur français, Paul Marcoy, allait reconnaître la couleur des eaux de cet affluent, qu'il compare justement à cette nuance d'absinthe spéciale à l'opale verte. En même temps, il devait rectifier quelques-unes des mesures indiquées par La Condamine. Mais alors, l'embouchure du Napo était sensiblement élargie par la crue, et c'était avec une certaine rapidité que son cours, sorti des pentes orientales du Cotopaxi, venait se mélanger en bouillonnant au cours jaunâtre de l'Amazone.

Quelques Indiens erraient à l'embouchure de ce cours d'eau. Ils avaient le corps robuste, la taille élevée, la chevelure flottante, la narine transpercée d'une baguette de palmier, le lobe de l'oreille allongé jusqu'à l'épaule par le poids de lourdes rondelles de bois précieux. Quelques femmes les accompagnaient. Aucun d'eux ne manifesta l'intention de venir à bord.

On prétend que ces indigènes pourraient bien être anthropophages ; mais cela se dit de tant de tribus riveraines du fleuve que, si le fait était vrai, on aurait de ces habitudes de cannibalisme des témoignages qui manquent encore aujourd'hui.

Quelques heures plus tard, le village de Bella-Vista, assis sur une rive un peu basse, montra ses bouquets de beaux arbres, qui dominaient quelques cases couvertes de paille, sur lesquelles des bananiers de moyenne hauteur laissaient retomber leurs larges feuilles comme les eaux d'une vasque trop pleine.

Puis, le pilote, afin de suivre un meilleur courant qui devait l'écartier des berges, dirigea le train vers la rive droite du fleuve, dont il ne s'était pas encore approché. La manœuvre ne s'opéra pas sans certaines difficultés, qui furent heureusement vaincues, après un certain nombre d'accolades prodiguées à la dame-jeanne.

Cela permit d'apercevoir, en passant, quelques-unes de ces nombreuses lagunes aux eaux noires, qui sont semées le long du cours de l'Amazone, et n'ont souvent aucune communication avec le fleuve. L'une d'elles, qui porte le nom de lagune d'Oran, était d'assez médiocre étendue, et recevait les eaux par un large pertuis. Au milieu du lit se dessinaient plusieurs îles et deux ou trois îlots, curieusement groupés, et, sur la rive opposée, Benito signala l'emplacement de cet ancien Oran, dont on ne voyait plus que d'incertains vestiges.

Pendant deux jours, selon les exigences du courant, la jangada alla tantôt sur la rive droite, tantôt sur la rive gauche, sans que sa charpente subît le moindre atouchement suspect.

Les passagers étaient déjà faits à cette nouvelle existence. Joam Garral, laissant à son fils le soin de tout ce qui constituait le côté commercial de l'expédition, se tenait le plus souvent dans sa chambre, méditant et écrivant. De ce qu'il écrivait ainsi, il ne disait rien, pas même à Yaquita, et cependant cela prenait déjà l'importance d'un véritable mémoire.

Benito, lui, l'œil à tout, causait avec le pilote et relevait la direction. Yaquita, sa fille, Manoel formaient presque toujours un groupe à part, soit qu'ils s'entretenissent de projets d'avenir, soit qu'ils se promènassent comme ils l'eussent fait dans le parc de la fazenda. C'était véritablement la même existence. Il n'était pas jusqu'à Benito, qui ne trouvât encore l'occasion de se livrer au plaisir de la chasse. Si les forêts d'Iquitos lui manquaient avec leurs fauves, leurs agoutis, leurs pécaris, leurs cabiais, les oiseaux volaient par bandes sur les rives, et ne craignaient même pas de venir se poser sur la jangada. Lorsqu'ils pouvaient figurer avantageusement sur la table, en qualité de gibier, Benito les tirait, et, cette fois, sa sœur ne cherchait pas à s'y opposer, puisque c'était dans l'intérêt de tous ; mais s'il s'agissait de ces hérons gris ou jaunes, de ces ibis roses ou blancs, qui hantent les berges, on les épargnait par amitié pour Minha. Une seule espèce de grèbe, bien qu'elle ne fût point comestible, ne trouvait pas grâce aux yeux du

jeune négociant : c'était ce « caiaraca », aussi habile à plonger qu'à nager ou voler, oiseau au cri désagréable, mais dont le duvet a un grand prix sur les divers marchés du bassin de l'Amazone.

Enfin, après avoir dépassé le village d'Omaguas et l'embouchure de l'Ambiacu, la jangada arriva à Pevas, le soir du 11 juin, et elle s'amarra à la rive.

Comme il restait encore quelques heures avant la nuit, Benito débarqua, emmenant avec lui le toujours prêt Fragoso, et les deux chasseurs allèrent battre les fourrés aux environs de la petite bourgade. Un agouti et un cabiai, sans parler d'une douzaine de perdrix, vinrent enrichir l'office à la suite de cette heureuse excursion.

À Pevas, où l'on compte une population de deux cent soixante habitants, Benito aurait peut-être pu faire quelques échanges avec les frères lais de la Mission, qui sont en même temps négociants en gros ; mais ceux-ci venaient d'expédier récemment des ballots de salsepareille et un certain nombre d'arobes de caoutchouc vers le Bas-Amazone, et leur magasin était vide.

La jangada repartit donc au lever du jour, et s'engagea dans ce petit archipel que forment les îles Iatio et Cochiquinas, après avoir laissé sur la droite le village de ce nom. Diverses embouchures de minces affluents, innomés, furent relevées sur la droite du fleuve, à travers les intervalles qui séparent les îles.

Quelques indigènes à tête rasée, tatoués aux joues et au front, portant, aux ailes du nez et au-dessous de la lèvre inférieure, des rondelles de métal, parurent un instant sur les rives. Ils étaient armés de flèches et de sarbacanes, mais ils n'en firent point usage et n'essayèrent même pas d'entrer en communication avec la jangada.

## CHAPITRE ONZIÈME – DE PEVAS À LA FRONTIÈRE

Pendant les quelques jours qui suivirent, la navigation ne présenta aucun incident. Les nuits étaient si belles que le long train de bois se laissa aller au courant, sans même faire halte. Les deux rives pittoresques du fleuve semblaient se déplacer latéralement, comme ces panoramas de théâtre qui se déroulent d'une coulisse à l'autre. Par une sorte d'illusion d'optique, à laquelle se faisaient inconsciemment les yeux, il semblait que la jangada fût immobile entre les deux mouvants bas-côtés.

Benito ne put donc aller chasser sur les berges, puisqu'on ne fit aucune halte ; mais le gibier fut très avantageusement remplacé par les produits de la pêche.

En effet, on prit une grande variété de poissons excellents, des « pacos », des « surubis », des « gamitanas » d'une chair exquise, et certaines de ces larges raies, appelées « duridaris », roses au ventre, noires au dos, qui sont armées de dards très venimeux. On recueillit aussi, par milliers, de ces « candirus », sortes de petits silures, dont quelques-uns sont microscopiques, et qui ont bientôt fait une pelote des mollets du baigneur, imprudemment aventuré dans leurs parages.

Les riches eaux de l'Amazonie étaient aussi fréquentées par bien d'autres animaux aquatiques, qui escortaient la jangada sur les fleuves, pendant des heures entières.

C'étaient de gigantesques « pira-rucus », longs de dix à douze pieds, cuirassés de larges écailles à bordure écarlate, mais dont la chair n'est vraiment appréciée que des indigènes. Aussi ne cherchait-on pas à s'en emparer, pas plus que des gracieux dauphins, qui venaient s'ébattre par centaines, frapper de leur queue les poutrelles du train de bois, se jouer à l'avant, à l'arrière, animant les eaux du fleuve de reflets colorés et de jets d'eau que la lumière réfractée changeait en autant d'arcs-en-ciel.

Le 16 juin, la jangada, après avoir heureusement paré certains hauts-fonds en s'approchant des berges, arriva près de la grande île de San-Pablo, et, le lendemain soir, elle s'arrêta au village de Moromoros, qui est situé sur la rive gauche de l'Amazonie. Vingt-quatre heures après, dépassant les embouchures de l'Atacoari et du Cocha, puis le « furo », ou canal, qui communique avec le lac



de Cabello-Cocha, sur la rive droite, elle faisait escale à la hauteur de la Mission de Cocha.

C'était là le pays des Indiens Marahuas, aux longs cheveux flottants, dont la bouche s'ouvre au milieu d'une sorte d'éventail d'épines de palmiers, longues de six pouces, ce qui leur donne une figure féline, et cela, – suivant l'observation de Paul Marcoy, – dans l'intention de ressembler au tigre, dont ils admirent par-dessus tout l'audace, la force et la ruse. Quelques femmes vinrent avec ces Marahuas en fumant des cigares, dont elles tenaient le bout allumé entre leurs dents. Tous, ainsi que le roi des forêts amazoniennes, allaient à peu près nus.

La Mission de Cocha était alors dirigée par un moine franciscain, qui voulut rendre visite au padre Passanha.

Joam Garral fit très bon accueil à ce religieux, et il lui offrit même de s'asseoir à la table de la famille.

Précisément, il y avait ce jour-là un dîner, qui faisait honneur à la cuisinière indienne.

Bouillon traditionnel aux herbes aromatiques, pâté, destiné le plus souvent à remplacer le pain au Brésil, qui se compose de farine de manioc bien imprégnée de jus de viande et d'un coulis de tomates, volaille au riz nageant dans une sauce piquante faite de vinaigre et de « malagueta », plat d'herbages pimentés, gâteau froid saupoudré de cannelle, c'était là de quoi tenter un pauvre moine, réduit au maigre ordinaire de la paroisse. On insista donc pour le retenir. Yaquita et sa fille firent tout ce qu'elles purent à ce propos. Mais le franciscain devait, le soir même, rendre visite à un Indien qui était malade à Cocha. Il remercia donc l'hospitalière famille et partit, non sans emporter quelques présents, qui devaient être bien reçus des néophytes de la Mission.

Pendant deux jours, le pilote Araujo eut fort à faire. Le lit du fleuve s'élargissait peu à peu ; mais les îles y étaient plus nombreuses, et le courant, gêné par ces obstacles, s'accroissait aussi. Il fallut prendre de grandes précautions pour passer entre les îles Caballo-Cocha, Tarapote, Cacao, faire des haltes fréquentes, et, plusieurs fois, on fut obligé de dégager la jangada, qui menaçait de s'engraver. Tout le monde mettait alors la main à la manœuvre, et ce fut dans ces conjonctions assez difficiles que, le 20 juin au soir, on eut connaissance de Nuestra-Senora-de-Loreto.

Loreto est la dernière ville péruvienne qui se trouve située sur la rive gauche du fleuve, avant d'arriver à la frontière du Brésil. Ce n'est guère plus qu'un simple village, composé d'une vingtaine de maisons, groupées sur une

berge légèrement accidentée, dont les tumescences sont faites de terre d'ocre et d'argile.

C'est en 1770 que cette Mission fut fondée par des missionnaires jésuites. Les Indiens Ticumas, qui habitent ces territoires au nord du fleuve, sont des indigènes à peau rougeâtre, aux cheveux épais, zébrés de dessins à la face comme la laque d'une table chinoise ; ils sont simplement habillés, hommes et femmes, de bandelettes de coton qui leur serrent la poitrine et les reins. On n'en compte pas plus de deux cents, maintenant, sur les bords de l'Atacoari, reste infime d'une nation qui fut autrefois puissante sous la main de grands chefs.

À Loreto vivaient aussi quelques soldats péruviens, et deux ou trois négociants portugais, qui font le commerce des cotonnades, du poisson salé et de la salsepareille.

Benito débarqua, afin d'acheter, s'il était possible, quelques ballots de cette smilacée, qui est toujours fort demandée sur les marchés de l'Amazone. Joam Garral, toujours très occupé d'un travail qui absorbait tous ses instants, ne mit pas pied à terre. Yaquita et sa fille restèrent également à bord de la jangada avec Manoel. C'est que les moustiques de Loreto ont une réputation bien faite pour écarter les visiteurs, qui ne veulent pas laisser quelque peu de leur sang à ces redoutables diptères.

Justement Manoel venait de dire quelques mots de ces insectes, et ce n'était pas pour donner envie de braver leurs piqûres.

« On prétend, ajouta-t-il, que les neuf espèces, qui infestent les rives de l'Amazone, se sont donné rendez-vous au village de Loreto. Je veux le croire, sans vouloir le constater. Là, chère Minha, vous auriez le choix entre le moustique gris, le velu, la patte-blanche, le nain, le sonneur de fanfares, le petit fifre, l'urtiquis, l'arlequin, le grand nègre, le roux des bois, ou plutôt, tous vous choisiraient pour cible et vous reviendriez ici méconnaissable ! Je pense, en vérité, que ces acharnés diptères gardent mieux la frontière brésilienne que ces pauvres diables de soldats, hâves et maigres, que nous apercevons sur la berge !

– Mais si tout sert dans la nature, demanda la jeune fille, à quoi servent les moustiques ?

– À faire le bonheur des entomologistes, répondit Manoel, et je serais très embarrassé pour vous donner une meilleure explication ! »

Ce que disait Manoel des moustiques de Loreto n'était que trop vrai. Il s'ensuit donc que, ses achats terminés, lorsque Benito revint à bord, il avait la

figure et les mains tatouées d'un millier de points rouges, sans parler des chiques, qui, malgré le cuir des chaussures, s'étaient introduites sous ses orteils.

« Partons, partons à l'instant même ! s'écria Benito, ou ces maudites légions d'insectes vont nous envahir, et la jangada deviendra absolument inhabitable !

Et nous les importerions au Para, répondit Manoel, qui en a déjà trop pour sa propre consommation ! » Donc, pour ne pas même passer la nuit sur ces rives, la jangada, détachée des berges, reprit le fil du courant.

À partir de Loreto, l'Amazone s'inclinait un peu vers le sud-est, entre les îles Arava, Cuyari, Urucutea. La jangada glissait alors sur les eaux noires du Cajarú, mêlées aux eaux blanches de l'Amazone. Après avoir dépassé cet affluent de la rive gauche, pendant la soirée du 23 juin, elle dérivait paisiblement le long de la grande île de Jahuma.

Le coucher du soleil sur un horizon pur de toutes brumes annonçait une de ces belles nuits des tropiques que ne peuvent connaître les zones tempérées. Une légère brise rafraîchissait l'atmosphère. La lune allait bientôt se lever sur le fond constellé du ciel, et remplacer, pendant quelques heures, le crépuscule absent de ces basses latitudes. Mais, dans cette période obscure encore, les étoiles brillaient avec une pureté incomparable. L'immense plaine du bassin semblait se prolonger à l'infini, comme une mer, et, à l'extrémité de cet axe, qui mesure plus de deux cent mille milliards de lieues, apparaissaient, au nord, l'unique diamant de l'étoile polaire ; au sud, les quatre brillants de la Croix du Sud.

Les arbres de la rive gauche et de l'île Jahuma, à demi estompés, se détachaient en découpures noires. On ne pouvait plus les reconnaître qu'à leur indécise silhouette, ces troncs ou plutôt ces fûts de colonnes des copahus, qui s'épanouissaient en ombrelles, ces groupes de « sandis » dont on peut extraire un lait épais et sucré qui, dit-on, donne l'ivresse du vin, ces « vignaticos » hauts de quatre-vingts pieds, dont la cime tremblotait au passage des légers courants d'air. « Quel beau sermon que ces forêts de l'Amazone ! » a-t-on pu justement dire. Oui ! et l'on pourrait ajouter : « Quel hymne superbe que ces nuits des tropiques ! »

Les oiseaux donnaient leurs dernières notes du soir : « bentivis » qui suspendent leurs nids aux roseaux des rives ; « niambus », sorte de perdrix, dont le chant se compose des quatre notes de l'accord parfait et que répétaient des imitateurs de la gent volatile ; « kamichis », à la mélodie si plaintive ; martins-pêcheurs, dont le cri répond, comme un signal, aux derniers cris de leurs

congénères ; « caninés », au clairon sonore, et aras rouges, qui reployaient leurs ailes dans le feuillage des « jaquetibas », dont la nuit venait d'éteindre les splendides couleurs.

Sur la jangada, tout le personnel était à son poste, dans l'attitude du repos. Seul, le pilote, debout à l'avant, laissait voir sa haute stature, à peine dessinée dans les premières ombres. La bordée de quart, sa longue gaffe sur l'épaule, rappelait un campement de cavaliers tartares. Le pavillon brésilien pendait au bout de sa hampe, à l'avant du train, et la brise n'avait déjà plus la force d'en soulever l'étamine.

À huit heures, les trois premiers tintements de l'*Angelus* s'envolèrent du clocher de la petite chapelle. Les trois tintements du deuxième et du troisième verset sonnèrent à leur tour, et la salutation s'acheva dans la série des coups plus précipités de la petite cloche.

Cependant, toute la famille, après cette journée de juillet, était restée assise sous la véranda, afin de respirer l'air plus frais du dehors. Chaque soir il en était ainsi ; et, tandis que Joam Garral, toujours silencieux, se contentait d'écouter, les jeunes gens causaient gaiement jusqu'à l'heure du coucher.

« Ah ! notre beau fleuve ! notre magnifique Amazone ! » s'écria la jeune fille, dont l'enthousiasme pour ce grand cours d'eau américain ne se lassait jamais.

– Fleuve incomparable, en vérité ! répondit Manoel, et j'en comprends toutes les sublimes beautés ! Nous le descendons, maintenant, comme Orellana, comme La Condamine l'ont fait, il y a des siècles, et je ne m'étonne plus qu'ils en aient rapporté de si merveilleuses descriptions !

– Un peu fabuleuses ! répliqua Benito.

– Mon frère, reprit gravement la jeune fille, ne dis pas de mal de notre Amazone !

– Ce n'est point en dire du mal, petite sœur, que de rappeler qu'il a ses légendes !

– Oui, c'est vrai, il en a, et de merveilleuses ! répondit Minha.

– Quelles légendes ? demanda Manoel. Je dois avouer qu'elles ne sont pas encore arrivées au Para, on du moins, pour mon compte, je ne les connais pas !

– Mais alors, que vous apprend-on donc dans les collèges de Bélem ?  
répondit en riant la jeune fille.

– Je commence à m'apercevoir que l'on ne nous y apprend rien ! répondit  
Manoel.

– Quoi ! monsieur, reprit Minha avec un sérieux tout à fait plaisant, vous ignorez, entre autres fables, qu'un énorme reptile, nommé le Minhocao, vient quelquefois visiter l'Amazone, et que les eaux du fleuve croissent ou décroissent, suivant que ce serpent s'y plonge ou qu'il en sort, tant il est gigantesque !

– Mais l'avez-vous vu quelquefois, ce Minhocao phénoménal ? demanda  
Manoel.

– Hélas non ! répondit Lina.

– Quel dommage ! crut devoir ajouter Frago.

– Et la « Mae d'Agua », reprit la jeune fille, cette superbe et redoutable femme, dont le regard fascine et entraîne sous les eaux du fleuve les imprudents qui la contemplant ?

– Oh ! quant à la Mae d'Agua, elle existe ! s'écria la naïve Lina. On dit même qu'elle se promène encore sur les berges, mais qu'elle disparaît, comme une ondine, dès qu'on s'approche d'elle !

– Eh bien, Lina, répondit Benito, la première fois que tu l'apercevas, viens me prévenir.

– Pour qu'elle vous saisisse et vous emporte au fond du fleuve ? Jamais, monsieur Benito !

– C'est qu'elle le croit ! s'écria Minha.

– Il y a bien des gens qui croient au tronc de Manao ! dit alors Frago, toujours prêt à intervenir en faveur de Lina.

– Le tronc de Manao ? demanda Manoel. Qu'est-ce donc encore que le tronc de Manao ?

– Monsieur Manoel, répondit Frago avec une gravité comique, il paraît qu'il y a ou plutôt qu'il y avait autrefois un tronc de « turuma » qui, chaque année, à la même époque, descendait le Rio-Negro, s'arrêtait quelques jours à Manao, et s'en allait ainsi au Para, faisant halte à tous les ports, où les indigènes

l'ornaient dévotement de petits pavillons. Arrivé à Bélem, il faisait halte, rebroussait chemin, remontait l'Amazone, puis le Rio-Negro, et retournait à la forêt d'où il était mystérieusement parti. Un jour, on a voulu le tirer à terre, mais le fleuve en courroux s'est gonflé, et il a fallu renoncer à s'en emparer. Un autre jour, le capitaine d'un navire l'a harponné et a essayé de le remorquer... Cette fois encore, le fleuve en colère a rompu les amarres, et le tronçonnage s'est miraculeusement échappé !

– Et qu'est-il devenu ? demanda la jeune mulâtresse.

– Il paraît qu'à son dernier voyage, mademoiselle Lina, répondit Fragoso, au lieu de remonter le Rio-Negro, il s'est trompé de route, il a suivi l'Amazone, et on ne l'a plus revu !

– Oh ! si nous pouvions le rencontrer ! s'écria Lina.

– Si nous le rencontrons, répondit Benito, nous te mettrons dessus, Lina ; il t'emportera dans sa forêt mystérieuse, et tu passeras, toi aussi, à l'état de naïade légendaire !

– Pourquoi non ? répondit la folle jeune fille.

– Voilà bien des légendes, dit alors Manoel, et j'avoue que votre fleuve en est digne. Mais il a aussi des histoires qui les valent bien. J'en sais une, et, si je ne craignais de vous attrister, car elle est véritablement lamentable, je vous la raconterais !

– Oh ! racontez, monsieur Manoel, s'écria Lina ! J'aime tant les histoires qui font pleurer !

– Tu pleures, toi, Lina ! dit Benito.

– Oui, monsieur Benito, mais je pleure en riant !

– Eh bien ! raconte-nous cela, Manoel.

– C'est l'histoire d'une Française, dont les malheurs ont illustré ces rives au XVIII<sup>e</sup> siècle.

– Nous vous écoutons, dit Minha.

– Je commence, dit Manoel. En 1741, lors de l'expédition de deux savants français, Bouguer et La Condamine, qui furent envoyés pour mesurer un degré terrestre sous l'équateur, on leur adjoignit un astronome fort distingué nommé

Godin des Odonais.

« Godin des Odonais partit donc, mais il ne partit pas seul pour le Nouveau Monde : il emmenait avec lui sa jeune femme, ses enfants, son beau-père et son beau-frère.

« Tous les voyageurs arrivèrent à Quito en bonne santé. Là commencèrent pour madame des Odonais la série de ses malheurs ; car en quelques mois, elle perdit plusieurs de ses enfants.

« Lorsque Godin des Odonais eut achevé son travail, vers la fin de l'année 1759, il dut quitter Quito et partit pour Cayenne. Une fois arrivé dans cette ville, il voulut y faire venir sa famille ; mais, la guerre étant déclarée, il fut forcé de solliciter du gouvernement portugais une autorisation qui laissât la route libre à madame des Odonais et aux siens.

« Le croirait-on ? Plusieurs années se passèrent sans que cette autorisation pût être accordée.

« En 1765, Godin des Odonais, désespéré de ces retards, résolut de remonter l'Amazone pour retourner chercher sa femme à Quito ; mais, au moment où il allait partir, une subite maladie l'arrêta, et il ne put mettre son projet à exécution.

« Cependant, les démarches n'avaient pas été inutiles, et madame des Odonais apprit enfin que le roi de Portugal, lui accordant l'autorisation nécessaire, faisait préparer une embarcation, afin qu'elle pût descendre le fleuve et rejoindre son mari. En même temps, une escorte avait ordre de l'attendre dans les Missions du Haut-Amazone.

« Madame des Odonais était une femme d'un grand courage, vous allez bien le voir. Aussi n'hésita-t-elle pas, et, malgré les dangers d'un pareil voyage à travers tout le continent, elle partit.

– C'était son devoir d'épouse, Manoel, dit Yaquita, et j'aurais fait comme elle !

– Madame des Odonais, reprit Manoel, se rendit à Rio-Bamba, au sud de Quito, emmenant son beau-frère, ses enfants et un médecin français. Il s'agissait d'atteindre les Missions de la frontière brésilienne, où devaient se trouver l'embarcation et l'escorte.

« Le voyage est heureux d'abord ; il se fait sur le cours des affluents de

l'Amazone que l'on descend en canot. Cependant, les difficultés s'accroissent peu à peu avec les dangers et les fatigues, au milieu d'un pays décimé par la petite vérole. Des quelques guides qui viennent offrir leurs services, la plupart disparaissent quelques jours après, et l'un d'eux, le dernier qui fût demeuré fidèle aux voyageurs, se noie dans le Bobonasa, en voulant porter secours au médecin français.

« Bientôt le canot, à demi brisé par les roches et les troncs en dérive, est hors d'état de servir. Il faut alors descendre à terre, et là, à la lisière d'une impénétrable forêt, on en est réduit à construire quelques cabanes de feuillage. Le médecin offre d'aller en avant avec un nègre qui n'avait jamais voulu quitter madame des Odonais. Tous deux partent. On les attend plusieurs jours... mais en vain !... Ils ne reviennent plus.

« Cependant, les vivres s'épuisent. Les abandonnés essayent inutilement de descendre le Bobonasa sur un radeau. Il leur faut rentrer dans la forêt, et les voilà dans la nécessité de faire la route à pied, au milieu de ces fourrés presque impraticables !

« C'était trop de fatigues pour ces pauvres gens ! Ils tombent un à un, malgré les soins de la vaillante Française. Au bout de quelques jours, enfants, parents, serviteurs, tous sont morts !

Oh ! la malheureuse femme ! dit Lina.

Madame des Odonais est seule maintenant, reprit Manoel. Elle se trouve encore à mille lieues de l'Océan qu'il lui faut atteindre ! Ce n'est plus la mère qui continue à marcher vers le fleuve !... La mère a perdu ses enfants, elle les a ensevelis de ses propres mains !... C'est la femme qui veut revoir son mari !

« Elle marche nuit et jour, elle retrouve enfin le cours du Bobonasa ! Là, elle est recueillie par de généreux Indiens, qui la conduisent aux Missions où l'attendait l'escorte !

« Mais elle y arrivait seule, et derrière elle, les étapes de sa route étaient semées de tombes !

« Madame des Odonais atteint Loreto, où nous étions il y a quelques jours. De ce village péruvien, elle descendit l'Amazone, comme nous le faisons en ce moment, et enfin elle retrouva son mari, après dix-neuf années de séparation !

– Pauvre femme ! dit la jeune fille.



– Pauvre mère, surtout ! » répondit Yaquita. En ce moment, le pilote Araujo vint à l'arrière et dit : « Joam Garral, nous voici devant l'île de la Ronde ! Nous allons passer la frontière !

– La frontière ! » répondit Joam.

Et, se levant, il alla se placer au bord de la jangada, et il regarda longuement l'îlot de la Ronde, auquel se brisait le courant du fleuve. Puis, sa main se porta à son front comme pour chasser un souvenir.

« La frontière ! » murmura-t-il en baissant la tête par un mouvement involontaire. Mais, un instant après, sa tête s'était relevée, et son visage était celui d'un homme résolu à faire son devoir jusqu'au bout.

## CHAPITRE DOUZIÈME – FRAGOSO À L'OUVRAGE

« Braza », braise, est un mot que l'on trouve dans la langue espagnole dès le XIIe siècle. Il a servi à faire le mot « brazil » pour désigner certains bois qui fournissent une teinture rouge. De là le nom de Brésil donné à cette vaste étendue de l'Amérique du Sud que traverse la ligne équinoxiale, et dans laquelle ce bois se rencontre fréquemment. Il fut, d'ailleurs, et de très bonne heure, l'objet d'un commerce considérable avec les Normands. Bien qu'il s'appelle « ibirapitunga » au lieu de production, ce nom de « brazil » lui est resté, et il est devenu celui de ce pays, qui apparaît comme une immense braise, enflammée sous les rayons d'un soleil tropical.

Les Portugais l'occupèrent tout d'abord. Dès le commencement du XVIe siècle, prise de possession en fut faite par le pilote Alvarez Cabral. Si, plus tard, la France, la Hollande, s'y établirent partiellement, il est resté portugais, et possède toutes les qualités qui distinguent ce vaillant petit peuple. C'est maintenant l'un des plus grands États de l'Amérique méridionale, ayant à sa tête l'intelligent et artiste roi don Pedro.

« Quel est ton droit dans la tribu ? demandait Montaigne à un Indien qu'il rencontrait au Havre.

C'est le droit de marcher le premier à la guerre ! » répondit simplement l'Indien.

La guerre, on le sait, fut pendant longtemps le plus sûr et le plus rapide véhicule de la civilisation. Aussi, les Brésiliens firent-ils ce que faisait cet Indien : ils luttèrent, ils défendirent leur conquête, ils l'étendirent, et c'est au premier rang qu'on les voit marcher dans la voie de la civilisation.

Ce fut en 1824, seize ans après la fondation de l'empire Luso-Brésilien, que le Brésil proclama son indépendance par la voix de don Juan, que les armées françaises avaient chassé du Portugal.

Restait à régler la question de frontières entre le nouvel empire et le Pérou, son voisin.

La chose n'était pas facile.

Si le Brésil voulait s'étendre jusqu'au Rio-Napo, dans l'ouest, le Pérou, lui,

prétendait s'élargir jusqu'au lac d'Ega, c'est-à-dire huit degrés plus à l'ouest.

Mais, entre temps, le Brésil dut intervenir pour empêcher l'enlèvement des Indiens de l'Amazone, enlèvement qui se faisait au profit des Missions hispano-brésiliennes. Il ne trouva pas de meilleur moyen pour enrayer cette sorte de traite que de fortifier l'île de la Ronde, un peu au-dessus de Tabatinga, et d'y établir un poste.

Ce fut une solution, et, depuis cette époque, la frontière des deux pays passe par le milieu de cette île.

Au-dessus, le fleuve est péruvien et se nomme Marafion, ainsi qu'il a été dit.

Au-dessous, il est brésilien et prend le nom de rivière des Amazones.

Ce fut le 25 juin, au soir, que la jangada vint s'arrêter devant Tabatinga, la première ville brésilienne, située sur la rive gauche, à la naissance du rio dont elle porte le nom, et qui dépend de la paroisse de Saint-Paul, établie en aval sur la rive droite.

Joam Garral avait résolu de passer là trente-six heures, afin de donner quelque repos à son personnel. Le départ ne devait donc s'effectuer que le 27, dans la matinée.

Cette fois, Yaquita et ses enfants, moins menacés peut-être qu'à Iquitos de servir de pâture aux moustiques indigènes, avaient manifesté l'intention de descendre à terre et de visiter la bourgade.

On estime actuellement à quatre cents habitants, presque tous Indiens, la population de Tabatinga, en y comprenant, sans doute, ces nomades qui errent plutôt qu'ils ne se fixent sur les bords de l'Amazone et de ses petits affluents.

Le poste de l'île de la Ronde a été abandonné depuis quelques années et transporté à Tabatinga même. On peut donc dire que c'est une ville de garnison ; mais, en somme, la garnison n'est composée que de neuf soldats, presque tous Indiens, et d'un sergent, qui est le véritable commandant de la place.

Une berge, haute d'une trentaine de pieds, dans laquelle sont taillées les marches d'un escalier peu solide, forme en cet endroit la courtine de l'esplanade qui porte le petit fortin. La demeure du commandant comprend deux chaumières disposées en équerre, et les soldats occupent un bâtiment oblong, élevé à cent pas de là au pied d'un grand arbre.

Cet ensemble de cabanes ressemblerait parfaitement à tous les villages ou hameaux, qui sont disséminés sur les rives du fleuve, si un mât de pavillon, empanaché des couleurs brésiliennes, ne s'élevait au-dessus d'une guérite, toujours veuve de sa sentinelle, et si quatre petits pierriers de bronze n'étaient là pour canonner au besoin toute embarcation qui n'avancerait pas à l'ordre.

Quant au village proprement dit, il est situé en contrebas, au-delà du plateau. Un chemin, qui n'est qu'un ravin ombragé de ficus et de miritis, y conduit en quelques minutes. Là, sur une falaise de limon à demi crevassée, s'élèvent une douzaine de maisons recouvertes de feuilles de palmier « boiassu », disposées autour d'une place centrale.

Tout cela n'est pas fort curieux, mais les environs de Tabatinga sont charmants, surtout à l'embouchure du Javary, qui est assez largement évasée pour contenir l'archipel des îles Aramasa. En cet endroit se groupent de beaux arbres, et, parmi eux, grand nombre de ces palmiers dont les souples fibres, employées à la fabrication des hamacs et des filets de pêche, font l'objet d'un certain commerce. En somme, ce lieu est un des plus pittoresques du Haut-Amazone.

Tabatinga, d'ailleurs, est destinée à devenir, avant peu, une station assez importante, et elle prendra, sans doute, un rapide développement. Là, en effet, devront s'arrêter les vapeurs brésiliens qui remonteront le fleuve, et les vapeurs péruviens qui le descendront. Là se fera l'échange des cargaisons et des passagers. Il n'en faudrait pas tant à un village anglais ou américain pour devenir, en quelques années, le centre d'un mouvement commercial des plus considérables.

Le fleuve est très beau en cette partie de son cours. Bien évidemment, l'effet des marées ordinaires ne se fait pas sentir à Tabatinga, qui est située à plus de six cents lieues de l'Atlantique. Mais il n'en est pas ainsi de la « pororoca », cette espèce de mascaret, qui, pendant trois jours, dans les grands flux de syzygies, gonfle les eaux de l'Amazone et les repousse avec une vitesse de dix-sept kilomètres à l'heure. On prétend, en effet, que ce raz de marée se propage jusqu'à la frontière brésilienne.

Le lendemain, 26 juin, avant le déjeuner, la famille Garra se prépara à débarquer, afin de visiter la ville.

Si Joam, Benito et Manoel avaient déjà mis le pied dans plus d'une cité de l'empire brésilien, il n'en était pas ainsi de Yaquita et de sa fille. Ce serait donc pour elles comme une prise de possession.

On conçoit donc que Yaquita et Minha dussent attacher quelque prix à cette visite.

Si, d'autre part, Fragoso, en sa qualité de barbier nomade, avait déjà couru les diverses provinces de l'Amérique centrale, Lina, elle, pas plus que sa jeune maîtresse, n'avait encore foulé le sol brésilien.

Mais, avant de quitter la jangada, Fragoso était venu trouver Joam Garral, et il avait eu avec lui la conversation que voici :

« Monsieur Garral, lui dit-il, depuis le jour où vous m'avez reçu à la fazenda d'Iquitos, logé, vêtu, nourri, en un mot accueilli si hospitalièrement, je vous dois...

– Vous ne me devez absolument rien, mon ami, répondit Joam Garral. Donc, n'insistez pas...

– Oh ! rassurez-vous, s'écria Fragoso, je ne suis point en mesure de m'acquitter envers vous ! J'ajoute que vous m'avez pris à bord de la jangada et procuré le moyen de descendre le fleuve. Mais nous voici maintenant sur la terre du Brésil, que, suivant toute probabilité, je ne devais plus revoir ! Sans cette liane...

– C'est à Lina, à Lina seule, qu'il faut reporter votre reconnaissance, dit Joam Garral.

– Je le sais, répondit Fragoso, et jamais je n'oublierai ce que je lui dois, pas plus qu'à vous.

– On dirait, Fragoso, reprit Joam, que vous venez me faire vos adieux ! Votre intention est-elle donc de rester à Tabatinga ?

– En aucune façon, monsieur Garral, puisque vous m'avez permis de vous accompagner jusqu'à Bélem, où je pourrai, je l'espère du moins, reprendre mon ancien métier.

– Eh bien, alors, si telle est votre intention, que venez-vous me demander, mon ami ?

– Je viens vous demander si vous ne voyez aucun inconvénient à ce que je l'exerce en route, ce métier. Il ne faut pas que ma main se rouille, et, d'ailleurs, quelques poignées de reis ne feraient pas mal au fond de ma poche, surtout si je les avais gagnés. Vous le savez, monsieur Garral, un barbier, qui est en même

temps un peu coiffeur, je n'ose dire un peu médecin par respect pour monsieur Manoel, trouve toujours quelques clients dans ces villages du Haut-Amazone.

– Surtout parmi les Brésiliens, répondit Joam Garral, car pour les indigènes...

– Je vous demande pardon, répondit Fragoso, parmi les indigènes surtout ! Ah ! pas de barbe à faire, puisque la nature s'est montrée très avare de cette parure envers eux, mais toujours quelque chevelure à accommoder suivant la dernière mode ! Ils aiment cela, ces sauvages, hommes ou femmes ! Je ne serai pas installé depuis dix minutes sur la place de Tabatinga, mon bilboquet à la main, – c'est le bilboquet qui les attire d'abord, et j'en joue fort agréablement –, qu'un cercle d'Indiens et d'Indiennes se sera formé autour de moi. On se dispute mes faveurs ! Je resterais un mois ici, que toute la tribu des Ticunas se serait fait coiffer de mes mains ! On ne tarderait pas à savoir que le « fer qui frise », – c'est ainsi qu'ils me désignent –, est de retour dans les murs de Tabatinga ! J'y ai passé déjà à deux reprises, et mes ciseaux et mon peigne ont fait merveille ! Ah ! par exemple, il n'y faudrait pas revenir trop souvent, sur le même marché ! Mesdames les Indiennes ne se font pas coiffer tous les jours, comme nos élégantes des cités brésiliennes ! Non ! Quand c'est fait, en voilà pour un an, et pendant un an, elles emploient tous leurs soins à ne pas compromettre l'édifice que j'ai élevé, avec quelque talent, j'ose le dire ! Or, il y a bientôt un an que je ne suis venu à Tabatinga. Je vais donc trouver tous mes monuments en ruine, et, si cela ne vous contrarie pas, monsieur Garral, je voudrais me rendre une seconde fois digne de la réputation que j'ai acquise dans ce pays. Question de reis avant tout, et non d'amour-propre, croyez-le bien !

– Faites donc, mon ami, répondit Joam Garral en souriant, mais faites vite ! Nous ne devons rester qu'un jour à Tabatinga, et nous en repartirons demain dès l'aube.

– Je ne perdrai pas une minute, répondit Fragoso. Le temps de prendre les ustensiles de ma profession, et je débarque !

– Allez ! Fragoso, répondit Joam Garral. Puissent les reis pleuvoir dans votre poche !

Oui, et c'est là une bienfaisante pluie qui n'a jamais tombé à verse sur votre dévoué serviteur ! »

Cela dit, Fragoso s'en alla rapidement.

Un instant après, la famille, moins Joam Garral, prit terre. La jangada

avait pu s'approcher assez près de la berge pour que le débarquement se fit sans peine. Un escalier en assez mauvais état, taillé dans la falaise, permit aux visiteurs d'arriver à la crête du plateau.

Yaquita et les siens furent reçus par le commandant du fort, un pauvre diable, qui connaissait cependant les lois de l'hospitalité, et leur offrit de déjeuner dans son habitation. Ça et là allaient et venaient les quelques soldats du poste, tandis que, sur le seuil de la caserne, apparaissaient, avec leurs femmes, qui sont de sang ticuna, quelques enfants, assez médiocres produits de ce mélange de race.

Au lieu d'accepter le déjeuner du sergent, Yaquita offrit au contraire au commandant et à sa femme de venir partager le sien à bord de la jangada.

Le commandant ne se le fit pas dire deux fois, et rendez-vous fut pris pour onze heures.

En attendant, Yaquita, sa fille et la jeune mulâtresse, accompagnées de Manoel, allèrent se promener aux environs du poste, laissant Benito se mettre en règle avec le commandant pour l'acquittement des droits de passage, car ce sergent était à la fois chef de la douane et chef militaire.

Puis, cela fait, Benito, lui, suivant son habitude, devait aller chasser dans les futaies voisines. Cette fois, Manoel s'était refusé à le suivre.

Cependant, Frago, de son côté, avait quitté la jangada ; mais, au lieu de monter au poste, il se dirigea vers le village, en prenant à travers le ravin qui s'ouvrait sur la droite, au niveau de la berge. Il comptait plus, avec raison, sur la clientèle indigène de Tabatinga que sur celle de la garnison. Sans doute, les femmes des soldats n'auraient pas mieux demandé que de se remettre en ses habiles mains ; mais les maris ne se souciaient guère de dépenser quelques reis pour satisfaire les fantaisies de leurs coquettes moitiés.

Chez les indigènes, il en devait être tout autrement. Époux et épouses, le joyeux barbier le savait bien, lui feraient le meilleur accueil.

Voilà donc Frago en route, remontant le chemin ombragé de beaux ficus, et arrivant au quartier central de Tabatinga.

Dès son arrivée sur la place, le célèbre coiffeur fut signalé, reconnu, entouré.

Frago n'avait ni grosse caisse, ni tambour, ni cornet à piston, pour attirer

les clients, pas même de voiture à cuivres brillants, à lanternes resplendissantes, à panneaux ornés de glaces, ni de parasol gigantesque, ni rien qui pût provoquer l'empressement du public, ainsi que cela se fait dans les foires ! Non ! mais Fragozo avait son bilboquet, et, comme ce bilboquet jouait entre ses doigts ! Avec quelle adresse il recevait la tête de tortue, qui servait de boule, sur la pointe effilée du manche ! Avec quelle grâce il faisait décrire à cette boule cette courbe savante, dont les mathématiciens n'ont peut-être pas encore calculé la valeur, eux qui ont déterminé, cependant, la fameuse courbe « du chien qui suit son maître ! »

Tous les indigènes étaient là, hommes, femmes, vieillards, enfants, dans leur costume un peu primitif, regardant de tous leurs yeux, écoutant de toutes leurs oreilles. L'aimable opérateur, moitié en portugais, moitié en langue ticuna, leur débitait son boniment habituel sur le ton de la plus joyeuse humeur.

Ce qu'il leur disait, c'était ce que disent tous ces charlatans qui mettent leurs services à la disposition du public, qu'ils soient Figaros espagnols ou peruquiers français. Au fond, même aplomb, même connaissance des faiblesses humaines, même genre de plaisanteries ressassées, même dextérité amusante, et de la part de ces indigènes, même ébahissement, même curiosité, même crédulité que chez les badauds du monde civilisé.

Il s'ensuivit donc que, dix minutes plus tard, le public était allumé et se pressait près de Fragozo installé dans une « loja » de la place, sorte de boutique servant de cabaret.

Cette loja appartenait à un Brésilien domicilié à Tabatinga. Là, pour quelques vatem, qui sont les sols du pays et valent vingt reis<sup>[9]</sup>, les indigènes peuvent se procurer les boissons du cru, et en particulier l'assaï. C'est une liqueur moitié solide, moitié liquide, faite avec les fruits d'un palmier, et elle se boit dans un « couï », ou demi-calebasse, dont on fait un usage général en ce bassin de l'Amazone.

Et alors, hommes et femmes, – ceux-là avec non moins d'empressement que celles-ci –, de prendre place sur l'escabeau du barbier. Les ciseaux de Fragozo allaient chômer sans doute, puisqu'il n'était pas question de tailler ces opulentes chevelures, presque toutes remarquables par leur finesse et leur qualité ; mais quel emploi il allait être appelé à faire du peigne et des fers, qui chauffaient dans un coin sur un brasero !

Et les encouragements de l'artiste à la foule !



« Voyez, voyez, disait-il, comme cela tiendra, mes amis, si vous ne vous couchez pas dessus ! Et voilà pour un an, et ces modes-là sont les plus nouvelles de Bélem ou de Rio-de-Janeiro ! Les filles d'honneur de la reine ne sont pas plus savamment accommodées, et vous remarquerez que je n'épargne pas la pommade ! »

Non ! il ne l'épargnait pas ! Ce n'était, il est vrai, qu'un peu de graisse, à laquelle il mêlait le suc de quelques fleurs, mais cela emplâtrait comme du ciment.

Aussi aurait-on pu donner le nom d'édifices capillaires à ces monuments élevés par la main de Fragozo, et qui comportaient tous les genres d'architecture ! Boucles, anneaux, frisons, catogans, cadenettes, crêpures, rouleaux, tire-bouchons, papillotes, tout y trouvait sa place. Rien de faux, par exemple, ni tours, ni chignons, ni postiches. Ces chevelures indigènes, ce n'étaient point des taillis affaiblis par les coupes, amaigris par les chutes, mais plutôt des forêts dans toutes leur virginité native ! Fragozo, cependant, ne dédaignait pas d'y ajouter quelques fleurs naturelles, deux ou trois longues arêtes de poisson, de fines parures d'os ou de cuivre, que lui apportaient les élégantes de l'endroit. À coup sûr, les merveilleuses du Directoire auraient envié l'ordonnance de ces coiffures de haute fantaisie, à triple et quadruple étage, et le grand Léonard lui-même se fût incliné devant son rival d'outremer !

Et alors les vatemis, les poignées de reis, – seule monnaie contre laquelle les indigènes de l'Amazone échangent leurs marchandises –, de pleuvoir dans la poche de Fragozo, qui les encaissait avec une évidente satisfaction. Mais, très certainement, le soir se ferait avant qu'il eût pu satisfaire aux demandes d'une clientèle incessamment renouvelée. Ce n'était pas seulement la population de Tabatinga qui se pressait à la porte de la loja. La nouvelle de l'arrivée de Fragozo n'avait pas tardé à se répandre. De ces indigènes, il en venait de tous les côtés : Ticunas de la rive gauche du fleuve, Mayorunas de la rive droite, aussi bien ceux qui habitaient sur les bords du Cajuru que ceux qui résidaient dans les villages du Javary.

Aussi, une longue queue d'impatients se dessinait-elle sur la place centrale. Les heureux et les heureuses, au sortir des mains de Fragozo, allant fièrement d'une maison à l'autre, se pavanaient sans trop oser remuer, comme de grands enfants qu'ils étaient.

Il arriva donc que, lorsque midi sonna, le très occupé coiffeur n'avait pas encore eu le temps de revenir déjeuner à bord, aussi dut-il se contenter d'un peu d'assaï, de farine de manioc et d'œufs de tortue qu'il avalait rapidement entre

deux coups de fer.

Mais aussi, bonne récolte pour le cabaretier, car toutes ces opérations ne s'accomplissaient pas sans grande absorption de liqueurs tirées des caves de la loja. En vérité, c'était un événement pour la ville de Tabatinga que ce passage du célèbre Fragoso, coiffeur ordinaire et extraordinaire des tribus du Haut-Amazone !

## CHAPITRE TREIZIÈME – TORRÈS

À cinq heures du soir, Fragoso était encore là, n'en pouvant plus, et il se demandait s'il ne serait pas obligé de passer la nuit pour satisfaire la foule des expectants.

En ce moment, un étranger arriva sur la place, et, voyant toute cette réunion d'indigènes, il s'avança vers l'auberge.

Pendant quelques instants, cet étranger regarda Fragoso attentivement avec une certaine circonspection. Sans doute, l'examen le satisfit, car il entra dans la loja.

C'était un homme âgé de trente-cinq ans environ. Il portait un assez élégant costume de voyage, qui faisait valoir les agréments de sa personne. Mais sa forte barbe noire, que les ciseaux n'avaient pas dû tailler depuis longtemps, et ses cheveux, un peu longs, réclamaient impérieusement les bons offices d'un coiffeur.

« Bonjour, l'ami, bonjour ! » dit-il en frappant légèrement l'épaule de Fragoso.

Fragoso se retourna lorsqu'il entendit ces quelques mots prononcés en pur brésilien, et non plus l'idiome mélangé des indigènes.

« Un compatriote ? demanda-t-il, sans cesser de tortiller la boucle rebelle d'une tête mayorunasse.

Oui, répondit l'étranger, un compatriote, qui aurait besoin de vos services.

Comment donc ! mais à l'instant, dit Fragoso. Dès que je vais avoir « terminé madame » !

Et ce fut fait en deux coups de fer.

Bien que le dernier venu n'eût pas droit à la place vacante, cependant il s'assit sur l'escabeau, sans que cela amenât aucune réclamation de la part des indigènes, dont le tour était ainsi reculé.

Fragoso laissa les fers pour les ciseaux du coiffeur, et, selon l'habitude de

ses collègues :

« Que désire monsieur ? demanda-t-il.

Faire tailler ma barbe et mes cheveux, répondit l'étranger.

À vos souhaits ! » dit Fragoso en introduisant le peigne dans l'épaisse chevelure de son client.

Et aussitôt les ciseaux de faire leur office.

« Et vous venez de loin ? demanda Fragoso, qui ne pouvait opérer sans grande abondance de paroles.

Je viens des environs d'Iquitos.

– Tiens, c'est comme moi ! s'écria Fragoso. J'ai descendu l'Amazone d'Iquitos à Tabatinga ! Et peut-on vous demander votre nom ?

– Sans inconvénient, répondit l'étranger. Je me nomme Torrès. »

Lorsque les cheveux de son client eurent été coupés « à la dernière mode », Fragoso commença à tailler sa barbe ; mais, à ce moment, comme il le regardait bien en face, il s'arrêta, reprit son opération, puis, enfin :

« Eh ! monsieur Torrès, dit-il, est-ce que ?... Je crois vous reconnaître !... Est-ce que nous ne nous sommes pas déjà vus quelque part ?

– Je ne pense pas ! répondit vivement Torrès.

– Je me trompe alors ! » répondit Fragoso.

Et il se mit en mesure d'achever sa besogne. Un instant après, Torrès reprit la conversation, que cette demande de Fragoso avait interrompue. « Comment êtes-vous venu d'Iquitos ? dit-il.

– D'Iquitos à Tabatinga ?

– Oui.

– À bord d'un train de bois, sur lequel m'a donné passage un digne fazender, qui descend l'Amazone avec toute sa famille.

– Ah ! vraiment, l'ami ! répondit Torrès. C'est une chance, cela, et si votre fazender voulait me prendre...

– Vous avez donc, vous aussi, l'intention de descendre le fleuve ?

– Précisément.

– Jusqu'au Para ?

– Non, jusqu'à Manaó seulement, où j'ai affaire.

– Eh bien, mon hôte est un homme obligeant, et je pense qu'il vous rendrait volontiers ce service.

– Vous le pensez ?

– Je dirais même que j'en suis sûr.

– Et comment s'appelle-t-il donc ce fazender ? demanda nonchalamment Torrès.

Joam Garral », répondit Fragoço.

Et, en ce moment, il murmurait à part lui : « J'ai certainement vu cette figure-là quelque part ! » Torrès n'était pas homme à laisser tomber une conversation qui semblait l'intéresser, et pour cause. « Ainsi, dit-il, vous pensez que Joam Garral consentirait à me donner passage ?

– Je vous répète que je n'en doute pas, répondit Fragoço. Ce qu'il a fait pour un pauvre diable comme moi, il ne refusera pas de le faire pour vous, un compatriote !

– Est-ce qu'il est seul à bord de cette jangada ?

– Non, répliqua Fragoço. Je viens de vous dire qu'il voyage avec toute sa famille, – une famille de braves gens, je vous l'assure –, et il est accompagné d'une équipe d'Indiens et de noirs, qui font partie du personnel de la fazenda.

– Il est riche, ce fazender ?

– Certainement, répondit Fragoço, très riche. Rien que les bois flottés qui forment la jangada et la cargaison qu'elle porte constituent toute une fortune !

– Ainsi donc, Joam Garral vient de passer la frontière brésilienne avec toute sa famille ? reprit Torrès.

– Oui, répondit Fragoço, sa femme, son fils, sa fille et le fiancé de

mademoiselle Minha.

– Ah ! il a une fille ? dit Torrès.

– Une charmante fille.

– Et elle va se marier ?...

– Oui, avec un brave jeune homme, répondit Fragoso, un médecin militaire en garnison à Bélem, et qui l'épousera, dès que nous serons arrivés au terme du voyage.

– Bon ! dit en souriant Torrès, c'est alors ce qu'on pourrait appeler un voyage de fiançailles !

– Un voyage de fiançailles, de plaisir et d'affaires ! répondit Fragoso. Madame Yaquita et sa fille n'ont jamais mis le pied sur le territoire brésilien, et, quant à Joam Garral, c'est la première fois qu'il franchit la frontière, depuis qu'il est entré à la ferme du Vieux Magalhaës.

– Je suppose aussi, demanda Torrès, que la famille est accompagnée de quelques serviteurs ?

– Certainement, répondit Fragoso ; la vieille Cybèle, depuis cinquante ans dans la ferme, et une jolie mulâtresse, mademoiselle Lina, qui est plutôt la compagne que la suivante de sa jeune maîtresse. Ah ! quelle aimable nature ! quel cœur et quels yeux ! Et des idées à elle sur toutes choses, en particulier sur les lianes... »

Fragoso, lancé sur cette voie, n'aurait pu s'arrêter sans doute, et Lina allait être l'objet de ses déclarations enthousiastes, si Torrès n'eût quitté l'escabeau pour faire place à un autre client.

« Que vous dois-je ? demanda-t-il au barbier.

– Rien, répondit Fragoso. Entre compatriotes qui se rencontrent sur la frontière, il ne peut être question de cela !

– Cependant, répondit Torrès, je voudrais...

– Eh bien, nous réglerons plus tard, à bord de la jangada.

– Mais je ne sais, répondit Torrès, si j'oserai demander à Joam Garral de me permettre...

– N'hésitez pas ! s'écria Fragoso. Je lui en parlerai, si vous l'aimez mieux, et il se trouvera très heureux de pouvoir vous être utile en cette circonstance. »

En ce moment, Manoel et Benito, qui étaient venus à la ville, après leur dîner, se montrèrent à la porte de la loja, désireux de voir Fragoso dans l'exercice de ses fonctions.

Torrès s'était retourné vers eux, et tout à coup : « Eh ! voilà deux jeunes gens que je connais ou plutôt que je reconnais ! s'écria-t-il.

Vous les reconnaissez ? demanda Fragoso, assez surpris.

– Oui, sans doute ! Il y a un mois, dans la forêt d'Iquitos, ils m'ont tiré d'un assez grand embarras !

– Mais ce sont précisément Benito Garral et Manoel Valdez.

– Je le sais ! Ils m'ont dit leurs noms, mais je ne m'attendais pas à les retrouver ici ! » Torrès, s'avançant alors vers les deux jeunes gens, qui le regardaient sans le reconnaître : « Vous ne me remettez pas, messieurs ? leur demanda-t-il.

– Attendez donc, répondit Benito. Monsieur Torrès, si j'ai bonne mémoire, c'est vous qui, dans la forêt d'Iquitos, aviez quelques difficultés avec un guariba ?  
...

– Moi-même, messieurs ! répondit Torrès. Depuis six semaines, j'ai continué à descendre l'Amazone, et je viens de passer la frontière en même temps que vous !

– Enchanté de vous revoir, dit Benito ; mais vous n'avez point oublié que je vous avais proposé de venir à la fazenda de mon père ?

– Je ne l'ai point oublié, répondit Torrès.

– Et vous auriez bien fait d'accepter mon offre, monsieur ! Cela vous eût permis d'attendre notre départ en vous reposant de vos fatigues, puis de descendre avec nous jusqu'à la frontière ! Autant de journées de marche d'épargnées !

– En effet, répondit Torrès.

– Notre compatriote ne s'arrête pas à la frontière, dit alors Fragoso. Il va jusqu'à Manao.

– Eh bien, répondit Benito, si vous voulez venir à bord de la jangada, vous y serez bien reçu, et je suis sûr que mon père se fera un devoir de vous y donner passage.

– Volontiers ! répondit Torrès, et vous me permettrez de vous remercier d'avance ! »

Manoel n'avait point pris part à la conversation. Il laissait l'obligeant Benito faire ses offres de service, et il observait attentivement Torrès, dont la figure ne lui revenait guère. Il y avait, en effet, un manque absolu de franchise dans les yeux de cet homme, dont le regard fuyait sans cesse, comme s'il eût craint de se fixer ; mais Manoel garda cette impression pour lui, ne voulant pas nuire à un compatriote qu'il s'agissait d'obliger.

« Messieurs, dit Torrès, si vous le voulez, je suis prêt à vous suivre jusqu'au port.

Venez ! » répondit Benito.

Un quart d'heure après, Torrès était à bord de la jangada. Benito le présentait à Joam Garral, en lui faisant connaître les circonstances dans lesquelles ils s'étaient déjà vus, et il lui demandait passage pour Torrès jusqu'à Manao.

« Je suis heureux, monsieur, de pouvoir vous rendre ce service, répondit Joam Garral.

– Je vous remercie, dit Torrès, qui, au moment de tendre la main à son hôte, se retint comme malgré lui.

– Nous partons demain matin, dès l'aube, ajouta Joam Garral. Vous pouvez donc vous installer à bord...

– Oh ! mon installation ne sera pas longue ! répondit Torrès. Ma personne et rien de plus.

– Vous êtes chez vous », dit Joam Garral. Le soir même, Torrès prenait possession d'une cabine près de celle du barbier.

À huit heures seulement, celui-ci, de retour à la jangada, faisait à la jeune mulâtresse le récit de ses exploits, et lui répétait, non sans quelque amour-propre, que la renommée de l'illustre Fragoso venait de s'accroître encore dans le bassin du Haut-Amazone.



## CHAPITRE Q UATORZIÈME – EN DESCENDANT ENCORE

Le lendemain matin, 27 juin, dès l'aube, les amarres étaient larguées, et la jangada continuait à dériver au courant du fleuve.

Un personnage de plus était à bord. En réalité, d'où venait ce Torrès ? On ne le savait pas au juste. Où allait-il ? À Manao, avait-il dit. Torrès s'était d'ailleurs gardé de rien laisser soupçonner de sa vie passée, ni de la profession qu'il exerçait encore deux mois auparavant, et personne ne pouvait se douter que la jangada eût donné asile à un ancien capitaine des bois. Joam Garral n'avait pas voulu gêner par des questions trop pressantes le service qu'il allait lui rendre.

En le prenant à bord, le fazender avait obéi à un sentiment d'humanité. Au milieu de ces vastes déserts amazoniens, à cette époque surtout où des bateaux à vapeur ne sillonnaient pas encore le cours du fleuve, il était très difficile de trouver des moyens de transport sûrs et rapides. Les embarcations ne donnaient pas un service régulier, et, la plupart du temps, le voyageur en était réduit à cheminer à travers les forêts. Ainsi avait fait et aurait dû continuer de faire Torrès, et c'était pour lui une chance inespérée que d'avoir pu prendre passage à bord de la jangada.

Depuis que Benito avait raconté dans quelles conditions il avait rencontré Torrès, la présentation était faite, et celui-ci pouvait se considérer comme un passager à bord d'un transatlantique, qui était libre de prendre part à la vie commune si cela lui convenait, libre de se tenir à l'écart pour peu qu'il fût d'humeur insociable.

Il fut visible, du moins pendant les premiers jours, que Torrès ne cherchait pas à pénétrer dans l'intimité de la famille Garral. Il se tenait sur une grande réserve, répondant lorsqu'on lui adressait la parole, mais ne provoquant aucune réponse.

S'il paraissait, de préférence, plus expansif avec quelqu'un, c'était avec Fragoso. Ne devait-il pas à ce joyeux compagnon cette idée de prendre passage sur la jangada ? Quelquefois il le questionnait sur la situation de la famille Garral à Iquitos, sur les sentiments de la jeune fille pour Manoel Valdez, et encore ne le faisait-il qu'avec une certaine discrétion. Le plus souvent, lorsqu'il ne se promenait pas seul à l'avant de la jangada, il restait dans sa cabine.

Quant aux déjeuners et aux dîners, il les partageait avec Joam Garral et les siens, mais il ne prenait que peu de part à la conversation, et il se retirait dès que le repas était terminé.

Pendant la matinée, la jangada fit route à travers le pittoresque groupe d'îles que contient le vaste estuaire du Javary. Ce tributaire important de l'Amazone promène, dans la direction du sud-ouest, un cours qui, de sa source à son embouchure, ne paraît enrayé par aucun îlot ni par aucun rapide. Cette embouchure mesure environ trois mille pieds de largeur, et s'ouvre à quelques milles au-dessus de l'emplacement qu'occupait autrefois la ville du même nom, dont les Espagnols et les Portugais se disputèrent longtemps la propriété.

Jusqu'au 30 juin matin, il n'y eut rien de particulier à signaler dans le voyage. Parfois, on rencontrait quelques embarcations, qui se glissaient le long des rives, attachées les unes aux autres, de telle sorte qu'un seul indigène suffisait à les conduire toutes. « Navigar de bubina », ainsi disent les gens du pays pour désigner ce genre de navigation, c'est-à-dire naviguer de confiance.

Bientôt furent dépassés l'île Araria, l'archipel des îles Calderon, l'île Capiatu, et bien d'autres, dont les noms ne sont pas encore arrivés à la connaissance des géographes. Le 30 juin, le pilote signalait sur la droite du fleuve le petit village de Jurupari-Tapera, où se fit une halte de deux ou trois heures.

Manoel et Benito allèrent chasser dans les environs et rapportèrent quelques gibiers à plume, qui furent bien reçus à l'office. En même temps, les deux jeunes gens avaient opéré la capture d'un animal dont un naturaliste eût fait plus de cas que n'en fit la cuisinière de la jangada.

C'était un quadrupède de couleur foncée, qui ressemblait quelque peu à un grand terre-neuve.

« Un fourmilier tamanoir ! s'écria Benito, en le jetant sur le pont de la jangada.

– Et un magnifique spécimen, qui ne déparerait pas la collection d'un muséum ! ajouta Manoel.

– Avez-vous eu quelque peine à vous emparer de ce curieux animal ? demanda Minha.

– Mais oui, petite sœur, répondit Benito, et tu n'étais pas là pour demander sa grâce ! Ah ! ils ont la vie dure, ces chiens-là, et il n'a pas fallu moins de trois balles pour coucher celui-ci sur le flanc ! »

Ce tamanoir était superbe, avec sa longue queue, mélangée de crins grisâtres ; ce museau en pointe qu'il plonge dans les fourmilières, dont les insectes font sa principale nourriture ; ses longues pattes maigres, armées d'ongles aigus, longs de cinq pouces et qui peuvent se refermer comme les doigts d'une main. Mais quelle main, que cette main de tamanoir ! Quand elle tient quelque chose, il faut la couper pour lui faire lâcher prise. C'est à ce point que le voyageur Émile Carrey a justement pu dire que « le tigre lui-même périt dans cette étreinte » .

Le 2 juillet, dans la matinée, la jangada arrivait au pied de San-Pablo-d'Oliveça, après s'être glissée au milieu de nombreuses îles, qui, en toutes saisons, sont couvertes de verdure, ombragées d'arbres magnifiques, et dont les principales avaient nom Jurupari, Rita, Maracatanena et Cururu-Sapo. Plusieurs fois aussi, elle avait dû longer les ouvertures de quelques iguarapès ou petits affluents aux eaux noires.

La coloration de ces eaux est un phénomène assez curieux, et il appartient en propre à un certain nombre de tributaires de l'Amazone, quelle que soit leur importance. Manoel fit remarquer combien cette nuance était chargée en couleur, puisqu'on la distinguait très nettement à la surface des eaux blanchâtres du fleuve.

« On a tenté d'expliquer cette coloration de diverses manières, dit-il, et je ne crois pas que les plus savants soient arrivés à le faire d'une manière satisfaisante.

– Ces eaux sont véritablement noires avec un magnifique reflet d'or, répondit la jeune fille, en montrant une légère nappe mordorée qui affleurait la jangada.

– Oui, répondit Manoel, et déjà Humboldt avait observé comme vous, ma chère Minha, ce reflet si curieux. Mais, en regardant plus attentivement, on voit que c'est plutôt la couleur de sépia qui domine dans toute cette coloration.

– Bon ! s'écria Benito, encore un phénomène sur lequel les savants ne sont pas d'accord !

– Peut-être pourrait-on, à ce sujet, demander leur avis aux caïmans, aux dauphins et aux lamantins, fit observer Fragoso, car ce sont certainement les eaux noires qu'ils choisissent de préférence pour s'y ébattre.

– Il est certain qu'elles attirent plus particulièrement ces animaux, répondit Manoel. Mais pourquoi ? On serait fort embarrassé de le dire ! En effet, cette coloration est-elle due à ce que ces eaux contiennent en dissolution de

l'hydrogène carboné, ou bien à ce qu'elles coulent sur des lits de tourbe, à travers des couches de houille et d'antracite ; ou ne doit-on pas l'attribuer à l'énorme quantité de plantes minuscules qu'elles charrient ? Il n'y a rien de certain à cet égard<sup>[10]</sup>. En tout cas, excellentes à boire, d'une fraîcheur très enviable sous ce climat, elles sont sans arrière-goût et d'une parfaite innocuité. Prenez un peu de cette eau, ma chère Minha, buvez-en, vous le pouvez sans inconvénient. »

L'eau était limpide et fraîche en effet. Elle aurait pu avantageusement remplacer les eaux de table si employées en Europe. On en recueillit quelques frascos pour l'usage de l'office.

Il a été dit qu'à la date du 2 juillet, dès le matin, la jangada était arrivée à San-Pablo-d'Oliveira, où se fabriquent par milliers de ces longs chapelets dont les grains sont formés des écailles du « coco de piassaba ». C'est là l'objet d'un commerce très suivi. Peut-être paraîtra-t-il singulier que les anciens dominateurs du pays, les Tupinambas, les Tupiniquis, en soient arrivés à faire leur principale occupation de confectionner ces objets du culte catholique. Mais, après tout, pourquoi pas ? Ces Indiens ne sont plus les Indiens d'autrefois. Au lieu d'être vêtus du costume national, avec fronton de plumes d'aras, arc et sarbacanes, n'ont-ils pas adopté le vêtement américain, le pantalon blanc, le puncho de coton tissé par leurs femmes, qui sont devenues très habiles dans cette fabrication ?

San-Pablo-d'Oliveira, ville assez importante, ne compte pas moins de deux mille habitants, empruntés à toutes les tribus voisines. Maintenant la capitale du Haut-Amazone, elle débuta par n'être qu'une simple Mission, fondée par des carmes portugais, vers 1692, et reprise par des missionnaires jésuites.

Dans le principe, c'était le pays des Omaguas, dont le nom signifiait « têtes plates ». Ce nom leur venait de la barbare coutume qu'avaient les mères indigènes de presser entre deux planchettes la tête de leurs nouveau-nés, de manière à leur façonner un crâne oblong, qui était fort à la mode. Mais, comme toutes les modes, celle-ci a changé ; les têtes ont repris leur forme naturelle, et on ne retrouverait plus trace de l'ancienne déformation dans le crâne de ces fabricants de chapelets.

Toute la famille, à l'exception de Joam Garral, descendit à terre. Torrès, lui aussi, préféra rester à bord, et ne manifesta aucun désir de visiter San-Pablo-d'Oliveira, qu'il ne paraissait pas connaître, cependant.

Décidément, si cet aventurier était taciturne, il faut avouer qu'il n'était pas curieux.

Benito put faire aisément des échanges, de manière à compléter la cargaison de la jangada. Sa famille et lui reçurent un excellent accueil des principales autorités de la ville, le commandant de place et le chef des douanes, que leurs fonctions n'empêchaient aucunement de se livrer au commerce. Ils confièrent même au jeune négociant divers produits du pays, destinés à être vendus pour leur compte, soit à Manao, soit à Bélem.

La ville se composait d'une soixantaine de maisons, disposées sur un plateau qui couronnait la berge du fleuve en cet endroit. Quelques-unes de ces chaumières étaient couvertes en tuiles, ce qui est assez rare dans ces contrées ; mais, en revanche, la modeste église, dédiée à saint Pierre et saint Paul, ne s'abritait que sous un toit de paille, qui eût plutôt convenu à l'étable de Bethléem qu'à un édifice consacré au culte dans un des pays les plus catholiques du monde.

Le commandant, son lieutenant et le chef de police acceptèrent de dîner à la table de la famille, et ils furent reçus par Joam Garral avec les égards dus à leur rang.

Pendant le dîner, Torrès se montra plus causeur que d'habitude. Il raconta quelques-unes de ses excursions à l'intérieur du Brésil, en homme qui paraissait connaître le pays.

Mais, tout en parlant de ses voyages, Torrès ne négligea pas de demander au commandant s'il connaissait Manao, si son collègue s'y trouvait en ce moment, si le juge de droit, le premier magistrat de la province, avait l'habitude de s'absenter à cette époque de la saison chaude. Il semblait qu'en faisant cette série de questions, Torrès regardait en dessous Joam Garral. Ce fut même assez indiqué pour que Benito l'observât, non sans quelque étonnement et fit cette remarque, que son père écoutait tout particulièrement les questions assez singulières que posait Torrès.

Le commandant de San-Pablo-d'Oliveça assura l'aventurier que les autorités n'étaient point absentes de Manao en ce moment, et il chargea même Joam Garral de leur présenter ses compliments. Selon toute probabilité, la jangada arriverait devant cette ville dans sept semaines au plus tard, du 20 au 25 août.

Les hôtes du fazender prirent congé de la famille Garral vers le soir, et, le lendemain matin, 3 juillet, la jangada recommençait à descendre le cours du fleuve.

À midi, on laissait sur la gauche l'embouchure du Yacurupa. Ce tributaire n'est, à proprement parler, qu'un véritable canal, puisqu'il déverse ses eaux dans

l'Iça, qui est lui-même un affluent de gauche de l'Amazone. Phénomène particulier, le fleuve, en de certains endroits, alimente lui-même ses propres affluents.

Vers trois heures après midi, la jangada dépassa l'embouchure du Jandiatuba, qui apporte du sud-ouest ses magnifiques eaux noires, et les jette dans la grande artère par une bouche de quatre cents mètres, après avoir arrosé les territoires des Indiens Culinos.

Nombre d'îles furent longées, Pimaticaira, Caturia, Chico, Motachina ; les unes habitées, les autres désertes, mais toutes couvertes d'une végétation superbe, qui forme comme une guirlande ininterrompue de verdure d'un bout de l'Amazone à l'autre.

## CHAPITRE Q UINZIÈME – EN DESCENDANT TOUJOURS

On était au soir du 5 juillet. L'atmosphère, alourdie depuis la veille, promettait quelques prochains orages. De grandes chauves-souris de couleur roussâtre rasaient à larges coups d'ailes le courant de l'Amazone. Parmi elles on distinguait de ces « perros voladors », d'un brun sombre, clairs au ventre, pour lesquelles Minha et surtout la jeune mulâtresse éprouvaient une répulsion instinctive. C'étaient là, en effet, de ces horribles vampires qui sucent le sang des bestiaux, et s'attaquent même à l'homme qui s'est imprudemment endormi dans les campines.

« Oh ! les vilaines bêtes ! s'écria Lina, en se cachant les yeux. Elles me font horreur !

– Et elles sont, en outre, fort redoutables, ajouta la jeune fille. N'est-il pas vrai, Manoel ?

– Très redoutables, en effet, répondit le jeune homme. Ces vampires ont un instinct particulier qui les porte à vous saigner aux endroits où le sang peut le plus facilement couler, et principalement derrière l'oreille. Pendant l'opération, ils continuent à battre de l'aile et provoquent ainsi une agréable fraîcheur, qui rend le sommeil du dormeur plus profond. On cite des gens, soumis inconsciemment à cette hémorragie de plusieurs heures, qui ne se sont plus réveillés !

– Ne continuez pas à raconter de pareilles histoires, Manoel, dit Yaquita, ou bien ni Minha ni Lina n'oseront dormir cette nuit !

– Ne craignez rien, répondit Manoel. S'il le faut, nous veillerons sur leur sommeil !

– Silence ! dit Benito.

– Qu'y a-t-il donc ? demanda Manoel.

– N'entendez-vous pas un bruit singulier de ce côté ? reprit Benito en montrant la rive droite.

– En effet, répondit Yaquita.

– D'où provient ce bruit ? demanda la jeune fille. On dirait des galets qui roulent sur la plage des îles !

– Bon ! je sais ce que c'est ! répondit Benito. Demain, au lever du jour, il y aura régal pour ceux qui aiment les œufs de tortue et les petites tortues fraîches ! »

Il n'y avait pas à s'y tromper. Ce bruit était produit par d'innombrables chéloniens de toutes tailles que l'opération de la ponte attirait sur les îles.

C'est dans le sable des grèves que ces amphibiens viennent choisir l'endroit convenable pour y déposer leurs œufs.

L'opération, commencée avec le soleil couchant, serait finie avec l'aube.

À ce moment déjà, la tortue-chef avait quitté le lit du fleuve pour y reconnaître un emplacement favorable. Les autres, réunies par milliers, s'occupaient à creuser avec leurs pattes antérieures une tranchée longue de six cents pieds, large de douze, profonde de six ; après y avoir enterré leurs œufs, il ne leur resterait plus qu'à les recouvrir d'une couche de sable, qu'elles battraient avec leurs carapaces, de manière à le tasser.

C'est une grande affaire pour les Indiens riverains de l'Amazone et de ses affluents que cette opération de la ponte. Ils guettent l'arrivée des chéloniens, ils procèdent à l'extraction des œufs au son du tambour, et, de la récolte divisée en trois parts, une appartient aux veilleurs, l'autre aux Indiens, la troisième à l'État, représenté par des capitaines de plage, qui font, en même temps que la police, le recouvrement des droits. À de certaines grèves, que la décroissance des eaux laisse à découvert et qui ont le privilège d'attirer le plus grand nombre de tortues, on a donné le nom de « plages royales ». Lorsque la récolte est achevée, c'est fête pour les Indiens, qui se livrent aux jeux, à la danse, aux libations, – fête aussi pour les caïmans du fleuve, qui font ripaille des restes de ces amphibiens.

Tortues ou œufs de tortue sont donc l'objet d'un commerce extrêmement considérable dans tout le bassin de l'Amazone. Il est de ces chéloniens que l'on « vire », c'est-à-dire que l'on retourne sur le dos, quand ils reviennent de la ponte, et que l'on conserve vivants, soit qu'on les garde dans des parcs palissadés comme les parcs à poissons, soit qu'on les attache à des pieux par une corde assez longue pour leur permettre d'aller ou de venir sur la terre ou sous l'eau. De cette façon, on peut toujours avoir de la chair fraîche de ces animaux.

On procède autrement avec les petites tortues qui viennent d'éclore. Nul besoin de les parquer ni de les attacher. Leur écaille est molle encore, leur chair



extrêmement tendre, et on les mange absolument comme des huîtres, après les avoir fait cuire. Sous cette forme, il s'en consomme des quantités considérables.

Cependant, ce n'est pas là l'usage le plus général que l'on fasse des œufs des chéloniens dans les provinces de l'Amazone et du Para. La fabrication de la « manteigna de tartaruga », c'est-à-dire du beurre de tortue, qui peut être comparé aux meilleurs produits de la Normandie ou de la Bretagne, ne consomme pas moins, chaque année, de deux cent cinquante à trois cents millions d'œufs. Mais les tortues sont innombrables dans les cours d'eau de ce bassin, et c'est par quantités incalculables qu'elles déposent leurs œufs sous le sable des grèves.

Toutefois, par suite de la consommation qu'en font non seulement les indigènes, mais aussi les échassiers de la côte, les urubus de l'air, les caïmans du fleuve, leur nombre s'est assez amoindri pour que chaque petite tortue se paye actuellement d'une pataque [\(11\)](#) brésilienne.

Le lendemain, dès l'aube, Benito, Frago et quelques Indiens firent une des pirogues et se rendirent à la grève d'une des grandes îles longées pendant la nuit. Il n'était pas nécessaire que la jangada fit halte. On saurait bien la rejoindre.

Sur la plage se voyaient de petites tumescences, qui indiquaient la place où, cette nuit même, chaque paquet d'œufs avait été déposé dans la tranchée, par groupes de cent soixante à cent quatre-vingt-dix. Ceux-là, il n'était pas question de les extraire. Mais, une première ponte ayant été faite deux mois auparavant, les œufs avaient éclos sous l'action de la chaleur emmagasinée dans les sables, et déjà quelques milliers de petites tortues couraient sur la grève.

Les chasseurs firent donc bonne chasse. La pirogue fut remplie de ces intéressants amphibiens, qui arrivèrent juste à point pour l'heure du déjeuner. Le butin fut partagé entre les passagers et le personnel de la jangada, et s'il en restait le soir, il n'en restait plus guère.

Le 7 juillet au matin, on était devant San-José-de-Matura, bourg situé près d'un petit rio empli de longues herbes, et sur les bords duquel la légende prétend que les Indiens à queue ont existé.

Le 8 juillet, dans la matinée, on aperçut le village de San-Antonio, deux ou trois maisonnettes perdues dans les arbres, puis l'embouchure de l'Iça ou Putumayo, qui mesure neuf cents mètres de largeur.

Le Putumayo est l'un des plus importants tributaires de l'Amazone. En cet

endroit, au XVI<sup>e</sup> siècle, des Missions anglaises furent d'abord fondées par les Espagnols, puis détruites par les Portugais, et, à l'heure présente, il n'en reste plus trace. Ce qu'on y retrouve encore, ce sont des représentants de diverses tribus d'Indiens, qui sont aisément reconnaissables à la diversité de leurs tatouages.

L'Îça est un cours d'eau qu'envoient vers l'est les montagnes de Pasto, au nord-est de Quito, à travers les plus belles forêts de cacaoyers sauvages. Navigable sur un parcours de cent quarante lieues pour les bateaux à vapeur qui ne tient pas plus de six pieds, il doit être un jour l'un des principaux chemins fluviaux dans l'ouest de l'Amérique.

Pendant, le mauvais temps était venu. Il ne procédait pas par des pluies continuelles ; mais de fréquents orages troublaient déjà l'atmosphère. Ces météores ne pouvaient aucunement gêner la marche de la jangada, qui ne donnait pas prise au vent ; sa grande longueur la rendait même insensible à la houle de l'Amazone ; mais, pendant ces averses torrentielles, nécessité pour la famille Garral de rentrer dans l'habitation. Il fallait bien occuper ces heures de loisir. On causait alors, on se communiquait ses observations, et les langues ne chômaient pas.

Ce fut dans ces conditions que Torrès commença peu à peu à prendre une part plus active à la conversation. Les particularités de ses divers voyages dans tout le nord du Brésil lui fournissaient de nombreux sujets d'entretien. Cet homme avait certainement beaucoup vu ; mais ses observations étaient celles d'un sceptique, et, le plus souvent, il blessait les honnêtes gens qui l'écoutaient. Il faut dire aussi qu'il se montrait plus empressé auprès de Minha. Seulement, ces assiduités, bien qu'elles déplussent à Manoel, n'étaient pas assez marquées pour que le jeune homme crût devoir intervenir encore. D'ailleurs la jeune fille éprouvait pour Torrès une instinctive répulsion, qu'elle ne cherchait pas à cacher.

Le 9 juillet, l'embouchure du Tunantins apparut sur la rive gauche du fleuve, formant un estuaire de quatre cents pieds, par lequel cet affluent déversait ses eaux noires, venues de l'ouest-nord-ouest, après avoir arrosé les territoires des Indiens Cacenas.

En cet endroit, le cours de l'Amazone se montrait sous un aspect véritablement grandiose, mais son lit était plus que jamais encombré d'îles et d'îlots. Il fallut toute l'adresse du pilote pour se diriger au travers de cet archipel, allant d'une rive à l'autre, évitant les hauts-fonds, fuyant les remous, maintenant son imperturbable direction.

Peut-être aurait-il pu prendre l'Ahuaty-Parana, sorte de canal naturel, qui

se détache du fleuve un peu au-dessous de l'embouchure du Tunantins et permet de rentrer dans le cours d'eau principal, cent-vingt milles plus loin, par le rio Japura ; mais, si la portion la plus large de ce « furo » mesure cent cinquante pieds, la plus étroite n'en compte que soixante, et la jangada aurait eu quelque peine à passer.

Bref, après avoir touché, le 13 juillet, à l'île Capuro, après avoir dépassé la bouche du Jutahy, qui, venu de l'est-sud-ouest, jette ses eaux noires par une ouverture de quinze cents pieds, après avoir admiré des légions de jolis singes couleur blanc de soufre, à face rouge cinabre, qui sont d'insatiables amateurs de ces noisettes que produisent les palmiers auxquels le fleuve doit son nom, les voyageurs arrivèrent, le 18 juillet, devant la petite ville de Fonteboa.

En cet endroit, la jangada fit une halte de douze heures, qui donna quelque repos à l'équipe.

Fonteboa, comme la plupart de ces villages-missions de l'Amazone, n'a point échappé à cette capricieuse loi qui les transporte, pendant une longue période, d'un endroit à un autre. Il est probable, cependant, que ce hameau en a fini avec cette existence nomade et qu'il est définitivement sédentaire. Tant mieux pour lui, car il est charmant à voir avec sa trentaine de maisons, couvertes de feuillage, et son église dédiée à Notre-Dame de Guadalupe, Vierge Noire du Mexique. Fonteboa compte un millier d'habitants, fournis par les Indiens des deux rives, qui élèvent de nombreux bestiaux dans les opulentes campines des environs. À cela ne se borne pas leur occupation : ce sont aussi d'intrépides chasseurs, ou, si on l'aime mieux, d'intrépides pêcheurs de lamantins.

Aussi, le soir même de leur arrivée, les jeunes gens purent-ils assister à une très intéressante expédition de ce genre.

Deux de ces cétacés herbivores venaient d'être signalés dans les eaux noires du rio Cayaratu, qui se jette à Fonteboa. On voyait six points bruns se mouvoir à leur surface. C'étaient les deux museaux pointus et les quatre ailerons des lamantins.

Des pêcheurs peu expérimentés auraient pris tout d'abord ces points mouvants pour des épaves en dérive, mais les indigènes de Fonteboa ne pouvaient s'y tromper. Bientôt, d'ailleurs, des souffles bruyants indiquèrent que des animaux à événements chassaient avec force l'air devenu impropre aux besoins de leur respiration.

Deux ubas, portant chacune trois pêcheurs, se détachèrent du rivage et s'approchèrent des lamantins, qui prirent aussitôt la fuite. Les points noirs

tracèrent d'abord un long sillage à la surface de l'eau, puis ils disparurent à la fois.

Les pêcheurs continuèrent à s'avancer prudemment. L'un d'eux, armé d'un harpon très primitif, – un long clou au bout d'un bâton –, se tenait debout sur la pirogue, pendant que les deux autres pagayaient sans bruit. Ils attendaient que la nécessité de respirer ramenât les lamantins à leur portée. Dix minutes au plus, et ces animaux reparaitraient certainement dans un cercle plus ou moins restreint.

En effet, ce temps s'était à peu près écoulé, lorsque les points noirs émergèrent à peu de distance, et deux jets d'air mélangé de vapeurs s'élançèrent bruyamment.

Les ubas s'approchèrent ; les harpons furent lancés en même temps ; l'un manqua son but, mais l'autre frappa l'un des cétacés à la hauteur de sa vertèbre caudale.

Il n'en fallut pas plus pour étourdir l'animal, qui est peu apte à se défendre quand il a été touché par le fer d'un harpon. La corde le ramena à petits coups près de l'uba, et il fut remorqué jusqu'à la grève, au pied du village.

Ce n'était qu'un lamantin de petite taille, car il mesurait à peine trois pieds de longueur. On les a tant poursuivis, ces pauvres cétacés, qu'ils commencent à devenir assez rares dans les eaux de l'Amazone et de ses affluents, et on leur laisse si peu le temps de grandir, que les géants de l'espèce ne dépassent pas sept pieds maintenant. Que sont-ils auprès de ces lamantins de douze et quinze pieds, qui abondent encore dans les fleuves et les lacs de l'Afrique !

Mais il serait bien difficile d'empêcher cette destruction. En effet, la chair du lamantin est excellente, même supérieure à celle du porc, et l'huile que fournit son lard, épais de trois pouces, est un produit d'une véritable valeur. Cette chair, lorsqu'elle est boucanée, se conserve longtemps et donne une alimentation saine. Si l'on ajoute à cela que l'animal est d'une capture relativement facile, on ne s'étonnera pas que son espèce tende à sa complète destruction.

Aujourd'hui, un lamantin adulte, qui « rendait » deux pots d'huile pesant cent quatre-vingts livres, n'en donne plus que quatre arrobes espagnols, équivalant à un quintal.

Le 19 juillet, au soleil levant, la jangada quittait Fonteboa et se laissait aller entre les deux rives du fleuve, absolument désertes, le long des îles ombragées de forêts de cacaoyers du plus grand effet. Le ciel était toujours lourdement chargé de gros cumulus électriques, qui faisaient pressentir de nouveaux orages.

Le rio Jurua, venu du sud-est, se dégagea bientôt des berges de gauche. À le remonter, une embarcation pourrait s'enfoncer jusqu'au Pérou, sans rencontrer d'insurmontables obstacles, à travers ses eaux blanches, que nourrissent un grand nombre de sous-affluents.

« C'est peut-être sur ces territoires, dit Manoel, qu'il conviendrait de rechercher les descendants de ces femmes guerrières, qui ont tant émerveillé Orellana. Mais il faut dire que, à l'exemple de leurs devancières, elles ne forment point de tribus à part. Ce sont tout simplement des épouses qui accompagnent leurs époux au combat, et celles-ci, parmi les Juruas, ont une grande réputation de vaillance. »

La jangada continuait à descendre ; mais quel dédale l'Amazone présentait alors ! Le rio Japura, dont l'embouchure allait s'ouvrir quatre-vingts milles plus loin, et qui est un de ses plus grands affluents, courait presque parallèlement au fleuve.

Entre eux, c'étaient des canaux, des iguarapès, des lagunes, des lacs temporaires, un inextricable lacis, qui rend bien difficile l'hydrographie de cette contrée.

Mais, si Araujo n'avait pas de carte pour se guider, son expérience le servait plus sûrement, et c'était merveille de le voir se débrouiller dans ce chaos, sans jamais s'égarer hors du grand fleuve.

En somme, il fit si bien que, le 25 juillet, dans l'après-midi, après avoir passé devant le village de Parani-Tapera, la jangada put mouiller à l'entrée du lac d'Ega ou Teffé, dans lequel il était inutile de s'engager, puisqu'il aurait fallu en sortir pour reprendre la route de l'Amazone.

Mais la ville d'Ega est assez importante. Elle méritait qu'on fit halte pour la visiter. Il fut donc convenu que la jangada séjournerait en cet endroit jusqu'au 27 juillet, et que, le lendemain 28, la grande pirogue transporterait toute la famille à Ega.

Cela donnerait un repos qui était bien dû au laborieux équipage du train de bois.

La nuit se passa sur les amarrages, près d'une côte assez élevée, et rien n'en troubla la tranquillité. Quelques éclairs de chaleur enflammèrent l'horizon, mais ils venaient d'un orage lointain, qui n'éclata pas à l'entrée du lac.

## CHAPITRE SEIZIÈME – EGA

Le 20 juillet, à six heures du matin, Yaquita, Minha, Lina et les deux jeunes gens se préparaient à quitter la jangada.

Joam Garra, qui n'avait pas manifesté l'intention de descendre à terre, se décida, cette fois, sur les instances de sa femme et de sa fille, à abandonner son absorbant travail quotidien pour les accompagner pendant leur excursion.

Torrès, lui, ne s'était pas montré soucieux d'aller visiter Ega, à la grande satisfaction de Manoel, qui avait pris cet homme en aversion et n'attendait que l'occasion de le lui prouver.

Quant à Fragoso, il ne pouvait avoir, pour aller à Ega, les mêmes raisons d'intérêt qui l'avaient conduit à Tabatinga, bourgade de peu d'importance auprès de cette petite ville.

Ega, au contraire, est un chef-lieu de quinze cents habitants, où résident toutes les autorités que comporte l'administration d'une cité aussi considérable, – considérable pour le pays –, c'est-à-dire commandant militaire, chef de police, juge de paix, juge de droit, instituteur primaire, milice sous les ordres d'officiers de tout rang.

Or, lorsque tant de fonctionnaires, leurs femmes, leurs enfants, habitent une ville, on peut supposer que les barbiers-coiffeurs n'y font pas défaut. C'était le cas, et Fragoso n'y eût pas fait ses frais.

Sans doute, l'aimable garçon, bien qu'il n'eût point affaire à Ega, comptait cependant être de la partie, puisque Lina accompagnait sa jeune maîtresse ; mais, au moment de quitter la jangada, il se résigna à rester, sur la demande même de Lina.

« Monsieur Fragoso ? lui dit-elle, après l'avoir pris à l'écart.

Mademoiselle Lina ? répondit Fragoso.

– Je ne crois pas que votre ami Torrès ait l'intention de nous accompagner à Ega.

– En effet, il doit rester à bord, mademoiselle Lina, mais je vous serai

obligé de ne point l'appeler mon ami !

– C'est pourtant vous qui l'avez engagé à nous demander passage, avant qu'il en eût manifesté l'intention.

– Oui, et ce jour-là, s'il faut vous dire toute ma pensée, je crains d'avoir fait une sottise !

– Eh bien, s'il faut vous dire toute la mienne, cet homme ne me plaît guère, monsieur Fragoso.

– Il ne me plaît pas davantage, mademoiselle Lina, et j'ai toujours comme une idée de l'avoir déjà vu quelque part. Mais le trop vague souvenir qu'il m'a laissé n'est précis que sur un point : c'est que l'impression était loin d'être bonne !

– En quel endroit, à quelle époque auriez-vous rencontré ce Torrès ? Vous ne pouvez donc pas vous le rappeler ? Il serait peut-être utile de savoir ce qu'il est, et surtout ce qu'il a été !

– Non... Je cherche... Y a-t-il longtemps ? Dans quel pays, dans quelles circonstances ?... Je ne retrouve pas !

– Monsieur Fragoso ?

– Mademoiselle Lina !

– Vous devriez demeurer à bord, afin de surveiller Torrès pendant notre absence !

– Quoi ! s'écria Fragoso, ne pas vous accompagner à Ega et rester tout une journée sans vous voir !

– Je vous le demande !

– C'est un ordre ?...

– C'est une prière ! Je resterai.

– Monsieur Fragoso ?

– Mademoiselle Lina ?

– Je vous remercie !

– Remerciez-moi en me donnant une bonne poignée demain, répondit Frago. Ça vaut bien cela ! »

Lina tendit la main à ce brave garçon, qui la retint quelques instants, en regardant le charmant visage de la jeune fille. Et voilà pourquoi Frago ne prit pas place dans la pirogue, et se fit, sans en avoir l'air, le surveillant de Torrès. Celui-ci s'apercevait-il de ces sentiments de répulsion qu'il inspirait à tous ? Peut-être ; mais, sans doute aussi, il avait ses raisons pour n'en pas tenir compte.

Une distance de quatre lieues séparait le lieu de mouillage de la ville d'Ega. Huit lieues, aller et retour, dans une pirogue contenant six personnes, plus deux nègres pour pagayer, c'était un trajet qui eût exigé quelques heures, sans parler de la fatigue occasionnée par cette haute température, bien que le ciel fût voilé de légers nuages.

Mais, très heureusement, une jolie brise soufflait du nord-ouest, c'est-à-dire que, si elle tenait de ce côté, elle serait favorable pour naviguer sur le lac Tefé. On pouvait aller à Ega et en revenir rapidement, sans même courir des bordées.

La voile latine fut donc hissée au mât de la pirogue. Benito prit la barre, et l'on déborda, après qu'un dernier geste de Lina eut recommandé à Frago de faire bonne garde.

Il suffisait de suivre le littoral sud du lac pour atteindre Ega. Deux heures après, la pirogue arrivait au port de cette ancienne Mission, autrefois fondée par les carmélites, qui devint une ville en 1759, et que le général Gama fit définitivement rentrer sous la domination brésilienne. Les passagers débarquèrent sur une grève plate, près de laquelle venaient se ranger, non seulement les embarcations du pays, mais aussi quelques-unes de ces petites goélettes, qui vont faire le cabotage sur le littoral de l'Atlantique.

Ce fut d'abord un sujet d'étonnement pour les deux jeunes filles, lorsqu'elles entrèrent dans Ega.

« Ah ! la grande ville ! s'écria Minha.

– Que de maisons ! que de monde ! répliquait Lina, dont les yeux s'agrandissaient encore pour mieux voir.

– Je le crois bien, répondit Benito en riant, plus de quinze cents habitants, au moins deux cents maisons, dont quelques-unes ont un étage, et deux ou trois rues, de véritables rues, qui les séparent !



– Mon cher Manoel, dit Minha, défendez-nous contre mon frère ! Il se moque de nous, parce qu’il a déjà visité de plus belles villes dans la province des Amazones et du Para !

– Eh bien, il se moquera aussi de sa mère, ajouta Yaquita, parce que j’avoue que je n’avais jamais rien vu de pareil !

– Alors, prenez garde, ma mère et ma sœur, reprit Benito, car vous allez tomber en extase, quand vous serez à Manao, et vous vous évanouirez, lorsque vous arriverez à Bélem !

– Ne crains rien ! répondit en souriant Manoel. Ces dames auront été peu à peu préparées à ces grandes admirations, en visitant les premières cités du Haut-Amazone.

– Comment, vous aussi, Manoel, dit Minha, vous parlez comme mon frère ? Vous vous moquez ?...

– Non, Minha ! je vous jure...

– Laissons rire ces messieurs, répondit Lina, et regardons bien, ma chère maîtresse, car cela est très beau ! »

Très beau ! Une agglomération de maisons, bâties en terre ou blanchies à la chaux, et pour la plupart, couvertes de chaume ou de feuilles de palmiers, quelques-unes, il est vrai, construites en pierres ou en bois, avec des vérandas, des portes et des volets peints d’un vert cru au milieu d’un petit verger plein d’orangers en fleur. Mais il y avait deux ou trois bâtiments civils, une caserne et une église, dédiée à sainte Thérèse, qui était une cathédrale près de la modeste chapelle d’Iquitos.

Puis, en se retournant vers le lac, on saisissait du regard un joli panorama encadré dans une bordure de cocotiers et d’assaïs, qui se terminait aux premières eaux de la nappe liquide, et au-delà, à trois lieues de l’autre côté, le pittoresque village de Nogueira montrait ses quelques maisonnettes perdues dans le massif des vieux oliviers de sa grève.

Mais, pour ces deux jeunes filles, il y eut une autre cause d’émerveillement, – émerveillement tout féminin, d’ailleurs : ce furent les modes des élégantes Egiennes, non pas l’habillement assez primitif encore des indigènes du beau sexe, Omaas ou Muras converties, mais le costume des vraies Brésiliennes ! Oui, les femmes, les filles des fonctionnaires ou des principaux négociants de la ville portaient prétentieusement des toilettes parisiennes,

passablement arriérées, et cela, à cinq cents lieues de Para, qui est lui-même à plusieurs milliers de milles de Paris.

« Mais voyez donc, regardez donc, maîtresse, ces belles dames dans leurs belles robes !

Lina en deviendra folle ! s'écria Benito.

– Ces toilettes, si elles étaient bien portées, répondit Minha, ne seraient peut-être pas aussi ridicules !

– Ma chère Minha, dit Manoel, avec votre simple robe de cotonnade, votre chapeau de paille, croyez bien que vous êtes mieux habillée que toutes ces Brésiliennes, coiffées de toques et drapées de jupes à volants, qui ne sont ni de leur pays ni de leur race !

– Si je vous plais ainsi, répondit la jeune fille, je n'ai rien à envier à personne ! »

Mais, enfin, on était venu pour voir. On se promena donc dans les rues, qui comptaient plus d'échoppes que de magasins ; on flâna sur la place, rendez-vous des élégants et des élégantes, qui étouffaient sous leurs vêtements européens ; on déjeuna même dans un hôtel, – c'était à peine une auberge –, dont la cuisine fit sensiblement regretter l'excellent ordinaire de la jangada.

Après le dîner, dans lequel figura uniquement de la chair de tortue, diversement accommodée, la famille Garral vint une dernière fois admirer les bords du lac, que le soleil couchant dorait de ses rayons ; puis, elle regagna la pirogue, un peu désillusionnée, peut-être, sur les magnificences d'une ville qu'une heure eût suffi à visiter, un peu fatiguée aussi de sa promenade à travers ces rues échauffées, qui ne valaient pas les sentiers ombreux d'Iquitos. Il n'était pas jusqu'à la curieuse Lina elle-même, dont l'enthousiasme n'eût quelque peu baissé.

Chacun reprit sa place dans la pirogue. Le vent s'était maintenu au nord-ouest et fraîchissait avec le soir. La voile fut hissée. On refit la route du matin sur ce lac alimenté par le rio Teffé aux eaux noires, qui, suivant les Indiens, serait navigable vers le sud-ouest pendant quarante jours de marche. À huit heures du soir, la pirogue avait rallié le lieu du mouillage et accostait la jangada.

Dès que Lina put prendre Fragozo à l'écart :

« Avez-vous vu quelque chose de suspect, monsieur Fragozo ? lui

demanda-t-elle.

– Rien, mademoiselle Lina, répondit Fragoso. Torrès n'a guère quitté sa cabine où il a lu et écrit.

– Il n'est pas entré dans la maison, dans la salle à manger, comme je le craignais ?

– Non, tout le temps qu'il a été hors de sa cabine, il s'est promené sur l'avant de la jangada.

– Et que faisait-il ?

– Il tenait à la main un vieux papier qu'il semblait consulter avec attention, et marmottait je ne sais quels mots incompréhensibles !

– Tout cela n'est peut-être pas aussi indifférent que vous le croyez, monsieur Fragoso ! Ces lectures, ces écritures, ces vieux papiers, cela peut avoir son intérêt ! Ce n'est ni un professeur, ni un homme de loi, ce liseur et cet écrivain !

– Vous avez bien raison !

– Veillons encore, monsieur Fragoso.

– Veillons toujours, mademoiselle Lina », répondit Fragoso. Le lendemain, 27 juillet, dès le lever du jour, Benito donnait au pilote le signal du départ.

À travers l'entre-deux des îles qui émergent de la baie d'Arenapo, l'embouchure du Japura, large de six mille six cents pieds, fut un instant visible. Ce grand affluent se déverse par huit bouches dans l'Amazone, comme s'il se jetait dans quelque océan ou quelque golfe. Mais ses eaux venaient de loin, et c'étaient les montagnes de la république de l'Équateur qui les envoyaient dans un cours que des chutes n'arrêtent qu'à deux cent dix lieues de son confluent.

Toute cette journée fut employée à descendre jusqu'à l'île Yapura, après laquelle le fleuve, moins encombré, rendit la dérive plus facile. Le courant, peu rapide en somme, permettait d'ailleurs d'éviter assez facilement ces îlots, et il n'y eut jamais ni choc ni échouage.

Le lendemain, la jangada côtoya de vastes grèves, formées de hautes dunes très accidentées, qui servent de barrage à des pâturages immenses, dans lesquels on pourrait élever et nourrir les bestiaux de toute l'Europe. Ces grèves

sont regardées comme les plus riches en tortues qui soient dans le bassin du Haut-Amazone.

Le 29 juillet au soir, on s'amarra solidement à l'île de Catua, afin d'y passer la nuit, qui menaçait d'être très sombre. Sur cette île, tant que le soleil demeura au-dessus de l'horizon, apparut une troupe d'Indiens Muras, reste de cette ancienne et puissante tribu, qui, entre le Teffé et le Madeira, occupait autrefois plus de cent lieues riveraines du fleuve.

Ces indigènes, allant et venant, observèrent le train flottant, maintenant immobile. Ils étaient là une centaine armés de sarbacanes formées d'un roseau spécial à ces parages, et que renforce extérieurement un étui fait avec la tige d'un palmier nain dont on a enlevé la moelle.

Joam Garral laissa un instant le travail qui lui prenait tout son temps, pour recommander de bien veiller et de ne point provoquer ces indigènes. En effet, la partie n'eût pas été égale. Les Muras ont une remarquable adresse pour lancer jusqu'à une distance de trois cents pas, avec leurs sarbacanes, des flèches qui font d'incurables blessures. C'est que ces flèches, tirées d'une feuille du palmier « coucourite », empennées de coton, longues de neuf à dix pouces, pointues comme une aiguille, sont empoisonnées avec le « curare ».

Le curare ou « wourah », cette liqueur « qui tue tout bas », disent les Indiens, est préparée avec le suc d'une sorte d'euphorbiacée et le jus d'une strychnos bulbeuse, sans compter la pâte de fourmis venimeuses et les crochets de serpents, venimeux aussi, qu'on y mélange.

« C'est vraiment là un terrible poison, dit Manoel. Il attaque directement dans le système nerveux ceux des nerfs par lesquels se font les mouvements soumis à la volonté. Mais le cœur n'est pas atteint, et il ne cesse de battre jusqu'à l'extinction des fonctions vitales. Et pourtant, contre cet empoisonnement, qui commence par l'engourdissement des membres, on ne connaît pas d'antidote ! »

Très heureusement, ces Muras ne firent pas de démonstrations hostiles, bien qu'ils aient pour les blancs une haine prononcée. Ils n'ont plus, il est vrai, la valeur de leurs ancêtres.

À la nuit tombante, une flûte à cinq trous fit entendre derrière les arbres de l'île quelques chants en mode mineur. Une autre flûte lui répondit. Cet échange de phrases musicales dura pendant deux ou trois minutes, et les Muras disparurent.

Fragoso, dans un moment de bonne humeur, avait tenté de leur répondre

par une chanson de sa façon ; mais Lina s'était trouvée là fort à propos pour lui mettre la main sur la bouche et l'empêcher de montrer ses petits talents de chanteur, qu'il prodiguait volontiers.

Le 2 août, à trois heures du soir, la jangada arrivait, à vingt lieues de là, à l'entrée de ce lac Apoara, qui alimente de ses eaux noires le rio du même nom, et deux jours après, vers cinq heures, elle s'arrêtait à l'entrée du lac Coary.

Ce lac est un des plus grands qui soient en communication avec l'Amazone, et il sert de réservoir à différents rios. Cinq ou six affluents s'y jettent, s'y emmagasinent, s'y mélangent, et un étroit furo les déverse dans la principale artère.

Après avoir entrevu les hauteurs du hameau de Taha-Miri, monté sur ses pilotis, comme sur des échasses, pour se garder contre l'inondation des crues qui envahissent souvent ces basses grèves, la jangada s'amarra, afin de passer la nuit.

La halte se fit en vue du village de Coary, une douzaine de maisons assez délabrées, bâties au milieu d'épais massifs d'orangers et de calebassiers. Rien de plus changeant que l'aspect de ce hameau, suivant que, par suite de l'élévation ou de l'abaissement des eaux, le lac présente une vaste étendue liquide, ou se réduit à un étroit canal, qui n'a même plus assez de profondeur pour communiquer avec l'Amazone.

Le lendemain matin, 5 août, on repartit dès l'aube, on passa devant le canal de Yucura, qui appartient à ce système si enchevêtré des lacs et des furus du rio Zapura, et, le 6 août au matin, on arriva à l'entrée du lac de Miana.

Aucun incident nouveau ne s'était produit dans la vie du bord, qui s'accomplissait avec une régularité presque méthodique.

Fragoso, toujours poussé par Lina, ne cessait de surveiller Torrès. Plusieurs fois, il essaya de le faire parler sur sa vie passée ; mais l'aventurier éludait toute conversation à ce sujet, et finit même par se tenir dans une extrême réserve avec le barbier.

Quant à ses rapports avec la famille Garral, ils étaient toujours les mêmes. S'il parlait peu à Joam, il s'adressait plus volontiers à Yaquita et à sa fille, sans paraître remarquer l'évidente froideur qui l'accueillait. Toutes deux se disaient, d'ailleurs, qu'après l'arrivée de la jangada à Manao, Torrès les quitterait et qu'on n'entendrait plus parler de lui. En cela, Yaquita suivait les conseils du padre Passanha, qui l'exhortait à prendre patience ; mais le bon père avait un peu plus de mal avec Manoel, très disposé à remettre sérieusement à sa place l'intrus,

malencontreusement embarqué sur la jangada.

Le seul fait qui se passa dans cette soirée fut celui-ci :

Une pirogue, qui descendait le fleuve, accosta la jangada, après une invitation qui lui fut adressée par Joam Garral.

« Tu vas à Manao ? demanda-t-il à l'Indien, qui montait et dirigeait la pirogue.

– Oui, répondit l'Indien.

– Tu y seras ?...

– Dans huit jours.

Alors tu y arriveras bien avant nous. Veux-tu te charger de remettre une lettre à son adresse ?

– Volontiers.

– Prends donc cette lettre, mon ami, et porte-la à Manao. »

L'Indien prit la lettre que lui présentait Joam Garral, et une poignée de reis fut le prix de la commission qu'il s'engageait à faire.

Aucun des membres de la famille, alors retirés dans l'habitation, n'eut connaissance de ce fait. Seul, Torrès en fut témoin. Il entendit même les quelques mots échangés entre Joam Garral et l'Indien, et, à sa physionomie qui se rembrunit, il était facile de voir que l'envoi de cette lettre ne laissait pas que de le surprendre.

## CHAPITRE DIX-SEPTIÈME – UNE ATTAQUE

Cependant, si Manoel ne disait rien, pour ne pas provoquer quelque scène violente à bord, le lendemain, il eut la pensée de s'expliquer avec Benito au sujet de Torrès.

« Benito, lui dit-il, après l'avoir emmené à l'avant de la jangada, j'ai à te parler. »

Benito, si souriant d'ordinaire, s'arrêta en regardant Manoel, et tout son visage s'assombrit.

« Je sais pourquoi, dit-il. Il s'agit de Torrès ?

– Oui, Benito !

– Eh bien, moi aussi, j'ai à te parler de lui, Manoel.

– Tu as donc remarqué ses assiduités près de Minha ! dit Manoel en pâissant.

– Ah ! ce n'est pas un sentiment de jalousie qui t'anime contre un pareil homme ? dit vivement Benito.

– Non, certes ! répondit Manoel. Dieu me garde de faire une telle injure à la jeune fille qui va devenir ma femme ! Non, Benito ! Elle a cet aventurier en horreur ! Ce n'est donc de rien de pareil qu'il s'agit, mais il me répugne de voir cet aventurier s'imposer continuellement par sa présence, par son insistance, à ta mère et à ta sœur, et chercher à s'introduire dans l'intimité de ta famille, qui est déjà la mienne !

– Manoel, répondit gravement Benito, je partage ta répulsion pour ce douteux personnage, et, si je n'avais consulté que mon sentiment, j'aurais déjà chassé Torrès de la jangada ! Mais je n'ai pas osé !

– Tu n'as pas osé ? répliqua Manoel, en saisissant la main de son ami. Tu n'as pas osé !...

– Écoute-moi, Manoel, reprit Benito. Tu as bien observé Torrès, n'est-ce pas ? Tu as remarqué son empressement près de ma sœur ! Rien de plus vrai !

Mais, pendant que tu voyais cela, tu ne voyais pas que cet homme inquiétant ne perd mon père des yeux ni de loin ni de près, et qu'il semble avoir comme une arrière-pensée haineuse en le regardant avec une obstination inexplicable !

– Que dis-tu là, Benito ? Aurais-tu des raisons de penser que Torrès en veut à Joam Garral ?

– Aucune... Je ne pense rien ! répondit Benito. Ce n'est qu'un pressentiment ! Mais observe bien Torrès, étudie avec soin sa physionomie, et tu verras quel mauvais sourire il a, lorsque mon père vient à passer à la portée de son regard !

– Eh bien, s'écria Manoel, s'il en est ainsi, Benito, raison de plus pour le chasser !

– Raison de plus... ou raison de moins ... répondit le jeune homme. Manoel... je crains... Quoi ? ... Je ne sais... Mais obliger mon père à congédier Torrès... cela peut être imprudent ! Je te le répète... j'ai peur, sans qu'aucun fait positif me permette de m'expliquer à moi-même cette peur ! »

Une sorte de frémissement de colère agitait Benito pendant qu'il parlait ainsi. « Alors, dit Manoel, tu crois qu'il faut attendre ?

– Oui... attendre, avant de prendre un parti, mais surtout, nous tenir sur nos gardes !

– Après tout, répondit Manoel, dans une vingtaine de jours, nous serons arrivés à Manao. C'est là que doit s'arrêter Torrès. C'est donc là qu'il nous quittera, et nous serons pour toujours débarrassés de sa présence ! Jusque-là, ayons l'œil sur lui !

– Tu me comprends, Manoel, répondit Benito.

– Je te comprends, mon ami, mon frère ! reprit Manoel, bien que je ne partage pas, bien que je ne puisse partager toutes tes craintes ! Quel lien pourrait-il exister entre ton père et cet aventurier ? Évidemment ton père ne l'a jamais vu !

– Je ne dis pas que mon père connaisse Torrès, répondit Benito, mais oui ! ... il me semble que Torrès connaît mon père !... Que faisait-il, cet homme, aux environs de la fazenda, lorsque nous l'avons rencontré dans la forêt d'Iquitos ? Pourquoi a-t-il refusé dès lors l'hospitalité que nous lui offrions, pour s'arranger ensuite de façon à devenir presque forcément notre compagnon de voyage ?



Nous arrivons à Tabatinga et il s'y trouve comme s'il nous attendait ! Le hasard est-il pour tout dans ces rencontres, ou serait-ce la suite d'un plan préconçu ? Devant le regard à la fois fuyant et obstiné de Torrès, tout cela me revient à l'esprit !... Je ne sais... je me perds dans ces choses inexplicables ! Ah ! pourquoi ai-je eu cette idée de lui offrir de s'embarquer sur notre jangada !

– Calme-toi, Benito... je t'en prie !

– Manoel ! s'écria Benito, qui semblait ne pouvoir plus se contenir, crois-tu donc que, s'il ne s'agissait que de moi, cet homme, qui ne nous inspire que répulsion et dégoût, j'aurais hésité à le jeter par-dessus bord ! Mais, si, en effet, c'est de mon père qu'il s'agit, je crains, en cédant à mes impressions, d'aller contre mon but ! Quelque chose me dit qu'avec cet être tortueux, il peut y avoir péril à agir avant qu'un fait nous en ait donné le droit... le droit et le devoir !... En somme, sur la jangada, nous l'avons sous la main, et, en faisant tous deux bonne garde autour de mon père, nous ne pouvons pas manquer, si sûr que soit son jeu, de le forcer à se démasquer, à se trahir ! Donc, attendons encore ! »

L'arrivée de Torrès sur l'avant de la jangada interrompit la conversation des deux jeunes gens. Torrès les regarda en dessous, mais il ne leur adressa pas la parole.

Benito ne se trompait pas, lorsqu'il disait que les yeux de l'aventurier étaient attachés à la personne de Joam Garra, toutes les fois qu'il ne se sentait pas observé.

Non ! il ne se trompait pas, lorsqu'il affirmait que la figure de Torrès devenait sinistre en regardant son père !

Par quel mystérieux lien, de ces deux hommes, l'un, la noblesse même, pouvait-il, – sans le savoir, cela était clair –, être lié à l'autre ?

La situation étant donnée, il était certes difficile que Torrès, maintenant surveillé tout à la fois par les deux jeunes gens, par Fragoso et Lina, pût faire un mouvement qui ne serait pas sur-le-champ réprimé. Peut-être le comprit-il. En tout cas, il ne le laissa pas voir et ne changea rien à sa manière d'être.

Satisfaits de s'être expliqués, Manoel et Benito se promirent de le garder à vue, sans rien faire qui pût mettre son attention en éveil.

Pendant les jours suivants, la jangada dépassa l'entrée des furos Camara, Aru, Yuripari, de la rive droite, dont les eaux, au lieu de se déverser dans l'Amazone, vont, au sud, alimenter le rio des Purus et reviennent par lui au grand

fleuve. Le 10 août, à cinq heures du soir, on faisait escale à l'île des Cocos.

Là se trouvait un établissement de séringuaire. Ce nom est celui du fabricant de caoutchouc, tiré du « seringueira », arbre dont le nom scientifique est « *siphonia elastica* ».

On dit que, par négligence ou mauvaise exploitation, le nombre de ces arbres diminue dans le bassin de l'Amazonie ; mais les forêts de seringueiras soit encore très considérables sur les bords du Madeira, du Purus et autres affluents du fleuve.

Ils étaient là une vingtaine d'Indiens, récoltant et manipulant le caoutchouc, opération qui se fait plus spécialement pendant les mois de mai, juin et juillet.

Après avoir reconnu que les arbres, bien préparés par les crues du fleuve qui avaient inondé leurs tiges à une hauteur de quatre pieds environ, se trouvaient dans de bonnes conditions pour la récolte, les Indiens s'étaient mis à la besogne.

Incisions faites dans l'aubier des seringueiras, ils avaient attaché au-dessous de la plaie de petits pots que vingt-quatre heures devaient suffire à remplir d'un suc laiteux, qu'on peut aussi récolter au moyen d'un bambou creux et d'un récipient placé au pied de l'arbre.

Ce suc recueilli, afin d'empêcher l'isolement de ses particules résineuses, les Indiens le soumettent à une fumigation sur un feu de noix de palmier assai. En étalant le suc sur une pelle de bois qu'on agite dans la fumée, on produit presque instantanément sa coagulation ; il revêt une teinte grise jaunâtre et se solidifie. Les couches qui se forment successivement sont alors détachées de la pelle ; on les expose au soleil, elles se durcissent encore et prennent la couleur brune que l'on connaît. À cet instant, la fabrication est achevée.

Benito, trouvant l'occasion excellente, acheta à ces Indiens toute la quantité de caoutchouc emmagasinée dans leurs cabanes, qui sont élevées sur pilotis. Le prix qu'il leur en donna était suffisamment rémunérateur, et ils se montrèrent fort satisfaits.

Quatre jours plus tard, le 14 août, la jangada passait devant les bouches du Purus.

C'est encore un des grands tributaires de droite de l'Amazonie, et il paraît offrir plus de cinq cents lieues de cours navigable, même à de forts bâtiments. Il s'enfonce dans le sud-ouest et mesure près de quatre mille pieds à son

embouchure. Après avoir coulé sous l'ombrage des ficus, des tahuaris, des palmiers « nipas », des cécropias, c'est véritablement par cinq bras qu'il se jette dans l'Amazone<sup>[12]</sup>.

En cet endroit, le pilote Araujo pouvait manœuvrer avec une grande aisance. Le cours du fleuve était moins obstrué d'îles, et, en outre, sa largeur, d'une rive à l'autre, pouvait être estimée à deux lieues au moins.

Aussi le courant entraînait-il plus uniformément la jangada, qui, le 18 août, s'arrêtait devant le village de Pesquero, pour y passer la nuit.

Le soleil était déjà très bas sur l'horizon, et, avec cette rapidité spéciale aux basses latitudes, il allait tomber presque perpendiculairement, comme un énorme bolide. La nuit devait succéder au jour presque sans crépuscule, comme ces nuits de théâtre que l'on fait en baissant brusquement la rampe.

Joam Garral et sa femme, Lina et la vieille Cybèle étaient devant l'habitation.

Torrès, après avoir un instant tourné autour de Joam Garral, comme s'il voulait lui parler en particulier, gêné peut-être par l'arrivée du padre Passanha qui venait souhaiter le bonsoir à la famille, était enfin rentré dans sa cabine.

Les Indiens et les noirs, étendus le long du bord, se tenaient à leur poste de manœuvre. Araujo, assis à l'avant, étudiait le courant, dont le fil s'allongeait dans une direction rectiligne.

Manoel et Benito, l'œil ouvert, mais causant et fumant d'un air indifférent, se promenaient sur la partie centrale de la jangada en attendant l'heure du repos.

Tout à coup, Manoel arrêta Benito de la main et lui dit :

« Quelle singulière odeur ? Est-ce que je me trompe ? Ne sens-tu pas ?... On dirait vraiment... »

On dirait une odeur de musc échauffé ! répondit Benito. Il doit y avoir des caïmans endormis sur la grève voisine !

– Eh bien ! la nature a sagement fait en permettant qu'ils se trahissent ainsi !

– Oui, dit Benito, cela est heureux, car ce sont des animaux assez redoutables. »

Le plus souvent, à la tombée du jour, ces sauriens aiment à s'étendre sur les plages, où ils s'installent plus commodément pour passer la nuit. Là, blottis à l'orifice de trous dans lesquels ils sont entrés à reculons, ils dorment la bouche ouverte et la mâchoire supérieure dressée verticalement, à moins qu'ils n'attendent ou ne guettent une proie. Se précipiter pour l'atteindre, soit en nageant sous les eaux avec leur queue pour tout moteur, soit en courant sur les grèves avec une rapidité que l'homme ne peut égaler, ce n'est qu'un jeu pour ces amphibiens.

C'est là, sur ces vastes grèves, que les caïmans naissent, vivent et meurent, non sans avoir donné des exemples d'une extraordinaire longévité. Non seulement les vieux, les centenaires, se reconnaissent à la mousse verdâtre qui tapisse leur carapace et aux verrues dont elle est semée, mais aussi à leur férocité naturelle qui s'accroît avec l'âge. Ainsi que l'avait dit Benito, ces animaux peuvent être redoutables, et il convient de se mettre en garde contre leurs attaques.

Tout à coup, ces cris se font entendre vers l'avant :

« Caïmans ! caïmans ! »

Manoel et Benito se redressent et regardent.

Trois gros sauriens, longs de quinze à vingt pieds, étaient parvenus à se hisser sur la plate-forme de la jangada. « Aux fusils ! aux fusils ! » cria Benito, en faisant signe aux Indiens et aux noirs de revenir en arrière.

À la maison ! répondit Manoel. C'est plus pressé !

Et, en effet, comme il ne fallait pas essayer de lutter directement, le mieux était de se mettre à l'abri tout d'abord.

Ce fut fait en un instant. La famille Garral s'était réfugiée dans la maison, où les deux jeunes gens la rejoignirent. Les Indiens et les noirs avaient regagné leurs carbets et leurs cases.

Au moment de refermer la porte de la maison :

« Et Minha ? dit Manoel.

Elle n'est pas là ! répondit Lina, qui venait de courir à la chambre de sa maîtresse.

– Grand Dieu ! Où est-elle ? » s'écria sa mère.

Et tous d'appeler à la fois : « Minha ! Minha ! » Pas de réponse. « Elle est donc à l'avant de la jangada ? dit Benito.

– Minha ! » cria Manoel.

Les deux jeunes gens, Fragoso, Joam Garral, ne songeant plus au danger, se jetèrent hors de la maison, des fusils à la main.

À peine étaient-ils au dehors, que deux des caïmans, faisant demi-tour, couraient sur eux.

Une chevrotine dans la tête, près de l'œil, tirée par Benito, arrêta l'un de ces monstres, qui, mortellement frappé, se débattit avec de violentes convulsions et retomba sur le flanc.

Mais déjà le second était là, il se jetait en avant, et il n'y avait plus moyen de l'éviter.

En effet, l'énorme caïman s'était précipité à la rencontre de Joam Garral, et, après l'avoir renversé d'un coup de queue, il revenait sur lui, les mâchoires ouvertes.

À ce moment, Torrès, s'élançant hors de sa cabine, une hache à la main, en porta un si heureux coup, que le tranchant entra dans la mâchoire du caïman et y resta enfoncé, sans qu'il pût s'en défaire. Aveuglé par le sang, l'animal se lança de côté, et, volontairement ou non, il retomba et se perdit dans le fleuve.

« Minha ! Minha ! » criait toujours Manoel, éperdu, qui avait gagné l'avant de la jangada.

Tout à coup, la jeune fille apparut. Elle s'était d'abord réfugiée dans la cabane d'Araujo ; mais cette cabane venait d'être renversée par la poussée puissante du troisième caïman, et maintenant Minha fuyait vers l'arrière, poursuivie par ce monstre, qui n'était pas à six pieds d'elle.

Minha tomba.

Une deuxième balle, ajustée par Benito, ne put arrêter le caïman ! Elle ne frappa que la carapace de l'animal, dont les écailles volèrent en éclats, sans avoir été pénétrée.

Manoel s'élança vers la jeune fille pour la relever, l'emporter, l'arracher à la mort !... Un coup de queue, lancé latéralement par l'animal, le renversa à

son tour.

Minha, évanouie, était perdue, et déjà la bouche du caïman s'ouvrait pour la broyer !...

Ce fut alors que Fragoso, bondissant sur l'animal, lui plongea un couteau jusqu'au fond de la gorge, au risque d'avoir le bras coupé par les deux mâchoires, si elles se refermaient brusquement.

Fragoso put retirer son bras à temps ; mais il ne put éviter le choc du caïman, et il fut entraîné dans le fleuve, dont les eaux devinrent rouges sur un large espace.

« Fragoso ! Fragoso ! » avait crié Lina, qui venait de s'agenouiller sur le bord de la jangada.

Un instant après, Fragoso reparaisait à la surface de l'Amazone... Il était sain et sauf.

Mais, au péril de sa vie, il avait sauvé la jeune fille, qui revenait à elle, et comme, de toutes ces mains que lui tendaient Manoel, Yaquita, Minha, Lina, Fragoso ne savait à laquelle répondre, il finit par presser celle de la jeune mulâtresse.

Cependant, si Fragoso avait sauvé Minha, c'était certainement à l'intervention de Torrès que Joam Garral devait son salut.

Ce n'était donc pas à la vie du fazender qu'il en voulait, cet aventurier. Devant ce fait évident, il fallait bien l'admettre.

Manoel interpella tout bas Benito.

« C'est vrai » répondit Benito embarrassé, tu as raison, et, dans ce sens, c'est un cruel souci de moins ! Et cependant, Manoel, mes soupçons subsistent toujours ! On peut être le pire ennemi d'un homme, tout en ne voulant pas sa mort ! »

Cependant Joam Garral s'était approché de Torrès. « Merci, Torrès », dit-il en lui tendant la main.

L'aventurier fit quelques pas en arrière sans rien répondre.

« Torrès, reprit Joam Garral, je regrette que vous arriviez au terme de votre voyage, et que nous devions nous séparer dans quelques jours ! Je vous

dois...

Joam Garral, répondit Torrès, vous ne me devez rien ! Votre vie m'était précieuse entre toutes ! Mais, si vous le permettez... j'ai réfléchi... au lieu de m'arrêter à Manao, je descendrai jusqu'à Bélem. – Voulez-vous m'y conduire ?»

Joam Garral répondit par un signe affirmatif.

En entendant cette demande, Benito, dans un mouvement irréfléchi, fut sur le point d'intervenir ; mais Manoel l'arrêta, et le jeune homme se contenta, non sans un violent effort.

## CHAPITRE DIX-HUITIÈME – LE DÎNER D'ARRIVÉE

Le lendemain, après une nuit qui avait à peine suffi à calmer tant d'émotions, on se démarra de cette plage aux caïmans et l'on repartit. Avant cinq jours, si rien ne contrariait sa marche, la jangada devait avoir touché au port de Manao.

La jeune fille était maintenant tout à fait remise de sa frayeur ; ses yeux et son sourire remerciaient à la fois tous ceux qui avaient risqué leur vie pour elle.

Quant à Lina, il semblait qu'elle fût plus reconnaissante envers le courageux Fragoso que si c'eût été elle qu'il eût sauvée !

« Je vous revaudrai cela tôt ou tard, monsieur Fragoso ! dit-elle en lui souriant.

– Et comment, mademoiselle Lina ?

– Oh ! vous le savez bien !

Alors, si je le sais, que ce soit tôt et non tard ! » répondit l'aimable garçon.

Et, de ce jour, il fut bien entendu que la charmante Lina était la fiancée de Fragoso, que leur mariage s'accomplirait en même temps que celui de Minha et de Manoel, et que le nouveau couple resterait à Bélem près des jeunes mariés.

« Voilà qui est bien, répétait sans cesse Fragoso, mais je n'aurais jamais cru que le Para fût si loin ! »

Quant à Manoel et à Benito, ils avaient eu une longue conversation au sujet de ce qui s'était passé. Il ne pouvait plus être question d'obtenir de Joam Garral le congédiement de son sauveur.

« Votre vie m'était précieuse entre toutes », avait dit Torrès.

Cette réponse, à la fois hyperbolique et énigmatique, qui était échappée à l'aventurier, Benito l'avait entendue et retenue.

Provisoirement, les deux jeunes gens ne pouvaient donc rien. Plus que jamais, ils en étaient réduits à attendre, – à attendre non plus quatre ou cinq jours,



mais sept ou huit semaines encore, c'est-à-dire tout le temps qu'il faudrait à la jangada pour descendre jusqu'à Bélem.

« Il y a dans tout cela je ne sais quel mystère que je ne puis comprendre ! dit Benito.

Oui, mais nous sommes rassurés sur un point, répondit Mancel. Il est bien certain, Benito, que Torrès n'en veut pas à la vie de ton père. Pour le surplus, nous veillerons encore ! »

Du reste, il sembla qu'à partir de ce jour Torrès voulût se montrer plus réservé. Il ne chercha aucunement à s'imposer à la famille et fut même moins assidu près de Minha. Il se fit donc une détente dans cette situation, dont tous, sauf Joam Garral peut-être, sentaient la gravité.

Le soir du même jour, on laissa sur la droite du fleuve l'île Baroso, formée par un furo de ce nom, et le lac Manaori, qui est alimenté par une série confuse de petits tributaires.

La nuit se passa sans incidents, mais Joam Garral avait recommandé de veiller avec grand soin.

Le lendemain, 20 août, le pilote, qui tenait à suivre d'assez près la rive droite à cause des capricieux remous de gauche, s'engagea entre la berge et les îles.

Au-delà de cette berge, le territoire était semé de lacs grands et petits, tels que le Calderon, le Huarandaina, et quelques autres lagons à eaux noires. Ce système hydrographique marquait l'approche du rio Negro, le plus remarquable de tous les affluents de l'Amazone. En réalité, c'était encore le nom de Solimoës que portait le grand fleuve ; mais, après l'embouchure du rio Negro, il allait prendre celui qui l'a rendu célèbre entre tous les cours d'eau du monde.

Pendant cette journée, la jangada eut à naviguer dans des conditions fort curieuses.

Le bras, suivi par le pilote entre l'île Calderon et la terre, était fort étroit, bien qu'il parût assez large. Cela tenait à ce qu'une grande partie de l'île, peu élevée au-dessus du niveau moyen, était encore recouverte par les hautes eaux de la crue.

De chaque côté étaient massées des forêts d'arbres géants, dont les cimes s'étagaient à cinquante pieds au-dessus du sol, et, se rejoignant d'une rive à

l'autre, formaient un immense berceau.

Sur la gauche, rien de plus pittoresque que cette forêt inondée, qui semblait avoir été plantée au milieu d'un lac. Les fûts des arbres sortaient d'une eau tranquille et pure, dans laquelle tout l'entrelacement de leurs rameaux se réfléchissait avec une incomparable pureté. Ils eussent été dressés au-dessus d'une immense glace, comme ces arbustes en miniature de certains surtoutins de table que leur réflexion n'eût pas été plus parfaite. La différence entre l'image et la réalité n'aurait pu être établie. Doubles de grandeur, terminés en haut comme en bas par un vaste parasol de verdure, ils semblaient former deux hémisphères, dont la jangada paraissait suivre un des grands cercles à l'intérieur.

Il avait fallu, en effet, laisser le train de bois s'aventurer sous ces arceaux auxquels se brisait le léger courant du fleuve. Impossible de reculer. De là, obligation de manœuvrer avec une extrême précision pour éviter les chocs de droite et de gauche.

En cela se montra toute l'habileté du pilote Araujo, qui fut d'ailleurs parfaitement secondé par son équipe. Les arbres de la forêt fournissaient de solides points d'appui aux longues gaffes, et la direction fut maintenue. Le moindre heurt, qui aurait pu faire venir la jangada en travers, eût provoqué un démolissement complet de l'énorme charpente, et causé la perte, sinon du personnel, du moins de la cargaison qu'elle portait.

« En vérité, c'est fort beau, dit Minha, et il nous serait fort agréable de toujours voyager de la sorte, sur cette eau si paisible, à l'abri des rayons du soleil !

– Ce serait à la fois agréable et dangereux, chère Minha, répondit Manoel. Dans une pirogue, il n'y aurait sans doute rien à craindre en naviguant ainsi ; mais, sur un long train de bois, mieux vaut le cours libre et dégagé d'un fleuve.

– Avant deux heures, nous aurons entièrement traversé cette forêt, dit le pilote.

– Regardons bien alors ! s'écria Lina. Toutes ces belles choses passent si vite ! Ah ! chère maîtresse, voyez-vous ces bandes de singes qui s'ébattent dans les hautes branches des arbres, et les oiseaux qui se mirent dans cette eau pure !

– Et les fleurs qui s'entrouvrent à la surface, répondit Minha, et que le courant berce comme une brise !

– Et ces longues lianes, qui sont capricieusement tendues d'un arbre à

l'autre ! ajouta la jeune mulâtresse.

– Et pas de Fragoso au bout ! dit le fiancé de Lina. C'était pourtant une belle fleur que vous avez cueillie là dans la forêt d'Iquitos !

– Voyez-vous cette fleur unique au monde ! répondit Lina en se moquant. Ah ! maîtresse, regardez ces magnifiques plantes ! »

Et Lina montrait des nymphéas aux feuilles colossales, dont les fleurs portaient des boutons gros comme des noix de coco. Puis c'étaient, à l'endroit où se dessinaient les rives immergées, des paquets de ces roseaux « mucumus » à larges feuilles, dont les tiges élastiques peuvent s'écarter pour donner passage à une pirogue et se referment derrière elle. Il y avait là de quoi tenter un chasseur, car tout un monde d'oiseaux aquatiques voletait entre ces hautes touffes agitées par le courant.

Des ibis, posés dans une attitude épigraphique, sur quelque vieux tronc à demi renversé ; des hérons gris, immobiles au bout d'une patte ; de graves flamants, qui ressemblaient de loin à des ombrelles roses déployées dans le feuillage, et bien d'autres phénicoptères de toutes couleurs animaient ce marais provisoire.

Mais aussi, à fleur d'eau, se glissaient de longues et rapides couleuvres, peut-être quelques-uns de ces redoutables gymnètes, dont les décharges électriques, répétées coup sur coup, paralysent l'homme ou l'animal le plus robuste et finissent par le tuer.

Il fallait y prendre garde, et plus encore, peut-être, à ces serpents « sucurijus », qui, lovés au stipe de quelque arbre, se déroulent, se détendent, saisissent leur proie, l'étreignent sous leurs anneaux assez puissants pour broyer un bœuf. N'a-t-on pas rencontré dans les forêts amazoniennes de ces reptiles longs de trente à trente-cinq pieds, et même, au dire de M. Carrey, n'en existe-t-il pas dont la longueur atteint quarante-sept pieds et qui sont aussi gros qu'une barrique !

En vérité, un de ces sucurijus, lancé à la surface de la jangada, eût été aussi redoutable qu'un caïman !

Très heureusement, les passagers n'eurent à lutter ni contre les gymnètes ni contre les serpents, et le passage à travers la forêt inondée, qui dura deux heures environ, s'acheva sans accidents.

Trois jours s'écoulèrent. On approchait de Manao.

Vingt-quatre heures encore, et la jangada serait à l'embouchure du rio Negro, devant cette capitale de la province des Amazones.

En effet, le 23 août, à cinq heures du soir, elle s'arrêtait à la pointe septentrionale de l'île Muras, sur la rive droite du fleuve. Il n'y avait plus qu'à le traverser obliquement, sur une distance de quelques milles, pour arriver au port. Mais le pilote Araujo ne voulut pas, avec raison, se hasarder ce jour-là, la nuit approchant. Les trois milles qui restaient à parcourir exigeraient trois heures de navigation, et, pour couper le cours du fleuve, il importait avant tout d'y voir clair.

Ce soir-là, le dîner, qui devait être le dernier de cette première partie du voyage, ne fut pas servi sans quelque cérémonie. La moitié du cours de l'Amazone franchi dans ces conditions, cela valait bien la peine que l'on fit un joyeux repas. Il fut convenu que l'on boirait « à la santé du fleuve des Amazones » quelques verres de cette généreuse liqueur que distillent les coteaux de Porto ou de Setubal.

En outre, ce serait comme le dîner de fiançailles de Fragoso et de la charmante Lina. Celui de Manoel et de Minha avait eu lieu à la fazenda d'Iquitos, quelques semaines auparavant. Après le jeune maître et la jeune maîtresse, c'était le tour de ce fidèle couple, auquel les attachaient tant de liens de reconnaissance !

Aussi, au milieu de cette honnête famille, Lina, qui devait rester au service de sa maîtresse, Fragoso, qui allait entrer au service de Manoel Valdez, s'assirent-ils à la table commune, et même à la place d'honneur, qui leur fut réservée.

Torrès assistait naturellement à ce dîner, digne de l'office et de la cuisine de la jangada.

L'aventurier, assis en face de Joam Garral, toujours taciturne, écouta ce qui se disait beaucoup plus qu'il ne prit part à la conversation. Benito, sans en avoir l'air, l'observait attentivement. Les regards de Torrès, constamment attachés sur son père, avaient un éclat singulier. On eût dit ceux d'un fauve, cherchant à fasciner sa proie, avant de se jeter sur elle.

Manoel, lui, causait le plus souvent avec la jeune fille.

Entre temps, ses yeux se portaient aussi sur Torrès ; mais, en somme, mieux que Benito, il avait pris son parti d'une situation qui, si elle ne finissait pas à Manao, finirait certainement à Bélem.

Le dîner fut assez gai. Lina l'anima de sa bonne humeur, Fragoso de ses joyeuses reparties. Le padre Passanha regardait gaiement tout ce petit monde qu'il chérissait, et ces deux jeunes couples que sa main devait bientôt bénir dans les eaux du Para.

« Mangez bien, padre, dit Benito, qui finit par se mêler à la conversation générale, faites honneur à ce repas de fiançailles ! Il vous faudra des forces pour célébrer tant de mariages à la fois !

– Eh ! mon cher enfant, répondit le padre Passanha, trouve-nous une belle et honnête jeune fille qui veuille de toi, et tu verras si je ne suffirai pas à vous marier encore tous deux !

– Bien répondu ! padre, s'écria Manoel. Buwons au prochain mariage de Benito !

– Nous lui chercherons à Bélem une jeune et belle fiancée, dit Minha, et il faudra bien qu'il fasse comme tout le monde !

– Au mariage de monsieur Benito ! dit Fragoso, qui aurait voulu que le monde entier convolât avec lui.

– Ils ont raison, mon fils, dit Yaquita. Moi aussi, je bois à ton mariage, et puisses-tu être heureux comme le seront Minha et Manoel, comme je l'ai été près de ton père !

– Comme vous le serez toujours, il faut l'espérer, dit alors Torrès en buvant un verre de Porto, sans avoir fait raison à personne. Chacun ici a son bonheur dans sa main !

On n'aurait pu dire pourquoi, mais ce souhait, venant de l'aventurier, fit une impression fâcheuse. Manoel sentit cela, et, voulant réagir contre ce sentiment :

« Voyons, padre, pendant que nous y sommes, est-ce qu'il n'y aurait pas encore quelques couples à fiancer sur la jangada ?

– Je ne pense pas, répondit le padre Passanha... à moins que Torrès... Vous n'êtes pas marié, je crois ?

– Non, je suis et j'ai toujours été garçon ! » Benito et Manoel crurent voir qu'en parlant ainsi, le regard de Torrès allait chercher celui de la jeune fille.

« Et qui vous empêcherait de vous marier ? reprit le padre Passanha. À

Bélem, vous pourriez trouver une femme dont l'âge serait en rapport avec le vôtre, et il vous serait peut-être possible de vous fixer dans la ville. Cela vaudrait mieux que cette vie errante dont vous n'avez pas tiré jusqu'ici grand avantage !

– Vous avez raison, padre, répondit Torrès. Je ne dis pas non ! D'ailleurs, l'exemple est contagieux. À voir tous ces jeunes fiancés, cela met en appétit de mariage ! Mais je suis absolument étranger à la ville de Bélem, et, à moins de circonstances particulières, cela peut rendre mon établissement plus difficile !

– D'où êtes-vous donc ? demanda Fragoso, qui avait toujours cette arrière-pensée d'avoir déjà rencontré Torrès quelque part.

– De la province de Minas Geraës.

– Et vous êtes né ?...

– Dans la capitale même de l'arrayal diamantin, à Tijuco. »

Qui eût regardé Joam Garral, en ce moment, aurait été épouvanté de la fixité de son regard, qui se croisait avec celui de Torrès.

## CHAPITRE DIX-NEUVIÈME – HISTOIRE ANCIENNE

Mais la conversation allait continuer avec Fragoso, qui reprit presque aussitôt en ces termes :

« Comment ! vous êtes de Tijuco, de la capitale même du district des diamants ?

– Oui ! dit Torrès. Est-ce que vous-même, vous êtes originaire de cette province ?

– Non ! je suis des provinces du littoral de l’Atlantique, dans le nord du Brésil, répondit Fragoso.

Vous ne connaissez pas ce pays des diamants, monsieur Manoel ? demanda Torrès. »

Un signe négatif du jeune homme fut toute sa réponse.

« Et vous, monsieur Benito, reprit Torrès en s’adressant au jeune Garral, qu’il voulait évidemment engager dans cette conversation, vous n’avez jamais eu la curiosité d’aller visiter l’arrayal diamantin ?

Jamais, répondit sèchement Benito.

– Ah ! j’aurais aimé à voir ce pays ! s’écria Fragoso, qui, inconsciemment, faisait le jeu de Torrès. Il me semble que j’eusse fini par y trouver quelque diamant de grande valeur !

– Et qu’en auriez-vous fait de ce diamant de grande valeur, Fragoso ? demanda Lina.

– Je l’aurais vendu !

– Alors vous seriez riche maintenant ?

– Très riche !

– Eh bien, si vous aviez été riche, il y a trois mois seulement, vous n’auriez jamais eu l’idée de... cette liane ?

– Et si je ne l'avais pas eue, s'écria Frago, il ne serait pas venu une charmante petite femme qui... Allons, décidément, Dieu fait bien ce qu'il fait !

– Vous le voyez, Frago, répondit Minha, puisqu'il vous marie avec ma petite Lina ! Diamant pour diamant, vous ne perdrez pas au change !

– Comment donc, mademoiselle Minha, s'écria galamment Frago, mais j'y gagne ! » Torrès, sans doute, ne voulait pas laisser tomber ce sujet de conversation, car il reprit la parole :

« En vérité, dit-il, il y a eu à Tijuco des fortunes subites, qui ont dû faire tourner bien des têtes ! N'avez-vous pas entendu parler de ce fameux diamant d'Abaete, dont la valeur a été estimée à plus de deux millions de cantos de reis<sup>[13]</sup>. Eh bien, ce sont les mines du Brésil qui l'ont produit, ce caillou qui pesait une once ! Et ce sont trois condamnés, – oui ! trois condamnés à un exil perpétuel –, qui le trouvèrent par hasard dans la rivière d'Abaete, à quatre-vingt-dix lieues du Serro do Frio !

Du coup, leur fortune fut faite ? demanda Frago.

– Eh non ! répondit Torrès. Le diamant fut remis au gouverneur général des mines. La valeur de la pierre ayant été reconnue, le roi Jean VI de Portugal la fit percer, et il la portait à son cou dans les grandes cérémonies. Quant aux condamnés, ils obtinrent leur grâce, mais ce fut tout, et de plus habiles auraient tiré de là de bonnes rentes !

– Vous sans doute ? dit très sèchement Benito.

– Oui... moi !... Pourquoi pas ? répondit Torrès. Est-ce que vous avez jamais visité le district diamantin ? ajouta-t-il, en s'adressant à Joam Garral, cette fois.

Jamais, répondit Joam en regardant Torrès.

– Cela est regrettable, reprit celui-ci, et vous devriez faire un jour ce voyage. C'est fort curieux, je vous assure ! Le district des diamants est une enclave dans le vaste empire du Brésil, quelque chose comme un parc de douze lieues de circonférence, et qui, par la nature du sol, sa végétation, ses terrains sablonneux enfermés dans un cirque de montagnes, est très différent de la province environnante. Mais, comme je vous l'ai dit, c'est l'endroit le plus riche du monde, puisque, de 1807 à 1817, la production annuelle a été de dix-huit mille carats<sup>[14]</sup> environ. Ah ! il y avait de beaux coups à faire, non seulement pour les



grimpeurs qui cherchaient la pierre précieuse jusque sur la cime des montagnes, mais aussi pour les contrebandiers qui la passaient en fraude ! Maintenant, l'exploitation est moins aisée, et les deux mille noirs, employés au travail des mines par le gouvernement, sont obligés de détourner des cours d'eau pour en extraire le sable diamantin. Autrefois, c'était plus commode !

– En effet, répondit Frago, le bon temps est passé !

– Mais ce qui est resté facile, c'est de se procurer le diamant à la façon des malfaiteurs, je veux dire par le vol. Et tenez, vers 1826, – j'avais huit ans alors –, il se passa à Tijuco même un drame terrible, qui montre que les criminels ne reculent devant rien, quand ils veulent gagner toute une fortune par un coup d'audace ! Mais cela ne vous intéresse pas sans doute...

– Au contraire, Torrès, continuez, répondit Joam Garral d'une voix singulièrement calme.

– Soit, reprit Torrès. Il s'agissait, cette fois, de voler des diamants, et une poignée de ces jolis cailloux-là dans la main, c'est un million, quelquefois deux ! »

Et Torrès, dont la figure exprimait les plus vils sentiments de cupidité, fit, presque inconsciemment, le geste d'ouvrir et de fermer la main.

« Voici comment cela se passa, reprit-il. À Tijuco, l'habitude est d'expédier en une seule fois les diamants recueillis dans l'année. On les divise en deux lots, suivant leur grosseur, après les avoir séparés au moyen de douze tamis percés de trous différents. Ces lots sont enfermés dans des sacs et envoyés à Rio de Janeiro. Mais, comme ils ont une valeur de plusieurs millions, vous pensez qu'ils sont bien accompagnés. Un employé, choisi par l'intendant, quatre soldats à cheval du régiment de la province et dix hommes à pied forment le convoi. Ils se rendent d'abord à Villa-Rica, où le général commandant appose son cachet sur les sacs, et le convoi reprend sa route vers Rio de Janeiro. J'ajoute que, pour plus de précaution, le départ est toujours tenu secret. Or, en 1826, un jeune employé, nommé Dacosta, âgé de vingt-deux à vingt-trois ans au plus, qui, depuis quelques années, travaillait à Tijuco dans les bureaux du gouverneur général, combina le coup suivant. Il s'entendit avec une troupe de contrebandiers et leur apprit le jour du départ du convoi. Des mesures furent prises par ces malfaiteurs, qui étaient nombreux et bien armés. Au-delà de Villa-Rica, pendant la nuit du 22 janvier, la bande tomba à l'improviste sur les soldats qui escortaient les diamants. Ceux-ci se défendirent courageusement ; mais ils furent massacrés, à l'exception d'un seul, qui, bien que grièvement blessé, put s'échapper et rapporta la nouvelle de cet

horrible attentat. L'employé qui les accompagnait n'avait pas été plus épargné que les soldats de l'escorte. Tombé sous les coups des malfaiteurs, il avait été entraîné et jeté sans doute dans quelque précipice, car son corps ne fut jamais retrouvé.

Et ce Dacosta ? demanda Joam Garral.

– Eh bien, son crime ne lui profita pas. Par suite de différentes circonstances, les soupçons ne tardèrent pas à se porter sur lui. Il fut accusé d'avoir mené toute cette affaire. En vain prétendit-il qu'il était innocent. Grâce à sa situation, il était en mesure de connaître le jour où le départ du convoi devait s'effectuer. Lui seul avait pu prévenir la bande de malfaiteurs. Il fut accusé, arrêté, jugé, condamné à mort. Or, une pareille condamnation entraînait l'exécution dans les vingt-quatre heures.

– Ce malheureux fut-il exécuté ? demanda Fragoso.

– Non, répondit Torrès. On l'avait enfermé dans la prison de Villa-Rica, et, pendant la nuit, quelques heures seulement avant l'exécution, soit qu'il eût agi seul, soit qu'il eût été aidé par plusieurs de ses complices, il parvint à s'échapper.

– Depuis, on n'a plus jamais entendu parler de cet homme ? demanda Joam Garral.

– Jamais ! répondit Torrès. Il aura quitté le Brésil, et maintenant, sans doute, il mène joyeuse vie en pays lointain, avec le produit du vol qu'il aura su réaliser.

– Puisse-t-il avoir vécu misérablement, au contraire ! répondit Joam Garral.

– Et puisse Dieu lui avoir donné le remords de son crime ! » ajouta le padre Passanha.

À ce moment, les convives s'étaient levés de table, et, le dîner achevé, tous sortirent pour aller respirer l'air du soir. Le soleil s'abaissait sur l'horizon, mais une heure devait s'écouler encore, avant que la nuit ne fût faite.

« Ces histoires-là ne sont pas gaies, dit Fragoso, et notre dîner de fiançailles avait mieux commencé !

– Mais c'est votre faute, monsieur Fragoso, répondit Lina.

– Comment, ma faute ?

– Oui ! c'est vous qui avez continué à parler de ce district et de ces diamants, dont nous n'avons que faire !

– C'est ma foi vrai ! répondit Fragoso, mais je ne pensais pas que cela finirait de cette façon !

– Vous êtes donc le premier coupable !

– Et le premier puni, mademoiselle Lina, puisque je ne vous ai pas entendue rire au dessert ! »

Toute la famille se dirigeait alors vers l'avant de la jangada. Manoel et Benito marchaient l'un près de l'autre, sans se parler. Yaquita et sa fille les suivaient, silencieuses aussi, et tous ressentait une inexplicable impression de tristesse, comme s'ils eussent pressenti quelque grave éventualité.

Torrès se tenait auprès de Joam Garral, qui, la tête inclinée, semblait profondément abîmé dans ses réflexions, et, à ce moment, lui mettant la main sur l'épaule :

« Joam Garral, lui dit-il, pourrais-je avoir avec vous un quart d'heure d'entretien ? » Joam Garral regarda Torrès. « Ici ? » répondit-il.

Non ! en particulier !

Venez donc ! » Tous deux retournèrent vers la maison, y rentrèrent, et la porte se referma sur eux.

Il serait difficile de dépeindre ce que chacun éprouva, lorsque Joam Garral et Torrès eurent quitté la place. Que pouvait-il y avoir de commun entre cet aventurier et l'honnête fazender d'Iquitos ? Il y avait comme la menace d'un épouvantable malheur suspendu sur toute cette famille, et personne n'osait s'interroger.

« Manoel, dit Benito, en saisissant le bras de son ami qu'il entraîna, quoi qu'il arrive, cet homme débarquera demain à Manao !

Oui !... il le faut !... répondit Manoel.

Et si par lui... oui ! par lui, quelque malheur arrive à mon père... je le tuerais ! »

## CHAPITRE VINGTIÈME – ENTRE CES DEUX HOMMES

Depuis un instant, seuls dans cette chambre où personne ne pouvait ni les entendre ni les voir, Joam Garral et Torrès se regardaient, sans prononcer un seul mot. L'aventurier hésitait-il donc à parler ? Comprenait-il que Joam Garral ne répondrait que par un silence dédaigneux aux demandes qui lui seraient faites ?

Oui, sans doute ! Aussi, Torrès n'interrogea-t-il pas. Au début de cette conversation, il fut affirmatif, il prit le rôle d'un accusateur.

« Joam, dit-il, vous ne vous appelez pas Garral, vous vous appelez Dacosta. »

À ce nom criminel que lui donnait Torrès, Joam Garral ne put retenir un léger frémissement, mais il ne répondit rien.

« Vous êtes Joam Dacosta, reprit Torrès, employé, il y a vingt-trois ans, dans les bureaux du gouverneur général de Tijuco, et c'est vous qui avez été condamné dans cette affaire de vol et d'assassinat ! »

Nulle réponse de Joam Garral, dont le calme étrange avait lieu de surprendre l'aventurier. Celui-ci se trompait-il donc en accusant son hôte ? Non ! puisque Joam Garral ne bondissait pas devant ces terribles accusations. Sans doute, il se demandait où en voulait venir Torrès.

« Joam Dacosta, reprit celui-ci, je le répète, c'est vous qui avez été poursuivi dans l'affaire des diamants, convaincu du crime, condamné à mort, et c'est vous qui vous êtes échappé de la prison de Villa-Rica, quelques heures avant l'exécution ! Répondrez-vous ? »

Un assez long silence suivit cette demande directe que venait de faire Torrès. Joam Garral, toujours calme, était allé s'asseoir. Son coude reposait sur une petite table, et il regardait fixement son accusateur, sans baisser la tête.

« Répondrez-vous ? reprit Torrès.

– Quelle réponse attendez-vous de moi ? dit simplement Joam Garral.

– Une réponse, répliqua lentement Torrès, qui m'empêche d'aller trouver le chef de police de Manao, et de lui dire : Un homme est là, dont l'identité sera

facile à établir, qui sera reconnu, même après vingt-trois années d'absence, et cet homme, c'est l'instigateur du vol des diamants de Tijuco, c'est le complice des assassins des soldats de l'escorte, c'est le condamné qui s'est soustrait au supplice, c'est Joam Garral, dont le vrai nom est Joam Dacosta.

– Ainsi, dit Joam Garral, je n'aurais rien à craindre de vous, Torrès, si je vous faisais la réponse que vous attendez ?

– Rien, car alors, ni vous ni moi, nous n'aurions intérêt à parler de cette affaire.

Ni vous, ni moi ? répondit Joam Garral. Ce n'est donc pas avec de l'argent que je dois acheter votre silence ?

– Non, quelle que soit la somme que vous m'offririez !

– Que voulez-vous donc alors ?

Joam Garral, répondit Torrès, voici quelle est ma proposition. Ne vous hâtez pas d'y répondre par un refus formel, et rappelez-vous que vous êtes en mon pouvoir.

Quelle est cette proposition ? » demanda Joam Garral.

Torrès se recueillit un instant. L'attitude de ce coupable, dont il tenait la vie, était bien faite pour le surprendre. Il s'attendait à quelque débat violent, à des supplications, à des larmes... Il avait devant lui un homme convaincu des plus grands crimes, et cet homme ne bronchait pas. Enfin, se croisant les bras :

« Vous avez une fille, dit-il. Cette fille me plaît, et je veux l'épouser. »

Sans doute, Joam Garral s'attendait à tout de la part d'un tel homme, et cette demande ne lui fit rien perdre de son calme.

« Ainsi, dit-il, l'honorable Torrès veut entrer dans la famille d'un assassin et d'un voleur ?

– Je suis seul juge de ce qu'il me convient de faire, répondit Torrès. Je veux être le gendre de Joam Garral, et je le serai.

– Vous n'ignorez pourtant pas, Torrès, que ma fille va épouser Manoel Valdez ?

– Vous vous dégagez vis-à-vis de Manoel Valdez.

– Et si ma fille refuse ?

– Vous lui direz tout, et, je la connais, elle consentira, répondit impudemment Torrès.

– Tout ?

– Tout, s'il le faut. Entre ses propres sentiments et l'honneur de sa famille, la vie de son père, elle n'hésitera pas !

– Vous êtes un bien grand misérable, Torrès ! dit tranquillement Joam Garral, que son sang-froid n'abandonnait pas.

– Un misérable et un assassin sont faits pour s'entendre ! » À ces mots, Joam Garral se leva, et, allant à l'aventurier qu'il regarda bien en face :

« Torrès, dit-il, si vous demandez à entrer dans la famille de Joam Dacosta, c'est que vous savez que Joam Dacosta est innocent du crime pour lequel il a été condamné !

– Vraiment !

– Et j'ajoute, reprit Joam Garral, c'est que vous avez la preuve de son innocence, et que, cette innocence, vous vous réservez de la proclamer le jour où vous aurez épousé sa fille !

– Jouons franc jeu, Joam Garral, répondit Torrès en baissant la voix, et, quand vous m'aurez entendu, nous verrons si vous osez me refuser votre fille !

– Je vous écoute, Torrès.

– Eh bien, oui, dit l'aventurier en retenant à demi ses paroles, comme s'il eût eu regret de les laisser s'échapper de ses lèvres, oui, vous êtes innocent ! Je le sais, car je connais le véritable coupable, et je suis en mesure de prouver votre innocence !

– Et le misérable qui a commis le crime ?...

– Il est mort.

– Mort ! s'écria Joam Garral, que ce mot fit pâlir malgré lui, comme s'il lui eût enlevé tout pouvoir de jamais se réhabiliter.

– Mort, répondit Torrès ; mais cet homme, que j'ai connu longtemps après

le crime, et sans que je susse qu'il fût criminel, avait écrit tout au long, de sa main, le récit de cette affaire des diamants, afin d'en conserver jusqu'aux moindres détails. Sentant sa fin approcher, il fut pris de remords. Il savait où s'était réfugié Joam Dacosta, sous quel nom l'innocent s'était refait une vie nouvelle. Il savait qu'il était riche, au milieu d'une famille heureuse, mais il savait aussi qu'il devait lui manquer le bonheur ! Eh bien, ce bonheur, il voulut le lui rendre avec l'honorabilité à laquelle il avait droit !... Mais la mort venait... il me chargea, moi, son compagnon, de faire ce qu'il ne pourrait plus faire !... Il me remit les preuves de l'innocence de Dacosta, afin de les lui faire parvenir, et mourut.

– Le nom de cet homme ! s'écria Joam Garral, d'un ton qu'il ne put maîtriser.

– Vous le saurez, quand je serai de votre famille !

– Et cet écrit ?... »

Joam Garral fut sur le point de se jeter sur Torrès, pour le fouiller, pour lui arracher cette preuve de son innocence.

« Cet écrit, il est en lieu sûr, répondit Torrès, et vous ne l'aurez qu'après que votre fille sera devenue ma femme. Maintenant, me la refusez-vous encore ?

– Oui, répondit Joam Garral. Mais, en échange de cet écrit, la moitié de ma fortune est à vous !

– La moitié de votre fortune ! s'écria Torrès ! Je l'accepte, à la condition que Minha me l'apportera en mariage !

– Et c'est ainsi que vous respectez les volontés d'un mourant, d'un criminel que le remords a touché, et qui vous a chargé de réparer, autant qu'il était en lui, le mal qu'il a fait !

– C'est ainsi.

– Encore une fois, Torrès, s'écria Joam Garral, vous êtes un grand misérable !

– Soit.

– Et, comme je ne suis pas un criminel, moi, nous ne sommes pas faits pour nous entendre !

– Ainsi, vous refusez ?...

– Je refuse !

– C'est votre perte, alors, Joam Garral. Tout vous accuse dans l'instruction déjà faite ! Vous êtes condamné à mort, et, vous le savez, dans les condamnations pour crimes de ce genre, le gouvernement s'est interdit jusqu'au droit de commuer les peines. Dénoncé, vous êtes pris ! Pris, vous êtes exécuté... et je vous dénonce ! »

Si maître qu'il fût de lui, Joam Garral ne pouvait plus se contenir. Il allait s'élançer sur Torrès...

Un geste de ce coquin fit tomber sa colère.

« Prenez garde, dit Torrès. Votre femme ne sait pas qu'elle est la femme de Joam Dacosta, vos enfants ne savent pas qu'ils sont les enfants de Joam Dacosta, et vous allez le leur apprendre ! »

Joam Garral s'arrêta. Il reprit tout son empire sur lui-même, et ses traits recouvèrent leur calme habituel.

« Cette discussion a trop duré, dit-il en marchant vers la porte, et je sais ce qu'il me reste à faire !

Prenez garde, Joam Garral ! » dit une dernière fois Torrès, qui ne pouvait croire que son ignoble procédé de chantage eût échoué.

Joam Garral ne lui répondit pas. Il repoussa la porte qui s'ouvrait sous la véranda, il fit signe à Torrès de le suivre, et tous deux s'avancèrent vers le centre de la jangada, où la famille était réunie.

Benito, Manoel, tous, sous l'impression d'une anxiété profonde, s'étaient levés. Ils pouvaient voir que le geste de Torrès était encore menaçant, et que le feu de la colère brillait dans ses yeux.

Par un extraordinaire contraste, Joam Garral était maître de lui, presque souriant. Tous deux s'arrêtèrent devant Yaquita et les siens. Personne n'osait leur adresser la parole. Ce fut Torrès qui, d'une voix sourde et avec son impudence habituelle, rompit ce pénible silence. « Une dernière fois, Joam Garral, dit-il, je vous demande une dernière réponse !

Ma réponse, la voici. »



Et s'adressant à sa femme : « Yaquita, dit-il, des circonstances particulières m'obligent à modifier ce que nous avons décidé antérieurement pour le mariage de Minha et de Manoel.

Enfin ! » s'écria Torrès. Joam Garral, sans lui répondre, laissa tomber sur l'aventurier un regard du plus profond dédain.

Mais, à ces paroles, Manoel avait senti son cœur battre à se rompre. La jeune fille s'était levée, toute pâle, comme si elle eût cherché un appui du côté de sa mère. Yaquita lui ouvrait ses bras pour la protéger, pour la défendre !

« Mon père ! s'écria Benito, qui avait été se placer entre Joam Garral et Torrès, que voulez-vous dire ?

– Je veux dire, répondit Joam Garral en élevant la voix qu'attendre notre arrivée au Para pour marier Minha et Manoel, c'est trop attendre ! Le mariage se fera ici même, dès demain, sur la jangada, par les soins du padre Passanha, si, après une conversation que je vais avoir avec Manoel, il lui convient comme à moi de ne pas différer davantage !

– Ah ! mon père, mon père !... s'écria le jeune homme.

– Attends encore pour m'appeler ainsi, Manoel répondit Joam Garral, d'un ton d'indicible souffrance. En ce moment, Torrès, qui s'était croisé les bras, promenait sur toute la famille un regard d'une insolence sans égale.

« Ainsi, c'est votre dernier mot, dit-il en étendant la main vers Joam Garral.

– Non, ce n'est pas mon dernier mot.

– Quel est-il donc ?

Le voici, Torrès ! Je suis maître ici ! Vous allez, s'il vous plaît, et même s'il ne vous plaît pas, quitter la jangada à l'instant même !

Oui, à l'instant, s'écria Benito, on je le jette par-dessus le bord ! »

Torrès haussa les épaules.

« Pas de menaces, dit-il, elles sont inutiles ! À moi aussi il me convient de débarquer et sans retard. Mais vous vous souviendrez de moi, Joam Garral ! Nous ne serons pas longtemps sans nous revoir !

– S'il ne dépend que de moi, répondit Joam Garral, nous nous reverrons et plus tôt peut-être que vous ne l'auriez voulu ! Je serai demain chez le juge de droit Ribeiro, le premier magistrat de la province, que j'ai prévenu de mon arrivée à Manao. Si vous l'osez, venez m'y retrouver !

– Chez le juge Ribeiro !... répondit Torrès, évidemment décontenancé.

Chez le juge Ribeiro », répondit Joam Garral.

Montrant alors la pirogue à Torrès, avec un geste de suprême mépris, Joam Garral chargea quatre de ses gens de le débarquer sans retard sur le point le plus rapproché de l'île.

Le misérable, enfin, disparut.

La famille, frémissante encore, respectait le silence de son chef. Mais Frago, ne se rendant compte qu'à demi de la gravité de la situation et emporté par son brio ordinaire, s'était approché de Joam Garral.

« Si le mariage de mademoiselle Minha et de monsieur Manoel se fait dès demain, sur la jangada...

Le vôtre s'y fera en même temps, mon ami, répondit avec douceur Joam Garral. » Et, faisant un signe à Manoel, il se retira dans sa chambre avec lui.

L'entretien de Joam Garral et de Manoel durait depuis une demi-heure, qui avait paru un siècle à la famille, lorsque la porte de l'habitation se rouvrit enfin.

Manoel en sortit seul.

Ses regards brillaient d'une généreuse résolution.

Allant à Yaquita, il lui dit : « Ma mère ! » à Minha, il dit : « Ma femme », à Benito, il dit : « Mon frère », et se tournant vers Lina et Frago, il dit à tous : « À demain ! »

Il savait tout ce qui s'était passé entre Joam Garral et Torrès. Il savait que, comptant sur l'appui du juge Ribeiro par suite d'une correspondance qu'il avait eue avec lui depuis une année, sans en parler aux siens, Joam Garral était enfin parvenu à l'éclairer et à le convaincre de son innocence. Il savait que Joam Garral avait résolument entrepris ce voyage dans le seul but de faire réviser l'odieux procès dont il avait été victime, et de ne pas laisser peser sur son gendre et sur sa fille le poids de la terrible situation qu'il avait pu et dû accepter trop

longtemps pour lui-même !

Oui, Manoel savait tout cela, mais il savait aussi que Joam Garral, ou plutôt Joam Dacosta, était innocent, que son malheur même venait de le lui rendre plus cher et plus sacré !

Ce qu'il ne savait pas, c'était que la preuve matérielle de l'innocence du fazender existait, et que cette preuve était entre les mains de Torrès. Joam Garral avait voulu réserver pour le juge l'usage de cette preuve, qui devait l'innocenter, si l'aventurier avait dit vrai.

Manoel se borna donc à annoncer qu'il allait se rendre chez le padre Passanha, afin de le prier de tout préparer pour les deux mariages.

Le lendemain, le 24 août, une heure à peine avant celle où la cérémonie allait s'accomplir, une grande pirogue, qui s'était détachée de la rive gauche du fleuve, accostait la jangada.

Une douzaine de payeurs l'avaient rapidement amenée de Manao, et, avec quelques agents, elle portait le chef de police, qui se fit connaître et monta à bord.

À ce moment, Joam Garral et les siens, déjà parés pour la fête, sortaient de l'habitation.

« Joam Garral ! demanda le chef de police.

Me voici, répondit Joam Garral.

Joam Garral, répondit le chef de police, vous avez été aussi Joam Dacosta ! Ces deux noms ont été portés par un même homme ! Je vous arrête. »

À ces mots, Yaquita et Minha, frappées de stupeur, s'étaient arrêtées, sans pouvoir faire un mouvement. « Mon père, un assassin ! » s'écria Benito, qui allait s'élançer vers Joam Garral. D'un geste, son père lui imposa silence.

« Je ne me permettrai qu'une seule question, dit Joam Garral d'une voix ferme, en s'adressant au chef de police. Le mandat en vertu duquel vous m'arrêtez, a-t-il été lancé contre moi par le juge de droit de Manao, par le juge Ribeiro ?

– Non, répondit le chef de police, il m'a été remis, avec ordre de l'exécuter sur-le-champ, par son remplaçant. Le juge Ribeiro, frappé d'apoplexie hier dans la soirée, est mort cette nuit même à deux heures, sans avoir repris

connaissance.

– Mort ! s'écria Joam Garral, un instant atterré par cette nouvelle, mort ! ... mort ! » Mais bientôt, relevant la tête, il s'adressa à sa femme et à ses enfants :

« Le juge Ribeiro, dit-il, savait seul que j'étais innocent, mes bien-aimés ! La mort de ce juge peut m'être fatale, mais ce n'est pas une raison pour moi de désespérer ! »

Et se tournant vers Manoel :

« À la grâce de Dieu, lui dit-il. Il s'agit de voir, maintenant, si la vérité peut redescendre du ciel sur la terre ! »

Le chef de police avait fait un signe à ses agents, qui s'avançaient pour s'emparer de Joam Garral.

« Mais parlez donc, mon père ! s'écria Benito, fou de désespoir. Dites un mot, et nous aurons raison, fût-ce par la force, de l'horrible méprise dont vous êtes victime !

– Il n'y a pas ici de méprise, mon fils, répondit Joam Garral. Joam Dacosta et Joam Garral ne font qu'un. Je suis, en effet, Joam Dacosta ! Je suis l'honnête homme qu'une erreur judiciaire a condamné injustement à mort, il y a vingt-trois ans, à la place du vrai coupable. De ma complète innocence, mes enfants, une fois pour toutes, j'en jure devant Dieu, sur vos têtes et sur celle de votre mère !

– Toute communication entre vous et les vôtres vous est interdite, dit alors le chef de police. Vous êtes mon prisonnier, Joam Garral, et j'exécuterai mon mandat dans toute sa rigueur. »

Joam Garral, contenant du geste ses enfants et ses serviteurs consternés :

« Laissez faire la justice des hommes, dit-il, en attendant la justice de Dieu ! »

Et, la tête haute, il s'embarqua dans la pirogue.

Il semblait, en vérité, que de tous les assistants, Joam Garral fût le seul que cet effroyable coup de foudre, tombé si inopinément sur sa tête, n'eût pas écrasé !



## DEUXIÈME ÉPISODE

## CHAPITRE PREMIER – MANAO

La ville de Manao est exactement située par 3°8'4" de latitude australe et 67°27' de longitude à l'ouest du méridien de Paris. Quatre cent vingt lieues kilométriques la séparent de Bélem, et dix kilomètres, seulement, de l'embouchure du rio Negro.

Manao n'est pas bâtie au bord du fleuve des Amazones. C'est sur la rive gauche du rio Negro, – le plus important, le plus remarquable des tributaires de la grande artère brésilienne –, que s'élève cette capitale de la province, dominant la campagne environnante du pittoresque ensemble de ses maisons privées et de ses édifices publics.

Le rio Negro, découvert, en 1645, par l'Espagnol Favella, prend sa source au flanc des montagnes situées, dans le nord-ouest, entre le Brésil et la Nouvelle-Grenade, au mur même de la province de Popayan, et il est mis en communication avec l'Orénoque, c'est-à-dire avec les Guyanes, par deux de ses affluents, le Pimichim et le Cassiquaire.

Après un superbe cours de dix-sept cents kilomètres, le rio Negro vient, par une embouchure de onze cents toises, épancher ses eaux noires dans l'Amazone, mais sans qu'elles s'y confondent sur un espace de plusieurs milles, tant leur déviation est active et puissante. En cet endroit, les pointes de ses deux rives s'évasent et forment, une vaste baie, profonde de quinze lieues, qui s'étend jusqu'aux îles Anavilhanas.

C'est là, dans l'une de ces étroites indentations, que se creuse le port de Manao. De nombreuses embarcations s'y rencontrent, les unes mouillées au courant du fleuve, attendant un vent favorable, les autres en réparation dans les nombreux iguarapés ou canaux qui sillonnent capricieusement la ville et lui donnent un aspect quelque peu hollandais.

Avec l'escale des bateaux à vapeur, qui ne va pas tarder à s'établir près de la jonction des deux fleuves, le commerce de Manao doit sensiblement s'accroître. En effet, bois de construction et d'ébénisterie, cacao, caoutchouc, café, salsepareille, canne à sucre, indigo, noix de muscade, poisson salé, beurre de tortue, ces divers objets trouvent là de nombreux cours d'eau pour les transporter en toutes directions : le rio Negro au nord et à l'ouest, la Madeira au sud et à l'ouest, l'Amazone, enfin, qui se déroule vers l'est jusqu'au littoral de

l'Atlantique. La situation de cette ville est donc heureuse entre toutes et doit contribuer puissamment à sa prospérité.

Manao, – ou Manaos –, se nommait autrefois Moura, puis s'est appelée Barra de Rio-Negro. De 1757 à 1804, elle fit seulement partie de la capitainerie qui portait le nom du grand affluent dont elle occupait l'embouchure. Mais, depuis 1826, devenue la capitale de cette vaste province des Amazones, elle a emprunté son nouveau nom à une tribu de ces Indiens qui habitaient jadis les territoires du Centre-Amérique.

Plusieurs fois des voyageurs, mal informés, ont confondu cette ville avec la fameuse Manoa, sorte de cité fantastique, élevée, disait-on, près du lac légendaire de Parima, qui paraît n'être que le Branco supérieur, c'est-à-dire un simple affluent du rio Negro. Là était cet empire de l'El Dorado, dont chaque matin, s'il faut en croire les fables du pays, le souverain se faisait couvrir de poudre d'or, tant ce précieux métal, que l'on ramassait à la pelle, abondait sur ces terrains privilégiés. Mais, vérification faite, il a fallu en rabattre, et toute cette prétendue richesse aurifère se réduit à la présence de nombreuses micacées sans valeur, qui avaient trompé les avides regards des chercheurs d'or.

En somme, Manao n'a rien des splendeurs fabuleuses de cette mythologique capitale de l'El Dorado. Ce n'est qu'une ville de cinq mille habitants environ, parmi lesquels on compte au moins trois mille employés. De là, un certain nombre de bâtiments civils à l'usage de ces fonctionnaires : chambre législative, palais de la présidence, trésorerie générale, hôtel des postes, douane, sans compter un collège qui fut fondé en 1848, et un hôpital qui venait d'être créé en 1851. Qu'on y ajoute un cimetière, occupant le versant oriental de la colline où fut élevée, en 1669, contre les pirates de l'Amazone, une forteresse maintenant détruite, et l'on saura à quoi s'en tenir sur l'importance des établissements civils de la cité.

Quant aux édifices religieux, il serait difficile d'en nommer plus de deux : la petite église de la Conception et la chapelle de Notre-Dame des Remèdes, bâtie presque en rase campagne sur une tumescence qui domine Manao.

C'est peu pour une ville d'origine espagnole. À ces deux monuments il convient d'ajouter encore un couvent de Carmélites, incendié en 1850, et dont il ne reste plus que des ruines.

La population de Manao ne s'élève qu'au chiffre qui a été indiqué plus haut, et, en dehors des fonctionnaires, employés et soldats, elle se compose plus particulièrement de négociants portugais et d'Indiens appartenant aux diverses



tribus du Rio-Negro.

Trois rues principales, assez irrégulières, desservent la ville ; elles portent des noms significatifs dans le pays et qui ont bien leur couleur : c'est la rue Dieu-le-Père, la rue Dieu-le-Fils et la rue Dieu-le-Saint-Esprit. En outre, vers le couchant s'allonge une magnifique avenue d'orangers centenaires, que respectèrent religieusement les architectes qui, de l'ancienne cité, firent la cité nouvelle.

Autour de ces rues principales s'entrecroisent un réseau de ruelles non pavées, coupées successivement par quatre canaux que desservent des passerelles en bois. En de certains endroits, ces iguarapés promènent leurs eaux sombres au milieu de grands terrains vagues, semés d'herbes folles et de fleurs aux couleurs éclatantes : ce sont autant de squares naturels, ombragés d'arbres magnifiques, parmi lesquels domine le « sumaumeira », ce gigantesque végétal habillé d'une écorce blanche, et dont le large dôme s'arrondit en parasol au-dessus d'une noueuse ramure.

Quant aux diverses habitations privées, il faut les chercher parmi quelques centaines de maisons assez rudimentaires, les unes couvertes de tuiles, les autres coiffées des feuilles juxtaposées du palmier, avec la saillie de leurs miradors et l'avant-corps de leurs boutiques, qui sont pour la plupart tenues par des négociants portugais.

Et quelle espèce de gens voit-on sortir aux heures de la promenade, aussi bien de ces édifices publics que de ces habitations particulières ? Des hommes de haute mine, avec redingote noire, chapeau de soie, souliers vernis, gants de couleur fraîche, diamants au nœud de leur cravate ; des femmes en grandes et tapageuses toilettes, robes à falbalas, chapeaux à la dernière mode ; des Indiens, enfin, qui, eux aussi, sont en train de s'eupéaniser, de manière à détruire tout ce qui pouvait rester de couleur locale dans cette partie moyenne du bassin de l'Amazone.

Telle est Manao, qu'il fallait sommairement faire connaître au lecteur pour les besoins de cette histoire. Là, le voyage de la jangada, si tragiquement interrompu, venait de se trouver coupé au milieu du long parcours qu'elle devait accomplir ; là allaient se dérouler, en peu de temps, les péripéties de cette mystérieuse affaire.

## CHAPITRE DEUXIÈME – LES PREMIERS INSTANTS

À peine la pirogue qui emmenait Joam Garral, ou plutôt Joam Dacosta, – il convient de lui restituer ce nom –, avait-elle disparu, que Benito s'était avancé vers Manoel.

« Que sais-tu ? lui demanda-t-il.

– Je sais que ton père est innocent ! Oui ! Innocent ! répéta Manoel, et qu'une condamnation capitale l'a frappé, il y a vingt-trois ans, pour un crime qu'il n'avait pas commis !

– Il t'a tout dit, Manoel ?

– Tout, Benito ! répondit le jeune homme. L'honnête fazender ne voulait pas que rien de son passé fût caché à celui qui allait devenir son second fils, en épousant sa fille !

– Et la preuve de son innocence, mon père peut-il enfin la produire au grand jour ?

– Cette preuve, Benito, elle est toute dans ces vingt-trois ans d'une vie honorable et honorée, toute dans cette démarche de Joam Dacosta, qui venait dire à la justice : « Me voici ! Je ne veux plus de cette fausse existence ! Je ne veux plus me cacher sous un nom qui n'est pas mon vrai nom ! Vous avez condamné un innocent ! Réhabilitez-le ! »

– Et mon père... lorsqu'il te parlait ainsi... tu n'as pas un instant hésité à le croire ? s'écria Benito.

Pas un instant, frère ! » répondit Manoel.

Les mains des deux jeunes gens se confondirent dans une même et cordiale étreinte.

Puis Benito allant au padre Passanha :

« Padre, lui dit-il, emmenez ma mère et ma sœur dans leurs chambres ! Ne les quittez pas de toute la journée ! Personne ici ne doute de l'innocence de mon père, personne... vous le savez ! Demain, ma mère et moi nous irons

trouver le chef de police. On ne nous refusera pas l'autorisation d'entrer dans la prison. Non ! ce serait trop cruel ! Nous reverrons mon père, et nous déciderons quelles démarches il faut faire pour arriver à obtenir sa réhabilitation ! »

Yaquita était presque inerte ; mais cette vaillante femme, d'abord terrassée par ce coup soudain, allait bientôt se relever. Yaquita Dacosta serait ce qu'avait été Yaquita Garra. Elle ne doutait pas de l'innocence de son mari. Il ne lui venait même pas à la pensée que Joam Dacosta fût blâmable de l'avoir épousée sous ce nom qui n'était pas le sien. Elle ne pensait qu'à toute cette vie de bonheur que lui avait faite cet honnête homme, injustement frappé ! Oui ! le lendemain elle serait à la porte de sa prison, et elle ne la quitterait pas qu'elle ne lui eût été ouverte !

Le padre Passanha l'emmena avec sa fille, qui ne pouvait retenir ses larmes, et tous trois s'enfermèrent dans l'habitation.

Les deux jeunes gens se retrouvèrent seuls.

« Et maintenant, dit Benito, il faut, Manoel, que je sache tout ce que t'a dit mon père.

– Je n'ai rien à te cacher, Benito.

– Qu'était venu faire Torrès à bord de la jangada ?

– Vendre à Joam Dacosta le secret de son passé.

– Ainsi, quand nous avons rencontré Torrès dans les forêts d'Iquitos, son dessein était déjà formé d'entrer en relation avec mon père ?

– Ce n'est pas douteux, répondit Manoel. Le misérable se dirigeait alors vers la fazenda dans la pensée de se livrer à une ignoble opération de chantage, préparée de longue main.

– Et lorsque nous lui avons appris, dit Benito, que mon père et toute sa famille se préparaient à repasser la frontière, il a brusquement changé son plan de conduite ?...

– Oui, Benito, parce que Joam Dacosta, une fois sur le territoire brésilien, devait être plus à sa merci qu'au-delà de la frontière péruvienne. Voilà pourquoi nous avons retrouvé Torrès à Tabatinga, où il attendait, où il épiait notre arrivée.

– Et moi qui lui ai offert de s'embarquer sur la jangada ! s'écria Benito avec un mouvement de désespoir.

– Frère, lui dit Manoel, ne te reproche rien ! Torrès nous aurait rejoints tôt ou tard ! Il n'était pas homme à abandonner une pareille piste ! S'il nous eût manqués à Tabatinga, nous l'aurions retrouvé à Manao !

– Oui ! Manoel, tu as raison ! Mais il ne s'agit plus du passé, maintenant... il s'agit du présent !... Pas de récriminations inutiles ! Voyons !...

Et, en parlant ainsi, Benito, passant sa main sur son front, cherchait à ressaisir tous les détails de cette triste affaire.

« Voyons, demanda-t-il, comment Torrès a-t-il pu apprendre que mon père avait été condamné, il y a vingt-trois ans, pour cet abominable crime de Tijuco ?

– Je l'ignore, répondit Manoel, et tout me porte à croire que ton père l'ignore aussi.

– Et, cependant, Torrès avait connaissance de ce nom de Garral sous lequel se cachait Joam Dacosta ?

– Évidemment.

– Et il savait que c'était au Pérou, à Iquitos, que, depuis tant d'années, s'était réfugié mon père ?

– Il le savait, répondit Manoel. Mais comment l'avait-il su, je ne puis le comprendre !

– Une dernière question, dit Benito. – Quelle proposition Torrès a-t-il faite à mon père pendant ce court entretien qui a précédé son expulsion ?

– Il l'a menacé de dénoncer Joam Garral comme étant Joam Dacosta, si celui-ci refusait de lui acheter son silence.

– Et à quel prix ?...

– Au prix de la main de sa fille ! répondit Manoel sans hésiter, mais pâle de colère.

– Le misérable aurait osé !... s'écria Benito.

– À cette infâme demande, Benito, tu as vu quelle réponse ton père a faite !

– Oui, Manoel, oui !... la réponse d'un honnête homme indigné ! Il a chassé Torrès ! Mais il ne suffit pas qu'il l'ait chassé ! Non ! cela ne me suffit pas ! C'est sur la dénonciation de Torrès qu'on est venu arrêter mon père, n'est-il pas vrai ?

– Oui ! sur sa dénonciation !

– Eh bien, s'écria Benito, dont le bras menaçant se dirigea vers la rive gauche du fleuve, il faut que je retrouve Torrès ! Il faut que je sache comment il est devenu maître de ce secret !... Il faut qu'il me dise s'il le tient du véritable auteur du crime ! Il parlera !... ou s'il refuse de parler... je sais ce qu'il me restera à faire !

– Ce qu'il restera à faire... à moi comme à toi ! ajouta plus froidement, mais non moins résolument Manoel.

– Non... Manoel... non !... à moi seul !

– Nous sommes frères, Benito, répondit Manoel, et c'est là une vengeance qui nous appartient à tous deux ! » Benito ne répliqua pas. À ce sujet, évidemment, son parti était irrévocablement pris. En ce moment, le pilote Araujo, qui venait d'observer l'état du fleuve, s'approcha des deux jeunes gens. « Avez-vous décidé, demanda-t-il, si la jangada doit rester au mouillage de l'île Muras ou gagner le port de Manao ? » C'était une question à résoudre avant la nuit, et elle devait être examinée de près.

En effet, la nouvelle de l'arrestation de Joam Dacosta avait dû déjà se répandre dans la ville. Qu'elle fût de nature à exciter la curiosité de la population de Manao, cela n'était pas douteux. Mais ne pouvait-elle provoquer plus que de la curiosité contre le condamné, contre l'auteur principal de ce crime de Tijuco, qui avait eu autrefois un si immense retentissement ? Ne pouvait-on craindre quelque mouvement populaire à propos de cet attentat, qui n'avait pas même été expié ? Devant cette hypothèse, ne valait-il pas mieux laisser la jangada amarrée près de Muras, sur la rive droite du fleuve, à quelques milles de Manao ?

Le pour et le contre de la question furent pesés.

« Non ! s'écria Benito. Rester ici, ce serait paraître abandonner mon père et douter de son innocence ! ce serait sembler craindre de faire cause commune avec lui ! Il faut aller à Manao et sans retard !

Tu as raison, Benito, répondit Manoel. Partons ! »

Araujo, approuvant de la tête, prit ses mesures pour quitter l'île. La manœuvre demandait quelque soin. Il s'agissait de prendre obliquement le courant de l'Amazone doublé par celui du rio Negro, et de se diriger vers l'embouchure de cet affluent, qui s'ouvrait à douze milles au-dessous sur la rive gauche.

Les amarres, détachées de l'île, furent larguées. La jangada, rejetée dans le lit du fleuve, commença à dériver diagonalement. Araujo, profitant habilement des courbures du courant brisé par les pointes des berges, put lancer l'immense appareil dans la direction voulue, en s'aidant des longues gaffes de son équipage.

Deux heures après, la jangada se trouvait sur l'autre bord de l'Amazone, un peu au-dessus de l'embouchure du rio Negro, et ce fut le courant qui se chargea de la conduire à la rive inférieure de la vaste baie ouverte dans la rive gauche de l'affluent.

Enfin, à cinq heures du soir, la jangada était fortement amarrée le long de cette rive, non pas dans le port même de Manao, qu'elle n'aurait pu atteindre, sans avoir à refouler un courant assez rapide, mais à moins d'un petit mille au-dessous.

Le train de bois reposait alors sur les eaux noires du rio Negro, près d'une assez haute berge, hérissée de cécropias à bourgeons mordorés, et palissadée de ces roseaux à tiges raides, nommés « froxas », dont les Indiens font des armes offensives.

Quelques citadins erraient sur cette berge. C'était, à n'en pas douter, un sentiment de curiosité qui les amenait jusqu'au mouillage de la jangada. La nouvelle de l'arrestation de Joam Dacosta n'avait pas tardé à se répandre ; mais la curiosité de ces Manaens n'alla pas jusqu'à l'indiscrétion, et ils se tinrent sur la réserve.

L'intention de Benito était de descendre à terre, dès le soir même. Manoel l'en dissuada.

« Attends à demain, lui dit-il. La nuit va venir, et il ne faut pas que nous quittions la jangada !

Soit ! à demain ! » répondit Benito.

En ce moment, Yaquita, suivie de sa fille et du padre Passanha, sortait de l'habitation. Si Minha était encore en larmes, le visage de sa mère était sec, toute

sa personne se montrait énergique et résolue. On sentait que la femme était prête à tout, à faire son devoir comme à user de son droit.

Yaquita s'avança lentement vers Manoel : « Manoel, dit-elle, écoutez ce que j'ai à vous dire, car je vais vous parler comme ma conscience m'ordonne de le faire.

Je vous écoute ! » répondit Manoel.

Yaquita le regarda bien en face. « Hier, dit-elle, après l'entretien que vous avez eu avec Joam Dacosta, mon mari, vous êtes venu à moi et vous m'avez appelée : ma mère ! Vous avez pris la main de Minha, et vous lui avez dit : ma femme ! Vous saviez tout alors, et le passé de Joam Dacosta vous était révélé !

– Oui, répondit Manoel, et que Dieu me punisse si, de ma part, il y a eu une hésitation !...

– Soit, Manoel, reprit Yaquita, mais à ce moment Joam Dacosta n'était pas encore arrêté. Maintenant la situation n'est plus la même. Quelque innocent qu'il soit, mon mari est aux mains de la justice ; son passé est dévoilé publiquement ; Minha est la fille d'un condamné à la peine capitale...

– Minha Dacosta ou Minha Garral, que m'importe ! s'écria Manoel, qui ne put se contenir plus longtemps.

– Manoel ! » murmura la jeune fille. Et elle serait certainement tombée, si les bras de Lina n'eussent été là pour la soutenir.

« Ma mère, si vous ne voulez pas la tuer, dit Manoel, appelez-moi votre fils !

– Mon fils ! mon enfant ! » Ce fut tout ce que put répondre Yaquita, et ces larmes, qu'elle refoulait avec tant de peine, jaillirent de ses yeux.

Tous rentrèrent dans l'habitation. Mais cette longue nuit, pas une heure de sommeil ne devait l'accourcir pour cette honnête famille, si cruellement éprouvée !

## CHAPITRE TROISIÈME – UN RETOUR SUR LE PASSÉ

C'était une fatalité, cette mort du juge Ribeiro, sur lequel Joam Dacosta avait la certitude de pouvoir compter absolument !

Avant d'être juge de droit à Manao, c'est-à-dire le premier magistrat de la province, Ribeiro avait connu Joam Dacosta, à l'époque où le jeune employé fut poursuivi pour le crime de l'arrayal diamantin. Ribeiro était alors avocat à Villa-Rica. Ce fut lui qui se chargea de défendre l'accusé devant les assises. Il prit cette cause à cœur, il la fit sienne. De l'examen des pièces du dossier, des détails de l'information, il acquit, non pas une simple conviction d'office, mais la certitude que son client était incriminé à tort, qu'il n'avait pris à aucun degré une part quelconque dans l'assassinat des soldats de l'escorte et le vol des diamants, que l'instruction avait fait fausse route, – en un mot, que Joam Dacosta était innocent.

Et pourtant, cette conviction, l'avocat Ribeiro, quels que fussent son talent et son zèle, ne parvint pas à la faire passer dans l'esprit du jury. Sur qui pouvait-il détourner la présomption du crime ? Si ce n'était pas Joam Dacosta, placé dans toutes les conditions voulues pour informer les malfaiteurs de ce départ secret du convoi, qui était-ce ? L'employé, qui accompagnait l'escorte, avait succombé avec la plupart des soldats, et les soupçons ne pouvaient se porter sur lui. Tout concourait donc à faire de Joam Dacosta l'unique et véritable auteur du crime.

Ribeiro le défendit avec une chaleur extrême ! Il y mit tout son cœur !... Il ne réussit pas à le sauver. Le verdict du jury fut affirmatif sur toutes les questions. Joam Dacosta, convaincu de meurtre avec l'aggravation de la préméditation, n'obtint même pas le bénéfice des circonstances atténuantes et s'entendit condamner à mort.

Aucun espoir ne pouvait rester à l'accusé. Aucune commutation de peine n'était possible, puisqu'il s'agissait d'un crime relatif à l'arrayal diamantin. Le condamné était perdu... Mais, pendant la nuit qui précéda l'exécution, lorsque le gibet était déjà dressé, Joam Dacosta parvint à s'enfuir de la prison de Villa-Rica... On sait le reste.

Vingt ans plus tard, l'avocat Ribeiro était nommé juge de droit à Manao. Au fond de sa retraite, le fazender d'Iquitos apprit ce changement et vit là une heureuse circonstance, qui pouvait amener la révision de son procès avec quelques chances de réussite. Il savait que les anciennes convictions de l'avocat à



son sujet devaient se retrouver intacts dans l'esprit du juge. Il résolut donc de tout tenter pour arriver à la réhabilitation. Sans la nomination de Ribeiro aux fonctions de magistrat suprême dans la province des Amazones, peut-être eût-il hésité, car il n'avait aucune nouvelle preuve matérielle de son innocence à produire. Peut-être, quoique cet honnête homme souffrit terriblement d'en être réduit à se cacher dans l'exil d'Iquitos, peut-être eût-il demandé au temps d'éteindre plus encore les souvenirs de cette horrible affaire, mais une circonstance le mit en demeure d'agir sans plus tarder.

En effet, bien avant que Yaquita ne lui en eût parlé, Joam Dacosta avait reconnu que Manoel aimait sa fille. Cette union du jeune médecin militaire et de la jeune fille lui convenait sous tous les rapports. Il était évident qu'une demande en mariage se ferait un jour ou l'autre, et Joam ne voulut pas être pris au dépourvu.

Mais alors cette pensée qu'il lui faudrait marier sa fille sous un nom qui ne lui appartenait pas, que Manoel Valdez, croyant entrer dans la famille Garral, entrerait dans la famille Dacosta, dont le chef n'était qu'un fugitif toujours sous le coup d'une condamnation capitale, cette pensée lui fut intolérable. Non ! ce mariage ne se ferait pas dans ces conditions où s'était accompli le sien propre ! Non ! jamais !

On se rappelle ce qui s'était passé à cette époque. Quatre ans après que le jeune commis, déjà l'associé de Magalhaës, fut arrivé à la fazenda d'Iquitos, le vieux Portugais avait été rapporté à la ferme mortellement blessé. Quelques jours seulement lui restaient à vivre. Il s'effraya à la pensée que sa fille allait rester seule, sans appui ; mais, sachant que Joam et Yaquita s'aimaient, il voulut que leur union se fit sans retard.

Joam refusa d'abord. Il offrit de rester le protecteur, le serviteur de Yaquita, sans devenir son mari... Les instances de Magalhaës mourant furent telles que toute résistance devint impossible. Yaquita mit sa main dans la main de Joam, et Joam ne la retira pas.

Oui ! c'était là un fait grave ! Oui ! Joam Dacosta aurait dû ou tout avouer ou fuir à jamais cette maison dans laquelle il avait été si hospitalièrement reçu, cet établissement dont il faisait la prospérité ! Oui ! tout dire plutôt que de donner à la fille de son bienfaiteur un nom qui n'était pas le sien, le nom d'un condamné à mort pour crime d'assassinat, si innocent qu'il fût devant Dieu !

Mais les circonstances pressaient, le vieux fazender allait mourir, ses mains se tendirent vers les jeunes gens !... Joam Dacosta se tut, le mariage

s'accomplit, et toute la vie du jeune fermier fut consacrée au bonheur de celle qui était devenue sa femme.

« Le jour où je lui avouerai tout, répétait Joam, Yaquita me pardonnera ! Elle ne doutera pas de moi un instant ! Mais si j'ai dû la tromper, je ne tromperai pas l'honnête homme qui voudra entrer dans notre famille en épousant Minha ! Non ! plutôt me livrer et en finir avec cette existence ! »

Cent fois, sans doute, Joam Dacosta eut la pensée de dire à sa femme ce qu'avait été son passé ! Oui ! l'aveu était sur ses lèvres, surtout lorsqu'elle le priait de la conduire au Brésil, de faire descendre à sa fille et à elle ce beau fleuve des Amazones ! Il connaissait assez Yaquita pour être sûr qu'elle ne sentirait pas s'amoindrir en elle l'affection qu'elle avait pour lui !... Le courage lui manqua !

Qui ne le comprendrait, en présence de tout ce bonheur de famille qui s'épanouissait autour de lui, qui était son œuvre et qu'il allait peut-être briser sans retour !

Telle fut sa vie pendant de longues années, telle fut la source sans cesse renaissante de ces effroyables souffrances dont il garda le secret, telle fut enfin la vie de cet homme, qui n'avait pas un acte à cacher, et qu'une suprême injustice obligeait à se cacher lui-même !

Mais enfin le jour où il ne dut plus douter de l'amour de Manoel pour Minha, où il put calculer qu'une année ne s'écoulerait pas sans qu'il fût dans la nécessité de donner son consentement à ce mariage, il n'hésita plus et se mit en mesure d'agir à bref délai.

Une lettre de lui, adressée au juge Ribeiro, apprit en même temps à ce magistrat le secret de l'existence de Joam Dacosta, le nom sous lequel il se cachait, l'endroit où il vivait avec sa famille, et, en même temps, son intention formelle de venir se livrer à la justice de son pays et de poursuivre la révision d'un procès d'où sortirait pour lui ou la réhabilitation ou l'exécution de l'unique jugement rendu à Villa-Rica.

Quels furent les sentiments qui éclatèrent dans le cœur de l'honnête magistrat ? On le devine aisément. Ce n'était plus à l'avocat que s'adressait l'accusé, c'était au juge suprême de la province qu'un condamné faisait appel. Joam Dacosta se livrait entièrement à lui et ne lui demandait même pas le secret.

Le juge Ribeiro, tout d'abord troublé par cette révélation inattendue, se remit bientôt et pesa scrupuleusement les devoirs que lui imposait sa situation. C'était à lui qu'incombait la charge de poursuivre les criminels, et voilà qu'un

criminel venait se remettre entre ses mains. Ce criminel, il est vrai, il l'avait défendu ; il ne doutait pas qu'il eût été injustement condamné ; sa joie avait été grande de le voir échapper par la fuite au dernier supplice ; au besoin même, il eût provoqué, il eût facilité son évasion !... Mais ce que l'avocat eût fait autrefois, le magistrat pouvait-il le faire aujourd'hui ?

« Eh bien, oui ! se dit le juge, ma conscience m'ordonne de ne pas abandonner ce juste ! La démarche qu'il fait aujourd'hui est une nouvelle preuve de sa non-culpabilité, une preuve morale, puisqu'il ne peut en apporter d'autres, mais peut-être la plus convaincante de toutes ! Non ! je ne l'abandonnerai pas ! »

À partir de ce jour, une secrète correspondance s'établit entre le magistrat et Joam Dacosta. Ribeiro engagea tout d'abord son client à ne pas se compromettre par un acte imprudent. Il voulait reprendre l'affaire, revoir le dossier, réviser l'information. Il fallait savoir si rien de nouveau ne s'était produit dans l'arrayal diamantin, touchant cette cause si grave. De ces complices du crime, un de ces contrebandiers qui avaient attaqué le convoi, n'en était-il pas qui avaient été arrêtés depuis l'attentat ? Des aveux, des demi-aveux ne s'étaient-ils pas produits ? Joam Dacosta, lui, en était toujours et n'en était qu'à protester de son innocence ! Mais cela ne suffisait pas, et le juge Ribeiro voulait trouver dans les éléments mêmes de l'affaire à qui en incombait réellement la criminalité.

Joam Dacosta devait donc être prudent. Il promit de l'être. Mais ce fut une consolation immense, dans toutes ses épreuves, de retrouver chez son ancien avocat, devenu juge suprême, cette entière conviction qu'il n'était pas coupable. Oui ! Joam Dacosta, malgré sa condamnation, était une victime, un martyr, un honnête homme, à qui la société devait une éclatante réparation ! Et, lorsque le magistrat connut le passé du fazender d'Iquitos depuis sa condamnation, la situation actuelle de sa famille, toute cette vie de dévouement, de travail, employée sans relâche à assurer le bonheur des siens, il fut, non pas plus convaincu mais plus touché, et il se jura de tout faire pour arriver à la réhabilitation du condamné de Tijuco.

Pendant six mois, il y eut échange de correspondance entre ces deux hommes.

Un jour, enfin, les circonstances pressant, Joam Dacosta écrivit au juge Ribeiro :

« Dans deux mois, je serai près de vous, à la disposition du premier magistrat de la province !

Venez donc ! » répondit Ribeiro.

La jangada était prête alors à descendre le fleuve. Joam Dacosta s'y embarqua avec tous les siens, femmes, enfants, serviteurs. Pendant le voyage, au grand étonnement de sa femme et de son fils, on le sait, il ne débarqua que rarement. Le plus souvent, il restait enfermé dans sa chambre, écrivant, travaillant, non à des comptes de commerce, mais, sans en rien dire, à cette sorte de mémoire qu'il appelait : « Histoire de ma vie », et qui devait servir à la révision de son procès.

Huit jours avant sa nouvelle arrestation, faite sur la dénonciation de Torrès, qui allait devancer et peut-être anéantir ses projets, il confiait à un Indien de l'Amazonie une lettre par laquelle il prévenait le juge Ribeiro de sa prochaine arrivée.

Cette lettre partit, elle fut remise à son adresse, et le magistrat n'attendait plus que Joam Dacosta pour entamer cette grave affaire qu'il avait espoir de mener à bien.

Dans la nuit qui précéda l'arrivée de la jangada à Manao, une attaque d'apoplexie frappa le juge Ribeiro. Mais la dénonciation de Torrès, dont l'œuvre de chantage venait d'échouer devant la noble indignation de sa victime, avait été suivie d'effet. Dacosta était arrêté au milieu des siens, et son vieil avocat n'était plus là pour le défendre !

Oui ! en vérité, c'était là un terrible coup ! Quoi qu'il en soit, le sort en était jeté ; il n'y avait plus à reculer.

Joam Dacosta se redressa donc sous ce coup qui le frappait si inopinément. Ce n'était plus son honneur seulement qui était en jeu, c'était l'honneur de tous les siens !

## CHAPITRE QUATRIÈME – PREUVES MORALES

Le mandat d'arrestation décerné contre Joam Dacosta, dit Joam Garral, avait été lancé par le suppléant du juge Ribeiro, qui devait remplir les fonctions de ce magistrat dans la province des Amazones jusqu'à la nomination de son successeur.

Ce suppléant se nommait Vicente Jarriguez. C'était un petit bonhomme fort bourru, que quarante ans d'exercice et de procédure criminelle n'avaient pas contribué à rendre très bienveillant pour les accusés. Il avait instruit tant d'affaires de ce genre, jugé et condamné tant de malfaiteurs, que l'innocence d'un prévenu, quel qu'il fût, lui semblait *a priori* inadmissible. Certainement, il ne jugeait pas contre sa conscience, mais sa conscience, fortement cuirassée, ne se laissait pas facilement entamer par les incidents de l'interrogatoire ou les arguments de la défense. Comme beaucoup de présidents d'assises, il réagissait volontiers contre l'indulgence du jury, et quand, après avoir été passé au crible des enquêtes, informations, instructions, un accusé arrivait devant lui, toutes les présomptions étaient, à ses yeux, pour que cet accusé fût dix fois coupable.

Ce n'était point un méchant homme, cependant, ce Jarriguez. Nerveux, remuant, loquace, fin, subtil, il était curieux à observer avec sa grosse tête sur son petit corps, sa chevelure ébouriffée, que n'eût pas déparée la perruque à mortier des anciens temps, ses yeux percés à la vrille, dont le regard avait une étonnante acuité, son nez proéminent, avec lequel il aurait certainement gesticulé pour peu qu'il eût été mobile, ses oreilles écartées afin de mieux saisir tout ce qui se disait même hors de la portée ordinaire d'un appareil auditif, ses doigts tapotant sans cesse sur la table du tribunal, comme ceux d'un pianiste qui s'exerce à la muette, son buste trop long pour ses jambes trop courtes, et ses pieds qu'il croisait et décroisait incessamment lorsqu'il trônait sur son fauteuil de magistrat.

Dans la vie privée, le juge Jarriguez, célibataire endurci, ne quittait ses livres de droit criminel que pour la table qu'il ne dédaignait pas, le whist qu'il appréciait fort, les échecs où il était passé maître, et surtout les jeux de casse-tête chinois, énigmes, charades, rébus, anagrammes, logoglyphes et autres, dont, comme plus d'un magistrat européen, – vrais sphynx par goût comme par profession –, il faisait son passe-temps principal.

C'était un original, on le voit, et l'on voit aussi combien Joam Dacosta allait perdre à la mort du juge Ribeiro, puisque sa cause venait devant ce peu

commode magistrat. Dans l'espèce, d'ailleurs, la tâche de Jarriquez était très simplifiée. Il n'avait point à faire office d'enquêteur ou d'instructeur, non plus qu'à diriger des débats, à provoquer un verdict, à faire application d'articles du Code pénal, ni enfin à prononcer une condamnation. Malheureusement pour le fazender d'Iquitos, tant de formalités n'étaient plus nécessaires. Joam Dacosta avait été arrêté, jugé, condamné, il y avait vingt-trois ans, pour le crime de Tijuco, la prescription n'avait pas encore couvert sa condamnation, aucune demande en commutation de peine ne pouvait être introduite, aucun pourvoi en grâce ne pouvait être accueilli. Il ne s'agissait donc, en somme, que d'établir son identité, et, sur l'ordre d'exécution qui arriverait de Rio de Janeiro, la justice n'aurait plus qu'à suivre son cours.

Mais, sans doute, Joam Dacosta protesterait de son innocence, il dirait avoir été condamné injustement. Le devoir du magistrat, quelque opinion qu'il eût à cet égard, serait de l'écouter. Toute la question serait de savoir quelles preuves le condamné pourrait donner de ses assertions. Et s'il n'avait pu les apporter lors de sa comparution devant ses premiers juges, était-il maintenant en mesure de les produire ?

Là devait être tout l'intérêt de l'interrogatoire.

Il faut bien l'avouer cependant, le fait d'un contumax heureux et en sûreté à l'étranger, quittant tout, bénévolement, pour affronter la justice que son passé devait lui avoir appris à redouter, c'était là un cas curieux, rare, qui devait intéresser même un magistrat blasé sur toutes les péripéties d'un débat judiciaire. Était-ce de la part du condamné de Tijuco, fatigué de la vie, effrontée sottise ou élan d'une conscience qui veut à tout prix avoir raison d'une iniquité ? Le problème était étrange, on en conviendra.

Le lendemain de l'arrestation de Joam Dacosta, le juge Jarriquez se transporta donc à la prison de la rue de Dieu-le-Fils, où le prisonnier avait été enfermé.

Cette prison était un ancien couvent de missionnaires, élevé sur le bord de l'un des principaux iguarapés de la ville. Aux détenus volontaires d'autrefois avaient succédé dans cet édifice, peu approprié à sa nouvelle destination, les prisonniers malgré eux d'aujourd'hui. La chambre occupée par Joam Dacosta, n'était donc point une de ces tristes cellules que comporte le système pénitentiaire moderne. Une ancienne chambre de moine, avec une fenêtre, sans abat-jour, mais grillée, s'ouvrant sur un terrain vague, un banc dans un coin, une sorte de grabat dans l'autre, quelques ustensiles grossiers, rien de plus.

Ce fut de cette chambre que, ce jour-là 25 août, Joam Dacosta fut extrait vers onze heures du matin, et amené au cabinet des interrogatoires, disposé dans l'ancienne salle commune du couvent.

Le juge Jarriquez était là, devant son bureau, juché sur sa haute chaise, le dos tourné à la fenêtre, afin que sa figure demeurât dans l'ombre, tandis que celle du prévenu resterait en pleine lumière. Son greffier avait pris place à un bout de la table, la plume à l'oreille, avec l'indifférence qui caractérise ces gens de justice, prêt à consigner les demandes et les réponses.

Joam Dacosta fut introduit dans le cabinet, et, sur un signe du magistrat, les gardes qui l'avaient amené se retirèrent.

Le juge Jarriquez regarda longuement l'accusé. Celui-ci s'était incliné devant lui et gardait une attitude convenable, ni impudente, ni humble, attendant avec dignité que des demandes lui fussent posées pour y répondre.

« Votre nom ? dit le juge Jarriquez.

– Joam Dacosta.

– Votre âge ?

– Cinquante-deux ans.

– Vous demeuriez ?...

– Au Pérou, au village d'Iquitos.

– Sous quel nom ?

– Sous le nom de Garra, qui est celui de ma mère.

– Et pourquoi portiez-vous ce nom ?

Parce que, pendant vingt-trois ans, j'ai voulu me dérober aux poursuites de la justice brésilienne. »

Les réponses étaient si précises, elles semblaient si bien indiquer que Joam Dacosta était résolu à tout avouer de son passé et de son présent, que le juge Jarriquez, peu habitué à ces procédés, redressa son nez plus verticalement que d'habitude.

« Et pourquoi, reprit-il, la justice brésilienne pouvait-elle exercer des

poursuites contre vous ?

Parce que j'avais été condamné à la peine capitale, en 1826, dans l'affaire des diamants de Tijuco.

– Vous avouez donc que vous êtes Joam Dacosta ?...

– Je suis Joam Dacosta. »

Tout cela était répondu avec un grand calme, le plus simplement du monde. Aussi les petits yeux du juge Jarriquez, se dérobant sous leur paupière, semblaient-ils dire : « Voilà une affaire qui ira toute seule ! »

Seulement, le moment arrivait où allait être posée l'invariable question qui amenait l'invariable réponse des accusés de toute catégorie, protestant de leur innocence.

Les doigts du juge Jarriquez commencèrent à battre un léger trille sur la table. « Joam Dacosta, demanda-t-il, que faites-vous à Iquitos ?

– Je suis fazender, et je m'occupe de diriger un établissement agricole qui est considérable.

– Il est en voie de prospérité ?

– De très grande prospérité.

– Et depuis quand avez-vous quitté votre fazenda ?

– Depuis neuf semaines environ.

– Pourquoi ?

– À cela, monsieur, répondit Joam Dacosta, j'ai donné un prétexte, mais en réalité j'avais un motif.

– Quel a été le prétexte ?

– Le soin de conduire au Para tout un train de bois flotté et une cargaison des divers produits de l'Amazone.

– Ah ! fit le juge Jarriquez, et quel a été le véritable motif de votre départ ? » Et en posant cette question il se disait : « Nous allons donc enfin entrer dans la voie des négations et des mensonges ! »



« Le véritable motif, répondit d'une voix ferme Joam Dacosta, était la résolution que j'avais prise de venir me livrer à la justice de mon pays !

– Vous livrer ! s'écria le juge, en se relevant sur son fauteuil. Vous livrer... de vous-même ?...

– De moi-même !

– Et pourquoi ?

– Parce que j'en avais assez, parce que j'en avais trop de cette existence mensongère, de cette obligation de vivre sous un faux nom ; de cette impossibilité de pouvoir restituer à ma femme, à mes enfants celui qui leur appartient ; enfin, monsieur, parce que...

– Parce que ?...

– Je suis innocent !

« Voilà ce que j'attendais ! » se dit à part lui le juge Jarriquez.

Et tandis que ses doigts battaient une marche un peu plus accentuée, il fit un signe de tête à Joam Dacosta, qui signifiait clairement : « Allez ! racontez votre histoire ! Je la connais, mais je ne veux pas vous empêcher de la narrer à votre aise ! »

Joam Dacosta, qui ne se méprit pas à cette peu encourageante disposition d'esprit du magistrat, ne voulut pas s'en apercevoir. Il fit donc l'histoire de sa vie tout entière, il parla sobrement, sans se départir du calme qu'il s'était imposé, sans omettre aucune des circonstances qui avaient précédé ou suivi sa condamnation. Il n'insista pas autrement sur cette existence honorée et honorable qu'il avait menée depuis son évasion, ni sur ses devoirs de chef de famille, d'époux et de père, qu'il avait si dignement remplis. Il ne souligna qu'une seule circonstance, – celle qui l'avait conduit à Manao pour poursuivre la révision de son procès, provoquer sa réhabilitation, et cela sans que rien l'y obligeât.

Le juge Jarriquez, naturellement prévenu contre tout accusé, ne l'interrompit pas. Il se bornait à fermer ou à ouvrir successivement les yeux, comme un homme qui entend raconter la même histoire pour la centième fois ; et, lorsque Joam Dacosta déposa sur la table le mémoire qu'il avait rédigé, il ne fit pas un mouvement pour le prendre.

« Vous avez fini ? dit-il.

Oui, monsieur.

– Et vous persistez à soutenir que vous n’avez quitté Iquitos que pour venir réclamer la révision de votre jugement ?

– Je n’ai pas eu d’autre motif.

– Et qui le prouve ? Qui prouve que sans la dénonciation qui a amené votre arrestation, vous vous seriez livré ?

– Ce mémoire d’abord, répondit Joam Dacosta.

– Ce mémoire était entre vos mains, et rien n’atteste que, si vous n’aviez pas été arrêté, vous en auriez fait l’usage que vous dites.

– Il y a, du moins, monsieur, une pièce qui n’est plus entre mes mains, et dont l’authenticité ne peut être mise en doute.

– Laquelle ?

– La lettre que j’ai écrite à votre prédécesseur, le juge Ribeiro, lettre qui le prévenait de ma prochaine arrivée.

– Ah ! vous aviez écrit ?...

– Oui, et cette lettre, qui doit être arrivée à son adresse, ne peut tarder à vous être remise !

– Vraiment ! répondit le juge Jarriquez d’un ton quelque peu incrédule. Vous aviez écrit au juge Ribeiro ?...

– Avant d’être juge de droit de cette province, répondit Joam Dacosta, le juge Ribeiro était avocat à Villa-Rica. C’est lui qui m’a défendu au procès criminel de Tijuco. Il ne doutait pas de la bonté de ma cause. Il a tout fait pour me sauver. Vingt ans plus tard, lorsqu’il est devenu le chef de la justice à Manao, je lui ai fait savoir qui j’étais, où j’étais, ce que je voulais entreprendre. Sa conviction à mon égard n’avait pas changé, et c’est sur son conseil que j’ai quitté la fazenda pour venir, en personne, poursuivre ma réhabilitation. Mais la mort l’a frappé inopinément, et peut-être suis-je perdu, si dans le juge Jarriquez je ne retrouve pas le juge Ribeiro ! »

Le magistrat, directement interpellé, fut sur le point de bondir, au mépris de toutes les habitudes de la magistrature assise ; mais il parvint à se contenir et se borna à murmurer ces mots :

« Très fort, en vérité, très fort ! »

Le juge Jarriguez avait évidemment des calus au cœur, et il était à l'abri de toute surprise.

En ce moment, un garde entra dans le cabinet et remit un pli cacheté à l'adresse du magistrat.

Celui-ci rompit le cachet et tira une lettre de l'enveloppe. Il l'ouvrit, il la lut, non sans une certaine contraction de sourcils, et dit :

« Je n'ai aucun motif, Joam Dacosta, pour vous cacher que voici la lettre dont vous parliez, adressée par vous au juge Ribeiro, et qui m'est communiquée. Il n'y a donc plus aucune raison de douter de ce que vous avez dit à ce sujet.

– Pas plus à ce sujet, répondit Joam Dacosta, qu'au sujet de toutes les circonstances de ma vie que je viens de vous faire connaître, et dont il n'est pas permis de douter !

– Eh ! Joam Dacosta, répondit vivement le juge Jarriguez, vous protestez de votre innocence ; mais tous les accusés en font autant ! Après tout, vous ne produisez que des présomptions morales ! Avez-vous maintenant une preuve matérielle ?

Peut-être, monsieur », répondit Joam Dacosta.

Sur cette parole, le juge Jarriguez quitta son siège. Ce fut plus fort que lui, et il lui fallut deux ou trois tours de chambre pour se remettre.

## CHAPITRE CINQ UIÈME – PREUVES MATÉRIELLES

Lorsque le magistrat eut repris sa place, en homme qui croyait être redevenu parfaitement maître de lui-même, il se renversa sur son fauteuil, la tête relevée, les yeux au plafond, et du ton de la plus parfaite indifférence, sans même regarder l'accusé :

« Parlez », dit-il.

Joam Dacosta se recueillit un instant, comme s'il eût hésité à rentrer dans cet ordre d'idées, et répondit en ces termes :

« Jusqu'ici, monsieur, je ne vous ai donné de mon innocence que des présomptions morales, basées sur la dignité, sur la convenance, sur l'honnêteté de ma vie tout entière. J'aurais cru que ces preuves étaient les plus dignes d'être apportées en justice... »

Le juge Jarriguez ne put retenir un mouvement d'épaules, indiquant que tel n'était pas son avis.

« Puisqu'elles ne suffisent pas, voici quelles sont les preuves matérielles que je suis peut-être en mesure de produire, reprit Joam Dacosta. Je dis « peut-être », car je ne sais pas encore quel crédit il convient de leur accorder. Aussi monsieur, n'ai-je parlé de cela ni à ma femme ni à mes enfants, ne voulant pas leur donner un espoir qui pourrait être déçu.

Au fait, répondit le juge Jarriguez.

– J'ai tout lieu de croire, monsieur, que mon arrestation, la veille de l'arrivée de la jangada à Manao, a été motivée par une dénonciation adressée au chef de police.

– Vous ne vous trompez pas, Joam Dacosta, mais je dois vous dire que cette dénonciation est anonyme.

– Peu importe, puisque je sais qu'elle n'a pu venir que d'un misérable, appelé Torrès.

– Et de quel droit, demanda le juge Jarriguez, traitez-vous ainsi ce... dénonciateur ?

– Un misérable, oui, monsieur ! répondit vivement Joam Dacosta. Cet homme, que j'avais hospitalièrement accueilli, n'était venu à moi que pour me proposer d'acheter son silence, pour m'offrir un marché odieux, que je n'aurai jamais le regret d'avoir repoussé, quelles que soient les conséquences de sa dénonciation !

– Toujours ce système ! pensa le juge Jarriquez : « accuser les autres pour se décharger soi-même ! »

Mais il n'en écouta pas moins avec une extrême attention le récit que lui fit Joam Dacosta de ses relations avec l'aventurier, jusqu'au moment où Torrès vint lui apprendre qu'il connaissait et qu'il était à même de révéler le nom du véritable auteur de l'attentat de Tijuco.

« Et quel est le nom du coupable ? demanda le juge Jarriquez, ébranlé dans son indifférence.

– Je l'ignore, répondit Joam Dacosta. Torrès s'est bien gardé de me le nommer.

– Et ce coupable est vivant ?...

– Il est mort. » Les doigts du juge Jarriquez tambourinèrent plus rapidement, et il ne put se retenir de répondre :

« L'homme qui pourrait apporter la preuve de l'innocence d'un accusé est toujours mort !

– Si le vrai coupable est mort, monsieur, répondit Joam Dacosta, Torrès, du moins, est vivant, et cette preuve écrite tout entière de la main de l'auteur du crime, il m'a affirmé l'avoir entre les mains ! Il m'a offert de me la vendre !

– Eh ! Joam Dacosta, répondit le juge Jarriquez, ce n'eût pas été trop cher que la payer de toute votre fortune !

– Si Torrès ne m'avait demandé que ma fortune, je la lui aurais abandonnée, et pas un des miens n'eût protesté ! Oui, vous avez raison, monsieur, on ne peut payer trop cher le rachat de son honneur ! Mais ce misérable, me sachant à sa merci, exigeait plus que ma fortune !

– Quoi donc ?...

– La main de ma fille, qui devait être le prix de ce marché ! J'ai refusé, il m'a dénoncé, et voilà pourquoi je suis maintenant devant vous !

– Et si Torrès ne vous eût pas dénoncé, demanda le juge Jarriguez, si Torrès ne se fût pas rencontré sur votre passage, qu'eussiez-vous fait en apprenant à votre arrivée ici la mort du juge Ribeiro ? Seriez-vous venu vous livrer à la justice ?...

– Sans aucune hésitation, monsieur, répondit Joam Dacosta d'une voix ferme, puisque, je vous le répète, je n'avais pas d'autre but en quittant Iquitos pour venir à Manao. »

Cela fut dit avec un tel accent de vérité, que le juge Jarriguez sentit une sorte d'émotion le pénétrer dans cet endroit du cœur où les convictions se forment ; mais il ne se rendit pas encore.

Il ne faudrait pas s'en étonner. Magistrat, procédant à cet interrogatoire, il ne savait rien de ce que savent ceux qui ont suivi Torrès depuis le commencement de ce récit. Ceux-là ne peuvent douter que Torrès n'ait entre les mains la preuve matérielle de l'innocence de Joam Dacosta. Ils ont la certitude que le document existe, qu'il contient cette attestation, et peut-être seront-ils portés à penser que le juge Jarriguez fait montre d'une impitoyable incrédulité. Mais qu'ils songent à ceci : c'est que le juge Jarriguez n'est pas dans leur situation ; il est habitué à ces invariables protestations des prévenus que la justice lui envoie ; ce document qu'invoque Joam Dacosta, il ne lui est pas produit ; il ne sait même pas s'il existe réellement, et, en fin de compte, il se trouve en présence d'un homme dont la culpabilité a pour lui force de chose jugée.

Cependant il voulut, par curiosité peut-être, pousser Joam Dacosta jusque dans ses derniers retranchements.

« Ainsi, lui dit-il, tout votre espoir repose maintenant sur la déclaration que vous a faite ce Torrès ?

– Oui, monsieur, répondit Joam Dacosta, si ma vie entière ne plaide pas pour moi !

– Où pensez-vous que soit Torrès actuellement ?

– Je pense qu'il doit être à Manao.

– Et vous espérez qu'il parlera, qu'il consentira à vous remettre bénévolement ce document que vous avez refusé de lui payer du prix qu'il en demandait ?

– Je l’espère, monsieur, répondit Joam Dacosta. La situation, maintenant, n’est plus la même pour Torrès. Il m’a dénoncé, et par conséquent il ne peut plus conserver un espoir quelconque de reprendre son marché dans les conditions où il voulait le conclure. Mais ce document peut encore lui valoir une fortune, qui, si je suis acquitté ou condamné, lui échappera à jamais. Or, puisque son intérêt est de me vendre ce document, sans que cela puisse lui nuire en aucune façon, je pense qu’il agira suivant son intérêt. »

Le raisonnement de Joam Dacosta était sans réplique. Le juge Jarriguez le sentit bien. Il n’y fit que la seule objection possible :

« Soit, dit-il, l’intérêt de Torrès est sans aucun doute de vous vendre ce document... si ce document existe !

S’il n’existe pas, monsieur, répondit Joam Dacosta d’une voix pénétrante, je n’aurai plus qu’à m’en rapporter à la justice des hommes, en attendant la justice de Dieu ! »

Sur ces paroles, le juge Jarriguez se leva, et, d’un ton moins indifférent, cette fois :

« Joam Dacosta, dit-il, en vous interrogeant ici, en vous laissant raconter les particularités de votre vie et protester de votre innocence, je suis allé plus loin que ne le voulait mon mandat. Une information a déjà été faite sur cette affaire, et vous avez comparu devant le jury de Villa-Rica, dont le verdict a été rendu à l’unanimité des voix, sans admission de circonstances atténuantes. Vous avez été condamné pour instigation et complicité dans l’assassinat des soldats et le vol des diamants de Tijuco, la peine capitale a été prononcée contre vous, et ce n’a été que par une évasion que vous avez pu échapper au supplice. Mais, que vous soyez venu vous livrer ou non à la justice, après vingt-trois ans, vous n’en avez pas moins été repris. Une dernière fois, vous reconnaissez que vous êtes bien Joam Dacosta, le condamné dans l’affaire de l’arrayal diamantin ?

– Je suis Joam Dacosta.

– Vous êtes prêt à signer cette déclaration ?

– Je suis prêt. »

Et d’une main qui ne tremblait pas, Joam Dacosta apposa son nom au bas du procès-verbal et du rapport que le juge Jarriguez venait de faire rédiger par son greffier.

« Le rapport, adressé au ministère de la justice va partir pour Rio de Janeiro, dit le magistrat. Plusieurs jours s'écouleront avant que nous recevions l'ordre de faire exécuter le jugement qui vous condamne. Si donc, comme vous le dites, ce Torrès possède la preuve de votre innocence, faites par vous-même, par les vôtres, faites tout au monde pour qu'il la produise en temps utile ! L'ordre arrivé, aucun sursis ne serait possible, et la justice suivrait son cours ! »

Joam Dacosta s'inclina. « Me sera-t-il permis de voir maintenant ma femme, mes enfants ? demanda-t-il.

Dès aujourd'hui, si vous le voulez, répondit le juge Jarriguez. Vous n'êtes plus au secret, et ils seront introduits près de vous, dès qu'ils se présenteront. »

Le magistrat donna alors un coup de sonnette. Des gardes entrèrent dans le cabinet et emmenèrent Joam Dacosta.

Le juge Jarriguez le regarda partir, en secouant la tête.

« Eh ! eh ! cela est véritablement plus étrange que je ne l'aurais pensé ! » murmura-t-il.



## CHAPITRE SIXIÈME – LE DERNIER COUP

Pendant que Joam Dacosta subissait cet interrogatoire, Yaquita, sur une démarche faite par Manoel, apprenait que ses enfants et elle seraient admis à voir le prisonnier, le jour même, vers quatre heures du soir.

Depuis la veille, Yaquita n'avait pas quitté sa chambre. Minha et Lina s'y tenaient près d'elle, en attendant le moment où il lui serait permis de revoir son mari. Yaquita Garral ou Yaquita Dacosta, il retrouverait en elle la femme dévouée, la vaillante compagne de toute sa vie.

Ce jour-là, vers onze heures, Benito rejoignit Manoel et Fragoso qui causaient sur l'avant de la jangada.

« Manoel, dit-il, j'ai un service à te demander.

– Lequel ?

– À vous aussi, Fragoso.

– Je suis à vos ordres, monsieur Benito, répondit le barbier.

– De quoi s'agit-il ? demanda Manoel, en observant son ami, dont l'attitude était celle d'un homme qui a pris une inébranlable résolution.

– Vous croyez toujours à l'innocence de mon père, n'est-ce pas ? dit Benito.

– Ah ! s'écria Fragoso, je croirais plutôt que c'est moi qui ai commis le crime !

– Eh bien, il faut aujourd'hui même mettre à exécution le projet que j'avais formé hier.

– Retrouver Torrès ? demanda Manoel.

– Oui, et savoir de lui comment il a découvert la retraite de mon père ! Il y a dans tout cela d'inexplicables choses ! L'a-t-il connu autrefois ? je ne puis le comprendre, puisque mon père n'a pas quitté Iquitos depuis plus de vingt ans, et que ce misérable en a trente à peine ! Mais la journée ne s'achèvera pas avant

que je le sache, ou malheur à Torrès ! »

La résolution de Benito n'admettait aucune discussion. Aussi, ni Manoel, ni Fragoso n'eurent-ils la pensée de le détourner de son projet.

« Je vous demande donc, reprit Benito, de m'accompagner tous les deux. Nous allons partir à l'instant. Il ne faut pas attendre que Torrès ait quitté Manao. Il n'a plus à vendre son silence maintenant, et l'idée peut lui en venir. Partons ! »

Tous trois débarquèrent sur la berge du rio Negro et se dirigèrent vers la ville.

Manao n'était pas si considérable qu'elle ne pût être fouillée en quelques heures. On irait de maison en maison, s'il le fallait, pour y chercher Torrès ; mais mieux valait s'adresser tout d'abord aux maîtres des auberges ou des lojas, où l'aventurier avait pu se réfugier. Sans doute, l'ex-capitaine des bois n'aurait pas donné son nom, et il avait peut-être des raisons personnelles d'éviter tout rapport avec la justice. Toutefois, s'il n'avait pas quitté Manao, il était impossible qu'il échappât aux recherches des jeunes gens. En tout cas, il ne pouvait être question de s'adresser à la police, car il était très probable, – cela était effectivement, on le sait –, que sa dénonciation avait été anonyme.

Pendant une heure, Benito, Manoel et Fragoso coururent les rues principales de la ville, interrogeant les marchands dans leurs boutiques, les cabaretiers dans leurs lojas, les passants eux-mêmes, sans que personne pût reconnaître l'individu dont ils donnaient le signalement avec une extrême précision.

Torrès avait-il donc quitté Manao ? Fallait-il perdre tout espoir de le rejoindre ?

Manoel essayait en vain de calmer Benito dont la tête était en feu. Coûte que coûte, il lui fallait Torrès !

Le hasard allait le servir, et ce fut Fragoso qui fut enfin mis sur la véritable piste.

Dans une auberge de la rue de Dieu-le-Saint-Esprit, au signalement qu'il donna de l'aventurier, on lui répondit que l'individu en question était descendu la veille dans la loja.

« A-t-il couché dans l'auberge ? demanda Fragoso.

– Oui, répondit l'aubergiste.

– Est-il là en ce moment ?

– Non, il est sorti.

– Mais a-t-il réglé son compte comme un homme qui se dispose à partir ?

– En aucune façon ; il a quitté sa chambre depuis une heure, et il rentrera sans doute pour le souper.

– Savez-vous quel chemin il a pris en sortant ?

– On l'a vu se diriger vers l'Amazone, en descendant parla basse ville, et il est probable qu'on le rencontrerait de ce côté. »

Fragoso n'avait pas à en demander davantage. Quelques instants après, il retrouvait les deux jeunes gens et leur disait : « Je suis sur la piste de Torrès.

Il est là ! s'écria Benito.

– Non, il vient de sortir, et on l'a vu se diriger à travers la campagne, du côté de l'Amazone.

– Marchons ! » répondit Benito. Il fallait redescendre vers le fleuve, et le plus court fut de prendre la rive gauche du rio Negro jusqu'à son embouchure.

Benito et ses compagnons eurent bientôt laissé en arrière les dernières maisons de la ville, et ils suivirent la berge, mais en faisant un détour pour ne pas passer en vue de la jangada.

La plaine était déserte à cette heure. Le regard pouvait se porter au loin, à travers cette campine, où les champs cultivés avaient remplacé les forêts d'autrefois.

Benito ne parlait pas : il n'aurait pu prononcer une parole. Manoel et Fragoso respectaient son silence. Ils allaient ainsi tous trois, ils regardaient, ils parcouraient l'espace depuis la rive du rio Negro jusqu'à la rive de l'Amazone. Trois quarts d'heure après avoir quitté Manao, ils n'avaient encore rien aperçu.

Une ou deux fois, des Indiens qui travaillaient à la terre furent rencontrés ; Manoel les interrogea, et l'un d'eux lui apprit enfin qu'un homme, ressemblant à celui qu'on lui désignait, venait de passer en se dirigeant vers l'angle formé par les deux cours d'eau à leur confluent.

Sans en demander davantage, Benito, par un mouvement irrésistible, se jeta en avant, et ses deux compagnons durent se hâter, afin de ne pas se laisser distancer par lui.

La rive gauche de l'Amazone apparaissait alors à moins d'un quart de mille. Une sorte de falaise s'y dessinait en cachant une partie de l'horizon, et limitait la portée du regard à un rayon de quelques centaines de pas.

Benito, précipitant sa course, disparut bientôt derrière l'une de ces tumescences sablonneuses.

« Plus vite ! plus vite ! dit Manoel à Frago. Il ne faut pas le laisser seul un instant ! »

Et tous deux se jetaient dans cette direction, quand un cri se fit entendre.

Benito avait-il aperçu Torrès ? Celui-ci l'avait-il vu ? Benito et Torrès s'étaient-ils déjà rejoints ?

Manoel et Frago, cinquante pas plus loin, après avoir rapidement tourné une des pointes de la berge, voyaient deux hommes arrêtés en face l'un de l'autre.

C'était Torrès et Benito.

En un instant, Manoel et Frago furent à leur côté.

On aurait pu croire que dans l'état d'exaltation où se trouvait Benito, il lui aurait été impossible de se contenir, au moment où il se retrouverait en présence de l'aventurier.

Il n'en fut rien.

Dès que le jeune homme se vit devant Torrès, lorsqu'il eut la certitude que celui-ci ne pouvait plus lui échapper, un changement complet se fit dans son attitude, sa poitrine se dégonfla, il retrouva tout son sang-froid, il redevint maître de lui.

Ces deux hommes, depuis quelques instants, se regardaient sans prononcer une parole.

Ce fut Torrès, le premier, qui rompit le silence, et de ce ton d'effronterie dont il avait l'habitude :

« Ah ! fit-il, monsieur Benito Garra ! »

Non ! Benito Dacosta ! répondit le jeune homme.

En effet, reprit Torrès, monsieur Benito Dacosta, accompagné de monsieur Manoel Valdez et de mon ami Fragoso ! »

Sur cette qualification outrageante que lui donnait l'aventurier, Fragoso, très disposé à lui faire un mauvais parti, allait s'élançer, lorsque Benito, toujours impassible, le retint :

« Qu'est-ce qui vous prend, mon brave ? s'écria Torrès en reculant de quelques pas. Eh ! je crois que je ferais bien de me tenir sur mes gardes ! »

Et, tout en parlant, il tira de son poncho une manchetta, cette arme offensive ou défensive, – au choix –, qui ne quitte jamais un Brésilien. Puis, à demi courbé, il attendit de pied ferme.

« Je suis venu vous chercher, Torrès, dit alors Benito, qui n'avait pas bougé devant cette attitude provocatrice.

– Me chercher ? répondit l'aventurier. Je ne suis pas difficile à rencontrer ! Et pourquoi me cherchiez-vous ?

– Afin d'apprendre de votre bouche ce que vous paraissez savoir du passé de mon père !

– Vraiment !

– Oui ! j'attends que vous me disiez comment vous l'avez reconnu, pourquoi vous étiez à rôder autour de notre fazenda dans les forêts d'Iquitos, pourquoi vous l'attendiez à Tabatinga ?...

– Eh bien ! il me semble que rien n'est plus clair ! répondit Torrès en ricanant. Je l'ai attendu pour m'embarquer sur sa jangada, et je me suis embarqué dans l'intention de lui faire une proposition très simple... qu'il a peut-être eu tort de rejeter ! »

À ces mots, Manoel ne put se retenir. La figure pâle, l'œil en feu, il marcha sur Torrès. Benito, voulant épuiser tous les moyens de conciliation, s'interposa entre l'aventurier et lui. « Contiens-toi, Manoel, dit-il. Je me contiens bien, moi ! » Puis reprenant : « En effet, Torrès, je sais quelles sont les raisons qui vous ont fait prendre passage à bord de la jangada. Possesseur d'un secret qui vous a été livré sans doute, vous avez voulu faire œuvre de chantage ! Mais ce

n'est pas de cela qu'il s'agit maintenant.

– Et de quoi ?

– Je veux savoir comment vous avez pu reconnaître Joam Dacosta dans le fazender d'Iquitos !

– Comment j'ai pu le reconnaître ! répondit Torrès, ce sont mes affaires, cela, et je n'éprouve pas le besoin de vous les raconter ! L'important, c'est que je ne me sois pas trompé, lorsque j'ai dénoncé en lui le véritable auteur du crime de Tijuco !

– Vous me direz !... s'écria Benito, qui commençait à perdre la possession de lui-même.

– Je ne dirai rien ! riposta Torrès. Ah ! Joam Dacosta a repoussé mes propositions ! Il a refusé de m'admettre dans sa famille ! Eh bien ! maintenant que son secret est connu, qu'il est arrêté, c'est moi qui refuserai d'entrer dans sa famille, la famille d'un voleur, d'un assassin, d'un condamné que le gibet attend !

– Misérable ! » s'écria Benito, qui, à son tour, tira une manchetta de sa ceinture et se mit sur l'offensive. Manoel et Frago, par un mouvement identique, s'étaient aussi rapidement armés. « Trois contre un ! dit Torrès.

Non ! Un contre un ! répondit Benito.

– Vraiment ! J'aurais plutôt cru à un assassinat de la part du fils d'un assassin !

– Torrès ! s'écria Benito, défends-toi, ou je te tue comme un chien enragé !

– Enragé, soit ! répondit Torrès. Mais je mords, Benito Dacosta, et gare aux morsures ! » Puis, ramenant à lui sa manchetta, il se mit en garde, prêt à s'élaner sur son adversaire.

Benito avait reculé de quelques pas.

« Torrès, dit-il, en reprenant tout le sang-froid qu'il avait un instant perdu, vous étiez l'hôte de mon père, vous l'avez menacé, vous l'avez trahi, vous l'avez dénoncé, vous avez accusé un innocent, et, avec l'aide de Dieu, je vais vous tuer ! »

Le plus insolent sourire s'ébaucha sur les lèvres de Torrès. Peut-être ce

misérable eut-il, en ce moment, la pensée d'empêcher tout combat entre Benito et lui, et il le pouvait. En effet, il avait compris que Joam Dacosta n'avait rien dit de ce document qui renfermait la preuve matérielle de son innocence.

Or, en révélant à Benito que lui, Torrès, possédait cette preuve, il l'eût à l'instant désarmé. Mais, outre qu'il voulait attendre au dernier moment, sans doute afin de tirer un meilleur prix de ce document, le souvenir des insultantes paroles du jeune homme, la haine qu'il portait à tous les siens, lui fit oublier même son intérêt.

D'ailleurs, très accoutumé au maniement de la manchetta, dont il avait souvent eu l'occasion de se servir, l'aventurier était robuste, souple, adroit. Donc, contre un adversaire, âgé de vingt ans à peine, qui ne pouvait avoir ni sa force ni son adresse, les chances étaient pour lui.

Aussi Manoel, dans un dernier effort, voulut-il insister pour se battre à la place de Benito.

« Non, Manoel, répondit froidement le jeune homme, c'est à moi seul de venger mon père, et, comme il faut que tout ici se passe dans les règles, tu seras mon témoin !

Benito !...

– Quant à vous, Fragoso, vous ne me refuserez pas si je vous prie de servir de témoin à cet homme ?

– Soit, répondit Fragoso, quoiqu'il n'y ait aucun honneur à cela ! – Moi, sans tant de cérémonies, ajouta-t-il, je l'aurais tout bonnement tué comme une bête fauve ! »

L'endroit où le combat allait avoir lieu était une berge plate, qui mesurait environ quarante pas de largeur et dominait l'Amazone d'une quinzaine de pieds. Elle était coupée à pic, par conséquent très accore. À sa partie inférieure, le fleuve coulait lentement, en baignant les paquets de roseaux qui hérissaient sa base.

Il n'y avait donc que peu de marge dans le sens de la largeur de cette berge, et celui des deux adversaires qui céderait serait bien vite acculé à l'abîme.

Le signal donné par Manoel, Torrès et Benito marchèrent l'un sur l'autre. Benito se possédait alors entièrement. Défenseur d'une sainte cause, son sang-froid l'emportait, et de beaucoup, sur celui de Torrès, dont la conscience, si

insensible, si endurcie qu'elle fût, devait en ce moment troubler le regard.

Lorsque tous deux se furent rejoints, le premier coup fut porté par Benito. Torrès le para. Les deux adversaires reculèrent alors ; mais, presque aussitôt, ils revenaient l'un sur l'autre, ils se saisissaient de la main gauche à l'épaule... Ils ne devaient plus se lâcher.

Torrès, plus vigoureux, lança latéralement un coup de sa manchetta, que Benito ne put entièrement esquiver. Son flanc droit fut atteint, et l'étoffe de son poncho se rougit de sang. Mais il riposta vivement et blessa légèrement Torrès à la main.

Divers coups furent alors échangés sans qu'aucun fût décisif. Le regard de Benito, toujours silencieux, plongeait dans les yeux de Torrès, comme une lame qui s'enfonce jusqu'au cœur. Visiblement, le misérable commençait à se démonter. Il recula donc peu à peu, poussé par cet implacable justicier, qui était plus décidé à prendre la vie du dénonciateur de son père qu'à défendre la sienne. Frapper, c'était tout ce que voulait Benito, lorsque l'autre ne cherchait déjà plus qu'à parer ses coups.

Bientôt Torrès se vit acculé à la lisière même de la berge, en un endroit où, légèrement évidée, elle surplombait le fleuve. Il comprit le danger, il voulut reprendre l'offensive et regagner le terrain perdu... Son trouble s'accroissait, son regard livide s'éteignait sous ses paupières... Il dut enfin se courber sous le bras qui le menaçait.

« Meurs donc ! » cria Benito.

Le coup fut porté en pleine poitrine, mais la pointe de la manchetta s'émoussa sur un corps dur, caché sous le poncho de Torrès.

Benito redoubla son attaque. Torrès, dont la riposte n'avait pas atteint son adversaire, se sentit perdu. Il fut encore obligé de reculer. Alors il voulut crier... crier que la vie de Joam Dacosta était attachée à la sienne !... Il n'en eut pas le temps.

Un second coup de la manchetta s'enfonça, cette fois, jusqu'au cœur de l'aventurier. Il tomba en arrière, et, le sol lui manquant soudain, il fut précipité en dehors de la berge. Une dernière fois ses mains se raccrochèrent convulsivement à une touffe de roseaux, mais elles ne purent l'y retenir... Il disparut sous les eaux du fleuve. Benito était appuyé sur l'épaule de Manoel ; Fragoso lui serrait les mains. Il ne voulut même pas donner à ses compagnons le temps de panser sa blessure, qui était légère.



« À la jangada, dit-il, à la jangada ! Manoel et Fragoso, sous l'empire d'une émotion profonde, le suivirent sans ajouter une parole.

Un quart d'heure après, tous trois arrivaient près de la berge à laquelle la jangada était amarrée. Benito et Manoel se précipitaient dans la chambre de Yaquita et de Minha, et ils les mettaient toutes deux au courant de ce qui venait de se passer.

« Mon fils ! mon frère ! »

Ces cris étaient partis à la fois.

– À la prison !... dit Benito.

– Oui !... viens !... viens !... » répondit Yaquita.

Benito, suivi de Manoel, entraîna sa mère. Tous trois débarquèrent, se dirigèrent vers Manao, et, une demi-heure plus tard, ils arrivaient devant la prison de la ville. Sur l'ordre qui avait été préalablement donné par le juge Jarriquez, on les introduisit immédiatement et ils furent conduits à la chambre occupée par le prisonnier.

La porte s'ouvrit. Joam Dacosta vit entrer sa femme, son fils et Manoel.  
« Ah ! Joam, mon Joam ! s'écria Yaquita.

Yaquita ! ma femme ! mes enfants ! répondit le prisonnier, qui leur ouvrit ses bras et les pressa sur son cœur.

– Mon Joam innocent !

– Innocent et vengé !... s'écria Benito.

– Vengé ! Que veux-tu dire ?

Torrès est mort, mon père, et mort de ma main ! » Ses mains se raccrochèrent convulsivement. « Mort !... Torrès !... mort !... s'écria Joam Dacosta. Ah ! mon fils !... tu m'as perdu ! »

## CHAPITRE SEPTIÈME – RÉOLUTIONS

Quelques heures plus tard, toute la famille, revenue à la jangada, était réunie dans la salle commune. Tous étaient là, – moins ce juste qu'un dernier coup venait de frapper !

Benito, atterré, s'accusait d'avoir perdu son père. Sans les supplications de Yaquita, de sa sœur, du padre Passanha, de Manoel, le malheureux jeune homme se serait peut-être porté, dans les premiers moments de son désespoir, à quelque extrémité sur lui-même. Mais on ne l'avait pas perdu de vue, on ne l'avait pas laissé seul. Et pourtant, quelle plus noble conduite que la sienne ! N'était-ce pas une légitime vengeance qu'il avait exercée contre le dénonciateur de son père !

Ah ! pourquoi Joam Dacosta n'avait-il pas tout dit avant de quitter la jangada ! Pourquoi avait-il voulu se réserver de ne parler qu'au juge de cette preuve matérielle de sa non-culpabilité ! Pourquoi, dans son entretien avec Manoel, après l'expulsion de Torrès, s'était-il tu sur ce document que l'aventurier prétendait avoir entre les mains ! Mais, après tout, quelle foi devait-il ajouter à ce que lui avait dit Torrès ? Pouvait-il être certain qu'un tel document fut en la possession de ce misérable ?

Quoi qu'il en soit, la famille savait tout maintenant, et de la bouche même de Joam Dacosta. Elle savait qu'au dire de Torrès, la preuve de l'innocence du condamné de Tijuco existait réellement ! que ce document avait été écrit de la main même de l'auteur de l'attentat ; que ce criminel, pris de remords, au moment de mourir, l'avait remis à son compagnon Torrès, et que celui-ci, au lieu de remplir les volontés du mourant, avait fait de la remise de ce document une affaire de chantage !... Mais elle savait aussi que Torrès venait de succomber dans ce duel, que son corps s'était englouti dans les eaux de l'Amazone, et qu'il était mort, sans même avoir prononcé le nom du vrai coupable !

À moins d'un miracle, Joam Dacosta, maintenant, devait être considéré comme irrémisiblement perdu. La mort du juge Ribeiro, d'une part, la mort de Torrès de l'autre, c'était là un double coup dont il ne pourrait se relever !

Il convient de dire ici que l'opinion publique à Manao, injustement passionnée comme toujours, était toute contre le prisonnier. L'arrestation si inattendue de Joam Dacosta remettait en mémoire cet horrible attentat de Tijuco, oublié depuis vingt-trois ans. Le procès du jeune employé des mines de l'arrayal

diamantin, sa condamnation à la peine capitale, son évasion, quelques heures avant le supplice, tout fut donc repris, fouillé, commenté. Un article, qui venait de paraître dans l'*O Diario d'o Grand Para*, le plus répandu des journaux de cette région, après avoir relaté toutes les circonstances du crime, était manifestement hostile au prisonnier. Pourquoi aurait-on cru à l'innocence de Joam Dacosta, lorsqu'on ignorait tout ce que savaient les siens, – ce qu'ils étaient seuls à savoir !

Aussi la population de Manao fut-elle instantanément surexcitée. La tourbe des Indiens et des noirs, aveuglée follement, ne tarda pas à affluer autour de la prison, en poussant des cris de mort. Dans ce pays des deux Amériques, dont l'une voit trop souvent s'appliquer les odieuses exécutions de la loi de Lynch, la foule a vite fait de se livrer à ses instincts cruels, et l'on pouvait craindre qu'en cette occasion elle ne voulût faire justice de ses propres mains !

Quelle triste nuit pour les passagers de la fazenda ! Maîtres et serviteurs avaient été frappés de ce coup ! Ce personnel de la fazenda, n'était-ce pas les membres d'une même famille ? Tous, d'ailleurs, voulurent veiller pour la sûreté de Yaquita et des siens. Il y avait sur la rive du rio Negro une incessante allée et venue d'indigènes, évidemment surexcités par l'arrestation de Joam Dacosta, et qui sait à quels excès ces gens, à demi barbares, auraient pu se porter !

La nuit se passa, cependant, sans qu'aucune démonstration fût faite contre la jangada.

Le lendemain, 26 août, dès le lever du soleil, Manoel et Fragoso, qui n'avaient pas quitté Benito d'un instant pendant cette nuit d'angoisses, tentèrent de l'arracher à son désespoir. Après l'avoir emmené à l'écart, ils lui firent comprendre qu'il n'y avait plus un moment à perdre, qu'il fallait se décider à agir.

« Benito, dit Manoel, reprends possession de toi-même, redeviens un homme, redeviens un fils !

Mon père ! s'écria Benito, je l'ai tué !...

– Non, répondit Manoel, et avec l'aide du ciel, il est possible que tout ne soit pas perdu !

– Écoutez-nous, monsieur Benito », dit Fragoso. Le jeune homme, passant la main sur ses yeux, fit un violent effort sur lui-même.

« Benito, reprit Manoel, Torrès n'a jamais rien dit qui puisse nous mettre sur la trace de son passé. Nous ne pouvons donc savoir quel est l'auteur du crime de Tijuco, ni dans quelles conditions il l'a commis. Chercher de ce côté, ce serait

perdre notre temps !

Et le temps nous presse ! ajouta Fragoso.

– D’ailleurs, dit Manoel, lors même que nous parviendrions à découvrir quel a été ce compagnon de Torrès, il est mort, et il ne pourrait témoigner de l’innocence de Joam Dacosta. Mais il n’en est pas moins certain que la preuve de cette innocence existe, et il n’y a pas lieu de douter de l’existence d’un document, puisque Torrès venait en faire l’objet d’un marché. Il l’a dit lui-même. Ce document, c’est un aveu entièrement écrit de la main du coupable, qui rapporte l’attentat jusque dans ses plus petits détails, et qui réhabilite notre père ! Oui ! cent fois oui ! ce document existe !

– Mais Torrès n’existe plus, lui ! s’écria Benito, et le document a péri avec ce misérable !...

– Attends et ne désespère pas encore ! répondit Manoel. Tu te rappelles dans quelles conditions nous avons fait la connaissance de Torrès ? C’était au milieu des forêts d’Iquitos. Il poursuivait un singe, qui lui avait volé un étui de métal, auquel il tenait singulièrement, et sa poursuite durait déjà depuis deux heures lorsque ce singe est tombé sous nos balles. Eh bien, peux-tu croire que ce soit pour les quelques pièces d’or enfermées dans cet étui que Torrès avait mis un tel acharnement à le ravoïr, et ne te souviens-tu pas de l’extraordinaire satisfaction qu’il laissa paraître lorsque tu lui remis cet étui, arraché à la main du singe ?

– Oui !... oui !... répondit Benito. Cet étui que j’ai tenu, que je lui ai rendu !... Peut-être renfermait-il... !

– Il y a là plus qu’une probabilité !... Il y a une certitude !... répondit Manoel.

– Et j’ajoute ceci, dit Fragoso, – car ce fait me revient maintenant à la mémoire. Pendant la visite que vous avez faite à Ega, je suis resté à bord, sur le conseil de Lina, afin de surveiller Torrès, et je l’ai vu... oui... je l’ai vu lire et relire un vieux papier tout jauni... en murmurant des mots que je ne pouvais comprendre !

– C’était le document ! s’écria Benito, qui se raccrochait à cet espoir, – le seul qui lui restât ! Mais, ce document, n’a-t-il pas dû le déposer en lieu sûr ?

– Non, répondit Manoel, non !... Il était trop précieux pour que Torrès pût songer à s’en séparer ! Il devait le porter toujours sur lui, et sans doute, dans cet

étui !...

– Attends... attends... Manoel s'écria Benito. Je me souviens ! Oui ! je me souviens !... Pendant le duel, au premier coup que j'ai porté à Torrès en pleine poitrine, ma manchetta a rencontré sous son poncho un corps dur... comme une plaque de métal...

– C'était l'étui ! s'écria Fragoso.

– Oui ! répondit Manoel. Plus de doute possible ! Cet étui, il était dans une poche de sa vareuse !

– Mais le cadavre de Torrès ?... Nous le retrouverons !

– Mais ce papier ! L'eau l'aura atteint, peut-être détruit, rendu indéchiffrable !

– Pourquoi, répondit Manoel, si cet étui de métal qui le contient était hermétiquement fermé !

– Manoel, répondit Benito, qui se raccrochait à ce dernier espoir, tu as raison ! Il faut retrouver le cadavre de Torrès ! Nous fouillerons toute cette partie du fleuve, si cela est nécessaire, mais nous le retrouverons ! »

Le pilote Araujo fut aussitôt appelé et mis au courant de ce qu'on allait entreprendre.

« Bien ! répondit Araujo. Je connais les remous et les courants au confluent du rio Negro et de l'Amazone, et nous pouvons réussir à retrouver le corps de Torrès. Prenons les deux pirogues, les deux ubas, une douzaine de nos Indiens, et embarquons. »

Le padre Passanha sortait alors de la chambre de Yaquita. Benito alla à lui et il lui apprit, en quelques mots, ce qu'ils allaient tenter pour rentrer en possession du document.

« N'en dites rien encore ni à ma mère ni à ma sœur ! ajouta-t-il. Ce dernier espoir, s'il était déçu, les tuerait !

Va, mon enfant, va, répondit le padre Passanha, et que Dieu vous assiste dans vos recherches ! »

Cinq minutes après, les quatre embarcations débordaient la jangada ; puis, après avoir descendu le rio Negro, elles arrivaient près de la berge de l'Amazone,

sur la place même où Torrès, mortellement frappé, avait disparu dans les eaux du fleuve.

## CHAPITRE HUITIÈME – PREMIÈRES RECHERCHES

Les recherches devaient être opérées sans retard, et cela pour deux raisons graves :

La première, – question de vie ou de mort –, c'est que cette preuve de l'innocence de Joam Dacosta, il importait qu'elle fût produite avant qu'un ordre arrivât de Rio de Janeiro. En effet, cet ordre, l'identité du condamné étant établie, ne pouvait être qu'un ordre d'exécution.

La seconde, c'est qu'il fallait ne laisser le corps de Torrès séjourner dans l'eau que le moins de temps possible, afin de retrouver intact l'étui et ce qu'il pouvait contenir.

Araujo fit preuve, en cette conjoncture, non seulement de zèle et d'intelligence, mais aussi d'une parfaite connaissance de l'état du fleuve, à son confluent avec le rio Negro.

« Si Torrès, dit-il aux deux jeunes gens, a été tout d'abord entraîné par le courant, il faudra draguer le fleuve sur un bien long espace, car d'attendre que son corps reparaisse à la surface par l'effet de la décomposition, cela demanderait plusieurs jours.

– Nous ne le pouvons pas, répondit Manoel, et il faut qu'aujourd'hui même nous ayons réussi !

– Si, au contraire, reprit le pilote, ce corps est resté pris dans les herbes et les roseaux, au bas de la berge, nous ne serons pas une heure sans l'avoir retrouvé.

À l'œuvre donc ! » répondit Benito.

Il n'y avait pas d'autre manière d'opérer. Les embarcations s'approchèrent de la berge, et les Indiens, munis de longues gaffes, commencèrent à sonder toutes les parties du fleuve, à l'aplomb de cette rive, dont le plateau avait servi de lieu de combat.

L'endroit, d'ailleurs, avait pu être facilement reconnu. Une traînée de sang tachait le talus dans sa partie crayeuse, qui s'abaissait perpendiculairement jusqu'à la surface du fleuve. Là, de nombreuses gouttelettes, éparses sur les

roseaux, indiquaient la place même où le cadavre avait disparu.

Une pointe de la rive, se dessinant à une cinquantaine de pieds en aval, retenait les eaux immobiles dans une sorte de remous, comme dans une large cuvette. Nul courant ne se propageait au pied de la grève, et les roseaux s'y maintenaient normalement dans une rigidité absolue. On pouvait donc espérer que le corps de Torrès n'avait pas été entraîné en pleine eau. D'ailleurs, au cas où le lit du fleuve aurait accusé une déclivité suffisante, tout au plus aurait-il pu glisser à quelques toises du talus, et là encore aucun fil de courant ne se faisait sentir.

Les ubas et les pirogues, se divisant la besogne, limitèrent donc le champ des recherches à l'extrême périmètre du remous, et, de la circonférence au centre, les longues gaffes de l'équipe n'en laissèrent pas un seul point inexploré.

Mais aucun sondage ne permit de retrouver le corps de l'aventurier, ni dans le fouillis des roseaux ni sur le fond du lit, dont la pente fut alors étudiée avec soin.

Deux heures après le commencement de ce travail, on fut amené à reconnaître que le corps, ayant sans doute heurté le talus, avait dû tomber obliquement, et rouler hors des limites de ce remous, où l'action du courant commençait à se faire sentir.

« Mais il n'y a pas lieu de désespérer, dit Manoel, encore moins de renoncer à nos recherches !

– Faudra-t-il donc, s'écria Benito, fouiller le fleuve dans toute sa largeur et dans toute sa longueur ?

– Dans toute sa largeur, peut-être, répondit Araujo. Dans toute sa longueur, non !... heureusement !

– Et pourquoi ? demanda Manoel.

– Parce que l'Amazone, à un mille en aval de son confluent avec le rio Negro, fait un coude très prononcé, en même temps que le fond de son lit remonte brusquement. Il y a donc là comme une sorte de barrage naturel, bien connu des mariniers sous le nom de barrage de Frias, que les objets flottant à sa surface peuvent seuls franchir. Mais, s'il s'agit de ceux que le courant roule entre deux eaux, il leur est impossible de dépasser le talus de cette dépression ! »

C'était là, on en conviendra, une circonstance heureuse, si Araujo ne se



trompait pas. Mais, en somme, on devait se fier à ce vieux pratique de l'Amazone. Depuis trente ans qu'il faisait le métier de pilote, la passe du barrage de Frias, où le courant s'accroissait en raison de son resserrement, lui avait souvent donné bien du mal. L'étranglement du chenal, la hauteur du fond, rendaient cette passe fort difficile, et plus d'un train de bois s'y était trouvé en détresse.

Donc, Araujo avait raison de dire que, si le corps de Torrès était encore maintenu par sa pesanteur spécifique sur le fond sablonneux du lit, il ne pouvait avoir été entraîné au-delà du barrage. Il est vrai que plus tard, lorsque, par suite de l'expansion des gaz, il remonterait à la surface, nul doute qu'il ne prit alors le fil du courant et n'allât irrémédiablement se perdre, en aval, hors de la passe. Mais cet effet purement physique ne devait pas se produire avant quelques jours.

On ne pouvait s'en rapporter à un homme plus habile et connaissant mieux ces parages que le pilote Araujo. Or, puisqu'il affirmait que le corps de Torrès ne pouvait avoir été entraîné au-delà de l'étroit chenal, sur l'espace d'un mille au plus, en fouillant toute cette portion du fleuve, on devait nécessairement le retrouver.

Aucune île, d'ailleurs, aucun îlot, ne rompait en cet endroit le cours de l'Amazone. De là cette conséquence que, lorsque la base des deux berges du fleuve aurait été visitée jusqu'au barrage, ce serait dans le lit même, large de cinq cents pieds, qu'il conviendrait de procéder aux plus minutieuses investigations.

C'est ainsi que l'on opéra. Les embarcations, prenant la droite et la gauche de l'Amazone, longèrent les deux berges. Les roseaux et les herbes furent fouillés à coups de gaffe. Des moindres saillies des rives, auxquelles un corps aurait pu s'accrocher, pas un point n'échappa aux recherches d'Araujo et de ses Indiens.

Mais tout ce travail ne produisit aucun résultat, et la moitié de la journée s'était déjà écoulée, sans que l'introuvable corps eût pu être ramené à la surface du fleuve.

Une heure de repos fut accordée aux Indiens. Pendant ce temps, ils prirent quelque nourriture, puis se remirent à la besogne.

Cette fois, les quatre embarcations, dirigées chacune par le pilote, par Benito, par Fragoso, par Manoel, se partagèrent en quatre zones tout l'espace compris entre l'embouchure du rio Negro et le barrage de Frias. Il s'agissait maintenant d'explorer le lit du fleuve. Or, en de certains endroits, la manœuvre des gaffes ne parut pas devoir être suffisante pour bien fouiller le fond lui-même. C'est pourquoi des sortes de dragues, ou plutôt de herses, faites de pierres et de

ferraille, enfermées dans un solide filet, furent installées à bord, et, tandis que les embarcations étaient poussées perpendiculairement aux rives, on immergea ces râteaux qui devaient racler le fond en tous sens.

Ce fut à cette besogne difficile que Benito et ses compagnons s'employèrent jusqu'au soir. Les ubas et les pirogues, manœuvrées à la pagaie, se promenèrent à la surface du fleuve dans tout le bassin que terminait en aval le barrage de Frias.

Il y eut bien des instants d'émotion, pendant cette période des travaux, lorsque les herses, accrochées à quelque objet du fond, faisaient résistance. On les halait alors, mais, au lieu du corps si avidement recherché, elles ne ramenaient que quelques lourdes pierres ou des paquets d'herbages qu'elles arrachaient de la couche de sable.

Cependant personne ne songeait à abandonner l'exploration entreprise. Tous s'oubliaient pour cette œuvre de salut. Benito, Manoel, Araujo n'avaient point à exciter les Indiens ni à les encourager. Ces braves gens savaient qu'ils travaillaient pour le fazender d'Iquitos, pour l'homme qu'ils aimaient, pour le chef de cette grande famille, qui comprenait dans une même égalité les maîtres et les serviteurs !

Oui ! s'il le fallait, sans songer à la fatigue, on passerait la nuit à sonder le fond de ce bassin. Ce que valait chaque minute perdue, tous ne le savaient que trop.

Et pourtant, un peu avant que le soleil eût disparu, Araujo, trouvant inutile de continuer cette opération dans l'obscurité, donna le signal de ralliement aux embarcations, et elles revinrent au confluent du rio Negro, de manière à regagner la jangada.

L'œuvre, si minutieusement et si intelligemment qu'elle eût été conduite, n'avait pas abouti !

Manoel et Fragoso, en revenant, n'osaient causer de cet insuccès devant Benito. Ne devaient-ils pas craindre que le découragement ne le poussât à quelque acte de désespoir !

Mais ni le courage, ni le sang-froid ne devaient plus abandonner ce jeune homme. Il était résolu à aller jusqu'au bout dans cette suprême lutte pour sauver l'honneur et la vie de son père, et ce fut lui qui interpella ses compagnons en disant :

« À demain ! Nous recommencerons, et dans de meilleures conditions, si cela est possible !

– Oui, répondit Manoel, tu as raison, Benito. Il y a mieux à faire ! Nous ne pouvons avoir la prétention d'avoir entièrement exploré ce bassin au bas des rives et sur toute l'étendue du fond !

– Non ! nous ne le pouvons pas, répondit Araujo, et je maintiens ce que j'ai dit, c'est que le corps de Torrès est là, c'est qu'il est là, parce qu'il n'a pu être entraîné, parce qu'il n'a pu passer le barrage de Frias, parce qu'il faut plusieurs jours pour qu'il remonte à la surface et puisse être emporté en aval ! Oui ! il y est, et que jamais dame-jeanne de tafia ne s'approche de mes lèvres si je ne le retrouve pas ! »

Cette affirmation, dans la bouche du pilote, avait une grande valeur, et elle était de nature à rendre l'espoir.

Cependant Benito, qui ne voulait plus se payer de mots et préférait voir les choses telles qu'elles étaient, crut devoir répondre :

« Oui, Araujo, le corps de Torrès est encore dans ce bassin, et nous le retrouverons, si...

Si ?... fit le pilote.

S'il n'est pas devenu la proie des caïmans ! » Manoel et Fragoso attendaient, non sans émotion, la réponse qu'Araujo allait faire. Le pilote se tut pendant quelques instants. On sentait qu'il voulait réfléchir avant de répondre.

« Monsieur Benito, dit-il enfin, je n'ai pas l'habitude de parler à la légère. Moi aussi j'ai eu la même pensée que vous, mais écoutez bien. Pendant ces dix heures de recherches qui viennent de s'écouler, avez-vous aperçu un seul caïman dans les eaux du fleuve ?

Pas un seul, répondit Fragoso.

Si vous n'en avez pas vu, reprit le pilote, c'est qu'il n'y en a pas, et s'il n'y en a pas, c'est que ces animaux n'ont aucun intérêt à s'aventurer dans des eaux blanches, quand, à un quart de mille d'ici, se trouvent de larges étendues de ces eaux noires qu'ils recherchent de préférence ! Lorsque la jangada a été attaquée par quelques-uns de ces animaux, c'est qu'en cet endroit il n'y avait aucun affluent de l'Amazone où ils pussent se réfugier. Ici, c'est tout autre chose. Allez sur le rio Negro, et là, vous trouverez des caïmans par vingtaines ! Si le corps de

Torrès était tombé dans cet affluent, peut-être n'y aurait-il plus aucun espoir de jamais le retrouver ! Mais c'est dans l'Amazone qu'il s'est perdu, et l'Amazone nous le rendra ! »

Benito, soulagé de cette crainte, prit la main du pilote, il la serra et se contenta de répondre :

« À demain ! mes amis. »

Dix minutes plus tard, tout le monde était à bord de la jangada.

Pendant cette journée, Yaquita avait passé quelques heures près de son mari. Mais, avant de partir, lorsqu'elle ne vit plus ni le pilote, ni Manoel, ni Benito, ni les embarcations, elle comprit à quelles sortes de recherches on allait se livrer. Toutefois elle n'en voulut rien dire à Joam Dacosta, espérant que, le lendemain, elle pourrait lui en apprendre le succès.

Mais, dès que Benito eut mis le pied sur la jangada, elle comprit que ces recherches avaient échoué. Cependant elle s'avança vers lui. « Rien ? dit-elle.

Rien, répondit Benito, mais demain est à nous ! » Chacun des membres de la famille se retira dans sa chambre, et il ne fut plus question de ce qui s'était passé.

Manoel voulut obliger Benito à se coucher, afin de prendre au moins une ou deux heures de repos.

« À quoi bon ? répondit Benito. Est-ce que je pourrais dormir ! »

## CHAPITRE NEUVIÈME – SECONDES RECHERCHES

Le lendemain, 27 août, avant le lever du soleil, Benito prit Manoel à part et lui dit :

« Les recherches que nous avons faites hier ont été vaines. À recommencer aujourd'hui dans les mêmes conditions, nous ne serons peut-être pas plus heureux !

Il le faut cependant, répondit Manoel.

– Oui, reprit Benito ; mais, au cas où le corps de Torrès ne sera pas retrouvé, peux-tu me dire quel temps est nécessaire pour qu'il revienne à la surface du fleuve ?

– Si Torrès, répondit Manoel, était tombé vivant dans l'eau, et non à la suite d'une mort violente, il faudrait compter de cinq à six jours. Mais, comme il n'a disparu qu'après avoir été frappé mortellement, peut-être deux ou trois jours suffiront-ils à le faire réparaître ? »

Cette réponse de Manoel, qui est absolument juste, demande quelque explication.

Tout être humain qui tombe à l'eau, est apte à flotter, à la condition que l'équilibre puisse s'établir entre la densité de son corps et celle de la couche liquide. Il s'agit bien entendu d'une personne qui ne sait pas nager. Dans ces conditions, si elle se laisse submerger tout entière, en ne tenant que la bouche et le nez hors de l'eau, elle flottera. Mais, le plus généralement, il n'en est pas ainsi. Le premier mouvement d'un homme qui se noie est de chercher à tenir le plus de lui-même hors de l'eau ; il redresse la tête, il lève les bras, et ces parties de son corps, n'étant plus supportées par le liquide, ne perdent pas la quantité de poids qu'elles perdraient si elles étaient complètement immergées. De là, un excès de pesanteur, et, finalement, une immersion complète. En effet, l'eau pénètre, par la bouche, dans les poumons, prend la place de l'air qui les remplissait, et le corps coule par le fond.

Dans le cas, au contraire, où l'homme qui tombe à l'eau est déjà mort, il est dans des conditions très différentes et plus favorables pour flotter, puisque les mouvements dont il est parlé plus haut lui sont interdits, et s'il s'enfonce, comme

le liquide n'a pas pénétré aussi abondamment dans ses poumons, puisqu'il n'a pas cherché à respirer, il est plus apte à reparaître promptement.

Manoel avait donc raison d'établir une distinction entre le cas d'un homme encore vivant et le cas d'un homme déjà mort qui tombe à l'eau. Dans le premier cas, le retour à la surface est nécessairement plus long que dans le second.

Quant à la réapparition d'un corps, après une immersion plus ou moins prolongée, elle est uniquement déterminée par la décomposition qui engendre des gaz, lesquels amènent la distension de ses tissus cellulaires ; son volume s'augmente sans que son poids s'accroisse, et, moins pesant alors que l'eau qu'il déplace, il remonte et se retrouve dans les conditions voulues de flottabilité.

« Ainsi, reprit Manoel, bien que les circonstances soient favorables, puisque Torrès ne vivait plus lorsqu'il est tombé dans le fleuve, à moins que la décomposition ne soit modifiée par des circonstances que l'on ne peut prévoir, il ne peut reparaître avant trois jours.

– Nous n'avons pas trois jours à nous ! répondit Benito. Nous ne pouvons attendre, tu le sais ! Il faut donc procéder à de nouvelles recherches, mais autrement.

– Que prétends-tu faire ? demanda Manoel.

– Plonger moi-même jusqu'au fond du fleuve, répondit Benito. Chercher de mes yeux, chercher de mes mains...

– Plonger cent fois, mille fois ! s'écria Manoel. Soit ! Je pense comme toi qu'il faut aujourd'hui procéder par une recherche directe, et ne plus agir en aveugle, avec des dragues ou des gaffes, qui ne travaillent que par tâtonnements ! Je pense aussi que nous ne pouvons attendre même trois jours ! Mais plonger, remonter, redescendre, tout cela ne donne que de courtes périodes d'exploration. Non ! c'est insuffisant, ce serait inutile, et nous risquerions d'échouer une seconde fois !

– As-tu donc d'autre moyen à me proposer, Manoel ? demanda Benito, qui dévorait son ami du regard.

– Écoute-moi. Il est une circonstance, pour ainsi dire providentielle, qui peut nous venir en aide !

– Parle donc ! parle donc !

– Hier, en traversant Manao, j'ai vu que l'on travaillait à la réparation de l'un de ses quais, sur la rive du rio Negro. Or, ces travaux sous-marins se faisaient au moyen d'un scaphandre. Empruntons, louons, achetons à tout prix cet appareil, et il sera possible de reprendre nos recherches dans des conditions plus favorables !

– Préviens Araujo, Fragoso, nos hommes et partons ! répondit immédiatement Benito.

Le pilote et le barbier furent mis au courant des résolutions prises, conformément au projet de Manoel. Il fut convenu que tous deux se rendraient avec les Indiens et les quatre embarcations au bassin de Frias, et qu'ils attendraient là les deux jeunes gens.

Manoel et Benito débarquèrent sans perdre un instant, et ils se rendirent au quai de Manao. Là, ils offrirent une telle somme à l'entrepreneur des travaux du quai, que celui-ci s'empressa de mettre son appareil à leur disposition pour toute la journée.

« Voulez-vous un de mes hommes, demanda-t-il, qui puisse vous aider ?

Donnez-nous votre contremaître et quelques-uns de ses camarades pour manœuvrer la pompe à air, répondit Manoel.

– Mais qui revêtira le scaphandre ?

– Moi, répondit Benito.

– Benito, toi ! s'écria Manoel.

– Je le veux ! »

Il eût été inutile d'insister. Une heure après, le radeau, portant la pompe et tous les instruments nécessaires à la manœuvre, avait dérivé jusqu'au bas de la berge où l'attendaient les embarcations.

On sait en quoi consiste cet appareil du scaphandre, qui permet de descendre sous les eaux, d'y rester un certain temps, sans que le fonctionnement des poumons soit gêné en aucune façon. Le plongeur revêt un imperméable vêtement de caoutchouc, dont les pieds sont terminés par des semelles de plomb, qui assurent la verticalité de sa position dans le milieu liquide. Au collet du vêtement, à la hauteur du cou, est adapté un collier de cuivre, sur lequel vient se visser une boule en métal, dont la paroi antérieure est formée d'une vitre. C'est

dans cette boule qu'est enfermée la tête du plongeur, et elle peut s'y mouvoir à l'aise. À cette boule se rattachent deux tuyaux : l'un sert à la sortie de l'air expiré, qui est devenu impropre au jeu des poumons ; l'autre est en communication avec une pompe manœuvrée sur le radeau, qui envoie un air nouveau pour les besoins de la respiration. Lorsque le plongeur doit travailler sur place, le radeau demeure immobile au-dessus de lui ; lorsque le plongeur doit aller et venir sur le fond du lit, le radeau suit ses mouvements ou il suit ceux du radeau, suivant ce qui est convenu entre lui et l'équipe.

Ces scaphandres, très perfectionnés, offrent moins de danger qu'autrefois. L'homme, plongé dans le milieu liquide, se fait assez facilement à cet excès de pression qu'il supporte. Si, dans l'espèce, une éventualité redoutable eût été à craindre, elle aurait été due à la rencontre de quelque caïman dans les profondeurs du fleuve. Mais, ainsi que l'avait fait observer Araujo, pas un de ces amphibiens n'avait été signalé la veille, et l'on sait qu'ils recherchent de préférence les eaux noires des affluents de l'Amazone. D'ailleurs, au cas d'un danger quelconque, le plongeur a toujours à sa disposition le cordon d'un timbre placé sur le radeau, et au moindre tintement, on peut le halier rapidement à la surface.

Benito, toujours très calme, lorsque, sa résolution prise, il allait la mettre à exécution, revêtit le scaphandre ; sa tête disparut dans la sphère métallique ; sa main saisit une sorte d'épieu ferré, propre à fouiller les herbes ou les détritiques accumulés dans le lit de ce bassin, et, sur un signe de lui, il fut affalé par le fond.

Les hommes du radeau, habitués à ce travail, commencèrent aussitôt à manœuvrer la pompe à air, pendant que quatre des Indiens de la jangada, sous les ordres d'Araujo, le poussaient lentement avec leurs longues gaffes dans la direction convenue.

Les deux pirogues, montées, l'une par Frago, l'autre par Manoel, plus deux pagayeurs, escortaient le radeau, et elles se tenaient prêtes à se porter rapidement en avant, en arrière, si Benito, retrouvant enfin le corps de Torrès, le ramenait à la surface de l'Amazone.



## CHAPITRE DIXIÈME – UN COUP DE CANON

Benito était donc descendu sous cette vaste nappe qui lui dérobaient encore le cadavre de l'aventurier. Ah ! s'il avait eu le pouvoir de les détourner, de les vaporiser, de les tarir, ces eaux du grand fleuve, s'il avait pu mettre à sec tout ce bassin de Frias, depuis le barrage d'aval jusqu'au confluent du rio Negro, déjà, sans doute, cet étui, caché dans les vêtements de Torrès, aurait été entre ses mains ! L'innocence de son père eût été reconnue ! Joam Dacosta, rendu à la liberté, aurait repris avec les siens la descente du fleuve, et que de terribles épreuves eussent pu être évitées !

Benito avait pris pied sur le fond. Ses lourdes semelles faisaient craquer le gravier du lit. Il se trouvait alors par dix à quinze pieds d'eau environ, à l'aplomb de la berge, qui était très accore, à l'endroit même où Torrès avait disparu.

Là se massait un inextricable lacs de roseaux, de souches et de plantes aquatiques, et certainement, pendant les recherches de la veille, aucune des gaffes n'avait pu en fouiller tout l'entrelacement. Il était donc possible que le corps, retenu dans ces broussailles sous-marines, fût encore à la place même où il était tombé.

En cet endroit, grâce au remous produit par l'allongement d'une des pointes de la rive, le courant était absolument nul. Benito obéissait donc uniquement aux mouvements du radeau que les gaffes des Indiens déplaçaient au-dessus de sa tête.

La lumière pénétrait assez profondément alors ces eaux claires, sur lesquelles un magnifique soleil, éclatant dans un ciel sans nuages, dardait presque normalement ses rayons. Dans les conditions ordinaires de visibilité sous une couche liquide, une profondeur de vingt pieds suffit pour que la vue soit extrêmement bornée ; mais ici les eaux semblaient être comme imprégnées du fluide lumineux, et Benito pouvait descendre plus bas encore, sans que les ténèbres lui dérobaient le fond du fleuve.

Le jeune homme suivit doucement la berge. Son bâton ferré en fouillait les herbes et les débris accumulés à sa base. Des « volées » de poissons, si l'on peut s'exprimer ainsi, s'échappaient comme des bandes d'oiseaux hors d'un épais buisson. On eût dit des milliers de morceaux d'un miroir brisé, qui frétilaient à travers les eaux. En même temps, quelques centaines de crustacés couraient sur

le sable jaunâtre, semblables à de grosses fourmis chassées de leur fourmilière.

Cependant, bien que Benito ne laissât pas un seul point de la rive inexploré, l'objet de ses recherches lui faisait toujours défaut. Il observa alors que la déclivité du lit était assez prononcée, et il en conclut que le corps de Torrès avait pu rouler au-delà du remous, vers le milieu du fleuve. S'il en était ainsi, peut-être s'y trouverait-il encore, puisque le courant n'avait pu le saisir à une profondeur déjà grande et qui devait sensiblement s'accroître.

Benito résolut donc de porter ses investigations de ce côté, dès qu'il aurait achevé de sonder le fouillis des herbages. C'est pourquoi il continua de s'avancer dans cette direction, que le radeau allait suivre pendant un quart d'heure, selon ce qui avait été préalablement arrêté.

Le quart d'heure écoulé, Benito n'avait rien trouvé encore. Il sentit alors le besoin de remonter à la surface, afin de se retrouver dans des conditions physiologiques où il pût reprendre de nouvelles forces. En de certains endroits, où la profondeur du fleuve s'accusait davantage, il avait dû descendre jusqu'à trente pieds environ. Il avait donc eu à supporter une pression presque équivalente à celle d'une atmosphère, – cause de fatigue physique et de trouble moral pour qui n'est pas habitué à ce genre d'exercice.

Benito tira donc le cordon du timbre, et les hommes du radeau commencèrent à le haler ; mais ils opéraient lentement, mettant une minute à le relever de deux ou trois pieds, afin de ne point produire dans ses organes internes les funestes effets de la décompression.

Dès que le jeune homme eut pris pied sur le radeau, la sphère métallique du scaphandre lui fut enlevée, il respira longuement et s'assit, afin de prendre un peu de repos.

Les pirogues s'étaient aussitôt rapprochées. Manoel, Fragoso, Araujo étaient là, près de lui, attendant qu'il pût parler.

« Eh bien ? demanda Manoel.

– Rien encore !... rien !

– Tu n'as aperçu aucune trace ?

– Aucune.

– Veux-tu que je cherche à mon tour ?

Non, Manoel, répondit Benito, j'ai commencé... je sais où je veux aller... laisse-moi faire ! »

Benito expliqua alors au pilote que son intention était bien de visiter la partie inférieure de la berge jusqu'au barrage de Frias, là où le relèvement du sol avait pu arrêter le corps de Torrès, surtout si ce corps, flottant entre deux eaux, avait subi, si peu que ce fût, l'action du courant ; mais, auparavant, il voulait s'écarter latéralement de la berge et explorer avec soin cette sorte de dépression, formée par la déclivité du lit, jusqu'au fond de laquelle les gaffes n'avaient pu évidemment pénétrer.

Araujo approuva ce projet et se disposa à prendre des mesures en conséquence. Manoel crut devoir alors donner quelques conseils à Benito.

« Puisque tu veux poursuivre tes recherches de ce côté, dit-il, le radeau va obliquer vers cette direction, mais sois prudent, Benito. Il s'agit d'aller plus profondément que tu ne l'as fait, peut-être à cinquante ou soixante pieds, et là, tu auras à supporter une pression de deux atmosphères. Ne t'aventure donc qu'avec une extrême lenteur, ou la présence d'esprit pourrait t'abandonner. Tu ne saurais plus où tu es, ni ce que tu es allé faire. Si ta tête se serre comme dans un étai, si tes oreilles bourdonnent avec continuité, n'hésite pas à donner le signal, et nous te remonterons à la surface. Puis, tu recommenceras, s'il le faut, mais, du moins, tu seras quelque peu habitué à te mouvoir dans ces profondes couches du fleuve. »

Benito promit à Manoel de tenir compte de ses recommandations, dont il comprenait l'importance. Il était frappé surtout de ce que la présence d'esprit pouvait lui manquer, au moment où elle lui serait peut-être le plus nécessaire.

Benito serra la main de Manoel ; la sphère du scaphandre fut de nouveau vissée à son cou, puis la pompe recommença à fonctionner, et le plongeur eut bientôt disparu sous les eaux.

Le radeau s'était alors écarté d'une quarantaine de pieds de la rive gauche ; mais, à mesure qu'il s'avancait vers le milieu du fleuve, comme le courant pouvait le faire dériver plus vite qu'il n'aurait fallu, les ubas s'y amarrèrent, et les pagayeurs le soutinrent contre la dérive, de manière à ne le laisser se déplacer qu'avec une extrême lenteur.

Benito fut descendu très doucement et retrouva le sol ferme. Lorsque ses semelles foulèrent le sable du lit, on put juger, à la longueur de la corde de halage, qu'il se trouvait par une profondeur de soixante-cinq à soixante-dix pieds. Il y avait donc là une excavation considérable, creusée bien au-dessous du niveau normal.

Le milieu liquide était plus obscur alors, mais la limpidité de ces eaux transparentes laissait pénétrer encore assez de lumière pour que Benito pût distinguer suffisamment les objets épars sur le fond du fleuve et se diriger avec quelque sûreté. D'ailleurs le sable, semé de mica, semblait former une sorte de réflecteur, et l'on aurait pu en compter les grains, qui miroitaient comme une poussière lumineuse.

Benito allait, regardait, sondait les moindres cavités avec son épieu. Il continuait à s'enfoncer lentement. On lui filait de la corde à la demande, et comme les tuyaux qui servaient à l'aspiration et à l'expiration de l'air n'étaient jamais raidis, le fonctionnement de la pompe s'opérait dans de bonnes conditions.

Benito s'écarta ainsi, de manière à atteindre le milieu du lit de l'Amazone, là où se trouvait la plus forte dépression.

Quelquefois une profonde obscurité s'épaississait autour de lui, et il ne pouvait plus rien voir alors, même dans un rayon très restreint. Phénomène purement passager : c'était le radeau qui, se déplaçant au-dessus de sa tête, interceptait complètement les rayons solaires et faisait la nuit à la place du jour. Mais, un instant après, la grande ombre s'était dissipée et la réflexion du sable reprenait toute sa valeur.

Benito descendait toujours. Il le sentait surtout à l'accroissement de la pression qu'imposait à son corps la masse liquide. Sa respiration était moins facile, la rétractibilité de ses organes ne s'opérait plus, à sa volonté, avec autant d'aisance que dans un milieu atmosphérique convenablement équilibré. Dans ces conditions, il se trouvait sous l'action d'effets physiologiques dont il n'avait pas l'habitude. Le bourdonnement s'accroissait dans ses oreilles ; mais, comme sa pensée était toujours lucide, comme il sentait le raisonnement se faire dans son cerveau avec une netteté parfaite, – même un peu extranaturelle –, il ne voulut point donner le signal de halage et continua à descendre plus profondément.

Un instant, dans la pénombre où il se trouvait, une masse confuse attira son attention. Cela lui paraissait avoir la forme d'un corps engagé sous un paquet d'herbes aquatiques.

Une vive émotion le prit. Il s'avança dans cette direction. De son bâton il remua cette masse.

Ce n'était que le cadavre d'un énorme caïman, déjà réduit à l'état de squelette, et que le courant du rio Negro avait entraîné jusque dans le lit de l'Amazone.

Benito recula, et, en dépit des assertions du pilote, la pensée lui vint que quelque caïman vivant pourrait bien s'être engagé dans les profondes couches du bassin de Frias !...

Mais il repoussa cette idée et continua sa marche, de manière à atteindre le fond même de la dépression.

Il devait être alors parvenu à une profondeur de quatre-vingt-dix à cent pieds, et, conséquemment, il était soumis à une pression de trois atmosphères. Si donc cette cavité s'accusait encore davantage, il serait bientôt obligé d'arrêter ses recherches.

Les expériences ont démontré en effet que, dans les profondeurs inférieures à cent vingt on cent trente pieds, se trouve l'extrême limite qu'il est dangereux de franchir en excursion sous-marine : non seulement l'organisme humain ne se prête pas à fonctionner convenablement sous de telles pressions, mais les appareils ne fournissent plus l'air respirable avec une régularité suffisante.

Et cependant Benito était résolu à aller tant que la force morale et l'énergie physique ne lui feraient pas défaut. Par un inexplicable pressentiment, il se sentait attiré vers cet abîme ; il lui semblait que le corps avait dû rouler jusqu'au fond de cette cavité, que peut-être Torrès, s'il était chargé d'objets pesants, tels qu'une ceinture contenant de l'argent, de l'or ou des armes, avait pu se maintenir à ces grandes profondeurs.

Tout d'un coup, dans une sombre excavation, il aperçut un cadavre ! oui ! un cadavre, habillé encore, étendu comme eût été un homme endormi, les bras repliés sous la tête !

Était-ce Torrès ? Dans l'obscurité, très opaque alors, il était malaisé de le reconnaître ; mais c'était bien un corps humain qui gisait là, à moins de dix pas, dans une immobilité absolue !

Une poignante émotion saisit Benito. Son cœur cessa de battre un instant. Il crut qu'il allait perdre connaissance. Un suprême effort de volonté le remit. Il marcha vers le cadavre.

Soudain une secousse, aussi violente qu'inattendue, fit vibrer tout son être ! Une longue lanière lui cinglait le corps, et, malgré l'épais vêtement du scaphandre, il se sentit fouetté à coups redoublés.

« Un gymnote ! » se dit-il.

Ce fut le seul mot qui put s'échapper de ses lèvres.

Et en effet, c'était un « puraqué », nom que les Brésiliens donnent au gymnote ou couleuvre électrique, qui venait de s'élancer sur lui.

Personne n'ignore ce que sont ces sortes d'anguilles à peau noirâtre et gluante, munies le long du dos et de la queue d'un appareil qui, composé de lames jointes par de petites lamelles verticales, est actionné par des nerfs d'une très grande puissance. Cet appareil, doué de singulières propriétés électriques, est apte à produire des commotions redoutables. De ces gymnotes, les uns ont à peine la taille d'une couleuvre, les autres mesurent jusqu'à dix pieds de longueur ; d'autres, plus rares, en dépassent quinze et vingt sur une largeur de huit à dix pouces.

Les gymnotes sont assez nombreux, aussi bien dans l'Amazone que dans ses affluents, et c'était une de ces « bobines » vivantes, longue de dix pieds environ, qui, après s'être détendue comme un arc, venait de se précipiter sur le plongeur.

Benito comprit tout ce qu'il avait à craindre de l'attaque de ce redoutable animal. Son vêtement était impuissant à le protéger. Les décharges du gymnote, d'abord peu fortes, devinrent de plus en plus violentes, et il allait en être ainsi jusqu'au moment où, épuisé par la dépense du fluide, il serait réduit à l'impuissance.

Benito, ne pouvant résister à de telles commotions, était tombé à demi sur le sable. Ses membres se paralysaient peu à peu sous les effluences électriques du gymnote, qui se frottait lentement sur son corps et l'enlaçait de ses replis. Ses bras mêmes ne pouvaient plus se soulever. Bientôt son bâton lui échappa, et sa main n'eut pas la force de saisir le cordon du timbre pour donner le signal.

Benito se sentit perdu. Ni Manoel ni ses compagnons ne pouvaient imaginer quel horrible combat se livrait au-dessous d'eux entre un redoutable puraqué et le malheureux plongeur, qui ne se débattait plus qu'à peine, sans pouvoir se défendre.

Et cela, au moment où un corps – le corps de Torrès sans doute ! – venait de lui apparaître !

Par un suprême instinct de conservation, Benito voulait appeler !... Sa voix expirait dans cette boîte métallique, qui ne pouvait laisser échapper aucun son !

En ce moment, le puraqué redoubla ses attaques ; il lançait des décharges qui faisaient tressauter Benito sur le sable comme les tronçons d'un ver coupé, et dont les muscles se tordaient sous le fouet de l'animal.

Benito sentit la pensée l'abandonner tout à fait. Ses yeux s'obscurcirent peu à peu, ses membres se raidirent !...

Mais, avant d'avoir perdu la puissance de voir, la puissance de raisonner, un phénomène inattendu, inexplicable, étrange, se produisit devant ses regards.

Une détonation sourde venait de se propager à travers les couches liquides. Ce fut comme un coup de tonnerre, dont les roulements coururent dans les couches sous-marines, troublées par les secousses du gymnote. Benito se sentit baigné en une sorte de bruit formidable, qui trouvait un écho jusque dans les dernières profondeurs du fleuve.

Et, tout d'un coup, un cri suprême lui échappa !... C'est qu'une effrayante vision spectrale apparaissait à ses yeux.

Le corps du noyé, jusqu'alors étendu sur le sol, venait de se redresser !... Les ondulations des eaux remuaient ses bras, comme s'il les eût agités dans une vie singulière !... Des soubresauts convulsifs rendaient le mouvement à ce cadavre terrifiant !

C'était bien celui de Torrès ! Un rayon de soleil avait percé jusqu'à ce corps à travers la masse liquide, et Benito reconnut la figure bouffie et verdâtre du misérable, frappé de sa main, dont le dernier soupir s'était étouffé sous ces eaux !

Et pendant que Benito ne pouvait plus imprimer un seul mouvement à ses membres paralysés, tandis que ses lourdes semelles le retenaient comme s'il eût été cloué au lit de sable, le cadavre se redressa, sa tête s'agita de haut en bas, et, se dégageant du trou dans lequel il était retenu par un fouillis d'herbes aquatiques, il s'enleva tout droit, effrayant à voir, jusque dans les hautes nappes de l'Amazone !

## CHAPITRE ONZIÈME – CE QUI EST DANS L'ÉTUI

Que s'était-il passé ? Un phénomène purement physique, dont voici l'explication.

La canonnière de l'État *Santa-Ana*, à destination de Manao, qui remontait le cours de l'Amazone, venait de franchir la passe de Frias. Un peu avant d'arriver à l'embouchure du rio Negro, elle avait hissé ses couleurs et salué d'un coup de canon le pavillon brésilien. À cette détonation, un effet de vibration s'était produit à la surface des eaux, et ces vibrations, se propageant jusqu'au fond du fleuve, avaient suffi à relever le corps de Torrès, déjà allégé par un commencement de décomposition, en facilitant la distension de son système cellulaire. Le corps du noyé venait de remonter tout naturellement à la surface de l'Amazone.

Ce phénomène, bien connu, expliquait la réapparition du cadavre, mais, il faut en convenir, il y avait eu coïncidence heureuse dans cette arrivée de la *Santa-Ana* sur le théâtre des recherches.

À un cri de Manoel, répété par tous ses compagnons, l'une des pirogues s'était dirigée immédiatement vers le corps, pendant que l'on ramenait le plongeur au radeau.

Mais, en même temps, quelle fut l'indescriptible émotion de Manoel, lorsque Benito, halé jusqu'à la plate-forme, y fut déposé dans un état de complète inertie, et sans que la vie se trahît encore en lui par un seul mouvement extérieur.

N'était-ce pas un second cadavre que venaient de rendre là les eaux de l'Amazone ?

Le plongeur fut, aussi rapidement que possible, dépouillé de son vêtement de scaphandre.

Benito avait entièrement perdu connaissance sous la violence des décharges du gymnote.

Manoel, éperdu, l'appelant, lui insufflant sa propre respiration, chercha à retrouver les battements de son cœur.

« Il bat ! il bat ! » s'écria-t-il.



Oui ! le cœur de Benito battait encore, et, en quelques minutes, les soins de Manoel l'eurent rappelé à la vie.

« Le corps ! le corps ! »

Tels furent les premiers mots, les seuls qui s'échappèrent de la bouche de Benito.

« Le voilà ! répondit Frago, en montrant la pirogue qui revenait au radeau avec le cadavre de Torrès.

– Mais toi, Benito, que t'est-il arrivé ? demanda Manoel. Est-ce le manque d'air ?...

– Non ! dit Benito. Un puraqué qui s'est jeté sur moi !... Mais ce bruit ?... cette détonation ?...

– Un coup de canon ! répondit Manoel. C'est un coup de canon qui a ramené le cadavre à la surface du fleuve ! »

En ce moment, la pirogue venait d'accoster le radeau. Le corps de Torrès, recueilli par les Indiens, reposait au fond. Son séjour dans l'eau ne l'avait pas encore défiguré. Il était facilement reconnaissable. À cet égard, pas de doute possible.

Fragoso, agenouillé dans la pirogue, avait déjà commencé à déchirer les vêtements du noyé, qui s'en allaient en lambeaux.

En cet instant, le bras droit de Torrès, mis à nu, attira l'attention de Frago. En effet, sur ce bras apparaissait distinctement la cicatrice d'une ancienne blessure, qui avait dû être produite par un coup de couteau.

« Cette cicatrice ! s'écria Frago. Mais... c'est bien cela !... Je me rappelle maintenant...

Quoi ? demanda Manoel.

– Une querelle !... oui ! une querelle dont j'ai été témoin dans la province de la Madeira... il y a trois ans ! Comment ai-je pu l'oublier !... Ce Torrès appartenait alors à la milice des capitaines des bois ! Ah ! je savais bien que je l'avais déjà vu, ce misérable !

– Que nous importe à présent ! s'écria Benito. L'étui ! l'étui !... L'a-t-il encore ? » Et Benito allait déchirer les derniers vêtements du cadavre pour les

fouiller...

Manoel l'arrêta.

« Un instant, Benito », dit-il.

Puis, se retournant vers les hommes du radeau qui n'appartenaient pas au personnel de la jangada, et dont le témoignage ne pourrait être suspecté plus tard :

« Prenez acte, mes amis, leur dit-il, de tout ce que nous faisons ici, afin que vous puissiez redire devant les magistrats comment les choses se sont passées. »

Les hommes s'approchèrent de la pirogue.

Fragoso déroula alors la ceinture qui étreignait le corps de Torrès sous le poncho déchiré, et tâtant la poche de la vareuse :

« L'étui ! » s'écria-t-il.

Un cri de joie échappa à Benito. Il allait saisir l'étui pour l'ouvrir, pour vérifier ce qu'il contenait...

« Non, dit encore Manoel, que son sang-froid n'abandonnait pas. Il ne faut pas qu'il y ait de doute possible dans l'esprit des magistrats ! Il convient que des témoins désintéressés puissent affirmer que cet étui se trouvait bien sur le corps de Torrès !

Tu as raison, répondit Benito.

Mon ami, reprit Manoel en s'adressant au contremaître du radeau, fouillez vous-même dans la poche de cette vareuse. »

Le contremaître obéit. Il retira un étui de métal, dont le couvercle était hermétiquement vissé et qui ne semblait pas avoir souffert de son séjour dans l'eau.

« Le papier... le papier est-il encore dedans ? s'écria Benito, qui ne pouvait se contenir.

– C'est au magistrat d'ouvrir cet étui ! répondit Manoel. À lui seul appartient de vérifier s'il s'y trouve un document !

– Oui... oui... tu as encore raison, Manoel ! répondit Benito. À Manao ! mes amis, à Manao ! »

Benito, Manoel, Fragoso et le contremaître qui tenait l'étui s'embarquèrent aussitôt dans l'une des pirogues, et ils allaient s'éloigner, lorsque Fragoso de dire :

« Et le corps de Torrès ?

La pirogue s'arrêta.

En effet, les Indiens avaient déjà rejeté à l'eau le cadavre de l'aventurier, qui dérivait à la surface du fleuve.

« Torrès n'était qu'un misérable, dit Benito. Si j'ai loyalement risqué ma vie contre la sienne, Dieu l'a frappé par ma main, mais il ne faut pas que son corps reste sans sépulture ! »

Ordre fut donc donné à la seconde pirogue d'aller rechercher le cadavre de Torrès, afin de le transporter sur la rive où il serait enterré.

Mais, en ce moment, une bande d'oiseaux de proie, qui planait au-dessus du fleuve, se précipita sur ce corps flottant. C'étaient de ces urubus, sortes de petits vautours, au cou pelé, aux longues pattes, noirs comme des corbeaux, appelés « gallinazos » dans l'Amérique du Sud, et qui sont d'une voracité sans pareille. Le corps, déchiqueté par leur bec, laissa fuir les gaz qui le gonflaient ; sa densité s'accroissant, il s'enfonça peu à peu, et, pour la dernière fois, ce qui restait de Torrès disparut sous les eaux de l'Amazone.

Dix minutes après, la pirogue, rapidement conduite, arrivait au port de Manao. Benito et ses compagnons mirent pied à terre et s'élançèrent à travers les rues de la ville.

En quelques instants, ils étaient arrivés à la demeure du juge Jarriquez, et ils lui faisaient demander par l'un de ses serviteurs de vouloir bien les recevoir immédiatement.

Le magistrat donna ordre de les introduire dans son cabinet.

Là, Manoel fit le récit de tout ce qui s'était passé, depuis le moment où Torrès avait été mortellement frappé par Benito dans une rencontre loyale, jusqu'au moment où l'étui avait été retrouvé sur son cadavre et pris dans la poche de sa vareuse par le contremaître.

Bien que ce récit fût de nature à corroborer tout ce que lui avait dit Joam

Dacosta au sujet de Torrès et du marché que celui-ci lui avait offert, le juge Jarriguez ne put retenir un sourire d'incrédulité.

« Voici l'étui, monsieur, dit Manoel. Pas un seul instant il n'a été entre nos mains, et l'homme qui vous le présente est celui-là même qui l'a trouvé sur le corps de Torrès ! »

Le magistrat saisit l'étui, il l'examina avec soin, le tournant et le retournant comme il eût fait d'un objet précieux. Puis il l'agita, et quelques pièces, qui se trouvaient à l'intérieur, rendirent un son métallique.

Cet étui ne contenait-il donc pas le document tant cherché, ce papier écrit de la main du véritable auteur du crime, et que Torrès avait voulu vendre à un prix indigne à Joam Dacosta ? Cette preuve matérielle de l'innocence du condamné était-elle irrémédiablement perdue ?

On devine aisément à quelle violente émotion étaient en proie les spectateurs de cette scène. Benito pouvait à peine proférer une parole, il sentait son cœur prêt à se briser.

« Ouvrez donc, monsieur, ouvrez donc cet étui ! » s'écria-t-il enfin d'une voix brisée.

Le juge Jarriguez commença à dévisser le couvercle ; puis, quand ce couvercle eut été enlevé, il renversa l'étui d'où s'échappèrent, en roulant sur la table, quelques pièces d'or.

« Mais le papier !... le papier !... » s'écria encore une fois Benito, qui se retenait à la table pour ne pas tomber.

Le magistrat introduisit ses doigts dans l'étui, et en retira, non sans quelque difficulté, un papier jauni, plié avec soin, et que l'eau paraissait avoir respecté.

« Le document ! c'est le document ! s'écria Fragoso. Oui ! c'est bien là le papier que j'ai vu entre les mains de Torrès ! »

Le juge Jarriguez déploya ce papier, il y jeta les yeux, puis il le retourna de manière à en examiner le recto et le verso, qui étaient couverts d'une assez grosse écriture.

« Un document, en effet, dit-il. Il n'y a pas à en douter. C'est bien un document !

– Oui, répondit Benito, et ce document, c'est celui qui atteste l'innocence

de mon père !

– Je n'en sais rien, répondit le juge Jarriguez, et je crains que ce ne soit peut-être difficile à savoir !

– Pourquoi?... s'écria Benito, qui devint pâle comme un mort.

– Parce que ce document est écrit dans un langage cryptologique, répondit le juge Jarriguez, et que ce langage...

– Eh bien ?

– Nous n'en avons pas la clef !

## CHAPITRE DOUZIÈME – LE DOCUMENT

C'était là, en effet, une très grave éventualité, que ni Joam Dacosta ni les siens n'avaient pu prévoir. En effet, – ceux qui n'ont pas perdu le souvenir de la première scène de cette histoire le savent –, le document était écrit sous une forme indéchiffrable, empruntée à l'un des nombreux systèmes en usage dans la cryptologie.

Mais lequel ?

C'est à le découvrir que toute l'ingéniosité dont peut faire preuve un cerveau humain allait être employée.

Avant de congédier Benito et ses compagnons, le juge Jarriguez fit faire une copie exacte du document dont il voulait garder l'original, et il remit cette copie dûment collationnée aux deux jeunes gens, afin qu'ils puissent la communiquer au prisonnier.

Puis, rendez-vous pris pour le lendemain, ceux-ci se retirèrent, et, ne voulant pas tarder d'un instant à revoir Joam Dacosta, ils se rendirent aussitôt à la prison.

Là, dans une rapide entrevue qu'ils eurent avec le prisonnier, ils lui firent connaître tout ce qui s'était passé.

Joam Dacosta prit le document, l'examina avec attention. Puis, secouant la tête, il le rendit à son fils.

« Peut-être, dit-il, y a-t-il dans cet écrit la preuve que je n'ai jamais pu produire ! Mais si cette preuve m'échappe, si toute l'honnêteté de ma vie passée ne plaide pas pour moi, je n'ai plus rien à attendre de la justice des hommes, et mon sort est entre les mains de Dieu ! »

Tous le sentaient bien ! Si ce document demeurait indéchiffrable, la situation du condamné était au pire !

« Nous trouverons, mon père ! s'écria Benito. Il n'y a pas de document de cette espèce qui puisse résister à l'examen ! Ayez confiance... oui ! confiance ! Le ciel nous a, miraculeusement pour ainsi dire, rendu ce document qui vous justifie, et, après avoir guidé notre main pour le retrouver, il ne se refusera pas à

guider notre esprit pour le lire ! »

Joam Dacosta serra la main de Benito et de Manoel ; puis les trois jeunes gens, très émus, se retirèrent pour retourner directement à la jangada, où Yaquita les attendait.

Là, Yaquita fut aussitôt mise au courant des nouveaux incidents qui s'étaient produits depuis la veille, la réapparition du corps de Torrès, la découverte du document et l'étrange forme sous laquelle le vrai coupable de l'attentat, le compagnon de l'aventurier, avait cru devoir l'écrire, sans doute pour qu'il ne le compromît pas, au cas où il serait tombé entre des mains étrangères.

Naturellement Lina fut également instruite de cette inattendue complication et de la découverte qu'avait faite Frago, que Torrès était un ancien capitaine des bois, appartenant à cette milice qui opérait aux environs des bouches de la Madeira.

« Mais dans quelles circonstances l'avez-vous donc rencontré ? demanda la jeune mulâtresse.

– C'était pendant une de mes courses à travers la province des Amazones, répondit Frago, lorsque j'allais de village en village pour exercer mon métier.

– Et cette cicatrice ?...

– Voici ce qui s'était passé : Un jour, j'arrivais à la mission des Aranas, au moment où ce Torrès, que je n'avais jamais vu, s'était pris de querelle avec un de ses camarades, – du vilain monde que tout cela ! – et ladite querelle se termina par un coup de couteau, qui traversa le bras du capitaine des bois. Or, c'est moi qui fus chargé de le panser, faute de médecin, et voilà comment j'ai fait sa connaissance !

– Qu'importe, après tout, répliqua la jeune fille, que l'on sache ce qu'a été Torrès ! Ce n'est pas lui l'auteur du crime, et cela n'avancera pas beaucoup les choses !

– Non, sans doute, répondit Frago, mais on finira bien par lire ce document, que diable ! et l'innocence de Joam Dacosta éclatera alors aux yeux de tous ! »

C'était aussi l'espoir de Yaquita, de Benito, de Manoel, de Minha. Aussi tous trois, enfermés dans la salle commune de l'habitation, passèrent-ils de longues heures à essayer de déchiffrer cette notice.

Mais si c'était leur espoir, – il importe d'insister sur ce point –, c'était aussi, à tout le moins, celui du juge Jarriquez.

Après avoir rédigé le rapport qui, à la suite de son interrogatoire, établissait l'identité de Joam Dacosta, le magistrat avait expédié ce rapport à la chancellerie, et il avait lieu de penser qu'il en avait fini, pour son compte, avec cette affaire. Il ne devait pas en être ainsi.

En effet, il faut dire que, depuis la découverte du document, le juge Jarriquez se trouvait tout à coup transporté dans sa spécialité. Lui, le chercheur de combinaisons numériques, le résolveur de problèmes amusants, le déchiffreur de charades, rébus, logoglyphes et autres, il était évidemment là dans son véritable élément.

Or, à la pensée que ce document renfermait peut-être la justification de Joam Dacosta, il sentit se réveiller tous ses instincts d'analyste. Voilà donc qu'il avait devant les yeux un cryptogramme ! Aussi ne pensa-t-il plus qu'à en chercher le sens. Il n'aurait pas fallu le connaître pour douter qu'il y travaillerait jusqu'à en perdre le manger et le boire.

Après le départ des jeunes gens, le juge Jarriquez s'était installé dans son cabinet. Sa porte, défendue à tous, lui assurait quelques heures de parfaite solitude. Ses lunettes étaient sur son nez, sa tabatière sur sa table. Il prit une bonne prise, afin de mieux développer les finesses et sagacités de son cerveau, il saisit le document, et s'absorba dans une méditation qui devait bientôt se matérialiser sous la forme du monologue. Le digne magistrat était un de ces hommes en dehors, qui pensent plus volontiers tout haut que tout bas.

« Procédons avec méthode, se dit-il. Sans méthode, pas de logique. Sans logique, pas de succès possible. »

Puis, prenant le document, il le parcourut, sans y rien comprendre, d'un bout à l'autre.

Ce document comprenait une centaine de lignes, qui étaient divisées en six paragraphes.

« Hum ! fit le juge Jarriquez, après avoir réfléchi, vouloir m'exercer sur chaque paragraphe, l'un après l'autre, ce serait perdre inutilement un temps précieux. Il faut choisir, au contraire, un seul de ces alinéas, et choisir celui qui doit présenter le plus d'intérêt. Or, lequel se trouve dans ces conditions, si ce n'est le dernier, où doit nécessairement se résumer le récit de toute l'affaire ? Des noms propres peuvent me mettre sur la voie, entre autres celui de Joam Dacosta,



et, s'il est quelque part dans ce document, il ne peut évidemment manquer au dernier paragraphe. »

Le raisonnement du magistrat était logique. Très certainement il avait raison de vouloir d'abord exercer toutes les ressources de son esprit de cryptologue sur le dernier paragraphe.

Le voici, ce paragraphe, – car il est nécessaire de le remettre sous les yeux du lecteur, afin de montrer comment un analyste allait employer ses facultés à la découverte de la vérité.

« *Phyjslyddqfdzxcgasgzzqqehxgkfnrdxujugiocytdxvksbxhhuypo  
hdvrymhuhpuydkjoxphetozsletnmpmvffovpdajxhyynojyggayme  
qynfuqlnmvlyfgsuzmqiztlbqgyugsqubvnrcredgruzblrmxyuhqhp  
zdrrogcrohepqxufivvrplphonthvddqfhqsnzhhhnfepmqkyuuexktog  
zgkyuumfvijddqdzjqsykrplxhxqrymvklohphotozvdksppsvujhd.* »

Tout d'abord, le juge Jarriguez observa que les lignes du document n'avaient été divisées ni par mots, ni même par phrases, et que la ponctuation y manquait. Cette circonstance ne pouvait qu'en rendre la lecture beaucoup plus difficile.

« Voyons, cependant, se dit-il, si quelque assemblage de lettres semble former des mots, – j'entends de ces mots dont le nombre des consonnes par rapport aux voyelles permet la prononciation !... Et d'abord, au début, je vois le mot *phy*... plus loin, le mot *gas*... Tiens !... *ujugi*... Ne dirait-on pas le nom de cette ville africaine sur les bords du Tanganaïka ? Que vient faire cette cité dans tout cela ?... Plus loin, voilà le mot *ypo*. Est-ce donc du grec ? Ensuite, c'est *rym*... *puy*... *jor* ... *phetoz*... *juggay*... *suz*... *gruz*... Et, auparavant, *red*... *let* ... Bon ! voilà deux mots anglais !... Puis, *ohe*... *syk* ... Allons ! encore une fois le mot *rym*... puis, le mot *oto* ! ... »

Le juge Jarriguez laissa retomber la notice, et se prit à réfléchir pendant quelques instants.

« Tous les mots que je remarque dans cette lecture sommairement faite sont bizarres ! se dit-il. En vérité, rien n'indique leur provenance ! Les uns ont un air grec, les autres un aspect hollandais, ceux-ci une tournure anglaise, ceux-là n'ont aucun air, – sans compter qu'il y a des séries de consonnes qui échappent à toute prononciation humaine ! Décidément il ne sera pas facile d'établir la clef de ce cryptogramme ! »

Les doigts du magistrat commencèrent à battre sur son bureau une sorte

de diane, comme s'il eût voulu réveiller ses facultés endormies.

« Voyons donc d'abord, dit-il, combien il se trouve de lettres dans ce paragraphe.

Il compta, le crayon à la main.

« Deux cent soixante-seize ! dit-il. Eh bien, il s'agit de déterminer maintenant dans quelle proportion ces diverses lettres se trouvent assemblées les unes par rapport aux autres. »

Ce compte fut un peu plus long à établir. Le juge Jarriguez avait repris le document ; puis, son crayon à la main, il notait successivement chaque lettre suivant l'ordre alphabétique. Un quart d'heure après, il avait obtenu le tableau suivant :

$a = 3$  fois.

$b = 4$  fois.

$c = 3$  fois.

$d = 16$  fois.

$e = 9$  fois.

$f = 10$  fois.

$g = 13$  fois.

$h = 23$  fois.

$i = 4$  fois.

$j = 8$  fois.

$k = 9$  fois.

$l = 9$  fois.

$m = 9$  fois.

$n = 9$  fois.

$o = 12$  fois.

$p = 16$  fois.

$q = 16$  fois.

$r = 12$  fois.

$s = 10$  fois.

$t = 8 - u = 17 - v = 13 - x = 12 - y = 19 - z = 12$

TOTAL...276 fois.

« Ah ! ah ! fit le juge Jarriguez, une première observation me frappe : c'est que, rien que dans ce paragraphe, toutes les lettres de l'alphabet ont été employées ! C'est assez étrange ! En effet, que l'on prenne, au hasard, dans un livre, ce qu'il faut de lignes pour contenir deux cent soixante-seize lettres, et ce sera bien rare si chacun des signes de l'alphabet y figure ! Après tout, ce peut être un simple effet du hasard. »

Puis, passant à un autre ordre d'idées :

« Une question plus importante, se dit-il, c'est de voir si les voyelles sont aux consonnes dans la proportion normale. »

Le magistrat reprit son crayon, fit le décompte des voyelles et obtint le calcul suivant :

$a = 3$  fois.

$e = 9$  fois.

$i = 4$  fois.

$o = 12$  fois.

$u = 17$  fois.

$y = 19$  fois.

TOTAL... 64 voyelles.

« Ainsi, dit-il, il y a dans cet alinéa, soustraction faite, soixante-quatre voyelles contre deux cent douze consonnes !

Eh bien ! mais c'est la proportion normale, c'est-à-dire un cinquième

environ, comme dans l'alphabet, où on compte six voyelles sur vingt-cinq lettres. Il est donc possible que ce document ait été écrit dans la langue de notre pays, mais que la signification de chaque lettre ait été seulement changée. Or, si elle a été modifiée régulièrement, si un *b* a toujours été représenté par un *l*, par exemple, un *o* par un *v*, un *g* par un *k*, un *u* par un *r*, etc., je veux perdre ma place de juge à Manao, si je n'arrive pas à lire ce document ! Eh ! qu'ai-je donc à faire, si ce n'est à procéder suivant la méthode de ce grand génie analytique, qui s'est nommé Edgard Poë ! »

Le juge Jarriquez, en parlant ainsi, faisait allusion à une nouvelle du célèbre romancier américain, qui est un chef-d'œuvre. Qui n'a pas lu le *Scarabée d'or* ?

Dans cette nouvelle, un cryptogramme, composé à la fois de chiffres, de lettres, de signes algébriques, d'astérisques, de points et virgules, est soumis à une méthode véritablement mathématique, et il parvient à être déchiffré dans des conditions extraordinaires, que les admirateurs de cet étrange esprit ne peuvent avoir oubliées.

Il est vrai, de la lecture du document américain ne dépend que la découverte d'un trésor, tandis qu'ici il s'agissait de la vie et de l'honneur d'un homme ! Cette question d'en deviner le chiffre devait donc être bien autrement intéressante.

Le magistrat, qui avait souvent lu et relu « son » *Scarabée d'or*, connaissait bien les procédés d'analyse minutieusement employés par Edgard Poë, et il résolut de s'en servir dans cette occasion. En les utilisant, il était certain, comme il l'avait dit, que si la valeur ou la signification de chaque lettre demeurait constante, il arriverait, dans un temps plus ou moins long, à lire le document relatif à Joam Dacosta.

« Qu'a fait Edgard Poë ? se répétait-il. Avant tout, il a commencé par rechercher quel était le signe, – ici il n'y a que des lettres –, disons donc la lettre, qui est reproduite le plus souvent dans le cryptogramme. Or, je vois, en l'espèce, que c'est la lettre *h*, puisqu'on l'y rencontre vingt-trois fois. Rien que cette proportion énorme suffit pour faire comprendre a priori que *h* ne signifie pas *h*, mais, au contraire, que *h* doit représenter la lettre qui se rencontre le plus fréquemment dans notre langue, puisque je dois supposer que le document est écrit en portugais. En anglais, en français, ce serait *e*, sans doute ; en italien ce serait *i* ou *a* ; en portugais ce serait *a* ou *o*. Ainsi donc, admettons, sauf modification ultérieure, que *h* signifie *a* ou *o*. »

Cela fait, le juge Jarriguez, rechercha quelle était la lettre qui, après l'*h*, figurait le plus grand nombre de fois dans la notice. Il fut amené ainsi à former le tableau suivant :

*h* = 23 fois.

*y* = 19 –

*u* = 17 –

*d p q* = 16 – *g v* = 13 – *o r x z* = 12 – *f s* = 10 – *e k l n p* = 9 – *j t* = 8 – *b i* = 4 –  
*c* = 3 –

« Ainsi donc, la lettre *a* s'y trouve trois fois seulement, s'écria le magistrat, elle qui devrait s'y rencontrer le plus souvent ! Ah ! voilà bien qui prouve surabondamment que sa signification a été changée ! Et maintenant, après l'*a* ou l'*o*, quelles sont les lettres qui figurent le plus fréquemment dans notre langue ? Cherchons. »

Et le juge Jarriguez, avec une sagacité vraiment remarquable, qui dénotait chez lui un esprit très observateur, se lança dans cette nouvelle recherche. En cela, il ne faisait qu'imiter le romancier américain, qui, par simple induction ou rapprochement, en grand analyste qu'il était, avait pu se reconstituer un alphabet, correspondant aux signes du cryptogramme, et arriver, par suite, à le lire couramment.

Ainsi fit le magistrat, et on peut affirmer qu'il ne fut point inférieur à son illustre maître. À force d'avoir « travaillé » les logogriffes, les mots carrés, les mots rectangulaires et autres énigmes, qui ne reposent que sur une disposition arbitraire des lettres, et s'être habitué, soit de tête, soit la plume à la main, à en tirer la solution, il était déjà d'une certaine force à ces jeux d'esprit.

En cette occasion, il n'eut donc pas de peine à établir l'ordre dans lequel les lettres se reproduisaient le plus souvent, voyelles d'abord, consonnes ensuite. Trois heures après avoir commencé son travail, il avait sous les yeux un alphabet qui, si son procédé était juste, devait lui donner la signification véritable des lettres employées dans le document.

Il n'y avait donc plus qu'à appliquer successivement les lettres de cet alphabet à celles de la notice.

Mais, avant de faire cette application, un peu d'émotion prit le juge Jarriguez. Il était tout entier, alors, à cette jouissance intellectuelle, – beaucoup

plus grande qu'on ne le pense –, de l'homme qui, après plusieurs heures d'un travail opiniâtre, va voir apparaître le sens si impatiemment cherché d'un logogriphe.

« Essayons donc, dit-il. En vérité, je serais bien surpris si je ne tenais pas le mot de l'énigme ! »

Le juge Jarriquez retira ses lunettes, il en essuya les verres, troublés par la vapeur de ses yeux, il les remit sur son nez ; puis, il se courba de nouveau sur sa table.

Son alphabet spécial d'une main, son document de l'autre, il commença à écrire, sous la première ligne du paragraphe, les lettres vraies, qui, d'après lui, devaient correspondre exactement à chaque lettre cryptographique.

Après la première ligne, il en fit autant pour la deuxième, puis pour la troisième, puis pour la quatrième, et il arriva ainsi jusqu'à la fin de l'alinéa.

L'original ! Il n'avait même pas voulu se permettre de voir, en écrivant, si cet assemblage de lettres faisait des mots compréhensibles. Non ! pendant ce premier travail, son esprit s'était refusé à toute vérification de ce genre. Ce qu'il voulait, c'était se donner cette jouissance de lire tout d'un coup et tout d'une haleine.

Cela fait :

« Lisons ! » s'écria-t-il.

Et il lut.

Quelle cacophonie, grand Dieu ! Les lignes qu'il avait formées avec les lettres de son alphabet n'avaient pas plus de sens que celle du document ! C'était une autre série de lettres, voilà tout, mais elles ne formaient aucun mot, elles n'avaient aucune valeur ! En somme, c'était tout aussi hiéroglyphique !

« Diables de diables ! » s'écria le juge Jarriquez.

## CHAPITRE TREIZIÈME – OÙ IL EST QUESTION DE CHIFFRES

Il était sept heures du soir. Le juge Jarriquez, toujours absorbé dans ce travail de casse-tête, – sans en être plus avancé –, avait absolument oublié l'heure du repas et l'heure du repos, lorsque l'on frappa à la porte de son cabinet.

Il était temps. Une heure de plus, et toute la substance cérébrale du député magistrat se serait certainement fondue sous la chaleur intense qui se dégageait de sa tête !

Sur l'ordre d'entrer, qui fut donné d'une voix impatiente, la porte s'ouvrit, et Manoel se présenta.

Le jeune médecin avait laissé ses amis, à bord de la jangada, aux prises avec cet indéchiffrable document, et il était venu revoir le juge Jarriquez. Il voulait savoir s'il avait été plus heureux dans ses recherches. Il venait lui demander s'il avait enfin découvert le système sur lequel reposait le cryptogramme.

Le magistrat ne fut pas fâché de voir arriver Manoel.

Il en était à ce degré de surexcitation du cerveau que la solitude exaspère. Quelqu'un à qui parler, voilà ce qu'il lui fallait, surtout si son interlocuteur se montrait aussi désireux que lui de pénétrer ce mystère. Manoel était donc bien son homme.

« Monsieur, lui dit en entrant Manoel, une première question. Avez-vous mieux réussi que nous ?... »

Asseyez-vous d'abord, s'écria le juge Jarriquez, qui, lui, se leva et se mit à arpenter la chambre. Asseyez-vous ! Si nous étions debout tous les deux, vous marcheriez dans un sens, moi de l'autre, et mon cabinet serait trop étroit pour nous contenir ! »

Manoel s'assit et répéta sa question.

« Non !... je n'ai pas été plus heureux ! répondit le magistrat. Je n'en sais pas davantage. Je ne peux rien vous dire, sinon que j'ai acquis une certitude ! »

Laquelle, monsieur, laquelle ?

– C'est que le document est basé, non sur des signes conventionnels, mais sur ce qu'on appelle « chiffre » en cryptologie, ou, pour mieux dire, sur un nombre !

– Eh bien, monsieur, répondit Manoel, ne peut-on toujours arriver à lire un document de ce genre ?

– Oui, dit le juge Jarriquez, oui, lorsqu'une lettre est invariablement représentée par la même lettre, quand un  $a$ , par exemple, est toujours un  $p$ , quand un  $p$  est toujours un  $x$ ... sinon... non !

– Et dans ce document ?...

– Dans ce document, la valeur de la lettre change suivant le chiffre, pris arbitrairement, qui la commande ! Ainsi un  $b$ , qui aura été représenté par un  $k$ , deviendra plus tard un  $z$ , plus tard un  $m$ , ou un  $n$ , ou un  $f$ , ou toute autre lettre !

– Et dans ce cas ?...

– Dans ce cas, j'ai le regret de vous dire que le cryptogramme est absolument indéchiffrable !

– Indéchiffrable ! s'écria Manoel. Non ! monsieur, nous finirons par trouver la clef de ce document, duquel dépend la vie d'un homme ! »

Manoel s'était levé, en proie à une surexcitation qu'il ne pouvait maîtriser. La réponse qu'il venait de recevoir était si désespérante qu'il se refusait à l'accepter pour définitive.

Sur un geste du magistrat, cependant, il se rassit, et d'une voix plus calme :

« Et d'abord, monsieur, demanda-t-il, qui peut vous donner à penser que la loi de ce document est un chiffre, ou, comme vous le disiez, que c'est un nombre ?

Écoutez-moi, jeune homme, répondit le juge Jarriquez, et vous serez bien obligé de vous rendre à l'évidence ! » Le magistrat prit le document et le mit sous les yeux de Manoel, en regard du travail qu'il avait fait.

« J'ai commencé, dit-il, par traiter ce document comme je devais le faire, c'est-à-dire logiquement, en ne donnant rien au hasard, c'est-à-dire que, par l'application d'un alphabet basé sur la proportionnalité des lettres les plus usuelles de notre langue, j'ai cherché à en obtenir la lecture, en suivant les préceptes de notre immortel analyste, Edgard Poë !... Eh bien, ce qui lui avait



réussi, a échoué !...

Échoué ! s'écria Manoel.

– Oui, jeune homme, et j'aurais dû m'apercevoir tout d'abord que le succès, cherché de cette façon, n'était pas possible ! En vérité, un plus fort que moi ne s'y serait pas trompé !

– Mais, pour Dieu ! s'écria Manoel, je voudrais comprendre, et je ne puis...

– Prenez le document, reprit le juge Jarriguez, en ne vous attachant qu'à observer la disposition des lettres, et relisez-le tout entier.

Manoel obéit. « Ne voyez-vous donc rien dans l'assemblage de certaines lettres qui soit bizarre ? demanda le magistrat.

– Je ne vois rien, répondit Manoel, après avoir, pour la centième fois peut-être, parcouru les lignes du document.

– Eh bien, bornez-vous à étudier le dernier paragraphe. Là, vous le comprenez, doit être le résumé de la notice tout entière.

– Vous n'y voyez rien d'anormal ?

– Rien.

– Il y a, cependant, un détail qui prouve de la façon la plus absolue que le document est soumis à la loi d'un nombre.

– Et c'est ?... demanda Manoel.

– C'est, ou plutôt ce sont trois *h* que nous voyons juxtaposés à deux places différentes ! »

Ce que disait le juge Jarriguez était vrai et de nature à attirer l'attention. D'une part, les deux cent quatrième, deux cent cinquième et deux cent sixième lettres de l'alinéa, de l'autre, les deux cent cinquante-huitième, deux cent cinquante-neuvième et deux cent soixantième lettres étaient des *h* placés consécutivement. De là, cette particularité qui n'avait pas d'abord frappé le magistrat.

« Et cela prouve ?... demanda Manoel, sans deviner quelle déduction il devait tirer de cet assemblage.

– Cela prouve tout simplement, jeune homme, que le document repose sur la loi d'un nombre ! Cela démontre a priori que chaque lettre est modifiée par la vertu des chiffres de ce nombre et suivant la place qu'ils occupent !

– Et pourquoi donc ?

– Parce que dans aucune langue il n'y a de mots qui comportent le triplement de la même lettre ! » Manoel fut frappé de l'argument, il y réfléchit et, en somme, n'y trouva rien à répondre.

« Et si j'avais fait plus tôt cette observation, reprit le magistrat, je me serais épargné bien du mal, et un commencement de migraine qui me tient depuis le sinciput jusqu'à l'occiput !

– Mais enfin, monsieur, demanda Manoel, qui sentait lui échapper le peu d'espoir auquel il avait tenté de se rattacher encore, qu'entendez-vous par un chiffre ?

– Disons un nombre !

– Un nombre, si vous le voulez.

– Le voici, et un exemple vous le fera comprendre mieux que toute explication ! »

Le juge Jarriquez s'assit à la table, prit une feuille de papier, un crayon, et dit :

« Monsieur Manoel, choisissons une phrase, au hasard, la première venue, celle-ci, par exemple :

*Le juge Jarriquez est doué d'un esprit très ingénieux.*

« J'écris cette phrase de manière à en espacer les lettres et j'obtiens cette ligne :

*Le juge Jarriquez est doué d'un esprit très ingénieux*

Cela fait, le magistrat, – à qui sans doute cette phrase semblait contenir une de ces propositions qui sont hors de conteste –, regarda Manoel bien en face, en disant :

« Supposons maintenant que je prenne un nombre au hasard, afin de donner à cette succession naturelle de mots une forme cryptographique.

Supposons aussi que ce nombre soit composé de trois chiffres, et que ces chiffres soient 4, 2 et 3. Je dispose ledit nombre 423 sous la ligne ci-dessus, en le répétant autant de fois qu'il sera nécessaire pour atteindre la fin de la phrase, et de manière que chaque chiffre vienne se placer sous chaque lettre. Voici ce que cela donne : *Le juge Jarriquez est doué d'un esprit très ingénieux* 42 3423 423423423 423 4234 234 234234 2342 342342342

« Eh bien, monsieur Manoel, en remplaçant chaque lettre par la lettre qu'elle occupe dans l'ordre alphabétique en le descendant suivant la valeur du chiffre, j'obtiens ceci :

*l* moins 4 égale *p e* -2= *g j* -3= *m u* -4= *z g* -2= *i e* -3= *h*

et ainsi de suite.

« Si, par la valeur des chiffres qui composent le nombre en question, j'arrive à la fin de l'alphabet, sans avoir assez de lettres complémentaires à déduire, je le reprends par le commencement. C'est ce qui se passe pour la dernière lettre de mon nom, ce *z*, au-dessous duquel est placé le chiffre 3. Or, comme après le *z*, l'alphabet ne me fournit plus de lettres, je recommence à compter en reprenant par l'*a*, et dans ce cas :

*z* moins 3 égale *c*.

« Cela dit, lorsque j'ai mené jusqu'à la fin ce système cryptographique, commandé par le nombre 423, – qui a été arbitrairement choisi, ne l'oubliez pas ! – la phrase que vous connaissez est alors remplacée par celle-ci :

*Pg mzih ncuvktzgc iux hqyi fyr gvtthv vuuiu lrihrkhzz.*

« Or, jeune homme, examinez bien cette phrase, n'a-t-elle pas tout à fait l'aspect de celles du document en question ? Eh bien, qu'en ressort-il ? C'est que la signification de la lettre étant donnée par le chiffre que le hasard place au-dessous, la lettre cryptographique qui se rapporte à la lettre vraie ne peut pas toujours être la même. Ainsi, dans cette phrase, le premier *e* est représenté par un *g*, mais le deuxième l'est par un *h*, le troisième par un *g*, le quatrième par un *i* ; un *m* correspond au premier *j* et un *n* au second ; des deux *r* de mon nom, l'un est représenté par un *u*, le second par un *v* ; le *t* du mot *est* devient un *x* et le *t* du mot *esprit* devient un *y*, tandis que celui du mot *très* est un *v*. Vous voyez donc bien que si vous ne connaissez pas le nombre 423, vous n'arriverez jamais à lire ces lignes, et que, par conséquent, puisque le nombre qui fait la loi du document nous échappe, il restera indéchiffrable ! »

En entendant le magistrat raisonner avec une logique si serrée, Manoel fut accablé d'abord ; mais, relevant la tête :

« Non, s'écria-t-il, non monsieur ! Je ne renoncerai pas à l'espoir de découvrir ce nombre !

– On le pourrait peut-être, répondit le juge Jarriquez, si les lignes du document avaient été divisées par mots !

– Et pourquoi ?

– Voici mon raisonnement, jeune homme. Il est permis d'affirmer en toute assurance, n'est-ce pas, que ce dernier paragraphe du document doit résumer tout ce qui a été écrit dans les paragraphes précédents. Donc, il est certain pour moi que le nom de Joam Dacosta s'y trouve. Eh bien, si les lignes eussent été divisées par mots, en essayant chaque mot l'un après l'autre, – j'entends les mots composés de sept lettres comme l'est le nom de Dacosta –, il n'aurait pas été impossible de reconstituer le nombre qui est la clef du document.

– Veuillez m'expliquer comment il faudrait procéder monsieur, demanda Manoel, qui voyait peut-être luire là un dernier espoir.

– Rien n'est plus simple, répondit le juge Jarriquez. Prenons, par exemple, un des mots de la phrase que je viens d'écrire, – mon nom, si vous le voulez. Il est représenté dans le cryptogramme par cette bizarre succession de lettres : *ncuvktzgc*. Eh bien, en disposant ces lettres sur une colonne verticale, puis, en plaçant en regard les lettres de mon nom, et en remontant de l'une à l'autre dans l'ordre alphabétique, j'aurai la formule suivante :

« Entre *n* et *j* on compte 4 lettres. – *c* – *a* – 2 – *u* – *r* – 3 – *v* – *r* – 4 – *k*  
– *i* – 2 – *t* – *q* – 3 – *z* – *u* – 4 – *g* – *e* – 2 – *c* – *z* – 3 –

« Or, comment est composée la colonne des chiffres produits par cette opération très simple ? Vous le voyez ! des chiffres 423423423, etc., c'est-à-dire du nombre 423 plusieurs fois répété.

Oui ! cela est ! répondit Manoel.

– Vous comprenez donc que par ce moyen, en remontant dans l'ordre alphabétique de la fausse lettre à la lettre vraie, au lieu de le descendre de la vraie à la fausse, j'ai pu arriver aisément à reconstituer le nombre, et que ce nombre cherché est effectivement 423 que j'avais choisi comme clef de mon cryptogramme !

– Eh bien ! monsieur, s'écria Manoel, si, comme cela doit être, le nom de Dacosta se trouve dans ce dernier paragraphe, en prenant successivement chaque lettre de ces lignes pour la première des six lettres qui doivent composer ce nom, nous devons arriver...

– Cela serait possible, en effet, répondit le juge Jarriquez, mais à une condition cependant !

– Laquelle ?

– Ce serait que le premier chiffre du nombre vînt précisément tomber sous la première lettre du mot Dacosta, et vous m'accorderez bien que cela n'est aucunement probable !

– En effet ! répondit Manoel, qui, devant cette improbabilité, sentait la dernière chance lui échapper.

– Il faudrait donc s'en remettre au hasard seul, reprit le juge Jarriquez qui secoua la tête, et le hasard ne doit pas intervenir dans des recherches de ce genre !

– Mais enfin, reprit Manoel, le hasard ne pourrait-il pas nous livrer ce nombre ?

– Ce nombre, s'écria le magistrat, ce nombre ! Mais de combien de chiffres se compose-t-il ? Est-ce de deux, de trois, de quatre, de neuf, de dix ? Est-il fait de chiffres différents, ce nombre, ou de chiffres plusieurs fois répétés ? Savez-vous bien, jeune homme, qu'avec les dix chiffres de la numération, en les employant tous, sans répétition aucune, on peut faire trois millions deux cent soixante-huit mille huit cents nombres différents, et que si plusieurs mêmes chiffres s'y trouvaient, ces millions de combinaisons s'accroîtraient encore ? Et savez-vous qu'en n'employant qu'une seule des cinq cent vingt-cinq mille six cents minutes dont se compose l'année à essayer chacun de ces nombres, il vous faudrait plus de six ans, et que vous y mettriez plus de trois siècles, si chaque opération exigeait une heure ! Non ! vous demandez là l'impossible !

– L'impossible, monsieur, répondit Manoel, c'est qu'un juste soit condamné, c'est que Joam Dacosta perde la vie et l'honneur, quand vous avez entre les mains la preuve matérielle de son innocence ! Voilà ce qui est impossible !

– Ah ! jeune homme, s'écria le juge Jarriquez, qui vous dit, après tout, que ce Torrès n'ait pas menti, qu'il ait réellement eu entre les mains un document

écrit par l'auteur du crime, que ce papier soit ce document et qu'il s'applique à Joam Dacosta ?

Qui le dit !... » répéta Manoel.

Et sa tête retomba dans ses mains. En effet, rien ne prouvait d'une façon certaine que le document concernât l'affaire de l'arrayal diamantin. Rien même ne disait qu'il ne fût pas vide de tout sens, et qu'il n'eût pas été imaginé par Torrès lui-même, aussi capable de vouloir vendre une pièce fausse qu'une vraie !

« N'importe, monsieur Manoel, reprit le juge Jarriguez en se levant, n'importe ! Quelle que soit l'affaire à laquelle se rattache ce document, je ne renonce pas à en découvrir le chiffre ! Après tout, cela vaut bien un logogriphe ou un rébus ! »

Sur ces mots, Manoel se leva, salua le magistrat, et revint à la jangada, plus désespéré au retour qu'il ne l'était au départ.

## CHAPITRE Q UATORZIÈME – À TOUT HASARD

Cependant, un revirement complet s'était fait dans l'opinion publique au sujet du condamné Joam Dacosta. À la colère avait succédé la commisération. La population ne se portait plus à la prison de Manao pour proférer des cris de mort contre le prisonnier. Au contraire ! les plus acharnés à l'accuser d'être l'auteur principal du crime de Tijuco proclamaient maintenant que ce n'était pas lui le coupable et réclamaient sa mise en liberté immédiate : ainsi vont les foules, – d'un excès à l'autre.

Ce revirement se comprenait.

En effet, les événements qui venaient de se produire pendant ces deux derniers jours, duel de Benito et de Torrès, recherche de ce cadavre réapparu dans des circonstances si extraordinaires, trouvaille du document, « indéchiffrabilité », si l'on peut s'exprimer ainsi, des lignes qu'il contenait, assurance où l'on était, où l'on voulait être, que cette notice renfermait la preuve matérielle de la non-culpabilité de Joam Dacosta, puisqu'elle émanait du vrai coupable, tout avait contribué à opérer ce changement dans l'opinion publique. Ce que l'on désirait, ce que l'on demandait impatientement depuis quarante-huit heures, on le craignait maintenant : c'était l'arrivée des instructions qui devaient être expédiées de Rio de Janeiro.

Cela ne pouvait tarder, cependant.

En effet, Joam Dacosta avait été arrêté le 24 août et interrogé le lendemain. Le rapport du juge était parti le 26. On était au 28. Dans trois ou quatre jours au plus le ministre aurait pris une décision à l'égard du condamné, et il était trop certain que la « justice suivrait son cours ! »

Oui ! personne ne doutait qu'il n'en fût ainsi ! Et, cependant, que la certitude de l'innocence de Joam Dacosta ressortît du document, cela ne faisait question pour personne, ni pour sa famille, ni même pour toute la mobile population de Manao, qui suivait avec passion les phases de cette dramatique affaire.

Mais, au-dehors, aux yeux d'observateurs désintéressés ou indifférents, qui n'étaient pas sous la pression des événements, quelle valeur pouvait avoir ce document, et comment affirmer même qu'il se rapportait à l'attentat de l'arrayal

diamantin ? Il existait, c'était incontestable. On l'avait trouvé sur le cadavre de Torrès. Rien de plus certain. On pouvait même s'assurer, en le comparant à la lettre de Torrès qui dénonçait Joam Dacosta, que ce document n'avait point été écrit de la main de l'aventurier. Et, cependant, ainsi que l'avait dit le juge Jarriguez, pourquoi ce misérable ne l'aurait-il pas fait fabriquer dans un but de chantage ? Et il pouvait d'autant plus en être ainsi que Torrès ne prétendait s'en dessaisir qu'après son mariage avec la fille de Joam Dacosta, c'est-à-dire lorsqu'il ne serait plus possible de revenir sur le fait accompli.

Toutes ces thèses pouvaient donc se soutenir de part et d'autre, et l'on comprend que cette affaire devait passionner au plus haut point. En tout cas, bien certainement, la situation de Joam Dacosta était des plus compromises. Tant que le document ne serait pas déchiffré, c'était comme s'il n'existait pas, et si son secret cryptographique n'était pas miraculeusement deviné ou révélé avant trois jours, avant trois jours l'expiation suprême aurait irrémédiablement frappé le condamné de Tijuco.

Eh bien, ce miracle, un homme prétendait l'accomplir ! Cet homme, c'était le juge Jarriguez, et maintenant il y travaillait plus encore dans l'intérêt de Joam Dacosta que pour la satisfaction de ses facultés analytiques. Oui ! un revirement s'était absolument fait dans son esprit. Cet homme qui avait volontairement abandonné sa retraite d'Iquitos, qui était venu, au risque de la vie, demander sa réhabilitation à la justice brésilienne, n'y avait-il pas là une énigme morale qui en valait bien d'autres ! Aussi ce document, le magistrat ne l'abandonnerait pas tant qu'il n'en aurait pas découvert le chiffre. Il s'y acharnait donc ! Il ne mangeait plus, il ne dormait plus. Tout son temps se passait à combiner des nombres, à forger une clé pour forcer cette serrure !

À la fin de la première journée, cette idée était arrivée dans le cerveau du juge Jarriguez à l'état d'obsession. Une colère, très peu contenue, bouillonnait en lui et s'y maintenait à l'état permanent. Toute sa maison en tremblait. Ses domestiques, noirs ou blancs, n'osaient plus l'aborder. Il était garçon, heureusement, sans quoi madame Jarriguez aurait eu quelques vilaines heures à passer. Jamais problème n'avait passionné à ce point cet original, et il était bien résolu à en poursuivre la solution, tant que sa tête n'éclaterait pas, comme une chaudière trop chauffée, sous la tension des vapeurs.

Il était parfaitement acquis maintenant à l'esprit du digne magistrat que la clé du document était un nombre, composé de deux ou plusieurs chiffres, mais que ce nombre, toute déduction semblait être impuissante à le faire connaître.

Ce fut cependant ce qu'entreprit, avec une véritable rage, le juge



Jarriquez, et c'est à ce travail surhumain que, pendant cette journée du 28 août, il appliqua toutes ses facultés.

Chercher ce nombre au hasard, c'était, il l'avait dit, vouloir se perdre dans des millions de combinaisons, qui auraient absorbé plus que la vie d'un calculateur de premier ordre. Mais, si l'on ne devait aucunement compter sur le hasard, était-il donc impossible de procéder par le raisonnement ? Non, sans doute, et c'est à « raisonner jusqu'à la déraison », que le juge Jarriquez se donna tout entier, après avoir vainement cherché le repos dans quelques heures de sommeil.

Qui eût pu pénétrer jusqu'à lui en ce moment, après avoir bravé les défenses formelles qui devaient protéger sa solitude, l'aurait trouvé, comme la veille, dans son cabinet de travail, devant son bureau, ayant sous les yeux le document, dont les milliers de lettres embrouillées lui semblaient voltiger autour de sa tête.

« Ah ! s'écriait-il, pourquoi ce misérable qui l'a écrit, quel qu'il soit, n'a-t-il pas séparé les mots de ce paragraphe ! On pourrait... on essaierait... Mais non ! Et cependant, s'il est réellement question dans ce document de cette affaire d'assassinat et de vol, il n'est pas possible que certains mots ne s'y trouvent, des mots tels qu'*arrayal*, *diamants*, *Tijuco*, *Dacosta*, d'autres, que sais-je ! et en les mettant en face de leurs équivalents cryptologiques, on pourrait arriver à reconstituer le nombre ! Mais rien ! Pas une seule séparation ! Un mot, rien qu'un seul !... Un mot de deux cent soixante-seize lettres !... Ah ! soit-il deux cent soixante-seize fois maudit, le gueux qui a si malencontreusement compliqué son système ! Rien que pour cela, il mériterait deux cent soixante-seize mille fois la potence ! »

Et un violent coup de poing, porté sur le document, vint accentuer ce peu charitable souhait.

« Mais enfin, reprit le magistrat, s'il m'est interdit d'aller chercher un de ces mots dans tout le corps du document, ne puis-je, à tout le moins, essayer de le découvrir soit au commencement soit à la fin de chaque paragraphe ? Peut-être y a-t-il là une chance qu'il ne faut pas négliger ? »

Et s'emportant sur cette voie de déduction, le juge Jarriquez essaya successivement si les lettres qui commençaient ou finissaient les divers alinéas du document pouvaient correspondre à celles qui formaient le mot le plus important, celui qui devait nécessairement se trouver quelque part, – le mot *Dacosta*.

Il n'en était rien.

En effet, pour ne parler que du dernier alinéa et des sept lettres par lesquelles il débutait, la formule fut :

$$P = D$$

$$h = a$$

$$y = c$$

$$j = o$$

$$s = s$$

$$l = t$$

$$y = a$$

Or, dès la première lettre, le juge Jarriquez fut arrêté dans ses calculs, puisque l'écart entre *p* et *d* dans l'ordre alphabétique donnait non pas un chiffre, mais deux, soit 12, et que, dans ces sortes de cryptogrammes, une lettre ne peut évidemment être modifiée que par un seul.

Il en était de même pour les sept dernières lettres du paragraphe *p s u vjh b*, dont la série commençait également par un *p*, qui ne pouvait en aucun cas représenter le *d* de *Dacosta*, puisqu'il en était séparé également par douze lettres.

Donc, ce nom ne figurait pas à cette place.

Même observation pour les mots *arrayal* et *Tijuco*, qui furent successivement essayés, et dont la construction ne correspondait pas davantage à la série des lettres cryptographiques.

Après ce travail, le juge Jarriquez, la tête brisée, se leva, arpena son cabinet, prit l'air à la fenêtre, poussa une sorte de rugissement dont le bruit fit partir toute une volée d'oiseaux-mouches qui bourdonnaient dans le feuillage d'un mimosa, et il revint au document.

Il le prit, il le tourna et le retourna.

« Le coquin ! le gueux ! grommelait le juge Jarriquez. Il finira par me rendre fou ! Mais, halte-là ! Du calme ! Ne perdons pas l'esprit ! Ce n'est pas le moment ! »

Puis, après avoir été se rafraîchir la tête dans une bonne ablution d'eau froide :

« Essayons autre chose, dit-il, et, puisque je ne puis déduire un nombre de l'arrangement de ces damnées lettres, voyons quel nombre a bien pu choisir l'auteur de ce document, en admettant qu'il soit aussi l'auteur du crime de Tijuco ! »

C'était une autre méthode de déductions, dans laquelle le magistrat allait se jeter, et peut-être avait-il raison, car cette méthode ne manquait pas d'une certaine logique.

« Et d'abord, dit-il, essayons un millésime ! Pourquoi ce malfaiteur n'aurait-il pas choisi le millésime de l'année qui a vu naître Joam Dacosta, cet innocent qu'il laissait condamner à sa place, – ne fût ce que pour ne pas oublier ce nombre si important pour lui ? Or, Joam Dacosta est né en 1804. Voyons ce que donne 1804, pris comme nombre cryptologique ! »

Et le juge Jarriquez, écrivant les premières lettres du paragraphe, et les surmontant du nombre 1804, qu'il répéta trois fois, obtint cette nouvelle formule :

1804 1804 1804

*phyj slyd dqfd*

Puis, en remontant dans l'ordre alphabétique d'autant de lettres que comportait la valeur du chiffre, il obtint la série suivante :

*o.yf rdy. cif.* ce qui ne signifiait rien ! Et encore lui manquait-il trois lettres qu'il avait dû remplacer par des points, parce que les chiffres 8, 4 et 4, qui commandaient les trois lettres *h*, *d* et *d*, ne donnaient pas de lettres correspondantes en remontant la série alphabétique.

« Ce n'est pas encore cela ! s'écria le juge Jarriquez. Essayons d'un autre nombre ! »

Et il se demanda si, à défaut de ce premier millésime, l'auteur du document n'aurait pas plutôt choisi le millésime de l'année dans laquelle le crime avait été commis.

Or, c'était en 1826. Donc, procédant comme dessus, il obtint la formule :

1826 1826 1826

*Phyj slyd dqfd*

ce qui lui donna :

*o.vd rdv. cid.*

Même série insignifiante, ne présentant aucun sens, plusieurs lettres manquant toujours comme dans la formule précédente, et pour des raisons semblables.

« Damné nombre ! s'écria le magistrat. Il faut encore renoncer à celui-ci ! À un autre ! Ce gueux aurait-il donc choisi le nombre de contos représentant le produit du vol ? » Or, la valeur des diamants volés avait été estimée à la somme de huit cent trente-quatre contos [\[15\]](#).

La formule fut donc ainsi établie :

834 834 834 834

*phy jsl ydd qfd*

ce qui donna ce résultat aussi peu satisfaisant que les autres :

*het bph pa. ic.*

« Au diable le document et celui qui l'imagina ! s'écria le juge Jarriquez en rejetant le papier, qui s'envola à l'autre bout de la chambre. Un saint y perdrait la patience et se ferait damner ! »

Mais, ce moment de colère passé, le magistrat, qui ne voulait point en avoir le démenti, reprit le document. Ce qu'il avait fait pour les premières lettres des divers paragraphes, il le refit pour les dernières, – inutilement. Puis, tout ce que lui fournit son imagination surexcitée, il le tenta. Successivement furent essayés les nombres qui représentaient l'âge de Joam Dacosta, que devait bien connaître l'auteur du crime, la date de l'arrestation, la date de la condamnation prononcée par la cour d'assises de Villa-Rica, la date fixée pour l'exécution, etc., etc., jusqu'au nombre même des victimes de l'attentat de Tijuco ! Rien ! toujours rien !

Le juge Jarriquez était dans un état d'exaspération qui pouvait réellement faire craindre pour l'équilibre de ses facultés mentales. Il se démenait, il se débattait, il luttait comme s'il eût tenu un adversaire corps à corps ! Puis tout à coup :

« Au hasard, s'écria-t-il, et que le ciel me seconde, puisque la logique est impuissante ! »

Sa main saisit le cordon d'une sonnette pendue près de sa table de travail. Le timbre résonna violemment, et le magistrat s'avança jusqu'à la porte qu'il ouvrit :

« Bobo ! » cria-t-il.

Quelques instants se passèrent.

Bobo, un noir affranchi qui était le domestique privilégié du juge Jarriquez, ne paraissait pas. Il était évident que Bobo n'osait pas entrer dans la chambre de son maître.

Nouveau coup de sonnette ! Nouvel appel de Bobo qui, dans son intérêt, croyait devoir faire le sourd en cette occasion !

Enfin, troisième coup de sonnette, qui démonta l'appareil et brisa le cordon. Cette fois, Bobo parut.

« Que me veut mon maître ? demanda Bobo en se tenant prudemment sur le seuil de la porte.

Avance, sans prononcer un seul mot ! » répondit le magistrat, dont le regard enflammé fit trembler le noir. Bobo avança.

« Bobo, dit le juge Jarriquez, fais bien attention à la demande que je vais te poser, et réponds immédiatement, sans prendre même le temps de réfléchir, ou je... »

Bobo, interloqué, les yeux fixes, la bouche ouverte, assembla ses pieds dans la position du soldat sans armes et attendit.

« Y es-tu ? lui demanda son maître.

J'y suis.

– Attention ! Dis-moi, sans chercher, entends-tu bien, le premier nombre qui te passera par la tête !

– Soixante-seize mille deux cent vingt-trois », répondit Bobo tout d'une haleine. Bobo, sans doute, avait pensé complaire à son maître en lui répondant par un nombre aussi élevé.

Le juge Jarriquez avait couru à sa table, et, le crayon à la main, il avait établi sa formule sur le nombre indiqué par Bobo, – lequel Bobo n'était que l'interprète du hasard en cette circonstance.

On le comprend, il eût été par trop invraisemblable que ce nombre, 76223 eût été précisément celui qui servait de clef au document.

Il ne produisit donc d'autre résultat que d'amener à la bouche du juge Jarriquez un juron tellement accentué que Bobo s'empressa de détaler au plus vite.

## CHAPITRE Q UINZIÈME – DERNIERS EFFORTS

Cependant le magistrat n'avait pas été seul à se consumer en stériles efforts. Benito, Manoel, Minha s'étaient réunis dans un travail commun pour tenter d'arracher au document ce secret, duquel dépendaient la vie et l'honneur de leur père. De son côté, Fragoso, aidé par Lina, n'avait pas voulu être en reste ; mais toute leur ingéniosité n'y avait pas réussi et le nombre leur échappait toujours !

« Trouvez donc, Fragoso ! lui répétait sans cesse la jeune mulâtresse, trouvez donc !

Je trouverai ! » répondait Fragoso.

Et il ne trouvait pas ! Il faut dire ici cependant, que Fragoso avait l'idée de mettre à exécution certain projet dont il ne voulait pas parler, même à Lina, projet qui était aussi passé dans son cerveau à l'état d'obsession : c'était d'aller à la recherche de cette milice à laquelle avait appartenu l'ex-capitaine des bois, et de découvrir quel avait pu être cet auteur du document chiffré, qui s'était avoué coupable de l'attentat de Tijuco. Or, la partie de la province des Amazones dans laquelle opérait cette milice, l'endroit même où Fragoso l'avait rencontrée quelques années auparavant, la circonscription à laquelle elle appartenait, n'étaient pas très éloignés de Manao. Il suffisait de descendre le fleuve pendant une cinquantaine de milles, vers l'embouchure de la Madeira, affluent de sa rive droite, et là, sans doute, se rencontrerait le chef de ces « capitaës do mato », qui avait compté Torrès parmi ses compagnons. En deux jours, en trois jours au plus, Fragoso pouvait s'être mis en rapport avec les anciens camarades de l'aventurier.

« Oui, sans doute, je puis faire cela, se répétait-il, mais après ? Que résultera-t-il de ma démarche, en admettant qu'elle réussisse ? Quand nous aurons la certitude qu'un des compagnons de Torrès est mort récemment, cela prouvera-t-il qu'il est l'auteur du crime ? Cela démontrera-t-il qu'il a remis à Torrès un document dans lequel il avoue son crime et en décharge Joam Dacosta ? Cela donnera-t-il en fin la clef du document ? Non ! Deux hommes seuls en connaissent le chiffre ! Le coupable et Torrès ! Et ces deux hommes ne sont plus ! »

Ainsi raisonnait Fragoso. Il était trop évident que sa démarche ne pourrait aboutir à rien. Et pourtant cette pensée, c'était plus fort que lui. Une puissance

irrésistible le poussait à partir, bien qu'il ne fût pas même assuré de retrouver la milice de la Madeira ! En effet, elle pouvait être en chasse, dans quelque autre partie de la province, et alors, pour la rejoindre, il faudrait plus de temps à Frago que celui dont il pouvait disposer ! Puis, enfin, pour arriver à quoi, à quel résultat ?

Il n'en est pas moins vrai que, le lendemain 29 août, avant le lever du soleil, Frago, sans prévenir personne, quittait furtivement la jangada, arrivait à Manao et s'embarquait sur une de ces nombreuses égariteas qui descendent journellement l'Amazone.

Et lorsqu'on ne le revit plus à bord, quand il ne reparut pas de toute cette journée, ce fut un étonnement. Personne, pas même la jeune mulâtresse, ne pouvait s'expliquer l'absence de ce serviteur si dévoué dans des circonstances aussi graves !

Quelques-uns purent même se demander, non sans quelque raison, si le pauvre garçon, désespéré d'avoir personnellement contribué, lorsqu'il le rencontra à la frontière, à attirer Torrès sur la jangada, ne s'était pas abandonné à quelque parti extrême !

Mais, si Frago pouvait s'adresser un pareil reproche, que devait donc se dire Benito ? Une première fois, à Iquitos, il avait engagé Torrès à visiter la fazenda. Une deuxième fois, à Tabatinga, il l'avait conduit à bord de la jangada pour y prendre passage. Une troisième fois, en le provoquant, en le tuant, il avait anéanti le seul témoin dont le témoignage pût intervenir en faveur du condamné ! Et alors Benito s'accusait de tout, de l'arrestation de son père, des terribles éventualités qui en seraient la conséquence !

En effet, si Torrès eût encore vécu, Benito ne pouvait-il se dire que, d'une façon ou d'une autre, par commisération ou par intérêt, l'aventurier eût fini par livrer le document ?

Frago quittait furtivement la jangada.

À force d'argent, Torrès, que rien ne pouvait compromettre, ne se serait-il pas décidé à parler ? La preuve tant cherchée n'aurait-elle pas été enfin mise sous les yeux des magistrats ? Oui ! sans doute !... Et le seul homme qui eût pu fournir ce témoignage, cet homme était mort de la main de Benito !

Voilà ce que le malheureux jeune homme répétait à sa mère, à Manoel, à lui-même ! Voilà quelles étaient les cruelles responsabilités dont sa conscience lui imposait la charge !



Cependant, entre son mari, près duquel elle passait toutes les heures qui lui étaient accordées, et son fils en proie à un désespoir qui faisait trembler pour sa raison, la courageuse Yaquita ne perdait rien de son énergie morale.

On retrouvait en elle la vaillante fille de Magalhaës, la digne compagne du fazender d'Iquitos.

L'attitude de Joam Dacosta, d'ailleurs, était faite pour la soutenir dans cette épreuve. Cet homme de cœur, ce puritain rigide, cet austère travailleur, dont toute la vie n'avait été qu'une lutte, en était encore à montrer un instant de faiblesse.

Le coup le plus terrible qui l'eût frappé sans l'abattre avait été la mort du juge Ribeiro, dans l'esprit duquel son innocence ne laissait pas un doute. N'était-ce pas avec l'aide de son ancien défenseur qu'il avait eu l'espoir de lutter pour sa réhabilitation ? L'intervention de Torrès dans toute cette affaire, il ne la regardait que comme secondaire pour lui. Et d'ailleurs ce document, il n'en connaissait pas l'existence, lorsqu'il s'était décidé à quitter Iquitos pour venir se remettre à la justice de son pays. Il n'apportait pour tout bagage que des preuves morales. Qu'une preuve matérielle se fût inopinément produite au cours de l'affaire, avant ou après son arrestation, il n'était certainement pas homme à la dédaigner ; mais si, par suite de circonstances regrettables, cette preuve avait disparu, il se retrouvait dans la situation où il était en passant la frontière du Brésil, cette situation d'un homme qui venait dire : « Voilà mon passé, voilà mon présent, voilà toute une honnête existence de travail et de dévouement que je vous apporte ! Vous avez rendu un premier jugement inique ! Après vingt-trois ans d'exil, je viens me livrer ! Me voici ! Jugez-moi ! »

La mort de Torrès, l'impossibilité de lire le document retrouvé sur lui, n'avaient donc pu produire sur Joam Dacosta une impression aussi vive que sur ses enfants, ses amis, ses serviteurs, sur tous ceux qui s'intéressaient à lui.

« J'ai foi dans mon innocence, répétait-il à Yaquita, comme j'ai foi en Dieu ! S'il trouve que ma vie est encore utile aux miens et qu'il faille un miracle pour la sauver, il le fera, ce miracle, sinon je mourrai ! Lui seul, il est le juge ! »

Cependant l'émotion s'accroissait dans la ville de Manao avec le temps qui s'écoulait. Cette affaire était commentée avec une passion sans égale. Au milieu de cet entraînement de l'opinion publique que provoque tout ce qui est mystérieux, le document faisait l'unique objet des conversations. Personne, à la fin de ce quatrième jour, ne doutait plus qu'il ne renfermât la justification du condamné.

Il faut dire, d'ailleurs, que chacun avait été mis à même d'en déchiffrer l'incompréhensible contenu. En effet, le *Diario d'o Grand Para* l'avait reproduit en fac-similé. Des exemplaires autographiés venaient d'être répandus en grand nombre, et cela sur les instances de Manoel, qui ne voulait rien négliger de ce qui pourrait amener la pénétration de ce mystère, même le hasard, ce « nom de guerre », a-t-on dit, que prend quelquefois la Providence.

En outre, une récompense montant à la somme de cent contos<sup>[16]</sup> fut promise à quiconque découvrirait le chiffre vainement cherché, et permettrait de lire le document. C'était là une fortune. Aussi que de gens de toutes classes perdirent le boire, le manger, le sommeil, à s'acharner sur l'inintelligible cryptogramme.

Jusqu'alors, cependant, tout cela avait été inutile, et il est probable que les plus ingénieux analystes du monde y auraient vainement consumé leurs veilles.

Le public avait été avisé, d'ailleurs, que toute solution devait être adressée sans retard au juge Jarriquez, en sa maison de la rue de Dieu-le-Fils ; mais, le 29 août, au soir, rien n'était encore arrivé et rien ne devait arriver sans doute !

En vérité, de tous ceux qui se livraient à l'étude de ce casse-tête, le juge Jarriquez était un des plus à plaindre. Par suite d'une association d'idées toute naturelle, lui aussi partageait maintenant l'opinion générale que le document se rapportait à l'affaire de Tijuco, qu'il avait été écrit de la main même du coupable et qu'il déchargeait Joam Dacosta. Aussi ne mettait-il que plus d'ardeur à en chercher la clef. Ce n'était plus uniquement l'art pour l'art qui le guidait, c'était un sentiment de justice, de pitié envers un homme frappé d'une injuste condamnation. S'il est vrai qu'il se fait une dépense d'un certain phosphore organique dans le travail du cerveau humain, on ne saurait dire combien le magistrat en avait dépensé de milligrammes pour échauffer les réseaux de son « sensorium », et, en fin de compte, ne rien trouver, non, rien !

Et cependant le juge Jarriquez ne songeait pas à abandonner sa tâche. S'il ne comptait plus maintenant que sur le hasard, il fallait, il voulait que ce hasard lui vînt en aide ! Il cherchait à le provoquer par tous les moyens possibles et impossibles ! Chez lui, c'était devenu de la frénésie, de la rage, et, ce qui est pis, de la rage impuissante !

Ce qu'il essaya de nombres différents pendant cette dernière partie de la journée, – nombres toujours pris arbitrairement –, ne saurait se concevoir ! Ah ! s'il avait eu le temps, il n'aurait pas hésité à se lancer dans les millions de combinaisons que les dix signes de la numération peuvent former ! Il y eût

consacré sa vie tout entière, au risque de devenir fou avant l'année révolue ! Fou ! Eh ! ne l'était-il pas déjà !

Il eut alors la pensée que le document devait, peut-être, être lu à l'envers. C'est pourquoi, le retournant et l'exposant à la lumière, il le reprit de cette façon.

Rien ! Les nombres déjà imaginés et qu'il essaya sous cette nouvelle forme ne donnèrent aucun résultat !

Peut-être fallait-il prendre le document à rebours, et le rétablir en allant de la dernière lettre à la première, ce que son auteur pouvait avoir combiné pour en rendre la lecture plus difficile encore !

Rien ! Cette nouvelle combinaison ne fournit qu'une série de lettres complètement énigmatiques !

À huit heures du soir, le juge Jarriquez, la tête entre les mains, brisé, épuisé moralement et physiquement, n'avait plus la force de remuer, de parler, de penser, d'associer une idée à une autre !

Soudain, un bruit se fit entendre en dehors. Presque aussitôt, malgré ses ordres formels, la porte de son cabinet s'ouvrit brusquement.

Benito et Manoel étaient devant lui, Benito, effrayant à voir, Manoel le soutenant, car l'infortuné jeune homme n'avait plus la force de se soutenir lui-même.

Le magistrat s'était vivement relevé.

« Qu'y a-t-il, messieurs, que voulez-vous ? demanda-t-il.

– Le chiffre !... le chiffre ! ... s'écria Benito, fou de douleur. Le chiffre du document ! ...

– Le connaissez-vous donc ? s'écria le juge Jarriquez.

– Non, monsieur, reprit Manoel. Mais vous ?...

– Rien !... rien !

– Rien ! » s'écria Benito. Et, au paroxysme du désespoir, tirant une arme de sa ceinture, il voulut s'en frapper la poitrine. Le magistrat et Manoel, se jetant sur lui, parvinrent, non sans peine, à le désarmer.

« Benito, dit le juge Jarriquez d'une voix qu'il voulait rendre calme, puisque votre père ne peut plus maintenant échapper à l'expiation d'un crime qui n'est pas le sien, vous avez mieux à faire qu'à vous tuer !

– Quoi donc ?... s'écria Benito.

– Vous avez à tenter de lui sauver la vie !

– Et comment ?...

C'est à vous de le deviner, répondit le magistrat, ce n'est pas à moi de vous le dire !

## CHAPITRE SEIZIÈME – DISPOSITIONS PRISES

Le lendemain, 30 août, Benito et Manoel se concertaient. Ils avaient compris la pensée que le juge n'avait pas voulu formuler en leur présence. Ils cherchaient maintenant les moyens de faire évader le condamné que menaçait le dernier supplice.

Il n'y avait pas autre chose à faire.

En effet, il n'était que trop certain que, pour les autorités de Rio de Janeiro, le document indéchiffré n'offrirait aucune valeur, qu'il serait lettre morte, que le premier jugement qui avait déclaré Joam Dacosta coupable de l'attentat de Tijuco ne serait pas réformé, et que l'ordre d'exécution arriverait inévitablement, puisque, dans l'espèce, aucune commutation de peine n'était possible.

Donc, encore une fois, Joam Dacosta ne devait pas hésiter à se soustraire par la fuite à l'arrêt qui le frappait injustement.

Entre les deux jeunes gens, il fut d'abord convenu que le secret de ce qu'ils allaient faire serait absolument gardé ; que ni Yaquita, ni Minha ne seraient mises au courant de leurs tentatives. Ce serait peut-être leur donner un dernier espoir qui ne se réaliserait pas ! Qui sait si, par suite de circonstances imprévues, cet essai d'évasion n'échouerait pas misérablement !

La présence de Fragozo eût été précieuse, sans doute, en cette occasion. Ce garçon, avisé et dévoué, serait venu bien utilement en aide aux deux jeunes gens ; mais Fragozo n'avait pas reparu. Lina, interrogée à son sujet, n'avait pu dire ce qu'il était devenu, ni pourquoi il avait quitté la jangada, sans même l'en prévenir.

Et certainement, si Fragozo avait pu prévoir que les choses en viendraient à ce point, il n'aurait pas abandonné la famille Dacosta pour tenter une démarche qui ne paraissait pouvoir donner aucun résultat sérieux. Oui ! mieux eût valu aider à l'évasion du condamné que de se mettre à la recherche des anciens compagnons de Torrès !

Mais Fragozo n'était pas là, et il fallait forcément se passer de son concours.

Benito et Manoel, dès l'aube, quittèrent donc la jangada et se dirigèrent

vers Manao. Ils arrivèrent rapidement à la ville et s'enfoncèrent dans les étroites rues, encore désertes à cette heure. En quelques minutes, tous deux se trouvaient devant la prison, et ils parcouraient en tous sens ces terrains vagues, sur lesquels se dressait l'ancien couvent qui servait de maison d'arrêt.

C'était la disposition des lieux qu'il convenait d'étudier avec le plus grand soin.

Dans un angle du bâtiment s'ouvrait, à vingt-cinq pieds au-dessus du sol, la fenêtre de la cellule dans laquelle Joam Dacosta était enfermé. Cette fenêtre était défendue par une grille de fer en assez mauvais état, qu'il serait facile de desceller ou de scier, si l'on pouvait s'élever à sa hauteur. Les pierres du mur mal jointes, effritées en maints endroits, offraient de nombreuses saillies qui devaient assurer au pied un appui solide, s'il était possible de se hisser au moyen d'une corde. Or, cette corde, en la lançant adroitement, peut-être parviendrait-on à la tourner à l'un des barreaux de la grille, dégagé de son alvéole, qui formait crochet à l'extérieur. Cela fait, un ou deux barreaux étant enlevés de manière à pouvoir livrer passage à un homme, Benito et Manoel n'auraient plus qu'à s'introduire dans la chambre du prisonnier, et l'évasion s'opérerait sans grandes difficultés, au moyen de la corde attachée à l'armature de fer. Pendant la nuit que l'état du ciel devait rendre très obscure, aucune de ces manœuvres ne serait aperçue, et Joam Dacosta, avant le jour, pourrait être en sûreté.

Durant une heure, Manoel et Benito, allant et venant, de manière à ne pas attirer l'attention, prirent leurs relèvements avec une précision extrême, tant sur la situation de la fenêtre et la disposition de l'armature que sur l'endroit qui serait le mieux choisi pour lancer la corde.

« Cela est convenu ainsi, dit alors Manoel. Mais Joam Dacosta devra-t-il être prévenu ?

– Non, Manoel ! Ne lui donnons pas plus que nous ne l'avons donné à ma mère le secret d'une tentative qui peut échouer !

– Nous réussirons, Benito ! répondit Manoel. Cependant il faut tout prévoir, et au cas où l'attention du gardien-chef de la prison serait attirée au moment de l'évasion...

– Nous aurons tout l'or qu'il faudra pour acheter cet homme ! répondit Benito.

– Bien, répondit Manoel. Mais, une fois notre père hors de la prison, il ne peut rester caché ni dans la ville ni sur la jangada. Où devra-t-il chercher

refuge ? »

C'était la seconde question à résoudre, question très grave, et voici comment elle le fut.

À cent pas de la prison, le terrain vague était traversé par un de ces canaux qui se déversent au-dessous de la ville dans le rio Negro. Ce canal offrait donc une voie facile pour gagner le fleuve, à la condition qu'une pirogue vînt y attendre le fugitif. Du pied de la muraille au canal, il aurait à peine cent pas à parcourir.

Benito et Manoel décidèrent donc que l'une des pirogues de la jangada déborderait vers huit heures du soir sous la conduite du pilote Araujo et de deux robustes pagayeurs. Elle remonterait le rio Negro, s'engagerait dans le canal, se glisserait à travers le terrain vague, et là, cachée sous les hautes herbes des berges, elle se tiendrait pendant toute la nuit à la disposition du prisonnier.

Mais, une fois embarqué, où conviendrait-il que Joam Dacosta cherchât refuge ?

Ce fut là l'objet d'une dernière résolution qui fut prise par les deux jeunes gens, après que le pour et le contre de la question eurent été minutieusement pesés.

Retourner à Iquitos, c'était suivre une route difficile, pleine de périls. Ce serait long en tout cas, soit que le fugitif se jetât à travers la campagne, soit qu'il remontât ou descendît le cours de l'Amazone. Ni cheval, ni pirogue ne pouvaient le mettre assez rapidement hors d'atteinte. La fazenda, d'ailleurs, ne lui offrirait plus une retraite sûre. En y rentrant, il ne serait pas le fazender Joam Garral, il serait le condamné Joam Dacosta, toujours sous une menace d'extradition, et il ne devait plus songer à y reprendre sa vie d'autrefois.

S'enfuir par le rio Negro jusque dans le nord de la province, ou même en dehors des possessions brésiliennes, ce plan exigeait plus de temps que celui dont pouvait disposer Joam Dacosta, et son premier soin devait être de se soustraire à des poursuites immédiates.

Redescendre l'Amazone ? Mais les postes, les villages, les villes abondaient sur les deux rives du fleuve. Le signalement du condamné serait envoyé à tous les chefs de police. Il courrait donc le risque d'être arrêté, bien avant d'avoir atteint le littoral de l'Atlantique. L'eût-il atteint, où et comment se cacher, en attendant une occasion de s'embarquer pour mettre toute une mer entre la justice et lui ?

Ces divers projets examinés, Benito et Manoel reconnurent que ni les uns ni les autres n'étaient praticables. Un seul offrait quelque chance de salut.

C'était celui-ci : au sortir de la prison, s'embarquer dans la pirogue, suivre le canal jusqu'au rio Negro, descendre cet affluent sous la conduite du pilote, atteindre le confluent des deux cours d'eau, puis se laisser aller au courant de l'Amazone en longeant sa rive droite, pendant une soixantaine de milles, naviguant la nuit, faisant halte le jour, et gagner ainsi l'embouchure de la Madeira.

Ce tributaire, qui descend du versant de la Cordillère, grossi d'une centaine de sous-affluents, est une véritable voie fluviale ouverte jusqu'au cœur même de la Bolivie. Une pirogue pouvait donc s'y aventurer, sans laisser aucune trace de son passage, et se réfugier en quelque localité, bourgade ou hameau, situé au-delà de la frontière brésilienne.

Là, Joam Dacosta serait relativement en sûreté ; là, il pourrait, pendant plusieurs mois, s'il le fallait, attendre une occasion de rallier le littoral du Pacifique et de prendre passage sur un navire en partance dans l'un des ports de la côte. Que ce navire le conduisît dans un des États de l'Amérique du Nord, il était sauvé. Il verrait ensuite s'il lui conviendrait de réaliser toute sa fortune, de s'expatrier définitivement et d'aller chercher au-delà des mers, dans l'ancien monde, une dernière retraite pour y finir cette existence si cruellement et si injustement agitée.

Partout où il irait, sa famille le suivrait sans une hésitation, sans un regret, et, dans sa famille, il fallait comprendre Manoel, qui serait lié à lui par d'indissolubles liens. C'était là une question qui n'avait même plus à être discutée.

« Partons, dit Benito. Il faut que tout soit prêt avant la nuit, et nous n'avons pas un instant à perdre. »

Les deux jeunes gens revinrent à bord en suivant la berge du canal jusqu'au rio Negro. Ils s'assurèrent ainsi que le passage de la pirogue y serait parfaitement libre, qu'aucun obstacle barrage d'écluse ou navire en réparation, ne pouvait l'arrêter. Puis, descendant la rive gauche de l'affluent, en évitant les rues déjà fréquentées de la ville, ils arrivèrent au mouillage de la jangada.

Le premier soin de Benito fut de voir sa mère. Il se sentait assez maître de lui-même pour ne rien laisser paraître des inquiétudes qui le dévoraient. Il voulait la rassurer, lui dire que tout espoir n'était pas perdu, que le mystère du document allait être éclairci, qu'en tout cas l'opinion publique était pour Joam Dacosta, et que, devant ce soulèvement qui se faisait en sa faveur, la justice accorderait tout



le temps nécessaire, pour que la preuve matérielle de son innocence fût enfin produite.

« Oui ! mère, oui ! ajouta-t-il, avant demain, sans doute, nous n'aurons plus rien à craindre pour notre père !

Dieu t'entende ! mon fils », répondit Yaquita, dont les yeux étaient si interrogateurs, que Benito put à peine en soutenir le regard.

De son côté, et comme par un commun accord, Manoel avait tenté de rassurer Minha, en lui répétant que le juge Jarriguez, convaincu de la non-culpabilité de Joam Dacosta, tenterait de le sauver par tous les moyens en son pouvoir.

« Je veux vous croire, Manoel ! » avait répondu la jeune fille, qui ne put retenir ses pleurs.

Et Manoel avait brusquement quitté Minha. Des larmes allaient aussi remplir ses yeux et protester contre ces paroles d'espérance qu'il venait de faire entendre !

D'ailleurs, le moment était venu d'aller faire au prisonnier sa visite quotidienne, et Yaquita, accompagnée de sa fille, se dirigea rapidement vers Manao.

Pendant une heure, les deux jeunes gens s'entretenaient avec le pilote Araujo. Ils lui firent connaître dans tous ses détails le plan qu'ils avaient arrêté, et ils le consultèrent aussi bien au sujet de l'évasion projetée que sur les mesures qu'il conviendrait de prendre ensuite pour assurer la sécurité du fugitif.

Araujo approuva tout. Il se chargea, la nuit venue, sans exciter aucune défiance, de conduire la pirogue à travers le canal, dont il connaissait parfaitement le tracé jusqu'à l'endroit où il devait attendre l'arrivée de Joam Dacosta. Regagner ensuite l'embouchure du rio Negro n'offrirait aucune difficulté, et la pirogue passerait inaperçue au milieu des épaves qui en descendaient incessamment le cours.

Sur la question de suivre l'Amazone jusqu'au confluent de la Madeira, Araujo ne souleva, non plus, aucune objection. C'était aussi son opinion qu'on ne pouvait prendre un meilleur parti. Le cours de la Madeira lui était connu sur un espace de plus de cent milles. Au milieu de ces provinces peu fréquentées, si, par impossible, les poursuites étaient dirigées dans cette direction, on pourrait les déjouer facilement, dût-on s'enfoncer jusqu'au centre de la Bolivie, et, pour peu

que Joam Dacosta persistât à vouloir s'expatrier, son embarquement s'opérerait avec moins de danger sur le littoral du Pacifique que sur celui de l'Atlantique.

L'approbation d'Araujo était bien faite pour rassurer les deux jeunes gens. Ils avaient confiance dans le bon sens pratique du pilote, et ce n'était pas sans raison. Quant au dévouement de ce brave homme, à cet égard, pas de doute possible. Il eût certainement risqué sa liberté ou sa vie pour sauver le fazender d'Iquitos.

Araujo s'occupa immédiatement, mais dans le plus grand secret, des préparatifs qui lui incombait en cette tentative d'évasion. Une forte somme en or lui fut remise par Benito, afin de parer à toutes les éventualités pendant le voyage sur la Madeira. Il fit ensuite préparer la pirogue, en annonçant son intention d'aller à la recherche de Fragoso, qui n'avait pas reparu, et sur le sort duquel tous ses compagnons avaient lieu d'être très inquiets.

Puis, lui-même, il disposa dans l'embarcation des provisions pour plusieurs jours, et, en outre, les cordes et outils que les deux jeunes gens y devaient venir prendre, lorsqu'elle serait arrivée à l'extrémité du canal, à l'heure et à l'endroit convenus.

Ces préparatifs n'éveillèrent pas autrement l'attention du personnel de la jangada. Les deux robustes noirs que le pilote choisit pour payeurs ne furent même pas mis dans le secret de la tentative. Cependant on pouvait absolument compter sur eux. Lorsqu'ils apprendraient à quelle œuvre de salut ils allaient coopérer, lorsque Joam Dacosta, libre enfin, serait confié à leurs soins, Araujo savait bien qu'ils étaient gens à tout oser, même à risquer leur vie pour sauver la vie de leur maître.

Dans l'après-midi, tout était prêt pour le départ. Il n'y avait plus qu'à attendre la nuit.

Mais, avant d'agir, Manoel voulut revoir une dernière fois le juge Jarriguez. Peut-être le magistrat aurait-il quelque chose de nouveau à lui apprendre sur le document.

Benito, lui, préféra rester sur la jangada, afin d'y attendre le retour de sa mère et de sa sœur.

Manoel se rendit donc seul à la maison du juge Jarriguez, et il fut reçu immédiatement.

Le magistrat, dans ce cabinet qu'il ne quittait plus, était toujours en proie à

la même surexcitation. Le document, froissé par ses doigts impatients, était toujours là, sur sa table, sous ses yeux.

« Monsieur, lui dit Manoel, dont la voix tremblait en formulant cette question, avez-vous reçu de Rio de Janeiro ?... »

– Non... répondit le juge Jarriquez, l'ordre n'est pas arrivé... mais d'un moment à l'autre !...

– Et le document ?

– Rien ! s'écria le juge Jarriquez. Tout ce que mon imagination a pu me suggérer... je l'ai essayé... et rien !

– Rien !

– Si, cependant ! j'y ai clairement vu un mot dans ce document... un seul !...

– Et ce mot ? s'écria Manoel. Monsieur... quel est ce mot ?

– Fuir ! »

Manoel, sans répondre, pressa la main que lui tendait le juge Jarriquez, et revint à la jangada pour y attendre le moment d'agir.

## CHAPITRE DIX-SEPTIÈME – LA DERNIÈRE NUIT

La visite de Yaquita, accompagnée de sa fille, avait été ce qu'elle était toujours, pendant ces quelques heures que les deux époux passaient chaque jour l'un près de l'autre. En présence de ces deux êtres si tendrement aimés, le cœur de Joam Dacosta avait peine à ne pas déborder. Mais le mari, le père, se contenait. C'était lui qui relevait ces deux pauvres femmes, qui leur rendait un peu de cet espoir, dont il lui restait cependant si peu. Toutes deux arrivaient avec l'intention de ranimer le moral du prisonnier. Hélas ! plus que lui, elles avaient besoin d'être soutenues ; mais, en le voyant si ferme, la tête si haute au milieu de tant d'épreuves, elles se reprenaient à espérer.

Ce jour-là encore, Joam leur avait fait entendre d'encourageantes paroles. Cette indomptable énergie, il la puisait non seulement dans le sentiment de son innocence, mais aussi dans la foi en ce Dieu qui a mis une part de sa justice au cœur des hommes. Non ! Joam Dacosta ne pouvait être frappé pour le crime de Tijuco !

Presque jamais, d'ailleurs, il ne parlait du document. Qu'il fût apocryphe ou non, qu'il fût de la main de Torrès ou écrit par l'auteur réel de l'attentat, qu'il contînt ou ne contînt pas la justification tant cherchée, ce n'était pas sur cette douteuse hypothèse que Joam Dacosta prétendait s'appuyer. Non ! il se regardait comme le meilleur argument de sa cause, et c'était à toute sa vie de travail et d'honnêteté qu'il avait voulu donner la tâche de plaider pour lui !

Ce soir-là donc, la mère et la fille, relevées par ces viriles paroles qui les pénétraient jusqu'au plus profond de leur être, s'étaient retirées plus confiantes qu'elles ne l'avaient été depuis l'arrestation. Le prisonnier les avait une dernière fois pressées sur son cœur avec un redoublement de tendresse. Il semblait qu'il eût ce pressentiment que le dénouement de cette affaire, quel qu'il fût, était prochain.

Joam Dacosta, demeuré seul, resta longtemps immobile. Ses bras reposaient sur une petite table et soutenaient sa tête.

Que se passait-il en lui ? Était-il arrivé à cette conviction que la justice humaine, après avoir failli une première fois, prononcerait enfin son acquittement ?

Oui ! il espérait encore ! Avec le rapport du juge Jarriquez établissant son identité, il savait que ce mémoire justificatif, qu'il avait écrit avec tant de conviction, devait être à Rio de Janeiro, entre les mains du chef suprême de la justice.

On le sait, ce mémoire, c'était l'histoire de sa vie depuis son entrée dans les bureaux de l'arrayal diamantin jusqu'au moment où la jangada s'était arrêtée aux portes de Manao.

Joam Dacosta repassait alors en son esprit toute son existence. Il revivait dans son passé, depuis l'époque à laquelle, orphelin, il était arrivé à Tijuco. Là, par son zèle, il s'était élevé dans la hiérarchie des bureaux du gouverneur général, où il avait été admis bien jeune encore. L'avenir lui souriait ; il devait arriver à quelque haute position !... Puis, tout à coup, cette catastrophe : le pillage du convoi de diamants, le massacre des soldats de l'escorte, les soupçons se portant sur lui, comme sur le seul employé qui eût pu divulguer le secret du départ, son arrestation, sa comparution devant le jury, sa condamnation, malgré tous les efforts de son avocat, les dernières heures écoulées dans la cellule des condamnés à mort de la prison de Villa-Rica, son évasion accomplie dans des conditions qui dénotaient un courage surhumain, sa fuite à travers les provinces du Nord, son arrivée à la frontière péruvienne, puis l'accueil qu'avait fait au fugitif, dénué de ressources et mourant de faim, l'hospitalier fazender Magalhaës !

Le prisonnier revoyait tous ces événements, qui avaient si brutalement brisé sa vie ! Et alors, abstrait dans ses pensées, perdu dans ses souvenirs, il n'entendait pas un bruit particulier qui se produisait sur le mur extérieur du vieux couvent, ni les secousses d'une corde accrochée aux barreaux de sa fenêtre, ni le grincement de l'acier mordant le fer, qui eussent attiré l'attention d'un homme moins absorbé.

Non, Joam Dacosta continuait à revivre au milieu des années de sa jeunesse, après son arrivée dans la province péruvienne. Il se revoyait à la fazenda, le commis, puis l'associé du vieux Portugais, travaillant à la prospérité de l'établissement d'Iquitos.

Ah ! pourquoi, dès le début, n'avait-il pas tout dit à son bienfaiteur ! Celui-là n'aurait pas douté de lui ! C'était la seule faute qu'il eût à se reprocher ! Pourquoi n'avait-il pas avoué ni d'où il venait, ni qui il était, – surtout au moment où Magalhaës avait mis dans sa main la main de sa fille, qui n'eût jamais voulu voir en lui l'auteur de cet épouvantable crime !

En ce moment, le bruit, à l'extérieur, fut assez fort pour attirer l'attention du prisonnier.

Joam Dacosta releva un instant la tête. Ses yeux se dirigèrent vers la fenêtre, mais avec ce regard vague qui est comme inconscient, et, un instant après, son front retomba dans ses mains. Sa pensée l'avait encore ramené à Iquitos.

Là, le vieux fazender était mourant. Avant de mourir, il voulait que l'avenir de sa fille fût assuré, que son associé fût l'unique maître de cet établissement, devenu si prospère sous sa direction. Joam Dacosta devait-il parler alors ?... Peut-être !... Il ne l'osa pas !... Il revit cet heureux passé près de Yaquita, la naissance de ses enfants, tout le bonheur de cette existence que troublaient seuls les souvenirs de Tijuco et les remords de n'avoir pas avoué son terrible secret !

L'enchaînement de ces faits se reproduisait ainsi dans le cerveau de Joam Dacosta avec une netteté, une vivacité surprenantes.

Il se retrouvait, maintenant, au moment où le mariage de sa fille Minha avec Manoel allait être décidé ! Pouvait-il laisser s'accomplir cette union sous un faux nom, sans faire connaître à ce jeune homme les mystères de sa vie ? Non !

Aussi s'était-il résolu, sur l'avis du juge Ribeiro, à venir réclamer la révision de son procès, à provoquer la réhabilitation qui lui était due. Il était parti avec tous les siens, et alors venait l'intervention de Torrès, l'odieux marché proposé par ce misérable, le refus indigné du père de livrer sa fille pour sauver son honneur et sa vie, puis la dénonciation, puis l'arrestation !...

En ce moment, la fenêtre, violemment repoussée du dehors, s'ouvrit brusquement.

Joam Dacosta se redressa ; les souvenirs de son passé s'évanouirent comme une ombre.

Benito avait sauté dans la chambre, il était devant son père, et, un instant après, Manoel, franchissant la baie qui avait été dégagée de ses barreaux, apparaissait près de lui.

Joam Dacosta allait jeter un cri de surprise ; Benito ne lui en laissa pas le temps.

« Mon père, dit-il, voici cette fenêtre dont la grille est brisée !... Une

corde pend jusqu'au sol !... Une pirogue attend dans le canal, à cent pas d'ici !... Araujo est là pour la conduire loin de Manao, sur l'autre rive de l'Amazone, où vos traces ne pourront être retrouvées !... Mon père, il faut fuir à l'instant !... Le juge lui-même nous en a donné le conseil !

– Il le faut ! ajouta Manoel.

– Fuir ! moi !... Fuir une seconde fois !... Fuir encore !...

Et, les bras croisés, la tête haute, Joam Dacosta recula lentement jusqu'au fond de la chambre.

« Jamais ! » dit-il d'une voix si ferme que Benito et Manoel restèrent interdits.

Les deux jeunes gens ne s'attendaient pas à cette résistance. Jamais ils n'auraient pu penser que les obstacles à cette évasion viendraient du prisonnier lui-même.

Benito s'avança vers son père, et, le regardant bien en face, il lui prit les deux mains, non pour l'entraîner, mais pour qu'il l'entendît et se laissât convaincre.

« Jamais, avez-vous dit, mon père ?

Jamais.

– Mon père, dit alors Manoel, – moi aussi j'ai le droit de vous donner ce nom –, mon père, écoutez-nous ! Si nous vous disons qu'il faut fuir sans perdre un seul instant, c'est que, si vous restiez, vous seriez coupable envers les autres, envers vous-même !

– Rester, reprit Benito, c'est attendre la mort, mon père ! L'ordre d'exécution peut arriver d'un moment à l'autre ! Si vous croyez que la justice des hommes reviendra sur un jugement inique, si vous pensez qu'elle réhabilitera celui qu'elle a condamné il y a vingt ans, vous vous trompez ! Il n'y a plus d'espoir ! Il faut fuir !... Fuyez ! »

Par un mouvement irrésistible, Benito avait saisi son père, et il l'entraîna vers la fenêtre.

Joam Dacosta se dégagait de l'étreinte de son fils, et recula une seconde fois.

« Fuir ! répondit-il, du ton d'un homme dont la résolution est inébranlable, mais c'est me déshonorer et vous déshonorer avec moi ! Ce serait comme un aveu de ma culpabilité ! Puisque je suis librement venu me remettre à la disposition des juges de mon pays, je dois attendre leur décision, quelle qu'elle soit, et je l'attendrai !

– Mais les présomptions sur lesquelles vous vous appuyez ne peuvent suffire, reprit Manoel, et la preuve matérielle de votre innocence nous manque jusqu'ici ! Si nous vous répétons qu'il faut fuir, c'est que le juge Jarriquez lui-même nous l'a dit ! Vous n'avez plus maintenant que cette chance d'échapper à la mort !

– Je mourrai donc ! répondit Joam Dacosta d'une voix, calme. Je mourrai en protestant contre le jugement qui me condamne ! Une première fois, quelques heures avant l'exécution, j'ai fui ! Oui ! j'étais jeune alors, j'avais toute une vie devant moi pour combattre l'injustice des hommes ! Mais me sauver maintenant, recommencer cette misérable existence d'un coupable qui se cache sous un faux nom, dont tous les efforts sont employés à dépister les poursuites de la police ; reprendre cette vie d'anxiété que j'ai menée depuis vingt-trois ans, en vous obligeant à la partager avec moi ; attendre chaque jour une dénonciation qui arriverait tôt ou tard, et une demande d'extradition qui viendrait m'atteindre jusqu'en pays étranger ! est-ce que ce serait vivre ! Non ! jamais !

– Mon père, reprit Benito, dont la tête menaçait de s'égarer devant cette obstination, vous fuirez ! Je le veux !... » Et il avait saisi Joam Dacosta, et il cherchait, par force, à l'entraîner vers la fenêtre. « Non !... non !...

Vous voulez donc me rendre fou !

Mon fils, s'écria Joam Dacosta, laisse-moi !... Une fois déjà, je me suis échappé de la prison de Villa-Rica, et l'on a dû croire que je fuyais une condamnation justement méritée ! Oui ! on a dû le croire ! Eh bien, pour l'honneur du nom que vous portez, je ne recommencerai pas ! »

Benito était tombé aux genoux de son père ! Il lui tendait les mains... Il le suppliait...

« Mais cet ordre, mon père, répétait-il, cet ordre peut arriver aujourd'hui... À l'instant... et il contiendra la sentence de mort !

L'ordre serait arrivé, que ma détermination ne changerait pas ! Non, mon fils ! Joam Dacosta coupable pourrait fuir ! Joam Dacosta innocent ne fuira pas ! »



La scène qui suivit ces paroles fut déchirante. Benito luttait contre son père. Manoel, éperdu, se tenait près de la fenêtre, prêt à enlever le prisonnier, lorsque la porte de la cellule s'ouvrit.

Sur le seuil apparut le chef de police, accompagné du gardien-chef de la prison et de quelques soldats.

Le chef de police comprit qu'une tentative d'évasion venait d'être faite, mais il comprit aussi à l'attitude du prisonnier que c'était lui qui n'avait pas voulu fuir ! Il ne dit rien. La plus profonde pitié se peignit sur sa figure. Sans doute, lui aussi, comme le juge Jarriguez, il aurait voulu que Joam Dacosta se fût échappé de cette prison ?

Il était trop tard !

Le chef de police, qui tenait un papier à la main, s'avança vers le prisonnier.

« Avant tout, lui dit Joam Dacosta, laissez-moi vous affirmer, monsieur, qu'il n'a tenu qu'à moi de fuir, mais que je ne l'ai pas voulu ! »

Le chef de police baissa un instant la tête ; puis d'une voix qu'il essayait en vain de raffermir : « Joam Dacosta, dit-il, l'ordre vient d'arriver à l'instant du chef suprême de la justice de Rio de Janeiro.

Ah ! mon père ! s'écrièrent Manoel et Benito.

Cet ordre, demanda Joam Dacosta, qui venait de croiser les bras sur sa poitrine, cet ordre porte l'exécution de la sentence ?

– Oui !

– Et ce sera ?...

– Pour demain ! »

Benito s'était jeté sur son père. Il voulait encore une fois l'entraîner hors de cette cellule... Il fallut que des soldats vinssent arracher le prisonnier à cette dernière étreinte.

Puis, sur un signe du chef de police, Benito et Manoel furent emmenés au-dehors. Il fallait mettre un terme à cette lamentable scène, qui avait déjà trop duré.

« Monsieur, dit alors le condamné, demain matin, avant l'heure de l'exécution, pourrai-je passer quelques instants avec le padre Passanha que je vous prie de faire prévenir ?

Il sera prévenu.

– Me sera-t-il permis de voir ma famille, d'embrasser une dernière fois ma femme et mes enfants ?

– Vous les verrez.

– Je vous remercie, monsieur, répondit Joam Dacosta. Et maintenant, faites garder cette fenêtre ! Il ne faut pas qu'on m'arrache d'ici malgré moi ! »

Cela dit, le chef de police, après s'être incliné, se retira avec le gardien et les soldats. Le condamné, qui n'avait plus maintenant que quelques heures à vivre, resta seul.

## CHAPITRE DIX-HUITIÈME – FRAGOSO

Ainsi donc l'ordre était arrivé, et, comme le juge Jarriquez le prévoyait, c'était un ordre qui portait exécution immédiate de la sentence prononcée contre Joam Dacosta. Aucune preuve n'avait pu être produite. La justice devait avoir son cours.

C'était le lendemain même, 31 août, à neuf heures du matin, que le condamné devait périr par le gibet.

La peine de mort, au Brésil, est le plus généralement commuée, à moins qu'il s'agisse de l'appliquer aux noirs ; mais, cette fois, elle allait frapper un blanc.

Telles sont les dispositions pénales en matière de crimes relatifs à l'arrayal diamantin, pour lesquels, dans un intérêt public, la loi n'a voulu admettre aucun recours en grâce.

Rien ne pouvait donc plus sauver Joam Dacosta. C'était non seulement la vie, mais l'honneur qu'il allait perdre.

Or, ce 31 août, dès le matin, un homme accourait vers Manao de toute la vitesse de son cheval, et telle avait été la rapidité de sa course, qu'à un demi-mille de la ville la courageuse bête tombait, incapable de se porter plus avant.

Le cavalier n'essaya même pas de relever sa monture. Évidemment il lui avait demandé et il avait obtenu d'elle plus que le possible, et, malgré l'état d'épuisement où il se trouvait lui-même, il s'élança dans la direction de la ville.

Cet homme venait des provinces de l'est en suivant la rive gauche du fleuve. Toutes ses économies avaient été employées à l'achat de ce cheval, qui, plus rapide que ne l'eût été une pirogue obligée de remonter le courant de l'Amazone, venait de le ramener à Manao.

C'était Fragoso.

Un homme accourait vers Manao.

Le courageux garçon avait-il donc réussi dans cette entreprise dont il n'avait parlé à personne ? Avait-il retrouvé la milice à laquelle appartenait Torrès ? Avait-il découvert quelque secret qui pouvait encore sauver Joam

Dacosta ?

Il ne savait pas au juste ; mais, en tout cas, il avait une extrême hâte de communiquer au juge Jarriguez ce qu'il venait d'apprendre pendant cette courte excursion.

Voici ce qui s'était passé :

Fragoso ne s'était point trompé, lorsqu'il avait reconnu en Torrès un des capitaines de cette milice qui opérait dans les provinces riveraines de la Madeira.

Il partit donc, et, en arrivant à l'embouchure de cet affluent, il apprit que le chef de ces « capitaës do mato » se trouvait alors aux environs.

Fragoso, sans perdre une heure, se mit à sa recherche, et, non sans peine, il parvint à le rejoindre.

Aux questions que Fragoso lui posa, le chef de la milice n'hésita pas à répondre. À propos de la demande très simple qui lui fut faite, il n'avait, d'ailleurs, aucun intérêt à se taire.

Et, en effet les trois seules questions que lui adressa Fragoso furent celles-ci :

« Le capitaine des bois Torrès n'appartenait-il pas, il y a quelques mois, à votre milice ?

Oui.

À cette époque, n'avait-il pas pour camarade intime un de vos compagnons qui est mort récemment ?

– En effet.

– Et cet homme se nommait ?...

– Ortega. »

Voilà tout ce qu'avait appris Fragoso. Ces renseignements étaient-ils de nature à modifier la situation de Joam Dacosta ? Ce n'était vraiment pas supposable.

Fragoso, le comprenant bien, insista donc près du chef de la milice pour savoir s'il connaissait cet Ortega, s'il pouvait lui apprendre d'où il venait, et lui

donner quelques renseignements sur son passé. Cela ne laissait pas d'avoir une véritable importance, puisque cet Ortega, au dire de Torrès, était le véritable auteur du crime de Tijuco.

Mais, malheureusement, le chef de la milice ne put donner aucun renseignement à cet égard.

Ce qui était certain, c'est que cet Ortega appartenait depuis bien des années à la milice ; qu'une étroite camaraderie s'était nouée entre Torrès et lui, qu'on les voyait toujours ensemble, et que Torrès le veillait à son chevet lorsqu'il rendit le dernier soupir.

Voilà tout ce que savait à ce sujet le chef de la milice, et il ne pouvait en dire davantage.

Fragoso dut donc se contenter de ces insignifiants détails, et il repartit aussitôt.

Mais, si le dévoué garçon n'apportait pas la preuve que cet Ortega fût l'auteur du crime de Tijuco, de la démarche qu'il venait de faire il résultait du moins ceci : c'est que Torrès avait dit la vérité, lorsqu'il affirmait qu'un de ses camarades de la milice était mort, et qu'il l'avait assisté à ses derniers moments.

Quant à cette hypothèse qu'Ortega lui eût remis le document en question, elle devenait maintenant très admissible. Rien de plus probable aussi que ce document eût rapport à l'attentat, dont Ortega était réellement l'auteur, et qu'il renfermait l'aveu de sa culpabilité, accompagné de circonstances qui ne permettraient pas de la mettre en doute.

Ainsi donc, si ce document avait pu être lu, si la clef en avait été trouvée, si le chiffre sur lequel reposait son système avait été connu, nul doute que la vérité se fût enfin fait jour !

Mais ce chiffre, Fragoso ne le savait pas ! Quelques présomptions de plus, la quasi-certitude que l'aventurier n'avait rien inventé, certaines circonstances tendant à prouver que le secret de cette affaire était renfermé dans le document, voilà tout ce que le brave garçon rapportait de sa visite au chef de cette milice à laquelle avait appartenu Torrès.

Et pourtant, si peu que ce fût, il avait hâte de tout conter au juge Jarriquez. Il savait qu'il n'y avait pas une heure à perdre, et voilà pourquoi, ce matin-là, vers huit heures, il arrivait, brisé de fatigue, à un demi-mille de Manaó.

Cette distance qui le séparait encore de la ville, Fragoso la franchit en quelques minutes. Une sorte de pressentiment irrésistible le poussait en avant, et il en était presque arrivé à croire que le salut de Joam Dacosta se trouvait maintenant entre ses mains.

Soudain Fragoso s'arrêta, comme si ses pieds eussent irrésistiblement pris racine dans le sol.

Il se trouvait à l'entrée de la petite place, sur laquelle s'ouvrait une des portes de la ville.

Là, au milieu d'une foule déjà compacte, la dominant d'une vingtaine de pieds, se dressait le poteau du gibet, auquel pendait une corde.

Fragoso sentit ses dernières forces l'abandonner. Il tomba. Ses yeux s'étaient involontairement fermés. Il ne voulait pas voir, et ces mots s'échappèrent de ses lèvres :

« Trop tard ! trop tard !... »

Mais, par un effort surhumain, il se releva. Non ! il n'était pas trop tard ! Le corps de Joam Dacosta ne se balançait pas au bout de cette corde !

« Le juge Jarriquez ! le juge Jarriquez ! » cria Fragoso.

Et, haletant, éperdu, il se jetait vers la porte de la ville, il remontait la principale rue de Manao, et tombait, à demi mort, sur le seuil de la maison du magistrat.

La porte était fermée. Fragoso eut encore la force de frapper à cette porte.

Un des serviteurs du magistrat vint ouvrir. Son maître ne voulait recevoir personne.

Malgré cette défense, Fragoso, repoussa l'homme qui lui défendait l'entrée de la maison, et d'un bond il s'élança jusqu'au cabinet du juge.

« Je reviens de la province où Torrès a fait son métier de capitaine des bois ! s'écria-t-il. Monsieur le juge, Torrès a dit vrai !... Suspendez... suspendez l'exécution !

Vous avez retrouvé cette milice ? Oui ! Et vous me rapportez le chiffre du document ?... »

Fragoso ne répondit pas.

« Alors, laissez-moi ! laissez-moi ! » s'écria le juge Jarriguez, qui, en proie à un véritable accès de rage, saisit le document pour l'anéantir. Fragoso lui prit les mains et l'arrêta. « La vérité est là ! dit-il.

– Je le sais, répondit le juge Jarriguez ; mais qu'est-ce qu'une vérité qui ne peut se faire jour !

– Elle apparaîtra !... il le faut !... il le faut !

– Encore une fois, avez-vous le chiffre ?...

– Non ! répondit Fragoso, mais, je vous le répète, Torrès n'a pas menti !... Un de ses compagnons avec lequel il était étroitement lié est mort, il y a quelques mois, et il n'est pas douteux que cet homme lui ait remis le document qu'il venait vendre à Joam Dacosta !

– Non ! répondit le juge Jarriguez, non !... cela n'est pas douteux... pour nous, mais cela n'a pas paru certain pour ceux qui disposent de la vie du condamné !... Laissez-moi ! »

Fragoso, repoussé, ne voulait pas quitter la place. À son tour, il se traînaux pieds du magistrat. « Joam Dacosta est innocent ! s'écria-t-il. Vous ne pouvez le laisser mourir ! Ce n'est pas lui qui a commis le crime de Tijuco ! C'est le compagnon de Torrès, l'auteur du document ! C'est Ortega !... »

À ce nom, le juge Jarriguez bondit. Puis, lorsqu'une sorte de calme eut succédé dans son esprit à la tempête qui s'y déchaînait, il retira le document de sa main crispée, il l'étendit sur sa table, il s'assit, et passant la main sur ses yeux :

« Ce nom !... dit-il... Ortega !... Essayons ! »

Et le voilà, procédant avec ce nouveau nom, rapporté par Fragoso, comme il avait déjà fait avec les autres noms propres vainement essayés par lui. Après l'avoir disposé au-dessus des six premières lettres du paragraphe, il obtint la formule suivante :

*Ortega*

*Phyjsl*

« Rien ! dit-il, cela ne donne rien ! »

Et, en effet, l'*h* placée sur l'*r* ne pouvait s'exprimer par un chiffre, puisque dans l'ordre alphabétique, cette lettre occupe un rang antérieur à celui de la lettre *r*.

Le *p*, l'*y*, le *j*, disposés sous les lettres *o*, *t*, *e*, seuls se chiffraient par 1, 4, 5.

Quant à l'*s* et à l'*l* placés à la fin de ce mot, l'intervalle qui les sépare du *g* et de l'*a* étant de douze lettres, impossible de les exprimer par un seul chiffre. Donc, ils ne correspondaient ni au *g* ni à l'*a*.

En ce moment, des cris terrifiants s'élevèrent dans la rue, des cris de désespoir.

Fragoso se précipita à l'une des fenêtres qu'il ouvrit, avant que le magistrat n'eût pu l'en empêcher.

La foule encombra la rue. L'heure était venue à laquelle le condamné allait sortir de la prison, et un reflux de cette foule s'opérait dans la direction de la place où se dressait le gibet.

Le juge Jarriquez, effrayant à voir, tant son regard était fixe, dévorait les lignes du document.

« Les dernières lettres ! murmura-t-il. Essayons encore les dernières lettres ! »

C'était le suprême espoir.

Et alors, d'une main, dont le tremblement l'empêchait presque d'écrire, il disposa le nom d'Ortega au-dessus des six dernières lettres du paragraphe, ainsi qu'il venait de faire pour les six premières.

Un premier cri lui échappa. Il avait vu, tout d'abord, que ces six dernières lettres étaient inférieures dans l'ordre alphabétique à celles qui composaient le nom d'Ortega, et que, par conséquent, elles pourraient toutes se chiffrer et composer un nombre.

Et, en effet, lorsqu'il eut réduit la formule, en remontant de la lettre inférieure du document à la lettre supérieure du mot, il obtint :

*Ortega* 4 3 2 5 1 3 *Suvjhd*

Le nombre, ainsi composé, était 432513.



Mais ce nombre était-il enfin celui qui avait présidé à la formation du document ? Ne serait-il pas aussi faux que ceux qui avaient été précédemment essayés ?

En cet instant, les cris redoublèrent, des cris de pitié qui trahissaient la sympathique émotion de toute cette foule. Quelques minutes encore, c'était tout ce qui restait à vivre au condamné !

Fragoso, fou de douleur, s'élança hors de la chambre !... Il voulait revoir une dernière fois son bienfaiteur, qui allait mourir !... Il voulait se jeter au-devant du funèbre cortège, l'arrêter en criant : « Ne tuez pas ce juste ! Ne le tuez pas ! ... »

Mais déjà le juge Jarriguez avait disposé le nombre obtenu au-dessus des premières lettres du paragraphe, en le répétant autant de fois qu'il était nécessaire, comme suit :

432513432513432513432513

*Phyjslyddqfdzxcgsgzzqqeh*

Puis, reconstituant les lettres vraies en remontant dans l'ordre alphabétique, il lut :

*Le véritable auteur du vol de...*

Un hurlement de joie lui échappa ! Ce nombre, 432513, c'était le nombre tant cherché ! Le nom d'Ortega lui avait permis de le refaire ! Il tenait enfin la clef du document, qui allait incontestablement démontrer l'innocence de Joam Dacosta, et, sans en lire davantage, il se précipita hors de son cabinet, puis dans la rue, criant :

« Arrêtez ! Arrêtez ! »

Fendre la foule qui s'ouvrit devant ses pas, courir à la prison, que le condamné quittait à ce moment, pendant que sa femme, ses enfants, s'attachaient à lui avec la violence du désespoir, ce ne fut que l'affaire d'un instant pour le juge Jarriguez.

Arrivé devant Joam Dacosta, il ne pouvait plus parler, mais sa main agitait le document, et, enfin, ce mot s'échappait de ses lèvres :

« Innocent ! innocent ! »



## CHAPITRE DIX-NEUVIÈME – LE CRIME DE TIJUCO

À l'arrivée du juge, tout le funèbre cortège s'était arrêté.

Un immense écho avait répété après lui et répétait encore ce cri qui s'échappait de toutes les poitrines :

« Innocent ! innocent ! »

Puis, un silence complet s'établit.

On ne voulait pas perdre une seule des paroles qui allaient être prononcées.

Le juge Jarriquez s'était assis sur un banc de pierre, et là, pendant que Minha, Benito, Manoel, Fragoso l'entouraient, tandis que Joam Dacosta retenait Yaquita sur son cœur, il reconstituait tout d'abord le dernier paragraphe du document au moyen du nombre, et, à mesure que les mots se dégageaient nettement sous le chiffre qui substituait la véritable lettre à la lettre cryptologique, il les séparait, il les ponctuait, il lisait à haute voix.

Et voici ce qu'il lut au milieu de ce profond silence :

*Le véritable auteur du vol des diamants et de*

43 251343251 343251 34 325 134 32513432 51 34

*Ph yjslyddqf dzxgas gz zqq ehx gkfndrxu ju gi l'assassinat des soldats qui escortaient le convoi,*

32513432513 432 5134325 134 32513432513 43 251343

*ocyt dxvksbx hhu ypohdvy rym huhpuydkjox ph etozsl commis dans la nuit du vingt-deux janvier mil huit*

251343 2513 43 2513 43 251343251 3432513 432 5134

*etnmpv ffov pd pajx hy ynojyggay meqynfu qln mvly cent vingt-six, n'est donc pas Joam Dacosta, injustement*

3251 34325134 3251 3432 513 4325 1343251 34325134325

*fgsu zmqiztlb qgyu gsqe ubv nrcr edgruzb lrmxyuhqhpz condamné à mort ;  
c'est moi, le misérable employé de*

13432513 4 3251 3432 513 43 251343251 3432513 43

*drrgcroh e pqxu fivv rpl ph onthvddqfhsntzh hh  
l'administration du district diamantin ; oui, moi seul,*

251343251343251 34 32513432 513432513 432 513 4325

*nfepmqkyuuxto gz gkyuumfv ijdqdpzjq syk rpl xhxq*

*qui signe de mon vrai nom, Ortega.*

134 32513 43 251 3432 513 432513

*rym vkloh hh oto zvdk spp suvjhd.*

Cette lecture n'avait pu être achevée, sans que d'interminables hurrahs se fussent élevés dans l'air.

Quoi de plus concluant, en effet, que ce dernier paragraphe qui résumait le document tout entier, qui proclamait si absolument l'innocence du fazender d'Iquitos, qui arrachait au gibet cette victime d'une effroyable erreur judiciaire !

Joam Dacosta, entouré de sa femme, de ses enfants, de ses amis, ne pouvait suffire à presser les mains qui se tendaient vers lui. Quelle que fût l'énergie de son caractère, la réaction se faisait, des larmes de joie s'échappaient de ses yeux, et en même temps son cœur reconnaissant s'élevait vers cette Providence qui venait de le sauver si miraculeusement, au moment, où il allait subir la dernière expiation, vers ce Dieu qui n'avait pas voulu laisser s'accomplir ce pire des crimes, la mort d'un juste !

Oui ! la justification de Joam Dacosta ne pouvait plus soulever aucun doute ! Le véritable auteur de l'attentat de Tijuco avouait lui-même son crime, et il dénonçait toutes les circonstances dans lesquelles il s'était accompli ! En effet, le juge Jarriquez, au moyen du nombre, venait de reconstituer toute la notice cryptogrammatique.

Or, voici ce qu'avouait Ortega.

Ce misérable était le collègue de Joam Dacosta, employé comme lui, à Tijuco, dans les bureaux du gouverneur de l'arrayal diamantin. Le jeune commis, désigné pour accompagner le convoi à Rio de Janeiro, ce fut lui. Ne

reculant pas à cette horrible idée de s'enrichir par l'assassinat et le vol, il avait indiqué aux contrebandiers le jour exact où le convoi devait quitter Tijuco.

Pendant l'attaque des malfaiteurs qui attendaient le convoi au-delà de Villa-Rica, il feignit de se défendre avec les soldats de l'escorte ; puis, s'étant jeté parmi les morts, il fut emporté par ses complices, et c'est ainsi que le soldat, qui survécut seul à ce massacre, put affirmer qu'Ortega avait péri dans la lutte.

Mais le vol ne devait pas profiter au criminel, et, peu de temps après, il était dépouillé à son tour par ceux qui l'avaient aidé à commettre le crime.

Resté sans ressources, ne pouvant plus rentrer à Tijuco, Ortega s'enfuit dans les provinces du nord du Brésil, vers ces districts du Haut-Amazone où se trouvait la milice des « capitaës do mato ». Il fallait vivre. Ortega se fit admettre dans cette peu honorable troupe. Là, on ne demandait ni qui on était, ni d'où l'on venait. Ortega se fit donc capitaine des bois, et, pendant de longues années, il exerça ce métier de chasseur d'hommes.

Sur ces entrefaites, Torrès, l'aventurier, dépourvu de tout moyen d'existence, devint son compagnon. Ortega et lui se lièrent intimement. Mais, ainsi que l'avait dit Torrès, le remords vint peu à peu troubler la vie du misérable. Le souvenir de son crime lui fit horreur. Il savait qu'un autre avait été condamné à sa place ! Il savait que cet autre, c'était son collègue Joam Dacosta ! Il savait enfin que, si cet innocent avait pu échapper au dernier supplice, il ne cessait pas d'être sous le coup d'une condamnation capitale !

Or, le hasard fit que, pendant une expédition de la milice, entreprise, il y avait quelques mois, au-delà de la frontière péruvienne, Ortega arriva aux environs d'Iquitos, et que là, dans Joam Garral, qui ne le reconnut pas, il retrouva Joam Dacosta.

Ce fut alors qu'il résolut de réparer, en la mesure du possible, l'injustice dont son ancien collègue était victime. Il consigna dans un document tous les faits relatifs à l'attentat de Tijuco ; mais il le fit sous la forme mystérieuse que l'on sait, son intention étant de le faire parvenir au fazender d'Iquitos avec le chiffre qui permettait de le lire.

La mort n'allait pas le laisser achever cette œuvre de réparation. Blessé grièvement dans une rencontre avec les noirs de la Madeira, Ortega se sentit perdu. Son camarade Torrès était alors près de lui. Il crut pouvoir confier à cet ami le secret qui avait si lourdement pesé sur toute son existence. Il lui remit le document écrit tout entier de sa main, en lui faisant jurer de le faire parvenir à Joam Dacosta, dont il lui donna le nom et l'adresse, et de ses lèvres s'échappa,

avec son dernier soupir, ce nombre 432513, sans lequel le document devait rester absolument indéchiffrable.

Ortega mort, on sait comment l'indigne Torrès s'acquitta de sa mission, comment il résolut d'utiliser à son profit le secret dont il était possesseur, comment il tenta d'en faire l'objet d'un odieux chantage.

Torrès devait violemment périr avant d'avoir accompli son œuvre, et emporter son secret avec lui. Mais ce nom d'Ortega, rapporté par Frago, et qui était comme la signature du document, ce nom avait enfin permis de le reconstituer, grâce à la sagacité du juge Jarriquez.

Oui ! c'était là la preuve matérielle tant cherchée, c'était l'incontestable témoignage de l'innocence de Joam Dacosta, rendu à la vie, rendu à l'honneur !

Les hurrahs redoublèrent lorsque le digne magistrat eut, à haute voix et pour l'édification de tous, tiré du document cette terrible histoire.

Et, dès ce moment, le juge Jarriquez, possesseur de l'indubitable preuve, d'accord avec le chef de la police, ne voulut pas que Joam Dacosta, en attendant les nouvelles instructions qui allaient être demandées à Rio de Janeiro, eût d'autre prison que sa propre demeure.

Cela ne pouvait faire difficulté, et ce fut au milieu du concours de la population de Manao que Joam Dacosta, accompagné de tous les siens, se vit porté plutôt que conduit jusqu'à la maison du magistrat comme un triomphateur.

En ce moment, l'honnête fazender d'Iquitos était bien payé de tout ce qu'il avait souffert pendant de si longues années d'exil, et, s'il en était heureux, pour sa famille plus encore que pour lui, il était non moins fier pour son pays que cette suprême injustice n'eût pas été définitivement consommée !

Et, dans tout cela, que devenait Frago ?

Eh bien ! l'aimable garçon était couvert de caresses ! Benito, Manoel, Minha l'en accablaient, et Lina ne les lui épargnait pas ! Il ne savait à qui entendre, et il se défendait de son mieux ! Il n'en méritait pas tant ! Le hasard seul avait tout fait ! Lui devait-on même un remerciement, parce qu'il avait reconnu en Torrès un capitaine des bois ? Non, assurément. Quant à l'idée qu'il avait eue d'aller rechercher la milice à laquelle Torrès avait appartenu, il ne semblait pas qu'elle pût améliorer la situation, et, quant à ce nom d'Ortega, il n'en connaissait même pas la valeur !

Brave Frago ! Qu'il le voulût ou non, il n'en avait pas moins sauvé Joam Dacosta !

Mais, en cela, quelle étonnante succession d'événements divers, qui avaient tous tendu au même but : la délivrance de Frago, au moment où il allait mourir d'épuisement dans la forêt d'Iquitos, l'accueil hospitalier qu'il avait reçu à la fazenda, la rencontre de Torrès à la frontière brésilienne, son embarquement sur la jangada, et, enfin, cette circonstance que Frago l'avait déjà vu quelque part !

« Eh bien, oui ! finit par s'écrier Frago, mais ce n'est pas à moi qu'il faut rapporter tout ce bonheur, c'est à Lina !

À moi ! répondit la jeune mulâtresse.

Eh, sans doute ! sans la liane, sans l'idée de la liane, est-ce que j'aurais jamais pu faire tant d'heureux ! »

Si Frago et Lina furent fêtés, choyés par toute cette honnête famille, par les nouveaux amis que tant d'épreuves leur avaient faits à Manao, il est inutile d'y insister.

Mais le juge Jarriguez, n'avait-il pas sa part, lui aussi, dans cette réhabilitation de l'innocent ? Si, malgré toute la finesse de ses talents d'analyste, il n'avait pu lire ce document, absolument indéchiffrable pour quiconque n'en possédait pas la clef, n'avait-il pas du moins reconnu sur quel système cryptographique il reposait ? Sans lui, qui aurait pu, avec ce nom seul d'Ortega, reconstituer le nombre que l'auteur du crime et Torrès, morts tous les deux, étaient seuls à connaître ?

Aussi les remerciements ne lui manquèrent-ils pas !

Il va sans dire que, le jour même, partait pour Rio de Janeiro un rapport détaillé sur toute cette affaire, auquel était joint le document original, avec le chiffre qui permettait de le lire. Il fallait attendre que de nouvelles instructions fussent envoyées du ministère au juge de droit, et nul doute qu'elles n'ordonnassent l'élargissement immédiat du prisonnier.

C'était quelques jours à passer encore à Manao ; puis, Joam Dacosta et les siens, libres de toute contrainte, dégagés de toute inquiétude, prendraient congé de leur hôte, se rembarqueraient, et continueraient à descendre l'Amazone jusqu'au Para, où le voyage devait se terminer par la double union de Minha et de Manoel, de Lina et de Frago, conformément au programme arrêté avant le départ.

Quatre jours après, le 4 septembre, arrivait l'ordre de mise en liberté. Le document avait été reconnu authentique. L'écriture en était bien celle de cet Ortega, l'ancien employé du district diamantin, et il n'était pas douteux que l'aveu de son crime, avec les plus minutieux détails qu'il en donnait, n'eût été entièrement écrit de sa main.

L'innocence du condamné de Villa-Rica était enfin admise. La réhabilitation de Joam Dacosta était judiciairement reconnue.

Le jour même, le juge Jarriquez dînait avec la famille à bord de la jangada, et, le soir venu, toutes les mains pressaient les siennes. Ce furent de touchants adieux ; mais ils comportaient l'engagement de se revoir à Manao, au retour, et, plus tard, à la fazenda d'Iquitos.

Le lendemain matin, 5 septembre, au lever du soleil, le signal du départ fut donné. Joam Dacosta, Yaquita, leur fille, leurs fils, tous étaient sur le pont de l'énorme train. La jangada, démarrée, commença à prendre le fil du courant, et, lorsqu'elle disparut au tournant du rio Negro, les hurrahs de toute la population, pressée sur la rive, retentissaient encore.



## CHAPITRE VINGTIÈME – LE BAS-AMAZONE

Que dire maintenant de cette seconde partie du voyage qui allait s'accomplir sur le cours du grand fleuve ? Ce ne fut qu'une suite de jours heureux pour l'honnête famille. Joam Dacosta revivait d'une vie nouvelle, qui rayonnait sur tous les siens.

La jangada dériva plus rapidement alors sur ces eaux encore gonflées par la crue. Elle laissa sur la gauche le petit village de Don Jose de Maturi, et, sur la droite, l'embouchure de cette Madeira, qui doit son nom à la flottille d'épaves végétales, à ces trains de troncs dénudés ou verdoyants qu'elle apporte du fond de la Bolivie. Elle passa au milieu de l'archipel Caniny, dont les îlots sont de véritables caisses à palmiers, devant le hameau de Serpa, qui, successivement transporté d'une rive à l'autre, a définitivement assis sur la gauche du fleuve ses maisonnettes, dont le seuil repose sur le tapis jaune de la grève. Le village de Silves, bâti sur la gauche de l'Amazone, la bourgade de Villa-Bella, qui est le grand marché de guarana de toute la province, restèrent bientôt en arrière du long train de bois. Ainsi fut-il du village de Faro et de sa célèbre rivière de Nhamundas, sur laquelle, en 1539, Orellana prétendit avoir été attaqué par des femmes guerrières qu'on n'a jamais revues depuis cette époque, légende qui a suffi pour justifier le nom immortel du fleuve des Amazones.

Là finit la vaste province du Rio Negro. Là commence la juridiction du Para, et, ce jour même, 22 septembre, la famille, émerveillée des magnificences d'une vallée sans égale, entra dans cette portion de l'empire brésilien, qui n'a d'autre borne à l'est que l'Atlantique.

« Que cela est magnifique ! disait sans cesse la jeune fille.

– Que c'est long ! murmurait Manoel.

– Que c'est beau ! répétait Lina.

– Quand serons-nous donc arrivés ! » murmurait Frago.

Le moyen de s'entendre, s'il vous plaît, en un tel désaccord de points de vue ! Mais, enfin, le temps s'écoulait gaiement, et Benito, ni patient, ni impatient, lui, avait recouvré toute sa bonne humeur d'autrefois.

Bientôt la jangada se glissa entre d'interminables plantations de cacaotiers

d'un vert sombre, sur lequel tranchait le jaune des chaumes ou le rouge des tuiles, qui coiffaient les buttes des exploitants des deux rives, depuis Obidos jusqu'à la bourgade de Monte-Alegre.

Puis s'ouvrit l'embouchure du rio Trombetas, baignant de ses eaux noires les maisons d'Obidos, une vraie petite ville et même une « citade », avec de larges rues bordées de jolies habitations, important entrepôt du produit des cacaoiers, qui ne se trouve plus qu'à cent quatre-vingts grands milles de Bélem.

On vit alors le confluent de Tapajoz, aux eaux d'un Vert gris, descendues du sud-ouest ; puis Santarem, riche bourgade, où l'on ne compte pas moins de cinq mille habitants, Indiens pour la plupart, et dont les premières maisons reposaient sur de vastes grèves de sable blanc.

Depuis son départ de Manao, la jangada ne s'arrêtait plus en descendant le cours moins encombré de l'Amazonie. Elle dérivait jour et nuit sous l'œil vigilant de son adroit pilote. Plus de haltes, ni pour l'agrément des passagers, ni pour les besoins du commerce. On allait toujours, et le but approchait rapidement.

À partir d'Alemquer, située sur la rive gauche, un nouvel horizon se dessina aux regards. Au lieu des rideaux de forêts qui l'avaient fermé jusqu'alors, ce furent, au premier plan, des collines, dont l'œil pouvait suivre les molles ondulations, et, en arrière, la cime indécise de véritables montagnes, se dentelant sur le fond lointain du ciel.

Ni Yaquita, ni sa fille, ni Lina, ni la vieille Cybèle n'avaient encore rien vu de pareil.

Mais, dans cette juridiction du Para, Manoel était chez lui. Il pouvait donner un nom à cette double chaîne, qui rétrécissait peu à peu la vallée du grand fleuve.

« À droite, dit-il, c'est la sierra de Paruacarta, qui s'arrondit en demicercle vers le sud ! À gauche, c'est la sierra de Curuva, dont nous aurons bientôt dépassé les derniers contreforts !

– Alors on approche ? répétait Fragozo.

– On approche ! » répondait Manoel.

Et les deux fiancés se comprenaient sans doute, car un même petit hochement de tête, on ne peut plus significatif, accompagnait la demande et la réponse.

Enfin, malgré les marées qui, depuis Obidos, commençaient à se faire sentir et retardaient quelque peu la dérive de la jangada, la bourgade de Monte-Alegre fut dépassée, puis celle de Praynha de Oteiro, puis l'embouchure du Xingu, fréquentée par ces Indiens Yurumas, dont la principale industrie consiste à préparer les têtes de leurs ennemis pour les cabinets d'histoire naturelle.

Sur quelle largeur superbe se développait alors l'Amazone, et comme on pressentait déjà que ce roi des fleuves allait bientôt s'évaser comme une mer ! Des herbes, hautes de huit à dix pieds, hérissaient ses plages, en les bordant d'une forêt de roseaux. Porto de Mos, Boa-Vista, Gurupa dont la prospérité est en décroissance, ne furent bientôt plus que des points laissés en arrière.

Là, le fleuve se divisait en deux bras importants qu'il tendait vers l'Atlantique : l'un courait au nord-est, l'autre s'enfonçait vers l'est, et, entre eux, se développait la grande île de Marajo. C'est toute une province que cette île. Elle ne mesure pas moins de cent quatre-vingts lieues de tour. Divercement coupée de marais et de rios, toute en savanes à l'est, toute en forêts à l'ouest, elle offre de véritables avantages pour l'élevage des bestiaux qu'elle compte par milliers.

Cet immense barrage de Marajo est l'obstacle naturel qui a forcé l'Amazone à se dédoubler avant d'aller précipiter ses torrents d'eaux à la mer. À suivre le bras supérieur, la jangada, après avoir dépassé les îles Caviana et Mexiana, aurait trouvé une embouchure large de cinquante lieues ; mais elle eût aussi rencontré la barre de « prororoca », ce terrible mascaret, qui, pendant les trois jours précédant la nouvelle ou la pleine lune, n'emploie que deux minutes, au lieu de six heures, à faire marnier le fleuve de douze à quinze pieds au-dessus de son étiage.

C'est donc là un véritable raz de marée, redoutable entre tous. Très heureusement, le bras inférieur, connu sous le nom de canal des Brèves, qui est le bras naturel du Para, n'est pas soumis aux éventualités de ce terrible phénomène, mais bien à des marées d'une marche plus régulière. Le pilote Araujo le connaissait parfaitement. Il s'y engagea donc, au milieu de forêts magnifiques, longeant çà et là quelques îles couvertes de gros palmiers muritis, et le temps était si beau qu'on n'avait même pas à redouter ces coups de tempête qui balayent parfois tout ce canal des Brèves.

La jangada passa, quelques jours après, devant le village de ce nom, qui bien que bâti sur des terrains inondés pendant plusieurs mois de l'année, est devenu, depuis 1845, une importante ville de cent maisons. Au milieu de cette contrée fréquentée par les Tapuyas, ces Indiens du Bas-Amazone se confondent de plus en plus avec les populations blanches, et leur race finira par s'y absorber.

Cependant la jangada descendait toujours. Ici, elle rasait, au risque de s'y accrocher, ces griffes de mangliers, dont les racines s'étendaient sur les eaux comme les pattes de gigantesques crustacés ; là, le tronc lisse des palétuviers au feuillage vert pale, servait de point d'appui aux longues gaffes de l'équipe, qui la renvoyaient au fil du courant.

Puis ce fut l'embouchure du Tocantins, dont les eaux, dues aux divers rios de la province de Goyaz, se mêlent à celles de l'Amazone par une large embouchure ; puis le Moju, puis la bourgade de Santa-Ana.

Tout ce panorama des deux rives se déplaçait majestueusement, sans aucun temps d'arrêt, comme si quelque ingénieux mécanisme l'eût obligé à se dérouler d'aval en amont.

Déjà de nombreuses embarcations qui descendaient le fleuve, ubas, égariteas, vigilindas, pirogues de toutes formes, petits et moyens caboteurs des parages inférieurs de l'Amazone et du littoral de l'Atlantique, faisaient cortège à la jangada, semblables aux chaloupes de quelque monstrueux vaisseau de guerre.

Enfin apparut sur la gauche Santa-Maria de Bélem do Para, la « ville », comme on dit dans le pays, avec les pittoresques rangées de ses maisons blanches à plusieurs étages, ses convents enfouis sous les palmiers, les clochers de sa cathédrale et de Nostra-Señora de Merced, la flottille de ses goélettes, bricks et trois-mâts, qui la relie commercialement avec l'ancien monde.

Le cœur des passagers de la jangada leur battait fort. Ils touchaient enfin au terme de ce voyage qu'ils avaient cru ne pouvoir plus atteindre. Lorsque l'arrestation de Joam Dacosta les retenait encore à Manao, c'est-à-dire à mi-chemin de leur itinéraire, pouvaient-ils espérer de jamais voir la capitale de cette province du Para ?

Ce fut dans cette journée du 15 octobre, – quatre mois et demi après avoir quitté la fazenda d'Iquitos –, que Bélem leur apparut à un brusque tournant du fleuve.

L'arrivée de la jangada était signalée depuis plusieurs jours. Toute la ville connaissait l'histoire de Joam Dacosta. On l'attendait, cet honnête homme ! On réservait le plus sympathique accueil aux siens et à lui !

Aussi des centaines d'embarcations vinrent-elles au-devant du fazender, et bientôt la jangada fut envahie par tous ceux qui voulaient fêter le retour de leur compatriote, après un si long exil. Des milliers de curieux, – il serait plus juste de dire des milliers d'amis –, se pressaient sur le village flottant, bien avant qu'il eût

atteint son poste d'amarrage ; mais il était assez vaste et assez solide pour porter toute une population.

Et parmi ceux qui s'empresaient ainsi, une des premières pirogues avait amené Mme Valdez. La mère de Manoel pouvait enfin presser dans ses bras la nouvelle fille que son fils lui avait choisie. Si la bonne dame n'avait pu se rendre à Iquitos, n'était-ce pas comme un morceau de la fazenda que l'Amazone lui apportait avec sa nouvelle famille ?

Avant le soir, le pilote Araujo avait solidement amarré la jangada au fond d'une anse, derrière la pointe de l'arsenal. Là devait être son dernier lieu de mouillage, sa dernière halte, après huit cents lieues de dérive sur la grande artère brésilienne. Là, les carbetts des Indiens, les cases des noirs, les magasins qui renfermaient une cargaison précieuse, seraient peu à peu démolis ; puis, l'habitation principale, enfouie sous sa verdoyante tapisserie de feuillage et de fleurs, disparaîtrait à son tour ; puis, enfin, la petite chapelle, dont la modeste cloche répondait alors aux éclatantes sonneries des églises de Bélem.

Mais, auparavant, une cérémonie allait s'accomplir sur la jangada même : le mariage de Manoel et de Minha, le mariage de Lina et de Fragoso. Au padre Passanha appartenait de célébrer cette double union, qui promettait d'être si heureuse. Ce serait dans la petite chapelle que les époux recevraient de ses mains la bénédiction nuptiale. Si, trop étroite, elle ne pouvait contenir que les seuls membres de la famille Dacosta, l'immense jangada n'était-elle pas là pour recevoir tous ceux qui voulaient assister à cette cérémonie, et si elle-même ne suffisait pas encore, tant l'affluence devait être grande, le fleuve n'offrait-il pas les gradins de son immense berge à cette foule sympathique, désireuse de fêter celui qu'une éclatante réparation venait de faire le héros du jour ?

Ce fut le lendemain, 16 octobre, que les deux mariages furent célébrés en grande pompe.

Dès les dix heures du matin, par une journée magnifique, la jangada recevait la foule des assistants. Sur la rive, on pouvait voir presque toute la population de Bélem qui se pressait dans ses habits de fête. À la surface du fleuve, les embarcations, chargées de visiteurs, se tenaient en abord de l'énorme train de bois, et les eaux de l'Amazone disparaissaient littéralement sous cette flottille jusqu'à la rive gauche du fleuve.

Lorsque la cloche de la chapelle tinta son premier coup, ce fut comme un signal de joie pour les oreilles et pour les yeux. En un instant, les églises de Bélem répondirent au clocher de la jangada. Les bâtiments du port se pouvoisèrent

jusqu'en tête des mâts, et les couleurs brésiliennes furent saluées par les pavillons nationaux des autres pays. Les décharges de mousqueterie éclatèrent de toutes parts, et ce n'était pas sans peine que ces joyeuses détonations pouvaient rivaliser avec les violents hurrahs qui s'échappaient par milliers dans les airs !

La famille Dacosta sortit alors de l'habitation, et se dirigea à travers la foule vers la petite chapelle.

Joam Dacosta fut accueilli par des applaudissements frénétiques. Il donnait le bras à Mme Valdez. Yaquita était conduite par le gouverneur de Bélem, qui, accompagné des camarades du jeune médecin militaire, avait voulu honorer de sa présence la cérémonie du mariage. Lui, Manoel, marchait près de Minha, charmante dans sa fraîche toilette de mariée ; puis venait Fragoso, tenant par la main Lina toute rayonnante ; suivaient enfin Benito, la vieille Cybèle, les serviteurs de l'honnête famille, entre la double rangée du personnel de la jangada.

Le padre Passanha attendait les deux couples à l'entrée de la chapelle. La cérémonie s'accomplit simplement, et les mêmes mains qui avaient autrefois béni Joam et Yaquita, se tendirent, cette fois encore, pour donner la bénédiction nuptiale à leurs enfants.

Tant de bonheur ne devait pas être altéré par le chagrin des longues séparations.

En effet, Manoel Valdez n'allait pas tarder à donner sa démission pour rejoindre toute la famille à Iquitos, où il trouverait à exercer utilement sa profession comme médecin civil.

Naturellement, le couple Fragoso ne pouvait hésiter à suivre ceux qui étaient pour lui plutôt des amis que des maîtres.

Mme Valdez n'avait pas voulu séparer tout cet honnête petit monde ; mais elle y avait mis une condition : c'était qu'on vînt souvent la voir à Bélem.

Rien ne serait plus facile. Le grand fleuve n'était-il pas là comme un lien de communication qui ne devait plus se rompre entre Iquitos et Bélem ? En effet, dans quelques jours, le premier paquebot allait commencer son service régulier et rapide, et il ne mettrait qu'une semaine à remonter cette Amazone que la jangada avait mis tant de mois à descendre.

L'importante opération commerciale, bien menée par Benito, s'acheva dans les meilleures conditions, et bientôt de ce qu'avait été cette jangada, – c'est-

à-dire un train de bois formé de toute une forêt d'Iquitos –, il ne resta plus rien.

Puis, un mois après, le fazender, sa femme, son fils, Manoel et Minha Valdez, Lina et Fragoso, repartirent par l'un des paquebots de l'Amazone pour revenir au vaste établissement d'Iquitos, dont Benito allait prendre la direction.

Joam Dacosta y rentra la tête haute, cette fois, et ce fut toute une famille d'heureux qu'il ramena au-delà de la frontière brésilienne !

Quant à Fragoso, vingt fois par jour on l'entendait répéter :

« Hein ! sans la liane ! »

Et il finit même par donner ce joli nom à la jeune mulâtresse, qui le justifiait bien par sa tendresse pour ce brave garçon.

« À une lettre près, disait-il ! Lina, Liane, n'est-ce pas la même chose ? »

## À propos de cette édition électronique

### Texte libre de droits.

Corrections, édition, conversion informatique et publication  
par le groupe :

—

**Octobre 2004**

—

#### – Dispositions :

Les livres que nous mettons à votre disposition sont des textes libres de droits, que vous pouvez utiliser librement, à une fin non commerciale et non professionnelle. **Tout lien vers notre site est bienvenu...**

#### – Qualité :

Les textes sont livrés tels quels sans garantie de leur intégrité parfaite par rapport à l'original. Nous rappelons que c'est un travail d'amateurs non rétribués et nous essayons de promouvoir la culture littéraire avec de maigres moyens.

*Votre aide est la bienvenue !*

**VOUS POUVEZ NOUS AIDER À FAIRE CONNAÎTRE CES CLASSIQUES  
LITTÉRAIRES.**



[1] 1 000 reis valent environ 3 francs de monnaie française, et un conto de reis vaut 3 000 francs.

[2] 174 000 francs.

[3] Les mesures itinéraires au Brésil sont le petit mille, qui vaut 2 060 mètres, et la lieue commune ou grand mille, qui vaut 6 180 mètres.

[4] Environ 30 francs, paye qui s'élevait autrefois à 100 francs.

[5] L'affirmation de Benito, vraie à cette époque, où de nouvelles découvertes n'avaient pas été faites encore, ne peut plus être tenue pour exacte aujourd'hui. Le Nil et le Missouri-Mississippi, d'après les derniers relèvements, paraissent avoir un cours supérieur en étendue à celui de l'Amazone.

[6] La frasque portugaise contient environ 2 litres.

[7] La contenance de la dame-jeanne varie de 15 à 25 litres.

[8] L'arrobe espagnol vaut environ 25 livres ; l'arrobe portugais vaut un peu plus, soit 32 livres.

[9] Environ 6 centimes.

[10] De nombreuses observations faites par les voyageurs modernes sont en désaccord avec celle de Humboldt.

[11] La pataque vaut 1 franc environ.

[12] Il a été récemment étudié pendant six cents lieues par M. Bates, un savant géographe anglais.

[13] 7 milliards 500 millions de francs, suivant l'estimation très exagérée sans doute de Romé de l'Isle.

[14] Le carat vaut 4 grains ou 212 milligrammes.

[15] Environ 2 500 000 francs.

16 300 000 francs.